

Sarah Teixeira Soutto Mayor

**O FUTEBOL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE:** amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940.

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

Sarah Teixeira Soutto Mayor

**O FUTEBOL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE:** amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Estudos do Lazer

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Ricardo da Silva

Área de concentração: Lazer e sociedade

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

M473f Mayor, Sarah Teixeira Soutto

2017 O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940. [manuscrito] / Sarah Teixeira Soutto Mayor – 2017.  
358f., enc.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Doutorado (Teses) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 333-358

1. Futebol – Belo Horizonte (MG) – Teses. 2. História – Teses. 3. Lazer – Teses.  
I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 796.332

**Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.**



**ATA DA 21ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO**

**SARAH TEIXEIRA SOUTTO MAYOR**

Às 14h00min do dia 26 de julho de 2017 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*”, requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (FGV)	X	
Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)	X	
Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (UFPel)	X	
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: APROVADA

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 26 de julho de 2017.

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo

Dedico esta tese à minha mãe, Rita, a mais fiel e amorosa companheira de todas as batalhas que travo nessa vida; aos meus irmãos, Ileana e Samuel, parentes de sangue e de afeto; ao meu sobrinho Lucas, estrelinha que ilumina os meus dias desde o momento em que abriu os olhos; e ao meu pai, Sérgio, por ter me ensinado a paixão pelo futebol, razão máxima da escrita deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a pessoa que me acompanha e me auxilia em todos os caminhos que trilho, dos mais alegres aos mais tortuosos. A pessoa mais amável, doce e compreensível que conheço. A responsável por todas as minhas conquistas. À minha querida mãe, Rita, companheira e amiga, agradeço por estar sempre ao meu lado, por ser meu aconchego, minha segurança e minha fortaleza. Obrigada por rechear minha vida de positividade e por nunca me deixar desistir. Cada folha desta tese tem um pouquinho de você.

Agradeço aos meus irmãos, Ileana e Samuel, companheiros de longa trajetória, pelo carinho, incentivo e pelo amor que nos une, mesmo quando estamos separados pela distância física. Estendo meus agradecimentos aos meus cunhados (Paulo Henrique e Luciana) por terem me acolhido com afeto e amizade. Ao meu pequeno Lucas, agradeço pelo fato de existir; por transbordar minha vida de alegria, amor e de todo sentimento mais puro que eu possa ter; por ter me tornado uma pessoa melhor e por ser uma fonte inesgotável de força e luz em meu caminho.

Agradeço ao meu amigo e orientador, Sílvio, pelo companheirismo e pela parceria; pelo aprendizado e pela experiência; pela confiança e por ter acreditado em mim mesmo nos momentos em que eu já não era mais capaz disso. Obrigada pelas conversas, pelos conselhos e por me compreender para além de um amontoado de folhas.

Agradeço ao meu amigo-irmão Gino. Quatro anos de muito afeto, risadas, cumplicidade, “causos”, aconchego e pesquisas intermináveis nos acervos. A você, meu irmão, eterno carinho e gratidão. Estendo meus agradecimentos a uma parte de sua família que “tomei” para mim: Jorge e Kathia, meus tios do coração. Obrigada pela ternura com que sempre me receberam nesses quatro anos, pela acolhida afetuosa e pelas noites recheadas de conversas agradáveis. Vocês são parte desta conquista. Gostaria de agradecer também a Cléo e Georgino Jr., por terem me recebido com tanto carinho em Montes Claros.

Um agradecimento mais que especial devo a minha amiga Marcília, companheira de doutorado e de “vida”. Luz, paz, alegria, compreensão, cumplicidade e amor seriam algumas das definições das coisas boas que você me proporcionou. Minha querida amiga, obrigada por estar

sempre pertinho de mim, por me acolher, por me amparar e por compartilhar das alegrias e angústias desse processo. Com você, tudo foi mais fácil. Também agradeço a sua família, que assim como a de Gino, “tomei” para mim. Em especial, Márcio, Lelê e Dona Célia, pessoas maravilhosas que tive o prazer de conhecer e que hoje tenho a alegria de conviver.

Agradeço a outra querida amiga, que vive longe e perto ao mesmo tempo. Carol, obrigada por estar sempre presente com palavras de carinho e incentivo, por partilhar dessa trajetória acadêmica e de tantas outras que a vida nos proporciona. Obrigada por me beneficiar desta amizade que se iniciou ainda no mestrado e que hoje é uma das mais importantes em minha vida.

Ao amigo Hélder agradeço pelas valiosas ajudas, pela solicitude e por sempre me responder com palavras de força e apoio. Estendo este agradecimento a Rodrigo, pela acolhida sempre terna e receptiva.

Agradeço aos amigos que fiz no doutorado e aos que já faziam parte de minha trajetória na UFMG: em especial, Cathia, Carla, Sheyla, Denise, Lu e Malabi. A presença destas e de tantas outras pessoas queridas tornou mais leve e mais divertido todo esse processo. Agradeço também a Ju e a Mirleide pelas contribuições valiosas ao meu texto. Nesse momento, não poderia deixar de agradecer ao querido “Índio” (José Antônio), amigo fiel do bar que frequentamos durante todos os quatro anos de curso.

Agradeço imensamente ao GEFuT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas) pela acolhida afetuosa desde o primeiro dia em que entrei no grupo. A amizade, o carinho e as festas memoráveis se aliaram a uma vastidão de conhecimentos e experiências que o contato com seus integrantes me proporcionou, tornando aquela sala um lugar de afeto e de imprescindível aprendizagem acadêmica. Entre tantos amigos queridos, agradeço, nesse momento em especial, a Leandro e Gino, pela parceria, pela cumplicidade e por partilharem comigo da ansiedade final das últimas escritas.

Agradeço também ao Oricolé (Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer) por ter me acolhido com muito carinho durante esses quatro anos e por ter me possibilitado um rico intercâmbio de conhecimentos, além dos momentos inesquecíveis de festas e alegrias.

Agradeço ao professor e querido amigo Pablo Alabarces por ter me recebido em Buenos Aires e se dedicado a me ajudar mesmo em seu pouco tempo disponível. As nossas divertidas conversas nos cafés sobre variados assuntos “porteños” e brasileiros e os conhecimentos que me possibilitou, por meio de livros e “conversas-aula”, estarão sempre em minha recordação, assim como a memória do carinho com que sempre me tratou.

Agradeço também ao professor Julio Frydenberg por ter me possibilitado participar de uma das reuniões de seu grupo de estudos em Buenos Aires e, posteriormente, ter se disponibilizado a reunir comigo, momento em que me transmitiu informações valiosas para a pesquisa.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca Nacional de Buenos Aires pela ajuda prestada durante minha consulta aos seus acervos. Igualmente, agradeço aos funcionários da Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (Belo Horizonte), Renan e Bernardo, pela solicitude, gentileza e pelos valiosos auxílios na coleta de dados.

Um agradecimento importante dirigo a Mário Monteiro, historiador e colecionador de diversos documentos do América Mineiro, por ter me recebido com muita gentileza em sua casa e ter disponibilizado parte de seu acervo para esta pesquisa. Igualmente, agradeço ao sr. Nilton (“Chapinha”) por ter me acolhido com muito carinho em sua residência e me transmitido informações valiosas sobre o futebol amador na cidade de Belo Horizonte. Estendo estes agradecimentos aos afetuosos sr. Altino e dona Zeni, que também foram importantes colaboradores desta pesquisa.

Gostaria de agradecer também, com um carinho especial, aqueles (as) amigos (as) que fazem parte de minha vida há muitos anos ou que entraram nela mais recentemente, mas que já a preenchem com muito amor e alegria: Paty, Renatinha, Taci, Rebs e Igor. Obrigada pelo incentivo, apoio e por compreenderem minhas ausências.

Agradeço aos professores Bernardo Buarque de Hollanda, Luiz Carlos Rigo, Victor Melo e Luciano Pereira pela gentileza em aceitar o convite para participar de minha banca. Em especial, agradeço a Victor, pela amizade, pelo carinho e por ter sido parte fundamental de minha formação acadêmica.

Por fim, agradeço a Capes pelo financiamento de meu doutorado no Brasil e na Argentina.

“[...] Só o conhecimento, então, é poder e liberdade; e a única felicidade permanente é a busca do conhecimento e a alegria da compreensão” (Spinoza)

## RESUMO

A presente investigação objetiva analisar a história do futebol em Belo Horizonte, Minas Gerais, entre as décadas de 1930 e 1940, mais precisamente a partir do ano de 1933, momento em que o profissionalismo foi adotado na cidade. Intenta-se verificar como a implantação desse novo regime impactou o cotidiano futebolístico da cidade, por meio da análise de um marco temporal ainda pouco abordado nos estudos históricos sobre o futebol na capital mineira. A década de 1940 recebeu especial protagonismo nesse estudo, a partir da abordagem de características peculiares àquele momento e à própria estrutura da cidade. Como método, foram pesquisados trinta e nove jornais e revistas que circularam no período, editados na cidade de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Buenos Aires (escolha que se balizou pelos próprios diálogos estabelecidos entre os três centros esportivos). Também foram consultados, em menor quantidade, arquivos pessoais e institucionais, além de relatos memorialísticos. A interpretação das fontes foi pautada pela construção de algumas categorias de análise: como “amadorismo e profissionalismo”; “modernidade, tradição, classe, cultura e civilização”; e a ideia de “campo esportivo e distinção”; todas elas atreladas à história da cidade de Belo Horizonte em sua relação com a prática esportiva. Em síntese, pôde-se constatar que o período pós-profissionalismo na capital mineira foi marcado por um cenário de intensos conflitos e mesclas envolvendo significações acerca do amadorismo e do profissionalismo que coexistiram em um plano discursivo que ora valorava a “modernidade”, ora valorava a “tradição”. Várias divisões de poder e de legitimidade conformaram campos esportivos distintivos, que após a implantação do profissionalismo, relegaram ao amadorismo um lugar periférico e desqualificado na hierarquia futebolística da cidade (o que contrastava com o crescimento exponencial dos clubes amadores em diversas localidades de Belo Horizonte). Outras questões podem ser elencadas como elementos conclusivos. As promessas do profissionalismo, quando de sua implementação, esbarraram-se em uma realidade concreta que criou novos desafios e novas demandas: problemas estruturais e financeiros dos clubes e a própria estrutura esportiva da cidade são alguns fatores. A efemeridade da profissão e a valorização de um corpo rentável (máquina) foram situações que impactaram mais precisamente os jogadores. Os problemas causados pela continuidade do êxodo dos atletas mineiros (um dos argumentos mais utilizados para a implantação do regime) impactaram diretamente os clubes e as tentativas de se igualar o estado às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Por fim, a descoberta de novas informações sobre a decisão do América F.C em mudar as cores de seu uniforme contribuiu para repensar o próprio processo de implantação do profissionalismo em Belo Horizonte, além da produção de “histórias oficiais” e de mitos fundacionais, não somente em relação a este clube, mas em um contexto mais amplo de existência de outros clubes brasileiros.

Palavras-chave: Futebol; História; Amadorismo; Profissionalismo.

## ABSTRACT

This present investigation is aimed to analyse the history of football in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais, between the 1930s and 1940s, more accurately from 1933, when professionalism was adopted in the city. We tried to verify how the implementation of this new regime impacted the daily life of the city, by means of the analysis of a time frame still not very well documented in the historical studies of football in the capital of Minas Gerais. The 1940s received a special particular emphasis in this study, taking into account certain peculiar characteristics of that moment, besides the unique structure of the city. As a method, thirty-nine newspapers and magazines edited in the cities of Belo Horizonte, Rio de Janeiro and Buenos Aires (this choice was guided by the dialogues established among the three sport centres), and that were published and circulated at the time were analysed. Minor personal and institutional files were also consulted, as well as memorial reports. The interpretation of the sources were based on the construction of categories of analysis: as "amateurism and professionalism"; "Modernity, tradition, class, culture and civilization", and the idea of "sports field and distinction"; all linked to the history of the city of Belo Horizonte and its relationship with sports. In summary, we found that intense conflicts and misunderstandings marked the post-professional period in the capital of Minas Gerais, involving meanings about amateurism and professionalism that coexist on the discursive level that sometimes valued "modernity", as well as "tradition". Several divisions of power and legitimacy resulted in distinctive sports fields, which after the establishment of professionalism, relegated to amateurism to a peripheral and disqualified place in the city's football hierarchy (which contrasted with the exponential growth of amateur clubs in various locations in Belo Horizonte). Other issues may be listed as conclusive elements. The promises of professionalism, by the time it was implemented, came up against a concrete reality that created new challenges and new demands, such as: structural and financial problems for clubs and the city's own sports structure. The precariousness of the profession and the valorisation of a profitable structure (machine) were factors that, most of all, impacted the players themselves. The problems arising from the continuous departure of the athletes from Minas Gerais (one of the main arguments for the implementation of the regime) had a direct impact on the clubs and the attempts to rival the state to the cities of Rio de Janeiro and São Paulo. Finally, the findings concerning America CF's decision to change the colours of its uniform contributed to a new rereading of the professionalization process in Belo Horizonte, as well as the production of "official histories" and foundational myths, not only in relation to this Club, but in a broader context taking into consideration other Brazilian clubs.

Keywords: Football; History; Amateurism; Professionalism

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Planta do Parque Municipal .....	55
Figura 2 - Planta da Cidade de Minas (1) .....	59
Figura 3 - Planta Geral da Cidade de Minas (2) .....	59
Figura 4 - O Governador Benedito Valadares na capa da revista Paysandú.....	82
Figura 5 - Propaganda da Loteria do Estado de Minas Gerais .....	83
Figura 6 - Foto da piscina do Minas Tenis Club na Revista <i>El Gráfico</i> .....	87
Figura 7 - O Brasil está em guerra .....	91
Figura 8 - José Gonçalves, um dos fundadores do <i>Sport Club</i> .....	103
Figura 9 - Pessoas aglomeradas em um refletor para acompanhar uma partida de futebol ....	117
Figura 10 - Reportagem sobre a regulamentação do profissionalismo na Argentina .....	135
Figura 11 - Capa da Revista <i>El Gráfico</i> anunciando a adoção do profissionalismo na Argentina .....	142
Figura 12 - Reportagem sobre a possível profissionalização de jogadores mineiros .....	172
Figura 13 - A imigração dos craques mineiros .....	176
Figura 14 - As vantagens do profissionalismo no futebol carioca .....	177
Figura 15 - Anúncio do profissionalismo em Minas Gerais .....	180
Figura 16 - Divisão de categorias do futebol amador em 1945 .....	218
Figura 17 - Divisão de categorias do futebol amador em 1946 .....	219
Figura 18 - Divisão de categorias do futebol amador em 1948 .....	219
Figura 19 - Divisão de categorias do futebol amador em 1949 .....	220
Figura 20 - Mapa de Belo Horizonte do ano de 1940 e a distribuição de clubes amadores por bairros durante a década.....	230
Figura 21 - Estádio Otacílio Negrão de Lima .....	232
Figura 22 - Estádio do clube amador Alvorada .....	232
Figura 23 - José Isbaldi .....	239
Figura 24 - Os jogos de hoje que interessam ao bello-horizontino .....	248
Figura 25 - Lucas na livraria e na fila do cinema .....	253
Figura 26 - Propaganda de venda de terrenos .....	269
Figura 27 - Propaganda de venda de terrenos .....	270
Figura 28 - Primeira equipe do América Foot-ball Club .....	288
Figura 29 - Otacílio Negrão de Lima na capa do segundo número da revista <i>América</i> .....	291

Figura 30 - Otacílio Negrão de Lima na cerimônia de reinauguração do estádio da Alameda..	292
Figura 31 - A descoberta da macumba .....	299
Figura 32 - Notícia sobre a extinção do quadro de profissionais do América na primeira página do <i>Jornal dos Sports</i> .....	299
Figura 33 - A reestruturação do Estádio Otacílio Negrão de Lima .....	309
Figura 34 - Inauguração do Estádio Otacílio Negrão de Lima, 1948 .....	310
Figura 35 - Políticos presentes no festejo comemorativo do aniversário do América .....	312
Figura 36 - Uniforme do América nos anos 1930: camisa vermelha e calção branco .....	314
Figura 37 - Capa dos Estatutos do América, do ano de 1937 .....	315
Figura 38 - Descrição do pavilhão do América .....	316
Figura 39 - Descrição do uniforme do América .....	316
Figura 40 - Pequena nota sobre a mudança do uniforme do América, 1933 .....	319
Figura 41 - Propaganda do Gymnasio Anglo-Mineiro .....	324
Quadro 1 - Clubes amadores na década de 1940 .....	227
Quadro 2 - Informações sobre alguns clubes amadores que atuavam na década de 1940.....	228

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CIPC – Comitê Internacional Pierre de Coubertin

C.C.N.C – Comissão Construtora da Nova Capital

M.T.C – Minas Tenis Club

C.N.D – Conselho Nacional de Desportos

L.M.T.D (1) – Liga Mineira de Desportos Terrestres

L.M.T.D (2) – Liga Metropolitana de Desportos Terrestres – Rio de Janeiro

L.M.S.A – Liga Mineira de Sports Athleticos

A.M.E.A – Associação Metropolitana de Esportes Athleticos

A.A.A.F – Asociación Amateur Argentina de Fútbol

C.B.D – Confederação Brasileira de Desportos

F.A.M.A – Federação das Associações Mineiras de Atletismo

A.M.E.G – Associação Mineira de Esportes Geraes

L.A.F – Liga de Amadores de Football.

A.M.E – Associação Mineira de Esportes

A.M.F – Associação Mineira de Futebol

L.F.B.H – Liga de Futebol de Belo Horizonte

F.M.F – Federação Mineira de Futebol

D.F.A – Departamento de Futebol Amador

F.E.B – Força Expedicionária Brasileira

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	15
<b>Fontes e percursos metodológicos.....</b>	42
<b>1 A CIDADE DE BELO HORIZONTE: O FUTEBOL, O AMADORISMO E A MODERNIDADE RELATIVA NA “METRÓPOLE DE ALGUMA COISA” .....</b>	54
1.1 A modernidade relativa .....	57
1.2 A veiculação do esporte em Belo Horizonte nas décadas de 1930 e 1940 .....	81
1.3 O futebol na cultura belo-horizontina: da particularização à expansão e as novas significações do campo esportivo.....	99
<b>2 O ADVENTO DO PROFISSIONALISMO: UM CONTEXTO DE INFLUÊNCIAS.....</b>	120
2.1 O profissionalismo inglês “ganha o mundo” .....	122
2.2 As influências da Argentina no advento do profissionalismo brasileiro: “Esse facto terá grande repercussão no football sul-americano, é inquestionável” .....	132
2.3 O advento do profissionalismo no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte: aproximações discursivas .....	148
2.3.1 Rio de Janeiro: “Criemos o profissionalismo” .....	148
2.3.2 “Os mineiros também aderirão?” .....	165
<b>3 A DUBIEDADE AMADORISMO-PROFISSIONALISMO EM BELO HORIZONTE NA DÉCADA DE 1940: LUGARES, MESCLAS, INTERCÂMBIOS E POSSIBILIDADES .....</b>	190
3.1 O controle do público: comportamentos e rentabilidades .....	191
3.2 O lugar do amadorismo em tempos de profissionalismo: os discursos e as práticas cotidianas .....	211
3.3 Jogadores profissionais com “alma de amadores” .....	249
3.4 Jogadores profissionais “com alma de profissionais” .....	255
3.5 As mazelas do profissionalismo: uma profissão que nasceu para não durar .....	262
3.6 Mecanismos de racionalização no futebol .....	272
3.7 O êxodo de jogadores no profissionalismo: “Minas será celeiro eternamente”? .....	280
<b>4 O AMÉRICA FUTEBOL CLUBE E O PROFISSIONALISMO: RESISTÊNCIA VERMELHA?.....</b>	287
4.1 Do deca à decadência .....	287
4.2 A camisa vermelha .....	313
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	326
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	333

## INTRODUÇÃO

O que foi a princípio simples entretenimento de horas de folga, tornou-se uma profissão; a assistência desses jogos, que requeria apenas uma pequena arquibancada, como são hoje as de natação ou basquete, exige hoje estádios monumentais; a publicidade em torno dessa atividade supera qualquer outra. Um campeonato mundial de tal esporte, que não é mais esporte (*sport* é divertimento, não meio de vida), apaixona de tal modo a opinião que envolve os brios nacionais, e uma briga no jogo entre adversários sem educação pode acarretar movimentos de antipatia entre países a que eles pertencem. Não é insensato? [...] (Manuel Bandeira, 1997, p.287).

O texto de Bandeira foi escrito em 1959, um ano após a conquista do primeiro campeonato mundial de futebol pelo Brasil. Embora a data ultrapasse em uma década o marco temporal eleito para esta pesquisa, as palavras do autor oferecem uma percepção (daquele cidadão vivente à época) sobre o futebol após o momento de sua profissionalização. Observa-se em sua fala algumas das transformações sofridas pelo jogo – de diversão, para uma conformação espetacularizada e marcada pela criação da profissão –, situação que não se concretizou sem impasses e resistências. Em 1959, vinte e seis anos após a adoção do profissionalismo em alguns dos centros urbanos brasileiros, tal feito ainda parecia causar desconfortos, a ponto de Bandeira despossar o futebol de seu título de esporte.

O período posterior à implantação do profissionalismo na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, é o tema central desta investigação, que se desdobra, especificamente, no estudo do processo de incorporação desse regime com ênfase nas décadas de 1930 e de 1940; atentando-se, mais precisamente, às mudanças estruturais e culturais que se gestaram no âmbito futebolístico da capital mineira. O ano de 1933 demarca, de acordo com a totalidade de fontes e bibliografias consultadas, o momento em que ocorre a adesão do profissionalismo na cidade. Tais mudanças não implicaram, apenas, a reformulação de regras, espaços e formas de jogo, mas a ressignificação de princípios sobre os quais a própria prática do esporte foi introduzida e difundida nos primórdios de sua existência em Belo Horizonte.

O marco temporal eleito requer algumas explicações preliminares. Embora o profissionalismo tenha se estabelecido na cidade em 1933, o estudo também abarcou os anos predecessores da década de 1930, por considerar que o movimento em prol da implantação do regime já estava em curso. O ano de 1931, especialmente, seria decisivo, pois é nesse

momento que a Argentina, país que à época era uma das mais importantes referências para o futebol brasileiro e mineiro, resolve adotar o profissionalismo. Já a análise da década de 1940 foi motivada por dois fatores: o primeiro refere-se à intenção de verificar como a adoção do novo regime reverberou no cenário futebolístico de Belo Horizonte anos depois de sua implantação; o segundo reside na constatação de que não há trabalhos históricos produzidos sobre o futebol na cidade que problematizam o amadorismo e o profissionalismo na referida década. Esta constatação se constituiu em um dos principais fatores que instigaram a realização da presente investigação, já que o descortinamento de um cenário ainda não explorado poderia trazer novas contribuições para o entendimento da história do futebol em Belo Horizonte.

Em síntese, objetivou-se investigar: como se estabeleceu o profissionalismo na cidade, diante de suas próprias especificidades e de sua relação com a ideia de prática esportiva; quais foram as principais motivações e influências que contribuíram para a adoção do novo regime; como reverberaram escolhas, resistências, atitudes e interesses relativos à profissionalização no momento de sua adesão (1933) e na década de 1940; o que aconteceu com o amadorismo nesse contexto de mudanças, ou melhor, que lugar seria ocupado pelo regime amador após a adoção do profissionalismo; que relações foram estabelecidas entre ambos os regimes; e, por fim, considerando toda essa conjuntura, como se delineou o futebol belo-horizontino na década de 1940. Nesta perspectiva, foram produzidos embasamentos teóricos que possibilitaram investigar um contexto mais ampliado de existência do amadorismo e do profissionalismo para, posteriormente, problematizá-los em sua relação específica com a cidade de Belo Horizonte. As fontes pesquisadas demonstraram uma importante circulação mundial e nacional de discursos que se fizeram fortemente presentes no entendimento e na conformação do campo esportivo desta cidade.

Há certo consenso entre os estudiosos que se dedicam ao estudo da história do futebol na capital mineira de que seus primeiros movimentos se iniciaram em 1904, sete anos após a inauguração da própria cidade, em 1897. A versão mais difundida é a de que teria sido um jovem estudante carioca, de nome Victor Serpa, o responsável pela introdução do jogo ao estilo inglês, logo após retornar de uma temporada de estudos na Suíça e se instalar em Belo Horizonte para cursar Direito<sup>1</sup>. Tal versão é atestada, prioritariamente, por meio de relatos memorialísticos e pela análise de periódicos que circularam na cidade no período em questão.

---

<sup>1</sup> Todos os trabalhos historiográficos encontrados sobre o futebol belo-horizontino que abordam de alguma forma os primeiros anos do esporte na cidade compartilham desta versão. Podem ser destacadas as pesquisas de Couto (2003); Rodrigues (2006); Ribeiro (2007); Moura (2010) e Souza Neto (2010).

Embora construções fundacionais como estas sejam passíveis de questionamentos, sobretudo em se tratando de um contexto ainda pouco enfatizado por abordagens históricas, não se pode desconsiderar a notoriedade do anúncio em vários jornais consultados, que evocavam um caráter aparentemente inédito da novidade representada pelo *foot-ball* em 1904 e mencionavam Serpa<sup>2</sup> como o difusor e o maior incentivador do jogo, em um processo que provocou um misto de admiração, espanto e repúdio entre os habitantes de Belo Horizonte.

No jornal *A Epoch*, especialmente, podem ser localizadas reportagens datadas dos anos de 1904 e 1905 que sinalizavam a estranheza dos interlocutores, habitantes da cidade, ao presenciar pela primeira vez uma partida de futebol. O esporte chegou a ser denominado de “*morbus invasor*” por um colunista insatisfeito com a sua adesão na capital<sup>3</sup>. A figura de Serpa era protagonista de alguns desses escritos. Dentre eles, pode-se destacar o seguinte trecho:

vive a ensinar o jogo estúpido das bolas, nas praças, nos cafés, nas ruas, nas escholas; E quando alguém se espanta ao ver os seus calções, exquisitos demais, sem ligas, sem botões, elle fica sem graça e diz muito apressado: ‘É preciso educar o povo atrasado! Na Europa – norte a sul – não se encontra um lugar, onde o povo não saiba as bolas atirar<sup>4</sup>.

As resistências iniciais de um esporte desconhecido pela maioria dos habitantes da recém-construída cidade que começara a se erguer nas terras do antigo povoado de Curral D’El Rey, conviveram posteriormente com a veiculação do futebol e de outros esportes como formas de uma diversão útil, atrelada ao desenvolvimento de predicados relacionados à formação de um novo modelo corporal, tais como agilidade, força, saúde e beleza. Caracteres que emergiram como prerrogativas de concepções educacionais europeias (especialmente, inglesas) e que encontraram ressonância significativa no contexto de inúmeras metrópoles brasileiras, em finais do século XIX e princípios do século XX. Belo Horizonte já havia experimentado algumas experiências esportivas espaçadas antes do futebol (como o ciclismo), mas pode-se dizer, sem muitas reservas, de que foi o jogo inglês o maior responsável por fomentar o nascimento de uma cultura esportiva na cidade.

Em síntese, no período supracitado, o esporte havia galgado representatividade relevante nos princípios educacionais de cidades que pretendiam ser compreendidas – para

---

<sup>2</sup> Não foram encontradas muitas informações sobre Victor Serpa e suas atividades na Suíça. Um dos fatores que podem explicar esta lacuna, possivelmente, guarda relações com a sua morte prematura, ocorrida em 1905, na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> *A Epoch*, 12 de fev. 1905, p.1.

<sup>4</sup> *A Epoch*, 16 de out. 1904, p.2.

além de suas fronteiras territoriais – como centros metropolitanos vanguardistas e cosmopolitas, onde a dicotomia mente-corpo (especialmente o deprecio do corpo em função das qualidades intelectuais da mente), passava a representar atraso e inconformidade em relação à concepção dos novos cidadãos que a ordem republicana exigia. Dinamicidade, independência, autonomia, força, dentre outras características, eram associadas ao poder transformador do esporte enquanto elemento educativo para o fortalecimento de uma nação; poder munido, ainda, de valores essenciais que deveriam acompanhar a formação do indivíduo que se pretendia inovador e progressista: honra, cavalheirismo, respeito mútuo, caráter ilibado, cuidado com o corpo, controle das vontades e dos desejos. Fortalecer o corpo, o espírito e a moral se tornaram prerrogativas caras à defesa do esporte como princípio educativo.

A junção de tais caracteres (e de tantos outros impossíveis de serem unificados) deram forma à figura do esportista amador e delegaram a ela a materialização do poder transformador destinado ao esporte, desde o indivíduo até a noção englobada de nação. Ou seja, o amador era veiculado como o esportista por excelência, aquele que, além de possuir todas as adjetivações descritas anteriormente, detinha a qualidade honrosa de praticar determinado esporte por amor às virtudes alcançadas, sem nenhum interesse (sobretudo material) que pudesse tornar indigna uma prática que não se encerrasse em seus próprios objetivos.

Belo Horizonte se configurou como uma dessas localidades que vislumbrou na prática esportiva novas possibilidades formativas para a juventude citadina em princípios do século XX. Não sem resistências de uma concepção intelectualista ainda presente, o esporte foi amplamente veiculado pela imprensa como prática distintiva de *gentlemen*, *sportmen* e *sportwomen*. O termo *sportismo* já era empregado em 1904 para designar um estado de apropriação deste fenômeno<sup>5</sup>. Os primeiros clubes de futebol fundados na cidade foram concebidos sob os preceitos do amadorismo inglês. Após a fundação do primeiro deles por Victor Serpa e seus amigos, o *Sport Club Foot-Ball*, seguiram-se outros, sob a mesma premissa do “*mens sana in corpore sano*”<sup>6</sup> e com a presença da grafia inglesa: *Plinio Foot-Ball Club*, *Mineiro Foot-Ball Club*, *Juvenil Foot-Ball Club*, *Estrada Foot-Ball Club*, dentre outros. O mesmo ocorreu com a fundação de outros clubes em anos posteriores, como é o caso *Club Athletico Mineiro*, em 1908, e do *America Foot-ball Club*, em 1912.

---

<sup>5</sup> A Epoch, 21 de agost. 1904, p.1.

<sup>6</sup> BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, jan. 1946, n.69, pp. 106, 107, 115.

Pensar a emergência de uma lógica amadora no futebol brasileiro<sup>7</sup> implica, necessariamente, a observância das influências inglesas que se processaram no país, mais precisamente a partir de meados do século XIX. Isso, certamente, se pensado em um contexto mais amplo. Mesmo que se apregoe a existência de outras versões que confeririam outras formas de protagonismo na constituição inicial do futebol nacional, a exemplo do que propõe Mascarenhas (2014), o alcance da cultura inglesa é inegável. E não apenas no Brasil. Diversos estudiosos oriundos de outras nacionalidades, como francesa, alemã, espanhola, portuguesa, mexicana, peruana, argentina, uruguaia e boliviana, por exemplo, destacam o papel fundamental dos ingleses na difusão do futebol em seus territórios. Isso sem contar os estudos dos próprios pesquisadores ingleses, que reafirmam a mesma evidência.

A verificação desse fato não significa a defesa de um modelo anglófilo que se espalhou pelo mundo espontaneamente e pacificamente, de forma unilateral. Muito menos que esse modelo tenha sido o único possível. Certamente, há que se observar as especificidades dos regionalismos e, desta forma, como cada lugar (bairro, cidade, estado ou país) recebeu possibilidades de influências. No caso brasileiro, há também que se questionar os diferentes graus de abrangência em cada localidade e, até mesmo, se cada rincão deste país teve efetivamente contato com alguma experiência inglesa (ou de outra nação) em algum momento de sua história.

No entanto, essa observação (que deve ser relevante) não exime a constatação de que as influências inglesas foram decisivas para a difusão do futebol em vários países do mundo (dentre eles, o Brasil) e para a incorporação da lógica do esportista amador. Ignorar este episódio corresponderia também, em alguma medida, desprezar estudos como os de Claussen (2014); Wahl (1997); Goig (2006); Andersson (2009); Schulze (2009); Pinheiro (2015); Meneses e González (2013); Puig (2009); Wood (2009); Panfichi (2009); Alabarces (2014); Archetti (2003); Frydenberg (2011); Iwanczuk (1992); Marrero e Piñeyrúa (2009); Campomar (2014); Roldán (2015); Bourdieu (2003); Vigarello (2009); Holt (2008); Giulianotti (2002); e Hobsbawm (2000), por exemplo. Estes são apenas alguns dos autores que mencionam em suas pesquisas o alcance do futebol inglês em variados países, como Alemanha, Hungria, Noruega, Itália, França, Tchecoslováquia, Espanha, Portugal, México, Peru, Argentina, Uruguai, Chile, Colômbia, dentre outros. Alguns trabalhos sobre o continente americano também sinalizam outras vertentes de influências do futebol, a exemplo dos belgas

---

<sup>7</sup> Melo (2015) ressalta que futebol não foi o primeiro esporte significado por uma lógica amadora, embora indique que ele tenha exponenciado o confronto de ideias entre o amadorismo e o profissionalismo.

na cidade de Guadalajara, no México (PUIG, 2009). Entretanto, este mesmo estudo reafirma essa experiência dentro de um contexto maior de penetração inglesa.

Em se tratando dos autores brasileiros, a lista seria demasiado vasta, mas pode-se mencionar pesquisadores como Pereira (2000), Franco Júnior (2007), Melo (2010; 2015), Guterman (2013), Witter (1996), Wisnik (2008), Caldas (1990), Negreiros (1998), Santos (2010), Franzini (2009), DaMatta (1982;1994) e Sevcenko (1994). Nesta perspectiva, para que a centralidade conferida às influências inglesas no Brasil seja posta em xeque seriam necessários inovadores estudos que, dentre outras exigências, abordassem regiões que não estejam localizadas no eixo centro-sul do país. E, mesmo dentro desse eixo, o protagonismo das cidades que se constituíram historicamente como principais capitais brasileiras (Rio de Janeiro e São Paulo) teria que ser esquecido por um momento. Como observa Mascarenhas (2014, p.34), “cumpre ainda superar a infundada versão de que foram as duas metrópoles nacionais os polos de adoção e de difusão do futebol no país, interpretação que é fruto da ignorância generalizada acerca de outras realidades regionais”. No entanto, por outro lado, é preciso cautela para não se incorrer em uma busca excessiva por “origens” regionalistas ou nacionalistas que concorram ao risco de padecer pelos mesmos erros dos aportes generalistas. Ou seja, versões localistas infundadas também podem ser criadas na tentativa de se legitimar, por exemplo, o que Hobsbawm (1997) denominou de “tradições inventadas”<sup>8</sup>.

Em síntese, pode-se considerar que a difusão do futebol foi imbricada por um movimento de circulação mundial, intensamente relacionado à Inglaterra e à sua política imperialista expansionista. Ao menos, é isso que se tem produzido em grande parte dos estudos sobre a história do esporte que circulam em um cenário internacional. Nesse caso, o entendimento de futebol amador é aquele que se funda nas normatizações e institucionalizações produzidas em meados do século XIX: mais precisamente o que alguns autores, como Bourdieu (2003), Elias (1992), Holt (2008) e Vigarello (2009), denominam de “esporte moderno”<sup>9</sup>; uma prática que não manifesta relação de continuidade com outros jogos

---

<sup>8</sup> Por “tradição inventada”, Hobsbawm (1997, p.9) entende: “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Nesse sentido, “o passado histórico no qual a tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo”. Um dos pontos cruciais é o estabelecimento de uma relação bastante artificial com um determinado passado, no intuito de se estabelecer um elemento de coesão.

<sup>9</sup> Diferentemente do que entende Bourdieu (2003), Melo (2015) não considera que o surgimento dos esportes modernos tenha ocorrido nas *Public School* inglesas. O autor demonstra em suas pesquisas a existência de práticas esportivas antes das ações das ditas escolas. No entanto, tais estabelecimentos de ensino podem ser pensados como marcos para a emergência do futebol, em particular.

predecessores (ALABARCES, 2009). Nesta perspectiva, os marcos históricos do futebol seriam as *public schools inglesas* e a fundação da *Football Association*, em 1863.

As políticas imperialistas inglesas atingiram um grande contingente populacional na segunda metade do século XIX, por meio de um inédito fluxo migratório mundial e de uma expansão significativa das relações comerciais, como demonstrou Hobsbawm (2011; 2012; 1990) em algumas de suas investigações sobre os impérios e os nacionalismos. Claussen (2014, p.20) relaciona esse contexto com a difusão dos esportes em várias regiões do mundo. O capitalismo globalizado e a transmissão de costumes do “modo de viver à inglesa, suprassumo da modernidade no século XIX”, seriam responsáveis, segundo o autor, pelas primeiras vivências do futebol na Europa Central e na maior parte da América Latina. Nos dizeres de Claussen (2014, p.20), essas experiências iniciais deram-se em momentos muito próximos, durante a *Belle Époque*, “em função da presença britânica, com seus navios, suas indústrias e suas casas comerciais”.

Franco Júnior (2007, pp.23, 40) tece considerações semelhantes ao enfatizar que a propagação do futebol seguiu uma lógica de influência cultural inglesa, que exportava não apenas “uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos culturais e sociais que os acompanhavam, mesmo sem premeditação, e cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhe ares de modernidade”. Nos dizeres de Franzini (2009, p.109), “nas últimas décadas do século XIX, o capital e seus frutos já alcançavam, em maior ou menor grau, o mundo todo, e recriavam universos geográficos, históricos e sentimentais [...]”.

O futebol era às vezes transplantado por ingleses que trabalhavam ou estudavam no exterior, como ocorreu em diversas cidades belgas na década de 1860, suíças em 1860-80, Buenos Aires em fins dos anos 1860 ou começo dos anos 1870, cidades alemãs na década de 1870, francesas e russas nos anos 1890. Outras vezes, pessoas que iam estudar na Inglaterra, na volta introduziram aquela prática esportiva e social nos seus países [...]. Os muitos britânicos que iam estudar nos reputados colégios suíços levavam consigo o hábito do futebol, o que fez daquele país um dos primeiros da Europa continental a aceitar o novo esporte (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.41).

Whal (1997, p.31) corrobora a informação fornecida por Franco Júnior (2007) em se tratando do caso da Suíça: “a presença excepcionalmente numerosa de jovens alunos ingleses nos institutos privados suíços explica a antiguidade da prática do futebol neste país”. Segundo o autor, a presença do jogo na Suíça está “atestada desde 1855 no Instituto do Castelo de Lancy, em Genebra” (*idem*).

Sobre a América do Sul, Wilson (2016, cap.2, pos.650)<sup>10</sup> relata que nos anos 1880, 20% do investimento estrangeiro da Grã-Bretanha concentrou-se nessa região. De acordo com seus dados, “em 1890 havia 45 mil britânicos vivendo na região de Buenos Aires, além de comunidades menores, mas significativas, em São Paulo, Rio de Janeiro, Montevidéu, Lima e Santiago”. O autor ressalta: “Eles tocavam seus negócios, mas também fundavam jornais, hospitais, escolas e clubes esportivos (*idem*) ”. Campomar (2014, p.33, tradução da autora) produz um relato semelhante, evidenciando a formação de alguns clubes latino-americanos.

Ainda em 1827, proprietários de minas e homens de negócios fundaram o México Cricket Club na Cidade do México. Em 1842, o Victoria Cricket Club, cujo nome era um tributo à jovem Rainha da Grã-Bretanha, foi criado por um grupo de ingleses em Montevideo. O Salão de Comercio de Lima, criado três anos depois, se converteria no Lima Cricket and Lawn Tennis Club. E no Chile, o Valparaíso Cricket Club se inaugurou em 1860, ainda que já houvesse existido outro clube.

O sucesso do críquete seria substituído, progressivamente, pela adesão ao futebol. A capital argentina, Buenos Aires, vivenciava a prática deste jogo já em meados dos oitocentos, como parte da incorporação econômica e cultural ao circuito de mudanças globais ocorridas no país e promovidas pelas classes dominantes naquele momento (FRYDENBERG, 2011).

Durante a segunda metade do século XIX, se conformou [...] uma colônia britânica composta por proprietários de terras, empregados hierárquicos de empresas ferroviárias e ‘transviárias’, lojas comerciais de varejo e bancos. Embora seu peso numérico fosse escasso, sua influência econômica, política e cultural resultou significativa. Os britânicos e seus descendentes, além de praticar seus esportes típicos dentro de suas associações, consideravam que a difusão destes teriam uma forte marca civilizatória dentro do planeta (FRYDENBERG, 2011, p.25, tradução da autora).

O futebol se inseriu e se desenvolveu na cidade de Buenos Aires por meio de três vias, segundo os estudos de Frydenberg (2011). A primeira, descrita pelo autor como “mítica”, se relaciona às partidas jogadas pelos marinheiros ingleses; a segunda, denominada de “frustrada”, dado seu caráter efêmero, reside na aceitação da data de 20 de junho de 1867 como momento de realização da primeira partida oficial de futebol em solo argentino, protagonizada pelos sócios do Buenos Aires *Cricket Club*; por fim, a terceira, considerada por Frydenberg como a via que inaugurou a tradição futebolística na cidade de Buenos Aires, foi viabilizada pelas instituições educacionais da colônia inglesa. Campomar (2014) sinaliza

---

<sup>10</sup> Este formato de referência será utilizado para e-books kindle.

situação muito semelhante em Montevidéu, no Uruguai, ressaltando que o desenvolvimento e a difusão do futebol se deram, principalmente, nas instituições acadêmicas de origem inglesa. Também em Lima, no Peru, segundo seu relato, o esporte ganharia maior impulso no ambiente escolar, embora tenha sido praticado também em agremiações. Já em Valparaíso e Santiago, no Chile, o autor evidencia a via clubística como importante meio de adesão ao esporte. De acordo com Meneses e Gonzalez (2009, p.37), o caso mexicano se assemelha às demais situações mencionadas, com forte aporte britânico nas instituições escolares e nos clubes, onde se praticavam inicialmente o polo, o críquete e o tênis.

Em se tratando do Brasil, a principal versão para a introdução do futebol é a conhecida e propagada história do estudante Charles Muller, que após concluir seus estudos na Inglaterra, regressou à cidade de São Paulo, “trazendo na mala duas bolas e um manual de regras do jogo” (PEREIRA, 2000, p.22). Em conjunto com um grupo de ingleses, “passou a promover partidas, formar times e fundar clubes, aparecendo como o grande incentivador do futebol na capital paulista” (*idem*). Essa narrativa se assemelha muito às versões difundidas acerca das cidades do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte. Em ambas, dois jovens estudantes – Oscar Cox e Victor Serpa, respectivamente, – são enfatizados como introdutores do futebol em suas localidades de origem, após regressarem de estudos na Europa. Franzini (2009) também relata versões semelhantes em se tratando das cidades de Recife, Salvador e São Luís do Maranhão.

Entretanto, outras variantes são apontadas por pesquisadores brasileiros que sinalizam a ocorrência do jogo no país como resultante da ação de instituições de ensino locais, da presença de imigrantes ou dos trânsitos de marinheiros e trabalhadores ingleses que aportaram no litoral brasileiro antes da chegada de Muller<sup>11</sup>. Estas versões (e outras ainda não descontinadas) são pouco abordadas e estudadas. Há escassos dados empíricos e muitas inconsistências<sup>12</sup>. Campomar (2014) e Frydenberg (2011), por exemplo, refutam a ideia de que a prática vivenciada por marinheiros teria sido protagonista da difusão do jogo na América Latina; contudo, não ignoram a existência desta experiência predecessora.

Nesse caso é necessário considerar a diferença entre introdução e difusão. Se é incerto captar quais seriam os verdadeiros marcos de origem do jogo no Brasil ou em qualquer

<sup>11</sup> Ver Guterman (2009); Witter (2003); Neto (2002); Scaglia (1999), Franzini (2009), Lopes (2004) e Mascarenhas (2014).

<sup>12</sup> “São poucas as evidências publicadas sobre essas supostas práticas precursoras e, comumente, bastante descriptivas e sem muito aprofundamento, o que, de certa forma, contribui para o desenvolvimento e a difusão da versão mais conhecida entre os brasileiros: a de Charles Muller” (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2016, p.38).

outro lugar, pensar ações que possibilitaram sua expansão torna-se um caminho menos arriscado. De fato, como sinaliza Pereira (2000, p.23), “histórias como as de Cox, Muller e outros jovens endinheirados que, como eles, deram os primeiros impulsos ao futebol no país, foram parte importante da difusão do esporte”. Entretanto, como adverte o próprio autor, estas versões não bastam “para explicar toda a história do futebol em seus primeiros anos no Brasil” (*idem*).

Embora tenham tido participação decisiva na sua consolidação em terras brasileiras, eles atuavam dentro de um contexto mais amplo, que permitiu que um simples passatempo se transformasse em um verdadeiro fenômeno. Para entendê-lo, no entanto, é necessário deixar de lado a legenda criada em torno de personagens como Charles Muller, Oscar Cox e seus companheiros, investigando os sentidos específicos da luta de membros desses círculos letRADos em favor do novo esporte – em um caminho que nos permita entender melhor não só a história do jogo e de seus praticantes, mas também a lógica que moveu a consolidação dos sentidos que, há tempos, têm sido atribuído aos primeiros anos do futebol no Brasil (PEREIRA, 2000, p.23).

A circulação de culturas e costumes que propiciou a difusão do futebol no Brasil possui uma rede complexa. Validar a importância da experiência inglesa não implica pensar em uma única possibilidade. Há que se considerar lugares que receberam outras influências de mesmo grau ou até mais significativas que as inglesas, como é o caso da região Sul. A proximidade territorial com a Argentina e o Uruguai foi um importante fator de difusão do futebol em cidades do Rio Grande do Sul, como demonstrou Rigo (2001) em sua tese. Quando as primeiras práticas do jogo foram noticiadas no Brasil, os países platinos já o vivenciavam com certo grau de popularidade. No entanto, ainda assim é possível perceber a presença inglesa na consolidação do futebol nas cidades sulistas, como também abordou Rigo (2001).

O constructo semelhante de uma rede também se estabeleceu em Belo Horizonte, mas com características diferentes do que ocorreu na região sul. Uma rede própria, específica da cidade e de suas trajetórias. Victor Serpa estudou na Suíça, país considerado por Whal (1997) e Franco Júnior (2007) como um dos primeiros a adotar o futebol na Europa, após a Inglaterra. No entanto, na capital mineira, ao contrário do que sucedeu em outras cidades, os primeiros clubes não contaram com a presença de ingleses (ao menos não de forma notável a ponto de ser noticiada), já que não houve o estabelecimento de uma colônia de moradores deste país, por exemplo. Anos mais tarde, a fundação de um colégio inglês, o Gymnasio Anglo-Mineiro, seria um dos responsáveis pela difusão do jogo. As interfaces com a cultura britânica seriam também percebidas em outras experiências, atreladas a demais

particularidades da cidade em suas formas de vivência do futebol, como será abordado posteriormente.

Em linhas gerais, em se tratando das versões fundacionais é importante salientar a possibilidade da existência de um fenômeno que Williams (2003) denominou de “tradição seletiva”, ou seja, a seleção, em dado momento histórico, de determinados costumes e modos de vida que seriam difundidos como um modelo, como uma normativa. Tal seleção, de alguma forma, implica em desconsiderar, silenciar ou criminalizar comportamentos, pessoas ou instituições que construíram formas diferentes de existir na sociedade no momento histórico correspondente<sup>13</sup>. O mito, veiculado repetidamente por gerações, concretiza-se como uma verdade. Com o passar dos anos, das décadas e com as viradas de século, os modos de viver se modificam. Os costumes, sempre cambiáveis, como observa Thompson (1998), adquirem novos sentidos e se ajustam a novas intencionalidades. Contudo, os mitos permanecem resguardados pela força legitimadora da tradição, assim como outras “verdades” (antigas e novas – sempre ressignificadas e relacionadas a um “passado longínquo” e inatingível, como sinaliza Hobsbawm, 1997) e que carregam em si uma função de referência histórica, “um prestígio da antiguidade e das origens” (LE GOFF; 2003, p.177). Nessa perspectiva, pode-se pensar na existência mútua dos processos descritos por Williams (“tradição seletiva”) e por Hobsbawm (“tradições inventadas”).

Sobre a relação do esporte inglês com a difusão de um ideário amador, Holt (2008) considera a França o país onde as influências inglesas foram, a princípio, mais sentidas e vivenciadas. Segundo o autor, em um primeiro momento, não havia tamanho “interesse por um código de postura para os amadores [...]. Mas essa atitude mudou rapidamente e os esportistas franceses adotaram logo o estilo novo e elegante que era o da elite inglesa” (2009, p.438). O ressurgimento dos Jogos Olímpicos pode ser considerado um exemplo fértil deste intercâmbio:

Essa transformação da cultura esportiva inglesa lhe valeu a admiração geral dos visitantes estrangeiros. Foi o caso do jovem Barão Pierre de Coubertin, que passou uma temporada nas grandes escolas e universidades da elite da Inglaterra durante a década de 1880. Voltou à França decidido a ‘rebronzear la France [voltar a endurecer]’. Além da cruzada que lançou para a regeneração nacional pela competição, nota-se em Coubertin uma admiração de ordem aristocrática pela tradição esportiva inglesa e pela maneira como os britânicos a tinham adaptado ao seu Império. Essa visão se traduziu concretamente pelo renascimento dos Jogos

---

<sup>13</sup> Para Williams (2003, p.57), a estrutura de sentimentos não está regida pelo período mesmo, senão por novos períodos, que gradualmente compõem uma tradição: “Até certo ponto, a seleção começa dentro do mesmo período; de toda a massa de atividades se selecionam certas coisas, que são valorizadas e enfatizadas [...].”

Olímpicos, que Coubertin fundou sobre os esportes de atletismo que viu praticar nas grandes escolas vitorianas (HOLT, 2008, p.440).

Holt (2008, p.440) salienta que a admiração de Pierre de Coubertin pelos esportes ingleses não foi um caso isolado: “A nata da juventude parisiense não tardou a ser informada que os novos amadores ingleses rejeitavam toda ideia de aposta e de dinheiro segundo a visão de um esporte concebido com uma forma de educação moral”.

Em 1900, os esportes ingleses tinham estabelecido na França uma sólida cabeça de ponte que ia muito além da comunidade dos residentes britânicos. Eles eram praticados nos clubes, dentro dos quais havia diversas disciplinas: rugby, atletismo, futebol, tênis; só o cricket, ao qual os ingleses atribuíam uma importância excepcional, não pôde ser implantado. O tênis, o atletismo e, logo, um novo esporte, o ciclismo (que os franceses rapidamente tornaram seu), ofereciam uma ampla gama de práticas estivais [...] (HOLT, 2008, p.442).

Sobre as primeiras finalidades construídas para o futebol institucionalizado, Franco Júnior (2007, p.26) assinala que um dos fatores primordiais presentes na consolidação do Império inglês residia “na construção do caráter de suas elites”. Um dos caminhos para concretizar este objetivo, de acordo com o autor, foi o chamado “cristianismo atlético”: “[...] a concepção pedagógica que pretendia desenvolver a fibra moral da elite britânica destinada a governar regiões longínquas e inóspitas, plenas de súditos hostis e pouco civilizados” (*Idem*). Especificamente sobre o futebol, Franco Júnior (2007, p.27) assinala que sua prática não deixou de ser vivenciada por “segmentos modestos paralelamente ao que se fazia nas escolas das classes dominantes”; entretanto, enfatiza: “é inegável que o futebol moderno visava forjar elites aptas a governar. Em 1864, o jornal londrino *The Field* definia-o como preparação para os futuros governantes do país” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.27).

O ideário amadorista, de acordo com Holt (2008), adquire maior entusiasmo em meados do século XIX, concomitante aos novos objetivos vislumbrados em torno do esporte e à sua paulatina valorização enquanto elemento de formação e de divertimento da nova classe burguesa que se consolidava na Inglaterra após a revolução industrial. O autor relata que, antes desse momento, o uso da palavra *sport* estava comumente associada a competições envolvendo o combate de animais – como galos, cães e touros – ou a esportistas que tendiam a “encarnar extremos” (HOLT, 2008, p.419) e que possuíam pouca preocupação com a forma física, a exemplo de pugilistas e jóqueis. Tais situações sofreriam uma alteração drástica durante a segunda metade dos oitocentos, quando o esporte

se torna o apanágio de uma nova categoria, a dos amadores. A elite social, que se tornou defensora dos esportes modernos, exaltava um corpo novo, um corpo que se qualificaria de atlético segundo normas neoclássicas, feitas de relação entre o tamanho, o peso, o desenvolvimento muscular e a mobilidade. O conceito central era agora o do equilíbrio entre os diferentes elementos da anatomia e do eu interior, entre o corpo e o espírito, resumido no adágio *Mens sana in corpore sano* [...] (HOLT, 2008, p.419).

No entendimento de Holt (2008), o esporte passou a corresponder mais intensamente a objetivos morais e ideológicos ao deixar de ser compreendido como mera busca pelo prazer. Ainda segundo o autor, o princípio fundamental do esporte (que ele denomina de moderno em contraposição às formas que passaram por um processo de supressão, mencionadas anteriormente) era a meritocracia, seguido de outros destaques que conferiam sentido à noção da prática amadorista: elegância, dignidade e honra. Características oriundas da “arte de viver aristocrática” (HOLT, 2008, p.420), implicadas na formação idealizada do *gentleman*.

Pode-se perceber que a ideia de esporte moderno descrita por Holt (2008) direcionava-se, especialmente, ao esporte em sua acepção amadora. Essa vinculação estava intrinsecamente relacionada às transformações vivenciadas em grande escala pela sociedade global, após as revoluções burguesas europeias e que transformaram, dentre outros costumes, as formas de expressão corporal, conferindo-lhes significados mais afeitos à utilidade, à formação cívica e moral e à preparação do corpo como síntese de preparação da própria nação<sup>14</sup>. O esporte, para Holt (2008, p.421), encarnou as novas virtudes masculinas da era industrial:

o culto do esforço e do mérito, o valor da competição por si mesma, a desconfiança em relação a tudo o que era puramente intelectual, a crença absoluta na diferença dos gêneros, vista como natural e justa, e uma adesão igualmente forte à ideia da superioridade do homem branco sobre todas as outras raças. O corpo do esportista, no final do século XIX, estava marcado por todas essas influências, num grau mais ou menos alto, em função da atividade exercida, da classe e da nação (*Idem*).

O esporte amador era, assim, o esporte normatizado e codificado por uma série de exigências que o tornavam importante elemento de formação, sobretudo, da juventude. Tal ideário foi associado a uma “cultura moralmente mais pura”, direcionada à educação ética e à

<sup>14</sup> Norbert Elias (1992) relaciona o surgimento do esporte moderno na Inglaterra com o processo de parlamentarização vivenciado no país, momento em que o auto-controle e a disciplina assumem um caráter essencial na conformação da nova ideia de sociedade. Para o autor, a efetivação do sistema político parlamentar, dependente de uma estabilidade eficiente de pacificação interna, do controle das tensões e da violência, foi um dos impulsionadores para a transformação dos antigos passatempos ingleses em esportes regrados.

disciplina (HOLT, 2008, pp.433,434), distanciando-se, progressivamente, da aquisição de benefícios materiais ou financeiros. Vigarello (2009, p.457) expõe tal intenção ao sinalizar como raciocínio sistemático das grandes vozes esportivas do fim do século XIX a ideia de que “ganhar músculos para ganhar dinheiro é tornar servil a sua força, é aceitar eventualmente ‘trair’, depender do pagador e não de si mesmo”. O autor evidencia a multiplicação de imagens pejorativas sobre o corpo do atleta profissional como “um corpo mercenário, que não se pertence” (*idem*). Nesta perspectiva, delineava-se a construção de oposições, como “culto verdadeiro do corpo” X dinheiro; e “aquisição ‘verdadeira de força X profissionalização” (VIGARELLO, 2009, p.457).

Bourdieu (2003, p.189) tece considerações semelhantes ao entender o campo de práticas esportivas como lugar de lutas, onde se colocam em jogo “o monopólio da imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva: amadorismo contra profissionalismo, desporto-prática contra desporto espetáculo, desporto distintivo – de elite – e desporto popular – de massa [...]”.

O futebol, assim como outros esportes, foi influenciado pelos valores e conflitos supracitados. Essa situação, segundo Holt (2008, p.433), constituiu-se “no seio dos estabelecimentos escolares do ambiente da era vitoriana na Grã-Bretanha”, onde “foi elaborado o novo corpo atlético e os valores de fair-play e esportividade”. No caso do futebol e do rugby o destaque recobria-se às instituições conhecidas como *public schools*, locais onde teriam surgido as primeiras regulamentações e os primeiros torneios das duas modalidades, em meados do século XIX; e que, segundo Bourdieu (2003, p.185), eram reservadas “às ‘elites’ da sociedade burguesa”.

O princípio da competição estava posto, mas sua primazia residia nos valores morais que a participação em determinada atividade esportiva poderia proporcionar e não na possibilidade de aquisição de premiações ou demais compensações materiais que enaltecessem o indivíduo e secundarizassem a ideia de equipe e o espírito de cavalheirismo: “Após ter lutado ferozmente durante uma partida, os membros das duas equipes se davam as mãos no fim do jogo. O esportista devia, em campo, mostrar refinamento e comportar-se como *gentleman*, quer dizer, saber controlar-se e dar uma impressão de elegância e de calma” (HOLT, 2008, p.434). Ou, ainda, ser “vigoroso, decidido, competitivo, esmerado [...], no seio da família, no local de trabalho e na sociedade de maneira geral” (*Idem*, p.460).

Vigarello (2009, p.457) chama a atenção para a “tendência ao dogma” presente nesta acepção de esporte. O autor cita as “cartas ao amadorismo” editadas pela *Revue Olympique*, que, desde o começo do século XX, demonstravam a intenção de que todos os

esportes rumassem para o amadorismo puro, “já que não existe nenhum motivo permanente, em nenhum esporte, para legitimar os prêmios em espécie”. Tais argumentações estão presentes em vários escritos de Pierre de Coubertin, considerado o responsável pela idealização dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, no ano de 1896. Em um de seus discursos, proferido em Praga no ano de 1925, encontra-se o seguinte manifesto: “Mercado ou templo! Aqueles que se envolvem com o esporte devem escolher. Não podem querer as duas coisas, têm de optar por uma. Envolvidos com o esporte, escolhei! ” (CIPC<sup>15</sup>, 2015, p.628). O esporte era considerado uma dimensão sacralizada. A utilização da palavra templo sugere o purismo a ele atribuído, virtude das origens olímpicas gregas.

Holt (2008) menciona a convivência com os modelos educacionais ingleses, sobretudo nas *public schools*, como um dos principais fatores de influência para as formulações de Coubertin acerca do esporte e do ideário amador. De fato, em seus escritos, é possível verificar algo próximo a uma idolatria às escolas inglesas e ao seu modelo esportivo, bem como à figura de Thomas Arnold, professor e diretor do *Rugby College*. Havia a intenção explícita, por parte de Coubertin, de promover o formato de educação inglesa nas escolas francesas (CIPC, 2015).

Ao analisar os estudos de Holt (2008), Vigarello (2009), Bourdieu (2003) e as formulações de Pierre de Coubertin (de finais do século XIX e princípios do século XX), é notoriamente perceptível que a construção do ideário esportivo supracitado (que em sua base interpretativa associava as prerrogativas “moderno” e “amador” como partes de um mesmo fenômeno), foi produto de uma dada aristocracia. Isso não implica desconsiderar que outras camadas sociais vivenciaram as práticas esportivas com os mesmos princípios ou construíram suas próprias ressignificações (como é o caso dos exemplos citados por Hobsbawm<sup>16</sup> acerca da apropriação do futebol pelas classes operárias inglesas); contudo, a precedência da produção discursiva foi aliada de uma mentalidade educativa preconizada por uma parcela populacional restrita, detentora de considerável capital econômico, social e cultural (BOURDIEU, 2007).

A associação de uma suposta pureza contida em um ideário de esporte e em uma moral aceitável, também caracterizada como pura, é problemática chave para o entendimento do amadorismo. Para Bourdieu (2003, p.188), a definição moderna de esporte é parte integrante de um “ideal moral”, de um “ethos que é o das fracções dominantes da classe dominante”. No livro “Genealogia da moral”, Nietzsche enumera elementos importantes, ao

<sup>15</sup> Comitê Internacional Pierre de Coubertin.

<sup>16</sup> Essa menção é bastante perceptível no livro “Mundos do Trabalho” (2000).

indagar “sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau” (2009, cap.1, pos.42). O autor questiona o que se entende por “valor da moral” e sobre que circunstâncias nasceram, desenvolveram e se modificaram, proferindo a seguinte provocação:

Foram os ‘bons’ mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, vulgar e plebeu. Desse *pathos* da distância é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhes importava a utilidade [...] em vista de tal ardente manancial de juízos de valor supremos, estabelecedores e definidores de hierarquias: aí o sentimento alcançou bem o oposto daquele baixo grau de calor que toda prudência calculadora, todo cálculo de utilidade pressupõe – e não por uma vez, não por uma hora de exceção, mas permanentemente. O *pathos* da nobreza e da distância [...] o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um ‘sob’ – eis a origem da oposição ‘bom’ e ‘ruim’ (NIETZSCHE, 2009, cap.1, pos. 167).

Nietzsche ainda assinala que, “em toda parte, ‘nobre’, ‘aristocrático’, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu ‘bom’, no sentido de ‘espiritualmente nobre’, ‘aristocrático’, de ‘espiritualmente bem-nascido’, ‘espiritualmente privilegiado’” (2009, cap.1, pos. 189). Nesta perspectiva, “os juízos de valor cavalheiresco-aristocráticos” se construíram como pressupostos de uma “constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, [...], de tudo o que envolve uma atividade robusta, livre, contente” (NIETZSCHE, 2009, cap.1, pos. 266).

Como parte dessa conjuntura, o ideal amador posto sobre a figura do esportista foi calcado em uma funcionalidade distintiva. Ao produzir uma análise sobre a constituição das práticas esportivas, Pierre Bourdieu (2003, p.186) sinaliza a elaboração de uma “filosofia política do desporto”.

Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do desporto uma prática desinteressada, à maneira de atividade artística, mas que convém melhor que a arte à afirmação das virtudes viris dos futuros chefes: o desporto é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de formar o caráter e de inculcar a vontade de vencer que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer segundo as regras – é o fair-play, disposição cavalheiresca em tudo oposta à busca vulgar da vitória a todo o preço.

Ao enfatizar a dimensão política do processo formativo contido no amadorismo, o autor ressalta a existência de intencionalidades educativas diferenciadas de acordo com as funcionalidades e com as possibilidades de exercício de poder inscritas em um dado pertencimento de classe. A própria disposição para ser um “amador” não era uma situação

facilmente acessível, pois dependia, além de poderio econômico e da inserção em uma série de códigos construídos em instituições específicas (como as escolas e os clubes), da possibilidade de usufruto de um tempo livre compatível com a prática. Alabarces (2007, p.55) produz reflexão semelhante ao abordar o período amadorista do futebol argentino, momento em que o acesso dos setores populares era limitado, segundo sua análise, pela “dependência econômica, pela necessidade de destinar ao esporte tempo livre, pelo exíguo excedente produzido pelo trabalho e pelas exigências horárias laborais”.

Assim, ainda que pudesse comportar outras experiências, a difusão do futebol inglês e do amadorismo a ele associado, estava relacionada às vivências (em um período inicial) de uma determinada elite social, como divertimento nobre e distinto.

Claussen (2014), Giullianotti (1998), Whal (1997), Goig (2006) e Wilson (2016) sinalizam essa circunstância ao abordarem o futebol na Inglaterra e sua migração para outras regiões da Europa. Especificamente sobre a realidade argentina, Frydenberg (2011), Alabarces (2007), Archetti (2003) e Reyna (2008) corroboram o entendimento de que o jogo foi inicialmente protagonizado por uma pequena parcela da elite. Campomar (2009) também relata situação semelhante em países como Uruguai, Peru, Chile e México. Em se tratando do Brasil, não faltam narrativas análogas, como as que deram forma ao clássico trabalho de Mário Filho (1964), aos ensaios de DaMatta (1982;1994) e às inúmeras investigações acadêmicas que resultaram em teses, dissertações, artigos e livros. Algumas delas, como as de Lopes (1994), Pereira (2000), Franco Júnior (2007), Wisnik (2008) e Franzini (2009) estão presentes neste trabalho. Vários outros textos publicados recentemente também podem ser mencionados, como o de Pinheiro (2015), que retrata o estado do Ceará, e o de Lima (2015), que aborda a cidade de Recife.

Ao se referir às cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo nos anos 1920, Buarque de Hollanda (2004, p.53) relata que o amadorismo proporcionava “certo ócio aristocrático de fruição do tempo e de lazer, tanto para os expectadores quanto para os seus praticantes”. Sobre este fato, Lopes (1994, p.125) tece a seguinte observação:

Se o futebol segue um curso profissionalizante na Grã-Bretanha com a disputa da taça da Inglaterra em 1872 e com a aceitação de um profissionalismo iniciante no interior das fronteiras nacionais, a internacionalização do futebol, nos seus primórdios, segue a rede de contatos que as relações prévias e espontâneas das elites locais com as elites e instituições de elite inglesas suscitam de forma indireta.

Quando se advoga que a existência do futebol no Brasil em seus primeiros anos comportava traços seletivos, é relevante considerar as possibilidades de exercício de poder

presentes nas variantes classes sociais existentes em dado momento histórico, bem como, o acesso aos meios de produção de informações. Quando se iniciou um movimento de difusão da prática do futebol em solo brasileiro, o cenário político-social era demarcado por uma rígida hierarquia, ainda fortemente assentada em uma base imperialista excluente e patriarcal. O acesso aos meios de comunicação e ao mecanismo político de criação e regência de leis era restrito; assim como eram também limitadas as possibilidades formativas institucionalizadas, como a escola e a universidade. O entendimento dos códigos importados dos esportes ingleses, de igual forma, não era predicado facilmente adquirível. As primeiras veiculações das modalidades esportivas – onde se insere o futebol – eram produzidas, costumeiramente, com terminologias inglesas. Também o acesso à materiais esportivos e aos clubes fundados era algo que dependia de condições financeiras, da localidade onde se morava, do pertencimento familiar e, em casos mais extremos, da cor da pele. Pereira (2000, p.31) assinala, por exemplo, o perfil dos jogadores da equipe do Fluminense, fundado no Rio de Janeiro, em 1902:

[...] composto por jovens de pele clara e bigodes bem aparados, em grande parte filhos de famílias europeias, o time do Fluminense ia dando ao jogo no Rio de Janeiro um perfil definido: palco de afirmação de modismo e de hábitos europeus, os estádios serviam para essa juventude endinheirada como um espaço de celebração de seu cosmopolitismo e refinamento, em um processo que ia imprimindo ao futebol por eles praticado a marca da modernidade.

Pereira (2000) menciona, ao longo de sua produção textual, descrições muito semelhantes às localizadas nos periódicos belo-horizontinos que abordavam o futebol em seus anos iniciais e, posteriormente, os esportes taxados de especializados (como o basquetebol, o tênis, a natação e o voleibol). Trechos como “nossa melhor sociedade”, “fina sociedade” e “distinta classe de *sportmen*”, transcritos por Pereira (2000), também recheavam as páginas dos jornais e das revistas da capital mineira. O referido autor também cita as influências do modelo inglês de educação na construção de uma representação que associava os métodos daquele país como marca primeira de modernidade. Em síntese, os *sportmen* dos primeiros anos do século XX portavam-se como “agentes da modernidade, espécie de porta-vozes da civilização [...]” (PEREIRA, 2000, p.41).

Para Lopes (2004, p.126), muitas equipes reproduziam no campo e na arquibancada “uma seleção que reunia famílias das elites do Rio de Janeiro e de São Paulo”. Nesse contexto, “os clubes acabavam sendo um lugar urbano de sociabilidade onde se prolongavam, através de atividades físicas e esportivas ou da assistência a elas, os salões e saraus reunindo as famílias dominantes dos sobrados do início do século naquelas cidades”.

[...] o grito das arquibancadas quando da entrada do time em campo, hip, hip, hurrah!, interjeição inglesa, assim como a apresentação solene da equipe diante da torcida e em especial das moças, eram marcas de refinamento dadas tanto pelos detalhes da importação das metrópoles mundiais como pelo pertencimento social comum entre jogadores e público (LOPES, 1994, p.127).

Os estatutos dos primeiros clubes, as reportagens publicadas em diversos impressos e os relatos memorialísticos atestam a existência de acontecimentos como os narrados anteriormente. Contudo, ilustram, também, com o passar dos anos da primeira década do século XX, uma significativa expansão do jogo para além dos seus círculos iniciais. Testemunham uma dissolução dos valores aristocráticos e distintivos do amadorismo em meio à presença, cada vez mais ampliada, de participantes e espectadores do jogo que não compartilhavam dos mesmos códigos amadores ingleses ou não viam sentido em seus postulados.

Pereira (2000, p.16), ao abordar a cidade do Rio de Janeiro, constata que não demoraria para que “o novo esporte perdesse a marca elitista construída em seus primeiros anos”. Segundo o autor, “já no fim da década de 1910 o entusiasmo que ele causava na cidade não permitiria mais aos contemporâneos caracterizá-lo como uma prática restrita ao grupo dos esportistas filiados aos clubes elegantes da cidade”. Sobre essa situação, Lopes (1994, p.129), pondera:

naquele momento a bola de couro tinha de ser importada da Inglaterra, assim como as chuteiras. O campo gramado também era atributo de praticantes de posses financeiras elevadas. Mas os substitutivos populares encontrados para a prática recreativa imitativa não eram custosos: bolas de meia serviam de veículo para as partidas disputadas em terrenos baldios de terra, com jogadores descalços e balizas facilmente improvisadas com uma diversidade de materiais possíveis.

De fato, é possível afirmar que houve a produção de um discurso<sup>17</sup> comum que significou uma força expressiva, normativa e eficazmente circulante que não pode ser desconsiderada. Um discurso cruza países e oceanos e se instala em regiões completamente diferentes de seu local de desenvolvimento porque alcança força suficiente para tal empreitada; porque encontra ressonância e significação no lugar que o recebe (mesmo que por

---

<sup>17</sup> O entendimento de discurso se pauta na conceituação de Maingueneau (2006, p.43): “[...] esse termo designa menos um campo de investigação delimitado que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado como uma estrutura arbitrária, mas como uma atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados”.

uma minoria populacional em se tratando de dados demográficos, mas que se configura como maioria em se tratando da detenção de poder econômico e simbólico). Algo parecido com o que Elias (1994, p.26) sinaliza quando exemplifica a utilização repetida de conceitos em determinada realidade. Sua transmissão e cristalização são partes de uma experimentação comum e de um processo comunicacional, não necessariamente consciente, mas com valor existencial, “com uma função na existência concreta da sociedade [...]. De forma similar, o entendimento de Williams (2003) sobre tradição seletiva também auxilia na percepção dessas nuances interpretativas.

Logo, o fato das significações mencionadas encontrarem ressonância no futebol belo-horizontino (mesmo com as particularidades que a presente investigação intentará demonstrar), a sua contextualização, para além dos limites territoriais abarcados pelos contornos da cidade, torna-se parte inerente ao intento de compreensão de um fenômeno que se tornou, indissociavelmente, local e global. Há, como observou Bourdieu (2003), uma força política em questão que, dentre outras prerrogativas, tem como um de seus vetores a crença em uma prática propiciadora de um bem comum (mesmo que seja, de fato, um bem comum para poucos). Nos dizeres de Vigarello (2009, p.454), o esporte representa uma contradição das sociedades democráticas porque

cancela o conflito entre uma igualdade de princípio e uma desigualdade de fato, um ‘desejável’ igualitário e um ‘real’ mais prosaico. Algo que jamais chega a constituir nosso universo cotidiano. O esporte ajuda a crer: permite sonhar com uma perfeição social, sem levar em conta as cumplicidades obscuras, as proteções. Ilustraria a possibilidade de se chegar à vitória contando só consigo mesmo [...] Fato é que o esporte elabora, no fim do século XIX, uma coerência de representações totalmente novas, um repertório de atos e símbolos onde se reflete, ou mesmo com ele se identifica, o imaginário coletivo. Uma construção ligada às sociedades industriais e às democracias.

Entretanto, tais intentos também comportam formas de reverberação (interpretação e vivência) dissimiles, que confrontam teorias e aplicações; normativas modulares e ações humanizadas e contextuais; ideais valorativos e o cotidiano disperso e inalcançável em sua totalidade. Há um processo de reinterpretation (BOURDIEU, 2003) que é necessariamente constituinte. No caso do futebol, a rigidez de princípios, valores e normas (em tempos históricos determinados) pode fazer parte, com mais ênfase, do plano das ideias do que da realidade vivida pelos inúmeros praticantes do jogo, que, inevitavelmente, criam modificações e outros sentidos de acordo com lugares, tempos e costumes. Ou seja, é um fato que ideais sobre o que constituía o esportista amador, advindos da experiência britânica, trasladaram-se para outros países europeus e para outros continentes, mas a maneira como tais

ideais foram percebidos e significados com o passar do tempo é variável e apenas perceptível em estudos específicos. O próprio significado dado ao termo amadorismo pode sofrer mudanças de acordo com as experiências de pessoas e instituições (e de seus interesses) na vida cotidiana, de acordo com o tempo histórico e com a localidade.

Nessa perspectiva torna-se igualmente relevante levar em consideração os distanciamentos presentes entre formas de veiculação e formas de apropriação e o jogo de poderes contidos nessa relação. Isso implica considerar que as noções apresentadas e as classificações sociais pré-existentes (que definem possibilidades de aprendizado e participação em determinadas práticas) não são estáticas e nem imutáveis; não estão imunes à ação do tempo e das pessoas, mesmo que a força de circulação de determinados discursos encontre uma recepção concreta em realidades específicas.

De fato, a estrutura social no princípio do século XX era muito mais rígida do que a que encontramos na contemporaneidade. Entretanto, dentre permanências consensuais (muitas vezes empreendidas por projetos políticos), há descontinuidades resistentes, protagonizadas por pessoas e grupos que fazem parte da rotina social e que possuem seus interesses, suas vontades, suas reivindicações. Uma possibilidade para pensar o papel das pessoas na transformação do futebol reside na superação de uma concepção “ultra consensual” de cultura, buscando seu entendimento, como sugere Thompson (1998, p.17), como um “conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole”; como “uma arena de elementos conflitivos [...]”. Nos dizeres de Ginzburg (1989, p.187) “[...] uma visão rigidamente hierárquica se desmorona no choque com a adversidade social e cultural [...]”. Para esse autor a cultura “oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro do qual se exercita a liberdade condicional de cada um” (GINZBURG, 2006, p.27).

Reflexões como estas auxiliam no entendimento da transformação sofrida pelo futebol belo-horizontino, de princípios do século XX à década de 1940. A rápida popularização do esporte de *gentlemen*, abarcando a prática por pessoas oriundas das mais diversas camadas sociais e a formação de clubes em bairros periféricos, é um exemplo da arena conflitiva proposta por Thompson (1998) e da jaula flexível sinalizada por Ginzburg (2006). As formas de poder se dissipavam, mesmo que de maneira mais lenta do que ocorreria décadas mais tarde. Situação esta (mais tardia) que motivou, por exemplo, pesquisadores dos estudos culturais a preconizar novas e fluidas conexões de poder e de identidades, a exemplo dos trabalhos de Canclini (2008) e Stuart Hall (2003;2005).

Thompson (1998, p.22) também sinaliza uma questão crucial, abordada de forma muito similar por Williams (2003): “a cultura é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas”. Nesse caso, Thompson (1998, p.22) indica como necessário “desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes [...].” Para isso, o entendimento de uma dada cultura precisa estar circunscrito em um tempo e em um espaço específico. Pode-se estender a indicação de Thompson (1998) sobre cultura para outras terminologias, tais como elite, aristocracia, classes dominantes, classes dominadas, classes menos favorecidas, povo, dentre outras. Todas elas carregam em si a abstração de termos descriptivos que “são moeda comum, tais como sociedade, política e economia” (THOMPSON, 1998, p.22). Diante das “consensualidades” que possam emergir, as terminologias utilizadas no presente trabalho foram as encontradas nas próprias fontes consultadas, produtos concretos daquele tempo, “encarnadas em pessoas e contextos reais” (THOMPSON, 1987, p.10), frutos daquela “estrutura de sentimentos” (WILLIAMS, 2003, p.57).

A representatividade adquirida pelo ideal amadorista de esporte na cidade de Belo Horizonte, fundada em exemplos vindos da Inglaterra e materializada em revistas, jornais e relatos memorialísticos, é inconteste. Contudo, incontestável também é a forma particular de entendimento e apropriação dos cidadãos belo-horizontinos às novidades propagandeadas pelo esporte na nova capital (assim como ocorre em quaisquer cidades onde uma prática inédita ou pouco costumeira, advinda de outras culturas, é implementada). Limite tênue e tenso entre o geral e o particular; entre ideias, postulados e discursos globalizantes e a complexidade do mundo vivido em seu cotidiano, que definitivamente não é o mesmo em Londres, Paris, Buenos Aires, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte. Tênué porque é tarefa delicada compreender as nuances do que é específico; e tenso porque é inegável que o entendimento da particularidade não suprime a força dos discursos generalizantes.

Assim se constrói o esporte no contexto pesquisado: idealizado por imagens do cavalheirismo britânico, do espírito nobre do amador, destinado a poucos privilegiados na hierarquia ainda colonial e contraditória da recém capital republicana. Ao mesmo tempo, vivido e praticado diante de possibilidades materiais e simbólicas destacadamente diferentes da evocação europeia contida em suas aspirações. Construída em 1897 para ser a capital do estado de Minas Gerais (em substituição à morosa e colonial Ouro Preto), Belo Horizonte recebeu as premissas do futebol amador inglês, que se instalaram com significativo sucesso, permeando a vida da cidade por consideráveis anos até perder o sentido de sua manutenção privilegiada, quando outras necessidades, outras vontades, outros pressupostos e outros

personagens (ou outros interesses dos mesmos personagens) tiraram-lhe o protagonismo frente aos avanços mercantis do profissionalismo.

Há que se considerar, então, como intento investigativo primordial, o entendimento do que significou o futebol nas especificidades desta cidade, o que abarca, dentro dos limites da pesquisa histórica<sup>18</sup>, o distanciamento de formulações consensuais cristalizadas. Como exemplo, apenas assumir a existência de uma importância cultural do futebol para a sociedade brasileira como justificativa para o empreendimento de estudos sobre o tema pode se configurar em situação semelhante ao que Williams (2003) chamou de “repetição irreflexiva”, produzida por meio do hábito de mencionar certas palavras, expressões ou afirmativas que já se tornaram correntes. A amplitude que uma referência abstrata alcança, segundo o autor, implica em dificuldades de compreender os seus significados em cada contexto específico, fazendo com que sua menção pareça inútil. Ou seja, é imprescindível que se materialize as especificidades de cada experiência cultural, sobretudo em se tratando de um esporte como o futebol, que comporta inúmeras generalizações sobre sua vivência e apropriação no território nacional.

No caso de Belo Horizonte, a ideia de progresso incutida na construção de uma capital que deveria ser um símbolo da república convivia com ecos de um passado que assombrava o desejo de rompimento com signos tidos como ultrapassados. O que se compreendia como velho e obsoleto e o que se prometia e se incentivava como novo coexistiam em um cenário de intensas disputas. Dentre os principais símbolos da novidade, explicitamente relacionados a uma ideia de modernidade europeia e estadunidense<sup>19</sup>, os esportes foram noticiados como prática da nova cultura urbana que se almejava instaurar. Turfe, ciclismo, patinação, boxe, *cricket* e futebol estampavam parte dos noticiários das primeiras décadas do século XX que, com frequência, associavam o gosto pelos esportes e a disponibilidade em praticá-los às qualidades do cidadão dito e quisto “moderno”.

Uma característica particular de Belo Horizonte é que o futebol nasce pouquíssimo tempo depois do próprio surgimento da cidade, com apenas sete anos de diferença. Quando dez anos antes, em 1894, Charles Muller retornava a São Paulo de seus

<sup>18</sup> Nesse caso, são válidas as considerações de Bloch (2001, p.70): “Porque no imenso tecido de acontecimentos, gestos e palavras de que se compõem o destino de um grupo humano, o indivíduo percebe apenas um cantinho, estreitamente limitado por seus sentidos e sua faculdade de atenção; porque [além disso] ele nunca possui a consciência imediata senão de seus próprios estados mentais: todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo, seu ponto de aplicação, irá beber sempre nos testemunhos dos outros uma grande parte de sua substância”.

<sup>19</sup> No caso dos Estados Unidos, a ideia de modernidade não se manifestava necessariamente em relação aos esportes, mas de uma forma geral, por meio de parâmetros comparativos que se referiam a uma noção de progresso e civilização.

estudos na Europa, Belo Horizonte ainda estava sendo construída. O ano de fundação do município, 1897, é considerado o marco principal de chegada do futebol no Rio de Janeiro, pela ação de Oscar Cox. Na impossibilidade de citar todas as cidades brasileiras, segue-se também o exemplo de Salvador, local onde o ano de 1901 é datado como momento de difusão da prática do jogo, com o protagonismo conferido a José Ferreira Júnior. Esses dados demonstram, por si mesmos, que quaisquer parâmetros comparativos necessitam ser cuidadosamente ponderados. Ainda que seja prudente considerar outras versões para a chegada do futebol no Brasil, como abordado anteriormente, a relevância midiática de tais narrativas sinaliza, ao menos, parte significativa da inserção do futebol nessas localidades. No caso de Belo Horizonte, a própria jovialidade da cidade é um indicativo importante sobre a sua singularidade na prática do futebol e de outros esportes.

No início do século XX, os periódicos já constituíam um importante meio de comunicação citadina e vários títulos já circulavam entre a população, tais como *O Álbum de Minas*, *O Bogari*, *A Braza*, *O Colibri*, *O Discípulo*, *A Epoch* e o *Minas Geraes*. No geral, suas publicações tinham um caráter noticioso e abrangiam inúmeros assuntos, dentre os quais, o futebol aparecia misturado a escritos relacionados à política, à economia, a situações triviais do cotidiano e à vida estudantil. As temáticas abordadas dialogavam com um período de significativos processos formativos em Belo Horizonte, marcados, sobremaneira, pela construção do centro urbano, pelos primeiros movimentos de industrialização e pelo crescimento de um comércio local estruturado.

A expansão do futebol em Belo Horizonte envolveu uma multiplicidade de sensações, mescladas por incentivos, inquietações e desaprovações. Ora era veiculado como sinônimo de modernidade, cosmopolitismo e de uma educação inglesa superior nos moldes das prerrogativas amadoras, ora era taxado de estúpido e violento. A presença do futebol já se tornava tão significativa na cidade que uma edição de uma das revistas, a *Vita*, publicada em 1913, chegou a lamentar o gosto quase exclusivo do belo-horizontino por este esporte, deixando de lado outras práticas.

É deveras difícil a tarefa de escrever sobre sport em Bello Horizonte. O turf não existe; a natação e o rowing não podem existir; o tennis é desconhecido. Aqui desde que se falle em sport, entende-se que se quer dizer foot-ball: essas duas palavras tornaram-se synonymas; todas as nossas sociedades sportivas cultivam exclusivamente o foot-ball. E isso é triste. Nas nossas condições actuaes, vários outros gêneros de sports podiam desenvolver-se paralelamente a esse tão querido foot-ball. Si a natação e o rowing nos são, por natureza, interdictos, si o turf difficilmente si poderá praticar aqui, o tennis, o ciclismo, o cricket, a patinação e diversas outras espécies poderiam tomar largo encremento. Lá está por exemplo o rink recentemente construído á Praça da Liberdade quase sempre vasio. Porque? As

nossas sociedades sportivas cumpre terminar com esse estado de cousas. Um pouco de boa vontade, e muito se ha de fazer, com sensível beneficio para a capital<sup>20</sup>.

A adesão ao futebol cresceu ainda mais com o passar dos anos, envolvendo a criação de novos clubes e o crescimento dos já existentes, a construção de espaços próprios para o jogo (surgem os primeiros estádios na década de 1920) e a proliferação de notícias nos jornais e revistas. É certo, também, que o desejo do autor da reportagem anterior em parte se concretizou: com o avanço dos anos também se vislumbrou o incremento de outros esportes, tais como o voleibol, o basquetebol, o atletismo e o tênis. A mencionada interdição dos esportes aquáticos se resolveu com a construção de piscinas e lagoas artificiais e, assim, a natação e a canoagem ganharam espaço. O turf também foi contemplado na capital, mas sua existência foi marcada por uma assistência pouco regular, com momentos de sucessos e fracassos extremos, fato determinante para seu progressivo abandono.

Em meio ao paulatino desenvolvimento de uma “cidade esportiva” (ou que se queria assim, na voz de estadistas e periodistas), o futebol se consolidou, de fato, como um costume importante da cidade. Tal constatação se baseia, sobremaneira, nos impactos dessa prática no cotidiano citadino em um curto período de tempo. Ou seja, pode-se pensar que o surgimento do futebol se mesclou ao próprio desenvolvimento da nova capital, e sua presença se recrudesceu nas décadas posteriores, seja no centro ou na periferia da cidade. Pesquisas como as de Rodrigues (2006), Couto (2003), Moura (2010), Ribeiro (2007), Souza Neto (2010) e Lage (2013) sinalizam (de forma protagonista ou secundária, de acordo com os seus objetivos) a produção e a veiculação de discursos que alçavam condição de grande importância valorativa à prática amadora do futebol em Belo Horizonte, posteriormente confrontada com a emergência de discussões sobre a profissionalização no começo dos anos 1930. Nesse momento, iniciam-se amplos debates sobre a necessidade de se regulamentar a profissão, o que refletiria na mudança dos estatutos dos clubes e no sistema de relações entre jogadores, equipes e torcedores.

A questão não seria apenas estrutural: uma nova moral do jogo, a do “profissionalismo”, fundamentalmente atrelada a um mercado do entretenimento em franca expansão, entraria em voga. Se por um lado a ideia de progresso e de modernidade servia ao amadorismo como moral fundante de uma dada sociedade civilizada; por outro, servia ao profissionalismo como uma nova “moral da rentabilidade”.

---

<sup>20</sup> SPORT. Vita. Jul.1913, n.1, p.38.

Notícias sobre o futebol praticado em diversos estados e países circulavam com muita frequência nos jornais e nas revistas de Belo Horizonte e as discussões relacionadas à possibilidade de profissionalização do jogo agitavam os principais clubes do estado. Percepções cunhadas, especialmente, por meio de exemplificações da realidade do futebol na Argentina e em cidades brasileiras, como Rio de Janeiro (então capital federal) e São Paulo, eram notáveis. Observa-se, paulatinamente, uma proposição fundada em uma aparente inversão de valores. Na medida em que o futebol alcança maior projeção midiática e desenvolve um público consumidor, as investidas em torno de sua profissionalização crescem significativamente, pautadas em argumentações em prol do progresso do esporte. Se nos anos anteriores a prática do amadorismo se configurava como sinônimo de modernidade, com o avançar da década de 1930 tal formato passava a ser veiculado como obsoleto. A figura do profissional, antes suja e impura, passava a ser vinculada (não de maneira consensual) ao avanço do futebol.

Entretanto, é primordial considerar a distância presente entre a instauração normativa do profissionalismo (e sua veiculação midiática) e a sua vivência de fato, após o ano de 1933. Ou seja, a supressão progressiva do regime amador enquanto princípio norteador da prática futebolística (em se tratando da consecução de novos regulamentos, novos torneios e novas relações institucionais entre os esportistas) não rompeu em definitivo com os ideais amadores. Entre a concretude das normas instituídas de acordo com interesses emergentes de grupos específicos e a vivência cotidiana, com suas possibilidades de abstração, há uma distância a ser considerada.

Seriam inúmeras (e incontáveis) as possibilidades de se narrar a inserção e a difusão do futebol em Belo Horizonte. Esta pesquisa pauta-se em uma vertente: a investigação privilegiada sobre os anos posteriores à implantação do profissionalismo. O momento em que ocorreu a adoção do regime profissional já foi contemplado em estudos recentes, como nas dissertações de Moura (2010) e de Lage (2013). No entanto, pouco ainda se conhece sobre a reverberação de tal mudança no cotidiano da cidade na década seguinte, sobre pensamentos, discursos e ações que permearam a querela “amadorismo-profissionalismo” e “profissionalismo-amadorismo” neste período específico.

Contradiscursos sobre o profissionalismo foram produzidos. Nesse cambiante contexto, o novo regime não se estabeleceu com unanimidade ou sem resistências. A sua implantação não foi espontânea e incólume como o simples uso do termo “transição” poderia indicar; ao contrário, foi permeada por disputas de poder e de interesses, envolvendo, especialmente, os chamados grandes clubes da capital, compreendidos como aqueles que

contavam com maior projeção midiática, com maiores investimentos financeiros e com maior influência e proeminência política no momento pesquisado. Seriam eles: o Clube Atlético Mineiro, o América Futebol Clube e o Palestra Itália (denominado Cruzeiro Esporte Clube depois de 1942).

Designar alguns clubes como “grandes” compreende o risco de se impor uma classificação limitante e taxativa que pressupõe, obviamente, a existência de clubes percebidos como “pequenos”. Entretanto, para o objetivo deste trabalho, tal delimitação se torna necessária para localizar o lugar das entidades como instituições que não apenas organizavam o futebol e outros esportes, mas que participavam da vida cidadina com graus diferentes de influência e poder. Um exemplo importante é a aquisição de estádios. Nas décadas pesquisada (1930 e 1940), poucas eram as agremiações mineiras que contavam com seu próprio espaço de jogo. Em Belo Horizonte, os detentores de tal privilégio eram exatamente os clubes supracitados, que adquiriram seus terrenos com uma importante dose de apoio político. Não à toa, os nomes de seus estádios homenageavam governantes: Estádio Antônio Carlos<sup>21</sup>, do Clube Atlético Mineiro (1929); Estádio Otacílio Negrão de Lima<sup>22</sup>, do América Futebol Clube (criado 1928 e reformado em 1948); e Estádio Juscelino Kubistchek<sup>23</sup>, do Palestra Itália (fundado em 1923 e reformado em 1945). Ainda pode ser citado o clube Villa Nova, da cidade próxima de Nova Lima, que também possuía seu próprio estádio e que, por questões econômicas e por sua representatividade social (era o clube de uma companhia de mineração inglesa), também se destacava.

O imbróglio gestado em meio às mudanças ocorridas no futebol mineiro não foi simples e nem de curta duração. Um dos maiores exemplos foram os embates travados entre a imprensa, os dirigentes do Atlético e os dirigentes do América acerca da aceitação ou não do novo regime. Em razão de sua discordância em relação à adoção do profissionalismo, uma das atitudes do América (a mudança das cores de seu uniforme, de alviverde para vermelho, entre os anos de 1933 a 1943) passou a ser divulgada, nas versões “oficiais” produzidas e veiculadas atualmente, como uma forma de protesto às novas conformações adquiridas pelo esporte. Assim, as tensões não se restringiram apenas à prática do jogo (com a alteração de formas de treinamento, técnicas e táticas que o profissionalismo começou a exigir). Isso, porque, como enfatizado anteriormente, muito antes da década de 1930, o futebol já havia se tornado uma importante manifestação cultural da cidade de Belo Horizonte, de modo que sua

---

<sup>21</sup> Presidente do Estado de Minas Gerais entre 1926 a 1930.

<sup>22</sup> Prefeito de Belo Horizonte por dois mandatos (1935-1938/ 1947-1951).

<sup>23</sup> Prefeito de Belo Horizonte entre 1940 e 1945.

prática e as intervenções nela operadas faziam parte do cotidiano de um grande número de moradores, que se reuniam nas ruas, nas praças, nos parques, nos bares e nos cafés para discutir assuntos relacionados ao esporte.

Tal força de penetração social não permitiu que as mudanças no jogo se restringissem apenas aos campos. Dessa forma, a atenção devotada a esse processo se deve ao interesse de compreender não apenas uma mudança estrutural ditada pelo incipiente mercado da bola, mas as suas relações com os valores e princípios gestados em torno da ação esportiva e do futebol. A reconfiguração de sua prática diz muito da reconfiguração da própria sociedade belo-horizontina. E é justamente por esta perspectiva que este estudo se apresenta.

### **Fontes e percursos metodológicos**

A pesquisa se desenvolveu, especialmente, por meio da seleção e análise de periódicos – jornais e revistas – que circularam na capital mineira e em outras cidades, nos anos de 1930 e 1940, especialmente após o ano de 1933 – marco da adoção do profissionalismo em Belo Horizonte. Quando necessário, reportagens publicadas em anos predecessores também foram coletadas e analisadas, na intenção de melhor compreender o objeto. Por vezes, recuos mais longos foram realizados, especialmente quando o foco do estudo se centrou na análise de um contexto esportivo que se gestou ainda nos momentos iniciais de existência da cidade de Belo Horizonte. Em menor número, também foram pesquisados arquivos pessoais e institucionais, como boletins, estatutos, livros, revistas, fotografias, vídeos, mapas e decretos.

A escolha dos periódicos como fonte privilegiada para a pesquisa considerou a relevância dos mesmos como veículos de comunicação na temporalidade estudada. Os jornais e revistas já existiam em profusão nas décadas de 1930 e 1940. Vários foram os títulos circulantes na capital mineira, que, para além do conteúdo esportivo, formaram um rico registro da história cotidiana da cidade. Neles foi possível perceber situações triviais e inusitadas, que extrapolavam a informação de fatos corriqueiros, tais como a publicação de bilhetes de amor, xingamentos e indiretas diversas entre leitores; programações de sessões de cinema, espetáculos teatrais e musicais; o famoso *footing* nas ruas da cidade; horário e locais de encontros esportivos (entre eles, o futebol); e problemáticas mais especializadas, como as

de cunho político que preencheram edição após edição da revista *Bello Horizonte* de 1933, quando Minas Gerais aguardava a escolha de seu interventor.

Nessa perspectiva, um olhar sobre a “complexidade dos conflitos e das experiências sociais” pode ser vislumbrado por meio da imprensa e da visada que esta possibilita acerca de “projetos políticos e de visões de mundo” (VIEIRA, 2007, p.13). Em meio a tantas possibilidades, pode-se ler a vida citadina: dos personagens ilustres aos anônimos, do plano público e privado, do político ao econômico, do cotidiano ao evento [...]” (*idem*).

Essa investigação também buscou compreender a própria materialidade dos impressos e o seu contexto de produção, situações cruciais para o desvelamento das questões postas. Foi imprescindível o reconhecimento de que há “um modo de apreensão da linguagem [...], que não é uma estrutura arbitrária, mas uma atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados” (MAINGUENEAU, 2006, p.48). Essa apreensão parte da consideração da existência de um lugar e de um tempo específico, bem como, de formas de veiculação também específicas, o que implica reconhecer a forma de apresentação dos variados recursos jornalísticos nos periódicos.

Sendo assim, também compõe a análise o lugar ocupado pelas reportagens em cada jornal ou revista, seja no conjunto total do material publicado, seja nas páginas em que estão alocadas. A forma de apresentação dos títulos e textos e a utilização de fotos também são critérios de observação em alguns casos, no intuito de desvendar estratégias discursivas que podem ser relevantes para a compreensão do objeto. Nesse caso, a metáfora proposta por Vieira (2007, p.16) se torna um mecanismo interpretativo interessante, na medida em que este autor sugere que o jornal seja observado como um espelho: ele reflete a realidade, mas com distorção e refração, cabendo ao pesquisador estudar “o funcionamento desse sistema de espelhamento que, discursivamente, confere sentidos às coisas, às ações, às palavras ditas e não ditas”. Ou seja, há toda uma produção textual, material e ideológica que fala de um lugar determinado, e esse lugar também precisa ser objeto de análise.

Os periódicos consultados estão alocados em diferentes acervos. Na cidade de Belo Horizonte, foram pesquisados documentos pertencentes à Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa; ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte; ao Arquivo Público Mineiro; e à Coleção Linhares, atualmente sob a guarda da Universidade Federal de Minas Gerais. Esta última comporta um rico acervo com mais de oitocentos títulos de jornais e revistas mineiras, acumulados por Joaquim Nabuco Linhares, um cidadão que se dedicou à coleta e guarda de variados impressos, entre o final do século XIX e meados do século XX.

Linhares não só coletou os periódicos, como também produziu um catálogo contendo as principais características de cada título que mantinha em sua posse, no intento de “oferecer uma contribuição ao estudo das letras no nosso meio, onde ao jornalismo se reserva plano de singular destaque” (LINHARES, 1995, p.50). A consulta a este catálogo foi de especial importância para se compreender os impressos pesquisados pertencentes a esta coleção.

Em se tratando de acervos não localizados ou não pertencentes à cidade de Belo Horizonte, encontram-se periódicos disponibilizados no *site* da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e exemplares da revista *El Gráfico*, consultados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional de Buenos Aires<sup>24</sup>. Esta última pode ser considerada a revista esportiva de maior influência na Argentina (ARCHETTI, 2003), com notável alcance em outros países do continente. Para Campomar (2015, p.91), a revista criada em 1919 (e que ainda existe nos dias atuais) teve importante papel na definição de uma “identidade latino-americana através do futebol”. Por essa razão, o estudo deste periódico foi eleito para a composição da pesquisa, fato que também considerou a frequente veiculação de notícias referentes ao futebol argentino nos periódicos belo-horizontinos. No período pesquisado, o jogo protagonizado, sobretudo em Buenos Aires, constituía-se em uma referência importante para os periodistas da capital mineira. Nesse caso, vale ressaltar o ano de 1931 como momento importante para a posterior adoção do regime profissional no Rio de Janeiro e, meses depois, em Belo Horizonte. No referido ano, o profissionalismo foi regulamentado na Argentina, o que impactou sobremaneira o contexto futebolístico das cidades brasileiras citadas. Por esta razão, a pesquisa confere especial atenção ao ano de 1931, no intento de se buscar maiores compreensões sobre a adoção do regime nestas localidades dois anos depois.

Em um primeiro contato com os impressos encontrados nos diversos acervos em questão, vários títulos foram previamente selecionados, priorizando-se todos aqueles que eram constituídos por assuntos específicos sobre esportes e futebol e alguns que abordavam assuntos gerais do cotidiano da cidade. A segunda opção se deve a uma razão principal: a necessidade primordial de reconhecer o lugar analisado, o que, de fato, implica considerar mais do que o jogo de futebol e seus atores. Esta ação parte do entendimento de que tais periódicos são ricas fontes para o conhecimento da vida citadina, da sensibilidade de determinado período e local ou, nos dizeres de Williams (2003), da estrutura de sentimentos

---

<sup>24</sup> A pesquisa com a revista *El Gráfico* foi possibilitada por meio da realização do Doutorado Sanduiche na Universidade de Buenos Aires, entre o período de abril de 2015 a maio de 2016. O estágio foi financiado pela Capes (número do processo: 99999.010626/2014-00).

de uma época. Nas páginas dos jornais e das revistas entra-se em contato com um conjunto de características da cidade: vida comercial, formas de divertimento, solenidades sociais, fatos políticos, problemas corriqueiros do cotidiano, religião, vida estudantil, dentre outros.

Dois tipos de impressos foram, então, selecionados: os que apresentavam conteúdos gerais (divididos em seções com assuntos variados) e os especializados na temática esportiva ou em futebol. Dentro desse critério, foram excluídos os jornais que se concentravam em assuntos muito restritos, pois, embora pudessem também fornecer dados relevantes ao contexto estudado, alargariam demasiadamente o espectro de materiais pesquisados, o que inviabilizaria a realização da pesquisa. Seriam eles: os especializados em publicações científicas, em moda, em religião e os oriundos de instituições comerciais.

Por fim, em razão da grande quantidade de exemplares encontrados nos anos que compõem esse estudo, foi realizada, posteriormente, uma primeira etapa de seleção. Esta priorizou tanto revistas quanto jornais e se atentou a algumas particularidades dos mesmos. Nessa direção, foram selecionados impressos oriundos de diferentes linhas editoriais e com situações igualmente diversas, relacionadas a condições materiais de produção e de circulação. Assim, ao lado dos principais jornais e revistas existentes no período (balizando-se pelo número de exemplares, pelo tempo de existência e pela representatividade social), como o *Estado de Minas*, a revista *Bello Horizonte* e a revista *Alterosa*, visivelmente atrelados a segmentos mais favorecidos da cidade, figuraram entre os selecionados pequenos jornais, de circulação, tiragem e durabilidade mais restritas, como o jornal *A Tribuna* e *O amadorista*, por exemplo. Nesse caso, vale ainda ressaltar que a escolha também abarcou impressos que demonstravam pontos de vistas diferentes em relação ao amadorismo e ao profissionalismo no futebol. Como exemplo, o jornal *Estado de Minas* produziu um discurso majoritariamente favorável ao regime profissional, enquanto o jornal *A Tribuna* se dedicou, em inúmeras de suas edições, a criticar o novo regime<sup>25</sup>.

A escolha de jornais produzidos no Rio de Janeiro foi pautada pela percepção de um contexto de circulação de informações entre a capital do país e Belo Horizonte. O *Jornal dos Sports* foi o mais utilizado, pois durante a investigação verificou-se um forte diálogo entre este impresso e os jornais mineiros, sobretudo o *Estado de Minas*. Pode-se considerar que o periódico carioca influenciou sobremaneira a adoção do profissionalismo em seu próprio

---

<sup>25</sup> Uma pesquisa mais densa que abarcasse a composição da linha editorial de cada periódico, a fim de se obter melhores dados acerca da inserção social de cada um deles, poderia constituir uma vertente rica para este trabalho. No entanto, devido à quantidade de impressos e aos próprios objetivos da pesquisa que se desdobraram para uma quantidade grande de possibilidades de análise, esse intento não foi possível.

estado e em Minas Gerais. Vale ressaltar que o *Jornal dos Sports* foi comprado, em 1936, por Mário Filho, um dos grandes defensores do profissionalismo. No entanto, reportagens publicadas no ano de fundação do impresso, em 1931, já demonstravam um forte direcionamento para a implantação do novo regime. De certa forma, este dado relativiza a importância conferida à gestão de Mário Filho à frente do periódico como ação propulsora (e até mesmo protagonista) da adoção do profissionalismo no Brasil.

A opção por se trabalhar com uma grande quantidade de títulos se deve à própria característica da impressa da época. Muitos periódicos, especialmente os esportivos, possuíam duração muito curta ou não tinham todas as suas edições disponíveis para consulta. Esta situação inviabilizou a escolha por se trabalhar com apenas um ou outro título, pois as fontes coletadas poderiam ser insuficientes para atender aos propósitos da pesquisa. Além disso, esta atitude se relaciona com o propósito mencionado anteriormente, o de valorizar diferentes tipos de impressos como alternativa para se evitar uma análise restrita às grandes produções editoriais.

Neste momento, outra observação torna-se pertinente: a grafia dos documentos foi mantida em sua escrita original, ou seja, de acordo com a ortografia empregada no instante em que foram produzidos. Esta aclarção se faz necessária porque, em várias ocasiões, há uma diferença significativa das formas de escrita utilizadas no período pesquisado e na atualidade, o que implica não apenas a mobilização de uma “sensibilidade” para compreender os variados documentos, mas certo exercício de desapego (necessário) às normas que são empregadas hodiernamente. O uso da crase é um dos exemplos que soam incômodos ao leitor, por sua utilização de forma invertida. Se a norma ortográfica correta do período pesquisado recomendava tal uso, não foi possível aferir, mas era dessa forma que ela se apresentava nas diversas produções textuais.

A seguir, são apresentados os exemplares selecionados para a pesquisa, discriminados pela tipologia (jornais ou revistas), pela categoria (generalidades ou esportivos/futebol), pela temporalidade e por acervo.

### Quadro 1: Revistas

#### Categoría: generalidades

Título	Temporalidade	Acervo
Bello Horizonte <sup>26</sup>	1933-1947	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte Coleção Linhares
Alterosa	1939-1948	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte Coleção Linhares Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa
Metrópole	1937	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
Leitura	1939-1942	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
Revista Novidades	1944-1945	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
Vita	1913	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

### Quadro 2 – Revistas

#### Categoría: esportes

Título	Temporalidade	Acervo
El Gráfico	1919-1949	Biblioteca Nacional – Buenos Aires
Mackenzie	1949	Coleção Linhares
Olímpica – O Cruzeiro em foco	1949	Coleção Linhares
Olímpica – Revista Mensal Ilustrada	1944	Coleção Linhares

<sup>26</sup> Durante a década de 1940, a revista alterou sua grafia para “Belo Horizonte”.

América	1947-1950	Coleção Linhares
O Campeão – O Atlético em revista	1949	Coleção Linhares
Minas Tenis	1944-1945	Coleção Linhares
Minas Tenis Clube – Álbum de Vistas	1941	Coleção Linhares
Vida Esportiva	1946-1950	Coleção Linhares
Paysandú	1942, 1944	Coleção Linhares
Minas Esportiva	1944, 1945, 1946	Coleção Linhares

### Quadro 3 – Jornais

#### Categoría: generalidades

Título	Temporalidade	Acervo
Estado de Minas	1933-1949	Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa
Diário da Tarde	1910, 1932	Coleção Linhares
Folha da Tarde	1934	Coleção Linhares
Folha de Minas	1934-1949	Coleção Linhares Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa
A Tribuna	1933	Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa
A Capital	1921	Coleção Linhares
O Estado Novo	1938	Coleção Linhares
Gazeta Mineira	1939	Coleção Linhares
O Diário	1935	Coleção Linhares

### Quadro 4 – Jornais

#### Categoría: esportes

Título	Temporalidade	Acervo
Minas Sportivo	1939	Coleção Linhares
Minas Sport	1925	Coleção Linhares
O amadorista	1946	Coleção Linhares
A Raposa	1946	Coleção Linhares
A Tabela	1945	Coleção Linhares
O Terrestrino	1946	Coleção Linhares
O esporte em marcha	1949	Coleção Linhares
Diário Esportivo	1945-1946	Coleção Linhares
O Esporte	1936, 1949	Coleção Linhares
Folha de Minas Esportiva	1949	Coleção Linhares
Folha Esportiva	1930, 1946	Coleção Linhares
Jornal dos Sports	1931-1944	Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (RJ)
Sport Ilustrado	1933-1949	Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (RJ)

Importante destacar que o número de exemplares consultados não equivale necessariamente ao número total disponível de cada revista ou jornal, haja vista o corte realizado em função dos objetivos da pesquisa. Também é relevante sinalizar que muitos títulos não se encontram completos nos acervos pesquisados, até mesmo quando estão em mais de uma instituição mantenedora. No total, foram consultados 39 periódicos e utilizadas 383 reportagens neste trabalho.

Em se tratando da Coleção Linhares torna-se relevante considerar as dificuldades encontradas no longo percurso em que se processou o trabalho com a coleta dos impressos, narradas pelo próprio Linhares (1995). Na produção textual que acompanha a catalogação dos títulos há menção aos erros, enganos e omissões que, por ventura, pudessem ser encontrados no manuseio da coleção. Linhares ainda relata as decepções que teve ao se deparar com a má vontade e a incompreensão de proprietários ou editores de algumas publicações que se recusaram a fornece-lhe exemplares. Outra dificuldade sinalizada se refere aos jornais que produziram um volume muito grande de edições, tornando-se por vezes impossível o acúmulo

de todas elas. Ao justificar a falta da coleção completa dos exemplares do jornal *Folha de Minas*, Linhares (1995, p.319) justificou: “impossível colecionar todos os jornais diários”.

Como mencionado anteriormente, uma situação merece destaque: a própria característica da produção editorial da época e a natureza dos impressos, o que implica reconhecer que os mesmos, enquanto veículos de comunicação (tanto como produtos quanto como meios de produção), estão diretamente subordinados ao desenvolvimento histórico (WILLIAMS, 2011). Embora as décadas pesquisadas tenham sido profícias na criação e distribuição de revistas e jornais, a durabilidade dos mesmos nem sempre acompanhava tamanho entusiasmo e, desse modo, muitos impressos duravam apenas algumas edições. Ao manifestar o seu descontentamento em relação às revistas, Linhares (1995, p.465) assim escreveu:

Sorte ingrata e madrasta que persegue a nossa imprensa, principalmente no ramo das revistas, mais uma vez se fez sentir. Está provado que em Belo Horizonte só prosperam grandes empresas jornalísticas. Qualquer publicação que não estiver desta forma protegida só tem a esperar um fim, que é o fracasso. A iniciativa individual dificilmente vinga em nosso meio.

O problema também se estendia aos jornais. Vários deles só chegaram a produzir a primeira edição, o que levou Linhares (1995, p.418) a opinar: “E que ninguém se admire disso, por ser esta a sorte de nossa imprensa, desde os seus primeiros albores”. Para o colecionador, três era o número de azar da imprensa belo-horizontina, tendo em vista a grande quantidade de periódicos que encerravam seu expediente na terceira edição.

Dentre as revistas esportivas destacam-se a *América*, a *Olímpica – O Cruzeiro em Foco*, a *Vida Esportiva* e *O campeão – O Atlético em revista*, produzidas por torcedores, dirigentes e sócios destes clubes. A publicação da revista *América* se iniciou em novembro de 1947 e se encerrou em janeiro de 1950, compondo um total de doze números. Percebe-se a irregularidade de sua produção, dado o grande espaçamento temporal para o reduzido número de exemplares. Em sua primeira edição, verifica-se o seu intento: “Entregamos hoje aos americanos a sua revista. Inspirada na verdadeira alma alvi-verde, ela surge para representar como vem dito na capa, a voz de todos nós”<sup>27</sup>.

As revistas *Olímpica – O Cruzeiro em foco* (1949) e *O Campeão – O Atlético em revista* (1949) tiveram duração ainda mais reduzida, com quatro números para a primeira e apenas um número para a segunda. Sobre a *Vida Esportiva* (1946-1950), Linhares (1995,

<sup>27</sup> ENTREGAMOS hoje.... *América*, nov.1947, n.1, p.2.

p.428) ressalta que apenas os três primeiros números foram dedicados ao Atlético, tornando-se, posteriormente, “uma revista a serviço do esporte”. Este impresso uma quantidade maior de exemplares disponíveis na coleção (quinze volumes), e após a mudança de seus objetivos passou a retratar, de forma geral, a vida esportiva do estado, com destaque para o futebol. Já a *Olímpica*, em um primeiro momento, possuía em sua capa a informação adicional “Revista Esportiva Mineira”. Posteriormente, passou a agregar (a partir do segundo número), a seguinte descrição: “O Cruzeiro em foco”, tornando-se, segundo Linhares (1995), órgão exclusivo do Cruzeiro Esporte Clube.

Em relação aos jornais esportivos, embora poucos tenham sido os que retrataram de forma exclusiva o futebol, a maior parte deles abordava este esporte com especial protagonismo, como era o caso do *Minas Sportivo*, que “publicava-se aos domingos, logo após os jogos de futebol, cujos resultados divulgava” (LINHARES, 1995, p.371). Caso parecido é o do jornal *A Tabela*, “distribuído gratuitamente nos campos de futebol, por ocasião das partidas” (*idem*, p.399).

Dentre estes jornais, vale destacar o *Diário Esportivo*, que possui sessenta e quatro exemplares disponíveis para consulta. Em sua descrição, Linhares oferece uma importante pista sobre o protagonismo do futebol nos jornais esportivos e a relevância deste esporte na sociedade belo-horizontina na década de 1940.

Não é preciso proclamar que teve grande circulação, porque na época que atravessamos, o futebol a quase todos empolgou e tudo avassalou. E ai do jornal que não consagrar a este gênero de esporte desenvolvida seção. Se isso não fizer, verá irremediavelmente suas edições encalhadas nas agências e bancas (1995, p.414).

Também é importante salientar a existência do jornal *A Raposa* (1946), que se valeu da mascote do Cruzeiro Esporte Clube e se lançou ao público como a “palavra da torcida cruzeirense” (LINHARES, 1995, p.427). Embora a descrição de seu editorial forneça a impressão de que o periódico se dedicou aos esportes no geral, o futebol se configurou como uma temática central.

Convém sinalizar que os jornais dedicados a notícias gerais tinham o futebol como um conteúdo importante. Destes, vale destacar o *Estado de Minas*, publicado na capital belo-horizontina desde março de 1928. Ainda presente na atualidade, estabeleceu-se no decorrer dos anos pesquisados como um dos principais periódicos do estado. É o jornal com o maior número de exemplares publicados no período e disponibilizados para consulta. No ano de 1930 sua periodicidade já era diária e é possível perceber, desde esse momento inicial,

frequentes notícias sobre o futebol, que chegavam a ocupar a quase totalidade de uma ou duas páginas. Considerando que as primeiras edições das décadas de 1930 e 1940 contavam com o número aproximado de seis, oito ou doze páginas (dependendo do dia da publicação), uma página inteira destinada ao assunto constitui uma mostra significativa de sua expressão no período. O futebol figurava como a principal prática esportiva veiculada, fato mensurável tanto pelo expressivo número de reportagens quanto pela centralidade ocupada pelas mesmas no corpo das matérias e do jornal como um todo.

Além dos periódicos, outras tipologias documentais oriundas de arquivos institucionais e arquivos pessoais foram pesquisadas, a saber: Boletim informativo da Diretoria de Esportes de Minas Gerais (1949); Estatutos do América Futebol Clube (1937), Decretos do Conselho Nacional de Esportes (1941), fotografias (décadas de 1930 e de 1940), um vídeo do ano de 1948 referente à reinauguração de um dos estádios de Belo Horizonte, o Estádio Otacílio Negrão de Lima, pertencente ao América Futebol Clube<sup>28</sup>, mapas, revistas e livros. Lamentavelmente, os principais clubes de Belo Horizonte não possuem um acervo documental disponível para consulta, o que dificultou a utilização de arquivos institucionais. A maior parte da documentação citada foi disponibilizada por dois torcedores e por um jogador de clube amador que, gentilmente, cederam para consulta parte de seus arquivos pessoais. A maior presença de fontes relativas ao América (em se tratando dos clubes) é fruto da intenção manifestada logo no início da pesquisa de se buscar compreensões acerca de algumas das especificidades da história deste clube, especialmente sobre sua propalada resistência inicial à implantação do profissionalismo e sobre a troca de cor de seu uniforme no mesmo ano em que a mudança de regimes se processou.

Diante do exposto, os capítulos da presente tese foram organizados da seguinte forma:

**1) A cidade de belo horizonte: o futebol, o amadorismo e a modernidade relativa na “metrópole de alguma coisa”.** Este capítulo abordou algumas particularidades da história de Belo Horizonte, sua relação inicial com um estilo esportivo amador e com a prática do futebol. Objetivou-se analisar como os discursos sobre a apregoada modernidade belo-horizontina se alinharam às prerrogativas educativas e regeneradoras do esporte na

---

<sup>28</sup> No caso desse documento, o nome da pessoa que o forneceu (como parte de seu arquivo pessoal) será mencionado apenas com iniciais, em respeito ao próprio torcedor que se mostrou incomodado com a divulgação de seus dados.

formação de novos cidadãos, e como, progressivamente, o futebol foi se distanciando do modelo esportivo ideal, a partir de sua expansão e popularização.

- 2) **O advento do profissionalismo: um contexto de influências.** Este capítulo propôs analisar o momento em que se instaurou o regime profissional em âmbito mundial, com especial destaque às influências argentinas no processo de adesão ao novo regime no Rio de Janeiro e, por conseguinte, em Belo Horizonte. Destacou-se uma situação necessariamente imbricada por nuances que se revelaram no estudo de conexões locais-globais-locais.
- 3) **A dubiedade amadorismo-profissionalismo em Belo Horizonte na década de 1940: lugares, mesclas, intercâmbios e possibilidades.** Este capítulo se centrou nas especificidades do contexto futebolístico belo-horizontino na década de 1940, problematizando aspectos inerentes às mudanças e permanências observadas com o advento do profissionalismo. O olhar se direcionou para as problemáticas que compuseram esse cenário que, de uma visada geral, apontaram para um processo complexo que impactou tanto a vida de grandes e pequenos clubes quanto a prática do esporte na cidade.
- 4) **O América Futebol Clube e o profissionalismo: resistência vermelha?** Por fim, o último capítulo abordou a polêmica troca de uniformes do clube, momentos depois da implantação do novo regime em Belo Horizonte, veiculada nas versões oficiais como um protesto ao profissionalismo.

## 1 A CIDADE DE BELO HORIZONTE: O FUTEBOL, O AMADORISMO E A MODERNIDADE RELATIVA NA “METRÓPOLE DE ALGUMA COISA”<sup>29</sup>

A presença do futebol em Belo Horizonte dialoga com percepções veiculadas sobre a própria cidade e sobre a prática de esportes no período em questão. A moralização e a desmoralização do futebol (dinâmica que manteve uma relação de complementariedade e não de oposição) são produtos de significações mais ampliadas, que confrontam o cultivo de uma essência do “ser esportivo” condizente com uma ideia de corpo (com seus atributos físicos e morais), de civilização e progresso. O alcance da desejada modernidade belo-horizontina, apregoada desde os primeiros passos de sua construção, vislumbrou nos esportes uma das possibilidades mais concretas para a transformação da cidade e de seus habitantes.

Muitos são os trabalhos que tiveram como temática o momento inicial da história de Belo Horizonte, com abordagens variadas, relacionadas ou não aos esportes. Alguns deles serão abordados no decorrer deste trabalho. No caso específico desta pesquisa, o olhar recai sobre a prática esportiva no intento de problematizar como os valores e os princípios presentes na construção da cidade impactaram a vivência dos esportes como um ideal de vida e, mais precisamente, como o futebol foi inicialmente partícipe desse movimento e, posteriormente, excluído do mesmo, por passar a representar certo desvio em relação à forma esportiva desejada (intrinsecamente relacionada ao que se esperava da cidade e de seus novos cidadãos). Esta situação se torna relevante para pensar as mudanças percebidas no campo futebolístico, sobretudo quando o profissionalismo já se instituía como uma realidade concreta. Dessa forma, a menção a aspectos históricos de Belo Horizonte encontra sentido nesta investigação por meio da interlocução proposta pelas especificidades destacadas anteriormente.

Desde a idealização da nova capital foram pensados espaços para a vivência de esportes e de atividades ao ar livre, como demonstra a pesquisa de Rodrigues (2006). De acordo com a autora, em seu planejamento já havia a construção de um velódromo e de um prado de corridas. O Parque Municipal é o principal exemplo dessa empreitada inaugural (FIG. 1). Nele, de acordo com as memórias do historiador Abílio Barreto, prosperou a primeira mania esportiva da cidade, o ciclismo: “[...] a toda hora e principalmente às tardes, pelas ruas poentas da cidade ou pelos arruamentos e alamedas do Parque, desfilavam os ciclistas de ambos os性os, com garbo e elegância, montando as mais modernas máquinas dessa espécie então conhecida [...]”<sup>30</sup>.

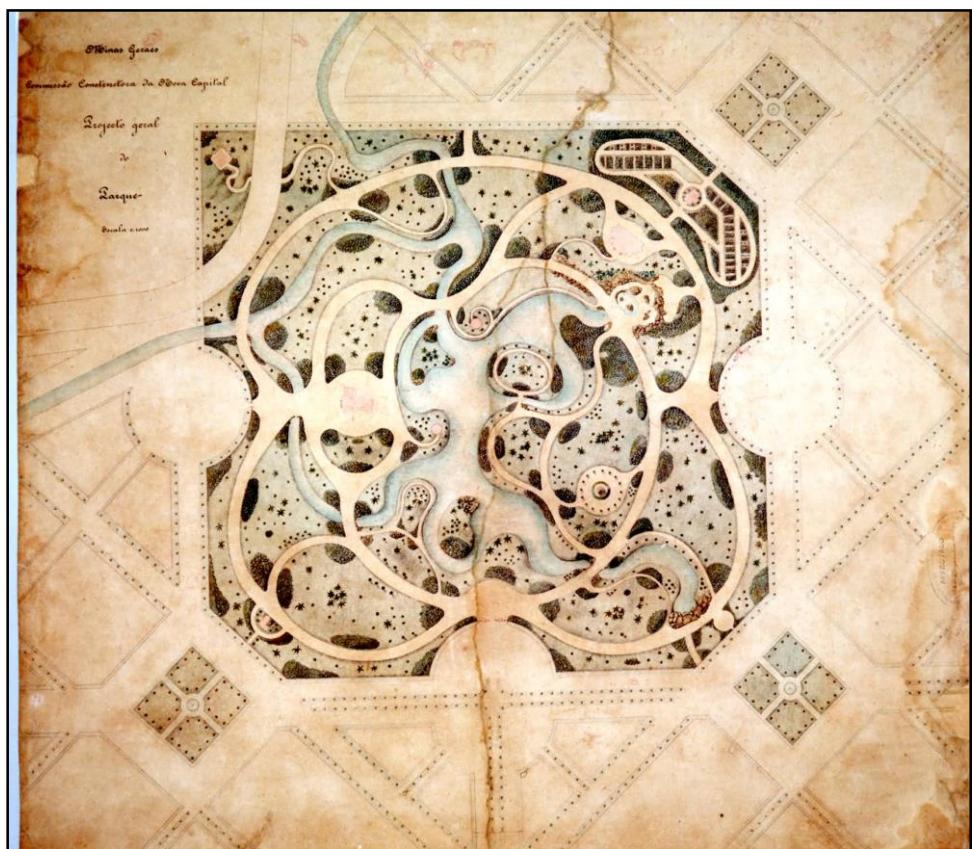
<sup>29</sup> BELLO Horizonte. 28 de out. 1933, n.10, p.6.

<sup>30</sup> BARRETO, Abílio. O ciclismo e o Velo Club. Alterosa, nov.1945, n.67, p.92-93.

Antes mesmo da inauguração da cidade, Barreto relata que a prática de andar de bicicleta já era realidade em 1896, protagonizada por um dos membros da Comissão Construtora da Nova Capital (C.C.N.C)<sup>31</sup>, o engenheiro Fernando Esquierdo.

Montado na sua bela e admirável máquina ‘Cleveland’, aí por voltas de 1896, ele, franzino [...] foi o único, durante algum tempo, que possuía bicicleta em Belo Horizonte. Depois outras bicicletas foram aparecendo, foi-se desenvolvendo o gosto por esse gênero de desporte, de sorte que, mudada a Capital de Ouro Preto para Belo Horizonte, o ciclismo tornou-se moda, fêz-se chic, exercitado por moços, velhos, senhoras e senhorinhas da melhor sociedade local. Assim como é distinto, presentemente, possuir e guiar um automóvel, assim era, naquele tempo, possuir e montar uma bicicleta<sup>32</sup>

Figura 1: Planta do Parque Municipal



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte: [www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br](http://www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br)

Anteriormente à iniciativa do ciclismo, Barreto assinala a tentativa de fundação de uma sociedade turfística e destaca: “o esporte nasceu entre nós quando a Capital ainda se

<sup>31</sup> A C.C.N.C foi formada por engenheiros, arquitetos, sanitários, políticos, dentre outros especialistas, no intento de se fomentar a construção da nova capital de Minas Gerais.

<sup>32</sup> BARRETO, Abílio. O ciclismo e o Velo Club. Alterosa, nov.1945, n.67, p.92-93.

denominava Minas”<sup>33</sup>. Segundo o memorialista, em 2 de janeiro de 1898, vinte dias depois de inaugurada a cidade, “realizava-se na redação d’A Capital, o segundo jornal aqui fundado, uma reunião bastante concorrida, com o fim de se fundar um clube de corridas”<sup>34</sup>. Entretanto, naquele momento a ideia não prosperou, vindo a ser efetivada somente em 1906, com a construção do Prado Mineiro.

Alguns anos após a fundação da cidade, os noticiários de Belo Horizonte sinalizavam a presença de outro esporte, o *foot-ball*. Tal como foi abordado na introdução deste trabalho, o chamado ‘*jogo de shoots*’ tem no ano de 1904 e na figura do estudante Victor Serpa suas marcações fundadoras. Versão também afirmada por Abílio Barreto em seus vários escritos sobre as origens do futebol na cidade.

Foi a 10 de julho de 1904 que se fundou em Belo Horizonte o ‘Sport Club Foot-Ball’, a primeira agremiação desse gênero de esporte que existiu na nova Capital de Minas. Coube ao acadêmico Victor Serpa, que já havia fundado em Ouro Preto, em novembro de 1903, o ‘Grupo Unionista’, decano do football em Minas, a glória da iniciativa de se fundar em Belo Horizonte, o ‘Sport Club’. Grande entusiasta e exímio jogador do esporte bretão, tendo vindo cursar a nossa Academia de Direito, apenas se relacionou no meio horizontino, tratou logo de congregar em torno do pensamento que havia tido – o lançamento do foot-ball na capital – um grupo de moços que, se haviam tão igual pensamento, não se tinham abalancado a dar-lhe corpo e organização<sup>35</sup>.

Percebe-se pelo trecho supracitado que o futebol já se fazia presente em outra cidade mineira antes de chegar à capital; situação distinta de outros centros urbanos brasileiros. A antiga capital, Ouro Preto, já contava com um time, descrito por Barreto como o primeiro do estado. Outra proposição que a escrita do memorialista sugere é a possibilidade de a ideia de se fundar uma equipe em Belo Horizonte já estar presente nos anseios de alguns jovens que, entretanto, não se mobilizaram para tal. Essa menção pode sinalizar a existência de um fluxo de informações sobre o futebol na cidade precedente à ação de Serpa, que pode ter relações com a circulação de notícias sobre este esporte advindas da capital do país ou de outras localidades onde a prática já estava em andamento.

Diante desse contexto, o mote primordial para a análise dos fatos referenciados é a constatação da existência de práticas esportivas já no momento inicial de construção de Belo Horizonte e, sobretudo, o desenrolar de prerrogativas que simbolizaram e significaram essas práticas no decorrer dos anos. Assim como outros esportes, o futebol foi partícipe da própria

<sup>33</sup> BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, out. 1945, n.66, pp.50,51.

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>35</sup> BARRETO, Abílio. Nasce o foot-ball na cidade. Alterosa, dez. 1945, n.69. P.134-135.

construção da cidade e de seu posterior desenvolvimento. Em 1904, a capital mineira ainda desenhava seus primeiros passos rumo a conquista do *status* de metrópole. O surgimento e a consolidação do futebol em Belo Horizonte é, significativamente, fruto de uma experiência maior vislumbrada em torno da prática esportiva e de suas finalidades, que se direcionavam para a formação dos cidadãos de uma cidade “que nasce como ‘filha única da República’, sendo construída sob os auspícios e a força de um projeto ‘positivista’ de ampliação e higienização do espaço urbano” (BOMENY, 1994, p.25).

### 1.1 A modernidade relativa

A capital fez annos este mez:  
 O Abilio sabe ao certo quantos fez.  
 Bello Horizonte é moço, vem surgindo,  
 Mas nem por isso deixa de ser lindo.  
 Ha muita ‘joven’ por ahi, bem sei,  
 Que ainda é do tempo de Curral d’EL Rey...  
 Do tempo em que Aarão Reis sobre a poeira  
 Traça a planta da cidade inteira.  
 [...] E o tempo foi rondando, foi passando,  
 Bello Horizonte foi se transformando...  
 Veio o ‘Benz’, veio após o ‘Chevrolet’  
 E a capital tornou-se isso que é...  
 Casas de typo A, de Typo B,  
 São muito raras, quasi ninguém vê...  
 [...] Hoje Bello Horizonte é diferente,  
 Tem outros modos e tem outra gente...  
 Tem cinemas de luxo e tem cafés,  
 Ha clubs de alta roda e cabarets.  
 Ha mais chic, a elegancia é bem maior,  
 As meninas imitam Joan Crawford!...  
 Ah! Nenhuma quer ser, eu bem sei,  
 A moça simples de Curral d’EL Rey<sup>36</sup>

Arquitetada para emergir como uma urbe moderna, a cidade planejada se ergueu nas terras de um antigo povoado chamado Curral D’EL Rey e, desde os primeiros momentos de sua idealização, nota-se a explícita intenção de se criar uma cidade-capital condizente com as novas orientações republicanas. Nas palavras de Julião (1996, p.49), “Belo Horizonte figura como obra simbólica de maior envergadura da República em Minas”.

Em seus registros, Barreto relata que após a proclamação do novo regime governamental em 1889, o “Clube Republicano”, então fundado em Curral d’El Rey, deliberou tirar da localidade “os últimos ranços da monarquia e obteve daquele governador

<sup>36</sup> DOM Ruy. Avenida. Bello Horizonte, dez. 1936, n.75, p.13.

provisório a mudança do nome pelo qual era conhecido havia quasi dois séculos”<sup>37</sup>. Com essa medida, Curral D’El Rey passou a chamar-se Belo Horizonte, “nome que manteve durante sete anos, pois inaugurada a nova Capital, esta recebeu a denominação de “Minas” e a reteve até 1901, quando uma lei do Congresso Mineiro restabeleceu a denominação de ‘Belo Horizonte’ para a nova cidade”<sup>38</sup>.

A necessidade de dotar Minas Gerais de um centro administrativo compreendido e visto como moderno, de acordo com as tendências vislumbradas em outras metrópoles mais antigas e consolidadas, era premente. Para Carvalho (2005, p.64) a simbologia da modernidade conferida à capital refletia-se nas “linhas geométricas de seu traçado urbano, em forma de tabuleiro de xadrez, no cartesianismo de sua concepção, à maneira do Barão de Haussmann, reformador de Paris, e de L’ Enfant, planejador de Washington, e na designação de áreas específicas para indústrias” (FIGs. 2 e 3).

Na figura 2, percebe-se uma planta com características mais rústicas, mas que já era capaz de sinalizar as demarcações geométricas do tabuleiro de xadrez; reflexo da tentativa de um planejamento urbano minucioso e uniforme. Com destaque apenas para a área urbana, pode-se localizar o parque municipal (na parte inferior da planta). Já na figura 3, têm-se um projeto mais elaborado, com a clara delimitação entre a zona urbana (em amarelo) e a zona suburbana (em cinza). A parte central, a urbana, foi planejada para concentrar a quase totalidade dos serviços e das instituições da cidade, como escolas; estabelecimentos comerciais; as primeiras linhas de bonde; as áreas abertas para a vivência de lazer e esportes, como o parque municipal (destacado em verde) e algumas praças; dentre outros empreendimentos. É perceptível que a zona suburbana, naquele momento, oscilava em partes que já contavam com algum planejamento e outras aparentemente desordenadas. Foi nessa área que posteriormente foram criados espaços específicos para indústrias. Também o Prado Mineiro, construído em 1906, localizava-se na zona suburbana, o que demandou à época, a construção de uma linha de bonde específica para levar o público assistente àquela localidade<sup>39</sup>. No entanto, a maior parte das práticas esportivas pioneiras da cidade, incluindo o futebol, foi criada dentro dos limites da zona urbana.

<sup>37</sup> BARRETO, Abílio. Uma noite de Natal. Alterosa, 21 de dez., n.21, 1941, p.78.

<sup>38</sup> Idem.

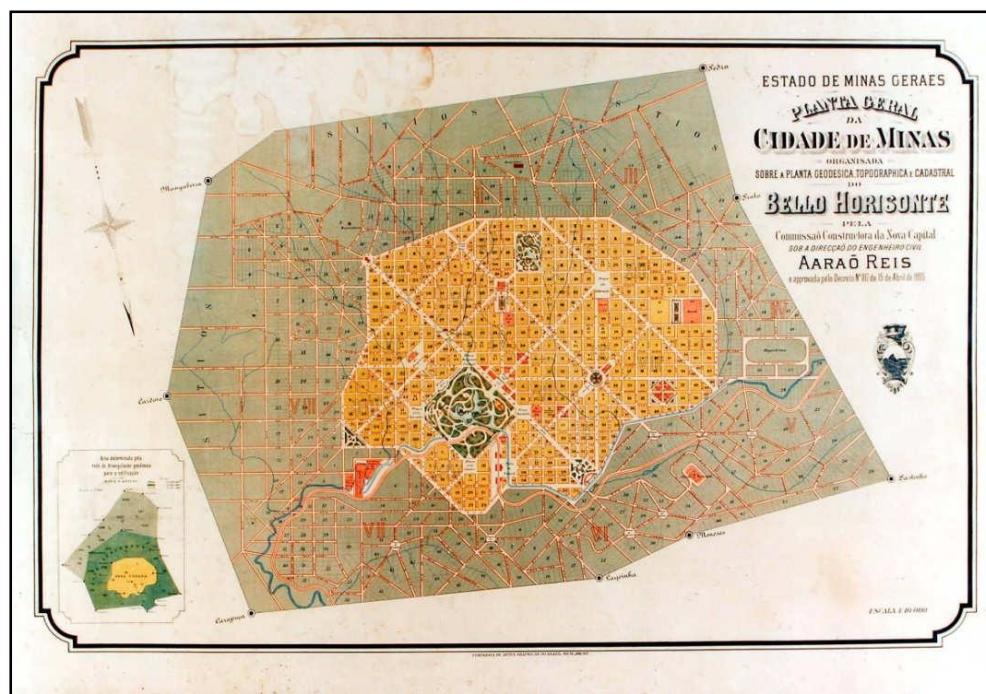
<sup>39</sup> BONDES para... O Estado de Minas, 19 de abr. 1906, p.2.

Figura 2: Planta da Cidade de Minas



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte <http://www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>

Figura 3: Planta da cidade de Minas.



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte:  
<http://www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>

Além das influências relatadas por Carvalho (2005), outras experiências citadinas se fizeram presentes no delineamento do plano arquitetônico de Belo Horizonte, como é o caso da cidade argentina de La Plata. Uma carta escrita no ano de 1894 pelo engenheiro-chefe da C.C.N.C, Aarão Reis, endereçada a um brasileiro residente na Argentina, Dr. Fernando Osório, demonstrava o interesse de Reis no intercâmbio de informações que pudessem lhe auxiliar na consecução da nova capital:

[...] Acho-me encarregado, pelo Governo do Estado de Minas Gerais, da direcção technica e administrativa da Comissão Construtora da Nova Capital e, no intuito de dar a semelhante trabalho a máxima perfeição, desejo colligir tudo quanto, no estrangeiro, possa guiar-me bem. E por isso, tomo a liberdade de solicitar de V Exc., que se acha colocado na Republica Argentina nas melhores condições, o especial obsequio de obter e remetter-me quaesquer dados relativos ás grandes cidades dessa República, que me possam ser uteis, taes como: plantas, vistas, memorias, dados estatísticos, descripções technicas, regras e posturas municipaes, legislação e regulamentação policial, disposições sanitárias e hygienicas, etc. É minha tenção aproveitar a primeira folga, que me permittam os meus arduos encargos aqui, para dar um pulo até ahi e examinar 'de visu' as grandes e bellas cidades modernas do Prata, e para essa projetada excursão, já convidei até o Dr. Afonso Penna<sup>40</sup>, para irmos juntos [...]<sup>41</sup>.

Arruda (2012), ao realizar um estudo histórico comparativo entre a construção das cidades de Belo Horizonte e de La Plata, relata que a segunda serviu ao engenheiro Aarão Reis como uma das referências no planejamento e na edificação da nova capital mineira, junto a outras metrópoles já mencionadas, como Washington e Paris, acrescentando-se Londres. De acordo com o autor, La Plata se destacava aos olhos dos mineiros pelo seu desenho, pela regularidade, pela linearidade e pela busca da harmonia dos espaços. Esta cidade, segundo Arruda (2012, p.100), foi “planejada seguindo os padrões da urbanística moderna, que prescreviam a beleza e a salubridade dos espaços como elementos fundamentais para o bem-estar nas populações”. O traçado de Belo Horizonte, em especial o modelo tabuleiro de xadrez, “concebido como uma constante urbanística histórica” (ARRUDA, 2012, p.102) também pode ser considerada uma das influências da cidade argentina.

Ainda sobre o projeto de criação da nova capital mineira, Julião (1996, p.64) ressalta que a cidade, na visão de seus idealizadores, aparecia como “signo de um novo tempo; centro de desenvolvimento intelectual e de novas formas de riqueza e trabalho”. Estas visões também eram frequentemente veiculadas nos periódicos pesquisados. Imagens de Belo

<sup>40</sup> O Dr. Afonso Penna, referido por Araão Reis, era membro do Partido Republicano Mineiro e ocupou o cargo de presidente de Minas Gerais entre os anos de 1892 e 1894. Anos mais tarde, em 1906, foi eleito presidente da república. Uma das principais avenidas de Belo Horizonte possui seu nome.

<sup>41</sup> DUAS cartas da história de Belo Horizonte. Leitura, dez-fev. 1940, n.8, p.11.

Horizonte como “foco irradiador da civilização e do progresso”, como “lugar higiênico e elegante, capaz de consolidar um poder vigoroso e assegurar a unidade política do Estado”<sup>42</sup> refletiam a produção de uma história heroica, centrada na ação progressista de transformação de um arraial primitivo e colonial em uma metrópole republicana civilizada.

Comparações eram realizadas entre a nova cidade criada e a antiga capital mineira, Ouro Preto. O jornal *Diário da Tarde* publicou uma reportagem no ano de 1910 em comemoração aos 13 anos de Belo Horizonte, intitulada “A cidade moderna”. Nela, essa relação foi assim apresentada:

[...] ao contrario das suas irmãs, surgiu já prompta dessas metamorphoses só explicaveis na Fabula [...]. Cidade moderna, toda agitada por uma febre de trabalho, ella se alardea soberba e garrida, como uma noiva, entre as suas velhas e legendárias irmãs, com elas formando um contraste violento e ao mesmo tempo commovedor [...]. A vetusta e ancestral Ouro Preto não olhava, é certo, até ha bem pouco tempo, pelo menos, com muito bons olhos, a jovem e garbosa irmã que lhe usurpou os foros de capital: não lhe agradavam de certo, as aprasiveis avenidas largas e banhadas de sol e luz, margeadas de palacetes, da nova urbe, tão em contraste com suas viellas estreitas e coloniaes, onde velhos e inestheticos pardieiros põem a mancha merencoria e escura da civilisação já morta. [...] Belo Horizonte, com todo o espírito moderno e yankee que a anima, é o presente e o futuro com todas as suas risonhas e promissoras esperanças<sup>43</sup>.

No trecho supracitado, percebe-se a incapacidade de Ouro Preto, velha cidade colonial, representante do tempo escravagista e do já obsoleto ciclo do ouro, de se manter como a capital de um estado que necessitava se adequar aos novos ordenamentos republicanos e se inserir no “espírito moderno” que se alastrava no território brasileiro no final do século XIX. A abolição da escravidão, a proclamação da república e outras mudanças econômicas e sociais, como a migração em massa, o aumento populacional do contingente urbano, o incremento comercial e o investimento na construção de indústrias, alteraram sobremaneira o cenário de grandes capitais do país, como por exemplo, Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Manaus e Salvador. Esses fenômenos podem ser considerados desdobramentos do que Sevcenko (1994) denomina de Revolução Científico-Tecnológica<sup>44</sup>. Assim, Belo Horizonte

<sup>42</sup> *Idem*.

<sup>43</sup> O ANNIVERSARIO da capital. *Diário da Tarde*, 12 de dez. n.192, p.3.

<sup>44</sup> Para Sevcenko (1993, pp. 81, 82) a Revolução Científico-Tecnológica, também denominada de Segunda Revolução Industrial, abarca um processo de mudanças intensas experimentadas especialmente a partir da década de 1870. Esse processo, segundo a autor, resultou “numa imensa escalada do investimento capitalista, que cresceu em volume e amplitude, permitindo a formação dos modernos complexos industriais baseados na administração científica e na linha de montagem. Esse princípio de produção em massa se expandiu até assumir proporções globais, alcançando, em sua ânsia por matérias primas e por novos mercados, as mais remotas regiões do mundo, até então intocadas pelo investimento capitalista. Como consequência, ocorreram movimentos de migração em massa numa escala jamais vista antes na história. Forçadas pela superexploração e pela pobreza extrema dela decorrente, essas massas encaminharam-se para as novas fronteiras da expansão capitalista, como

foi criada diante de circunstâncias que já se faziam presentes em outras localidades; situações que, possivelmente, serviram-lhe de referência. Modernidade, febre, agito e trabalho foram as características elencadas para descrever o desenvolvimento desejável da “nova urbe” mineira. Nota-se, ainda, a utilização do termo “yankee”, referente aos Estados Unidos, como uma das qualidades do que se entendia como moderno.

Nas palavras de Abílio Barreto também podem ser vislumbrados alguns dos argumentos mobilizados para a construção da cidade, que sinalizavam as necessidades de ruptura com um modelo urbano ultrapassado, simbolizado pela capital predecessora.

[...] Mas, desde os tempos coloniais, compreenderam os mineiros, em sua maioria, que aquela venerável e tradicional cidade, nascida ao acaso, em região alpina, inadequada para o desenvolvimento de uma grande metrópole á altura de um povo cônscio de seus destinos altanados no concerto da nacionalidade – teria de perder, algum dia, os seus fóros de Capital, cedendo lugar a outra, que realizasse o belo sonho, a justa aspiração da gente montanhêsa<sup>45</sup>.

Havia um tom de deslumbramento na descrição da nova cidade, que Barreto resumiu como “incontestavelmente, a maior gloria e o mais legítimo orgulho da gente montanhesa”<sup>46</sup>. O memorialista enumerou em alguns textos as denominações que atestava ter recebido Belo Horizonte por personalidades reconhecidas à época: “a ‘cidade Vergel’, como a classificou Coelho Neto, o ‘Miradouro do Céu’, como a definiu Paulo Barreto, a ‘Cidade Certa’, como a julgou Monteiro Lobato [...]”<sup>47</sup>. Barreto ainda complementou seus escritos com a seguinte informação: “Monteiro Lobato, visitando-a outro dia, sentiu-se maravilhado e só encontrou a ela comparável em beleza e sistematização de traçado, a grande Washington, capital dos Estados Unidos”<sup>48</sup>.

Publicações semelhantes se fizeram presentes em vários impressos pesquisados, especialmente nas reportagens destinadas a comemorações do aniversário da cidade. Pode-se destacar a revista *Bello Horizonte*, que dedicou em vários de seus números, textos referentes

---

plantações, zonas de mineração ou áreas industriais concentradas e de crescimento rápido, e aí se estabeleceram aos milhões, dando origem às megalópoles do século XX”. Sevcenko cita como exemplo a cidade de São Paulo, “em si mesma um subproduto das lavouras de café”, como exemplo “assombroso dessas megalópoles que se multiplicaram rápida e inesperadamente, como cogumelos após a chuva”. Diante desse contexto, o autor não se exime de mencionar as mazelas e o caos desse processo de “inchação” urbana, que submeteu a população a “opressões e privações inimagináveis” (p.87). Este fato pode ser pensado em outras realidades brasileiras, incluindo Belo Horizonte em um momento posterior, por meio de suas políticas progressistas de crescimento urbano.

<sup>45</sup> BARRETO, Abílio. Belo Horizonte e sua história. Leitura. 1940-1941, n.8, pp. 19-22.

<sup>46</sup> *Idem*.

<sup>47</sup> *Ibidem*.

<sup>48</sup> *Ibidem*.

à história de construção da capital, enaltecendo o espírito guerreiro do povo mineiro. Em um registro datado de 1936, intitulado “Cidade das montanhas”, é possível perceber algo que seria corrente nos textos da imprensa: a comparação de Belo Horizonte com outras cidades, seja para enaltecer as suas especificidades, seja para criticar os seus problemas ou as suas insuficiências.

[...] As cidades, na quasi absoluta totalidade, nascem e crescem por vários fatores: por servirem de pouso aos viajadores, por exploração extractiva ou industrial, por necessidade ou contingencias outras que se vão acumulando gotta a gotta, assim nascem e crescem. Tu, não – foste ideada, construída e desenvolvida por determinação: as outras foram por força das circunstancias – Tu, pelo desejo firme de um pugillo de antecipadores do futuro [...] Cidade das montanhas! Substituiste um pobre burgo – Trazes a seiva da boa e fecunda terra montanhesa. – Por isso es, hoje, já uma grande metrópole operosa, com cento e setenta mil almas [...]<sup>49</sup>.

Em outras reportagens da mesma revista, veiculadas na década de 1940, apelos discursivos análogos podem ser localizados.

[...] Os mineiros demoliram um pequeno arraial e construíram no seu lugar uma cidade, partindo desde a terraplenagem. Hoje ela é uma das maiores do Brasil, a mais bella talvez, culta e próspera<sup>50</sup>.

Em 1897, os mineiros tinham acabado de destruir um arraial, e em seu logar inaugurado uma cidade, destinada a ser metrópole da gente montanhesa. Dahi até hoje são apenas quarenta e tres annos [...] Hoje, bem mais de duzentos e vinte mil habitantes [...]<sup>51</sup>.

[...] No local do velho casario do arraial de Curral d’El Rey construiu-se uma moderna cidade cujo progresso tem sido acelerado e contínuo, sendo hoje, uma das maiores cidades do Brasil, pelo progresso material e por ser também um magnifico centro cultural<sup>52</sup>.

[...] no local de uma velha e pequena povoação, ergueu uma rica, grande, culta, progressista e bela cidade, onde mourejam trezentas mil pessoas. Uma das maiores e mais esplendorosas cidades do país [...]<sup>53</sup>.

<sup>49</sup> CIDADE das montanhas. Bello Horizonte, dez.1936, n.75, p.39.

<sup>50</sup> 12 de DEZEMBRO, a data anniversaria da cidade. Bello Horizonte, jan.1940, n.111, p.21.

<sup>51</sup> BELLO Horizonte: symbolo de trabalho, tenacidade e optimismo. Bello Horizonte, agost. 1940, n.119, pp.20-21.

<sup>52</sup> COMEMOROU Belo Horizonte seu 48º aniversário. Belo Horizonte, jan.1945, n.179, p.87.

<sup>53</sup> A METROPOLE da gente mineira. Belo Horizonte, agost.1946, n.184, p.20.

Entretanto, tais percepções conviveriam com outras muito antagônicas, produzidas em período similar. Para outros “olhos” daquela época, Belo Horizonte ainda era uma cidade simples, rotineira, poeirenta, vazia e que pecava pela falta de divertimentos. Ainda nos 1930 e 1940, a nova capital dos mineiros procurava superar os ranços de um provincianismo incômodo, que emperrava os intentos modernizadores propostos desde o momento de sua criação. Em princípios da década de 1930, uma das reportagens a designou como a “cidade do tédio”.

Bello Horizonte é denominada, com razão, a cidade do Tedio. Pobre de diversões, a cidade, á noite, é um enorme amontoado de casas adormecidas, sobre ruas desertas e sombrias. Temos por unica diversão o cinema, que não passa de um monopólio revoltante, onde tudo é levado em conta, menos o interesse do publico, que é escorchado impiedosamente. [...] E mau cinema, porque o commum dos programmas é constituído de fitas já ha varios anos exhibidas, em reprises enfadonhas e soporíferas<sup>54</sup>.

Em outro texto, fruto da reprodução de uma conversa (possivelmente fictícia) entre um mineiro e um carioca que estava de visita a Belo Horizonte, desnudam-se características ambíguas da cidade no mesmo período.

Espirito investigador, pipocava-me de perguntas acerca da actualidade e progresso de Bello Horizonte. E eu satisfazia-o, falando-lhe do Cine-Brasil e seus milhares de poltronas; da média de oito casas construídas diariamente; do que representaria a futura ligação ferroviaria com a Victoria-Minas, etc., etc. Passavamos, então, pelo salão de engraxar e convidei-o a lustrarmos os nossos sapatos. – De facto, a poeira aqui é mais amarela do que no Rio, respondeu-me elle. Lá, o asfalto vira em pó côn de cinza<sup>55</sup>.

Para o interlocutor principal, a construção do Cine-Brasil era sinônimo de adiantamento para Belo Horizonte, motivo de fala orgulhosa, que parecia colocar em um mesmo parâmetro de comparação a construção da ferrovia. Em contrapartida, após o anúncio do progresso, mencionava-se a poeira amarela da cidade, aparentemente menos “evoluída” do que a do Rio de Janeiro. Completando as ambiguidades, ao final da reportagem havia o seguinte diálogo, iniciado pelo amigo carioca: “– Não ha mais nada de interessante e typico por aqui? – Como não! Contestei eu. Tivemos uma onça que comia cabritos alli pelo bairro da Floresta. E houve mais: um phantasma, fantasiado de moça, aparecia em outro bairro: na

<sup>54</sup> CIDADE do tédio. Bello Horizonte. 09 de nov.1933 n.11, p.29

<sup>55</sup> ESPIRITO investigador... Bello Horizonte. 16 de nov.1933, n.12, p.1.

Serra”<sup>56</sup>. Em meio à anunciação do progresso e da civilidade, emergiam onças e fantasmas no cotidiano citadino.

Nesse contexto, o cinema parecia figurar como uma das mais importantes diversões de Belo Horizonte na década de 1930. Em outra reportagem, o Cine Brasil aparecia destacado como uma das “melhores casas de diversão da America”<sup>57</sup>. O edifício Brasil, onde se localizava tal cinema, foi citado na ocasião de sua construção como um “marco na historia do commercio de Minas Gerais [...]”, assinalando “a epoca da evolução do negociante mineiro”<sup>58</sup>. Entretanto, o mesmo emblema de desenvolvimento citadino – o cinema – também foi protagonista de uma crônica provocadora que colocava em xeque o seu caráter progressista, as possibilidades desse divertimento na capital e a própria ideia de evolução da cidade. Intitulado “Bilhete para Walt Disney”, o texto reclamava a ausência do personagem *Mickey Mouse* em Belo Horizonte:

O que não se comprehende, Walt Disney, é que seu ‘little mouse’ appareça somente para determinados privilegiados. Não sei si você ja teve conhecimento de um facto gravíssimo: os seus desenhos, que marcam uma época na cinematographia; os seus desenhos, que vão perpetuar o seu nome, tão notaveis e apreciados elles são, não vêm a Bello Horizonte. Ninguém, até hoje, nesta capital explicou a razão por que Mickey ainda não nos fez a sua primeira visita, tão ansiosamente esperada. E eu fico matutando, matutando, até que vêm á cabeça questões de sciencia das finanças, como seja a da concorrência [...]”<sup>59</sup>.

Na década seguinte, o cinema ainda teria centralidade nas discussões acerca dos divertimentos da cidade. O simbolismo que o atribuía ao progresso permanecia, como é o caso da reportagem que enaltecia a construção de inúmeras salas em diversos bairros: “[...] Cinemas que colocam a capital mineira à altura de qualquer outra capital [...], no trabalho de nosso progresso e de nossa civilização”<sup>60</sup>. Belo Horizonte, por meio do cinema, poderia emparelhar-se, “sem nenhuma dúvida, com as principais capitais da América do Sul”<sup>61</sup>.

O cinema chegou a ser mote de outra reportagem, publicada já no final da década de 1940, que afirmava, novamente, que Belo Horizonte era uma “cidade sem divertimentos”. Ao criticar as carências observadas no teatro e na música, o autor do texto contrastava o crescimento “vertiginoso” da capital com a escassez de iniciativas no “terreno cultural”<sup>62</sup>.

<sup>56</sup> *Idem*.

<sup>57</sup> DIAS, Juventino. Os homens que fizeram o cinema Brasil... Bello Horizonte, 16 de nov. 1933, n.12, p.6

<sup>58</sup> *Idem*.

<sup>59</sup> BIMBO. Chronica cinematográfica: Bilhete para Walt Disney. Bello Horizonte, 16 de nov. 1933, n.12, p.3.

<sup>60</sup> ENTREGUES á população as novas e modernas instalações do Cine Brasil. Alterosa, agost.1943, n.40, p.90.

<sup>61</sup> *Idem*.

<sup>62</sup> PRAÇA Sete. Belo Horizonte, jun. 1947, n.185, p.1.

[...] Nada além do cinema. O ambiente musical não se movimenta mais do que uma vez por mês, através do concerto da Orquestra Sinfônica. E onde está teatro mineiro? Praticamente não existe. Aí estão muitas vocações dramáticas sem uma ‘chance’, de vez que não se organiza um movimento sério no sentido de evitar que o teatro na Capital de Minas seja uma sequencia de avanços e recuos. Muito entusiasmo e idealismo nos artistas universitários, mas suas iniciativas não tem continuidade. E os poderes públicos não apoiam em nada. Não é possível fazer milagres. E Belo Horizonte, que está crescendo vertiginosamente, não tem progredido no terreno cultural. Chegou a um elevado grau de desenvolvimento intelectual, mas este ha muito se encontra estagnado, á espera de que um sôpro vigoroso e sadio de renovação arraste para bem longe as águas do marasmo e da mediocridade<sup>63</sup>.

Alguns anos antes, outra reportagem já havia sinalizado a ausência de um teatro popular na cidade, como uma “estranya lacuna em nosso progresso”<sup>64</sup>. Em Belo Horizonte, designada como “centro de convergência de grande número de forasteiros de todo o Estado”, esta falta fazia-se notar, na opinião do colunista, pelas pessoas que visitavam a capital. O texto mencionava a construção do Palácio das Artes, iniciada em 1941 durante a administração do prefeito Juscelino Kubistchek, como importante feito, mas que, “ao que tudo indica, [...] se destina à apresentação de temporadas líricas e de conjuntos de fama internacional, cujos ingressos, provavelmente, não estarão ao alcance de todas as classes sociais”<sup>65</sup>.

Reportagens como estas demonstravam um cenário de ambiguidades. Havia certa ressonância nas vozes que promulgavam e atestavam o progresso belo-horizontino. Porém, havia dissonâncias; vozes que também construíam outra percepção da cidade que escapava dos intentos de seus projetos inaugurais. Procurava-se enumerar as ações realizadas na cidade como indicativo factível de seu crescimento, porém, alguns predicados veiculados em determinadas reportagens como símbolo da modernidade citadina eram rechaçados em outras, que sugeriam a superação da vulgarização de seu uso. Em uma das edições da revista *Bello Horizonte*, do ano de 1937, percebe-se uma mescla de características bucólicas associadas à capital e de propriedades sinalizadoras do que se compreendia como nova etapa de progresso:

Bello Horizonte, esta cidade bonita e encantadora que os poetas cantam em versos e os compositores em música – cidade das árvores verdes e frondosas, das montanhas majestosas e das avenidas largas e bem traçadas, é também neste momento a cidade progresso, vertigem, dynamismo – trabalho. As ruas e avenidas são rasgadas em todas as direções; o asfalto avança célere por todos os lados; o borborinho das ruas é quasi um delírio – as fabricas erguem para as alturas as suas

<sup>63</sup> *Idem*.

<sup>64</sup> MIRANDA; CASTRO. A capital exige um teatro popular. Alterosa, jul.1943, n.39, p.37.

<sup>65</sup> *Idem*.

cupolas negras e as chaminés enfumaçadas – as industrias brotam e florescem aqui e acola [...]<sup>66</sup>.

Em reportagem publicada na revista *Minas Tenis*, na década seguinte, observa-se combinação semelhante.

[...] Belo Horizonte! Não! Não é uma cidade. Porém um bosque em flor crivado de vivendas! Dois gigantes da prosa, e um jornalista e um poeta. Já disseram de ti as frases mais formosas. És ‘cidade vergel’, es a ‘cidade reta’, ‘miradouro dos céus’, ‘acrópole das rosas’... Retilineas, sem fim, as ruas e avenidas. Multiplicam-se, vão para todos os lados. E, numa sucessão de vivendas floridas. Espalham-se, povoando os bairros sossegados [...]. É o progresso, com seus tumultos e rumores - a rodar, buzinar, veículos infrenes. Garotos de jornais, pregões de mercadores. E das fabricas, rouco, o apito das sirenes<sup>67</sup>.

No entanto, a maior parte das produções textuais centraram suas narrativas na descrição e no enaltecimento de atributos contemporâneos da cidade, ou seja, do período histórico em que as próprias reportagens se inseriam. Os elogios ao seu desenvolvimento ocupavam número significativo de páginas nos variados impressos, especialmente nas revistas, com insistente destaque às ações governamentais. Na opinião de Barreto<sup>68</sup>, o início do maior surto de progresso de Belo Horizonte se deu a partir de 1935, no governo municipal de Otacílio Negrão de Lima (1935-1938/1947-1951) e na gestão estadual de Benedito Valadares (1933-1945).

Outras reportagens, entretanto, conferiam à municipalidade de Juscelino Kubitschek (1940-1945) a maior façanha progressista da história belo-horizontina. A cidade chegou a ser denominada “majestosa capital” de “curta existência”, que poderia se “enfileirar entre as maiores metrópoles do país, em todos os setores da atividade humana”<sup>69</sup>. Um destaque desta publicação é a menção à inserção da cidade no “século do ferro e do cimento”. Tal designação se assemelha aos dizeres de Carvalho (2005) em uma de suas abordagens sobre a história de Minas Gerais. Para o autor, pode-se destacar três fases no desenvolvimento do estado, denominadas por ele de: a “Minas do ouro”, a “Minas da terra” e a “Minas do ferro”. A primeira refere-se ao passado colonial, representado, especialmente, pelo ciclo do ouro da antiga capital Ouro Preto. A segunda destina-se a caracterizar a fase posterior à implantação da república que, mesmo sob os auspícios do progresso e do desenvolvimento industrial, manteve-se arraigada na produção agrícola e nas grandes oligarquias. Já a terceira sinaliza o

<sup>66</sup> OS PLASMADORES da belleza architetonica da cidade-vergel. Belo Horizonte, jan. 1937, n.77, p.32.

<sup>67</sup> TURISMO: Belo Horizonte. Minas Tenis, jan. 1944, n.2, pp.30-31.

<sup>68</sup> BARRETO, Abílio. O vertiginoso evoluir de Belo Horizonte. Belo Horizonte, agost. 1944, n.166, p.42.

<sup>69</sup> BELO HORIZONTE espelha a intensidade ... Belo Horizonte. 22 de jan.1942, n.22, pp.74-75.

momento em que Minas abre-se aos investimentos externos e incrementa o setor secundário e terciário de sua economia. Para o autor, as investidas da “Minas do ferro” se concretizaram especialmente na década de 1940.

[...] a capital mineira de hoje pode oferecer aos olhos de seus visitantes o atestado vivo de sua integração no século do ferro e do cimento, cortando os céos com seus magníficos edifícios públicos e particulares, deliciando o homem com o espetáculo de suas belíssimas praças, suas largas e bem calçadas avenidas, suas modernas e confortáveis casas de diversões e todo esse gigantesco aparelhamento que a mão do homem sabe levantar, para a satisfação absoluta de suas necessidades no vertiginoso tempo que vivemos<sup>70</sup>.

Outra característica muito presente nas reportagens sobre a cidade era a necessidade de se estabelecer parâmetros comparativos com outras metrópoles do país e do mundo, prerrogativa que também se manifestaria nas transformações do cenário futebolístico da capital, como será problematizado posteriormente. Um olhar “do outro” e um olhar “para o outro” se faziam frequentes nas narrativas midiáticas. A concretização da modernidade, do progresso e da civilização adquiriram sentido, sobretudo, na comparação. Nesse caso, ao se compreender esses predicados como elementos distintivos que se desejava veicular, pode-se considerar que as suas propriedades só existiam “na e pela relação, na e pela diferença” (BOURDIEU, 2007, p.212). Em edições da revista *Belo Horizonte* observa-se, corriqueiramente, tal empreitada. A cidade, designada como “o mais eloquente e vivo atestado da capacidade realizadora dos mineiros, não só pela construção da urbs como também pelo acelerado crescimento”<sup>71</sup>, vangloriava-se por alinhar-se “entre as primeiras cidades brasileiras, pela sua população, pelo seu progresso material, pelos serviços públicos de toda espécie, pelo desenvolvimento cultural”<sup>72</sup>.

Em outro registro, a capital mineira destacava-se por se ombrear “com as mais adiantadas cidades do país e mesmo do continente”<sup>73</sup>, constatação que se devia à dotação de “todos os recursos e meios de conforto da vida moderna, [...] um apreciavel parque industrial, extenso e intenso comercio, grande centro educacional, [...] associações e organizações de pesquisas e estudos”<sup>74</sup>. Em outra produção textual, a menção à uma possível recepção externa era aclamada: “A cidade, com seus encantos, com sua vida alegre e festiva, com seu clima

---

<sup>70</sup> *Idem*.

<sup>71</sup> 12 de DEZEMBRO, a data anniversaria da cidade. *Belo Horizonte*, jan.1940, n.111, p.21.

<sup>72</sup> *Idem*.

<sup>73</sup> REGISTRO. *Belo Horizonte*, jan,1943, n.148, p.3.

<sup>74</sup> *Idem*.

admirável, representa um centro como poucos que existem no Brasil. [...] Em curto prazo, se transforma no que os paulistas chamam de ‘Capital da Arte do Brasil’<sup>75</sup>.

A importância do olhar externo também se mostrava relevante na revista *Alterosa*. Em um de seus artigos tem-se uma dimensão mais ampliada dessa produção discursiva.

Em dezembro de 1947 Belo Horizonte completará 50 anos de existência. Meio século apenas de vida, e já a nossa Capital esplende como legítima metrópole. Surpreende o viajante que, vindo dos países mais civilizados do mundo, toma contato com as suas maravilhosas realizações em todos os setores da civilização. [...] O visitante que chega à Belo Horizonte pela primeira vez, surpreende-se de verdade com o seu progresso. E depois que toma contato com as realizações que a cidade apresenta, depois que sente toda a intensidade de sua vida moderna, outras são as palavras de admiração que emprega [...]. Lembramo-nos bem do que tem dito ultimamente as figuras de alta representação política, científica, cultural e econômica na Europa e na América do Norte, ao expressarem sua admiração pelo que lhes foi mostrado em nossa Capital<sup>76</sup>.

Em outra reportagem chamava-se a atenção do leitor para a sua responsabilidade na conservação do *status* que a cidade intentava construir: “E que, em cada ano, o belorizontino cuide da modernização desses programas, fugindo aos detalhes provincianos e realizando o que de fato possa atrair o público”<sup>77</sup>.

A maior parte dos registros mencionados insere-se no período de governo municipal de Juscelino Kubitschek ou se localiza em datas muito próximas à sua gestão. Na revista *Minas Tenis*, Juscelino foi mencionado como “o animador da cidade”<sup>78</sup>. Na reportagem que sinalizava tal desígnio, o prefeito era enaltecido por sua “capacidade realizadora” mesmo durante os percalços da Segunda Guerra Mundial, ao possibilitar a Belo Horizonte o “mais vertiginoso impulso de progresso de toda a sua história”<sup>79</sup>.

A construção do conjunto arquitetônico da Pampulha é um dos maiores exemplos citados nos periódicos, junto a medidas de saneamento, ao incremento da área asfaltada da cidade e ao desenvolvimento do parque industrial. Em reportagem da revista *Alterosa*, a edificação da Pampulha foi enumerada junto aos empreendimentos realizados para “dotar a Capital de todos os requisitos de uma moderna metrópole”<sup>80</sup>. Em 1942, quando ainda se encontrava em construção, o complexo foi descrito como “a mais risonha realização do velho sonho belo-horizontino”<sup>81</sup>. Ao mencionar o aspecto de suas obras, o texto anuncia:

<sup>75</sup> BELO HORIZONTE, um convite ao turismo. Belo Horizonte, agost. 1944, n.166, pp.58-59.

<sup>76</sup> BELO HORIZONTE. Alterosa, agost. 1946, n.76, p.134.

<sup>77</sup> CINQUENTENÁRIO. Alterosa, dez, 1947, n.188, p.1.

<sup>78</sup> JUSCELINO Kubitschek, o animador da cidade. *Minas Tenis*, jan.1944, n.2, p.12.

<sup>79</sup> *Idem*.

<sup>80</sup> BELO HORIZONTE espelha a intensidade ... Belo Horizonte. 22 de jan.1942, n.22, pp.74-75.

<sup>81</sup> *Idem*.

[...] Quem visita hoje aquele recanto da cidade tem a impressão de ver nascer uma Copacabana dentro de Belo Horizonte. [...]. As obras do Casino, quasi terminadas, o Clube, o Baile, suas lindas casas de campo, tudo concorre para imprimir a esse novo bairro o aspecto aristocrático e pitoresco de uma bela miragem transformada em realidade pela ação do homem<sup>82</sup>.

O jornal *Estado de Minas* noticiou, em uma grande reportagem, a inauguração da Pampulha, descrevendo o feito como o “coroamento de uma série de realizações da administração em benefício da capital, fixando um marco decisivo no progresso da metrópole mineira”<sup>83</sup>. A notícia citava o “apoio decisivo” do governador Benedito Valadares e as numerosas atrações do complexo, “todas elas de interesse para a capital, cujo progresso dia a dia se torna mais crescente, reclamando, por isso mesmo, realizações modernas, capazes de canalizar para Belo Horizonte a atenção dos visitantes”<sup>84</sup>.

Nos escritos de Barreto, a Pampulha também chegou a ser descrita como a “Copacabana de Belo Horizonte”<sup>85</sup>, evidenciando, novamente, uma necessidade comparativa com outras cidades brasileiras, especialmente aquelas consideradas como importantes centros metropolitanos, neste caso, o Rio de Janeiro. Na revista *Minas Tenis* há ainda a menção a uma visão estrangeira sobre a obra, como se lê na seguinte nota: “[...] o grupo arquitetônico da Pampulha constitue o que, no gênero, se encontra de mais original e avançado em todo o mundo – e esse é o testemunho de técnicos autorizados dos Estados Unidos”<sup>86</sup>. O olhar advindo de outros lugares era constantemente mobilizado como forma de se atestar os sucessos dos empreendimentos realizados na capital.

A necessidade de tornar Belo Horizonte visível e pertencente a um circuito de cidades “avançadas” era uma premissa importante que encontrou ressonância na figura do então prefeito, entre os anos de 1940 e 1945: “[...] o sr. Juscelino Kubitschek tem sido o administrador que colocou a capital no mapa, como centro do maior conjunto moderno do país, ou melhor, do mundo. A Pampulha é a afirmação categórica deste conceito”<sup>87</sup>. Como se percebe na referida reportagem, os ousados imaginários progressistas da cidade ultrapassavam as fronteiras do país, ao menos nas formas narrativas.

Por ocasião do aniversário de Belo Horizonte, a revista homônima publicou um extenso texto comemorativo, com destaque às ações governamentais realizadas em âmbito

<sup>82</sup> *Ibidem*.

<sup>83</sup> BRILHANTES solenidades... Estado de Minas, 15 de mai.1943, p.3.

<sup>84</sup> *Idem*.

<sup>85</sup> BARRETO, Abílio. O vertiginoso evoluir de Belo Horizonte. Belo Horizonte, agost. 1944, n.166, p.42.

<sup>86</sup> BELO HORIZONTE: cidade das artes. Minas Tenis. Jan.1944, n.2, p.10.

<sup>87</sup> BARRETO, Abílio. O vertiginoso evoluir de Belo Horizonte. Belo Horizonte, agost. 1944, n.166, p.42.

municipal e estadual. Nele se encontram elogios à “metrópole madura” e ao “assombroso desenvolvimento” da “cidade moça” de “traçado moderno”<sup>88</sup>.

[...] é de justiça afirmar que esse aceleramento ganhou no último decênio uma expressão nova: nesse período se fez mais para o desenvolvimento de Belo Horizonte do que em toda a sua vida passada. [...]. Hoje ninguém pode mais negar que as grandes civilizações se formam em torno dos grandes centros. Estes se tornam, assim, pontos irradiadores de progresso e de civilização. Dotando a capital de Minas de todos os requisitos de uma cidade moderna, o governador Benedito presta, pois, um benefício à comunidade mineira [...]. Na execução desse seu magnífico plano administrativo, o chefe do governo mineiro tem encontrado no prefeito Juscelino Kubitschek um auxiliar a altura do alto cargo que lhe foi confiado<sup>89</sup>.

Na reportagem em questão, o principal exemplo mencionado foi novamente a Pampulha, retratada como o “centro de turismo mais completo e mais belo do Brasil”<sup>90</sup>. No texto, percebe-se o destaque conferido aos divertimentos e ao esporte, um dos símbolos da nova sensibilidade que se anunciaava.

Ao redor de um grande lago artificial, erguem-se agora pitorescas vivendas e centros de esportes e diversões: o Cassino, a Casa do Baile, o Yacht-club, lugares onde os visitantes passarão horas agradáveis de repouso, divertindo-se e praticando esportes [...], em contato direto com uma natureza admirável e de paisagem pitoresca<sup>91</sup>.

Pode-se inferir que, naquele momento, o que se costumava chamar de “divertimento” estava, em certa medida, deslocado do que se entendia por “esporte”, haja vista que os próprios impressos os descreviam separadamente. Outro indício se remete às reportagens citadas anteriormente que expressavam reclamações acerca da suposta falta de diversões na cidade e utilizavam como exemplos o cinema, o teatro e as organizações sinfônicas. Parecia haver certa divisão entre o que se compreendia como esporte (mais atrelado a elementos educativos) e como diversão (prática de lazer provavelmente menos integrada a finalidades explícitas de formação).

As possibilidades de concretização do sonho da modernidade belo-horizontina estavam intimamente relacionadas a um desenvolvimento sólido da cidade (comumente medido pela extensão de área asfaltada, pelo número de edifícios e arranha-céus construídos, pela expansão do saneamento e pelo incremento da parte industrial) e aos costumes de seus

<sup>88</sup> O ANIVERSÁRIO de Belo Horizonte. Belo Horizonte, agost. 1944, n.166, pp. 52-55.

<sup>89</sup> *Idem*.

<sup>90</sup> *Ibidem*.

<sup>91</sup> *Ibidem*.

moradores. Neste último caso, dentre outros quesitos, o progresso fazia-se mensurável pelo número de cinemas, casas noturnas, campos de futebol, clubes e pela constatação da ampliação do gosto do belo-horizontino pela prática de esportes.

A revista *Alterosa*, ao realizar um balanço sobre as ações efetuadas em Belo Horizonte entre os anos de 1940 e 1946 demonstrava esta tendência, também perceptível em outros impressos. A reportagem em questão destacava a edificação de 3.850 prédios nesse intervalo de tempo, ressaltando a proeza do feito concretizado em “plena guerra [...], com a falta de cimento, com o racionamento do ferro e de todos os demais óbices [...]”<sup>92</sup>. O texto, que retratava Belo Horizonte como “uma cidade nova e bonita, grandiosa e movimentada, [...] justo motivo de vaidade para o Brasil”, seguia enfocando o panorama de construções no ano de 1946 – “Atualmente a capital dispõe de 37.525 prédios [...], mais de 60 novos arranha-céus estão com suas obras iniciadas” – e o contingente populacional: “a cidade aproxima-se dos 300 mil habitantes”<sup>93</sup>.

Inseridas nesse diagnóstico, outras características foram sinalizadas como indicativo de desenvolvimento no ano de 1946, como a existência de vinte cinemas, um teatro, um circo, quatro *dancings*, seis jornais diários, vinte revistas de diversas periodicidades, três estações de rádio e vinte e oito livrarias. Entre estas referências, destacava-se a prática esportiva:

Também os esportes e a cultura física encontraram em Belo Horizonte um dos centros mais adiantados do Brasil. Dispomos atualmente de 8 grandes clubes, magnificamente aparelhados, e dezenas de clubes menores. Nove quadras de tênis, 6 quadras de bola ao cesto. Sete para vôlei. Um moderníssimo campo para ginástica e brinquedos infantis. Um campo gramado para ginástica e jogos. Cinco piscinas (não contando as particulares), 3 grandes estádios de futebol, 1 pista de atletismo, 1 ring para luta, 1 stand para tiro ao alvo e outro para tiro ao vôo. Nada menos de 21.449 pessoas se acham inscritas nas associações de cultura física de nossa capital<sup>94</sup>.

Reportagens como esta seriam demonstrativas da importância adquirida pelos esportes na administração pública e na cultura belo-horizontina. Um dos símbolos do adiantamento da cidade estava posto nas atividades esportivas, nos espaços e nos equipamentos disponíveis, mesmo que esta avaliação tenha se restringido no texto em questão, assim como em outras reportagens, em expressões meramente quantitativas.

<sup>92</sup> BELO HORIZONTE. *Alterosa*, agost. 1946, n.76, p.134.

<sup>93</sup> *Idem*.

<sup>94</sup> *Ibidem*.

Diante desse contexto, em que se avolumavam menções à representatividade esportiva, torna-se necessário retomar, com mais detalhes, algumas características do cenário político que se delineava naquele momento. O mandato de Juscelino Kubitschek na prefeitura de Belo Horizonte ocorreu sob nomeação do então governador de Minas Gerais, Benedito Valadares Ribeiro, que, por sua vez, foi indicado ao posto de chefe do estado por Getúlio Vargas, presidente do Brasil entre os anos de 1930 e 1945, após o golpe instaurado em 1930. Durante o período de governo varguista, que manifestou suas vertentes mais autoritárias e centralizadoras com a política do Estado Novo (1937-1945), o país viveu um processo de intensa industrialização, de estruturação da administração do Estado e de exacerbação do nacionalismo, via “estratégia nacional de desenvolvimento” que, dentre outros pressupostos, instituía uma ideia de refundação da nação e de transformação do Brasil em Estado-Nação autônomo (BRESSER-PEREIRA, 2012, p.108). Nessa perspectiva, também ganharam destaque as políticas trabalhistas propostas por Getúlio, com as primeiras regulamentações referentes a algumas profissões e com a posterior criação das leis trabalhistas em 1943. Entretanto, os intentos estado-novistas foram permeados pela criação de instituições autoritárias, por proclamações de decretos-lei e pela ação contínua de órgãos de censura em diversos aspectos da vida social. Nesse quadro de ações, tentativas de se modificar o corpo e os costumes do brasileiro e de se criar uma nação forte nos moldes dos governos nazifascistas foram também abalizadas.

Inserido nas orientações políticas do Estado Novo (1937-1945), o governo de Valadares (1933-1945) destinou ao esporte especial relevância na tarefa de “reformular” a estrutura física e o caráter da população mineira. Inúmeras praças de esportes foram construídas em diversos municípios com a finalidade explícita de educar os jovens para uma nova sensibilidade, calcada no ideal valorativo do exercício físico cotidiano como chave para o progresso, para a eugenia e para o fortalecimento do estado e da nação. A edificação destas praças deveria seguir como exemplo a experiência concretizada com a fundação do Minas Tenis Club, datada do ano de 1935. A idealização do clube belo-horizontino contou com o apoio de Benedito Valadares e de Getúlio Vargas, que estiveram presentes na inauguração de sua praça de esportes, no ano de 1937. O Minas foi amplamente divulgado como exemplo da energia mineira e como “templo de cultura e aperfeiçoamento da raça”<sup>95</sup>.

As produções discursivas presentes nos periódicos auxiliam na formação de um contexto compreensivo. Havia um âmbito maior de influência e de circulação de informações

---

<sup>95</sup> UMA das mais vastas realizações da energia mineira. Alterosa, agost.1939, pp.52-53.

e de “sentimentos” que transpassava os limites da prática esportiva e que envolvia noções de pertencimento identitário, possibilidades comparativas e disputas de poder. Pode-se inferir que o recrudescimento da prática de esportes em Belo Horizonte caminhou junto com a própria utopia da modernização da cidade, fez parte dela e alimentou a esperança da construção de uma nova sociedade. Se é impreciso afirmar que Belo Horizonte alcançou, de fato, seus objetivos progressistas nas décadas pesquisadas, não se pode negar uma veiculação midiática que visava noticiar a cidade como urbe passível de ser classificada como moderna.

Um importante intento dessa premissa qualificadora perseguiu os noticiários belo-horizontinos nos anos 1930 e 1940: a tentativa de consolidação de uma cidade esportiva e rica em diversões. Uma reportagem publicada na revista *Alterosa* sintetiza esse ideário:

Belo Horizonte, cidade moderna em todos os magníficos aspectos de sua vida, tinha, forçosamente, que ser desportiva, preparando o vigor e a força física de sua juventude com esse mesmo entusiasmo que cuida do seu desenvolvimento e progresso espiritual<sup>96</sup>.

Os esportes se constituíram em uma alternativa fértil que demonstrava a capacidade modernizadora da cidade para além do campo econômico, como parte de um capital cultural (BOURDIEU, 2007) necessário ao desejo de formação integral de uma metrópole avançada. Nessa perspectiva, a prática de esportes foi amplamente difundida, a exemplo do que já vinha acontecendo em outras cidades do mundo e do Brasil, embora seja necessário considerar que Belo Horizonte (fundada apenas em 1897) ainda se esforçava para se apropriar dos códigos que eram veiculados no contexto de centros urbanos mais consolidados (SOUZA NETO; SOUTTO MAYOR, 2014). Sevcenko (1994, p.80) menciona “uma febre de esportes que varreu o mundo a partir das duas últimas décadas do século XIX”. O autor relaciona o incentivo à prática esportiva a um intento de adaptação à nova vida social, produtiva e tecnológica: “para tornarem-se velozes e adaptadas às modernas fontes de energia, as pessoas tinham de ser fisicamente condicionadas e psicologicamente motivadas” (1994, p.82). O *ethos* esportivo, relacionado às finalidades progressistas atribuídas ao esporte, fez-se presente em diversas cidades brasileiras, como Manaus, Maceió, Vitória, Salvador e Recife, em finais do século XIX e princípios do século XX<sup>97</sup>. No entanto, os periódicos belo-horizontinos centraram suas atenções nos acontecimentos do eixo Rio de Janeiro-São Paulo,

<sup>96</sup> A MULHER mineira nos esportes. *Alterosa*, jan. 1942, n.22, p.34.

<sup>97</sup> Como exemplo, tem-se os seguintes periódicos, encontrados na base de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: *O Sport* (Salvador, 1889); *O Sport* (Recife, 1895); *Correio Sportivo* (Manaus, 1910); *O Sport* (Vitória, 1915), *Penedo Esportivo* (Maceió, 1922).

tomado, corriqueiramente, como uma referência. Nesse contexto de influências, várias publicações oriundas da capital mineira conferiam à Minas Gerais o título de terceiro centro esportivo do país, em uma eterna e intangível competição por prestígio, reconhecimento e visibilidade.

Percebe-se, por meio de investigações realizadas por diversos pesquisadores<sup>98</sup>, importantes relações estabelecidas entre as prerrogativas de uma modernidade almejada e o desenvolvimento do fenômeno esportivo em várias cidades brasileiras. Melo (2010, p.15) sinaliza que as configurações sociais que emergiram em um panorama onde se estabelecia como importante a pretensão e o desejo de ser moderno estabeleceram “múltiplos diálogos com um cenário internacional, em parte se aproximando (ou buscando se aproximar) de uma representação macro/alheia ou/e relendo-a pelas lentes locais”.

À racionalidade e ao cartesianismo presentes no ideário de construção de Belo Horizonte, ícone do republicanismo à mineira (progressista e conservador, como ponderou Carvalho, 2005), somou-se a percepção da utilidade das práticas esportivas no delineamento de um novo conjunto de hábitos. Entretanto, os intuitos de conformação de uma “cidade esportiva” comportaram suas ambiguidades, vislumbradas nas próprias páginas dos periódicos que, ora buscavam sinalizar a inserção da cidade em uma modernidade desejada, ora dedicavam-se enfaticamente a tecer críticas sobre a estrutura urbana da capital, sobre as possibilidades culturais (compreendidas, comumente, como o acesso à diversão, às manifestações artísticas e esportivas) e sobre os costumes provincianos de seus moradores. Havia tensões que se manifestavam entre a solidez de um projeto arquitetônico e a fluidez da cidade em seu cotidiano; entre ideais, sonhos e ilusões pré-estabelecidos e o plano das vivências diárias.

O início da década de 1930 ainda era marcado pelas contradições de uma cidade que buscou romper com os resquícios do passado colonial de Ouro Preto (representado pelas vozes do ouro) mas que, mesmo sob a bandeira do republicanismo e do liberalismo, fez ecoar, com mais força, as vozes conservadoras da terra: ordeira, equilibrada e familística (CARVALHO, 2005). Somente no final da década, Carvalho (*idem*, p.65) sinaliza uma mudança no cenário econômico, “quando Belo Horizonte se tornou centro da política industrializante”. Para o autor, nesse momento, abre-se caminho, efetivamente, para a voz do ferro, a do progresso. Também para Arruda (2012, p.117), as tentativas de ingresso na

---

<sup>98</sup> Podem ser citados os textos publicados na coletânea “Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX”, organizada por Victor Andrade de Melo (2010).

modernidade esbarraram-se em um estado que ainda detinha vocações agrárias, situação que somente seria “ultrapassada em meados do século XX”.

Brandão (2009, pp.100, 101) retrata uma cidade “contaminada por nostalgias e fantasias invadindo seus contornos retos [...], traçada para ser a cidade das esquinas e das largas avenidas, “as quais, até a década de 1920, eram feitas de terra e para carros de boi, cabras e redemoinhos de pó vazio entre seus poucos habitantes”. O autor designa sua “modernidade” como “vacilante”, “débil”, “insossa”, “fraca” e “tardia”, “que suspeita de si própria e leva essa suspeita pelo futuro adentro, como consciência crítica de si”.

Bomeny (1994, p.17), ao abordar o modernismo mineiro e sua expansão para além dos limites do estado, capitaneada por intelectuais como Carlos Drummond de Andrade, Gustavo Capanema, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Francisco Campos, nomes que se tornariam figuras importantes do governo de Getúlio Vargas (sobretudo no que tange a projetos educacionais), observa que estes intelectuais se ocupavam da reflexão “sobre ser moderno, construir uma nação, e integrar o Brasil no ‘Concerto da Nações’”. No entanto, Bomeny tece o seguinte questionamento: “Seria o modernismo mineiro moderno? A autora ainda explora a “tensão entre os anseios universalistas e os limites que a provinciana Belo Horizonte impunha”, como fator importante para se pensar a construção de “um conjunto harmonizador no ‘ser mineiro’”. Esta tensão entre modernidade e provincianismo seria uma constante na história belo-horizontina. Os anos 1940 ainda apresentariam a força dessa ambiguidade incômoda, reverberada em vários aspectos da vida social, dentre eles, o esporte.

Mello (1996, p.13) sinaliza que tensões como essas estiveram presentes desde o momento de construção da cidade, pois a criação de uma nova capital não representou uma “ruptura do tipo novo/velho, moderno/antigo, mas uma recomposição do tempo histórico dentro de uma legitimação da justaposição tradição/futuro”. Nesta perspectiva, Arruda (2012, p.118) enfatiza que rapidamente se “demonstraram as distâncias entre seu planejamento e execução”. Ao se referir também à cidade de La Plata, o autor as considera provas do hiato existente entre a idealização de “cidades-modelo” e as possibilidades de apropriação e ocupação, ou seja, “as distâncias presentes entre a cidade ideal e a cidade real”. E nessas distâncias há demarcações de lugares, “conservadores e excludentes”, como demonstra a planta da cidade (Fig. 2), que define claramente a área urbana de Belo Horizonte (local onde seriam destinados os maiores empreendimentos) e a área suburbana. Ao mesmo tempo, experiências deste tipo demonstram como os discursos “sobre o que era ser moderno no período influenciaram comportamentos e, de certa forma, instituíram imaginários até hoje perceptíveis no senso comum (*idem*) ”.

As ambiguidades presentes nas páginas das revistas e dos jornais demonstram a relatividade das noções de modernidade, moderno e modernização, vastamente utilizadas nas produções textuais do período analisado. Apenas nas reportagens pesquisadas e selecionadas para compor o arcabouço metodológico deste trabalho, os termos mencionados foram encontrados mais de cinquenta vezes. Outras designações, que sugeriam um tom semelhante de qualificação, também foram vislumbradas nesta empreitada, como “civilização”, “progresso”, “vertigem”, “rapidez”, “intensidade”. A quantificação das palavras torna-se instrumento importante para a análise do contexto que se apresenta, ainda que não possa se constituir em uma via interpretativa única. O uso frequente e repetitivo dessas expressões não pode ser compreendido como ação despropositada; ao contrário, forma parte de uma proposição discursiva interessada.

O que se comprehende como moderno, modernização ou modernidade prescinde sempre de um referencial. Nas palavras de Carvalho (2012, p.32) os termos devem ser definidos por “um momento determinado no tempo”, e circunscritos “em uma situação histórica e cultural específica, de forma a favorecer a percepção e o entendimento acarretado por relações contextuais [...].” O autor chama a atenção para uma situação importante: “os termos não podem ser confinados em um conceito estrito previamente determinado de natureza transistórica, pois requerem um contexto, ou circunstancialização histórica, em que sua definição emerge tornando-se operatória” (*idem*). Para Berman (2007, p.24) a modernidade é um tipo de experiência vital – “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo”. Para o autor, o “ser moderno” implica “uma visão aberta e abrangente da cultura; muito diferente da abordagem museológica que subdivide a atividade humana em fragmentos e os enquadra em casos separados, rotulados em termos de tempo, lugar, idioma, gênero e disciplina acadêmica” (2007, p.11). E, nesse caso, conclui Berman (2007, p.151): “seria estúpido negar que a modernização pode percorrer vários e diferentes caminhos [...] Não há razão para que toda cidade moderna se pareça com Nova York ou Los Angeles ou Tóquio”.

As considerações de Charaudeau (2006, p.215) caminham em direção semelhante, ao proporem uma compreensão de modernidade como um tipo de imaginário sociodiscursivo. Para o autor, a modernidade não é estabelecida por setores de atividades (tais como o político, o econômico, o literário ou o artístico) que rompem com um suposto período precedente. Em suas palavras, trata-se

de um conjunto de representações que os grupos sociais constroem a propósito da maneira como percebem ou julgam seu instante presente, em comparação com o passado, atribuindo-lhe um valor positivo, mesmo quando o criticam. Pode-se, portanto, aventar a hipótese de que, a cada momento presente de sua história, os grupos sociais se dotariam de um imaginário de modernidade, sempre tomando como base a época precedente e procurando legitimá-la: a cada vez está em jogo a legitimidade de uma maneira de ser e de viver, uma visão nova do mundo (*idem*).

Charaudeau (2006, p.210) observa, ainda, características que seriam importantes para se pensar o contexto belo-horizontino: a ideia de modernidade como uma representação comparativa que visualiza no momento presente “um estado de saber superior em relação ao passado”. Nesse caso, o autor considera o imaginário sociodiscursivo da modernidade (junto com o da tradição) como um dos mais “recorrentes e mais propícios a alimentar a dramaturgia política”. A recorrência a esse imaginário é perceptível nas reportagens, sobretudo nas que enaltecem as ações dos políticos que governaram Belo Horizonte, Minas Gerais e o Brasil no período em questão. Há ainda a presença de outras estratégias citadas pelo autor (2006): argumentos que se fundamentam na razão (representados pelos números do progresso) e na paixão (no apelo à identidade mineira e à necessidade de o cidadão contribuir para que a cidade alcance o grau de adiantamento de outras metrópoles). Tais estratégias podem ser pensadas como aliadas de princípios semióticos presentes em uma ação política que implica um “agir sobre o outro”, definidos por Charaudeau (2005) como os princípios de alteridade, de pertinência, de influência e de regulação. No caso das reportagens veiculadas, podem ser destacados o princípio de pertinência (materializado na comercialização de uma imagem da cidade e do estado, na ideia de transformação da vida social e na menção às especificidades históricas da cidade) e o princípio de influência (exemplificado pela veiculação de expressões que remetem a um sentimento de orgulho e de honra, ao heroísmo do povo mineiro em erguer uma metrópole nas terras de um pequeno arraial, ao protagonismo de Minas Gerais no cenário brasileiro e internacional e ao espírito cívico e patriota da população).

Ações como estas compõem uma materialidade que alimenta a produção do imaginário sociodiscursivo da modernidade, em um tempo específico. Neste caso, trata-se do final do século XIX e do início do século XX, momento em que as prerrogativas de construção de uma capital moderna se articulavam a determinados imaginários reguladores da vida citadina e a determinadas ações políticas, envolvendo também as práticas esportivas e as suas legitimidades. Na perspectiva de edificação da nova capital estava também em voga a construção de uma dada “mineiridade” (BOMENY, 1994), um jeito único de ser mineiro que necessitava aliar características específicas da cidade (a fim de lhe conferir uma identidade) a

exigências globais de desenvolvimento. Essa produção de um lugar, suficientemente local e global, fundou-se na mescla de características que se remetiam a uma ideia de modernidade (progresso, vertigem, crescimento, desenvolvimento, agilidade) e a uma ideia de tradição relacionada à nova cidade, mas que, de alguma forma, estava vinculada ao estado mineiro como um todo e aos seus cidadãos (bucolismo, natureza, sossego, cidade jardim, cidade das árvores e dos bosques, gente forte, astuciosa e discreta).

Nesse caso, o conceito de tradições inventadas proposto por Hobsbawm (1997) pode encontrar um terreno fértil para se compreender a formação da “mineiridade”, já que as produções jornalísticas pareciam se remeter a um passado longínquo para designar caracteres inatos de uma cidade recém-construída. Da mesma forma, pode-se pensar em uma “modernidade inventada”, dada a urgência de se apregoar a inserção da cidade nesse critério de classificação, de uma maneira bastante artificial e com discursos repetitivos, servindo como um importante elemento de coesão social. Como destaca Bomeny (1994, p.16), recursos simbólicos eram utilizados em nome da “‘prudência’, da ‘conciliação’, da ‘unidade de Minas’, do ‘equilíbrio’ dos homens públicos, em prol do fortalecimento do estado frente ao novo arranjo nacional”, a república<sup>99</sup>.

Estes apelos seriam utilizados nos discursos sobre o esporte e sobre o futebol e, ao mesmo tempo, fortemente confrontados nos embates em torno do amadorismo e do profissionalismo (modernidade e tradição; tradição e mercado, dentre outras relações). A força de penetração destes discursos estava posta e se manifestava em muitas das situações da vida coletiva. A cidade do tédio, da poeira e sem divertimentos, na opinião de alguns de seus habitantes, contrastava com os números do progresso, materializados nas ações empreendedoras dos governantes e registrados repetidas vezes pela imprensa (curiosamente, essa mesma imprensa que demarcava características pouco civilizadas da cidade). Nesse cenário novo (dada a juventude da própria cidade), conflituoso e vertiginoso, onde a designação de cidade moderna (palavra mágica que promete um mundo mágico, nos dizeres de Sevcenko, 1993) e sua legitimação eram fatores de reconhecimento e propagação urgentes, os esportes se consolidaram como uma possibilidade de se afastar os caracteres do atraso e do provincianismo. Um dos caminhos para que Belo Horizonte pudesse se consolidar, efetivamente, “como a metrópole de alguma coisa”<sup>100</sup> era o esporte. Nesse trajeto, toda prática

<sup>99</sup> Com argumentações semelhantes, Brandão (2009, p. 101), ao problematizar o que ele denomina de “modernidade fraca” de Belo Horizonte e um “modernismo que suspeita de si próprio”, também ressalta a intenção presente em sua construção de “unificar o Estado e implantar valores econômicos, ideológicos e culturais compatíveis com a república [...]”.

<sup>100</sup> BELLO Horizonte. 28 de out. 1933, n.10, p.6.

esportiva que se atrelava à palavra “moderno” “era necessariamente, e por definição, o máximo do máximo” (SEVCENKO, 1993, p.86).

E a partir dessa vertente, a vivência dos esportes em Belo Horizonte atrelou-se, inicialmente, à conquista de um modo de vida distintivo, explicitamente aristocrático; um caractere segregacionista que designava os elementos da “fina sociedade”. Tais adjetivações eram utilizadas com frequência em periódicos que circularam na capital mineira no começo do século XX e, também, naqueles que se fizeram presentes no decorrer das décadas que se seguiram, mesmo quando o esporte já havia se difundido e ultrapassado o restrito círculo social de seus primórdios na cidade.

Nas décadas de 1930 e 1940 é possível vislumbrar a utilização de termos como “distinção”, “escol social”, “aristocracia” e “melhor sociedade” (dentre outros) para nominar aqueles esportistas que, com majoritária constância, estampavam os noticiários de parte significativa dos jornais e revistas pesquisados. A forma de veiculação das informações, embora não signifique exatamente a concretude cotidiana, é fator relevante para o entendimento de determinado contexto e das relações de poder ali construídas. Em meio à insistente reverberação da necessidade de se popularizar a prática esportiva, a maioria das imagens que estampava, sobretudo, as páginas das revistas, era a dos esportistas e dos clubes veiculados como aristocráticos. Havia um modelo posto – o do atleta elegante, distinto, moderno – figura que se assemelhava sobremaneira à caracterização do amador, descrita na introdução deste trabalho.

Um progresso relativo e protagonista de muitas ambiguidades, fruto de uma busca incessante e intangível pelo que se compreendia como “moderno”. Ícone de um cuidado com o corpo que refletia no desenvolvimento são do espírito e do intelecto e que, embora servisse às prerrogativas das demandas políticas de uma educação para todos, reservava códigos e adjetivações acessíveis, verdadeiramente, a alguns. A capacidade regeneradora atribuída ao esporte se atrelava, especialmente, na função primeira de aprimoramento da raça. Os discursos presentes nas reportagens da década de 1940 se assemelhavam, em muitos aspectos, aos discursos proferidos no começo do século XX no que tange à idealização “purista” do esporte. Principalmente durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) há um enfoque significativo na necessidade de desenvolver o esporte como meio de fortalecer a nação brasileira.

O ideal amador relacionava-se, nesta perspectiva, não apenas a um modelo de se praticar esportes, mas a uma maneira de portar-se na sociedade. Elegância, cavalheirismo, caráter ilibado, discrição, disciplina e inteligência (o termo *smartismo* era comumente

empregado) eram alguns de seus valores, veiculados como regra comum para o alcance de uma sociedade civilizada e moderna, aos moldes de centros europeus (em especial, Inglaterra e França) e dos Estados Unidos. A ideia de civilização, nesse caso, remete ao que Elias (1994, p.23) descreveu como “certo caráter daquilo que se orgulha, como o nível de tecnologia, a ‘natureza das maneiras’, o desenvolvimento de uma cultura científica ou visão do mundo”. Acercando-se ao entendimento de civilização pelas acepções inglesas e francesas, pode-se compreender esse conceito como intrinsecamente atrelado a atitudes ou comportamentos das pessoas, “ou o valor que a pessoa tem em virtude de sua mera existência ou conduta, [...] a qualidade social das pessoas, suas habitações, suas maneiras, sua fala, suas roupas [...]” (ELIAS, 1994, p.24). Deste modo, civilização seria um processo, “diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente ‘para a frente’” (*idem*).

A vivência de princípios tidos como elevados para o desenvolvimento humano (que se reverteriam no próprio desenvolvimento da sociedade) alçou, assim, o ideário amadorista dos esportes a uma das condições primeiras da busca pela modernidade belo-horizontina. Tal intenção, no entanto, não obedeceu a rigidez proposta pelas formulações de intentos unificadores; ao contrário, modificou-se de acordo com as transformações da própria sociedade onde seu emprego encontrava sentido.

## 1.2 A veiculação do esporte em Belo Horizonte nas décadas de 1930 e 1940

Os métodos modernos de educação encontraram em nosso Estado um ambiente propício ao seu desenvolvimento. A Minas de hoje vive ao ar livre, de janelas abertas para o azul, banhada de sol e de alegria. Desapareceu aquela gente discreta e recolhida que vivia entre as quatro paredes do lar colonial, para, em seu lugar, surgir um povo sadio e rejuvenescido, que pratica o esporte, que fortalece a alma e os músculos ao contacto íntimo com a natureza prodigiosa [...]<sup>101</sup>.

No trecho de reportagem supracitado, é possível perceber o alto grau valorativo conferido aos esportes como instrumento de transformação do povo mineiro. Os anos 1930 foram marcados por uma política estadual que se dirigiu à construção de praças esportivas<sup>102</sup> em Belo Horizonte e em diversos municípios mineiros, com a finalidade de propagar e vulgarizar o hábito de se praticar esportes entre a população da capital e do estado. O poder

<sup>101</sup> O CALOR convida às piscinas. Alterosa, dez. 1939, pp.68-69.

<sup>102</sup> A construção de praças de esportes em Minas Gerais foi uma ação baseada nas determinações da Divisão de Educação Física, órgão federal criado em 1937 e subordinado ao Ministério de Educação e Saúde Pública (RODRIGUES et al., 2014).

educativo e transformador do esporte era enfaticamente enaltecido nos impressos pesquisados, juntamente à exaltação das ações protagonizadas pelo então governador de Minas Gerais, Benedito Valadares. Em uma das edições da revista *Paysandú*, o político estampou a capa, com a legenda: “o maior benemerito do esporte mineiro” (FIG.4).

Figura 4: O governador Benedito Valadares na capa da revista *Paysandú*



Fonte: Revista Paysandú, jun.1944, n.5.

Uma das ações do governo estadual destacada nos periódicos consistia na reversão de valores arrecadados na loteria do estado em investimentos para a área esportiva. Em uma das publicidades, o leitor era convocado a contribuir com a tarefa de “aprimoramento do corpo e do espírito”<sup>103</sup> (FIG. 5).

<sup>103</sup> LOTERIA do Estado de Minas Gerais. Alterosa, agost.1939, n.1, p.22.

Figura 5: Propaganda da Loteria do Estado de Minas Gerais



Fonte: revista Alterosa, 1939, n.1, p.22.

A gestão de Valadares foi citada como promotora de “uma sadia e bem orientada política de educação física”<sup>104</sup> e considerada pioneira em ações dessa natureza.

O desenvolvimento da cultura física vem merecendo no governo do sr. Benedito Valadares cuidados assinalados. Esse movimento dos poderes públicos nesse setor da educação da juventude, preparando-a par a par da educação profissional e intelectual, é apanágio do atual governo de Minas: antes dele o poder público não tentara<sup>105</sup>.

Em outra passagem, observa-se a relação construída entre o desenvolvimento da cidade e o incremento de políticas de esporte e de educação física.

<sup>104</sup> MINAS TENIS, raça de amanhã. Minas Tenis, mar. 1943, n.34, p.54.

<sup>105</sup> A PRAÇA de esportes ‘Governador Benedito Valadares’. Belo Horizonte, abr. 1943, n.151, p.50.

Aqui não se constroem mais pequenos edifícios no centro urbano. O arranha-céu vulgarizou-se. [...] O lençol de asfalto já cobriu a área traçada pelo lápis de Aarão Reis. [...]. Com essa visão de conjunto que o caracteriza entre os novos valores da política nacional, o Governador Benedito Valadares tratou também da educação física da juventude mineira. Em Minas, o problema nunca havia sido posto em debate [...]. Nos quarteis, nas escolas, nos clubes, a mocidade se exercita em jogos salutares, em exercício de força, tudo de acordo com os preceitos da higiene, sob a vista dos técnicos competentes [...]<sup>106</sup>.

Várias menções ao governador se referiam ao apoio prestado na fundação do Minas Tenis Club (M.T.C), em 1935, e à posterior inauguração de sua praça de esportes, em 1937 – considerado o maior empreendimento esportivo de Minas Gerais à época. O M.T.C se configurou como modelo e “polo irradiador” dos esportes no estado e, por meio de um Decreto-Lei criado no governo de Valadares, em 1938, o clube foi transformado na Praça de Esportes Minas Gerais, “passando a ser considerada uma instituição de utilidade pública” (RODRIGUES et.al, 2014, p.37). As ações realizadas no M.T.C eram retratadas como exemplos máximos da capacidade regeneradora atribuída à prática esportiva constante e disciplinada. Eugenia, civilização e higiene constituíram uma tríade terminológica fundamental nas divulgações referentes ao clube e às políticas de esporte realizadas pelo estado.

O apoio que o governo mineiro vem prestando à cultura física no Estado representa para a geração que se está formando, nos campos de esportes, uma grande obra de eugenia e civilização. O ‘Minas Tenis Club’, construído pelo governo realizador do Sr. Benedito Valadares, ultrapassou a expectativa dos próprios otimistas, e constitui hoje, sem nenhum favor tal o seu moderno e completo aparelhamento, uma das mais notáveis praças de esportes da América do Sul. [...] O Minas Tenis Club vem cumprindo, com rara eficiência, a sua alta e nobre finalidade de formar a geração forte de amanhã<sup>107</sup>.

Em outras referências, o Minas Tenis Club foi destacado como “um empreendimento que honra, que ilustra a civilização e o progresso dos montanhezes”; como “uma das mais belas, das mais perfeitas praças de sports do continente americano”; como “expressão do progresso e da civilização da terra mineira”; como “elemento vital no fortalecimento físico da raça de que dependerá a vitória das futuras gerações brasileiras”<sup>108</sup>; como “recinto esplêndido em que se vem formando a nova geração de mineiros fortes e varonis”<sup>109</sup>.

<sup>106</sup> GOVERNADOR Benedito Valadares. Minas Tenis Club: álbum de vistas, 1941, n.1, p.27.

<sup>107</sup> UMA das mais vastas realizações de energia mineira. Alterosa, agost. 1939, pp.52-53.

<sup>108</sup> O SEXTO aniversário do Minas Tenis Club. Alterosa, 21 de dez. 1941, n.21, pp.92-93.

<sup>109</sup> MINAS TENIS, raça de amanhã. Alterosa, mar. 1943, n.34, p.54.

Na revista *Bello Horizonte*, o clube foi mencionado como um dos fomentadores da “modernização” e do “progresso” da cidade<sup>110</sup>; e na revista *Metrópole*, como instituição que favorecia o “engrandecimento da raça brasileira”<sup>111</sup>. Este último objetivo foi amplamente destacado nas produções capitaneadas pelo próprio Minas Tenis Club, como nas revistas que levavam seu nome. Em algumas publicações, a instituição foi destacada como “laboratório” onde as crianças “vão buscar o corado de suas faces e a robustez de seus músculos, [...] na mais eficiente e completa missão de eugenio”<sup>112</sup>; como “centro de educação física e eugênica”<sup>113</sup>; “como moderníssima escola de educação física”, onde se aprende “não a cultura da força pela força, mas o culto da eugenio”<sup>114</sup>; como “enseada de preceitos da eugenio moderna [...] a serviço da raça e da civilização”<sup>115</sup>; como “casa em que se trabalha pelo aprimoramento da nossa raça e pela robustez da nossa gente”<sup>116</sup>.

Na revista *Olímpica*, havia um destaque detalhado sobre possíveis transformações sofridas pelo belo-horizontino com a inauguração do Minas Tenis Club e, consequentemente, com a prática regular e disciplinada de exercícios físicos. A reportagem evidenciava o caráter educativo e regenerador atribuído ao esporte, sintetizando as finalidades formativas descritas anteriormente.

Um espetáculo triste, se assim podemos classificar, era o que se via nos primeiros meses de funcionamento da majestosa praça de esportes do Minas Tenis Clube. [...]. Quem eram esses homens, mulheres e crianças senão os belorizontinos que até então não tinham oportunidade de verificar quanto era benéfica a prática da educação física. Sim, digo não ter tido essa oportunidade porque somente depois da imaginação da praça de esporte do Minas, é que eles começaram a fazer a educação física racional. Era [...] um espetáculo triste vermos esses homens, uns farrapos outros obesos envergarem seus calções de banho e se atirarem na água. Rapazes e moças metidos em seus esportivos a praticar o Volei, Basquet, Tenis e Ginástica com extrema desleixância em virtude da rigidez muscular (se músculos fossem visíveis neles...) e descoordenação de movimentos. Passados hoje 7 anos de atividade, causa-nos prazer e alegria, enche-nos de contentamento, apreciar-mos o desfile do belorizontino pelos diversos setores do nosso grande clube. [...]. Quem são esses homens, moças e crianças de hoje, se não os mesmos do inicio do clube que, por intermédio dos técnicos ficaram sabendo que exercício físico é a prática de movimentos belos e harmoniosos do corpo, os quais tem como finalidade aumentar a atividade do organismo e auxiliar seu desenvolvimento dando-lhe beleza, proporções de forma, agilidade; ele desperta nos indivíduos espírito de iniciação, domínio de si mesmo, sentimentos de tolerância e cavalheirismo. [...] porque entendo que educação física é uma escola de alto grau educativo, não só pela prática higiênica do corpo que remoça as energias do organismo prevenindo assim as enfermidades, como também, pelo hábito moral que revivem em sua prática

<sup>110</sup> MINAS Tenis Club ... Bello Horizonte, nov. 1937, n.87, p.45.

<sup>111</sup> MINAS Tenis Club. Metrópole, s/d.1937, n.6, p.67.

<sup>112</sup> NOS MACIOS tapetes de relva... Minas Tenis, jan.1944, n.2, p.19.

<sup>113</sup> *Idem*, p.24.

<sup>114</sup> EDUCAÇÃO Física. Minas Tenis, out. 1944, n.4, p.12.

<sup>115</sup> *Idem*, p.5.

<sup>116</sup> UMA grande organização. Minas Tenis Club: álbum de vistas, 1941, n.1, p.5.

constante, tais como: tenacidade, espirito de disciplina, independência de movimentos, concórdia e solidariedade<sup>117</sup>.

A educação de um novo corpo, afeito aos preceitos que delineariam Belo Horizonte como a capital moderna desejada desde o traçado de seu terreno, encontrava no esporte uma de suas vias de confluência. A prática esportiva tornou-se, especialmente na década de 1940, indicativo de progresso e referência para mensurar a mudança de costumes do belo-horizontino. O desejo de que a imagem do mineiro fosse modificada se expressou em uma das reportagens publicadas no *Álbum de vistas do Minas Tenis Club*. A instituição foi retratada como uma das mais belas realizações do nosso Estado, “um desmentido formal à lenda do espírito rotineiro do povo montanhês”<sup>118</sup>. Em outro texto do mesmo veículo havia um destaque semelhante para a almejada mudança de hábitos:

Belo Horizonte tinha sol – um sol imenso. Mas o povo se escondia medroso sob as roupas espessas. E era como se não houvesse sol. Foi o Minas Tenis que trouxe o sol para Belo Horizonte. O sol e a piscina, que ficou fazendo vezes de mar. E na piscina apareceram as primeiras carnes procurando a natureza, desejosas de sol e de agua, buscando a saúde na prática dos esportes<sup>119</sup>.

Tamanha foi a repercussão sobre a construção do M.T.C que a revista argentina *El Gráfico*<sup>120</sup> publicou em uma de suas edições uma reportagem sobre o clube, enaltecendo a grandeza da obra. Na descrição da imagem, lia-se: “Um aspecto da bonita piscina que tem o Minas Tenis Club de Bello Horizonte, Brasil, instituição esportiva muito poderosa e que se distingue por sua firme atividade e constante progresso” (tradução da autora) (FIG.6).

<sup>117</sup> OCIREMA. A Educação Física e o Belorizontino. Olímpica, 1944, s/n, p.15.

<sup>118</sup> UMA grande organização. Minas Tenis Club: álbum de vistas, 1941, n.1, p.5.

<sup>119</sup> REBÉLO, Marques. Instantâneos do sócio número 1, Minas Tenis Club: álbum de vistas, 1941, n.1, pp.30-31.

<sup>120</sup> MINAS Tenis Club. El Gráfico, 28 de jun. 1940, n. 1094, p.48.

Figura 6: Foto da piscina do Minas Tenis Club na Revista El Gráfico, Buenos Aires, Argentina.



Fonte: Revista El Gráfico, 28 de jun. 1940, n.1094, p.48.

Para além das referências ao Minas Tenis Club, outras reportagens faziam menção à prática esportiva como propiciadora de uma espécie de redenção física e comportamental do povo mineiro. Em uma delas, a “dificuldade muito íntima e atávica para permitir a derrota da rotina”, atribuída ao “homem de Minas”, é relacionada aos modelos políticos e econômicos predominantes no estado, como o ciclo da mineração e o regime do patriarcalismo rural<sup>121</sup> (a exemplo da “Minas do ouro” e da “Minas da terra” mencionadas por Carvalho, 2005). Para a autora do texto, essa conformação típica do estado era responsável pela falta de “certa alegria social de viver” percebida no cidadão mineiro. Nesta perspectiva, o surgimento da prática esportiva era sinalizado como capaz de fomentar “o espírito livre e elegante do homem moderno”

que não sente as torturas psíquicas forjadas nos gabinetes, os complexos e traumas do outro tipo do homem moderno, o psicastênico, o mórbido, o doentio criador das tragédias, empenhado sempre em literalizar ou intelectualizar a vida, roubando-lhe a força virgem que lhe emprestam os membros, os músculos e os corpos livres de recalques e inibições. Este novo tipo étnico (se me é permitido adjetiva-lo assim)

<sup>121</sup> SALLAS, Frita Teixeira de. Esportistas que permanecem. Minas Tenis Club: álbum de vistas, n.1, p.19.

rompeu os velhos tabus da rotina mineira, velhos preconceitos enraizados se dissolveram diante da alegria eugênica do novo ‘gentleman’<sup>122</sup>.

De acordo com a revista *Alterosa*, o hábito da prática de esportes transformou o povo mineiro, “soturno e sombrio, [...] preso às tradições, conservador e rotineiro”, em “sadio, em feliz, comunicativo e progressista”<sup>123</sup>. No texto são enaltecidas as piscinas do M.T.C, do Clube Atlético Mineiro e do América Futebol Clube, “grêmios esportivos tão necessários aos moços como as universidades”<sup>124</sup>. A reportagem concluía: “Os frutos da educação moderna ahi estão claros e nítidos. A mocidade que enche as nossas avenidas é bem diferente daquela que pisava tímida o asfalto das velhas ruas. Há força nos músculos [...] e decisão nas atitudes”<sup>125</sup>.

Em outras produções textuais que centraram seus objetivos em sinalizar o “grau de adiantamento esportivo de Minas”<sup>126</sup>, o esporte foi compreendido como mecanismo de adestramento da juventude e instrumento de preparação para a “raça de amanhã”, no intuito de “cooperar com o Brasil, em todos os setores da atividade humana, para torna-lo cada vez mais poderoso e cada vez mais forte”<sup>127</sup>. Em uma reportagem publicada na Revista *Metrópole* destacava-se a “nova educação physica” como forma de preparação de “homens equilibrados, vivos, criteriosos, efficientes, optimistas e, sobretudo, de acção”<sup>128</sup>. A sua principal finalidade, de acordo com a publicação, resumia-se em fortificar os músculos e fortalecer o corpo, ao mesmo tempo em que formava o espírito de disciplina, de colaboração e desenvolvia a iniciativa e a imaginação. Pode-se dizer que essas recomendações faziam parte de um contexto que Sevcenko (1993, p.81) denominou de “Nova Filosofia da Integralidade”, fundada em “músculos, nervos, impulsos, em coletividades disciplinadas, [...] em reflexos que seguem vozes de comando, na exortação do corpo, da força, da raça, da unidade, em suma, baseada na primazia da ação pura”.

O periódico *Diário Esportivo*, comprometido mais com a divulgação do futebol do que com a dos outros esportes, também manifestou em inúmeras edições sua preocupação com as finalidades da prática esportiva. Em realidade, suas palavras despontavam certo paradoxo, pois a maior parte de suas reportagens se prestava a noticiar o futebol profissional,

<sup>122</sup> *Idem*.

<sup>123</sup> CALOR convida ás piscinas. *Alterosa*, dez. 1939, pp.68-69.

<sup>124</sup> *Idem*.

<sup>125</sup> *Ibidem*.

<sup>126</sup> CAMPEONATO mineiro de natação. *Alterosa*, mai. 1946, n.73, p.118.

<sup>127</sup> MINAS Tenis, raça de amanhã. *Alterosa*, mar. 1943, n.34, p.54.

<sup>128</sup> SIMONE. O verdadeiro fim da educação physica. *Metrópole*. 1937, n.6, p.57.

versão do esporte que se distanciava dos próprios princípios advogados por muitos dos seus textos. Nas palavras que seguem estavam presentes a solidez de um discurso que seria difícil de ser superado.

É uma coisa muito comum falar-se e ouvir-se falar em ‘esporte pelo esporte’. Se compreendemos isto como o esporte bem intencionado, sem visar lucros, sem sujeiras, está muito bem. O esporte, como todos os meios de que se vale o homem, deve ser um meio, nunca um fim absoluto. Um meio para a educação do corpo, aprimoramento das qualidades físicas, disciplina mental e auxiliar da educação espiritual. O esporte deve ser um caminho para a perfeição corporal e espiritual, física e intelectual<sup>129</sup>.

A preocupação com a gestação de uma raça forte por meio dos esportes revelava-se com expressiva frequência, sobretudo na década de 1940, momento significativamente impactado pela Segunda Guerra Mundial. A preparação do corpo e do espírito foi difundida como um dever de todos os brasileiros. Tal premissa integrava as orientações racionalistas do governo de Getúlio Vargas, sobretudo no período do Estado Novo (1937-1945), quase coincidente com o próprio marco de ocorrência do conflito bélico.

Em 1941, foi instituído o Conselho Nacional de Desportos (C.N.D), destinado a “orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país”. A partir de sua criação, todas as associações esportistas deveriam se submeter ao controle autoritário do Estado (BAÍA, 2015)<sup>130</sup>. No artigo 3º, alínea “a”, destacava-se a seguinte finalidade atribuída ao referido órgão: “[...] tornar os desportos, cada vez mais, um eficiente processo de educação física e espiritual da juventude e uma alta expressão da cultura e da energia nacionais”<sup>131</sup>. Na alínea “b”, do mesmo artigo, enfatizava-se o esporte amador: “incentivar, por todos os meios, o desenvolvimento do amadorismo, como prática de desportos educativa por excelência”. Ainda nesta alínea, determinava-se “rigorosa vigilância sobre o profissionalismo, com o objetivo de mantê-lo dentro de princípios de estrita moralidade”. Sobre a relação entre os dois regimes, o artigo 53º determinava que as entidades que abrangessem desportos de prática profissional deveriam “organizar superintendência técnica das atividades amadoras correspondentes e realizar torneios e campeonatos exclusivos de amadores”<sup>132</sup>. A partir dessas

<sup>129</sup> COUTINHO, José de Araújo; FILHO, J. Etienne. Duas Palavras. *Diário Esportivo*. 30 de agost. 1945, n.6, p.2.

<sup>130</sup> Segundo Baía (2015, p.43), a criação do C.N.D “submeteu todas as associações desportivas ao controle do Estado”, estabelecendo “as bases da organização esportiva de todo o país”. A criação ou extinção de confederações desportivas somente poderia ocorrer mediante decreto presidencial e toda entidade que desejasse participar de competição internacional deveria submeter-se à autorização legal (BAÍA, 2015).

<sup>131</sup> BRASIL. Presidência da República. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941.

<sup>132</sup> *Idem*.

resoluções, observa-se que o C.N.D reconhecia a prática profissional, mas com certa cautela em relação à sua estrutura de funcionamento; já com relação ao amadorismo delegava-se o papel legítimo de formação e educação, manifestando-se preocupação com a sua continuidade nas entidades profissionais.

Nos dizeres de Pereira (2000, pp.335, 336) Getúlio foi considerado o patrono do esporte nacional, “ao fazer do esporte de maneira geral, que considerava ser um dos principais fatores determinantes da grandeza de formação de um Brasil novo, um dos pontos centrais da propaganda de seu governo”. Como observa Drumond (2010, intr. pos.71), “modelos de identidades são perpassados pelo esporte” e “se por um lado o esporte se tornou uma prática social transnacional e globalizada, por outro passou a atuar como um novo delimitador de fronteiras, reforçando identidades regionais e nacionais”. A propaganda getulista visava a criação de “uma atmosfera de euforia e de otimismo, na produção de uma nova raça, forte e eugênica, que marcaria o futuro do Estado brasileiro (DRUMOND, 2010, cap.1, pos. 139)”.

A partir do ano de 1942, a finalidade utilitária e patriótica destinada aos esportes encontraria maior ressonância após o Brasil se aliar aos Estados Unidos e declarar guerra à Alemanha e aos demais países componentes do Eixo (Itália e Japão). Reportagens e apelos publicitários clamavam ao povo brasileiro a necessidade de preparação de um novo corpo, capaz de representar a força da nação brasileira. Além do uso ideológico do esporte como um instrumento político propagandista no governo Vargas, a veiculação da “cultura física” comportou uma finalidade prática relacionada ao enfrentamento do confronto bélico. A ginástica e a educação física, instrumentos de fortalecimento do corpo e do caráter, foram veiculados, na imprensa periódica belo-horizontina, como armas de guerra.

Em uma publicidade do fortificante Biotônico Fontoura, publicada no jornal *Estado de Minas* e datada do ano de 1942, encontram-se orientações destinadas aos cidadãos brasileiros com a finalidade de torná-los mais fortes e produtivos para defender “o Brasil do presente” e construir – “maior e mais rico – o Brasil de amanhã”. No texto havia a chamada “Prepare-se para defender a Pátria” e a primeira medida citada era a prática da “cultura física”<sup>133</sup> (FIG. 7).

---

<sup>133</sup> A parte que se referia à “cultura física” contava com a seguinte descrição: “O exercício físico regular é uma valiosa defesa para o organismo. 15 minutos de ginástica diariamente dar-lhe-ão nova disposição para lutar”. Os outros elementos que compunham o “arsenal individual” de defesa da pátria eram: o repouso, a alimentação e o consumo do Biotônico Fontoura.

Figura 7: O Brasil está em guerra.



Fonte: jornal Estado de Minas, 04 de out. 1942, p.7.

Com uma matriz argumentativa semelhante, uma das edições da revista *Mackenzie* assinalava: “Praticar educação física é um dever de todo brasileiro. Só teremos uma raça forte, quando todos se compenetrarem da alta função da educação física como forja de homens fortes no corpo e, consequentemente, fortes no espírito”<sup>134</sup>. Na capa de uma das

<sup>134</sup> PRATICAR educação física é um dever.... Mackenzie, abr.1949, n.1, p.1.

edições da revista *Paysandu* se apresentava a seguinte descrição: “Tudo pela difusão dos esportes para melhor aperfeiçoamento da raça”<sup>135</sup>. O adestramento físico da juventude por meio da prática de esportes foi citado como fator preponderante em outro número: “nas quadras desportivas a mocidade recebe ao par de um desenvolvimento físico perfeito uma sólida educação moral, básica na formação de um nacionalismo sadio”<sup>136</sup>. Esse nacionalismo também se referia à preparação do corpo para situações adversas de embates: “Somente os povos fortes poderão contemplar, livres e soberanos, o amanhecer do dia da liberdade, em após guerra”<sup>137</sup>. Nota-se, de maneira geral, que a utilização dos termos “educação física”, “exercícios físicos”, “atividade física”, “esportes” e “ginástica” possuía o mesmo intuito formativo.

Em outra publicação, oriunda do Boletim Informativo da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, encontra-se a descrição de um discurso proferido pelo então governador da Bahia, Otávio Mangabeira, na ocasião de realização do campeonato brasileiro de basquetebol, no ano de 1949. Nesse momento, a guerra já havia se encerrado, mas os discursos que alivavam o esporte ao preparo da nação ainda se faziam presentes. O governador, que vivera na França e nos Estados Unidos, enalteceu a participação deste último país na Segunda Guerra, relacionando a educação esportiva ali promovida ao sucesso de suas ações bélicas<sup>138</sup>. Ao abordar a entrada estadunidense na guerra, após o ataque japonês a Pearl Harbor, as palavras de Mangabeira foram assim descritas:

Procurando, então, verificar a causa dessa espetacular façanha, a sua conclusão fora de que o norte-americano tivera forças para assim agir em função diretamente ligada à sua educação esportiva. Sim, foi o esporte a causa da vitória dos norte-americanos. Por isso, ele chegara à conclusão de que todo o povo, para ser forte, amar a liberdade, deve incluir a prática de diversas modalidades esportivas no seu sistema educacional. Isso porque o esporte iguala todos os homens, sejam eles brancos ou pretos, médicos, engenheiros, bacharéis ou simples operários. O que interessa, isso sim, é a sua habilidade técnica de ser útil ao clube, onde todos são iguais e amigos. Mais adiante o governador da Bahia acentuou que, para o Brasil, a prática do esporte deve ser cada vez mais incentivada e aprimorada, para a grandeza da nação [...]<sup>139</sup>.

<sup>135</sup> PAYSANDÚ, abr. 1942, s.n.

<sup>136</sup> SENNA, Arnaldo de. Doze anos. Paysandú. abr. 1944, n.3, p.1.

<sup>137</sup> *Idem*.

<sup>138</sup> Também a revista Paysandú publicou uma reportagem de duas páginas enaltecendo a “saúde e educação física nos colégios e universidades dos Estados Unidos”. Dentre os elementos destacados, tinha-se a educação física como uma forma de se preparar os jovens para “serviços de guerra” (agost. 1944, n. 7, p.3).

<sup>139</sup> ADMIRADOR incondicional do esporte. Boletim Informativo da Diretoria de Minas Gerais, 31 de mar. 1949, n.3, p.1.

A publicação do Boletim Informativo da Diretoria de Esportes de Minas Gerais teve início em janeiro de 1949<sup>140</sup> e destinava-se a promover e difundir os esportes amadores no estado. Em suas páginas é possível encontrar dados detalhados sobre os clubes, sobre as competições amadoras e sobre um panorama geral da prática esportiva no estado, além de orientações de diversas naturezas, que se relacionavam à medicina e à psicologia esportiva, por exemplo. Parte significativa das publicações se centrava no objetivo de definir os comportamentos do esportista e relacioná-los a uma prática “ideal” de esporte. O preparo do corpo e da mente, atento às finalidades educativas descritas anteriormente, não se baseava em qualquer formato de prática esportiva. Era o esporte amador, calcado nos preceitos do Olimpismo, que detinha a centralidade das atenções e a legitimidade formativa dos novos cidadãos necessários à construção de uma nova pátria. Tais orientações também estiveram frequentemente presentes em reportagens publicadas nos diversos periódicos pesquisados. A idealização de um esportista “puro” contrapunha-se às novas possibilidades vislumbradas em torno da prática esportiva, especialmente, ao profissionalismo, compreendido como uma forma de deturpação dos reais princípios do esporte.

Em uma das edições do Boletim da Diretoria de Esportes, encontra-se a definição de amador, transcrita de uma resolução do Comitê Olímpico Internacional, do ano de 1947, “resolução essa que prevalece para todos os países filiados às diversas Federações Internacionais”.

A questão do amadorismo ocupou parte importantíssima das reuniões, mas chegou-se a decisão de só considerar ‘amador’ aquele que se entrega e sempre se entregou ao desporto, por gosto ou distração, por bem físico e moral, sem tirar das práticas dos jogos o menor benefício material, direta ou indiretamente. Para poder tomar parte nos jogos o atleta tem que ser amador e como tal reconhecido e afiançado pelas federações internacionais [...]<sup>141</sup>.

Outro número do mesmo documento traz uma transcrição de uma palestra proferida por um médico e professor sobre os problemas psicológicos no esporte e na educação física. Em suas palavras, o esporte poderia ser classificado em variantes, de acordo com as suas finalidades: “higiênicas, terapêuticas, lúdicas, educacionais e econômicas”<sup>142</sup>.

<sup>140</sup> A Diretoria de Esportes de Minas Gerais foi criada em 1946 e foi a entidade gestora dos esportes no estado até o ano de 1987 (RODRIGUES; COSTA, 2014).

<sup>141</sup> ATENDENDO a uma consulta... Boletim do Departamento de Esportes de Minas Gerais, 28 de fev. 1949, n.2., p.24.

<sup>142</sup> PROBLEMAS psicológicos no esporte e na educação física. Boletim do Departamento de Esportes de Minas Gerais, 30 de jun. 1949, n.6.

Esta última vertente seria abarcada, segundo o palestrante, pelos profissionais do esporte: “um grupo mais reduzido de pessoas que fazem o esporte como um trabalho, isto é: como um meio de ganhar a vida [...]. Aí o esporte se converteu num espetáculo público e sendo um centro de atração e grande interesse, gera o profissionalismo”<sup>143</sup>. Na sequência, o autor deixa claro aos seus interlocutores que o melhor desígnio do esporte é aquele que se pauta em seus princípios educativos, ou seja, em sua vertente amadora.

Pelo aspecto das produções textuais mencionadas, percebe-se que as finalidades da prática esportiva no período em questão, na cidade de Belo Horizonte, estavam intrinsecamente relacionadas a feições úteis e educativas, em favor da formação moral e física, sobretudo, de uma dada juventude. Uma ação pedagógica com “alto valor educativo”, de “ação espiritual e aperfeiçoamento físico do brasileiro, porque o faz sadio de corpo, lúcido de espírito, puro de coração”<sup>144</sup>. Em outros trechos de reportagens, a importância dos esportes residia na função de proporcionar “um campo útil à prática das diversões ativas” e de “preservar a raça ao futuro da nacionalidade, ao ritmo da civilização”<sup>145</sup>.

A premissa máxima da funcionalidade dos esportes amadores – “um espírito são num corpo sadio” –, embora parecesse vigorar como uma lei unívoca e abrangente, comportava graus diferenciados de legitimidade na hierarquia social mineira e belo-horizontina. Em um extremo, pode-se pensar a existência dos clubes e praças de esportes construídos para a elite e os esportes especializados praticados nesses meios. No outro extremo, pode-se verificar a presença de praças de esportes e de clubes construídos para um público formado por condições sociais variadas e deslocado, geograficamente, das regiões centrais. No primeiro caso, a utilidade dos esportes estava atrelada à formação do *gentleman*, do *sportman* e da *sportwoman*. Já no segundo caso, a premissa educativa estava centrada, dentre outras prerrogativas, em uma qualificação física e mental da mão-de-obra trabalhadora.

Tais diferenciações se tornam perceptíveis nas diversas publicações pesquisadas. Quando os textos objetivavam descrever atividades relacionadas, por exemplo, ao Minas Tenis Club e ao Iate Golfe Club (localizado no complexo arquitetônico da Pampulha) e ao público frequentador dessas instituições, eram utilizadas, repetidamente, expressões como: “aristocrática praça de esportes”, “fina flor da elite social”, “mais alta beleza e distinção”, “rapazes e moças de nossos principais núcleos de civilização”<sup>146</sup>; “aristocrático clube da

<sup>143</sup> *Idem*.

<sup>144</sup> INFLUÊNCIA do esporte. Boletim do Departamento de Esportes de Minas Gerais, 1949, n.5, p.13.

<sup>145</sup> COMO se deve praticar o esporte. Minas Tenis Club: álbum de vistas, 1941, n.1, p1.

<sup>146</sup> O SEXTO aniversário do Minas Tenis Clube. Alterosa. 21 de dez. 1941, n.21, pp.92-93.

Pampulha”, “elite social da cidade”<sup>147</sup>; “elementos da melhor sociedade de Belo Horizonte”<sup>148</sup>, “movimento cheio de distinção”<sup>149</sup>; “elegância da sociedade belorizontina”<sup>150</sup>, “famílias mais distintas da sociedade”<sup>151</sup>; “o que a sociedade tem de mais fino”<sup>152</sup>, “clube aristocrático”<sup>153</sup>; “impressão de encanto, de civilização, de apuro”, “perfeitos ‘gentlemen’”, “aristocrático parisianismo”<sup>154</sup>; “elite belorizontina”<sup>155</sup>; “elemento civilizador”<sup>156</sup>.

As iniciativas que se voltavam para a criação de praças de esportes para as classes sociais mencionadas como “menos favorecidas”<sup>157</sup>, oriundas do programa político de vulgarização da prática esportiva em Minas Gerais, não apresentavam os adjetivos qualificadores vislumbrados no primeiro caso. Ao referenciar a inauguração de uma das praças na cidade de Sete Lagoas, os objetivos de tal empreitada se centravam na possibilidade de “preparação da mocidade para os duros embates da vida”. Dentre as frentes argumentativas propostas no documento, destacava-se: “Sete Lagoas, cuja população operária é grande, irá sentir, dentro em breve, os efeitos salutares desta democratização dos esportes”<sup>158</sup>. Embora o Minas Tenis Club tenha se transformado em “referência para a criação de outras praças no interior do Estado” (RODRIGUES et al., 2014, p.40), percebe-se um distanciamento importante entre as finalidades e as características do clube precursor dessa política de esportes e as outras praças construídas em outras localidades.

Certamente, na fronteira entre um extremo e outro residiam mesclas, diálogos e tensões. Se, de fato, as praças esportivas alcançaram a finalidade de “democratização” dos esportes e possibilitaram a sua difusão entre todas as classes sociais (como preconizavam seus objetivos) não se pode ter certeza por meio dessa investigação. O que aqui interessa é a constatação de diferenciações discursivas que representavam níveis dessemelhantes de legitimidade para as práticas esportivas e seus praticantes no cenário belo-horizontino.

À diferença dos esportes denominados de especializados – o voleibol, o basquetebol, o tênis e a natação, por exemplo – o futebol seguiu um curso de distanciamento

<sup>147</sup> O BAILE do Iate Golfe... Alterosa. abri.1943, n.36, pp.38-39.

<sup>148</sup> RIBEIRO, Paulo. Domingo dançante no Minas Tênis Clube. Olímpica, s/n, 1944, p.17.

<sup>149</sup> *Idem*.

<sup>150</sup> NA HARMONIA arquitetônica da cidade... Minas Tenis, jan. 1944, n.2, p.18.

<sup>151</sup> SPORTMAN. Minas Tenis. Jan. 1944, n.2, p.29.

<sup>152</sup> MENEGALE, Heli. Uma enseada na montanha. Minas Tenis, dez. 1944, n.5, p.5.

<sup>153</sup> MINAS TENIS. dez. 1944, n.5, p.16.

<sup>154</sup> GAEL, Rolando de. Uma tarde no Minas Tenis Clube. Minas Tenis Clube: álbum de vistas, 1941, n.1, p.1.

<sup>155</sup> MINAS Tenis Clube. Metrópole, 1937, n.6, p.67.

<sup>156</sup> O PRIMEIRO aniversário do Iate Golfe Clube. Novidades, fev.1944, n.72, p.30.

<sup>157</sup> RESUMO das atividades... Boletim da Diretoria de Esportes de Minas Gerais. 30 de abr. 1949, n.4, p.1.

<sup>158</sup> UM NOVO núcleo de irradiação. Boletim da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, n.5, p.2, 1949.

de seus valores iniciais, estabelecendo um terreno próprio de significação e uma área relativamente autônoma de atuação.

Nesse momento, torna-se necessário elucidar algumas das possibilidades de interpretação do campo esportivo belo-horizontino, a partir da análise de situações específicas da realidade desta cidade. Utilizando-se da definição de campo, proposta por Bourdieu (2003, pp.119, 120) como um espaço estruturado de posições e que possui “leis gerais”, com propriedades específicas, particulares e interesses próprios, mantido permanentemente por um estado de relação de força entre os agentes, pode-se considerar que o campo esportivo construído em Belo Horizonte foi, inicialmente, demarcado por esportes que detinham uma significação simbólica aristocrática e vivenciado por sujeitos partícipes de um mesmo *habitus*<sup>159</sup>, o que possibilitava o reconhecimento mútuo das leis imanentes àquele campo, marcado pelo seletismo e por seus próprios sistemas de distinção.

Em seus anos iniciais, a prática do futebol foi integrante deste campo (junto ao ciclismo, ao turfe e ao críquete, por exemplo). No entanto, posteriormente, o lugar social ocupado por este esporte se transformou com a paulatina expansão e popularização do jogo. A vulgarização abalou a força distintiva daquele “espaço de posições” (BOURDIEU, 2003, p.119), ou seja, suas “distâncias diferenciais” (BOURDIEU, 2007, p.212). Tal situação ocasionou em uma subdivisão do campo esportivo criado pelo futebol a partir de suas novas características, definidas neste trabalho como o campo do “amadorismo aristocrático” (integrado pelos remanescentes do velho e distintivo amadorismo) e o campo do “amadorismo popular” (integrado pelos novos personagens que começaram a aderir ao jogo, distantes das primeiras conformações iniciais).

Contudo, a prática do futebol, em termos gerais, especialmente no decorrer da década de 1920, teria sua legitimidade enquanto elemento formativo posta em xeque, pois mesmo sendo ainda praticado por membros da elite, seria taxado pejorativamente de “popular” (“o esporte das multidões”); uma denominação que abarcaria todo o esporte e todos os seus praticantes, dado o incessante aumento de seus adeptos, o crescimento de sua vivência nas periferias, as incursões mercadológicas e as constantes cenas de violências relatadas nos

---

<sup>159</sup> Para Bourdieu (2007, p.96), o habitus está relacionado à posição que determinados agentes ocupam no meio social e pelas distinções que operam em relação a esse próprio meio. As disposições constitutivas do habitus são, assim, válidas apenas em relação com um campo específico de forças: “o habitus permite estabelecer uma relação inteligível e necessária entre determinadas práticas e uma situação, cujo sentido é produzido por ele em função de categorias de percepção e apropriação”. Ou seja, o habitus é uma “forma de agir” relacionado a determinado campo, construído por conhecimentos (herdados ou adquiridos) possibilitados no decorrer da vida do indivíduo e que são determinantes para a posição que esse mesmo indivíduo ocupa no meio social, diferenciando-o de outros indivíduos.

periódicos. As narrativas sobre o futebol, não raro, passaram a ser atreladas às mazelas da cidade e do ser humano. Mesmo em sua versão amadora, o futebol recebia inúmeras críticas, a exemplo de uma reportagem que visava enaltecer o surgimento do M.T.C como instituição promotora do legítimo esporte: “[...] Esporte até então era futebol – brigas, canelas quebradas, paixão, grosseria, deselegância. A piscina no Minas Tenis Clube teve a sua função moral: mostrou que o esporte é amável – diverte e estimula, discipliniza e alegra”<sup>160</sup>. Em outra reportagem, destinada a exaltar os feitos do então governador Benedito Valadares, lê-se: “Tínhamos, é, verdade, campos de futebol como em todo Brasil. Mas a educação física com finalidade eugênica, com programas, instrutores, livros e tudo mais, só foi criada no atual governo”<sup>161</sup>.

Em meados da década de 1920 já se noticiava tentativas de agressões aos juízes de futebol por parte do público assistente. O jornal *Minas Sport* demonstrava preocupação com o fato de que tais ações pudessem “fornecer terreno para o estrangeiro acreditar que somos um povo incivilizado, desordeiro e incoherente”. Ao atribuir o descontrole das atitudes do público ao “facto de não ter o partido de sua sympathia alcançado a vitória”, o colunista questionava: “[...] qual o motivo, por conseguinte, que leva a massa popular a punir o referee com socos, bengaladas, tiros, etc., quando nenhum dos tais processos pode influir no resultado do jogo?”<sup>162</sup> Sobretudo após a implantação do profissionalismo em 1933 – ação que se contrapunha aos preceitos puristas do amadorismo e sobre os quais a ideia fundante de modernidade em Belo Horizonte também se assentava – esta “deslegitimização” seria acentuada.

No cerne das mudanças que se processaram com as transformações do futebol, os esportes especializados foram adquirindo os significados de verdadeiros esportes, aqueles que detinham as melhores condições para se cumprir com os preceitos formativos em voga e com as finalidades do progresso e da civilização, vivenciados por sujeitos pertencentes a um novo *habitus*. Nesse caso, a anterior divisão do campo esportivo direcionada ao futebol foi ressignificada: os esportes especializados passaram a ocupar a posição do “amadorismo aristocrático”, enquanto o futebol, de forma geral, passou a ser o maior representante do “amadorismo popular”. Em uma das reportagens, observa-se esta segregação do campo esportivo belo-horizontino: “[...] o esporte especializado tem vencido entre nós, e de uma maneira tão útil e promissora, o esporte profissional, lamentável desvirtuamento da verdadeira

<sup>160</sup> REBÉLO, Marques. Instantâneos do sócio numero... Minas Tenis Club: álbum de vistas. 1941, n.1, p.77.

<sup>161</sup> GOVERNADOR Benedito Valadares. Minas Tenis Clube: álbum de vistas. 1941, n.1, p.27.

<sup>162</sup> BORGERTH, Alberto. Os juízes e o público. *Minas Sport*. 15 de nov.1925, n.6, p.1.

e pura mentalidade esportiva”<sup>163</sup>. Pela data de publicação do texto, 1941, pode-se inferir que o esporte “desviante” era o futebol. Como observa Bourdieu (2007, p.90), “as mesmas práticas podem receber sentidos e valores opostos em campos diferentes, em estados diferentes ou em setores opostos do mesmo campo”. Posteriormente, outros campos e novas formas de segregação surgiriam com a adoção do profissionalismo, como será problematizado posteriormente. Importante ressaltar que essas divisões não se estabeleceram de forma rígida ou como possibilidades únicas. Nos embates dos campos esportivos, mesclas, tensões e ressignificações estiveram sempre presentes.

O controle das emoções e das paixões era uma medida considerada importante para o bom desenvolvimento dos princípios morais dos esportes e, na contramão dessa prerrogativa educativa, o futebol passava a representar o lugar do descontrole. A torcida, por exemplo, foi tema de um artigo produzido por João Lyra Filho<sup>164</sup> e transscrito no Album de Vistas do Minas Tenis Club. Nas palavras do autor, o alcance da disciplina nos espetáculos esportivos era dependente de ações voltadas para a educação do público, “que se divide de conformidade com as tendências das simpatias, em razão desse ou daquele competidor”<sup>165</sup>. Lyra Filho cita como exemplo os jogos de “foot-ball”, nos quais a presença de orientadores de torcidas seria “tão útil quanto o maestro, diante da orquestra sob sua regência”<sup>166</sup>. A presença dos orientadores poderia constituir “um ponto de referência útil, que regra e pondera as ondulações do entusiasmo, sem perde-lo na frouxidão comprometedora do instinto”<sup>167</sup>.

O futebol passou a ser um dos principais símbolos das deficiências educativas relacionadas à grande massa descontrolada de aficionados, que crescia exponencialmente e influenciava o cotidiano da cidade. A sua vivência – nos clubes, nas ruas, nos cafés, nos campos e nos estádios – representava, nas linhas dos periódicos, o “popular” que fugia à domesticação dos caracteres humanos essenciais à formação do bom esportista. Praticado por pessoas oriundas de diferentes regiões da cidade – do centro ao subúrbio –, com diferentes graus de poder aquisitivo (capital econômico), de instrução (capital cultural) e de representatividade na hierarquia social (capital social)<sup>168</sup>, o futebol recebia críticas não apenas das revistas destinadas à propagação dos esportes amadores especializados, mas também de periódicos que o tematizavam com significativo destaque. Dentre estes, vale ressaltar o jornal

<sup>163</sup> SALLES, Frita Teixeira. Esportistas que permanecem. Minas Tenis Club: álbum de vistas, 1941, n.1, p.19.

<sup>164</sup> João Lyra Filho foi o primeiro presidente do C.N.D, em 1941.

<sup>165</sup> FILHO, João Lyra. A arregimentação da torcida. Minas Tenis Clube: álbum de vistas, 1941, n.1, p.77.

<sup>166</sup> *Idem*.

<sup>167</sup> *Ibidem*.

<sup>168</sup> A menção aos capitais se fundamenta nas teorias de Bourdieu (2007) quanto aos processos de distinção e de diferenciação manifestados nos esquemas de percepção e apropriação da realidade social em um dado contexto.

*Diário Esportivo*, que evidenciou em muitas de suas páginas as mazelas do futebol amador e profissional. Outro exemplo é o jornal *O amadorista*, criado exclusivamente para difundir o futebol amador diante da constatação de seus editores da pouca atenção recebida por esta modalidade nos outros impressos da cidade. Dentre as críticas produzidas ao futebol profissional, vislumbrava-se, também, inúmeros julgamentos acerca da desvirtualização dos princípios morais do amadorismo.

Nessa conjuntura de veiculação de padrões normativos para os comportamentos relacionados à prática esportiva, o futebol se desenvolveu mediante uma ressignificação constante de sentidos presentes na mescla de características aristocráticas e populares do esporte. Os embates gestados em torno da profissionalização do futebol são parte deste contexto maior de inserção, onde foram permanentemente postos à prova, valores, atitudes e princípios morais. Pode-se afirmar que, apesar do confronto estabelecido nas produções discursivas, o futebol se desenvolveu em Belo Horizonte como uma de suas principais práticas culturais. Sua popularização se efetivou rapidamente, fato que refletiu na própria produção editorial do período. Sobre a década de 1940, o colecionador de periódicos Joaquim Nabuco Linhares (1995, p.414) assim se pronunciou: “na época que atravessamos, o futebol a quase todos empolgou e tudo avassalou [...]”.

### 1.3 O futebol na cultura belo-horizontina: da particularização à expansão e as novas significações do campo esportivo

A lógica da utilidade, uma das marcas da racionalidade presente na ideia de modernidade, fez-se presente nas primeiras divulgações da imprensa acerca da atuação do *Sport Club Foot-Ball*, equipe considerada a pioneira do gênero na capital mineira. Em reportagens publicadas no jornal *Minas Geraes*, o futebol foi noticiado como “útil diversão”, como elemento de “distração para o público” e como meio que concorre para a “perfeição da espécie”<sup>169</sup>. Uma educação para uma nova sensibilidade estava em curso e nela fazia-se presente o futebol.

É recorrente nas pesquisas que tematizam a história do futebol em Belo Horizonte a menção às barreiras sociais impostas para a associação aos primeiros clubes criados na

---

<sup>169</sup> MINAS Geraes. 13 de jul. 1904, p.6.

cidade<sup>170</sup>. Ribeiro (2007, p.52) destaca que era comum o ingresso de novos membros nas equipes condicionado à indicação de alguém já pertencente à entidade, “assim como a aprovação da diretoria, a qual contaria com o subsídio de informações a respeito da posição socioeconômica do candidato”. Ressalta o autor que também era corrente a cobrança de uma joia, uma espécie de cota de admissão ao clube, medida que tornava acessível a associação futebolística a apenas uma pequena parcela da população. Sobre o *Sport Club*, Ribeiro (2007, p.52) relata que a joia cobrada era de 10\$000 e a mensalidade era de 5\$000: “para se ter uma ideia da grandeza dos valores, eles eram semelhantes aos praticados, em 1905, pelos cariocas Fluminense F.C e Botafogo F.C, reconhecidamente os clubes mais elegantes do Distrito Federal” (*idem*).

Vale recordar que a recém-criada Belo Horizonte mantinha uma forte hierarquia social, “mais próxima da estrutura patrimonialista de organização política” caracterizada pelo sistema oligárquico mineiro da República Velha (BOMENY, 1994, p.31). Com base nos dados do historiador Cid Rebelo Horta, Bomeny (1994, p.31) ressalta que a “elite social e econômica do estado estava interligada em uma pequena rede de cerca de 30 famílias”. Desse lado, os governantes, os funcionários públicos de alto escalão, os grandes proprietários de terrenos e os comerciantes mais bem-sucedidos. Do outro – a maior parte – os trabalhadores braçais, os pequenos comerciantes, os condutores de bonde, os operários, os trabalhadores informais, as pessoas sem ocupação, dentre outros remanescentes da antiga Currall D’El Rey ou que migraram para cidade em busca de emprego.

As hierarquizações se construíam explicitamente no cotidiano da cidade, como demonstrou Nava (2012) em inúmeras de suas narrativas. O memorialista demarca, em várias passagens de sua obra, os signos de distinção presentes na sociedade belo-horizontina e as possibilidades de inserção de cada grupo social em cada lugar da cidade. Naquele momento, as demarcações estavam inscritas nas vestimentas, nos costumes, no bairro onde se morava e até no número de janelas existentes nas fachadas das casas. As pessoas eram classificadas, segundo Nava (2012), de acordo com a residência onde moravam, desde os pardieiros das casas A e B (com uma e duas janelas, respectivamente) até os palacetes das casas F (com seis ou mais janelas). Pode-se dizer que integrantes das primeiras equipes de futebol de Belo Horizonte eram, em sua maioria, pertencentes à primeira “classificação”.

As fontes trabalhadas por Ribeiro (2007, p.67) fornecem indícios importantes, que se referem a “ideais de incremento da vida social elegante e de desenvolvimento físico” dos

---

<sup>170</sup> Podem ser destacadas as pesquisas de Couto (2003), Rodrigues (2006), Ribeiro (2007), Souza Neto (2010), Moura (2010) e Lage (2013).

praticantes do futebol. O autor, ao retratar a realização do primeiro torneio da Liga Mineira, em 1915, observa que em um dos jornais havia a preocupação de se “congregar a elite da capital mineira”. Em um dos jogos, mencionou-se que nas arquibancadas estaria o que “há de mais seletos em nosso meio social” (RIBEIRO, 2007, p.79). Havia também uma forte preocupação com a boa educação da mocidade, fatores intrinsecamente relacionados à formação que se almejava para as parcelas mais abastadas da sociedade.

Outro signo distintivo residia na utilização frequente de termos em inglês para descrever as principais características do jogo, um costume que chegou à cidade com o próprio futebol. Expressões como *match*, *crack*, *sportman*, *sportwoman*, *scratch*, *goal*, *referee* e *stadium* preenchiam as páginas dos jornais e revistas, compondo um dos mais significativos símbolos de distinção da modalidade. Em um país onde grande parte das pessoas ainda era analfabeta em sua própria língua pátria, não se pode ignorar tal fato. Assim, os caracteres presentes na veiculação e no anúncio de um ideário moderno comprometiam-se, sobremaneira, com um determinado grupo social. Embora o costume de se utilizar expressões inglesas tenha permanecido durante todo o período pesquisado, a sua utilização, atrelada à vivência do jogo por um círculo restrito de pessoas, foi majoritariamente percebida nos primeiros anos de existência do futebol na cidade.

Em uma das narrativas de Barreto sobre a história do *Sport Club* encontra-se o primeiro estatuto do clube, documento em que se pode localizar algumas das informações fornecidas por Ribeiro (2007). Parte de seus artigos são descritos a seguir:

#### CAPÍTULO I

Art.1 – Com a denominação de SPORT CLUB fica organizado nesta capital em julho de 1904 uma associação com o fim especial de fazer propaganda de todos os exercícios atléticos, tais como o futebol (principalmente), pedestrianismo, cricket, lawn-tenis, esgrima, etc.

#### CAPÍTULO II

##### Dos sócios

Art. 3 – contribuição com a joia e mensalidades estabelecidas.

Art.6 – d) propor para sócio qualquer pessoa que julgar digna de pertencer ao clube. Reclamar perante a Diretoria contra a admissão de um sócio que julgar menos digno, fundamentando por que assim procede.

Art.8 – Todos os sócios pagarão adiantadamente a joia de 10\$000 e mensalidade de 5\$000.

Art. 9 – Todos os sócios são obrigados: c) a servir gratuitamente nos cargos para que forem eleitos ou nomeados; d) a ter o respectivo uniforme sem o qual não poderão tomar parte nos jogos oficiais<sup>171</sup>.

<sup>171</sup> BARRETO, Abílio. Nasce o foot-ball na cidade. Alterosa. dez. 1945, n.68, pp.134-135.

Nota-se, nesta passagem, a referência a aspectos restritivos presentes no ingresso ao clube. Uma característica relevante era a obrigatoriedade dos sócios em servir nos cargos administrativos de forma gratuita. O preenchimento desta condição pressupunha a posse de certo tempo disponível, o que, possivelmente, estaria distante da realidade da maioria dos trabalhadores da cidade.

Observa-se, também, a menção à obrigatoriedade de se possuir uniforme para “tomar parte nos jogos oficiais”. Naquele momento não era simples adquirir as vestimentas e os acessórios necessários para a prática do jogo. Nas memórias de Nava (2012) encontra-se um relato que pode ilustrar esta situação. O ano era 1914, uma década depois da criação dos primeiros clubes de futebol da capital. Matriculado no Gymnasio Anglo-Mineiro, saíra certo dia com sua mãe para comprar os materiais exigidos para o início do semestre letivo. O colégio, inaugurado no mesmo ano, tinha o futebol como uma das atividades físicas mais importantes do currículo, que se pautava no modelo das escolas inglesas. Dentre os materiais escolares exigidos, estava, pois, o uniforme de futebol. De acordo com Nava (2012), um dos comerciantes da capital havia importado do Rio de Janeiro tecidos para a confecção de camisas, shorts, meias e chuteiras.

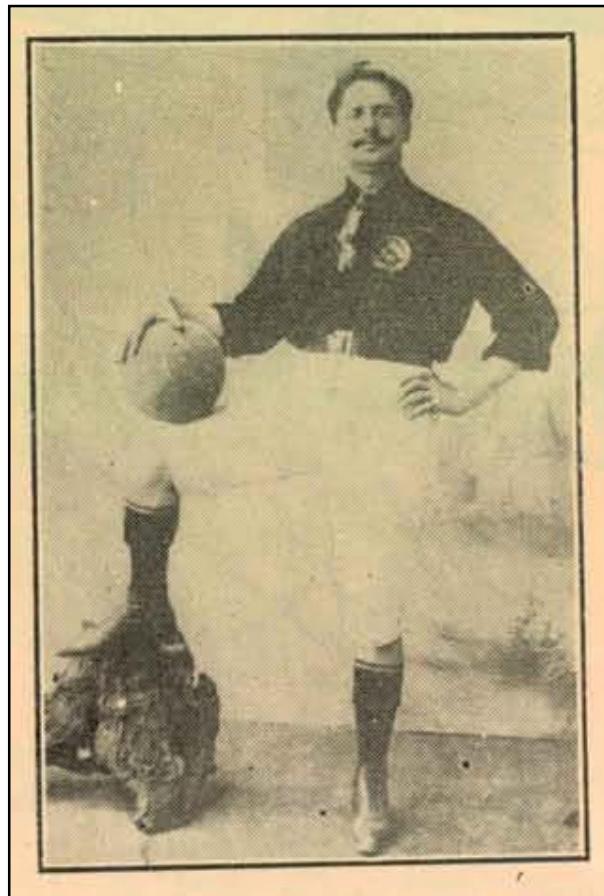
[...] Chuteiras rangentes, uniformes de futebol. Compramos ali um par daquelas botinas ferradas, cheias de traves na sola, de acolchoados laterais para defender os tornozelos das outras bicâncias; as meias pretas de cano alto terminando por sanfonas de riscas vermelhas (NAVA, 2012, p.159).

Por meio deste relato pode-se inferir que, mesmo em 1914, não era tarefa simples possuir vestimentas e acessórios para a prática do esporte (ao menos em sua versão institucionalizada). Em uma das fotos pertencentes ao acervo de Barreto, destaca-se a presença de um dos integrantes do *Sport Club*. Na legenda, lê-se: “José Gonçalves, um dos fundadores e tesoureiros do clube, trajando o uniforme, trazendo no peito o distintivo da entidade e empunhando a primeira bola que mandara vir de São Paulo (1904)”<sup>172</sup>. A descrição textual e a imagem fornecem indicativos importantes sobre as características do futebol em seu momento inicial (FIG.8).

---

<sup>172</sup> *Idem.*

Figura 8: José Gonçalves, um dos fundadores do *Sport Club*



Fonte: Revista Alterosa, dez. 1945, n.69, p.134-135.

O memorialista também narrou a reverberação da disputa de uma partida de futebol no jornal *Minas Geraes*, no ano de 1904: “Ante-ontem, foi disputado um *match* de *foot-ball* no campo desta nobre sociedade perante tão numerosa quão fina roda de distintos *sportmen* e gentis *sportwomen* [...]”. De acordo com Barreto, a criação de outra equipe no mesmo ano, o *Plinio Foot-Ball Club*, foi destacada pelo mesmo veículo com expressões como: “admirado e cavalheiroso futebol”, “ordem disciplinada”, “mens sana in corpore sano”<sup>173</sup>.

Além do *Sport Club Foot-Ball*<sup>174</sup> e do *Plinio Foot-Ball Club*, outras equipes foram criadas em Belo Horizonte nos anos iniciais da prática do futebol, tais como: *Atlhethico Foot-Ball Club* (1904), *Mineiro Foot-Ball Club* (1904), *Brasil Foot-Ball Club* (1905), *Estrada*

<sup>173</sup> BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, jan. 1946, n.69, pp. 106, 107, 115.

<sup>174</sup> Segundo Rodrigues (2006), a equipe do Sport Club se subdividiu em 1905 para disputar um torneio, formando os quadros Colombo e Vespúcio.

*Foot-Ball Club* (1905)<sup>175</sup> / *Viserpa Foot-Ball Club* (1905) e *Juvenil Foot-Ball-Club* (1905). Barreto relata que o futebol chegou em Belo Horizonte despertando “grande entusiasmo”, desenvolvendo-se de maneira “extraordinária” ainda nos primeiros anos<sup>176</sup>. Segundo o memorialista, além das sociedades organizadas “que realizavam periodicamente jogos públicos muito frequentados e animados pelos torcedores”<sup>177</sup>, o jogo expandiu-se para as ruas e para os terrenos vagos, protagonizado por grupos de crianças ou de jovens que treinavam em “campos improvisados”<sup>178</sup>.

[...] O futebol ‘pegou de galho’ na nova Capital e outros clubes nasceram imediatamente, empolgando a mocidade e o gosto por aquele ramo de esporte, que foi se espalhando pelo Estado num entusiasmo sempre crescente. Enfim, o arroio pequenino que representava o *Sport Club*, ao nascer, em 1904, cresceu, avolumou-se, transformando-se no oceano que é finalmente o futebol em Minas<sup>179</sup>.

Nos anos posteriores, mais quadros surgiram, como o *Villa Nova Athletic Club*<sup>180</sup> (1908), o *Athletico Mineiro Foot-Ball Club* (1908) – posteriormente, *Club Athletico Mineiro* –, o *Sport Club Mineiro* (1908), o *Republíciano F.C* (1909), o *Horizontino* (1909), o *Belo Horizonte Sport Club* (1910), o *Yale Athlhetic Club* (1910), o *Minas Gerais F.B.C*, o *Minas F.A* (1911), o *Palmeiras Foot-Ball Club*, o *America Foot-ball Club* (1912), o *Academico Sport Club* (1913) e o *Club de Sports Hygiênicos* (1913)<sup>181</sup>.

Nesse primeiro momento, o desenvolvimento do futebol na cidade, representado pelo crescimento considerável do número de equipes, não significou, necessariamente, uma mudança expressiva nas características do esporte e nas suas possibilidades de participação dentro de parte das instituições. Barreto, ao narrar a fundação do *América Foot-ball Club*, no ano de 1912, assim descreveu a composição do clube: “garotos da mais distinta sociedade Horizontina”<sup>182</sup>. Vários integrantes desta equipe eram filhos de governantes e funcionários públicos influentes. Outra passagem de Barreto fornece indícios importantes sobre a conformação do clube e sobre as dificuldades presentes nos instantes iniciais do jogo na cidade: “[...] Para comprar a primeira bola de couro fêz-se uma ‘vaca’, mas o dinheiro apurado

<sup>175</sup> De acordo com Ribeiro (2007), o Estrada Foot-Ball Club passou a se chamar Viserpa Football Club ainda em 1905, como forma de homenagem à Victor Serpa, que havia falecido precocemente no mesmo ano.

<sup>176</sup> BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, jan. 1946, n.69, pp.106, 107, 115.

<sup>177</sup> *Idem*.

<sup>178</sup> *Ibidem*.

<sup>179</sup> BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, jan. 1946, n.69, pp.106, 107, 115.

<sup>180</sup> Localizado no município vizinho de Nova Lima (aproximadamente 20 km de Belo Horizonte).

<sup>181</sup> Todos estes clubes foram mencionados por Barreto nas reportagens citadas. Entretanto, não foi possível localizar as datas de fundação e os nomes completos de todos eles.

<sup>182</sup> BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, jul. 1946, n.74, p.82.

não bastou e foi o então Presidente do Estado, Bueno Brandão, quem completou a importância necessária”<sup>183</sup>.

O caráter distintivo não se manifestava apenas na formação dos clubes, mas nas regulamentações da Liga Mineira de Desportos Terrestres (L.M.D.T), fundada em 1917 – antiga Liga Mineira de Sports Atheticos (L.M.S.A). De acordo com Ribeiro (2007, p.85), “para o ingresso à L.M.D.T era necessário cumprir alguns pré-requisitos, como a posse de sede e de campo próprios e o pagamento da taxa de 100\$000 para as entidades futebolísticas”. O autor (2007, p.86) disponibiliza em sua pesquisa os estatutos da Liga publicados em 1918, transcritos do jornal *Minas Geraes*. Por meio deles é possível perceber, de forma mais clara, as restrições para o ingresso na instituição e para a participação nos torneios por ela promovidos.

Art. 66. Não poderão ser registrados:

- a) Os que a troco de dinheiro tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos ou concursos desportivos, de qualquer natureza, dentro ou fóra do paiz;
- b) Aqueles que exerçam profissões, que lhes permitam recebimentos de gorjetas;
- c) os que directa ou indirectamente tirem proveitos da pratica de desportos;
- d) os que tenham tomado parte em quaisquer festas, partidas, campeonatos ou concursos desportivos, disputando-os com profissionaes, sem o previo consentimento do conselho superior;
- e) guardas-civis e praças de pret, exceptuando-se porém, aquelles que forem obrigados ao serviço militar em virtude de sorteio, os alumnos das escolas militares e os voluntarios especiaes e de manobras;
- f) os que se entreguem a exploração de jogos prohibidos;
- g) aquelles que não sejam reconhecidos amadores pela lei da Confederação B. de Desportos;
- h) os que pertençam a qualquer club suspenso pela Liga e os que tenham sido expulsos de qualquer federação, reconhecida pela Confederação B. de Desportos, até que cesse o motivo da expulsão, e disso tenha a Liga conhecimento official pela federação;
- i) os analphabetos e os que embora tendo posição, profissão ou emprego estejam, a juizo do Conselho Superior, abaixo do nível moral exigido pelo amadorismo;
- j) os pronunciados, enquanto durarem os effeitos da pronuncia, e todos aquelles que forem condemnados por crimes capitulados no Codigo Penal.

Certamente, não era desejável a participação na Liga de qualquer tipo de desportista e de qualquer agremiação. As medidas proibitivas possivelmente eliminavam uma

---

<sup>183</sup> BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, fev. 1946, n.70, pp.110, 111, 127.

grande parcela de pessoas, haja vista as próprias características da cidade (excludente e segregacionista), onde o maior contingente populacional vivia às margens do centro urbano planejado e com pouco ou nenhum acesso aos bens e serviços que os colocaria na condição de partícipes da entidade gestora.

As normatizações criadas pela L.M.D.T se assemelhavam muito aos estatutos da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres<sup>184</sup>, do Rio de Janeiro, publicados no ano de 1917. É possível pensar que o documento mineiro tenha sofrido bastante influência do ordenamento carioca; inclusive, observa-se a presença de artigos idênticos. Na transcrição fornecida por Santos (2010, p.143) destacam-se algumas prerrogativas:

#### Cap.7: DOS JOGADORES

Art.61: reputam-se amadores os jogadores que, possuindo os requisitos de amadorismo official da LMDT, não recebem remuneração de qualquer espécie como jogadores de football.

#### DO REGISTRO DE JOGADORES

Art. 65 – Não poderão ser registrados:

- a) os que a troco de dinheiro tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos ou concursos desportivos de qualquer natureza, dentro ou fora do paiz.
- b) os que o tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerada como tales as que dependam exclusivamente de esforços physicos.
- c) aquelles que exerçam profissões humilhantes que lhes permitam recebimento de gorjetas;
- d) os que directa ou indirectamente tirem proveito da pratica de desportos;
- e) os que tenham tomado parte em quaisquer festas, partidas de campeonatos ou concursos desportivos, disputando-o com profissionaes, sem o previo consentimento da Liga;
- f) os guardas-civis e praças-de-pret, exceptuando-se, porém, aquelles que forem obrigados ao serviço militar em virtude de sorteio e os alunos das escolas militares;
- g) os que se entreguem à exploração de jogos prohibidos;
- h) aquelles que não sejam reconhecidos como amadores pela lei da Confederação Brasileira de Desportos;
- i) os que pertençam a qualquer club suspenso pela Liga e os que tenham sido expulsos ou negado registro por qualquer federação reconhecida pela Confederação Brasileira de Desportos, até que cessem esses motivos e que tenha a Liga conhecimento official;
- j) os analphabetos e os que embora tenham posição e emprego estejam, a juízo do Conselho Superior, abaixo do nível moral exigido pelo amadorismo;
- k) os pronunciados em quanto durarem os effeitos da pronuncia e todos aquelles que forem condemnados por crimes capitulados no Codigo Penal, ou comprovadamente culpados de actos deshonestos.

Ambos os estatutos refletem, em parte, a própria estrutura da sociedade brasileira daquele período, suas divisões e distanciamentos distintivos. O ideário amador não se fundava

---

<sup>184</sup> Ambas as entidades possuíam a mesma sigla.

apenas em uma contraposição ao profissionalismo no esporte, mas a um estilo de vida, a um *habitus* específico (BOURDIEU, 2007) construído e vivenciado por uma dada classe suficientemente detentora de capital econômico, social e cultural e que se utilizava do amadorismo como uma forma de manter a exclusividade da prática futebolística e o controle de sua organização (SANTOS, 2010).

Para além dos clubes e das ligas, o futebol também compôs parte desse *habitus* na cidade de Belo Horizonte nas instituições escolares. Destaca-se, nesse caso, o já mencionado Gymnasio Anglo-Mineiro, fundado em 1914. Naquele momento, o futebol já era bastante famoso entre os jovens da cidade, a ponto de Nava (2012) relatar os ânimos do público escolar com a descoberta da inauguração do colégio: “Uma das razões da popularidade do Anglo entre os meninos de Belo Horizonte foi a notícia que se espalhou, antes de sua abertura, que o colégio teria no currículo cátedra e professor titular de futebol [...].” O autor ainda expôs: “Não havia propriamente um professor de futebol, porque todos os nossos mestres eram *footballers* de alta classe [...]” (2012, p.173).

O Gymnasio Anglo-Mineiro era constituído por professores, em sua maioria, estrangeiros (ingleses, alemães e franceses) e seu currículo se fundava no modelo educacional inglês. Os esportes, nesta perspectiva, ocupavam lugar de destaque: futebol, tênis, hóquei e natação compunham as principais atividades. Havia também críquete (mas praticado apenas pelos professores) e exercícios de ginástica sueca. O futebol era considerado “o esporte por excelência” do colégio (NAVA, 2012, p.173). Sobre a sua fundação, Nava (2012, p.153) assim se expressou:

Destinado a abrir-se em princípios de março de 1914, o Ginásio Anglo-Mineiro, com sua piscina, seus recreios, seus pavilhões luxuosos, devia vir se construindo desde 1912. Foi possivelmente nesta época, por iniciativa de Mendes Pimentel, que os ‘homens bons’ de Belo Horizonte se reuniram para criarem uma instituição que fosse, em Minas, o seu Eton e o anti-Caraça. Todas essas figuras importantíssimas intentavam dotar a cidade de uma instituição moderna para nela matricularem seus meninos [...].

Os “homens bons” e as “figuras importantíssimas” que Nava revela eram os componentes das famílias mais influentes da cidade e os personagens que ocupavam o cenário político da época. Mendes Pimentel, por exemplo, era formado em Direito, havia sido deputado estadual, vice-presidente da Câmara e Relator da Comissão de Instrução Pública. Também foi um dos criadores do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e do Instituto dos Advogados de Minas Gerais.

Um dos pressupostos da educação “moderna” a que se referia Nava (2012) residia na superação dos modelos escolares até então vigentes em Minas Gerais. O memorialista menciona o colégio do Caraça, tradicional internato católico, como a antítese da educação moderna inglesa. Em outras passagens de sua obra, cita, com semelhante intenção, os colégios Arnaldo e Claret, localizados em Belo Horizonte. Outro trecho sintetiza as tensões presentes com outros modelos educacionais.

[...] Os outros municípios mineiros continuavam bem-pensantes e até que se escandalizavam um pouco com aquele colégio sem latim, nenhum catecismo e excesso de esportes. Era futebol demais. E logo futebol – coisa que puxava pelos peitos, meu Deus! Que era verdadeiro despropósito (NAVA, 2012, p.155)<sup>185</sup>.

No currículo escolar do Anglo, o futebol era partícipe importante de uma nova educação, pautada na máxima: *mens sana in corpore sano*. Segundo o autor (2012) esta frase estava presente na própria insígnia do colégio. Sobre a divulgação midiática, Nava (2012, p.153) relata: “[...] Insistia-se muito [...] no aprendizado das línguas vivas, no atletismo, no *mens sana* e no sistema de educação inglesa ‘reconhecido como o melhor em seus efeitos sobre a formação do caráter e no desenvolvimento físico dos alunos’” (NAVA, 2012, p.173). O autor relata que as classes de futebol aconteciam três vezes por semana e nelas “os professores iam ensinando a boa técnica e o bom comportamento no jogo, a saber ganhar e a saber perder” (*idem*). Ensinamentos que mantinham uma relação próxima com o amadorismo presente nos postulados do Olimpismo, de Pierre de Coubertin. Nava (2012, p.173) descreve, ainda, partidas realizadas entre o time do Anglo e clubes da capital e do interior, como o América e o Villa Nova, e ressalta: “a influência dos ingleses foi grande no futebol mineiro. Fizeram sentir o seu jeito na técnica, nas regras, no espírito esportivo, na *gentlemanhood*, no treinamento, na seleção do material e até nos uniformes dos jogadores” (*idem*).

Entretanto, nesse mesmo momento, a prática do futebol já havia crescido significativamente na cidade, extrapolando os círculos restritos dos colégios e dos primeiros clubes criados. Em outro de seus escritos, Barreto sinalizou: “Não temos lembrança de nenhuma outra iniciativa lançada em Belo Horizonte e cuja aceitação imediata e rápido desenvolvimento se possa comparar ao futebol”<sup>186</sup>.

<sup>185</sup> VAGO (2002) relata que em uma escola de Belo Horizonte, o “Grupo Escolar Barão do Rio Branco”, a diretora chegou a intervir, no ano de 1915, nas atividades que os alunos praticavam no recreio. O futebol, modalidade favorita dos meninos, foi substituída por outras que ela julgava mais propícias àquele ambiente escolar, como o *cricket* e o boliche. As finalidades educativas relacionadas ao futebol não eram um consenso naquele momento, variando em relação à composição e aos objetivos das instituições.

<sup>186</sup> BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, jan. 1946, n.69, pp.106, 107, 115.

Em 1921 destaca-se a fundação do Palestra Itália (atual Cruzeiro Esporte Clube), formado por imigrantes italianos que residiam no bairro Barro Preto. O local não era tão distante do centro em se tratando do aspecto geográfico, entretanto, tal aproximação não acontecia no plano simbólico. O clube era formado, em sua maioria, por pequenos e médios comerciantes. Pode-se inferir que o desenvolvimento do clube caminhou junto ao alcance de prosperidade financeira por parte da colônia italiana que o apoiava. Não por acaso, a equipe já surgiu forte no campeonato mineiro, conquistando o tricampeonato entre os anos de 1928 e 1930.

Outro clube que merece destaque é o Yale, fundado em 1910, e que posteriormente serviu de base para a própria criação do Palestra. Embora sua datação seja mais antiga, o clube era formado, segundo Souza Neto (2010, p.31), por um grupo de rapazes pertencentes ao operariado da capital. Também se localizava no bairro Barro Preto; no entanto, segundo o mesmo autor, esse clube “seguiu a lógica de um grupo distintivo, mesmo com uma composição mais heterogênea do seu quadro social”. Souza Neto (2010) ainda destaca, nos anos 1920, a formação de outras agremiações que se distanciavam da conformação aristocrática dos primeiros clubes e que se localizavam em bairros periféricos da capital, tais como o *Sport Club Calafate* (do bairro de mesmo nome, região oeste), o *Fluminense Sport Club* e o *Guarany Sport Club* (do bairro Lagoinha, região noroeste). O Sete de Setembro (clube que se tornaria importante no cenário futebolístico da cidade), assim como o Yale, foi fundado mais cedo, em 1913, mas também se localizava em outro bairro fora do eixo central, a Floresta, na região leste. Outros clubes com diferentes conformações podem ter existido no cenário belo-horizontino desde os primeiros anos de difusão do futebol, no entanto, faltam ainda pesquisas que possam localizar mais possibilidades. Nas décadas de 1930 e 1940, sobretudo após a implantação do profissionalismo, o número de clubes fundados em bairros periféricos e formados por operários e diversos outros segmentos trabalhistas cresceu exponencialmente, situação que será apresentada no capítulo 3.

Assim como clubes com características diferentes da aristocracia belo-horizontina lograram êxito em suas fundações, outras formas de participar do jogo foram também construídas nesse contexto de mudanças. Ribeiro (2007), Costa e Silva (2009) e Vilhena (2008) relatam em suas dissertações a expansão do jogo para vários espaços da cidade ainda na década de 1910, especialmente nas ruas, nos gramados dos parques e nos adros de igrejas. O protagonismo dessas ações não seria apenas dos filhos da elite, mas de uma composição cada vez mais heterogênea formada por pessoas de diversas classes sociais. As brincadeiras

seriam progressivamente controladas e combatidas pela polícia, como demonstram os autores supracitados.

Na década de 1920 o jogo já apresentava indícios de uma espetacularização que começava a se consolidar. Os anúncios sobre a presença de “distintos cavalheiros” nos campos foram sendo sobrepostos, progressivamente, por declarações que revelavam “multidões” em espaços que já não comportavam a presença de tantos aficionados. A quantificação dos assistentes ou torcedores passou a ser um indicativo de desenvolvimento do futebol e de disputa entre os clubes por representatividade. O acirramento dos torneios, o incremento das rivalidades clubísticas, o surgimento de uma indústria publicitária, a criação de jornais e revistas especializadas e, sobretudo, o reconhecimento da rentabilidade do jogo, alteraram significativamente os princípios do futebol e as suas formas de veiculação. Dos tempos narrados por Abílio Barreto e Pedro Nava, pouco parecia ter se mantido nas décadas de 1930 e 1940.

Por meio das narrativas que abordaram esses anos, percebe-se a retratação de uma coletividade formada em torno de jogo, com a diminuição de denominações particularizadas que, outrora, sinalizavam e demarcavam rigidamente extratos sociais. O futebol foi frequentemente descrito como maior diversão do belo-horizontino, numa caracterização abstrata e abrangente. Certamente, as modificações vislumbradas não significaram a conquista de uma igualdade participativa nas possibilidades de usufruto do jogo, que ainda mantinha algumas de suas estruturas hierárquicas. Contudo, percebe-se uma mudança significativa nas narrativas, que denotam uma expansão do fenômeno futebolístico para além dos seus circuitos iniciais.

Em uma reportagem publicada no jornal *Estado de Minas*, no ano de 1930, é possível encontrar alguns indícios sobre o alcance do futebol na cidade.

O ano de 1929 acabou sem uma partida sensacional de foot-ball. E Bello Horizonte inteirinha – que não esconde a sua preferencia escandalosa pelo emocionante sport – ficou triste com essa falha. A gente só via o pessoal queixando-se pelas ruas: O que é que eu vou fazer para encher esse domingo? Passear no parque? Tem muita poeira. Ir á matinée? Morre-se abafado lá dentro. E ninguém achava o que fazer [...]<sup>187</sup>.

Carlos Drummond de Andrade, um dos principais integrantes do “modernismo mineiro”<sup>188</sup> fez do futebol o tema central de uma de suas crônicas, publicada no ano de 1931.

<sup>187</sup> O ATHLETICO Mineiro enfrentará amanhã... Estado de Minas, 04 de jan. 1930, n.566, p.5.

<sup>188</sup> Para maiores informações sobre Drummond e sua relação com o movimento modernista, ver o livro “Guardiães da Razão”, de Helena Bomeny (1994).

Em um relato detalhado, o autor fornece elementos importantes para a compreensão da inserção do jogo no cotidiano de Belo Horizonte.

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na Avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção. Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que sussurram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses. Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center-half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que o excede de muito a minha imaginação. Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso. Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se o joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamassem contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado e declarou-me: ‘O senhor está vendo que pouca vergonha’. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada’. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fui (DRUMMOND DE ANDRADE, 1931)<sup>189</sup>.

A cena descrita pelo escritor é um testemunho da projeção alcançada pelo futebol na cidade, dois anos antes de implantado o profissionalismo. Naquele momento, o jogo já havia se consolidado como importante prática cultural. O significativo crescimento da adesão a esse esporte é também perceptível nos diversos periódicos que circulavam na capital. Nos anos 1930 e 1940 a presença do futebol já extrapolava, substancialmente, o espaço dos pequenos campos construídos por iniciativa de grupos restritos. Para além das quatro linhas, o futebol se imbricou aos costumes de Belo Horizonte. Nas ruas, nas praças, nos bondes, nos bares, nos cafés. Há relatos de inúmeras naturezas – notícias, crônicas, depoimentos de

---

<sup>189</sup> Este texto foi publicado em uma coletânea de obras do autor intitulada “Quando é dia de futebol”, editada no ano de 2014. O ano de 1931 foi referenciado porque é a datação desta crônica em específico.

memorialistas, publicidades – que atestam a presença marcante do futebol no cotidiano citadino.

Em outra publicação, desta vez da revista *Bello Horizonte*, encontra-se um relato sobre alguns dos divertimentos que figuravam na cidade na década de 1930. São citados como exemplos, o futebol, os bailes, as casas de diversão noturna, o pugilato e o cinema. As descrições do autor mesclam as atividades numa só narrativa:

O omnibus, apinhado de gente me despejou no estadio castigado de sol. Milhares de homens, mulheres e crianças gritavam como loucos. ‘Fóra o juiz baccarat!’. Exaltação. Enthusiasmo. ‘Mais um, mais um, mais um’. Sombrinhas, bengalas e espadas riscam o ar, em ameaças permanentes. Por fim, a victoria e o delírio.

[...] O clube resplandece de luzes. Baile. Casaca, terno branco e ‘smoking’. Decotes enormes, na frente e atrás. Vestidos compridos varrendo o chão. A seda modelando fórmas ondulantes e provocadoras. Perfumes e joias [...].

[...] Physionomias cansadas se abrem na rua clara. A vida sem rebuscos. Realidade. Misericórdia e luxo. Devassidão. Ante-câmara de consultório médico. Cachaça. Pugilato num quarto que cheira mal e tem retratos de artistas de cinema nas paredes [...].

Cabaret. Tango. Valsa. Ranchera. Fox. ‘Vamos ver a sympathica e graciosa Mary, num bailado americano’. Palmas encomendadas. Uma dose. Duas doses. Varias doses. Coroneis e carteiras recheadas. Adolescentes de cabelos lustrosos e uma garrafa de cerveja [...].

Tom Mix acaba com os bandidos, salva a mocinha, casa com ella. Os garotos na minha frente berram de satisfação [...]. O Magro e o Gordo. A platéa inteira ri como um demente irresponsável<sup>190</sup>

Nos detalhes da escrita, pode-se perceber algumas das particularidades dessas diversões, como o caráter mais popularizado atribuído ao futebol em contraposição ao luxo dos clubes, por exemplo. Em outra edição da mesma revista, outros indícios são fornecidos: “O nosso público, amante que é das grandes competições futebolísticas, assistira na tarde de amanhã a primeira rodada do retorno do certame que vem empolgando as cidades mineiras”<sup>191</sup>.

Além das experiências no Gymnasio Anglo-Mineiro, Nava (2013, p.36) também menciona, em diversos trechos de sua vasta obra, situações que localizam o futebol em outros espaços de convivência da cidade. O Bar do Ponto, destacado inúmeras vezes em sua narrativa, é referenciado como lugar dos mais variáveis tipos de encontro, “da conversa de negócio ou de ócio e de gritaria da turma do futebol”. Esse bar/cafê se localizava no centro de Belo Horizonte e se tornou um dos principais marcos de referência do município, de modo

<sup>190</sup> FULGENCIO, Agnaldo. O Omnibus... Bello Horizonte, 09 de nov. 1933, n.11, p.27.

<sup>191</sup> O NOSSO público... Bello Horizonte, 16 de set. 1933, n.4, p.18.

que seu nome se expandiu para toda uma região. Nos dizeres de Nava (2012, p.136), “era o centro da cidade, seu trecho obrigatório e todo mundo parava, passava, conversava, atravessava, esperava, desesperava, amava, demorava, vivia no Bar do Ponto”.

[...] É topônimo, falando de Belo Horizonte [...]. Chamava-se Bar do Ponto o *rond-point* formado pelo cruzamento de Afonso Pena e Bahia, que era onde desaguava também a ladeira de Tupis. Todo o primeiro quarteirão dessas ruas era caudatário da estação de bondes – *o ponto* – que ficava em cima da ribanceira do parque municipal e de um café chamado o Bar do Ponto. Esse nome estendeu-se às circunvizinhanças e era assim que o seu Artur Haas morava no Bar do Ponto e que nele ficavam a confeitoria do suíço Carlos Norder, [...] o Parc Royal, a Casa Decat, o Club Belo Horizonte, o Cinema Odeon, a Joalheria Diamantina, a Delegacia Fiscal, os Correios e Telégrafos (*idem*).

Nesta e em outras referências textuais, o Bar do Ponto foi descrito como o lugar onde tudo acontecia em Belo Horizonte, por onde passavam todos os acontecimentos importantes da cidade. Além do futebol, o estabelecimento destacava-se por ser o lugar das contendas políticas. Um cronista da revista *Bello Horizonte* sinalizou esse fato em alguns de seus textos, dedicados a expor a situação vivenciada em Minas Gerais no ano de 1933, quando se esperava a indicação por Getúlio Vargas do novo interventor do estado.

Belo Horizonte está parado– que horror! Para andar elle espera o interventor ... com os olhos no Palacio o povo está. Elle é quem tudo tira e tudo dá... [...]. A avenida está cheia de estadistas, gênios feitos nas rodas governistas [...]. Não se assustem, eu sei, mas eu não conto: Sei tudo o que se diz no Bar no Ponto. Bar do Ponto devora, com alegria, duas ou três reputações por dia<sup>192</sup>.

Em uma reportagem publicada no jornal *Diário Esportivo*, datada de 1945, o Bar do Ponto foi retratado como um dos locais mais frequentados por simpatizantes do futebol, especificamente, os do América Futebol Clube. Percebe-se, novamente, o destaque à vocação do bar para assuntos políticos e a mescla destes com discussões relativas ao futebol. Outros bares e cafés da cidade também foram mencionados na reportagem e relacionados às experiências de integrantes dos clubes Atlético e Cruzeiro. O autor descreve estes estabelecimentos como os “quartéis gerais” dos clubes de Belo Horizonte.

O Bar do Ponto é um capítulo da história belo-horizontina. Política e futebol. Deputados e cracks viviam em foco. Os americanos tomaram conta do local. Os cronistas esportivos, quando desejavam esclarecimentos de um assunto que se

<sup>192</sup> DOM RUY. Avenida. Bello Horizonte, 14 de out. 1933, n.8, p.5.

referisse ao America, poderiam encontrar no Bar do Ponto o paredro<sup>193</sup> capaz de informar, de desmentir, ou de afirmar tal boato. As grandes lutas esportivas, os casos celebres de anulações de jogos, de deposições de diretorias de Ligas ou Clubes, nasciam das conversas animadas pelo café ou pelo choppe. Quando não era futebol, era fatalmente política. Coroneis respeitabilíssimos do nosso interior, em visita a Belo Horizonte, para a audiencia com o chefe do governo, ou para hipotecarem solidariedade ao partido, em nome de dez mil eletores, faziam questão de um ‘bate-papo’ no famoso Café.

O Café Iris era bem perto do Bar do Ponto: Deixava-se o QG do America, caminhava-se menos de 40 metros e topava-se com o Café Iris. Era o reduto dos atleticanos. O Atlético glorioso de Mário de Castro, Ivo Melo, Jairo de Almeida [...]. O Atletico de Moura Costa, arrojado intrépido, reunindo a maior e melhor torcida da época. Pois o Iris vivia das glórias do Atletico. O seu proprietário sorria de alegria nos dias de vitória do onze alvi-negro. Sabia que a noite a registradora funcionaria simultaneamente com a bomba de choppe ou o abrir e fechar da grande geladeira. E os copos quebrados davam lucro.

Os palestrinos se reuniam no antigo Bar Garibaldi. De hoje existe apenas lembrança. Era na rua Tupinambás, onde está agora o Edifício Sarandi. [...] Quando Niginho voltou da Itália, depois da [...] campanha da Lazio, como a terceira maravilha dos Fantoni, o bar Garibaldi passou para a sua direção. Até encerrar tais atividades, o Garibaldi foi genuinamente palestrino<sup>194</sup>.

A referida publicação, intitulada “Tende a desaparecer a tradição dos cafés esportivos”, apresenta não apenas uma dimensão do que representava o futebol nas experiências de sujeitos que frequentavam bares e cafés de Belo Horizonte, mas a importância desse esporte para a própria existência dos estabelecimentos. A constatação de um possível desaparecimento se desdobra em uma questão central: o advento do profissionalismo como fator primordial na modificação dos modos de experienciar o futebol e outros costumes da cidade interligados ao esporte.

Antes do advento do profissionalismo cada clube tinha o seu ponto de reunião. Era o ‘Q.G’, Quartel General. Ali se reunia a fina flor da cornetagem. Cada fan era um técnico. Escalava-se nas mesas de mármore, para suplício dos garçons, o quadro que deveria atuar no próximo compromisso [...]. Às segundas feiras os comentários fervilhavam sobre a atuação dos integrantes da equipe. Conspirações se articulavam contra a diretoria ou contra a permanência do técnico. Improvisavam-se também táticas de jogo<sup>195</sup>.

<sup>193</sup> Paredro era uma denominação dada à época aos dirigentes de clubes de futebol e a outras figuras de importância no meio esportivo.

<sup>194</sup> TAVARES, Cláudio. Tende a desaparecer a tradição dos cafés esportivos. *Diário Esportivo*, 13 de set. 1945, n.8, p.11

<sup>195</sup> *Idem.*

Apesar de o texto mencionar que esses momentos de encontro eram mais costumeiros no período do amadorismo, é possível perceber em outros trechos citados que os “Q.G’s” continuaram existindo após o ano de 1933. Todavia, pode-se inferir que as mudanças trazidas pelo novo regime alteraram os modos como os torcedores se relacionavam com os seus clubes. Se, em um período anterior, as equipes eram comumente formadas por laços de amizade e vizinhança (ainda que outros interesses já se fizessem presentes), no regime profissional esses laços se fragmentavam. Pode-se pensar em um progressivo distanciamento entre torcedor e clube, assim como, entre jogador e bairro de origem. As equipes se tornavam, assim, menos intimistas, menos abertas a opiniões externas de “fãs” e “cornetas”, na medida em que o fenômeno futebolístico crescia e criava novas estruturas organizacionais.

Dizem que no tempo do amadorismo havia mais espirito associativo, o torcedor se integrava no ambiente clubístico, participava ativamente de sua vida social, dedicava-se com mais carinho. O jogador criava amor ao clube e dificilmente trocava de camisa como hoje faz. A verdade é que o profissionalismo tem as suas virtudes e os seus pecados<sup>196</sup>.

Outras produções textuais são testemunhos do alcance adquirido pelo futebol na vida cotidiana da cidade de Belo Horizonte, assim como, da modificação de valores e princípios que se processaram com o recrudescimento do jogo. Os mais variados adjetivos deram forma ao intento de descrever a popularização do futebol e o crescimento vertiginoso do número de aficionados. A veiculação de um esporte com finalidades educativas, cunhadas na formação racional do caráter e da moral, cedeu espaço para o anúncio de uma manifestação estritamente passional, instintiva e descontrolada. Nesse momento, estas caracterizações – outrora bastante criticadas – serviriam a um novo propósito de veiculação midiática: o que valorizava, ao mesmo tempo, a quantificação minuciosa do número de torcedores e a abstração de uma “massa” incalculável. A superlotação dos estádios passava a ser uma situação desejável, elogiável e representativa das potencialidades do esporte. Uma reportagem do jornal *Folha de Minas Esportiva*, publicada no final da década de 1940, auxilia na compreensão desse contexto:

verdadeiros vendavais de paixões que se desencadeiam nos estádios superlotados. Dramas intensos que têm como palco um gramado, o céu infinito, 22 jogadores brincando de alegrar o público que pagou e quer divertimentos [...]. O futebol tudo arrasta. Leva os apaixonados ao auge da emoção. Faz de meigos cavalheiros homens capazes de tudo<sup>197</sup>.

<sup>196</sup> *Ibidem*.

<sup>197</sup> TODOS torcem no futebol. *Folha de Minas Esportiva*, 19 de set. 1949, n.1, p.2.

Ainda neste texto, o autor retratou a vivência do futebol na capital mineira como “o drama do torcedor”: “[...] pobres, ricos, homens, mulheres e crianças na confusão dos campos esportivos [...]”. Na sequência, foram elencados outros elementos descritivos importantes: “Homens que vivem do labor cotidiano e que no descanso domingueiro vão para os nossos estádios dar alegria e incentivo ao esporte bretão [...]”. A crônica ressaltava, ainda, que em Belo Horizonte, com raras exceções, o futebol era “do homem das ruas”<sup>198</sup>. Como ressalta Pereira (2000, p.307), “por mais que se buscassem variações, era mesmo o futebol que congregava aquilo que até então nenhum outro esporte conseguira: o grande entusiasmo da parte dos mais diferentes círculos sociais”.

Outra reportagem publicada na revista *Vida Esportiva*, seguida de uma foto que evidenciava uma multidão de torcedores agarrados a uma torre elétrica para acompanhar uma partida, também fornece detalhes que podem ser interpretados como indícios da representatividade do futebol na cultura esportiva belo-horizontina. O texto ressaltava o surgimento “deste jogo predileto dos ingleses”, que foi “entranhando em nossa gente, até conquistá-la”<sup>199</sup>.

É um esporte que fascina, dominando multidões. Repleto como é de emoções e sensacionalismos, o futebol arrasta consigo todos os homens ávidos de impressões fortes e emocionantes. O prazer, a alegria, o incerto, o lógico, a deceção, tudo isso se encerra nele, formando uma curiosa essência que nos embriaga, nos delicia e queima numa mesma chama crepitante e acalentadora<sup>200</sup>.

Como “prova do domínio do futebol sobre a massa do nosso povo”, a reportagem denominava a imagem reproduzida de “foto sensação” (FIG.9). Na descrição, o texto mencionava os torcedores como “sequiosos de verem seus quadros prediletos, lances formidáveis”. Locomoviam de seus lares, enfrentavam dezenas de filas e se apinhavam nos estádios, compondo uma “horda humana, esportiva e entusiástica”<sup>201</sup>.

<sup>198</sup> *Idem*.

<sup>199</sup> FOTO sensação. *Vida Esportiva*. Agost. 1946, n.2, p.29.

<sup>200</sup> *Idem*.

<sup>201</sup> *Ibidem*.

Figura 9: Pessoas aglomeradas em um refletor para acompanhar uma partida de futebol.



Fonte: Vida Esportiva. Agost. 1946, n.2, p.29.

Outro indicativo relevante sobre o crescimento e a popularização do futebol em Belo Horizonte se manifestava na necessidade crescente de se construir estádios e reformar os já existentes, no intuito de se ampliar a capacidade do público assistente. O primeiro estádio construído foi o do América, em 1923<sup>202</sup>, no local onde hoje se localiza o Mercado Central de Belo Horizonte. No mesmo ano, o Palestra Itália também construiu seu estádio no bairro Barro Preto (conhecido como “estadinho do Barro Preto”). Em 1929, o Atlético inaugurou o estádio Antônio Carlos, no bairro de Lourdes. Todos estes estádios se localizavam na região central

<sup>202</sup> Vale lembrar que antes da construção dos estádios dos clubes, as partidas de futebol eram disputadas no Prado Mineiro, na região oeste da cidade. O local foi inaugurado em 1906 e pensado, como o próprio nome indica, para corridas de cavalo. Com o arrefecimento desta prática na cidade, o espaço serviu para os primeiros torneios de futebol na década de 1910.

de Belo Horizonte. No ano de 1928, o América cedeu o terreno à prefeitura para a construção do Mercado e edificou um novo estádio na região leste da cidade, mas ainda muito próximo da região central (conhecido como “estádio da avenida Araguaya” ou “estádio da Alameda”). Na década de 1940, tanto Cruzeiro quanto América reformaram seus estádios. Em 1945, o estádio cruzeirense passou a ser chamado de “Juscelino Kubitschek”; enquanto o estádio americano passou ser denominado “Otacílio Negrão de Lima”, em 1948.

Em várias edições dos periódicos pesquisados, especialmente nos veículos vinculados aos clubes, encontram-se inúmeras reportagens destinadas a discutir a necessidade de se prover a capital de maiores e melhores estádios. No ano de 1948, quando o estádio do América foi reformulado com o auxílio de Otacílio Negrão de Lima, o referido prefeito assim se manifestou: “Todos os clubes esportivos terão o meu franco e entusiástico apoio [...]. Porque, sem dúvida, o povo precisa de esporte”<sup>203</sup>.

Verbas para a construção e reforma de praças de esportes e para a edificação do estádio do Sete de Setembro foram também anunciadas. O clube do Barro Preto chegou a noticiar a construção de um “monumental estádio” em 1949. Uma das justificativas foi assinalada da seguinte forma: “[...] o meio esportivo nestes últimos anos vem se desenvolvendo de uma tal forma que os estádios passaram a não comportar mais a massa humana que se comprime freneticamente nos dias festivos de jogos”<sup>204</sup>. Em outra reportagem, a iniciativa foi descrita como “a maior praça de esportes mineira, com capacidade para abrigar multidões”<sup>205</sup>. Havia, ainda, o destaque para a finalidade econômica do empreendimento: “[...] Um estádio que esteja a altura do lugar onde se acha erguido abre longos horizontes ao progresso de seu esporte, pois é um fator importante para que haja renda econômica”<sup>206</sup>.

A criação de revistas e jornais capitaneada por integrantes de clubes é também um indicativo do crescimento do futebol na cidade. Na década de 1940 podem ser destacados cinco impressos: as revistas “América”, “Olímpica: O Cruzeiro em foco”, “Vida esportiva”<sup>207</sup> e “O campeão: O Atlético em revista”; e o jornal “A raposa”. Embora todos estes periódicos tenham anunciado como objetivo difundir informações sobre todos os esportes praticados nos referidos clubes, o futebol se destacava como temática central das produções.

<sup>203</sup> VITÓRIA maiúscula. Belo Horizonte, jun. 1948, n.189, p.54.

<sup>204</sup> O CRUZEIRO Esporte Clube dará a Minas um monumental estádio. Olímpica: O Cruzeiro em foco, 1949, n.2, p.10.

<sup>205</sup> LEVANTA o Cruzeiro gigantesco estádio. Olímpica: Cruzeiro em foco, mai-jun. de 1949, n.3, p.10.

<sup>206</sup> *Idem*.

<sup>207</sup> Em seus primeiros números, a revista Vida Esportiva se dedicava exclusivamente ao Atlético. Posteriormente, passou a noticiar as ações de todos os clubes mineiros.

No primeiro número de *O campeão: o Atlético em revista* encontra-se a seguinte justificativa para a criação do impresso:

O esporte vem sendo um dos setores da atividade humana que mais tem gozado da força da propaganda e informação da imprensa e do rádio. Os próprios clubes, em todos os continentes, em todos os países adiantados, tem apresentado publicações próprias, veículos dos quais servem para passar ao conhecimento dos seus adeptos os movimentos de sua vida e de sua história<sup>208</sup>.

Nesse cenário, notadamente modificado pelos novos interesses mercantis presentes no futebol, pelo crescimento exponencial do número de adeptos e da visibilidade midiática alcançada pelo jogo, várias reivindicações de autoridade e legitimidade (ALABARCES, 2007) foram postas em debate e confrontadas. A popularização do futebol não implicou o abandono do amadorismo. Este se ressignificou e abarcou novos entendimentos, valores e princípios, ainda que suas finalidades formativas tenham se enfraquecido. Porém, nesse contexto cambiante, críticas ao futebol profissional não foram poucas e um espírito de retomada aos princípios “puristas originais” do esporte entraram constantemente em cena; apelos que se confrontavam com uma estrutura já bastante diferente da verificada nos primeiros anos do futebol na cidade e que conformavam um enredo específico de Belo Horizonte, mas em diálogo permanente com um contexto maior de experimentação e veiculação do futebol. Nas décadas de 1930 e de 1940 o termo “modernidade” prestou-se a designar, paulatinamente, o regime profissional, imbuído de significações como progresso, desenvolvimento e evolução. Em síntese, pode-se considerar que o amadorismo se configurou como uma via da modernidade e o profissionalismo como outra via de um mesmo intento que comportou finalidades diferentes (embora não totalmente contraditórias).

As diferentes experiências apresentadas demonstram não uma passagem, mas a coexistência de formas diferentes de significar o campo esportivo belo-horizontino, advinda das mudanças da própria prática esportiva e da sociedade onde ela se inseria e se desenvolvia. As novas significações atribuídas ao futebol (“amadorismo popular”) contribuíram sobremaneira para a formação de um novo campo esportivo: o do futebol profissional, junto a outros fatores que serão explorados no próximo capítulo.

---

<sup>208</sup> CARNEIRO, Januário; MATTOS, João Lino. Traçando o rumo. *O Campeão: o Atlético em revista*, dez. 1949, n.1, p.1.

## 2 O ADVENTO DO PROFISSIONALISMO: UM CONTEXTO DE INFLUÊNCIAS

Nas décadas de 1930 e 1940, momento em que se observa um crescimento significativo do futebol na capital mineira, a circulação de informações por meio de periódicos (especialmente), advindas de diversas cidades e países, era algo corrente. Pelas páginas dos impressos podia-se entrar em contato com informes referentes à torneios regionais, nacionais e internacionais, à vida dos clubes, à formação de selecionados e aos constantes trânsitos migratórios de jogadores. O alcance do futebol na cultura belo-horizontina, demonstrado no capítulo anterior, é representativo desse contexto, em grande medida potencializado pela adoção do profissionalismo.

Nesta perspectiva, a diversão tornada profissão foi, em grande medida, influenciada pela adoção do regime em países europeus e latino-americanos, bem como, em cidades brasileiras que possuíam um centro esportivo mais consolidado, como Rio de Janeiro e São Paulo. Na capital mineira, o regime profissional se instaurou alguns meses depois das cidades anteriormente citadas (em maio de 1933), num processo que envolveu muitas disputas políticas e variados conflitos ideológicos entre os principais clubes da cidade.

Antes da regulamentação do novo regime, as transações envolvendo jogadores já eram comuns em Belo Horizonte, como assinala Lage (2013, p.116). De acordo com o autor, desde meados da década de 1920, os amistosos realizados pelos clubes da capital no interior do estado serviam para “recrutar novos jogadores com destacada qualidade técnica”. Nessa empreitada, “os dirigentes esportivos ofereciam gratificações materiais, financeiras, empregos, financiamento de estudos e demais compensações que faziam com que os atletas [...] deixassem seus clubes de origem para defender outra agremiação” (*idem*).

Diante desta perspectiva, já se observava uma necessidade crescente de se formar quadros competitivos para vencer os torneios existentes e aumentar as rendas angariadas pelo futebol (por meio, especialmente, do aumento do público consumidor), um dos indícios que aponta para uma transformação de valores do antigo amadorismo. Um de seus ideais básicos, o “amor à camisa”, esvai-se com a abertura de novas possibilidades. Pode-se dizer que tanto as premissas discursivas moralizadoras do regime amador (e suas variáveis vertentes formativas), quanto as reivindicações mercadológicas do profissionalismo (que pressupunham outra moral) foram sentidas em Belo Horizonte como partes indissociáveis de um contexto mais ampliado.

A existência de uma conjunção global, representada por uma quantidade extensa de países que experimentaram a prática do futebol e que foram impactados por novas formas organizacionais do esporte, é um fator de grande relevância para se compreender o que se sucedeu em Belo Horizonte. O aumento do interesse do público pelo jogo, incrementado pelas disputas de torneios entre equipes e pelo surgimento das identidades clubísticas (DAMO, 2007); o reconhecimento crescente pelos dirigentes e jogadores do potencial lucrativo do futebol; a conformação de uma estrutura esportiva, com a construção de estádios cada vez mais planejados para receber uma quantidade maior de torcedores; a forte presença do jogo nos meios de comunicação; os crescentes êxodos de jogadores; e, por fim, o progressivo abandono dos princípios formativos iniciais do amadorismo, pouco condizentes com o incipiente mercado da bola, alteraram sobremaneira os significados do futebol e a sua vivência em diversas localidades brasileiras.

O particularismo dos momentos finais do século XIX e dos primeiros anos do século XX cedeu espaço para a valorização de uma nova característica do futebol: a sua espetacularização e a sua massificação. O aumento do público consumidor significava para muitos clubes do Brasil, já em meados da década de 1910, uma possibilidade interessante de enriquecimento e de aquisição de prestígio social.

[...] mais do que diversão e paixão, o futebol tornara-se, com os anos, uma importante fonte de renda para os clubes [...]. O grande incremento do público, transformando o futebol em assunto sério, gerava para os clubes e ligas uma fonte de receita da qual a maior parte não poderia prescindir [...] (PEREIRA, 2000, p.309).

Mesmo que este fenômeno já tenha se iniciado em momento anterior, pode-se dizer que a adoção às claras do profissionalismo o potencializou, na medida em que concentrou a força do empreendimento futebolístico, de forma evidente, nas possibilidades mercadológicas. Estas teceriam relações cada vez mais arraigadas e rígidas entre rendimento esportivo (dentro do campo) e rendimento financeiro (fora do campo); características que seriam resultantes de um contexto maior de influências, iniciado na Inglaterra e deslocado para vários países. No caso desta pesquisa, enfatiza-se, mais propriamente, uma conjunção europeia e sul-americana, com destaque para localidades que mais influências tiveram sobre o futebol da cidade de Belo Horizonte, como Itália, Argentina, Uruguai e Rio de Janeiro.

## 2.1 O profissionalismo inglês “ganha o mundo”

*Hacia 1880, Inglaterra fue presa de lo que nosotros denominamos amateurista a medias. En los centros industriales el football contaba con gran favor del público y fue entonces cuando los reglamentos del Amateurismo quedaron violados, empezándose a pagar a los jugadores. Los clubes de Lancashire hacían venir las estrellas de Escocia, esa Escocia que producía magníficos footballers. Llegó el momento en que ciertos grandes clubs ingleses, estaban compuestos casi exclusivamente por jugadores escoceses. La Football Association muéstrase alarmada. Un club, el Darwen Club fue excluido. En 1884, hubo hechos precisos: Upton Park Club protesta contra Preston North End porque pagaba a sus jugadores. ¿Qué hizo Preston North End? ¡Una cosa increíble! Su presidente, M.W. Saudelle, reconoce la acusación: sí. Preston pagaba a sus hombres... más él podía probar que todos los clubs de importancia de Lancashire y de Meoland hacían lo mismo. Ante lo ocurrido, el comité de la Football Association declara que ha llegado la hora de introducir y reglamentar el Profesionalismo. En junio de 1885 fueron creados los estatutos del jugador profesional inglés<sup>209</sup>.*

À Inglaterra, país considerado o berço do futebol amador pela bibliografia esportiva especializada, é também destinado o protagonismo na implementação do futebol profissional. O trecho extraído da revista argentina *El Gráfico* sinaliza o papel fundamental do público nas transformações normativas do jogo. A popularidade adquirida pelo futebol, em grande parte advinda do processo de industrialização inglês, foi uma das principais forças propulsoras do profissionalismo. Wahl (1997, p.11) assinala o final da década de 1860 como momento em que se inicia um movimento maior de propagação do jogo no território inglês “para além do seio das *public schools* e das universidades”. Sua prática se fez presente, segundo o autor, nas instituições religiosas (fundamentadas ou não em um “cristianismo do músculo”); nos pubs (o “centro da vida associativa”); nos clubes de empresas (com destaque para aqueles formados por empregados de ferrovias); nos clubes de *cricket*; e nos bairros obreiros (WAHL, 1997). Hobsbawm (2000, p.268) assinala que o futebol, como “esporte proletário de massa – quase uma religião leiga –, foi produto da década de 1880”. Segundo o autor, o jogo foi profissionalizado

quando desenvolveu suas estruturas – os jogos da Liga, a competição arrasadora pela Taça, o domínio quase completo por atletas de origem proletária, a curiosa polarização que dividia as cidades industriais acima de um certo porte em partidos rivais que apoiavam times rivais (*idem*).

<sup>209</sup> EL ORIGEN del profesionalismo. *El Gráfico*. 10 de jun.1922, n.154, p.15.

Hobsbawm (2000, p.291) sinaliza que, anos depois, o modelo da cultura do futebol se tornou um exemplar da nação proletária, “visto que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial”. Para o autor, este mapa era “nacional até na conquista anual simbólica do espaço público da capital pelos dois exércitos que invadiam Londres para o jogo de decisão de campeonato” (*idem*).

Sobre essa perspectiva, Franco Júnior (2007, p.34) também aborda a expansão do jogo e a progressiva transformação de seu público em solo inglês.

Praticado inicialmente por indivíduos da classe média alta, fundadores da Football Association, logo o esporte ganhou o interior da Inglaterra e atraiu a classe média baixa e mesmo o operariado. Na década de 1870 surgiram clubes de empresas siderúrgicas (por exemplo, o West Ham), ferroviárias (caso do Manchester United) e armamentistas (como o Arsenal). No começo da década seguinte o futebol passou a ser praticado nas escolas públicas, frequentadas por indivíduos oriundos das classes pobres porque o ensino primário tornara-se obrigatório desde 1871. Em 1883, a equipe proletária do Blackburn Olympic, fundada apenas cinco anos antes, conquistou a Copa da Inglaterra batendo o time de elite de ex-alunos de Eton. Sinal dos novos tempos, uma semana antes da semifinal e da final aquela equipe dedicou-se apenas ao treinamento, financiado por um industrial local. Multidões mostravam-se dispostas a pagar para ver a equipe de sua cidade ou de sua fábrica jogar contra rivais locais. Comerciantes passavam a dedicar parte de seu tempo e de seus recursos a dirigir e financiar clubes. Jogadores mais hábeis eram convidados a deixar seu time por outro, do qual recebiam um emprego mais vantajoso. Só no ano de 1884, 55 escoceses deixaram suas cidades e seus empregos para jogar futebol na Inglaterra.

Para Iwanczuk (1992, p.24, tradução da autora), logo que o futebol começou a atrair espectadores [...] “as modificações das regras começaram a ter em conta outros fatores, tais como: a agilização do jogo, a beleza do espetáculo e a atração pelas ações desenvolvidas”. Franco Júnior (2007, p.28) assinala que, à medida que os clubes se expandiam espacial e demograficamente, criavam-se “instâncias representativas e/ou decisórias: capitão do time, presidente do clube, representante de federação, conselho disciplinar, confederação, etc”. Para o autor, os clubes “constituíam microssociedades à imagem e semelhança da macrossociedade que as criara e acolhera”. Nesse ínterim, “o papel que se esperava do futebol, jogo coletivo e de contato físico, somente poderia ser cumprido desde que estivesse claramente disciplinado” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.28).

Diante da emergência de novas necessidades e de novos objetivos, os preceitos amadores, em grande medida calcados na execução do “jogo pelo jogo”, cederam espaço para significações que atribuíam à competitividade e à vitória um grande valor representativo. A procura da distinção, antes caracterizada pela figura do esportista e do clube cavalheiro e pela ação particularizada e “despretensiosa” do esporte, adquiriu significado na figura do vencedor;

do atleta e do clube que logravam êxito perante seu adversário e que arregimentavam maior quantidade de admiradores em suas demonstrações esportivas.

Reyna (2008, p.229, tradução da autora) relata que a *Football Association Challenge Cup*<sup>210</sup>, um torneio anual de eliminação direta organizada pela *Football Association* em 1871, representou a abertura de um “processo de popularização que incrementou a quantidade de aficionados que se incorporaram à prática e de espectadores que pagavam uma entrada para presenciar as partidas”.

O interesse das entidades em melhorar seus plantéis como forma de acrescentar sua competitividade e, em consequência, os ingressos provenientes das arrecadações, propiciou que os futebolistas começassem a receber ofertas econômicas para jogar para tal ou qual equipe. Toda suspeita deste tipo (por exemplo, quando um jogador recentemente contratado por um clube abandonava seu posto de trabalho) foi objetada pela *Football Association* e seus instigadores sancionados quando se encontravam evidências do pagamento aos jogadores. Como resposta à proibição de praticar o profissionalismo, em 1884 vários clubes formaram a *British Football* e saíram da *Football Association*, que um ano depois se viu forçada a oficializar o profissionalismo (REYNA, 2008, p.229, tradução da autora).

Esta transmutação de normas e valores atrelou-se ao paulatino reconhecimento do potencial mercadológico do futebol, conforme sinalizou Reyna (2008). O autor ainda ressalta que, em 1888, doze clubes ingleses fundaram a *Football League*, “a competição anual do futebol inglês rentado, cuja estrutura foi copiada ao redor do mundo” (REYNA, 2008, p.229, tradução da autora). O aumento do público consumidor estava relacionado à geração de lucros provenientes das partidas, de forma que a busca por melhores (e mais rentáveis) equipes de jogadores tornou-se objetivo central dos clubes.

Reyna (2008, p.229, tradução da autora) também discute o desenvolvimento do esporte inglês em vários países e a sua incorporação pelas elites como “fator de cultura física e higiênica”; aportes que emularam sua prática numa “faceta lúdica e significativamente amadora”, mesmo quando o futebol na Inglaterra já havia se profissionalizado. De acordo com o autor, quando o jogou se popularizou entre os diferentes setores sociais com a organização de certames que envolviam uma grande quantidade de jogadores e equipes, “o ‘exitismo’ e a rivalidade entendida de maneira hostil e desleal se apresentaram como traços sobressalentes no enfrentamento entre clubes”. Este contexto propiciou o surgimento do “marronismo”, utilizado como “ferramenta para atrair de maneira encoberta os jogadores de maior talento e

---

<sup>210</sup> Segundo Reyna (2008), este é o torneio mais antigo de futebol do mundo e dele participavam todas as categorias do futebol galês e inglês.

formar esquadrões mais competitivas". Tal iniciativa foi inicialmente rechaçada pelas regulamentações esportivas "por sua incompatibilidade com o ideal amadorista" (*idem*).

O marronismo, também descrito como "amadorismo marrom" (terminologia mais conhecida no Brasil), "falso amadorismo", "amadorismo de fachada", "amateurismo a medias" (como denominou a revista *El Gráfico* para retratar o processo de profissionalização na Inglaterra), dentre outras determinações, comportava uma ambiguidade que residia na seguinte situação: mantinha-se o *status* de amador dos jogadores, condição distintiva presente não apenas na ideologia e na política do esporte, mas acordada nos primeiros estatutos dos clubes que proibiam a prática de qualquer tipo de remuneração; porém, no intento de se formar equipes mais competitivas, recrutava-se jogadores de diversos lugares e de variadas origens sociais, ofertando-lhes pagamentos salariais ou outras recompensas de forma ilegal. No contexto brasileiro, Franco Júnior (2007, p.72) assinala que era frequente os jogadores receberem "uma premiação desde 1923, chamada de 'bicho'". De acordo com o autor, "como o futebol era oficialmente amador, os comerciantes portugueses torcedores do Vasco recompensavam com uma vaca inteira as vitórias sobre o América". Já a vitória sobre o Flamengo valia "uma vaca de três pernas, o Fluminense duas ovelhas e um porco, e assim por diante".

Nesta perspectiva, Claussen (2014) observa que, se em um momento inicial a prática do jogo estava atrelada à formação do *gentleman*, sobretudo nas instituições de ensino que promulgavam uma "nobreza" que se podia aprender, após a primeira Guerra Mundial o futebol se tornou um esporte cada vez mais espetacularizado. Nesse contexto, pondera o autor (2014, p.32): "o profissionalismo puro pertencia até então ao mundo do futebol britânico; na Europa Central podia-se esperar obter a ascensão social pelo esporte, mas só isso não garantia um padrão de vida correspondente". Para Claussen, o profissionalismo representou uma forma de promoção social na Inglaterra, o que, em contrapartida, causou um enfraquecimento do futebol dos *gentlemen*. Estes se opuseram ao "tentar proteger um discriminatório ideal de amadorismo" (CLAUSSSEN, 2014, p.28). Nos dizeres de Damo (2007, p.72), "o amadorismo como ideologia elitista, produtor e promotor do *fair-play*, seria esgarçado com a disseminação e popularização dos esportes".

O profissionalismo, um dos desdobramentos do mercado futebolístico (possivelmente, o principal), também foi intensamente marcado por um movimento de migração mundial de jogadores. As características do novo regime se dissiparam para além da península, acompanhando o próprio fluxo de irradiação do esporte, ainda no século XIX. Damo (2007, p.74) destaca a influência britânica no que ele denomina de "diáspora esportiva".

De acordo com o autor, esse processo “arrastou consigo os germes do conflito entre amadorismo e profissionalismo”.

Segundo dados de Claussen (2014), a Áustria se tornou o primeiro país da Europa Continental a criar uma liga profissional, na temporada de 1924/1925<sup>211</sup>. Reyna cita o ano de 1926 como marco para o caso espanhol; 1927, para o caso de Tchecoslováquia e Hungria; 1929, para o caso italiano; e 1931, para os casos de Argentina e Uruguai. Diante da proliferação do novo regime, Reyna (2008) destaca que os imbróglios entre amadorismo e profissionalismo foram amplamente discutidos pela FIFA durante a década de 1920; momento em que os ideais do Olimpismo acerca da moral amadora eram ainda fortemente mobilizados como modelo de prática esportiva. As cartas escritas por Pierre de Coubertin são um exemplo característico desse conflito. Reyna (2008, p.230, tradução da autora) cita três pontos de vista sobre o amadorismo/profissionalismo no futebol publicados em crônicas jornalísticas:

o francês, que deixava que as federações nacionais interpretassem o critério do amadorismo, confiando na honradez de suas determinações; o inglês, que pedia um reconhecimento categórico e a separação do profissionalismo do amadorismo; e o belga, que admitia a cobrança de gratificações supervisionada, não conceituando isto como profissionalismo.

Em se tratando da Argentina, Alabarces (2007) situa o ano de 1931 como momento em que o “amadorismo marrom” se transforma em um profissionalismo “liso”, permitindo uma diminuição dos limites impostos às classes populares, relacionados, sobretudo, à dependência econômica e ao pouco tempo livre resultante das horas excedentes de trabalho. Para o autor, no período do amadorismo, as classes dominantes se beneficiavam pelo fato de poderem dedicar tempo, dinheiro e esforço à prática do jogo. Frydenberg (2008) reforça a versão que determina o ano de 1931 como marco de aceitação do profissionalismo argentino. De acordo com este autor, desde o final da década de 1910 “se destinava um fluxo de dinheiro para atrair potenciais *cracks* do interior para as equipes da capital” e, em meados dos anos 1920, “o marronismo estava plenamente difundido” (2008, p.193, tradução da autora).

No Brasil, a adoção do regime profissional aconteceu, especialmente, nas décadas de 1930 e 1940, reverberando em várias cidades, como demonstram vários trabalhos, a exemplo das produções de Rigo (2001); Salles (2004); Damo (2007); Santos (2010); Moraes (2009); Silva (2000); Negreiros (1998); Ferreira (2004); Yamandu e Gois Júnior (2012);

---

<sup>211</sup> Reyna (2008) diverge de Claussen (2014). Para ele, a Áustria instaurou o profissionalismo em 1926.

Pinheiro (2015); e Souza e Capraro (2015). Damo (2007, p.74) sinaliza que os embates envolvendo o profissionalismo e o amadorismo se fizeram presentes desde a fundação dos primeiros clubes e ligas de futebol, “embora o profissionalismo viesse a ser adotado oficialmente apenas nos anos 1930 – em 1933 pelo eixo Rio-São Paulo; em 1937 por Grêmio e Internacional; e nos demais estados, cujas datas são imprecisas, não antes de 1933” (*idem*). Em Belo Horizonte, como já destacado, o jogo profissional foi regulamentado no ano de 1933, poucos meses depois da implantação no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Silva (2012, p.71) destaca o processo de profissionalização do futebol brasileiro como consequência dos conflitos causados por sua “disseminação entre as diferentes classes e grupos sociais”. Em sua interpretação, esse momento retrata um confronto entre os defensores do amadorismo e do elitismo que caracterizava aquele formato e os adeptos do profissionalismo, favoráveis à popularização do esporte. Para Buarque de Hollanda (2004), o advento do novo regime pode ter sido fortemente impulsionado pela experiência vitoriosa do selecionado brasileiro, formado por brancos, negros e mestiços, na Copa Rio Branco, realizada em 1932, no Uruguai. A equipe nacional venceu os anfitriões, campeões mundiais em 1930, o que contribuiu para aumentar a pressão pelo profissionalismo. De acordo com o autor, “após 1933, com a profissionalização do futebol e o ingresso oficial de jogadores negros e mulatos, o amadorismo tem de aceder à nova realidade esportiva” (2004, p.59).

Sobre o momento em que se consolida o futebol profissional em âmbito mundial, Damo (2007) traz uma constatação importante: é no período entreguerras que esse processo se materializa, impulsionado, em grande medida, pelos governos nacionalistas. A profissionalização do jogo poderia representar a formação de esquetes mais abrangentes em se tratando da composição social dos jogadores e possibilitar, assim, o incremento de quadros mais competitivos. Nesta perspectiva, os feitos dos selecionados poderiam ser traduzidos como uma vitória do próprio poderio das nações (DRUMOND, 2010). Pode-se destacar a utilização do futebol nas políticas nacionalistas do governo de Getúlio Vargas, por meio da promoção de um ufanismo excessivo que intentava gestar uma base de unidade nacional a partir das conquistas brasileiras em campo. Em especial, vale ressaltar a veiculação do futebol como uma das propagandas de uma brasilidade desejada, aspecto que pode ser pensado como fomentador relevante da espetacularização e da divulgação massiva do esporte inglês. A valorização do futebol enquanto instrumento de propaganda da força nacional dialogava com os pressupostos formativos e eugênicos atribuídos ao próprio esporte pelos governos totalitaristas mundiais, com destaque para os regimes nazista e fascista, os quais Vargas era

declaradamente partidário (pelo menos até a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial e o declarado apoio brasileiro a este país).

Nesse contexto – em que os esportes cumpriam um importante papel nacionalista – o futebol foi progressivamente valorizado como elemento representativo da força e da cultura brasileira. Um paradoxo se estabelecia: ao mesmo tempo em que as políticas eugênicas estavam em voga, os jogadores negros, mulatos e oriundos de camadas sociais anteriormente alijadas da prática do futebol ganhavam destaque. Esse processo, sinaliza Pereira (2000, p.330), desaguaria na escolha de um selecionado nacional para disputar a Copa da França, em 1938, “com um perfil muito diferente dos demais times formados para defender as cores brasileiras nos anos anteriores”.

O bom desempenho de jogadores de origem negra abre a brecha para a associação entre a identidade esportiva e o diferencial étnico de constituição do povo brasileiro. A originalidade étnica divisada no futebol atinge o seu ápice durante a realização da Copa do Mundo de 1938, na França. Embora o Brasil não houvesse saído vencedor, com a obtenção do terceiro lugar, a atuação de Leônidas da Silva, artilheiro da competição, estreita o sentimento esportivo de comunhão com a pátria, o que seria massificado pelas transmissões radiofônicas durante a Era Vargas (BUARQUE DE HOLLANDA, 2004, p.59).

A aceitação do profissionalismo, manifestada nos exemplos mencionados, foi, no entanto, fruto de um processo que já se arrastava em anos anteriores, antecedente ao marco temporal conferido ao ano de 1933. O amadorismo marrom, segundo Pereira (2000), já era discutido na então capital da república, Rio de Janeiro, desde a década de 1910<sup>212</sup>. O ápice dos imbróglios normativos sobre a prática futebolística, para este e outros autores que se debruçaram sobre a história do futebol brasileiro, reside na conquista do campeonato da 1<sup>a</sup> Divisão da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro pela equipe do Vasco da Gama, em 1923<sup>213</sup>.

<sup>212</sup> Segundo o autor, esta prática foi descrita ainda em seu princípio, em 1915, no jornal carioca *O Imparcial* (PEREIRA, 2000, p.310).

<sup>213</sup> A L.M.S.A (Liga Metropolitana de Sports Athleticos – antiga entidade gestora do futebol no Rio de Janeiro que, em 1917, teria o nome de L.M.D.T – Liga Metropolitana de Desportos Terrestres) mantinha níveis de separação entre os clubes, que se alocavam em três divisões. A primeira era composta pelos clubes mais representativos na hierarquia social da cidade, como Fluminense, Flamengo, Botafogo, São Cristóvão, América e Bangu. As outras divisões eram relegadas aos clubes de menor expressão. De acordo com Santos (2010, p.138), a Liga havia criado a 2<sup>a</sup> Divisão “para abrigar os times mais pobres da cidade e conseguir conter os grandes clubes separados dos clubes de negros e brancos pobres”. Ainda segundo o autor, “na 3<sup>a</sup> Divisão, a situação era ainda pior. A percepção que os *sportmen* importantes da cidade tinham era a de um ambiente de promiscuidade”. O Vasco, quando de sua filiação à Liga, em 1916, foi alocado na 3<sup>a</sup> Divisão; entretanto, rapidamente conseguiu ascender às divisões superiores. Quando finalmente conseguiu chegar à 1<sup>a</sup> Divisão, Santos (2010) menciona uma campanha de moralização empreendida pela L.M.D.T, uma “espécie de ‘Liga contra o analfabetismo’”, o que quase impossibilitou a participação do clube na categoria a que havia ascendido, pois muitos de seus atletas eram analfabetos. As estratégias de distanciamento distintivo utilizadas pelos principais clubes cariocas já foram

Embora tivesse, como os outros grandes clubes da cidade, dirigentes brancos e bem trajados, o Vasco levava a campo uma equipe que não correspondia ao padrão social de seus sócios. Radicalizando um impulso que já se fazia presente em muitos outros clubes da liga, o clube montava uma equipe composta por atletas que, ao contrário do que seria o padrão entre os amadores que disputavam até então o campeonato, faziam claramente do futebol a sua profissão. Dedicando-se integralmente ao esporte, os jogadores – muitos deles negros – conseguiam grande vantagem sobre os adversários, que dividiam seus afazeres entre a bola e o trabalho, sagrando-se campeões naquele ano após uma vitória contra o São Cristóvão (PEREIRA, 2000, p.309).

Para Pereira (2000, pp.309, 311), a conquista do título pelo Vasco, “ponto alto da profissionalização disfarçada”, representava “mais um passo no processo crescente de valorização, dentro dos clubes, de jogadores que pudessem garantir sua força nos campos”. A ação do Vasco evidenciava, assim, uma transformação que já vinha se construindo no futebol, impulsionada pelo recrutamento de atletas distantes dos círculos amadoristas iniciais e pela compensação financeira aos mesmos<sup>214</sup>. Esta prática não era exclusividade do Vasco da Gama e nem da cidade do Rio de Janeiro e demonstrava que a rentabilidade do jogo assumia um papel central na organização do futebol. A diversão educativa de pequena parcela da mocidade citadina transformara-se, progressivamente, em um lucrativo negócio.

Nesse momento, as caracterizações do amadorismo inglês já não eram as mesmas. Suas bases estavam fortemente abaladas pelo ingresso de jogadores pobres e negros no cenário futebolístico. A abertura dos clubes para “novos sujeitos” (PEREIRA, 2000, p.311) representava uma transformação importante nos princípios formativos do jogo, ao mesmo tempo que abria “novas possibilidades para jogadores que, até então, tinham nos clubes de subúrbio seu único meio de sobrevivência”.

No entanto, embora esta seja uma das mais propagadas vias explicativas para a adoção do profissionalismo no futebol brasileiro, torna-se prudente considerar que o novo regime não alterou significativamente a ordem social estabelecida anteriormente. Não se pode dizer que houve, necessariamente, uma relação direta entre defesa do amadorismo e elitismo e defesa do profissionalismo e popularização. Os mandatários dos clubes continuaram sendo os “paredros” da elite e a profissionalização do futebol não representou muito além do que a possibilidade de angariar maiores lucros para as instituições. Como observa Santos (2010,

---

mencionadas no capítulo anterior, por meio dos estatutos da L.M.D.T, que se assemelhavam muito à entidade homônima mineira.

<sup>214</sup> De acordo com Pereira (2000, p.311), “Embora o Vasco tenha sido punido pela sua ousadia, ficando de fora da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (A.M.E.A), fundada em 1924 pelos principais clubes da cidade em resposta à sua atitude, a profissionalização dos jogadores continuaria a se fazer notar no seio da nova entidade”. Entretanto, já no ano seguinte, o Vasco tem a permissão para adentrar à A.M.E.A. Um dos fatores determinantes era a lucratividade que as rendas dos jogos do clube português possibilitavam também aos outros clubes. Para maiores informações, ver Pereira (2000) e Santos (2010).

p.11), a incorporação de elementos populares e a conquista de espaço por pessoas de diferentes classes sociais também se deram “por brechas abertas por alguns membros da elite, de olho nos significativos ganhos que a popularização do futebol gerava”.

Nesse cenário, não foram todos os jogadores que se tornaram profissionais que conseguiram ascender socialmente, como se a adoção do regime em si fosse capaz de oferecer essa possibilidade. A complexidade da questão em voga não pode ser reduzida a binarismos pré-estabelecidos, como “elitismo-amadorismo” e “popularização-profissionalismo”. Tais proposições, de fato, existiram, mas muito mais no plano das ideias do que na esfera da realidade concreta. Em se tratando do domínio exercido pela elite no futebol brasileiro, Drumond (2015, p.73) demonstra em seus estudos como o processo de profissionalização no Rio de Janeiro esteve interligado a disputas de poder entre “grupos antagônicos na política esportiva que se confrontaram pelo controle do futebol nacional”.

A abertura vislumbrada no campo futebolístico não se efetivou sem os conflitos raciais e classistas inerentes à própria formação da sociedade brasileira. Representantes de alguns clubes e da imprensa ainda construíam argumentos que procuravam restabelecer os caracteres distintivos do jogo e evitar a “mistura” que se avolumava. Nesse contexto, Pereira (2000, p.325) relata que a regulamentação do profissionalismo, formada por muitos embates, emergiu como uma “solução” para a crescente tensão racial, “ao diferenciar claramente jogadores de sócios”. Assim, o profissionalismo “permitiria que fossem respeitados os critérios técnicos de escolha de equipes sem que se dissipassem o preconceito e as discriminações raciais que se faziam presentes em torno dos jogadores [...]. Ou seja, a presença de atletas talentosos, como Domingos da Guia e Leônidas da Silva, negros e de origem social pobre, era cada vez mais cobiçada pelos clubes, mas seus lugares eram claramente demarcados como os de trabalhadores, alheios aos meios de convivência que integravam os verdadeiros sócios das agremiações. Nesse processo paradoxal que valorizava “a mistura racial na constituição de um futebol autenticamente nacional” (PEREIRA, 2000, p.338), injúrias raciais eram frequentemente proferidas, como sinalizou Domingos da Guia ao término de sua carreira<sup>215</sup>. Contudo, vale sinalizar que o próprio jogador, inicialmente, foi contrário à implantação do profissionalismo (PEREIRA, 2000), evocando argumentos constituintes do ideal amador presentes nos círculos clubísticos dos quais ele mesmo não fazia

---

<sup>215</sup> Pereira (2000, p.341) destaca que Domingos não esqueceu as “dificuldades que enfrentara por conta de sua origem étnica, chamando constantemente atenção para o caso do irmão que fora alijado da seleção e afirmando, sem rodeios, que ‘o preto nunca foi aceito nesse país’”.

parte. Este fato pode demonstrar a força e a abrangência dos discursos moralizadores do esporte àquela época.

Outra via importante para a interpretação do processo de profissionalização do futebol brasileiro está intrinsecamente relacionada à emergência de um lucrativo mercado esportivo, representado pelo advento do novo regime em outros países, especialmente na Itália e na Argentina. Em inúmeras reportagens é possível encontrar menções à implantação do profissionalismo nessas localidades, fato que foi compreendido como uma iminente ameaça ao mercado futebolístico brasileiro. Desde princípios da década de 1930, jogadores brasileiros deixavam as fileiras de suas equipes para ingressar em clubes de países estrangeiros que já reconheciam o futebol como profissão.

Esse fato é constitutivo de um fluxo mundial de transferências de jogadores que, em síntese, pode ser descrito da seguinte forma (para esta situação específica): muitos jogadores argentinos migraram para clubes italianos (que já haviam se profissionalizado no final dos anos 1920)<sup>216</sup>; para suprir estes desfalques, alguns clubes do país vizinho iniciaram investidas em atletas brasileiros (assim como, clubes uruguaios e italianos). O reconhecimento da perda de jogadores para outros países acabou se constituindo em um dos fatores motivadores para a implantação do profissionalismo no Rio de Janeiro e em São Paulo. Por sua vez, os clubes destas cidades incrementaram suas investidas em jogadores de Minas Gerais, o que, por fim, constituiu um fator impulsionador para a adoção do novo regime neste estado. Pode-se inferir que o caso argentino (embora tenha influenciado bastante o trânsito de jogadores) impactou mais os brasileiros pelas possibilidades de ganhos financeiros e pelas supostas melhorias estruturais do futebol. Já o caso italiano foi mais incisivo em relação ao êxodo de jogadores. Assim, coexistiram, ao menos, duas situações relevantes: além do medo da perda de atletas, havia também certa admiração pelos lucros gerados nos centros esportivos supracitados.

Certamente, estas relações não se concretizaram com a linearidade esquemática que a exemplificação sugere. Este é apenas um intento de ilustrar uma das vertentes possíveis de um processo que abrangeu uma circulação de informações que, inequivocamente, impactou a mudança de regimes nas cidades supracitadas.

---

<sup>216</sup> Em várias edições da revista *El Gráfico* pode-se constatar os incômodos acerca do êxodo de jogadores argentinos para a Itália. Como exemplo tem-se a reportagem: *La revolución de los jugadores porteños de fútbol*. *El Gráfico*, 25 de abr. 1931, n.615, pp.16,17.

2.2 As influências da Argentina no advento do profissionalismo brasileiro: “Esse facto terá grande repercussão no football sul-americano, é inquestionável”<sup>217</sup>

O processo de implantação do profissionalismo na Argentina se difere das cidades brasileiras supracitadas (Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte) no que tange aos propulsores do movimento. No caso brasileiro, os dirigentes dos clubes podem ser considerados os protagonistas da regulamentação do novo regime, enquanto no país vizinho tal empreitada foi conduzida, especialmente, pelos jogadores.

Uma das motivações primordiais consistia na reivindicação do passe livre, situação que gerava conflitos entre jogadores e dirigentes ainda no período amadorista. Os jogadores defendiam o direito de se transferirem dos clubes sem multas e encargos, enquanto os dirigentes e a Associação Amateur Argentina de Football (A.A.A.F) promulgavam normativas que forçavam a vinculação do atleta ao clube. O amadorismo marrom na Argentina também já se concretizava como real motivo de transferência de jogadores para instituições que lhes fornecessem melhores condições financeiras. Sua prática, como demonstram os periódicos, era conhecida há tempos, mas, assim como no Brasil, esbarrava nas regras amadoristas da liga gestora.

Como resultado dos embates entre dirigentes, A.A.A.F. e jogadores, estes últimos decretaram uma greve, recusando-se a participar das partidas oficiais até que conseguissem eliminar a “Ley de Candado”<sup>218</sup> e terem direito ao passe livre. Os principais clubes, sendo obrigados a escalar jogadores reservas ou de outras categorias, viram-se abatidos por um grande prejuízo nas rendas dos jogos, já que muitos torcedores deixaram de acompanhar as partidas nos estádios em razão da ausência dos jogadores mais afamados. A ideia da greve já era anunciada por *El Gráfico* meses antes da oficialização do profissionalismo, o que demonstrava um contexto de grande agitação nos momentos predecessores ao advento do regime. Em realidade, inicialmente uma situação não se relacionou diretamente com a outra. Ou seja, os jogadores não principiaram a greve no intento de obterem a profissionalização no futebol, mas pode-se considerar que as ações empreendidas por eles acabaram contribuindo para a posterior adesão ao regime.

<sup>217</sup> A QUESTÃO do profissionalismo. Jornal dos Sports, 02 de jun. 1931, n.68, p.2.

<sup>218</sup> Segundo *El Gráfico*, essa lei consistia no seguinte: “os jogadores que haviam firmado por seu clube, no término de dois anos ficavam subordinados a ele por tempo indeterminado, já que outra coisa significava ter que atuar dois anos em divisões inferiores, sem o consentimento do clube a que pertence. Essa lei era arbitrária, mas tinha pelo que apoiamos o bom propósito de consertar a situação anômala no futebol e defender a estabilidade dos clubes” (Chantecler. La revolución de los jugadores de fútbol. *El Grafico*, 18 de abr. 1931, n.614, pp.16-17, tradução da autora).

A greve dos jogadores argentinos foi citada inúmeras vezes em *El Gráfico* como “uma revolução”. Em um dos textos produzidos pelo colunista Chantecler acerca dos conflitos entre dirigentes e jogadores, indagava-se: “Triunfarão os jogadores? Terá o assunto dos passes livres uma derivação para a rápida implantação do profissionalismo?”<sup>219</sup> Para o cronista, apoiador entusiástico do novo regime, o futebol amador “nobre, cavalheiresco” e desinteressado” era já uma utopia, “nada mais do que um sonho irrealizável”, pois o movimento das bilheterias e a mercantilização do jogo haviam absorvido todos os lirismos<sup>220</sup>. Em outra reportagem, a proposta de formação de uma liga de profissionais feita por um sócio do clube Independiente gerou uma resposta irônica do periódico: “Parecia que o sócio não conhecia nada de futebol. Se fosse verdade que conhecesse algo saberia que o profissionalismo existe há tempos?”<sup>221</sup>

O momento predecessor ao advento do regime na Argentina foi marcado por inúmeras reportagens que denunciavam circunstâncias graves de violências nos estádios<sup>222</sup>, subornos a juízes, descaso aos clubes considerados pequenos, desmandos e parcialidades nas decisões da A.A.A.F., e desrespeito aos atletas em se tratando dos contratos abusivos. Em uma das reportagens de *El Gráfico*<sup>223</sup>, o regime dos passes chegou a ser comparado à escravidão. Outro fato que causava incômodo era justamente o amadorismo marrom, já amplamente conhecido nos círculos esportivos argentinos e que a A.A.A.F parecia ignorar na opinião dos textos publicados. Nesse caso, clamava-se por uma definição do que seria, naquele momento, o futebol amador:

É imprescindivelmente necessário que a Confederação determine o que ela entende por amadorismo, e é necessário que o diga com clareza, não somente porque convém conhecer seu pensamento, mas também porque chegou a hora de evitar que as federações afiliadas tenham a tarefa de definir o conceito com um critério heterogêneo. E dizemos que convém que tal autoridade fale porque dirigentes e esportistas não sabem já quando e porque se perde a condição de verdadeiro amador, nem sabem quando e como se adquire a de profissional<sup>224</sup>.

<sup>219</sup> CHANTECLER. La revolución de los jugadores porteños. *El Gráfico*, 25 de abr. 1931, n.615, pp.16,17, tradução da autora.

<sup>220</sup> CHANTECLER. La revolución de los jugadores porteños de fútbol. *El Gráfico*, 18 de abr. 1931, n.614, pp.16-17, tradução da autora.

<sup>221</sup> PICA pica: Hacia el profesionalismo. *El Gráfico*, 27 de dez.1930, n.598, p.46, tradução da autora.

<sup>222</sup> Em uma das reportagens, um dos jogos foi narrado como recheado de uma série de fatos delituosos, de escândalos comuns nos campos, de “baixos desdobramentos das paixões”. Nesse episódio um torcedor atirou contra outros torcedores e um agente de polícia (*El Gráfico*. De sábado a sábado, 04 de dez.1930, n.586, 18, tradução da autora).

<sup>223</sup> PICA pica: bajo la esclavitud. *El Gráfico*, 18 de abr. 1931, n.614, p.46, tradução da autora.

<sup>224</sup> DE SÁBADO a sábado. La Confederación Argentina. *El Gráfico*, 18 de out. 1930, n.588, p.18, tradução da autora.

Sobre esse assunto, o colunista Chantecler era taxativo ao propor a separação rígida entre o amadorismo puro e o profissionalismo franco, pois a situação presente se convertia para o sacrifício da ordem e da disciplina. Em sua opinião, os jogadores que permanecessem amadores deveriam ter a mais absoluta liberdade de jogar pelo clube que desejasse, já os profissionais teriam contratos livremente estabelecidos.

Entre ser partidário de uma situação falsa ou provocar a verdadeira [...] a eleição não pode ser duvidosa. Daí minha campanha em favor do profissionalismo que, além do mais, nos trará aparelhado a disciplina e o melhoramento dos espetáculos e a clareza dos balanços falsos dos clubes de futebol. Com isto ele propicia também o realce do amadorismo, porque havendo esporte profissional serão feitas as separações correspondentes e ingressarão então na prática do futebol muitos universitários e gente de posição abastada que havia afastado do jogo por não aparecer na situação suspeitosa<sup>225</sup>.

Nas palavras do colunista, observa-se uma preocupação que seria frequente não apenas nas publicações argentinas, mas nas reportagens veiculadas pelos impressos cariocas e mineiros. No momento em que se percebia um avanço do falso amadorismo no futebol, este esporte perdeu parte do *status* distintivo que formava o aparato cultural das classes mais abastadas. Em uma das publicações de *El Gráfico*, o autor afirmava que o “futebol já não era mais futebol, era uma rinha de galos”. Em suas palavras, o esporte não existia mais nos campos argentinos, “o amadorismo passou para a história. Tudo está morto”. E questionava: O que fazemos com o cadáver?”<sup>226</sup> Com a vulgarização do futebol, outros esportes passariam a cumprir, com mais afinco, um papel de distinção, a exemplo dos esportes especializados, como abordado no capítulo anterior. No caso argentino, o tênis seria um exemplo emblemático.

Outro dia presenciei três partidas nas quais não houve árbitros bombeiros, nem jogo brusco, nem atropelos, nem trombadas, nem torcedores parciais, nem nenhuma dessas cenas pitorescas que vemos nos campos um domingo sim e outro também. Foi no sábado. Por somente este dado compreenderão que as partidas que presenciei não foram do viril, do popular, do cavalheiresco esporte do futebol, quintessência do amadorismo quimicamente puro, mas com soda. As partidas que vi eram de uma arena que se jogam com uma bola pequena que se mandam daqui para lá e de lá para cá. Creio que se chama tênis<sup>227</sup>.

Assim, a separação entre o futebol amador e o futebol profissional, na opinião de Chantecler, poderia trazer de volta o *status* social deste esporte e, consequentemente, os seus

<sup>225</sup> CHANTECLER. La delicada situación. *El Gráfico*. 09 de mai. 1931, n.67, p.16, tradução da autora.

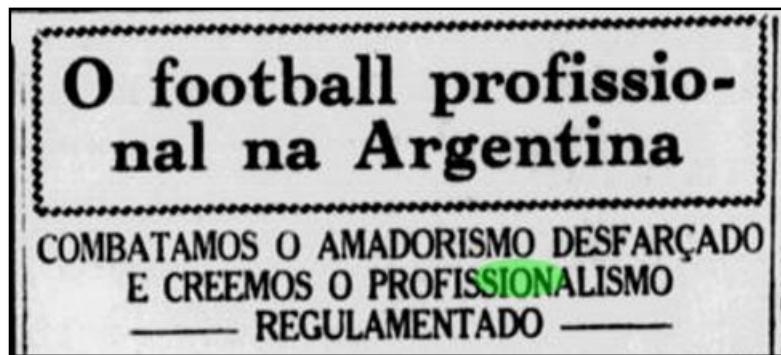
<sup>226</sup> IMPRESIONES de Gilberto. *El Gráfico*, 18 de out. 1930, n. 588, p.39, tradução da autora.

<sup>227</sup> IMPRESIONES de Gilberto. *El Gráfico*. 15 de nov. 1930, n. 592, p.49, tradução da autora.

antigos praticantes, “os universitários e a gente de posição abastada”<sup>228</sup>. Como sinaliza Bourdieu (2007, p.212), “uma simples translação da estrutura de distribuição, entre as classes, de um bem ou de uma prática [...] tem o efeito de diminuir sua raridade e o seu valor distintivo, além de ameaçar a distinção dos antigos detentores”.

O *Jornal dos Sports*, editado no Rio de Janeiro, publicou uma série de reportagens sobre a implantação do profissionalismo na Argentina. Em uma delas, a discussão se centrava na regulamentação do regime como forma de combater um “amadorismo disfarçado” (FIG.10). O texto foi embasado no relato de Miguel A. dos Reis, descrito pelo jornal como “figura de invulgar e merecido prestígio nos sports e no jornalismo sul-americano”<sup>229</sup>.

Figura 10: Reportagem sobre a regulamentação do profissionalismo na Argentina



Fonte: Jornal dos Sports, n.27, 15 de abr. 1931, p.2.

Reis mencionava a existência do profissionalismo “já há varios annos”, faltando, no entanto, sua “implantação regular”. Assinalava que “todos” na A.A.A.F sabiam da remuneração dos jogadores e que não se podia negar que as “as próprias associações directivas não podiam resistir a certas distribuições de dinheiro e varios modos de estímulo que constituíam a negação do amadorismo”<sup>230</sup>. Suas palavras evidenciavam uma situação muito semelhante às inúmeras narrativas produzidas em relação ao caso brasileiro.

Os clubs foram os causadores da situação em nosso e em outros meios. Recorreram aos cracks para atrair público. Durante muito tempo se asseverou que os

<sup>228</sup> CHANTECLER. La delicada situación. El Gráfico. 09 de mai. 1931, n.67, p.16, tradução da autora.

<sup>229</sup> O texto assim apresenta Miguel A. dos Reis: “Durante muitos annos foi figura de destaque na Associação Argentina, cuja presidencia ocupou, foi representante do Brasil na Confederação Sul-Americana de Football, director da secção sportiva de grandes jornais argentinos, como ‘La Nación’, ‘Última hora’ e ‘El Diario’, director da succursal da Agencia Americana, em Buenos Aires, etc. Grande amigo do Brasil, de cujas grandezas se fez fervoroso propagandista, o Sr. Miguel Reis é uma figura notável do jornalismo sul-americano”.

<sup>230</sup> REIS, Miguel A. football profissional na Argentina. Jornal dos Sports, n.27, 14 de abr. 1931, p.2.

espectadores afluíam aos campos de jogo, pelo prestígio de determinados jogadores. Cada terminação de temporada provocava, em consequência, um afan desenfreado para captar-se a adhesão dos jogadores de renome. Os directores trabalhavam ás escondidas, numa tentadora competição de ofertas, buscando retirar do adversário, seus homens de maior prestígio. Mas os factos demonstraram que a capacidade do quadro era o factor principal de sua popularidade e desse modo a remuneração desigual que se fazia a título de passagens, retribuindo-se ao esforço físico dos jogadores, equilibrou-se e hoje não é um mistério que alguns clubes destinem uns tantos por cento da renda de seus encontros para serem distribuídos com os componentes do seu quadro principal e que nos jogos excepcionais os obsequiam mais generosamente<sup>231</sup>.

O referido jornalista também dissertou sobre a questão do passe livre, defendendo, assim como Chantecler, a possibilidade de conquista deste direito apenas ao jogador amador, ressaltando que a liberdade conferida ao profissional resultaria num “sistema perigoso”, pois o jogador ficaria em “condições de impor as suas exigências, enquanto possibilidade de manter um controle eficaz que corresponde a um football profissional regular”. Assim, concluía: “O passe livre é um direito indiscutível para o jogador verdadeiramente amador, mas não pode ser para um footballer profissional”<sup>232</sup>.

Em outra reportagem do mesmo jornal, Reis abordou com mais detalhes essa situação. Em sua opinião, os conflitos existentes entre a A.A.A.F e os jogadores em razão da solicitação de reimplantação do passe livre ofereceriam uma ótima oportunidade para se solucionar o problema do profissionalismo. O termo “reimplantação” foi utilizado pelo jornalista no intuito de se fazer referência aos primeiros momentos do amadorismo naquele país. Quando da existência do regime considerado “puro”, os jogadores podiam escolher livremente o seu pertencimento a um clube ou outro, respeitando-se apenas os prazos necessários para se estabelecer a transferência. Naquele momento, como os jogadores se reuniam nas agremiações por vínculos afetivos e territoriais (especialmente), não era prática comum a troca de camisa, situação que denotaria deslealdade. Com a crescente mercantilização do jogo e a ressignificação dos princípios originários do amadorismo – situações que promoveram, como uma de suas consequências, o aumento do trânsito de jogadores entre clubes em busca de melhores compensações – as regras para transferências se tornaram mais rígidas, gerando a já citada “Ley de Candado”. Como relatado, já era de conhecimento geral a existência do profissionalismo mascarado.

Não é somente uma suspeita da opinião pública nem uma descoberta do jornalismo. Os dirigentes o declararam à viva voz. Por sua parte, os jogadores não negam o que

<sup>231</sup> *Idem*.

<sup>232</sup> REIS, Miguel A. Football profissional na Argentina. Jornal dos Sports, n.27, 14 de abr. 1931, p.2.

vêm recebendo nem tampouco o que pretendem [...]. É este um assumpto theoricamente liquidado. Não existe um só delegado que possa demonstrar que na actualidade, o regimen de vida implantado para a organização e manutenção das ‘equipes’ do circulo superior, se mantem dentro das exigencias para o ‘verdadeiro amadorismo’<sup>233</sup>.

O “verdadeiro amadorismo”, no entendimento do cronista, era o dos “primeiros tempos”, o da “edade de ouro do nosso football”. Nesta perspectiva, a existência do passe livre deveria estar condicionada aos “princípios que fazem um footballer ‘perfeito amador’”<sup>234</sup>. Fato, entretanto, que ele mesmo reconhecia como pouco provável de se existir naquele contexto de supervalorização financeira: “Quer dizer que o ‘passe livre’ deveria ser outorgado sem outras exigencias que as necessarias para que durante o desenrolar de cada campeonato, os jogadores não andassem se passando de um a outro club, por caprichos ou incidentes de monta”. Em outras palavras, defendia que naquele sistema em vigor era “necessário não manifestar ignorancia de como se vem obtendo passes de jogadores de cartel e transferencias de outros de menor reputação, como assim também que as actividades sportivas desses jogadores estão francamente remuneradas”<sup>235</sup>.

Em outra reportagem, o mesmo autor anunciaava: a “marcha para a implantação do profissionalismo no *football* portenho está marcando, já, rumos definitivos”<sup>236</sup>. Mais uma vez, abordava a questão do amadorismo que, a seu ver, estaria passando por um momento crítico. Em sua análise, já estava assentado que os jogadores eram praticamente profissionais e que os clubes exerciam a prática da remuneração: “a Associação Amateurs Argentina aceitava essa situação como resultado de um estado ambiente”. O profissionalismo, para Reis, estava na “vida do football portenho como resultado dos interesses de todos: jogadores, clubs e Associação”<sup>237</sup>.

A implantação “lisa e rasa” do regime profissional, como ele definia, era um problema na medida em que se percebia o amadorismo sendo relegado a um segundo plano. O jornalista indagara: “E o sport”? Para ele a principal função do esporte residia em sua prática amadora. Diante de suas palavras pode-se até inferir que o amadorismo era uma característica indissociável do fenômeno esportivo, a razão de sua existência. Não pensar no amadorismo era “ser contra o sport”, em sua opinião. Como sugestão, o cronista advogava que o regime

<sup>233</sup> REIS, Miguel A. O ‘passe livre’ de footballers argentinos precipita a questão do profissionalismo. *Jornal dos Sports*, 07 de mai. 1931, n.46, p.2.

<sup>234</sup> *Idem*.

<sup>235</sup> *Ibidem*.

<sup>236</sup> REIS, Miguel. A dos. O Profissionalismo em Buenos Aires é o amadorismo? *Jornal dos Sports*, 24 de abr. de 1931, n.61, p.3.

<sup>237</sup> *Idem*.

profissional deveria ser utilizado para proteger e manter o amadorismo, salvando, assim, o próprio esporte e “reintegrando-o em suas naturais proporções”<sup>238</sup>. Estas estavam relacionadas aos aspectos educativos da prática esportiva, hermeticamente distanciados dos interesses mercadológicos que envolviam a profissão.

[...] Chegamos, assim, a esta situação: que devendo a Associação Amateurs Argentina de Football definir seu governo no sport, estabelecendo que a implantação do profissionalismo lhe servirá para restabelecer o amadorismo integral [...]. A Associação deveria ter se decidido a implantar o profissionalismo, dando oportunidade para se optar e decidir. Optar, quer dizer que os clubs declarassem como estariam compostos seus ‘teams’. Decidir, ou seja, aceitar a exacta e apropriada capacidade económica do club interessado em praticar o profissionalismo [...]. Esta solução dentro da primeira divisão secção ‘A’ haveria permitido crear a secção ‘amateur’, defendendo o sport contra os actuaes desvios e uma possível má solução. Porque si os clubs que se comprometteram a implantar o profissionalismo na Associação não derem uma solução ao amadorismo, ocorrerá que seguiremos tendo o ‘profissionalismo mascarado’, além do profissional verdadeiro. [...] é bom recordar que a implantação do profissionalismo impõe resolver a manutenção do amadorismo dentro de seus verdadeiros característicos e dentro de uma dirigente única<sup>239</sup>.

Havia, pois, uma dubiedade que acirrava os conflitos de interesses entre jogadores, dirigentes e Associação. De um lado, existia a convicção do corpo diretivo da A.A.A.F e dos clubes filiados de que “o ‘passe livre’ sendo legítimo, sob o ponto de vista de um ‘verdadeiro amadorismo’, não poderia ser aplicado amplamente sem prejuízo duma situação derivada do ‘profissionalismo mascarado’ predominante no ambiente do football profissional”. De outro lado, vigoravam os interesses dos jogadores que entendiam que seus serviços não deveriam ser comprometidos por prazos muito longos e que “elles têm o direito de procurar o club que melhor e mais amplamente compense seus serviços ou cujo meio seja mais propicio aos seus methodos e temperamento”<sup>240</sup>.

A questão central para Reis era a separação entre o que ele entendia como o verdadeiro amadorismo e o profissionalismo, o que implicaria na regulamentação do novo regime e o consequente abandono do profissionalismo mascarado. Nesse caso, o retorno ao passe livre solicitado pelos jogadores deveria estar atrelado à garantia de que o esporte pudesse regressar “aos seus anteriores methodos e exigencias”. Caso contrário, seriam favorecidos o “engano e o abuso [...], estimulando a degenerescencia das regulamentações e prostituindo a

---

<sup>238</sup> *Ibidem*.

<sup>239</sup> REIS, Miguel. A dos. O Profissionalismo em Buenos Aires é o amadorismo? Jornal dos Sports, 24 de abr. de 1931, n.61, p.3.

<sup>240</sup> REIS, Miguel A dos. O passe livre de footballers argentinos precipita a questão do profissionalismo. Jornal dos Sports, 07 de mai, 1931, n.46, p.2.

vida intima do football, com todos os seus males derivados”<sup>241</sup>. Nesta perspectiva, a escolha do jogador pelo regime profissional não lhe daria o direito de liberdade nos mesmos moldes do que ocorria nos anos iniciais do amadorismo. O passe livre era compreendido como parte dos princípios do futebol amador e de seu restabelecimento, o que implicaria na salvação e na aplicação integral desses mesmos princípios. Embora o jornalista reconhecesse as dificuldades de tal empreitada, em razão do “caminho emprehendido ha alguns annos, no qual marcharam em franco consorcio instituições e jogadores”, advogava:

[...] O conselho directivo da Associação Amateurs Argentine de Footbaal deve dar por provado que em suas fileiras se acha estabelecido o profissionalismo e de que os jogadores nisto seguiram uma pratica iniciada por outros e fomentada pelos de hoje, inclusive os dirigentes. Para dar o ‘passe livre’ seria necessário garantir aos clubs que entre elles nenhum applicaria as praticas do profissionalismo, para tirarem reciprocamente os jogadores mais aptos, seguindo assim a marcha de offerecimentos que estimula essas trocas de footballers. Haveria que chegar a obter tal depuração das prácticas em uso que não só deveríamos possuir então verdadeiros jogadores amadores e sim também instituições zelosas dos respectivos princípios, que honesta e de bôa fé velassem pelo seu respeito integral e sua manutenção absoluta<sup>242</sup>.

Os ideais amadores defendidos nos textos publicados remetem às formulações dos códigos educacionais britânicos de meados do século XIX, presentes também nos alicerces teóricos do Olimpismo. Na década de 1930, algumas das bases consolidadoras do amadorismo eram percebidas na Argentina (seja nas reportagens publicadas no Brasil, seja nas produções da revista *El Gráfico*); fato também observado no contexto brasileiro. As reivindicações que visavam conferir legitimidade a determinadas formas de se praticar esportes eram semelhantes, o que implica considerar um fluxo importante de circulação de discursos.

Reis entendia o profissionalismo como uma “questão technica” e, por este motivo, defendia que o regime deveria ser legitimado com honestidade e com uma respectiva regulamentação determinada. Para isso, a existência de “um football profissional, apparentemente occulto, porém evidentemente consentido”, deveria ser reconhecida<sup>243</sup>.

Se os clubs tivessem criado a mentalidade sportiva que lhes correspondia como função social, em lugar de ‘pensar em ganhar campeonatos’ e ‘obter grandes rendas de bilheteria’, hoje a direcção do footbal não se acharia nesta posição tão curiosa em que não sabe por onde encaminhar-se, esquivando-se das responsabilidades de sua futura decisão. Quer dizer que se os clubs não rectificam a sua conducta destes últimos annos, devolvendo ás idéas organizadoras, o privilegio que nunca deveriam ter perdido, corre-se o risco de que o football profissional se estabeleça por

<sup>241</sup> *Idem*.

<sup>242</sup> REIS, Miguel A. O ‘passe livre’ de footballers argentinos precipita a questão do profissionalismo. *Jornal dos Sports*. 07 de mai. 1931, n.46 p.2.

<sup>243</sup> REIS, Miguel A. football profissional na Argentina. *Jornal dos Sports*. 14 de abr. 1931, n.27, p.2.

methodos nada regulares e, então, em lugar de tornar proveitosa a implantação alcançada em forma directa, teríamos uma fonte de disturbios orgânicos, fomenntadora de novas immoralidades a cargo de jogadores e de clubs sem escrupulos<sup>244</sup>.

Deste modo, o autor defendia a “adopção immediata do profissionalismo” como forma de evitar o “cahos e situações peores”. Para o estabelecimento desse novo cenário, Reis propôs nove cláusulas que considerava importantes, em medida de “urgência”, no intuito de “devolver ao football as formas organicas e hygienicas que deve possuir” e “como unica forma de saber quem quer praticar o ‘verdadeiro amadorismo’”<sup>245</sup>. Dentre elas, destacava-se a “e”: “fixação do soldo maximo a ser pago a cada jogador”.

Esta cláusula, que posteriormente permearia os debates sobre a profissionalização do futebol argentino, seria objeto de grande repercussão no *Jornal dos Sports* e no jornal *Estado de Minas*. O contexto argentino se mostrava como referência na adoção do novo regime, já que sua implantação antecedeu em dois anos o caso brasileiro.

A adoção do regime profissional na Argentina foi permeada por diversas especulações reproduzidas nos impressos, que se desdobravam, por um lado, em noticiar indagações acerca da real concretização da mudança e os possíveis percalços, e, por outro (a maior parte), em propagandear positivamente a nova experiência. Poucas foram as reportagens que produziram argumentações contrárias ou duvidosas.

[...] o grupo de delegados de clubs de football que iniciou os trabalhos para a implantação do profissionalismo com a selecção de determinadas instituições, de acordo com sua capacidade sportiva e economica, voltou a se reunir, segundo se lê nos jornais portenhos. Nessa reunião ficaram resolvidos alguns pontos principaes da questão, devendo dentro de em pouco, serem publicadas as bases para a implantação do profissionalismo, que estão dispostos a praticar, sem a tutella de nenhuma empresa commercial existente ou a crear-se. Os clubs se valerão de seus proprios recursos, não aceitando, tão pouco, os compromissos que, porventura possam contrahir os jogadores, á margem dos clubs interessados no assumpto. A attitude dos jogadores que firmaram, já contratos, se considera precipitada e não terá nenhum valor na organização do football profissional<sup>246</sup>.

Poucos dias após a publicação desta reportagem, o *Jornal dos Sports* noticiou a fundação da Associação Argentina de Football Profissional, “devendo a sua primeira

---

<sup>244</sup> *Idem*.

<sup>245</sup> REIS, Miguel A. O ‘passe livre’ de footballers argentinos precipita a questão do profissionalismo. *Jornal dos Sports*. 07 de mai. 1931, n.46, p.2.

<sup>246</sup> *Idem*.

diretoria ser eleita na sessão que se realizará amanhã”<sup>247</sup>. A data de 11 de maio de 1931 é demarcada pela revista *El Gráfico* como momento em que se cria a nova liga de profissionais, após uma reunião entre dirigentes de clubes de Buenos Aires. Uma das reportagens destaca o contexto em questão: “por uma parte, os jogadores em greve; por outra, reuniões secretas de representantes de clubes poderosos [...] Na essência do conflito posto existe mais que uma luta entre dirigentes, mas uma questão econômica”<sup>248</sup>. O texto destacava um cenário turbulento, marcado por disputas de interesses e de poder e pela escolha dos clubes que participariam da divisão profissional. O próprio subtítulo da reportagem anuncia um processo ainda complicado: “A criação da Liga Argentina de Futebol significa um ensaio do profissionalismo que desejaríamos ver triunfar para o bem do esporte, ainda que não se deve escapar que sua vida não será fácil em razão de múltiplas circunstâncias”<sup>249</sup>. Com a adoção do novo regime, *El Gráfico* publicara em uma de suas capas uma imagem bastante representativa da mudança que se operava (FIG.11).

Pouco tempo depois da adoção do regime profissional na Argentina, o *Jornal dos Sports* anuncia a definição das categorias para os profissionais e os honorários para os juízes. Parte dos apelos dos cronistas Miguel Reis e Chantecler sobre a divisão entre jogadores amadores e profissionais foi observada neste primeiro intento regulamentador.

[...] a Liga Argentina de Football, na sua reunião de 22, esclareceu a situação que preocupava os directores dos clubs filiados, com relação á cathegoria correspondente aos jogadores. O comitê provisório resolveu estabelecer duas secções: uma profissional e outra amadora. Os profissionais estão comprehendidos entre os jogadores das 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> divisões. A segunda viria substituir o intermedio de reserva que possuem os clubs filiados á Associação Amateurs e, na cathegoria de amadores figurarão os jogadores de 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> divisões e veteranos. Foram, tambem, resolvidos outros pontos, entre elles, da fixação dos honorarios dos juízes que actuarem em partidas do campeonato, que serão de 40 pesos para os matches da 1<sup>a</sup> divisão, 20 pesos para os que actuarem em jogos da 2<sup>a</sup> divisão e 10 para os das outras categorias [...]<sup>250</sup>.

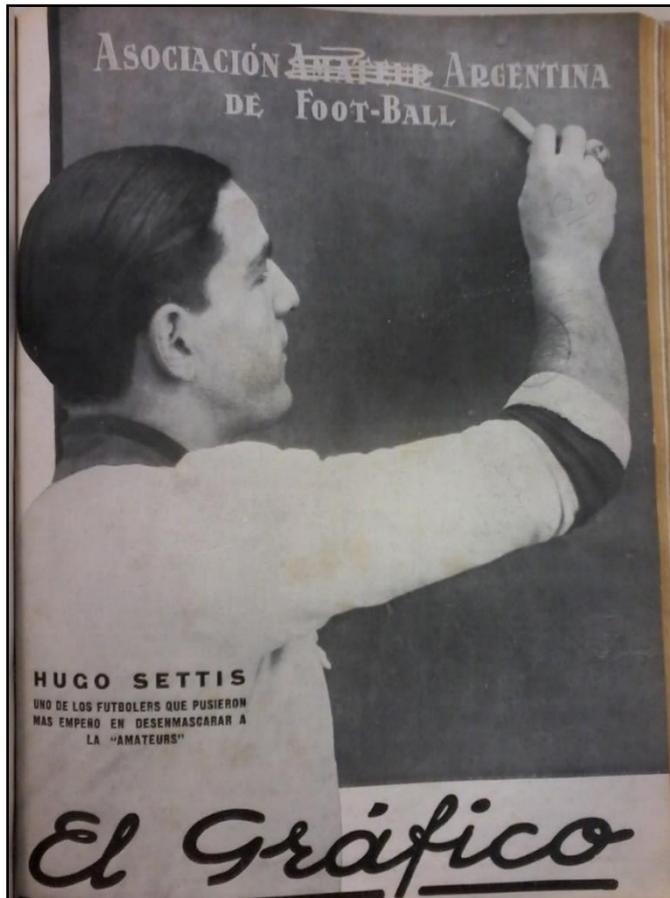
<sup>247</sup> FOI FUNDADA em Buenos Aires a Liga Argentina de Football Profissional. *Jornal dos Sports*, n.57, 20 mai. 1931, p.2.

<sup>248</sup> CHANTECLER. Los temores de uma división en el futbol se realizaron, *El Gráfico*, 23 de mai.1931, n. 619, pp.16-17, tradução da autora.

<sup>249</sup> *Idem*.

<sup>250</sup> O PROFISSIONALISMO no futebol argentino. Definidas as cathegorias para os profissionaes – Os honorários para os juízes. *Jornal dos Sports*, 30 mai. 1931, n.66, p.2.

Figura 11: Capa da Revista El Gráfico anunciando a adoção do profissionalismo na Argentina.



Fonte: El Gráfico, 30 de mai.1931, n.620

O *Jornal dos Sports* continuaria retratando o cenário argentino por muitas edições, o que demonstrava a importância das ações realizadas naquele contexto para as discussões já empreendidas acerca da profissionalização do futebol brasileiro. A oficialização do profissionalismo e a consequente separação entre amadores e profissionais eram citadas como exemplos a serem perseguidos pelos outros países sul-americanos, no intuito de evitar a “situação insustentável de amadorismo mascarado, de profissionalismo clandestino”<sup>251</sup>. Mencionava-se o contexto brasileiro e o uruguai como promotores do “escandaloso regime”, formados por defensores que “mais se esforçavam para o seu prestígio do que o do gremio”.

Definiu-se decisivamente o football argentino, scindindo-se. Em um lado, ficaram os falsos amadores, ora declarados profissionais, de outro lado estão os que fazem questão de manter seu título de amadores. As duas classes estão perfeitamente limitadas, separadas rigorosamente. Esse facto terá grande repercussão no football sul-americano, é inquestionável. Os melhores footballers argentinos, todas as suas

<sup>251</sup> A QUESTÃO do profissionalismo. Jornal dos Sports, 02 de jun. 1931, n.º 68, p.2.

grandes figuras, optaram pelo profissionalismo. Encarando a situação sob outro aspecto, não é de presumir que ella venha influir decisivamente para alterar esse regimen escandaloso existente entre nós e principalmente no Uruguay, onde são ás dezenas, os jogadores tidos como amadores, principescamente pagos pelos clubs? Não virá a servir-nos o exemplo, definindo-se aqui de modo positivo, os verdadeiros amadores e os profissionaes declarados? Antes de considerarmos a implantação do profissionalismo como um facto merecedor de censuras, devemos tel-o como um elemento de moralização, visto como se acabarão os profissionaes clandestinos<sup>252</sup>.

Após a implantação do regime profissional na Argentina, dúvidas, incertezas e elogios compuseram textos que se sobrepuaram nas páginas do *Jornal dos Sports*. Em minoria, alguns deles descreditavam o novo regime, evidenciando dados que colocavam em xeque as benesses da transformação, sobretudo para os jogadores. Em um deles, intitulado “O profissionalismo no football argentino: uma porção de coisas que os verdadeiros amadores gostarão de saber”, destacava-se as pretensões salariais dos jogadores e as insatisfações dos mesmos com a estipulação do salário máximo pela Associação Argentina de Foot-Ball.

Dizem os jornaes argentinos que o profissionalismo pode, perfeitamente, ser um bom negocio. Há, porém, que levar em conta as pretensões descabidas dos jogadores, que teem mais olhos que estomago, porquanto exigem salários avultados, não transigindo com mensalidades menores de 500 pesos. Como se arranjarão, então, os clubs Tigre e Atlanta, por exemplo, que têm receitas modestas? [...] O entusiasmo de muitos jogadores argentinos pelo profissionalismo murchou como um balão furado.... É que o modelo do contracto, que lhes foi apresentado pela Liga Argentina, não satisfaz as aspirações geraes. O soldo, por exemplo, não passa de 350 pesos para os de melhor cotação, variando para os demais, 250<sup>253</sup>.

Nesta reportagem tem-se uma exemplificação importante da dubiedade presente nas transformações que se apresentavam ao futebol naquele momento. A escrita “coisas que os verdadeiros amadores gostarão de saber”, construída como manchete do texto, pode ser lida como uma provocação àqueles (clubes e jogadores) que aderiram ao profissionalismo, abstendo-se dos verdadeiros princípios do esporte. Também pode ser interpretada como um alento aos que decidiram permanecer como amadores. Outro exemplo, aparentemente mais palpável, traduz-se em uma entrevista realizada com um jogador do *Boca Juniors*, Kuko, que

<sup>252</sup> *Idem*.

<sup>253</sup> O PROFISSIONALISMO no football argentino: uma porção de coisas que os verdadeiros amadores gostarão de saber. *Jornal dos Sports*. 06 de jun. 1931, n.71, p.2.

previa o “fracasso do profissionalismo”<sup>254</sup> em razão dos vencimentos salariais dos atletas, a exemplo da reportagem anterior.

[...] Quanto á minha situação particular, o profissionalismo também não é conveniente. Tenha em conta – e Kuko fez essa sensacional declaração a sorrir – que nós, quando éramos amadores, recebíamos 30% da receita das portas e com essa porcentagem nossos soldos mensais ascendiam a 700 pesos e, às vezes, mais. Agora, entretanto, nos querem pagar, apenas 350! Ora, se ha alguém satisfeito com isso, não seremos nós, por certo. Os emprezarios sim, é que esfregam as mãos de contentes<sup>255</sup>.

Ao mesmo tempo em que reportagens como estas eram publicadas, o *Jornal dos Sports* pontuava, edição após edição, as vantagens do profissionalismo. Pode-se afirmar que, de modo geral, os textos veiculados defendiam o novo regime. Este impresso foi um grande incentivador do futebol profissional, mesmo levando-se em consideração a veiculação, menos numerosa, de notícias que traziam as problemáticas do regime. No caso mineiro, também o jornal *Estado de Minas* pode ser considerado um defensor da regulamentação do profissionalismo e, nesse contexto, vale ressaltar o trânsito de informações entre este impresso e o *Jornal dos Sports*, relação que será enfatizada posteriormente.

A veiculação frequente dos benefícios do profissionalismo em solo argentino, comumente expressos por estatísticas de rentabilidade, pode ser considerada parte importante dos mecanismos discursivos de convencimento acerca da necessidade de se realizar a mesma experiência no Brasil. Os exemplos são enfáticos no que tange às benesses do novo regime, mencionado como uma fonte diversificada de receitas.

Os clubs que constituem a novel Liga Argentina de football, que aderiram ao profissionalismo, estão satisfeitos com o resultado da implantação do profissionalismo, pois a concorrência dos matches de domingo foi considerável, obtendo elles, grandes receitas. Nesse sentido, os dirigentes da Liga fizeram uma declaração, agradecendo o apoio do público argentino. [...] A municipalidade, porém, já tomou na devida consideração o exito do profissionalismo, tanto assim, que cogita, já, de taxar os ingressos com o imposto de 5% sobre o seu valor...<sup>256</sup>.

A rentabilidade dos jogos passou a ser questão central; indicativo de sucesso ou fracasso. Com os holofotes midiáticos e os investimentos financeiros direcionados ao

<sup>254</sup> KUKO, do Boca Júniors, prevê o fracasso do profissionalismo na Argentina – sensacionais declarações sobre o ‘amadorismo’. *Jornal dos Sports*, 11 de Jun. 1931, n.76, p.1.

<sup>255</sup> *Idem*.

<sup>256</sup> OS IMPLANTADORES do profissionalismo na Argentina satisfeitos. E a municipalidade também. *Jornal dos Sports*. 03 de jun. 1931, n. 69, p.4.

profissionalismo, que foi aderido pelos principais clubes argentinos e pelos jogadores de maior renome, as disputas amadoras sofreram com a perda de público e de renda. Uma reportagem do *Jornal dos Sports* assim se manifestou em um dos subtítulos de uma manchete: “As rendas dos jogos entre amadores são ridículas”<sup>257</sup>.

O profissionalismo está vitorioso na Argentina. O público quase não frequenta os campos onde se realizam jogos entre amadores. Para que os nossos leitores possam aquilatar da desproporção de rendas nos jogos de amadores e profissionais, basta dizer que em nove encontros de profissionais verificou-se uma renda de \$48.896.50 pesos, ou seja: 205:000\$000. Em 19 encontros de amadores, a renda foi de \$3.319.20 pesos, ou seja, em nossa moeda, 13.939\$800. Como se verifica, a desproporção de rendas é fantástica<sup>258</sup>.

Outro texto evidenciou a relação entre os regimes, assegurando que a implantação do profissionalismo havia criado uma “situação interessante”<sup>259</sup>. Com a fundação da “Liga de Profissionais”, destacava-se que “todos os clubs grandes de Buenos Aires a ella se filiaram, abandonando a Associação Amateurs, que ficou visivelmente enfraquecida”. A problemática criada em torno do público frequente aos estádios e da arrecadação foi novamente posta em cena: “Sem bons campos, sem os grandes clubs que possuem as figuras populares, a Associação Amateurs já não está contando com o apoio do público”. A reportagem concluía que os jogos da Liga Amadora estavam despertando pouco interesse, “ao passo que as partidas da Liga de Profissionais têm atraído enormes assistências”<sup>260</sup>.

Dentre os clubes que se profissionalizaram em Buenos Aires podem ser destacados o Boca Júniors, o River Plate, o San Lorenzo, o Vélez Sarsfield, o Racing e o Independiente. Pouco menos de dois meses após a implantação do regime na capital, realizada em maio de 1931, o *Jornal dos Sports* anunciava a fundação da Liga Rosarina de Football Profissional que, como o próprio nome descreve, referia-se à regulamentação do regime na província de Rosário. Referindo-se ao fato como a “irradiação do profissionalismo na Argentina”, o periódico destacava as equipes participantes. “Os clubs que a integram são os seguintes: Rosario Central, Newell Old Boys, Tiro Federal, Central Córdoba, Belgrano, Nacional, Provincial, Gymnasia y Esgrima, União e Colón”<sup>261</sup>.

<sup>257</sup> O PROFISSIONALISMO pegou na Argentina. As rendas dos jogos entre amadores são ridículas. *Jornal dos Sports*. 23 de jun. 1931, n.86, p.4.

<sup>258</sup> *Idem*.

<sup>259</sup> O FOOTBALL na Argentina. *Jornal dos Sports*, 24 de mai. 1931, n. 87, p.6.

<sup>260</sup> *Idem*.

<sup>261</sup> A IRRADIAÇÃO do profissionalismo na Argentina. *Jornal dos Sports*, 02 de jul. 1931, n.94, p.4.

Mais reportagens seriam dedicadas a evidenciar as rendas dos jogos de profissionais: “Continuam alcançando magníficas assistencias os jogos de football na Argentina. E isso contra a expectativa geral, pois considerou-se a implantação do profissionalismo como um verdadeiro desastre. Ao contrário, as rendas aumentavam”<sup>262</sup>. Fundando-se em argumentos financeiros, outros textos mostraram-se mais taxativos: “Para julgar-se admirável o prestígio do profissionalismo em Buenos Aires, basta dizer-se que os jogos da Liga Profissional, no primeiro turno, produziram nada menos de 712.466, 63 pesos, ou seja, cerca de 2.730 contos da nossa moeda”. O texto ainda exaltava que a “criação do profissionalismo veiu dar maior impulso ao denominado jogo bretão [...]. Contrastando com o que se verifica entre nós, o prestígio do football está aumentando extraordinariamente na Argentina”<sup>263</sup>. Observa-se, novamente, a comparação com o Brasil, com destaque ao progresso alcançado pela Argentina ao aderir ao regime profissional.

Em outra reportagem com conteúdo semelhante, a existência de uma estratégia de convencimento é mais explícita, presente na própria manchete: “Argumento em favor do profissionalismo no football: uma estatística eloquente”<sup>264</sup>.

Para os pessimistas, relativamente às vantagens do profissionalismo, recommendamos este pratinho: A Associação Amateurs, de Buenos Aires arrecadou, no decurso da presente temporada, até agora, a quantia de 9.000 pesos, resultado bruto de ingressos nos seus campos de football. A Liga de Profissionaes, entretanto, no mesmo lapso de tempo, conseguiu realizar uma receita que passa de 1.000.000, leram bem? Um milhão de pesos. Menos, portanto, de um por cento! É ou não eloquente?<sup>265</sup>

O contexto uruguai também chegou a ser abordado, embora com bem menos destaque que o argentino. O amadorismo marrom novamente foi assinalado. Desta vez, por meio da reprodução de uma suposta declaração de Jules Rimet, então presidente da FIFA, publicada por um jornal de Montevidéu. Segundo a reportagem, Rimet havia dito que o “amadorismo no Uruguai era uma cousa muito pictoresca, acrescentando que quando um jogador de football ascendia à classe internacional, o respectivo governo o nomeava

<sup>262</sup> A RENDA dos matches de football na Argentina. Jornal dos Sports, 08 de jul. 1931, n.99, p.2.

<sup>263</sup> O PRESTÍGIO do football na Argentina. Jornal dos Sports, 13 de out.1931, n.181, n.2.

<sup>264</sup> ARGUMENTO em favor do profissionalismo no football. Uma estatística eloquente. Jornal dos Sports. 08 de nov. 1931, n.204, p.2.

<sup>265</sup> *Idem.*

funcionario publico”<sup>266</sup>. O jornal uruguai se dizia surpreso com o fato de Jules Rimet, diante de tal declaração, ainda considerar que os “fóros do amadorismo” permaneciam “imaculados”. Para o autor do texto era óbvio que “há muito o football sul-americano é considerado como amador mascarado”, contudo, “estranhamente”, não era apenas o Sr. Rimet que acreditava na preservação do amadorismo: “Muita gente bôa, inclusive nós, modesto á parte, assim o entendemos. Realmente, não vemos motivos para accusar de profissionaes quem arranja empregos públicos em razão das habilidades no football. Nada de rigores demasiados”<sup>267</sup>.

Outra reportagem, publicada poucos meses após a implantação do profissionalismo na Argentina, sinalizava parte dos conflitos vivenciados no futebol uruguai com a iminência do novo regime. Contrariando os prognósticos mais exaltados, o jogador uruguai Mascheroni se manifestou em uma entrevista sobre o “estado atual” do futebol naquele país: “[...] Mascheroni foi-nos dizendo que o profissionalismo no Uruguai não vingou e nem vingará. Quasi todos os footballers tem optimos empregos e não precisam dedicar-se ao sport para viver”<sup>268</sup>. A relutância em se reconhecer publicamente a prática do profissionalismo mascarado ainda se manifestava nas ações defensivas de muitos dos envolvidos com o futebol, seja no Uruguai, na Argentina ou no Brasil. Contudo, as sustentações argumentativas, aos poucos, fragilizavam-se diante da realidade que se concretizava com o êxodo crescente de jogadores.

A notícia, “O profissionalismo no football uruguai”, publicada dois meses após o depoimento do referido jogador, vislumbrava na implantação do regime profissional uma estratégia para “evitar, entre outros males, o do êxodo de jogadores para a Europa e para a Argentina, com grave prejuízo para a vitalidade do nosso football”<sup>269</sup>. Sobre a urgente necessidade de se concretizar a regulamentação, o texto concluía: “O profissionalismo terá de ser implantado quer queiram, quer não. Aliás, não se trata, em rigor, da sua implantação, pois que elle existe, de ha muito, disfarçadamente, mas de regulamental-o, isto é, legalizar uma situação já existente de facto”<sup>270</sup>.

---

<sup>266</sup> NEM TANTO ao mar nem tanto á terra... O profissionalismo mascarado e o governo uruguayo. Jornal dos Sports. 17 de jun. 1933, n.81, p.2.

<sup>267</sup> *Idem*.

<sup>268</sup> MASCHERONI conta-nos novidades do football uruguayo. Jornal dos Sports. 02 de set. 1931, n.147, p.1.

<sup>269</sup> O PROFISSIONALISMO no football uruguayo. Jornal dos Sports. 08 de nov. 1931, n.177, p.4.

<sup>270</sup> *Idem*.

### 2.3 O advento do profissionalismo no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte: aproximações discursivas

Como abordado anteriormente, Rio de Janeiro e Belo Horizonte regulamentaram o regime profissional no ano de 1933. O processo vivenciado pela segunda cidade (culminado em maio) foi influenciado, sobremaneira, pelas experiências da primeira (efetivado em janeiro). Pode-se dizer que o profissionalismo na capital mineira é fruto de uma série de conjunturas que se desenrolaram em nível nacional e mundial, com destaque para a então capital brasileira, “a metrópole”, e para a Argentina.

O país vizinho, que implantou o novo regime dois anos antes, pode ser considerado uma referência importante tanto para Belo Horizonte quanto para o Rio de Janeiro. A chuva de reportagens que desaguou nos impressos pesquisados propunha a urgência da regulamentação daquilo que já se compreendia como fato consumado. Interesses diversos foram postos em cena e argumentos em prol da chamada “moralização” dos esportes foram constantemente mobilizados. Esta moralização estava assentada na ideia de separação entre prática amadora e profissional, excluindo-se, assim, o profissionalismo falso e retomando o “verdadeiro” amadorismo para aqueles que o quisessem e o “merecessem”.

Entre 1931 e 1933 foram localizadas inúmeras reportagens acerca da temática, em sua maioria, partidárias à criação da divisão de profissionais. Algumas, entretanto, ainda alimentavam a crença nos princípios originais do amadorismo como única via e denunciavam a mercadorização do jogo como um sinal nefasto do fracasso dos ideais educativos do esporte.

#### 2.3.1 Rio de Janeiro: “Criemos o profissionalismo”<sup>271</sup>

Muitos foram os assuntos que nortearam a produção de argumentos favoráveis e contrários à implantação do profissionalismo no Rio de Janeiro. A regulamentação dos pagamentos aos jogadores para mantê-los no país e o reconhecimento das vantagens financeiras do novo regime foram as principais conveniências anunciadas, mas outras, não menos relevantes para aquele contexto, foram divulgadas no intuito de se construir um arcabouço sólido para justificar a desejada transformação. Problemas com a arbitragem,

---

<sup>271</sup> CRIEMOS o profissionalismo. Jornal dos Sports, 04 de agost. 1931, n.122, p.2.

violência nos campos e nas arquibancadas, pagamentos de propinas, dentre outras situações, constituíam uma exemplificação recorrente do esgotamento do amadorismo mascarado.

Uma das reportagens do *Jornal dos Sports* propunha o profissionalismo para juízes e jogadores, embora reconhecesse que “o movimento de simpatia em favor dessa idéa ainda é verde nos domínios da Metropole”. De fato, a publicação é datada de maio de 1931 e por dois anos ainda se estenderiam as discussões sobre a implantação do profissionalismo no Rio de Janeiro.

Disfarçadamente, aqui, o football é uma colmeia de amadores. Todos são amadores, mas em sã consciência muitos desejariam ser profissionais. Basta que apareça um para lançar a primeira pedra e, então, nunca mais se terá necessidade de dizer que o football brasileiro vive à mingua de bons elementos. Somos adeptos do profissionalismo. Só assim se poderá separar o joio do trigo. Naturalmente, numa época em que a carestia da vida assombra populações, todos querem explorar as suas habilidades. Se o boxeador ganha [...], porque não pagar, também, ao homem que arrebata multidões shootando a bola, dentro da ‘cancha’? O jogador de football é um rei [...]<sup>272</sup>.

No texto supracitado são apontados alguns importantes indicativos do debate que se gestava. Um deles é a constatação de que para que o movimento em prol do profissionalismo fosse para frente, bastaria que alguém “lançasse a primeira pedra”. Ou seja, já havia elementos que caracterizariam a prática e estes já eram do conhecimento geral. O que faltava era a ação incisiva, direta, formalizada, que, por motivos estruturais ou por resistências ainda empregadas, não resultava na efetiva regulamentação. Outro ponto relevante é o entendimento de que era necessário separar o “joio do trigo”, ou seja, separar jogadores amadores de profissionais, argumentação semelhante à produzida pela imprensa argentina. A legitimação de uma exploração das habilidades também era proposta como medida para formar bons elementos para o futebol brasileiro e para, supostamente, suprir as mazelas sociais instauradas pelos problemas econômicos ocasionados, sobremaneira, pela queda da bolsa de Nova Iorque, em 1929.

A aceitação do profissionalismo era a medida mais racional a ser tomada diante de um evidente contexto de pagamentos camuflados a atletas e de uma crescente espetacularização do jogo. Contudo, no plano moral, o amadorismo ainda vingava com certa força, mesmo que suas bases fundantes já não estivessem tão seguras. Ainda que os próprios defensores do esporte amador se encontrassem envolvidos com negociatas de jogadores, os princípios puristas do “são amadorismo” eram promulgados, servindo como uma estratégia

---

<sup>272</sup> O PROFISSIONALISMO para juízes e jogadores. O movimento de sympathia em favor dessa idéa ainda verde nos domínios da Metropole. *Jornal dos Sports*, 22 de mai. 1931, n.59, p.1.

discursiva para interesses diversos. Se todos os grandes clubes cariocas já se valiam do amadorismo marrom desde, pelo menos, a década de 1920 (PEREIRA, 2000), que impedimentos poderiam existir para que a profissão fosse efetivamente regulamentada? Algumas inferências iniciais podem ser elencadas: com o profissionalismo às claras, os jogadores poderiam ter mais controle sobre seus rendimentos, impondo valores de acordo com o mercado e exigindo melhores condições para exercer sua profissão. Em tese, teriam mais liberdade para escolher quais clubes ofereceriam mais vantagens. Compreendendo-se como classe de profissionais, os jogadores também poderiam se unir e lutar por direitos, por contratos e acordos firmados institucionalmente, situação que era precarizada pelos combinados informais do amadorismo marrom. O controle, antes exercido pelo clube (muitas vezes de forma autoritária), ameaçava se descentralizar nas ações de jogadores, agentes, emissários, imprensa, torcedores, dentre outros sujeitos do vasto meio futebolístico.

Em princípios da década de 1930, as disputas ideológicas entre amadorismo e profissionalismo pareciam se fundamentar, intensamente, em uma briga pelo controle do campo esportivo que se gestava e, especialmente, pelos lucros que este recém-criado segmento de mercado poderia proporcionar. Drumond (2009) e Souza (2016) destacam como um dos motivos para a implantação do profissionalismo no Rio de Janeiro, a disputa por poder entre os representantes dos principais clubes e a Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D); entre a antiga elite gestora do futebol na cidade, representada principalmente pelo dirigente do Fluminense (Arnaldo Guinle), e os novos gestores do esporte promovidos pelo governo de Getúlio Vargas. Vale ressaltar que, naquele momento, a C.B.D se mantinha contrária ao profissionalismo, enquanto alguns dos principais clubes cariocas se movimentavam em prol da implantação do regime. Posteriormente, este fato seria um dos propulsores de um dos maiores dissídios da história futebolística carioca, que perduraria entre os anos de 1933 a 1937 e que impactaria o reconhecimento do profissionalismo em todo o país (DRUMOND, 2015)<sup>273</sup>.

Motivações econômicas, fundadas em um projeto de modernização do futebol (DRUMOND, 2015), eram cada vez mais perceptíveis nas reportagens, embora as intenções capitalistas dos dirigentes não fossem explicitadas. A qualidade do espetáculo, nesse caso, assumia frequentemente a cena, como no seguinte trecho: “Esses comentários vêm a propósito da tendência do nosso público pelos jogos de sensação, que só os profissionais podem

---

<sup>273</sup> Para maiores informações, consultar o texto: O “dissídio esportivo” e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro” (DRUMOND, 2010).

offerecer, com a exigencia que as assistencias reclamam”<sup>274</sup>. O centro da argumentação residia, assim, na expectativa do público consumidor.

A defesa da profissionalização dos árbitros também era manifestada: “Digna de nosso aplauso, por todos os títulos, a idéa dos juízes profissionaes. Assim, não teremos tantos ‘chorões’ depois dos matches. Ninguém se pejará de ganhar dinheiro, na eminencia de receber pancada ou morrer, talvez, dentro da cancha”<sup>275</sup>. O texto se encerrava com uma entrevista relizada com o “ex-player do América, Oswaldo Mello” que, àquele momento, era juiz da A.M.E.A:

- Então, o que acha de um quadro de juízes profissionais?  
E o sympathico sportman, bem humorado, respondeu:  
- Uma idéia luminosa! Irei alistar-me, como juiz profissional, no primeiro dia de procura<sup>276</sup>.

Chamam a atenção nos trechos supracitados duas situações. A primeira delas é a referência à violência contra os juízes. O salário era descrito como um tipo de compensação às possíveis agressões sofridas. Tal fato é demonstrativo de um contexto que já vinha se transformando há alguns anos. A violência (envolvendo árbitros, jogadores, torcedores, policiais, dentre outros) estava cada vez mais presente nos noticiários dos impressos.

Outra situação é o uso do termo “*sportman*” para se referir ao árbitro que estaria a favor do profissionalismo. Menos do que uma incoerência terminológica, este fato demonstra como as significações sobre os regimes ainda estavam mescladas naquele momento. O *sportman* era o esportista amador por excelência, entretanto, o uso do termo se prestou, em inúmeras ocasiões, para descrever jogadores profissionais, sobretudo aqueles que, para os periódicos, mantinham características cavalheirescas no comportamento ou na vestimenta. No contexto belo-horizontino isso seria frequentemente evidenciado, como será tratado no próximo capítulo. Os significados que um termo pode adquirir estão estritamente relacionados aos usos que se fazem dele, em dado momento. Da mesma forma que o entendimento de amador se modificou, os termos que compunham o seu arcabouço definidor também se ressignificaram, como é o caso de *sportman*.

Para além destas constatações, os recursos utilizados pelo jornal merecem destaque. A entrevista – com árbitros, jogadores, dirigentes ou demais membros do meio

---

<sup>274</sup> O PROFISSIONALISMO para juízes e jogadores. O movimento de sympathy em favor dessa idéa ainda verde nos domínios da Metropole. Jornal dos Sports, 22 de mai. 1931, n.59, p.1.

<sup>275</sup> *Idem*.

<sup>276</sup> *Ibidem*.

futebolístico – era bastante empregada. Seu uso poderia estar relacionado a uma tentativa de validar ou legitimar determinado ponto-de-vista que o jornal visava anunciar: uma estratégia de convencimento do leitor, baseada na veiculação das transformações desejadas como necessárias e, mais do que isso, na opinião de pessoas escolhidas para compor uma “maioria”, não necessariamente representativa em termos numéricos, mas suficientemente influente no meio em questão.

O ano de 1931 foi marcado por excursões de clubes brasileiros à Europa e pelos trânsitos de jogadores no futebol estrangeiro. As vantagens de se jogar em um clube profissional europeu eram constantemente enaltecidas: “O foot-ball hespanhol é, todo composto de profissionaes, filiados á Fifa. Os salários de jogadores variam de 5 contos menaes, os da 1<sup>a</sup> classe, e 3 contos os de 2<sup>a</sup> categoria”<sup>277</sup>. Em outra reportagem, lia-se como certo “o embarque de jogadores de São Paulo para a terra de Mussolini”<sup>278</sup>. Vários “cracks” iriam atuar pelos clubes Lazio, Juventus e Genova. Um deles, Amilcar Barbury, “ex-capitão das seleções paulista e nacional”, manifestou-se por meio do impresso:

[...] Falem o que falar, eu sou profissional. De amadorismo estou cheio! Também em 25 annos de devotamento ao football paulista, ao football da minha terra, da minha patria... Não tenho nada, sou pobre. Não quero nada, porque não sou ambicioso. Quero apenas trabalhar para quem sabe pagar bem, remunerar os meus serviços de acordo com o valor dos mesmos, si é que os mesmos ainda valem. Muita gente pensa que eu cheguei ao fim de minha carreira sportiva, mas ainda sou capaz, segundo penso, de dar no couro! Vou para a Italia porque quero ir. Devo ir, segundo minha palavra. Sou profissional e ser profissional não deshonra ninguem. O que humilha é ser ‘amador’, mas ‘amador’ barato. Isto sim [...]. Footbolisticamente falando, reaffirmo o que dizem os inglezes e o que foi repetido aqui: ‘Ninguém é obrigado a ser amador, como também ninguém é obrigado a ser profissional’. Basta de hypocrisia<sup>279</sup>.

O jornal completou os dizeres do jogador afirmando que não era somente ele que pensava assim, mas quase todos os amadores, “de lá e destas bandas, que veem á sua sombra prosperar muitos que fazem do *sport*, isto é, do esforço dos outros, a sua única razão de ser”...<sup>280</sup> Por meio deste trecho, pode-se inferir que a lucratividade gerada pelo futebol no Brasil restringia-se aos donos e gestores dos clubes. Subentende-se que o jogador amador, com raras exceções, figurava como coadjuvante na partilha das benesses do espetáculo esportivo que ele próprio ajudava a construir. Assim, jogar em um país que já havia

<sup>277</sup> A EXCURSÃO do Vasco pela Europa. Jornal dos Sports. 07 de jul. 1931, n. 98, p.1.

<sup>278</sup> É CERTO o embarque de jogadores de São Paulo para a terra de Mussolini. Jornal dos Sports. 09 de jul. 1931, n.100, p.1.

<sup>279</sup> *Idem*.

<sup>280</sup> *Ibidem*.

regulamentado o regime profissional era a solução mais rentável encontrada por muitos dos brasileiros no começo dos anos 1930.

O êxodo de jogadores era cada vez mais anunciado e justificado por meio de variadas vias explicativas. Uma delas se referia às já propagadas críticas ao amadorismo marrom e às vantagens financeiras propiciadas em outros lugares.

Diversos ‘cracks’ paulistas, footballers de inegável valor aceitaram as propostas que lhes fizeram alguns clubs italianos. Entre o amadorismo mascarado, parcimoniosa e clandestinamente gratificado e o profissionalismo às escancaras, declarado e bem pago, elles optaram de acordo com as suas conveniências financeiras. Alguns já vão em demanda para a Europa. Em breve, outros os seguirão<sup>281</sup>.

Outra via explicativa se fundava na possibilidade engrandecedora (e assaz romântica) de os jogadores brasileiros se deslocarem para clubes europeus no intento de ensinar a “jogar futebol”. A partida dos jogadores era anunciada como motivo de orgulho pelo “reconhecimento do progresso do football brasileiro”<sup>282</sup>.

Inegavelmente, as propostas feitas aos nossos rapazes devem orgulhar-nos. Se os italianos os escolheram e lhes oferecem condições tão sedutoras é que lhes reconhecem alto valor. Os nossos footballers, a considerar-se as clausulas contratuais, vão como verdadeiros mestres que o são, IRÃO ENSINAR a jogar football no Velho Mundo. Devolverão, aperfeiçoadas, as lições recebidas<sup>283</sup>.

Observa-se, inicialmente, um posicionamento favorável ao êxodo de jogadores, fundamentado por justificativas que denotariam o caráter vantajoso da empreitada. Esta ação pode ser interpretada como uma forma de pressionar a implantação do profissionalismo no Brasil. Utilizando exemplos “de sucesso” no contexto europeu, o impresso parecia vender a ideia de que a aplicabilidade do novo regime no país traria os mesmos progressos e benefícios.

Na sequência da reportagem, aborda-se a ida de jogadores para outros países e o consequente desfalque do selecionado paulista como algo simples de se resolver; opinião que, no entanto, iria se alterar significativamente com o passar do tempo. Nesse primeiro momento, a saída dos principais jogadores era veiculada como uma ação positiva, que provocaria a busca por novos atletas de destaque.

Os claros terão que ser preenchidos por elementos até então postos à margem. É a alvorada dos novos que reponta. Se a partida dos nossos jogadores para a Europa

<sup>281</sup> ALVORADA dos novos. Jornal dos Sports, 12 de jul. 1931, n.103, p.2.

<sup>282</sup> *Idem*.

<sup>283</sup> *Ibidem*.

nos enche de orgulho pelo reconhecimento do progresso do football brasileiro, por outro lado também proporcionará ensejo a que surjam novos jogadores que, sem dúvida, serão astros aptos a conquistar glórias imperecíveis para os sports brasileiros<sup>284</sup>.

Alguns dias depois, o *Jornal dos Sports* anunciaava a ida de “outra turma” para a Itália: um uruguai, três argentinos e quatro jogadores paulistas. O texto continha, ainda, uma entrevista com o jogador Ministrinho sobre o amadorismo marrom. Em sua fala, poucos seriam os que poderiam se considerar como amadores em São Paulo<sup>285</sup>.

Os “footballers italianos” chegaram a ser mencionados como os melhores jogadores do mundo, junto a uruguaios e argentinos. A existência do profissionalismo na Itália e a forma de remuneração dos atletas compuseram a temática central de um extenso artigo, que afirmava que todos os jogadores que se deslocavam para jogar naquele país tinham origem italiana, pois o esporte era ali praticado como “meio para melhorar a raça”<sup>286</sup>. Mesmo com a implantação do profissionalismo, mencionava-se a manutenção de uma das características do esporte amador: a eugenia. Esse fato também foi percebido nas produções jornalísticas sobre o contexto brasileiro. Diante de uma significativa transformação na estrutura e nas finalidades do jogo – mais afeitas à rentabilidade do mercado – as funções eugênicas e educativas eram frequentemente mencionadas, mesmo que a realidade se mostrasse bastante adversa a tais prerrogativas. Assim, formas diferentes de se vislumbrar as finalidades do esporte, mescladas por significantes diversos de amadorismo e profissionalismo coexistiam em uma atmosfera sensivelmente cambiante.

Os bons jogadores são justamente recompensados e recebem honrarias [...]. O facto de deixar de ser ‘dilettante’ (amador), não é encarado como uma coisa depreciativa. Ao contrario: eleva o jogador. O profissionalismo é um encorajamento para progredir, para melhorar o estylo, augmentando a efficiencia. [...]. A palavra profissional não é mais usada. É um dos pontos do programma do Fascio de que nenhuma distincção se faça entre ‘dilettanti’ e ‘professionist’. Os jogadores são chamados, unicamente, de ‘colciatori’ (footballers) [...]<sup>287</sup>.

Em outra reportagem, o incentivo à implantação do regime profissional no Brasil foi abordado de forma mais enfática: “Criemos o profissionalismo”<sup>288</sup>! O orgulho antes manifestado pela ida de jogadores ao exterior, atribuído às qualidades do brasileiro, passava

<sup>284</sup> *Ibidem*.

<sup>285</sup> MAIS jogadores paulistas e platinos para a Italia. *Jornal dos Sports*. 26 de jul, 1931, n.115, p.4.

<sup>286</sup> A INGLATERRA e o football continental. *Jornal dos Sports*. 31 de jul, 1931, n.119, p.2.

<sup>287</sup> *Idem*.

<sup>288</sup> CRIEMOS o profissionalismo. *Jornal dos Sports*, 04 de agost. 1931, n.122, p.2.

a dividir espaço com um sentimento que seria cada vez mais comum: o medo do enfraquecimento do futebol nacional em virtude do êxodo de jogadores. Nesse momento, os “elementos postos à margem” e “os novos jogadores” não pareciam mais serem capazes de substituir à altura os craques que deixavam o país. A ida de Fausto e Jaguaré, “figuras das mais populares do Vasco da Gama”, para o Barcelona F.C., reverberava como um alerta<sup>289</sup>.

[...] Avoluma-se, assim, com rapidez, o numero de elementos brasileiros que vão jogar no Velho Mundo e, consequentemente, crescem os desfalques no nosso quadro de jogadores. Se essa ida de jogadores nossos para a Europa enche-nos de orgulho, por ser uma demonstração do alto prestigio do nosso football, por outro lado está criando uma situação bastante perigosa. Os clubes europeus estão sendo uma grande e poderosa atração para os nossos rapazes. Nada podemos fazer que impeça a partida desses rapazes, cuja decisão não pôde ser objecto de censuras. Na phase actual da existencia, em que a crise financeira é avassaladora, não se pode negar a ninguém o direito de procurar melhor colocação, de obter os mais vantajosos proventos de suas habilidades. Um meio apenas há para evitar ficarmos desprovidos de jogadores, e este impõe imperativamente: Criemos o profissionalismo legal. Só assim evitaremos que os nossos jogadores, em turmas, deixem os campos brasileiros, em busca de clubs que lhes paguem melhor<sup>290</sup>.

Uma possibilidade interpretativa para esta produção textual consiste na compreensão de ambos os discursos – o do orgulho e o das vantagens europeias; e o do medo do desfalque do quadro de atletas nacionais – como partes de uma mesma estratégia de convencimento para a implantação do regime profissional no Brasil. O enaltecimento das benesses do profissionalismo, por meio de exemplos da Argentina, da Espanha e da Itália, e a posterior veiculação de um medo crescente acerca da perda dos grandes craques para estes centros, podem se constituir em facetas de um mesmo intento discursivo.

Na sequência das matérias sobre a implantação do novo regime em solo brasileiro, o *Jornal dos Sports* apresentou uma entrevista com o afamado “full-back do Bangu”, Domingos Antônio da Guia. Com a chamada “Não me envergonharei de ser profissional”<sup>291</sup>, o texto evidenciava os argumentos do jogador, que entendia o profissionalismo como uma necessidade “inadiável para o progresso do nosso football e a honestidade dos nossos rapazes”. Para Domingos, o estado atual era um “regimen de gorjetas”; nele, os cracks se “amofinavam” e perdiam o incentivo, descuidando-se da própria forma. Quando o repórter indagou se ele se alistaria como profissional, o jogador assim respondeu:

---

<sup>289</sup> *Idem*.

<sup>290</sup> *Ibidem*.

<sup>291</sup> NÃO me envergonharei de ser profissional. *Jornal dos Sports*. 03 de out.1931, n.173, p.1.

Certamente. Estou disposto, agora, a sair da própria terra natal, para jogar football com remuneração, caso encontre boas vantagens. Irei para a Hespanha, para a Italia, para a China. A ‘plata’ é quem manda a gente seguir a trajectoria da vida. O jogador de football deve aproveitar o momento de sua grandeza technica, do contrario, ficará esquecido como um pobre cão vadio, quando a decadencia bater á sua porta<sup>292</sup>.

As palavras de Domingos, jogador já famoso naquele contexto, certamente trariam repercuções no meio futebolístico. Poucos anos depois, ele deixara o Rio de Janeiro rumo ao Uruguai. Também se nota na entrevista algo que se manifestava com frequência naquele momento: o sentimento de vergonha que ainda permeava a escolha de ser profissional. A força do ideário amador e de suas prerrogativas elevadas, incutidas na relação do esporte com a formação do caráter, ainda se mostrava suficientemente presente a ponto de interferir na aceitabilidade social do futebol tornado profissão. Muitos foram os jogadores que deixaram o esporte quando se efetivou a regulamentação do profissionalismo em 1933, com a alegação de que ser jogador não era profissão digna. Alguns clubes também encerraram seus departamentos de futebol com a iminência da implantação oficial do regime, a exemplo do C. A. Paulistano<sup>293</sup>.

Os últimos meses de 1931 foram recheados de polêmicas envolvendo os embates entre amadorismo e profissionalismo. Em uma crônica, por exemplo, advogava-se que o regime profissional no Rio de Janeiro havia nascido com a própria introdução do futebol naquela cidade. Assinado por Álvaro Nascimento (Cascadura), o texto afirmava que “quando o vocábulo ‘profissional’ era pejorativo, os ‘amadores’ vindos de São Paulo passavam por estudantes”. Para o autor, no princípio da década de 1910 já existiam amadores na capital da República que “dividiam no botequim da esquina as vendas dos jogos, irmãmente”. Tal situação teria se acentuado a partir de 1918, quando o número de “amadores profissionaes foi augmentando consideravelmente, até chegarmos aos nossos dias, onde quasi todos são profissionaes declarados, pois recebem verbas de condução que equivalem a recompensas de mérito”<sup>294</sup>.

---

<sup>292</sup> *Idem.*

<sup>293</sup> De acordo com Fernandez (2016), o Paulistano encerrou seu departamento de futebol no ano de 1929. Dentre vários motivos explicitados pelo autor, um deles (talvez o mais incisivo) foi o reconhecimento, já naquele ano, de que a alavancada do profissionalismo não teria volta. O clube sempre se manifestou contrário ao regime, substituindo posteriormente seu campo de futebol por quadras de tênis. Para maiores informações, ver a tese: “O jogo da distinção: C.A Paulistano e Fluminense F.C – um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901-1933)”.

<sup>294</sup> NASCIMENTO, Álvaro. Amadores profissionaes. Jornal dos Sports. 06 de out. 1931, n.175, p.2.

A A.M.E.A (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos) foi citada no texto como instituição que se propôs a extinguir os profissionais: “seu primeiro gesto foi cortar os jogadores de côr, alguns dos quaes recebiam ‘bicho’ insignificante, para dar registro aos rapazes de unhas compridas e rosto empoado, que percebiam ‘gallos’ e ‘vaccas’, como tratam na gyria do football as cédulas de 50\$ e 100\$”<sup>295</sup>. Para o cronista, que evidenciava uma das atitudes resultantes da conquista do campeonato carioca pelo Vasco da Gama em 1923, a A.M.E.A havia mentido desde a sua fundação com relação à finalidade de sua criação.

Tanto mentiu e está mentindo, que Russinho acaba de affirmar ter recebido dessa instituição 30\$000 a título de condução quando em boa verdade são raros os jogadores que vão de automóvel para os campos de football e, quando vão, encontram sempre uns ‘crentes’ que se honram de acompanhar e pagar o taxi para os Leonidas, Domingos, Jaguarés, Faustos e outros nomes esquisitos do nosso football. Russinho disse a verdade, mas não contou novidades<sup>296</sup>.

Em meio às polêmicas, jogadores brasileiros continuavam deixando o país em busca de novas oportunidades: “Ao que parece, um emissario do San Lorenzo pretende carregar mais gente de São Paulo, estando no ról Feitiço, Floriano, Pedro, Oswaldo, Gogliardo, Sylvio e Vanni”<sup>297</sup>. Após o anúncio, contestava-se, novamente, a situação observada no Brasil.

Os laços estão em moda. Depois do laço vermelho das revoluções, veiu o laço verde do football... Aquelle laço foi vermelho de ‘fogo’, este é verde de dinheiro... E como no football brasileiro, atrazadamente dirigido por atrazados cidadãos, não ha profissionalismo – o jogador de footbal é uma especie de cavallo de corrida. Quanto melhor sangue, mais dinheiro, mais milho, e depois um excellente pasto [...]. Em quanto isso, o ‘laço’ vae dizimando a nossa producção futebolística<sup>298</sup>.

Outra reportagem anunciava o tom dos imbróglios logo no título: “O profissionalismo ainda e sempre uma questão palpitante”<sup>299</sup>. Dispondo novamente do recurso da entrevista, o jornal, desta vez, trazia a fala de Luiz Vinhaes, identificado como treinador do Fluminense. A questão central da entrevista se resumia na percepção da mistura de

<sup>295</sup> *Idem*.

<sup>296</sup> *Ibidem*.

<sup>297</sup> DEPOIS da exportação para a Lazzio. Jornal dos Sports. 11 de nov. 1931, n.206, p.1.

<sup>298</sup> *Idem*.

<sup>299</sup> O PROFISSIONALISMO ainda e sempre uma questão palpitante. Jornal dos Sports. 20 de out. 1931, n. 194, p.1.

jogadores remunerados com os que eram amadores, o que estabelecia “uma confusão tremenda no espirito publico, que acaba por collocar-los no mesmo nível”<sup>300</sup>.

Vinhaes utilizou uma argumentação que se diferia das motivações até então presentes nas falas de outros entrevistados e dos próprios jornalistas. Para o treinador, a ida de jogadores para o exterior criara uma circunstância “perfeitamente anormal”, devido à propagação em todos os meios futebolísticos das vantagens auferidas por eles: “[...] a situação que lá vêm desfrutando, que segundo se affirma, estão sendo nababescamente remunerados, enchem de brios a determinados ‘amadores’, que agora querem collocar-se no mesmo pé de igualdade”. Sobre esta questão, o treinador foi taxativo ao revelar aspectos da transformação social do jogo.

Temos jogadores em nossa capital que não podem dedicar-se devidamente aos treinos, sem graves prejuízos para os empregos que exercem. Não estamos nos bons tempos em que os jogadores de football pertenciam quasi exclusivamente ás classes favorecidas. O football dos nossos dias é democrático. No meio de onze jogadores, encontram-se dois ou três que podem praticar o football como verdadeiros amadores. Os demais são elementos que roubam horas ás suas occupações para irem ás praças de sports<sup>301</sup>.

O treinador do Fluminense descortinava, com sua fala, algo semelhante ao que Alabarces (2007) problematizou em relação à participação exclusivista que o antigo amadorismo proporcionava, alijando da prática do futebol aqueles que eram obrigados a se dedicar a longos expedientes de trabalho. O que Vinhaes percebia como realidade naquele momento era uma situação já distante do amadorismo de outrora, mas que ainda permeava os discursos dos esportistas mais conservadores. Quando questionado sobre qual solução ele propunha para acabar com os “pseudo-amadores”, Vinhaes assim se manifestou:

[...] Na temporada próxima devemos disputar o campeonato de football sem mascaras. Urge darmos aos nossos jogadores uma situação nítida, clara. Podemos estabelecer a classe dos jogadores ‘remunerados’. Isto porque, a meu ver, o Rio de Janeiro ainda não comporta o profissionalismo na acepção plena do vocáculo. Só depois de um ou dois annos de pratica, poderemos instituir o profissionalismo authentico, tal qual se pratica em outros paízes<sup>302</sup>.

---

<sup>300</sup> *Idem.*

<sup>301</sup> *Idem.*

<sup>302</sup> *Ibidem.*

A proposta de Vinhaes era a de que a ideia se iniciasse no ano de 1932, para depois de alguns anos, ser efetivamente concretizada. Um dos impasses visto pelo entrevistado devia-se à representação pejorativa que ainda se tinha: “O publico carioca encara o profissional com certo desdém. É esta a razão porque lembro a classe de jogadores ‘remunerados’, até que os assistentes os encarem de bom grado como profissionaes”. O jogador remunerado, em sua acepção, não seria “propriamente um profissional, e sim, um elemento que perceba determinada quantia para treinos e jogos”. Sua situação deveria ser “devidamente legalizada afim de haver certa distincção entre ella e o que pratica o football unicamente com fins eugenicos, sem receber ou acusando proventos”<sup>303</sup>.

Percebe-se, novamente, a necessidade de separação entre as finalidades do esporte. Os princípios regeneradores da eugenia deveriam estar devidamente isolados da prática do esporte como profissão. Formações diferenciadas eram propostas de acordo com a intenção de cada versão esportiva. O corpo amador e o corpo trabalhador eram postos em uma relação de oposição, a fim de apaziguar os ânimos dos defensores do amadorismo “puro”.

Com a afirmativa: “Somos um dos poucos paizes com adiantamento no ‘association’ que ainda não adoptou oficialmente o profissionalismo no football”<sup>304</sup>, outro texto clamava pela regulamentação do regime, defendendo a honestidade da profissão, que deveria ser encarada “como outra qualquer”. A argumentação iria além na alegação dos benefícios da profissionalização do futebol: “bem mais moral e util do que as profissões de jogadores de roletas, loterias, ‘bichos’ e tantas outras que por ahi vegetam sob as sombras de leis aleijadas [...]”<sup>305</sup>.

O novo regime traria, segundo a reportagem, outros benefícios, tais como o impedimento da imigração de jogadores, a seleção do meio social esportivo e a maior disseminação do futebol. “Separar o joio do trigo e constituir duas classes sociais diferentes pelos costumes e pela educação”<sup>306</sup> foi também um dos objetivos mencionados, já mobilizado em outros textos descritos anteriormente. Este discurso se centrava na necessidade premente de operar uma divisão que não se resumia apenas em uma ação estrutural para organizar a prática do jogo, mas para determinar e classificar funcionalidades de acordo com um esquema de valores. O futebol, já vulgarizado, necessitava de outras estratégias de diferenciação e

---

<sup>303</sup> *Ibidem*.

<sup>304</sup> AMADORISMO e profissionalismo. Jornal dos Sports. 26 de nov. 1931, n.219, p.2.

<sup>305</sup> *Idem*.

<sup>306</sup> *Ibidem*.

distinção que fossem segregacionistas em relação aos velhos simbolismos e, ao mesmo tempo, suficientemente abrangentes para permitir a propulsão do novo mercado em franca expansão.

Usos e objetivos para o jogo eram, assim, permanentemente recriados, de acordo com interesses diversos. Como exemplo, o profissionalismo foi veiculado como importante contribuição para a formação militar e para o fomento do sentimento pátrio.

Imitaremos os paizes mais cultos e civilizados[...]. Durante a grande guerra, a Inglaterra formou regimentos de jogadores de football, todos profissionaes e que graças ás suas qualidades physiscas tornaram-se elementos de destaque nas acções militares. Quem sabe, para o futuro, o Brasil não poderá imitar esse grande exemplo de patriotismo?<sup>307</sup>

No capítulo 1, essa relação foi exposta por meio de publicidades e documentos institucionais que associavam as características formativas do esporte amador, nos planos moral e físico, ao prepraro do cidadão para a guerra. O trecho supracitado demonstra que essa vinculação se manteve ao longo das décadas de 1930 e 1940 como uma estratégia discursiva que abrangeu também o profissionalismo.

O advento do regime profissional também era descrito como solução para acabar com o “vicio dos bichos” e com a “crise dos sem trabalho”. O “profissionalismo amarelo” fazia com que muitos dos “nossos bons jogadores” fossem “indivíduos das classes humildes e as vezes quasi analphabetos”<sup>308</sup>. Diante desta constatação, propunha-se mais sinceridade nas ações dos clubes: “Não devemos ludibriar o publico, apresentando-lhe disputas que são verdadeiros escarneos aos princípios do sport e da moral”<sup>309</sup>. Neste trecho pode-se perceber que a menção aos princípios do esporte e da moral estava ligada às exigências de um público espectador e ao sucesso do espetáculo. Os predicados distintivos do esporte já conviviam sobremaneira com as características de um novo futebol, ligado à gestação de um mercado rentável. Entretanto, ao mesmo tempo em que não se podia perder as vantagens que a formação desse novo mercado possibilitava, era necessário demarcar, categoricamente, o lugar de “um” e de “outro” futebol. Na medida em que o jogo se expande e cria-se a possibilidade de pessoas das mais variadas classes sociais participarem dos prélrios (como jogadores ou como torcedores), ajustes são realizados para estabelecer novos determinantes distintivos. Em realidade, não se negava a presença dessas pessoas, até mesmo porque a

---

<sup>307</sup> *Ibidem*.

<sup>308</sup> *Ibidem*.

<sup>309</sup> *Ibidem*.

participação delas se tornava essencial para a lucratividade das bilheterias. Contudo, a mistura deveria ser evitada no intuito de se garantir e proteger “lugares sociais”.

Não é proveitoso misturar um estudante, um doutor ou mesmo um cidadão independente e de elevada categoria social, com um individuo das baixas camadas. É preciso convir que uns se dedicam á pratica do sport pelo sport e, outros, pelo commercio ou meio de vida. Portanto, urge uma providencia para que estes dois círculos distintos possam se desenvolver e progredir, num ambiente proprio de suas tendencias e finalidades<sup>310</sup>.

O que o autor da reportagem provavelmente não imaginaria (ou cerraria seus olhos para esta possibilidade) é que muitos estudantes e doutores de “elevada categoria social” participariam do futebol profissional. A mistura, para eles, não parecia conter os mesmos malefícios propagados pelo jornal. Um exemplo é o do jogador botafoguense Tovar, que mesmo cursando a academia de medicina, continuou a participar dos torneios profissionais até a sua formatura. Outro caso é o do jogador mineiro Nariz, que só aceitou se transferir para o Fluminense do Rio de Janeiro com a garantia de poder se matricular em alguma universidade de medicina e continuar seus estudos.

A força argumentativa presente na ideia de distinção auxiliou, como abordado anteriormente, na promoção de uma defesa em favor da moralização do futebol por meio da adoção do profissionalismo (ao separar o “joio do trigo”). Contudo, em outros textos, essa mesma possibilidade distintiva foi utilizada como justificativa para a recusa do novo regime. A reportagem intitulada, “O profissionalismo trará a morte de nosso football”<sup>311</sup>, trazia uma entrevista com o Dr. Mario de Paula e Silva, tesoureiro do Botafogo. O entrevistado era contrário à profissionalização, manifestando assim os seus argumentos:

[...] Não estamos preparados ainda para esse fim. Na Inglaterra, Italia e, mesmo na Argentina, os temperamentos são outros. Via de regra, o brasileiro é sentimental e, por isso mesmo se molestaria de ver um amigo ganhando para jogar football. Resultado: a assistencia ia deixando os estádios [...]. Nós não temos formação para o profissionalismo. Somos muito puros e sobra-nos a grandeza de coração [...]. As minhas extremosas filhas gostam de sports e se sentem bem assistindo aos encontros do Botafogo, certas que estão de ver sempre amadores, cavalheiros, que sabem respeitar ambientes. Por força das circunstancias, o profissionalismo tem que ser um elemento repudiado na parte social do club e, sobretudo, na família<sup>312</sup>.

<sup>310</sup> *Ibidem*.

<sup>311</sup> JORNAL dos Sports. 18 de dez. 1931, n.238, p.6.

<sup>312</sup> *Idem*.

O dr. Mário de Paula e Silva enfatizava as características puras e nobres do amadorismo para arregimentar sua argumentação contrária ao profissionalismo. A pureza se transportava até para o brasileiro (descrito como uma construção homogênea e abstrata), que não aceitaria o regime devido ao seu temperamento. Certamente, em sua definição generalista, o tesoureiro se referia, verdadeiramente, às pessoas de seu círculo social. Quando mencionou que a assistência deixaria os estádios caso o profissionalismo fosse instaurado, Silva criou uma alegação até então contrária à maioria das vias argumentativas propostas pelos defensores da profissionalização do esporte. Para estes últimos, seria exatamente a continuidade da prática do amadorismo a causa de possíveis debandadas de público. A regulamentação da profissão proporcionaria, nesse caso, maior estímulo aos jogadores e, consequentemente (na opinião dos cronistas e entrevistados), espetáculos mais vistosos e competitivos.

Ainda assim, o integrante do Botafogo não estaria sozinho em suas argumentações. Outra reportagem, desta vez publicada no jornal *Correio da Manhã*, considerava o profissionalismo uma “triste ideia” que não vingaria: “Já agora não pôde haver mais nenhuma dúvida no espírito de alguém, optimista, a respeito da sorte que teve e bem mereceu, essa idéa infeliz, que, aliás, nasceu morta, da mercantilização do football carioca [...]”<sup>313</sup>. Para o autor do texto, as diversas publicações na imprensa sobre a implantação do profissionalismo, apesar de conterem “algumas entrevistas com afirmações categóricas”, nunca passaram “dos limites pláticos e vagos e de vagas e innoffensivas cogitações”<sup>314</sup>. Assim como o tesoureiro do Botafogo, o cronista se recusava a enxergar as transformações que já se operavam no cenário futebolístico. Para ele, pouca gente no Rio de Janeiro havia levado a sério a ideia do profissionalismo, “uma iniciativa tão odiosamente antipathica”<sup>315</sup>. No entanto, esta afirmação contrastava fortemente com o volume de textos publicados acerca da temática em outros periódicos, a exemplo do *Jornal dos Sports*.

O Rio não tem e não terá tão cedo ambiente propício para a implantação do profissionalismo no football. Quantas vezes surjam as tentativas desse gênero, tantas vezes fracassarão por falta de apoio dos principaes clubs do Rio, que por sua vez, sentem e reflectem a hostilidade da opinião pública e dos seus proprios jogadores que são visceralmente contrários á modificação do regimen do amadorismo, que apezar de defeituoso é mil vezes preferível, com todos os seus inconvenientes, a oficialização da malandragem. Varias vezes lemos em diversos jornaes, em typos fortes, que o tal football de profissionaes começaria em outubro. Depois passou para novembro. De novo se transferiu o projectado e problemático campeonato para dezembro [...]”<sup>316</sup>.

<sup>313</sup> PROFISSIONALISMO. O fim de uma triste ideia. *Correio da Manhã*. 15 de nov. 1932, n.11639, p.8.

<sup>314</sup> *Ibidem*.

<sup>315</sup> *Ibidem*.

<sup>316</sup> *Ibidem*.

Na sequência, a reportagem trazia uma notícia transcrita de outro periódico, o *Estado de São Paulo*, que corroborava a opinião manifestada pelo impresso em questão, o *Correio da Manhã*. O jornal paulista ponderava que “já havia quinze anos que o profissionalismo era discutido e a mesma quantidade de tempo que não atina uma formula, airosa e digna, que a todos satisfaça”<sup>317</sup>. A reportagem também mencionava a formação de correntes opinativas acerca da convivência entre amadorismo e profissionalismo, situação que remete ao que descreveu Reyna sobre o âmbito internacional (2008).

Tres correntes se formaram durante esse longo período. A primeira, tradicionalmente moralista, entende que o profissionalismo devia ser combatido com a máxima energia. A segunda está em campo opposto: considera o profissionalismo um mal inevitável, e por isso mesmo aconselha uma regulamentação honesta, que evite os tratos clandestinos entre os dirigentes e os laureados, que não são anjos, mas homens como os outros, sujeitos a necessidades, descaídas e fraquezas. E finalmente a terceira, toda conciliadora: essa defende a these de que o profissionalismo e a amadorismo podem coexistir, sem que disso resultem danos morais ou insucessos pecuniários<sup>318</sup>.

Para o autor do texto jornalístico, a segunda corrente, “extremada a favor do profissionalismo puro e simples”, havia sobrepujado fortemente a terceira: “os clubs, com poderosos recursos, estão dispostos a romper com os raros catonianos que importunam os práticos com recordações lamechas, em que aparecem virtudes só atribuídas a entes que não pertencem a este planeta”<sup>319</sup>! Este último trecho da reportagem, atribuída ao *Estado de São Paulo*, parece contrapor uma das argumentações presentes no texto inicial do *Correio da Manhã*. Para este impresso, o profissionalismo não vingaria devido à pouca adesão dos principais clubes e da população em geral. Já para o *Estado de São Paulo*, aqueles que pensavam ou agiam diferente em relação à ideia de implantação do regime profissional eram considerados “entes que não pertenciam a este planeta” e que ficavam a importunar “os práticos com recordações lamechas”<sup>320</sup>. Ou seja, para o impresso paulista a difusão de argumentos favoráveis ao profissionalismo já era forte o suficiente para enfraquecer a permanência do amadorismo.

Ao final do texto, as convicções presentes no *Estado de São Paulo* foram sintetizadas em uma produção que evidenciava, ao mesmo tempo, um sentimento de

---

<sup>317</sup> *Ibidem*.

<sup>318</sup> *Ibidem*.

<sup>319</sup> *Ibidem*.

<sup>320</sup> *Ibidem*.

contrariedade em relação ao novo regime e outro de conformidade com uma situação já dada, praticamente, como irreversível.

[...] Nós pertencemos a primeira corrente, a dos extremados a favor do amadorismo. Ora, como esse amadorismo está fora das cogitações dos preclaros mentores, não podemos intervir, desde já, na terrível contenda, que se travará entre os partidários da segunda e da terceira correntes. Não pretendemos, tampouco, defender desabridamente o nosso ponto de vista, o que será inutil. Mas, com toda a franqueza o declaramos: queríamos a victoria dos que batem pela regulamentação do profissionalismo. E queríamos essa victoria porque só as experiencias poderão modificar as idéas fixas de alguns corypheus do footballismo indígena. Se essas experiências não fossem desastradas (o que pombos em dúvida) só nos restaria acatar a vontade da maioria, por alguns momentos. Mas, se fossem, desde logo teríamos o direito de desenterrar os nossos carunchosos argumentos, em prol de um sistema esportivo mais bello e mais util. E poderíamos clamar, então, como os anachoretas de antanho. ‘Assim quizeram, assim o tiveram’<sup>321</sup>.

Os “limites platônicos” referidos pelo *Correio da Manhã* foram, poucos meses depois de publicada a edição mencionada, vencidos pela implantação do profissionalismo na capital brasileira. Argumentos de diversas naturezas, contrários ou favoráveis, foram expostos e debatidos insistentemente. As circunstâncias que conformavam um novo futebol, já presentes em um momento bem anterior à regulamentação do regime, possibilitaram e concretizaram a consecução da experiência profissional regrada em janeiro de 1933, quando quatro clubes – Vasco, Fluminense, América e Bangu – fundaram a Liga Carioca de Football<sup>322</sup>.

Em Minas Gerais, a experiência carioca seria objeto de inúmeras reportagens que se desdobrariam em um movimento semelhante ao da capital precursora. Vale destacar que o Rio de Janeiro, naquele momento, era uma grande referência para Belo Horizonte em vários aspectos. Como mencionado no capítulo 1, a criação da região da Pampulha foi veiculada como a “Copacabana mineira”. Em relação ao futebol, essas influências seriam ainda mais notáveis. Nesse contexto, um longo embate foi travado entre simpatizantes do novo regime e aqueles que não concordavam com a regulamentação ou não acreditavam que Minas Gerais pudesse comportar o profissionalismo. Os conflitos postos em cena podem ser vislumbrados nas páginas do *Jornal dos Sports* e, principalmente, dos impressos locais. Para esta especificidade, foram eleitos os jornais *Estado de Minas* e *A Tribuna*.

---

<sup>321</sup> *Ibidem*.

<sup>322</sup> Nesse momento inicial, os clubes São Christovão, Flamengo e Botafogo foram contrários à regulamentação da liga e do profissionalismo (JORNAL DOS SPORTS, 24 de jan. 1933, n.577, p.1). Mais tarde, São Christovão e Flamengo aderiram à nova liga, enquanto o Botafogo ainda permaneceu na A.M.E.A por alguns anos.

### 2.3.2 “Os mineiros também adherirão?”<sup>323</sup>

Logo após o anúncio da regulamentação do profissionalismo na cidade do Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports* publicara uma reportagem intitulada: “Os mineiros também adherirão”? O texto informava que um emissário da Liga Carioca de Footbal estaria em Belo Horizonte “tratando de assumptos allusivos ao profissionalismo”. Este emissário seria “um alto paredro do Fluminense” e teria feito, segundo a reportagem, uma “proposta ao Palestra Italia, poderoso gremio da capital mineira, offerecendo-lhe cincuenta contos de auxilio para o inicio da regulamentação”<sup>324</sup>.

Já no impresso *Correio da Manhã*, a publicação de uma reportagem em data próxima a do *Jornal dos Sports* oferece pistas sobre alguns dos imbróglis que essa questão arrolava em solo mineiro. O texto trazia uma entrevista com o sr. Manoel Taveira, identificado como vice-presidente do Villa Nova A.C. Mesmo com a já concretizada experiência carioca, o dirigente afirmava que no Brasil ainda não havia condições de se estabelecer o profissionalismo. Taveira ressaltava as dificuldades peculiares ao caso mineiro e as “falsas” notícias que circulavam a respeito da transferência de jogadores.

Em Minas, por enquanto, ainda não se cogita de profissionalismo e muito menos em Nova Lima, pois creio que os clubs não supportariam as grandes despesas que o profissionalismo os obrigariam a fazer, ficando os próprios jogadores em situação menos segura do que a actual. A propaganda do profissionalismo aqui no Rio, pela imprensa, tem sido muito grande, extraordinária mesmo, tanto que alguns jornaes noticiaram a vinda e até o embarque lá e chegada aqui dos jogadores villanovenses: Gustavo e Brant e, no entanto, ambos lá estavam calmamente treinando no campo do Bomfim, em Nova Lima. [...] Até agora o Brant nada resolveu em relação ao convite recebido do Fluminense F.C, desta capital, e quanto ao Gustavo posso afirmar que não aceita o convite e preferirá ficar defendendo o seu club de Nova Lima. Como se vê só é provável a vinda de um único jogador novalimense, o center-half Brant. Acho difficil os clubs de Minas abraçarem o profissionalismo. Em Belo Horizonte, pelo menos, todos os grandes clubs estão coesos e firmes ao lado da entidade amadorista, a F.A.M.A e a L.A.F, que dirige o football na capital mineira<sup>325</sup>.

O futebol mineiro viu-se interpelado por inúmeros dissensos ao longo, especialmente, das décadas de 1920 e 1930. Brigas e disputas por poder entre dirigentes de clubes e instituições reguladores do esporte promoveram cisões entre as principais equipes. O

<sup>323</sup> OS MINEIROS também adherirão? *Jornal dos Sports*, 16 de fev. 1933, n.597, p.4.

<sup>324</sup> *Idem*.

<sup>325</sup> TAVEIRA, Manoel. Falando um pouco do football em Minas Geraes. *Correio da Manhã*, 08 de mar. 1933, n. 11.735, p.9.

vice-presidente do Villa, na reportagem supracitada, mencionou uma dessas ocorrências: “O sport em Minas Geraes, que vinha sendo muito prejudicado com a ultima scisão havida, entrou num período de progresso e efficiencia sportiva, com a fundação das Associações Mineiras de Athletismo”<sup>326</sup>.

Em 1933, os esportes mineiros passaram a ser dirigidos pela F.A.M.A (Federação das Associações Mineiras de Atletismo). Esta entidade, antiga Liga Mineira de Desportos Terrestres (L.M.D.T), era o órgão gestor máximo do esporte no estado de Minas Gerais. Entretanto, havia ainda outras duas instituições dirigentes em Belo Horizonte: a L.A.F (Liga de Amadores de Football) que, como o próprio nome indica, ficava a cargo apenas do futebol, e a A.M.E.G (Associação Mineira de Esportes Geraes), que geria os demais esportes. Em meio às confusas menções a estas instituições nos impressos pesquisados, o que se pode inferir é que a L.A.F e a A.M.E.G eram subordinadas à F.A.M.A.

A criação da A.M.E.G já era, por si só, produto de uma das cisões ocorridas no futebol mineiro. Formada por clubes que abandonaram a Liga Mineira de Desportos Terrestres em 1931<sup>327</sup>, esta entidade mantinha um campeonato paralelo. Após a instituição da F.A.M.A e a criação da L.A.F (em janeiro de 1933), a A.M.E.G ainda se manteve, ficando incumbida de gerir os demais esportes. Vale mencionar que a criação da L.A.F, compreendida à princípio como uma ação pacificadora que reuniria novamente todos os clubes em um só torneio, gerou novos embates pouco pacíficos. A organização do novo campeonato implicava separar equipes em divisões, o que desagradou algumas agremiações que foram alocadas na divisão inferior, como o Retiro (de Nova Lima) e o Siderúrgica (de Sabará)<sup>328</sup>. A divisão principal era notadamente composta pelos clubes de maior expressão no cenário mineiro, como Atlético, América, Palestra, Villa Nova e Sete de Setembro, somados à alguns dos clubes suburbanos eleitos previamente pela entidade gestora, como Guarany, Carlos Prates e União do Calafate.

Contudo, o primeiro torneio da L.A.F nem chegou a ser efetivado. Com a implantação do profissionalismo em Minas Gerais, em maio de 1933, a existência de uma Liga de Amadores não mais fazia sentido. Em seu lugar foi criada a A.M.E (Associação

---

<sup>326</sup> *Idem.*

<sup>327</sup> Clubes que eram filiados à A.M.E.G até a criação da L.A.F: América, Palestra, Villa Nova, Sete de Setembro, Vespasiano, Grêmio Ludopédio, Uberaba, Industrial e Minas Geraes.

Clubes filiados à L.M.D.T até a criação da L.A.F: Atlético, Calafate, Retiro, Fluminense, Alves Nogueira, Carlos Prates, Guarany e Santa Cruz.

<sup>328</sup> Várias reportagens do Estado de Minas se dedicaram a abordar esse assunto. Como exemplo tem-se a seguinte: “Dois de menos na série secundária: O Retiro e o Siderúrgica não disputarão o campeonato da segunda divisão da L.A.F” (ESTADO DE MINAS, 17 de mar. 1933, p.9).

Mineira de Esportes). Neste contexto, também a existência da F.A.M.A foi questionada, o que resultou, em setembro de 1933, na fusão desta entidade com a A.M.E.

[...] A Federação das Associações Mineiras de Athletismo foi constituída quando da concretização da custosa pacificação do nosso futebol, sendo-lhe determinada como atribuições o controle absoluto de todas as modalidades de esportes que aqui se viessem a praticar, regidos estes, como é de direito, pelas respectivas entidades. Como, porém, em virtude de circunstâncias de diferentes naturezas, o exercício das atribuições da F.A.M.A se tornasse como que inutil, surgiu a idéia de simplificação que no princípio não poderia ser bem recebida, e agora se cuida precisamente de operar essa simplificação, com o desaparecimento de uma das entidades<sup>329</sup>.

Com a fusão, foi mantido o nome A.M.E para a entidade gestora do esporte mineiro. Como exemplo dos inúmeros embates gestados em torno do futebol, o *Estado de Minas* assim descreveu a emergência da nova estrutura: “Não vão pensar, apesar disto, que houve todas aquellas brutas dissensões e brigalhadas que se pode suppor. Tudo decorreu num ambiente da mais bella comprehensão e camaradagem entre os paredros”<sup>330</sup>. Contudo, ao que indicam os periódicos, a A.M.E teve uma vida curta e a F.A.M.A novamente passou a gerir os esportes mineiros. Já em 1934, os impressos mencionam a existência da A.M.F (Associação Mineira de Futebol), subordinada à própria F.A.M.A<sup>331</sup>. Esta Associação parece ter durado até o ano de 1936, quando passou a ser noticiada a existência da Liga de Football de Belo Horizonte (LFBH)<sup>332</sup>, entidade que perduraria até 1939, com a fundação da F.M.F (Federação Mineira de Futebol)<sup>333</sup>.

Um dos embates citados na reportagem anterior foi provocado, justamente, nos momentos que antecederam a regulamentação do regime profissional. Antes mesmo da oficialização no Rio de Janeiro houve uma profusão de notícias no *Estado de Minas*, em princípios do ano de 1933<sup>334</sup>. A maior parte delas registrava o êxodo de jogadores para a capital do país e para o exterior. Minas Gerais já havia passado por situações deste tipo no início da década de 1930. O caso precursor foi o do jogador Nininho, que havia deixado as

<sup>329</sup> O ORGANISMO esportivo de Minas em vespertas de nova organização. *Estado de Minas*, 23 de setembro de 1933, p.8.

<sup>330</sup> *Idem*.

<sup>331</sup> Pode-se constatar esta informação nos seguintes periódicos: Folha de Minas (14 de out. de 1934, p.9) e O Diário, (07 de fev. 1935, n.2, p.5).

<sup>332</sup> Os jornais O Esporte (19 de out. 1936, n.1, p.3), o Estado Novo (18 de nov. 1938, n.21, p.1) e Gazeta Mineira (01 de fev. 1939, n.112, p.5) trazem esse dado em algumas de suas reportagens.

<sup>333</sup> Este dado se encontra no Museu Brasileiro do Futebol, sediado no Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), em Belo Horizonte.

<sup>334</sup> Moura (2010) ressalta que nos anos predecessores à regulamentação, os jornais mineiros não deram muita ênfase à possibilidade de profissionalização do futebol, ao contrário do que manifestou a imprensa carioca. O autor pesquisou principalmente os jornais *Estado de Minas* e *Minas Geraes*.

fileiras do Palestra Itália para compor a equipe da Lazio, na Itália, no ano de 1931. Outros jogadores, inclusive da mesma família de Nininho, “os Fantoni” (Ninão e Niginho), seguiram o rumo do primeiro palestrino, o que provocou grande reação no meio futebolístico local (MOURA, 2010).

A primeira edição do mês de janeiro de 1933 noticiava a duvidosa história de Carazzo, então centroavante do Villa Nova A.C. A reportagem questionava se o jogador, em visita à sua família em São Paulo, permaneceria naquela cidade ou voltaria à Belo Horizonte. O possível êxodo de jogadores como Carazzo era uma preocupação do *Estado de Minas*, que chegou a mencionar uma notícia publicada na *Gazeta de São Paulo*.

Carazzo não mais voltará a Belo Horizonte? [...] Hontem, lemos na ‘Gazeta de São Paulo’ a nota abaixo, a respeito da chegada do ‘perigo louro’ á Paulicéa, tópico esse que diz ser certa a volta do conhecido avante aos campos paulistas: ‘- Acaba de regressar de Belo Horizonte, onde esteve residindo durante alguns annos, o ex-centro avante do Palestra, Carazzo, que, segundo soubemos, não pretende mais deixar nossa capital’. Carazzo foi, durante o tempo de sua actuação em Minas, um dos mais perfeitos avantes daquelle Estado, tendo muitas vezes sido elemento de destaque na seleção local. No anno passado correu o boato de sua transferência para o S.Paulo F.C., mas o ex-campeão do 2º quadro alviverde preferiu ficar em Belo Horizonte. Agora, porém, regressou para a voltar a jogar, novamente, em nossas ‘canchas’<sup>335</sup>.

Ao final da reportagem, o texto manifestava certo pesar pela possível perda do jogador: “Si tal noticia tiver confirmação, ficará o Villa Nova privado do concurso de um dos seus mais destacados defensores”<sup>336</sup>. Esta edição também contaria com a presença de inúmeras outras reportagens acerca do profissionalismo na Itália e na Argentina e sobre o êxodo de jogadores. Anunciava-se a ida do center-half Duilio, do São Paulo, para a Italia: “[...] Duilio Salatini [...] já se acha em Roma, onde foi alvo de uma recepção carinhosa por parte dos directores e associados do Lazio, clube pelo qual o jogador paulista disputará”<sup>337</sup>.

Em outra reportagem, os ordenados recebidos pelos jogadores do Racing Club de Buenos Aires eram evidenciados. O profissionalismo na Argentina, como referenciado anteriormente, já estava legalizado desde 1931 e notícias sobre aquele contexto, sobretudo as relacionadas aos vultuosos salários recebidos pelos jogadores e às altas rendas dos jogos, apresentavam-se com frequência. Sobre o Racing, a reportagem mencionava ordenados mensais de 1.5000\$000; “isso não levando em conta as gratificações e conduções”<sup>338</sup>. O

<sup>335</sup> FUROS, boatos e novidades. Estado de Minas, 01 de jan. de 1933, n. 1236, p.10.

<sup>336</sup> *Idem*.

<sup>337</sup> *Ibidem*.

<sup>338</sup> OS JOGADORES que maior ordenado perceberam do Racing Club... Estado de Minas, 01 de jan.1933, p.10.

River Plate também entrava em cena. A ênfase, neste caso, centrava-se na renovação do contrato de um de seus jogadores, o atacante Pencelle: “No momento em que o ‘foward’ do River Plate assignou a inscripção recebeu a quantia de 36.000\$000. O ordenado mensal de Pencelle é de 2.000\$000, afora as conduções e os clássicos 50 pesos por cada jogo”<sup>339</sup>.

Em meio a estes registros, noticiava-se a iminência da implantação do profissionalismo no Rio de Janeiro.

Volta-se novamente a cogitar do profissionalismo na metrópole carioca. É a palavra do dia o assumpto que antes de hontem foi ventilado na Comissão dos Tres da A.M.E.A, que também elaborou o regulamento da nova directriz que tomará o esporte. Esta comissão é constituída dos srs. Antonio Avellar, Arnaldo Guinle e Ary Franco. Por enquanto conta-se com o apoio dos clubes Fluminense, Vasco e America, ficando o Bangu e S. Christovam na expectativa dos acontecimentos. O Botafogo e o Flamengo declararam-se contra a medida. [...]. Diz-que o Vasco, Fluminense e America adoptarão a nova directriz de qualquer maneira, ainda que sem outros que os acompanhem. É uma grande transição que pretendem estes clubes e cá ficamos aguardando a solução<sup>340</sup>.

A ida de Carazzo para São Paulo renderia outra publicação, dias depois: “O ‘player’ deixou, há tempos, as hostes palestrinas, indo residir em Belo Horizonte, onde passou a defender as cores de um gremio mineiro. Agora, sentindo saudades da Paulicéa, o louro atacante deliberou retornar á terra dos Bandeirantes”<sup>341</sup>.

As histórias de Leônidas da Silva e de Domingos da Guia, dois dos mais destacados jogadores do Brasil naquele momento, também figuraram em algumas das edições do *Estado de Minas*. O foco dos textos residia na adesão ao profissionalismo por ambos os atletas, bem como a ida para outros países. No caso de Leônidas, inferiu-se sobre uma manobra que o jogador teria feito para ser desligado de seu clube, o Bomsucesso F.C, e seguir rumo ao Uruguai. Com o título, “Leônidas quer ser profissional”, o texto trazia uma declaração do impresso carioca *Correio da Manhã*:

Leonidas, a grande consagração brasileira, que deu o triumpho aos nossos no Uruguai, anda como sempre em ‘maus lençóis’. Agora é uma partida dezautorizada para a Bahia, que collocou o notável ‘crack’ na mais crítica situação. Sobre a explicação desse seu gesto, parece-nos justa, a asserção do ‘Correio da Manhã’, que é a seguinte: ‘A proposito do embarque para a Bahia do conhecido player do Bomsucesso F.C., Leonidas, hontem ouvimos de pessoa chegada áquelle player que o seu embarque agora para o Estado nortista, é um pretexto procurado por elle para

<sup>339</sup> RENOVOU o seu contracto pelo River Plate... Estado de Minas, 01 de jan. 1933, p.10.

<sup>340</sup> O PROFISSIONALISMO na capital do paiz. Estado de Minas, 01 de jan. 1933, p.10.

<sup>341</sup> A IDA de Carazzo para S.Paulo. Estado de Minas, 04 de jan. 1933, p.6.

ser eliminado do club leopoldinense e poder, assim, sem nenhuma ligação com o seu clube, aceitar a vantajosa proposta que lhe foi feita em Montevideo’<sup>342</sup>.

Outra reportagem sinalizava como certa a ida de Leônidas para o Uruguai, fato que, posteriormente, foi concretizado. Neste texto, a ênfase estava posta nas possíveis vantagens financeiras auferidas pelo jogador: “Ao que se diz, Leonidas recebeu vantajosa proposta de um grande clube de Montevidéu, para onde provavelmente seguirá quando regressar da Bahia”<sup>343</sup>. O jogador, eliminado pelo clube carioca por ter viajado sem autorização, ingressou nas fileiras do Peñarol pouco tempo depois.

Já a situação de Domingos foi mencionada sem polêmicas, porém, com algumas incertezas em relação ao destino do jogador. Questionava-se se Domingos iria para o Nacional de Montevidéu ou para o San Lorenzo de Almagro. Uma das reportagens trazia informações de um telegrama oriundo de Buenos Aires, assinalando como certa a contratação do jogador pelo clube argentino, San Lorenzo.

‘O S. Lorenzo de Almagro anunciou hoje á noite que tinha assignado contracto o conhecido jogador brasileiro de futebol, Domingos, pertencente ao primeiro quadro do Vasco da Gama. O referido gremio que já assignara contracto com os paulistas Agostinho Teixeira, Ferez Tuffy, Eugenio Vanni e João Ramon, pretende constituir o seu quadro principal com os referidos jogadores, que são considerados os melhores nas respectivas posições. Não são conhecidos ainda os termos do contracto assignado entre Domingos e a direcção do S. Lorenzo de Almagro, sabendo-se, no entanto, que as condições são as mais favoráveis para aquele jogador’<sup>344</sup>.

Entretanto, Domingos, assim como Leônidas, preferiu o Uruguai. Porém, a Argentina novamente entraria em cena no *Estado de Minas*. Desta vez, como centro de uma notícia que ressaltava a contratação de “cracks do Rio”, transcrita do jornal carioca *O Globo*.

A imprensa argentina noticiou que o Gymnasia y Esgrima, de Buenos Aires, enviou um emissário ao Rio de Janeiro e que ‘espera contractar cracks cariocas’. [...] Como se vê os argentinos não desanimam em conseguir jogadores cariocas. Mudam emissários. Ontem era do Boca Juniors. Hoje é o Gymnasia y Esgrima. Amanhã será o River Plate. E parece que os nossos cracks que querem dar um ‘passeio remunerado’ ao Plata, estão a espera do emissário dos ‘millionários’, o club que pagou duzentos contos por Bernabé Ferreyra’<sup>345</sup>.

<sup>342</sup> LEONIDAS quer ser profissional. *Estado de Minas*, 11 de jan. 1933, p.8.

<sup>343</sup> O BACK brasileiro Domingos concordou em ser profissional... *Estado de Minas*, 11 de jan. 1933, p.8.

<sup>344</sup> DOMINGOS no Nacional ou no S. Lorenzo de Almagro? *Estado de Minas*, 13 de jan. 1933, p.6.

<sup>345</sup> VEIU contractar ‘cracks’ do Rio. *Estado de Minas*, 15 de jan. 1933, p. 8.

“Milionários” era o apelido do River Plate, clube que dedicou enorme esforço financeiro para constituir seus quadros no regime profissional<sup>346</sup>. Suas ações seriam novamente citadas no impresso em questão. Os gastos com as contratações de jogadores e os lucros alcançados com as rendas de jogos seriam descritos como componentes de uma balança que possibilitava um equilíbrio favorável aos ganhos do clube. Citava-se que o “famoso clube campeão argentino” havia dispensado cerca de 490 contos de réis “para constituir o seu quadro de jogadores”. Contudo, por meio das rendas das partidas, o clube ainda acabava lucrando, “pois em 10 partidas das 36 de campeonato que disputou arrecadou nos portões a importância de 1.020 contos de réis”<sup>347</sup>.

As investidas de outro importante centro exportador de jogadores, a Itália, continuavam figurando nas páginas do *Estado de Minas*. Pouco tempo antes da regulamentação do profissionalismo no Rio de Janeiro, anunciava-se a ida do “efficiente centro-médio Gogliardo”, que atuava na equipe do Palestra Itália de São Paulo: “possivelmente, no dia 27 próximo [...], Gogliardo embarcará para a terra de Mussolini, afim de actuar por um clube peninsular”<sup>348</sup>. De acordo com o texto, o referido jogador receberia, “somente pela transferência, 60 mil libras, o que corresponde cerca de 40 contos, ao cambio actual”.

Sobre o mesmo assunto, o jornal mineiro replicava uma notícia publicada pelo periódico de São Paulo, *A Gazeta*. O texto, destinado a informar um rumor acerca da ida de mais jogadores paulistas para o exterior, exclamava: “Será possível?!... – Cerca de duas dezenas de jogadores paulistas que se tornarão profissionaes no Rio e no Prata?” Em seguida, esclarecia-se a questão: “Hontem começou a circular o boato de que está sendo preparada uma nova leva de nossos jogadores para o Rio e Buenos Aires, sendo quasi certo que cerca de 24 elementos já foram ‘cantados’[...]"<sup>349</sup>.

O periódico mineiro encerrava a publicação ressaltando que ainda não havia conseguido desvendar até onde o fato era verídico: “Oxalá tudo seja desmentido [...] Parece impossível que de uma só vez partam 24 jogadores”. Entretanto, afirmava em seguida: “O profissionalismo, porém, tudo pode... Não haverá um santo que ajude o futebol paulista”<sup>350</sup>!?

<sup>346</sup> Segundo a revista *El Gráfico*, o apelido foi derivado de contratação do jogador Peucelle. Na época, o River dispenseu a quantia de 10.000 pesos. No começo da década de 1930, momento em que se deu a transação, a quantia era considerada bastante elevada.

<sup>347</sup> FUROS, boatos e novidades. *Estado de Minas*, 18 de jan. 1933, p.6.

<sup>348</sup> MAIS um para a Italia. *Estado de Minas*, 18 de jan. 1933, p.6.

<sup>349</sup> FUROS, boatos e novidades. *Estado de Minas*, 21 de jan. 1933, p.6.

<sup>350</sup> *Idem*.

O impacto gerado pela situação paulista perderia o enfoque com o crescente assédio de jogadores mineiros por clubes cariocas. Os casos mais emblemáticos e mais destacados seriam os dos jogadores Brant, Said, Nariz, Mário de Castro e Mário Gomes, importantes atletas mineiros que foram convidados a ingressarem nas fileiras do Fluminense. Várias reportagens do *Estado de Minas* foram dedicadas a noticiar as negociações e as manobras das “sereias do profissionalismo”, denominação dada aos emissários dos clubes que garimpavam atletas em solo mineiro. Durante muitos dias cogitou-se sobre a ida ou não desses jogadores para o Rio de Janeiro. Era notável nas produções textuais que se dedicavam ao êxodo de jogadores mineiros a preocupação com os desfalques sofridos pelos times locais e com a consequente perda de qualidade do certame da cidade (FIG.12).

Figura 12: Reportagem sobre a possível profissionalização de jogadores mineiros.



Fonte: Estado de Minas. 10 de fev. 1933, p.6.

A manchete acima vinha acompanhada de um texto que relacionava a implantação do profissionalismo na capital do país com a perda de “players de renome em Belo Horizonte”<sup>351</sup>. Outra reportagem enfatizava: “O profissionalismo, ha pouco implantado no futebol carioca, não quer deixar nossos ‘cracks’ em paz. Inúmeros são os jogadores que já receberam propostas para abraçar o futebol remunerado”<sup>352</sup>.

Em meio a constatação desses acontecimentos, as opiniões de atletas, dirigentes e dos próprios redatores do *Estado de Minas* se divergiam acerca da possibilidade de se implantar o profissionalismo. Em uma das edições do impresso constava uma entrevista com Mário Gomes (jogador do Atlético à época), em que ele dizia não encarar o profissionalismo como “meio tão ilícito de ganhar a vida, conforme dizem”. Para o jogador o debate em torno

<sup>351</sup> MINAS na iminência de perder os seus ‘cracks’. Estado de Minas. 10 de fev. 1933, p.6.

<sup>352</sup> NARIZ em Uberaba. Estado de Minas. 10 de fev. 1933, p.6.

do tema era natural, uma vez que era uma “organização nova no Brasil”, e que por isso faltavam ainda “dados para que o povo pudesse encarar as suas finalidades”. Em sua opinião, o profissionalismo trazia uma grande vantagem: evitaria “o êxodo dos nossos grandes ‘cracks’ para o estrangeiro”<sup>353</sup>.

Alguns dias depois, o mesmo periódico publicou uma carta de um ex-jogador do América F.C dirigida ao presidente do clube, Clóvis Pinto, em que clamava ao dirigente a não adoção do profissionalismo. Seus argumentos enfatizavam a história da agremiação: “que batalha por conservar as tradições gloriosas de um passado crivado de triumphos e risonho sempre de um radiante amanhã”. O jogador proclamava que o América deveria “repellir todo o attentado á conservação da bôa forma que desfructa o esporte em Minas”<sup>354</sup>.

Justificando este meu ponto de vista, que considero nosso, basta lembrar-te que em holocausto aos interesses de uma censurável remuneração, seriam immolados o entusiasmo, o ardor, a fibra, a tenacidade, o amor ao clube e, ainda, o decôro dos amadores. Todavia, se a reacção que devemos começar desde cedo for vencida, e victoriosa se fizer a novação que se propõe, é, então, chegado o momento de seleccionarmos ainda mais o nosso conjunto, si é que, porventura – eu o duvido, nelle ha elementos que aceitem as vantagens da troca. E então, no alto do mastro, desejaremos divisar na flamula alvi-verde, tremulando ao contacto de uma vibração pura, o lemma fiel Sport pelo Sport, porque só assim palmilharemos para a suprema conquista do ideal sonhado pelos fundadores do nosso deca: mens sana in corpore sano<sup>355</sup>.

O ponto-de-vista do ex-jogador americano demonstrava os valores que ainda permeavam a prática do futebol para certa parcela da população. Marcelo Linhares, o autor da carta, era, àquele momento, promotor de justiça da cidade interiorana de Monte Carmelo. Sua privilegiada posição social era compartilhada por outros membros do clube, desde a sua fundação. Em suas palavras observa-se a recusa ao profissionalismo como uma forma de “selecciónarmos ainda mais o nosso conjunto”. A permanência ao amadorismo se configuraria como uma nova forma de distinção para o clube.

O presidente americano respondeu a carta afirmando que não havia necessidade de preocupação com uma possível adoção do profissionalismo, pois o regime seria impraticável para o América e os demais clubes de Belo Horizonte: “Não temos renda para

<sup>353</sup> ASSIM QUE tiver conhecimento das leis do profissionalismo... Estado de Minas. 14 de fev. 1933, p.8.

<sup>354</sup> MARCELO Linhares contrario ao profissionalismo. Estado de Minas. 21 de fev. 1933, p.8.

<sup>355</sup> *Idem.*

profissionaes, não temos ardor pelo profissionalismo e por fim, não temos necessidade de profissionaes”<sup>356</sup>.

No mês anterior, poucos dias antes da efetivação do regime no Rio de Janeiro, o diretor de futebol do América à época, José de Souza, já havia manifestado opinião semelhante em uma entrevista concedida ao *Estado de Minas*, justificando que não achava digna a profissão.

Já varias vezes quando actuava fui ofertado para pertencer a quadros cariocas com bôa remuneração. Recusei com altivez, pois creio uma indignidade hombrear com um profissionalismo encoberto, com amadores de verdade e pessoas de elevada categoria. E ainda tenho a opinião de afastar-me para sempre do futebol, quando formos invadidos pela onda do ‘dinheiro’. Acreditaria ainda, mas para os outros, num profissionalismo que abraçassem todos os clubes, igualando todos os seus defensores. A mistura é que me enoja!<sup>357</sup>.

Na entrevista de Souza observa-se preocupação semelhante às manifestadas em várias reportagens do *Jornal dos Sports* e da revista *El Gráfico*: a mistura de jogadores verdadeiramente amadores com profissionais. Embora tenha se mostrado um defensor do amadorismo, Souza chegou a mencionar uma possibilidade de aceitação do regime profissional caso todos os clubes passassem, de fato, a serem profissionais e uma igualdade de condições de disputa fosse posta. Subtende-se, por esta entrevista, que o América se manteve desconfiado sobre a concretização das reais possibilidades de um profissionalismo separado, igualitário e honesto. Entretanto, esta fala pode se tornar contraditória caso se aceite a hipótese de que o América, assim como outros clubes da capital, era uma das entidades que exercia o amadorismo marrom, como demonstrou Lage (2013) em sua pesquisa<sup>358</sup>.

Um dia depois da carta do ex-jogador Marcelo ser divulgada, o *Estado de Minas* resolveu lançar uma enquete “nos nossos meios esportivos”: “Praticável a implantação do profissionalismo no nosso futebol”<sup>359</sup>? A pergunta vinha acompanhada de uma primeira impressão do próprio impresso, que antes mesmo de coletar as opiniões dos esportistas, já afirmava ser impossível a adoção do regime profissional em Minas.

Temos optimos jogadores, que equivalem aos mais peritos do Rio e S.Paulo, e também bons quadros. O publico é que não é o mesmo e reside aqui o ponto

<sup>356</sup> COMO o presidente americano responde a Marcelo... Estado de Minas. 23 de fev. 1933, s.p.

<sup>357</sup> UM NOVO América que surge dentro do América. Estado de Minas, 15 de jan.1933. p.8.

<sup>358</sup> Como exemplo, o autor se utiliza de alguns relatos do memorialista Abílio Barreto que afirmavam que o América, já no ano de 1925, buscava jogadores do interior para compor sua equipe. Outras fontes mobilizadas por Lage (2013) atestam a utilização de compensações materiais pelo clube para arregimentar atletas.

<sup>359</sup> PRATICAVEL a implantação do profissionalismo no nosso futebol? Estado de Minas. 22 de fev. 1933, p.8.

fundamental, para nós, da questão. Havendo pouco público, as rendas não podem ser grandes e a manutenção do regimen profissional torna-se impossível. Iniciaremos amanhã uma ‘enquête’ entre os nossos esportistas acerca da possibilidade ou não do profissionalismo ser adoptado no ‘association’ montanhez, e que cremos ser muito interessante<sup>360</sup>.

O primeiro esportista a responder a enquete foi Affonso Paulino, ex-presidente do Atlético. Seus primeiros argumentos corroboravam a opinião manifestada no impresso: “Os nossos clubes não comportam definitivamente essa medida. Bello Horizonte não tem ainda um público numeroso, que possa acorrer ás despezas do profissionalismo”<sup>361</sup>. Após esta explanação inicial, o entrevistado abordou outra questão, que em muito se assemelha às palavras contidas na carta do ex-jogador americano.

[...] Eu acho um tanto desonroso para os nossos amadores. O Athetico, por exemplo, é um clube, cujo quadro esportivo é composto de rapazes que cursam as nossas escolas superiores e não adoptará, penso eu, o futebol remunerado, uma vez que não fica bem um médico, advogado ou engenheiro praticar o ‘association’ como profissional. Finalmente, Bello Horizonte não comporta, de modo algum, o profissionalismo: elle contribuirá para a fallencia do nosso futebol.

Um jogador do mesmo clube, Dunorte André, foi o próximo a responder a enquete. Sua opinião divergia da do ex-presidente atleticoano no que concerne à legitimidade da profissão: “[...] sou francamente favorável ao profissionalismo. Realmente, não há desdóiro em que um ‘footballer’ perito trate de tirar as maiores vantagens de suas aptidões”. Na sequência de sua argumentação, o jogador ofereceu um elemento novo para a discussão: “Não se trata, acaso, de um dom que a natureza lhe deu, igualmente como procede com os predestinados abrilhar nas artes, por exemplo”<sup>362</sup>? Pode-se inferir que Dunorte estava colocando em discussão o fato de algumas práticas poderem ser legitimadas como profissão e outras não. No entanto, após sua opinião favorável ao profissionalismo, mencionou a inviabilidade da adoção do regime em Belo Horizonte: “Você sabe como o ambiente aqui é declaradamente contrario a isso. Todo jogador até mesmo de futebol, seria repellido, ficaria isolado. Nossa povo, mesmo por índole, não veria com bons olhos o ‘footballer’ que tivesse proveito da prática do esporte”<sup>363</sup>.

---

<sup>360</sup> *Idem*.

<sup>361</sup> *Ibidem*.

<sup>362</sup> *Ibidem*.

<sup>363</sup> *Ibidem*.

Outros entrevistados também destacaram a inviabilidade da adoção do regime em Minas, arregimentando argumentos muito semelhantes: o ambiente contrário ao profissionalismo (a cultura belo-horizontina), a falta de público e a escassez das rendas.

Entretanto, logo no mês seguinte à proposição da enquete, em que o próprio *Estado de Minas* se posicionava contrário ao novo regime, as opiniões paulatinamente começavam a mudar. O êxodo de jogadores parecia incomodar cada vez mais: “O Fluminense F.C, o grande clube carioca que foi um dos pioneiros da implantação do profissionalismo no Rio, ao que parece não quer mesmo deixar nossos ‘cracks’ em paz”<sup>364</sup>. No dia 15 de março, o periódico estampou uma grande manchete que parece ter configurado o fato do êxodo como um dos protagonistas das transformações argumentativas que se processariam (FIG.13).

Figura 13: A imigração dos craques mineiros.

**Com a ida de Nariz, ante-hontem ; Gustavo, hontem ; Brant, Ralph e talvez outros hoje, está se consummando a immigração dos “cracks” mineiros «» «» «» attrahidos pelo profissionalismo carioca «» «» «»**

Fonte: *Estado de Minas*. 15 de mar. 1933, p.8.

Dias depois, uma reportagem do *Estado de Minas* se dedicou a enumerar inúmeros problemas na organização do futebol amador de Belo Horizonte. Atrasos para o começo dos jogos, que chegavam a duas horas em relação ao horário previsto; árbitros escolhidos de última hora; e a frequente atitude dos clubes em abandonar o campo, “deixando a assistencia na mão”, foram algumas das situações mencionadas. O texto questionava: “[...] que se poderá concluir dos nossos pretensos amadores”<sup>365</sup>? Naquele momento, já se podia perceber uma inversão discursiva que impugnaria as vantagens do amadorismo. Outro trecho da mesma reportagem ainda traria outros elementos para se compreender as mudanças de enfoque:

[...] todos as nossas observações tem um proposito muito claro e bem elevado, zelar pela moral do nosso esporte: engrandecel-o aos olhos dos nossos dois grandes centros – S. Paulo e Rio – para que depois não se diga que nós, desportistas mineiros, só sabemos applaudir em um campo de futebol – sururus, pescoções e caneladas<sup>366</sup>.

<sup>364</sup> DEIXEI o Villa Nova e vou ingressar como profissional do Fluminense do Rio... *Estado de Minas*. 15 de mar. 1933, p.8.

<sup>365</sup> ESTADO de Minas, 29 de mar. 1933, p.8

<sup>366</sup> *Idem*.

O amadorismo mineiro, pouco tempo antes descrito como “sô”, “honesto” e “honroso”, como uma salvaguarda para as mazelas do recente profissionalismo, passava a ser criticado pela desorganização e pela violência. Observa-se o receio de que o futebol mineiro fosse visto como vergonhoso pelos “nossos grandes centros – S. Paulo e Rio”, cidades que já haviam implantado o profissionalismo; regime que outrora fora bastante criticado nas páginas do mesmo impresso.

A publicação desta reportagem, possivelmente, não foi despropositada. Em princípios de abril o *Estado de Minas* assinalava a “victória do futebol remunerado”<sup>367</sup> (FIG.14).

Figura 14: As vantagens do profissionalismo no futebol carioca

**A primeira exhibição de quadros profissionaes do Rio patenteou, de modo muito expressivo, as vantagens indiscarçaveis do novo regime do futebol carioca**

Fonte: A victoria do futebol remunerado. *Estado de Minas*. 05 de abr. 1933, p.8

A reportagem assinalava a exportação de jogadores brasileiros para o estrangeiro: “Do Rio, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Innumeros são os futebolistas que tem abraçado o profissionalismo em terras estrangeiras”<sup>368</sup>. O texto propunha a implantação do futebol remunerado como forma de se evitar o êxodo de “cracks”. No entanto, a centralidade da notícia se deslocava para a alta renda do jogo realizado entre os quadros do Vasco da Gama e do América, “a maior desses últimos tempos em partidas amistosas”. Segundo a publicação, o jogo ocorreu em um ambiente de destacada disciplina, que contou com o “entusiasmo do público”. O jogo de profissionais foi mencionado como uma “nova phase de progresso do esporte brasileiro”; “a inovação do nosso futebol”; a “victoria do profissionalismo no Brasil”. O texto ainda destacava: “[...] o povo compreendeu bem a finalidade com surgiu a entidade profissional”<sup>369</sup>.

A partir desse momento, o *Estado de Minas* seria um defensor ferrenho do profissionalismo em Minas Gerais. Com a mudança de perspectiva do periódico, o presidente do América, Clóvis Pinto, que ainda mantinha sua opinião contrária ao amadorismo, foi incisivamente criticado pelo jornal. Uma das reportagens anuncia que o referido presidente pretendia dissuadir os outros clubes de se pronunciarem favoravelmente ao novo regime: “[..] É esse, positivamente, um desserviço que o presidente americano quer prestar ao esporte,

<sup>367</sup> A VICTORIA do futebol remunerado. *Estado de Minas*. 05 de abr. 1933, p.8.

<sup>368</sup> Idem.

<sup>369</sup> Idem.

impedindo-o de progredir, forçando-o a permanecer na rotina em que caminha, a retrogradar”<sup>370</sup>. O texto em questão é bastante representativo da rápida mudança de opinião do periódico (de janeiro a março) acerca da implantação do regime profissional.

[...] O profissionalismo só tem vantagens. Para a torcida oferecerá exibições de um futebol forçosamente superior. O regimen a que terão de submeter-se os ‘cracks’ a presença dos ensaios obrigatórios, acarretarão maior ajuste das linhas de ataque e de defesa dos quadros. As penas a que terão de sujeitar-se em seu próprio benefício, e que não visa ser sinão moralizar o futebol, evitarão os ‘sururus’ e todos esses outros aborrecimentos que constituem fundado desejo do publico nas vésperas dos jogos. Pergunte-se a qualquer torcedor si prefere assistir a uma partida regular em todos os sentidos disputada por profissionaes, ou a uma cheia de incidentes desagradáveis, em que competem amadores e, o mais das vezes falsos amadores... Em resumo, somos de opinião que si as ‘demarches’ obedecerem a uma orientação segura, se chegará a um bom termo essa campanha profissionalista já iniciada. E por que não se haverá de leval-a ao fim, já que tem finalidades tão nobres?<sup>371</sup>

Nesse momento, o profissionalismo assumia as características nobres antes representativas do amadorismo. Havia também o destaque para a possibilidade do fim do amadorismo marrom, o que ressaltava que essa prática era de conhecimento geral em Belo Horizonte. Os amadores, mesmo os que não receberam a condenação de falsos, foram descritos como protagonistas de “incidentes desagradáveis”. Em contrapartida, o profissionalismo evitaria as brigas, favoreceria a qualidade do espetáculo e a disciplina. Há também o desprezo a um dos principais entraves mencionados em momento anterior para a implantação do regime: o diminuto público e a insuficiência das rendas.

Ao contrário da crítica proferida ao presidente do América, tido como propulsor de uma ação retrógrada, o presidente do Atlético, Tomaz Naves, favorável à implantação do profissionalismo, foi descrito como “operoso presidente, esportista de larga visão, homem de ação”<sup>372</sup>. De acordo com a reportagem em questão, “outra coisa que entra pelos olhos é que o profissionalismo melhorará cento por cento a classe do nosso futebol. Assistiríamos exibições do verdadeiro e empolgante soccer”<sup>373</sup>. A dita melhoria estava relacionada à crença no desaparecimento dos frequentes “sururus”, “chegado a constituir raridade a sua não verificação em jogos importantes”, das discussões de jogadores com juízes, da demora “excessiva e desabusada das partidas, em inobservância completa aos horários estabelecidos

<sup>370</sup> O SR. CLOVIS Pinto promoverá uma reunião... Estado de Minas. 27 de abr. 1933, p.8.

<sup>371</sup> *Idem*.

<sup>372</sup> RETIRO S.C disposto a collaborar... Estado de Minas. 27 de abr. 1933, p.8.

<sup>373</sup> *Idem*.

para a orientação do público, etc, etc..." Estas situações foram veiculadas como promotoras da "decadência do association bellorizontino"<sup>374</sup>.

Diante de uma interessante inversão discursiva, o profissionalismo se conformaria, então, como a solução para todos os problemas gerados pelo amadorismo. E, nesse caso, o presidente do Atlético, considerado o pioneiro da mudança em Minas, seria constantemente mencionado pelo *Estado de Minas* como o salvador do futebol mineiro. Várias edições do impresso reproduziram as suas ideias. Em uma delas, publicada em princípios de maio, Tomaz Naves já considerava o regime do "futebol remunerado" vitorioso em Belo Horizonte, assinalando o apoio dos clubes Palestra e Retiro, "os quaes demonstrarão dentro de pouco tempo o que é esse advento esportivo e quanta satisfação trará ao nosso público". Ainda, nas palavras do presidente: "Tardo, lento e duvidoso será o andar daquelles que não quizeram acompanhar a grande realidade; joviaes, sorridentes e expansivos viverão os que se congregarem em torno da ideia nova, que é honesta, que é nobre, e que, antes de tudo, regeneradora"<sup>375</sup>.

Em outra edição, Tomaz Naves foi apresentado como "illustre e dedicado"; uma figura que, pela sua atuação, "se tem posto em singular relevo no nosso scenario esportivo"; "homem de acção, esportista inteligente e de larga visão". De acordo com a reportagem, o dirigente atleticano considerava "a adopção do profissionalismo como um acontecimento muito natural, numa phase da nossa evolução esportiva"<sup>376</sup>.

[...] profissionalizar o player é dignificar o seu jogo. E no foot-ball é que mais se salienta a intelligencia e a destreza do *sportman*, cujos músculos do corpo todo maravilham pela euritmia. É este, cujo estímulo vamos provocar com mais vehemencia, que se deve [...] garantir, por meio de contrato, não só a manutenção como os riscos por acidentes ocorridos. É um benefício que se presta ao 'player', alma-mater da organização esportiva, porque sem 'team' não se tem associado e nem assistencia. De nada valem o nome pomposo do clube nem as suas decantadas tradições. Os componentes do 'team' é que realizam tudo o que possa concorrer para o engrandecimento da associação, razão mais do que justa para que participem de suas rendas, embora nunca sejam elas empregadas senão em benefício da própria corporação<sup>377</sup>.

Estes trechos da reportagem demonstram como valores atribuídos a algumas palavras mudaram de sentido. A dignidade, antes considerada uma condição valorativa do jogador que recusava a receber dinheiro, tornava-se um ganho da profissionalização. Evolução

<sup>374</sup> *Ibidem*.

<sup>375</sup> A IMPLANTAÇÃO do profissionalismo em Bello Horizonte. *Estado de Minas*. 07 de mai. 1933, p.6.

<sup>376</sup> O DR. TOMAZ NAVES considera a implantação do profissionalismo... *Estado de Minas*. 10 de mai. 1933, p.6.

<sup>377</sup> *Idem*.

e progresso também adquiriram outra significação. Antes atrelados ao esporte amador como condição importante para se adentrar à modernidade, nesse momento passavam a representar “a nova organização esportiva” prometida pelo profissionalismo. Percebe-se também que o amadorismo, ao perder suas características “modernas”, passou a ser veiculado como tradição, no sentido pejorativo de algo obsoleto. Entretanto, vale observar que esses discursos, embora tenham sido fortemente proferidos no principal jornal mineiro, não surtiram efeito em todos os lugares e para todas as pessoas. Ser jogador de futebol profissional ainda continuou interpretado como algo mal-visto por parte da sociedade mineira.

Diante da forte campanha em prol do regime profissional, a contrariedade do clube americano se manifestou até o momento em que os outros principais clubes mineiros resolveram, de fato, aderir às ações do Atlético e implantar o profissionalismo no estado, em uma reunião realizada na casa de Tomaz Naves. No intuito de não provocar mais uma nova cisão no futebol mineiro e “quebrar a harmonia do esporte”<sup>378</sup>, o clube alvi-verde resolveu aceitar o regime, implantado em Minas Gerais em 31 de maio de 1933<sup>379</sup> (FIG.15).

Figura 15: anúncio do profissionalismo em Minas Gerais



Fonte: Estado de minas, 31 de mai. 1933, p.8.

A produção textual que acompanhava a manchete noticiava que Belo Horizonte havia recebido “com extraordinária vibração esportiva, a notícia da implantação do profissionalismo no nosso futebol [...] A necessidade do progresso, o processo mais lógico da evolução teve compreensão exacta”<sup>380</sup>.

<sup>378</sup> A RENUNCIA da directoria do America. Estado de Minas. 2 de jun. 1933, p.6.

<sup>379</sup> Ao contrário do C.A. Paulistano, da cidade de São Paulo, o América, mesmo sendo discordante do novo regime, resolveu aderir ao formato profissional e não abandonar o futebol. Uma pesquisa mais aprofundada, nesse caso, poderia ser interessante no intuito de verificar a permanência do clube mineiro, já que, assim como o clube paulistano, o América também possuía departamentos de outras modalidades esportivas, as quais poderia se dedicar.

<sup>380</sup> ASSIGNALADA, enfim, a victoria integral da campanha... Estado de Minas. 31 de mai. 1933, p.8.

[...] De outro assunto não se cuidava nas rodas esportivas. Fervilhavam os commentarios. A medida provocou entusiasmo, fez bulha enorme, como não podia deixar de succeder. Para que o recebimento da notícia inopinada se revestisse por caracteres taes, contribuíram a sua própria natureza de sensacional e o proprio imprevisto de seu apparecimento. Implantado o profissionalismo no futebol de Minas! Ainda há pouco, isso dito, constituiria uma heresia quase. Paulatinamente a apreciação da realidade dos factos operou mudança favorável nos modos de observação. A medida já era encarada com mais benevolência, por effeito da exposição, si bem que moderada, da conveniência de sua adopção como pela representação das figuras que punham á festa da campanha profissionalista. [...] Até a hora derradeira de consummação do gesto louvável, não faltaram os retrógrados a bradar, a pregar no deserto as suas idéas inaceitáveis [...] O essencial, porém, é que a última palavra foi dada, com acerto innegavel, repudiando a opinião conservadora<sup>381</sup>.

Uma questão importante emerge deste trecho: o recurso do imprevisto no anúncio da notícia como forma de fomentar a aceitação do novo regime pelo público, até então pouco convencido de suas benesses. Por um lado, pode-se pensar que a surpresa da notícia, vinculada a uma série de supostas melhorias do profissionalismo, promovida pelo próprio jornal, tenha se constituído em uma estratégia que, de alguma forma, neutralizou a opinião pública, na medida em que as pessoas foram surpreendidas. Por outro lado, pode-se pensar que o próprio jornal foi quem neutralizou opiniões contrárias, anunciando a aceitação do novo regime como um consenso na cidade. Também se destacava, novamente, a vinculação do amadorismo a algo retrógrado e conservador.

O movimento que ocorria em solo mineiro ganhou destaque no periódico carioca *Jornal dos Sports*. A manchete “O profissionalismo em Minas ganha terreno” antecedia uma produção textual que enaltecia o êxito do regime profissional regulamentado no Rio de Janeiro e em São Paulo e sinalizava Minas Gerais, “com Bello Horizonte á frente, na berlinda”<sup>382</sup>. A reportagem destacava as atitudes antecessoras de Atlético e Palestra, que já haviam sinalizado apoio ao regime, e informava a adesão do Siderúrgica, grêmio da cidade vizinha de Sabará:

[...] vem de surgir outro núcleo desassombrado, a bradar em prol do regimen moralizador. É o S.C Siderurgica que se levanta, fazendo causa commum com os vanguardeiros do sport nas ‘Alterosas’! [...] É mais uma adhesão para os profissionalistas e... Uma nova decepção para os amadoristas...<sup>383</sup>

<sup>381</sup> *Idem*.

<sup>382</sup> CANDIOTA, João de Deus. O PROFISSIONALISMO em Minas ganha terreno. *Jornal dos Sports*, 24 de mai. 1933, n.676, p.4.

<sup>383</sup> *Idem*.

Dias depois o mesmo periódico anunciava: “Também Minas implanta o profissionalismo”<sup>384</sup>. O texto informava que a oposição do América havia sido vencida: “Após longa e amistosa discussão, o dr. Clóvis Pinto, presidente do América, único club que se oppunha ao novo regimen, concordou finalmente com as razões apresentadas pelos seus co-irmãos, tornando-se, assim, vitoriosa a campanha”.

As ultimas notícias recebidas de Bello Horizonte são as mais optimistas possíveis no tocante á adhesão do adiantado centro sportivo, ao profissionalismo. O movimento, apoiado de princípio apenas pelo C.A. Mineiro e depois pelo Palestra, alastrou-se de tal forma que afinal, na noite de segunda-feira ultima, tornou-se integralmente vitorioso por occasião de uma reunião de realizada nesse dia [...]. Na reunião previa ficou antecipadamente resolvida a inclusão na Divisão de Profissionaes dos Clubs Retiro e Siderurgica. Assim, a divisão ficará constituída de seis clubs seguintes: Athletico, Palestra, America, Villa Nova, Retiro e Siderurgica. De acordo com o entendimento firmado entre Athletico, Palestra, e a Liga Carioca, confirmando em officio desta, os clubs mineiros jogarão partidas no Campeonato Brasileiro [...]<sup>385</sup>.

As duas últimas reportagens demonstram algumas das características atribuídas ao profissionalismo naquele momento, por parte dos clubes que aderiram ao movimento e da imprensa. O regime moralizador, supostamente capaz de modificar as relações desonestas existentes no meio esportivo, era vinculado à predicados vanguardistas, inovadores. Minas Gerais, ao aderir à proposta, foi mencionado como um estado com “adiantado centro esportivo”. A manutenção do *status* de terceiro núcleo do esporte brasileiro, tão alardeado pelos impressos mineiros, sofreria abalos caso o jogo não acompanhasse as resoluções de Rio de Janeiro e São Paulo, os dois primeiros centros esportivos veiculados pela imprensa. Ao longo de toda a existência da capital mineira, os jornalistas, os intelectuais e os estadistas perseguiram formas de adequar a cidade e o estado às premissas da modernidade que eles vislumbravam nas cidades brasileiras supracitadas e na Europa. O desenvolvimento dos esportes foi incentivado como um dos meios possíveis de se alcançar tal intento e parâmetros de comparação sempre foram estabelecidos com as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. O futebol, principal esporte praticado em Belo Horizonte no período em questão, não poderia ficar de fora dessas prerrogativas de modernização.

Outro fato que merece destaque é a subordinação do futebol profissional mineiro à entidade gestora do futebol carioca, o que auxilia na compreensão das relações estabelecidas entre estes e outros centros esportivos. Pode-se inferir que os rumos do futebol nacional

<sup>384</sup> JORNAL dos Sports, 2 de jun. 1933, n.684, p.6.

<sup>385</sup> TAMBÉM Minas implanta o profissionalismo. Jornal dos Sports, 2 de jun. 1933, n.684, p.6.

estavam circunscritos às tomadas de decisões dos principais clubes do Rio de Janeiro. A decisão de oficializar o regime não cabia apenas aos gestores mineiros, já que estava posta uma relação de dependência: “A Liga Carioca tomou conhecimento dos telegrammas [...] do C.A. Mineiro, de Bello Horizonte, em que comunicam a implantação do profissionalismo naquela cidade e deliberou oficial-lhes, enviando cumprimentos”<sup>386</sup>.

No entanto, a adoção do regime ainda enfrentaria alguns problemas em seu início. O América, ainda contrariado, comunicou que participaria do certame de profissionais com uma equipe amadora, ou seja, sem realizar contratos com os seus jogadores. Esta atitude não foi aceita pela A.M.E, entidade gestora do futebol mineiro naquele momento, que já havia estabelecido que todos as equipes deveriam apresentar os contratos firmados com seus jogadores antes do início do primeiro campeonato de profissionais. O *Estado de Minas* descreveu o clube como uma “exceção lamentável”, como “um tropeço à victoria do regime que se inaugura”<sup>387</sup>. O periódico receava que o início do torneio fosse prejudicado em razão da ação da diretoria americana. Porém, o clube acabou aceitando o regime de contratos e o campeonato pôde seguir seu curso. Vale ainda ressaltar que a diretoria do América apresentou um pedido de renúncia ao Conselho Deliberativo do clube após a efetivação do profissionalismo no estado: “Torna-se excusado fristar, [...] que continuamos condenando o novo regimen. E, por isso, depois do cumprimento de nossa obrigação, e convencidos de termos agido com acerto, abandonamos nossos cargos”<sup>388</sup>. O cumprimento da obrigação a que se referiu o presidente Clóvis Pinto em sua declaração era o de aceitar o profissionalismo para que não ocorresse uma nova separação no futebol mineiro.

Pelo que indicam as reportagens do *Estado de Minas* e também do jornal *A Tribuna*, os imbróglios presentes no momento de implantação do regime profissional permaneceriam com o passar dos meses. O profissionalismo traria outras demandas, outros problemas e, com isso, exigiria novas formas de solução. As recentes transformações do jogo trariam questões que, se não eram de todo inéditas, ao menos demandariam novas estratégias de abordagem. Brigas entre torcedores, jogadores e dirigentes; casos de suborno; problemas de diversas naturezas envolvendo árbitros; denúncias de omissão das entidades gestoras do futebol; dentre outras situações, comporiam um cenário que, na prática, tornou-se muito mais difícil de organizar e regulamentar do que preconizavam anteriormente os idealizadores do regime. Os problemas se intensificavam à medida que as demandas do profissionalismo

<sup>386</sup> A LIGA carioca felicita o football mineiro. Jornal dos Sports, 09 de jun.1933, n.680, p.4.

<sup>387</sup> A NORMALIDADE do início da temporada profissional... Estado de Minas. 14 de jun.1933, p.8.

<sup>388</sup> A RENUNCIA da directoria do America. Estado de Minas. 2 de jun. 1933, p.6.

aumentavam e abarcavam novas necessidades. O “enterro” do amadorismo pelos grandes clubes significava progresso, mas também a adequação a uma nova realidade e a consecução de novas atitudes.

Pode-se inferir que a mudança rápida de regimes, capitaneada por uma repentina mudança de opinião do jornal *Estado de Minas* e de alguns clubes, especialmente o Atlético, possui relação com o vislumbre dos lucros gerados no cenário profissionalista carioca, pauta que já estava presente no jornal em se tratando do contexto argentino. Logo após o impresso noticiar o alto valor das rendas dos jogos e a adesão do público como uma vitória do novo regime no Rio de Janeiro, houve uma mudança expressiva no enfoque dado ao contexto mineiro, com uma proliferação de reportagens favoráveis à profissionalização. Além da preocupação com o êxodo dos craques, o novo mercado que emergia e se mostrava vantajoso modificou todo o aparato discursivo em pouco tempo. Apenas uma reportagem publicada pelo *Estado de Minas*, dois dias após a mudança, assinalava uma das dificuldades que o regime profissional enfrentaria, a exemplo dos antigos entraves que se mencionavam anteriormente – público e renda – e que parecia terem sido esquecidos com as promessas do profissionalismo. Paradoxalmente, o jornal declaradamente apoiador do regime, justificando-o como “um remédio para o mal da decadencia do nosso futebol amador”<sup>389</sup>, publicou um texto em que questionava a capacidade dos clubes em remunerar os seus jogadores.

Discute-se agora com insistência a implantação do profissionalismo sob uma nova face, talvez a mais directa: a remuneração dos jogadores. A propósito disso, lembra-se em primeiro lugar a situação financeira dos nossos clubes, que, com raras excepções, está longe de ser desafogada para não dizer que é de aperturas. Como, pois, remunerar jogadores se há falta de dinheiro? Na realidade o caso é interessantíssimo e sugere múltiplas considerações em torno de si. Sabemos que há o propósito, se bem que não por parte de todos os clubes profissionalistas, de não pagarem aos seus ‘cracks’ como é de direito e justiça. Ficarão estes sujeitos às exigências do contrato, que terão de ser grandes, forçosamente, e nenhum proveito tirarão, apesar disso. Francamente, essa hypothese que constitue uma intenção não pode vir a verificar-se. Em primeiro lugar porque os jogadores provavelmente não se conformarão com semelhante estado de coisas. Ser amador profissional ainda é razoável, o que se via muito e ainda se vê. Mas essa história de ser profissional amador, nunca!... [...] Nós estamos no regime profissional. [...] Evidentemente, essa história descamba para o terreno das coisas engraçadas... Mas alguma coisa sahirá, de certo, de toda essa confusão... Esperemos pelo que será<sup>390</sup>!

Na década de 1940 já era possível encontrar um meio futebolístico repleto de situações ímpares e complexas, algumas delas talvez inimagináveis em maio de 1933, quando

<sup>389</sup> ASSIGNALADA, enfim, a victoria... Estado de Minas. 31 de mai.1933, p.8.

<sup>390</sup> NO QUE diz respeito á remuneração. Estado de Minas. 2 de jun. 1933, p.6.

o presidente do Atlético, Tomaz Naves, propagandeou a melhora do futebol mineiro e a resolução de alguns dos problemas mencionados por meio do profissionalismo. Alguns exemplos ocorridos no segundo semestre do ano de 1933 são indicativos de situações que se tornariam uma preocupação constante nos anos posteriores. Uma delas se refere a uma briga travada entre representantes do Atlético e do Esporte (da cidade de Juiz de Fora), por ocasião da realização do primeiro campeonato mineiro de profissionais de 1933<sup>391</sup>. Ao final de um dos jogos, realizados na cidade do interior, o Atlético Mineiro produziu inúmeras críticas acerca do tratamento recebido por sua delegação. A falta de uma recepção adequada à equipe quando de sua chegada à Juiz de Fora e a profusão de vaias durante a partida irritaram sobremaneira os dirigentes do clube da capital, resultando no anúncio radical de que este clube não mais disputaria jogos em Juiz de Fora. Os conflitos gerados estiveram presentes em inúmeras edições do *Estado de Minas*, demonstrando o desconforto existente.

A nossa situação esportiva atravessa um momento de indisfarçável delicadeza. Muito ao contrário do que seria de desejar, a disputa do campeonato mineiro de futebol profissional não se tem revestido de caracteres de normalidade tão necessária, imprescindível para o prosseguimento do certame, que determinaria a realização de outros futuros tão ou mais brilhantes do que o presente, no que respeita a exibições de ordem technica dos novos actuaes concurrentes<sup>392</sup>.

Para além do embate interno entre o Atlético e o Esporte, episódios de violência eram frequentemente relatados, envolvendo os clubes da cidade de Belo Horizonte e de Juiz de Fora, assim como, da cidade de Nova Lima. Sobre o primeiro caso, uma reportagem demonstrava preocupação com os possíveis desfechos dos “sururus”.

Bello Horizonte e Juiz de Fora, toda a vez que em canchas de nossa Capital e da Manchester se ferem partidas reunindo antagonistas das duas cidades, têm presenciado a spectaculos verdadeiramente deprimentes, quais sejam os tristes e conhecidos ‘sururus’, as proporções dos quais vêm se tornando verdadeiramente alarmantes, inspirando o temor de acontecimentos cuja gravidade seja bem maior, e muito em breve<sup>393</sup>.

Em relação ao segundo caso, uma notícia do *Jornal dos Sports* veiculou uma briga ocorrida na partida entre as equipes do Villa Nova e do Retiro, ambas da cidade de Nova

---

<sup>391</sup> Três equipes de Juiz de Fora, o Esporte, o Tupy e o Tupynambas participaram do campeonato mineiro de profissionais no ano de 1933, além das equipes do América, Palestra, Atlético, Villa Nova, Retiro e Siderúrgica.

<sup>392</sup> PRIMEIRO a reorganização, depois o estabelecimento da ordem. Estado de Minas. 21 de out. 1933, n., p.10.

<sup>393</sup> *Idem*.

Lima. O texto, intitulado “As occurrences lamentáveis do match”<sup>394</sup>, fornecia indícios de práticas que já acusavam uma gravidade considerável. A reportagem se incumbia de informar que o árbitro responsável pela peleja não havia falecido em razão das consequências violentas do jogo, que foi interrompido com a anulação de um gol e com as agressões proferidas ao juiz por um jogador do Villa e pela assistência que invadiu o campo, “generalizando-se o conflicto”.

[...] Realmente, aquella peleja não chegou ao seu termino, com consequencia da anulação de um goal do Villa Nova. Entretanto, o que houve não passou de uma occurrence, infelizmente já usual nos campos de football e cujas consequencias não foram além de alguns arranhões na disciplina [...]. O sr. Antonio Silva Pinto, do Club Athletico Mineiro, que foi o juiz do accidentado encontro, acha-se são e salvo, nesta capital<sup>395</sup>.

O jornal *A Tribuna* também dedicaria inúmeras de suas páginas no intento de problematizar situações que aconteciam no recém-criado regime, destacando mudanças e permanências em relação ao período amador. Uma das reportagens chegou a questionar onde estaria a tão apregoada melhoria de padrão do futebol com o advento do profissionalismo<sup>396</sup>. Várias foram as menções críticas, enaltecidas em frases do tipo: “[...] tempos de corrida atraç do dinheiro é muito mais seria que atraç da bola [...]”<sup>397</sup>; “[...] mas agora os tempos são outros e outros os amores”<sup>398</sup>; “dedicações que não se compram mais com homenagens e palavras de affecto”<sup>399</sup>; “as medalhas de fim de anno foram substituídas pela moeda de todo dia”; “hoje um clube é um estabelecimento que explora um negócio”<sup>400</sup>, “[...] e o vínculo do interesse é o dinheiro, até que a moeda seja exticta”<sup>401</sup>. Em um artigo específico, opinava-se sobre a necessidade de se mudar a mentalidade e adequá-la ao novo regime, porque esta nova mentalidade era a do próprio século: “Trazer para o momento actual a mentalidade de hontem (e hontem nunca esteve tão próximo de nós como nesse passo que representou a mudança do nosso regimen esportivo), não é só um erro, é um crime”<sup>402</sup>.

No manifesto destas opiniões, o jornal se ocupou em várias ocasiões com relatos sobre confrontos violentos observados entre torcedores, jogadores e juízes. As constatações

<sup>394</sup> AS OCCURRENCIAS lamentaveis do match Villa Nova x Retiro. Jornal dos Sports. 24 de out. 1933, n.805, p.1.

<sup>395</sup> *Idem*.

<sup>396</sup> EM POCAS linhas. A Tribuna. 22 de agost. 1933, n.111, p.5.

<sup>397</sup> AS FORÇAS que triumpham. A Tribuna. 07 de set. 1933, n.126, p.5.

<sup>398</sup> EM POCAS linhas. A Tribuna. 18 de agost. 1933, n. 108, p.5.

<sup>399</sup> EM POCAS linhas. A Tribuna. 23 de agost. 1933, n.112, p.5.

<sup>400</sup> *Idem*.

<sup>401</sup> *Ibidem*.

<sup>402</sup> *Ibidem*.

anteriores muitas vezes serviam de base argumentativa para justificar o comportamento dos personagens do futebol. Em um dos textos, ao abordar um dos episódios de violência, concluía-se: “A torcida carioca, paulista, mineira [...] é a mesma torcida. O futebol também, o mesmo. Porque nós caminhamos para o esporte universal. [...] Os 20 mil espectadores saltaram na cancha, para que seja decidida a victoria pelo muque”<sup>403</sup>.

Além das animosidades e violências mencionadas, um caso específico merece destaque: a tentativa de suborno conduzida por um árbitro paulista em Belo Horizonte. Cid Roso foi acusado pelos dirigentes do Siderúrgica de ter pedido 200\$000 antes do jogo contra o Atlético para que o grêmio sabarense obtivesse “maiores probabilidades de vencer o jogo”<sup>404</sup>. O árbitro havia feito a proposta na presença do técnico do Siderúrgica que, na ocasião, também era redator de um dos periódicos belo-horizontinos, o *Diário da Tarde*. A notícia logo se espalhou pelos círculos esportivos da capital e a “directoria do Athletico teve, nesse mesmo dia, conhecimento do que se passara”<sup>405</sup>. Segundo a reportagem, os dirigentes do referido clube fizeram o árbitro paulista “desocupar o logar que ocupava nos dormitórios do estádio ‘Antônio Carlos’, onde vinha pernoitando”, fornecendo-lhes “meios de deixar a nossa capital, o que, de acordo com as informações que obtivemos, foi feita ante-hontem”<sup>406</sup>.

Na edição seguinte do *Estado de Minas*, ressaltava-se que a confirmação do fato havia determinado “no espírito público uma viva repulsa por indivíduo de sentimentos tão baixos”, que “emporcalhavam o meio esportivo da capital”<sup>407</sup>. Na reportagem ainda constava uma das possíveis falas de Cid Roso proferida durante a conversa com os dirigentes do Siderúrgica: “O profissionalismo é isto”<sup>408</sup>.

O intento do árbitro também foi narrado no *Jornal dos Sports*, por meio de informações enviadas pelo impresso mineiro.

O ‘Estado de Minas’, prestigioso órgão da imprensa de Belo Horizonte, ventillou revelações sensacionaes em torno de um acto de quasi incrível deshonestidade de um juiz. De forma mais desassombrada possível o sr. Rozo procurou os directores do Siderúrgica e lhes offereceu a derrota do Athletico com quem ia se bater aquele club, pela quantia de duzentos mil réis. [...] trazido, o caso ao conhecimento do publico, Cid Roso se viu forçado a deixar a capital montanhesa, ás pressas, afim de se livrar do merecido castigo<sup>409</sup>.

<sup>403</sup> EM POCAS linhas. *A Tribuna*. 08 de set. 1933, n.127, p.5.

<sup>404</sup> UM CASO inédito nos nossos esportes. *Estado de Minas*, 11 de out. 1933, p.8.

<sup>405</sup> *Idem*.

<sup>406</sup> *Ibidem*.

<sup>407</sup> A DERRADEIRA e fracassada aventura de Cid Roso. *Estado de Minas*, 12 de out. 1933, p.6.

<sup>408</sup> *Idem*.

<sup>409</sup> QUERIA 200\$000 para garantir a derrota do Athletico Mineiro. *Jornal dos Sports*, 18 de out. 1933, n.800, p.4.

A conduta de Cid Roso já havia sido debatida em outra circunstância do campeonato mineiro, quando o árbitro agrediu um “rapaz aleijado na noite de chegada do Palestra a Juiz de Fora”, por ocasião da partida que ele iria conduzir. O fato constituiu “motivo para detenção pela polícia”: Roso “passou a noite no xadrez, de que foi retirado no dia seguinte [...] para dirigir o prélio”<sup>410</sup>.

A história de Cid Roso e as outras narrativas mencionadas oferecem parâmetros interpretativos que extrapolam os próprios fatos sinalizados. Demonstram um contexto que estaria ainda muito próximo do amadorismo marrom que fora tão combatido por suas corrupções e por suas características obsoletas. Na prática, pouco havia se modificado. As prerrogativas de uma racionalidade anunciada conviviam com a parcialidade das relações. O árbitro agredido no prélio Retiro x Villa Nova foi apresentado na reportagem como pertencente ao quadro de sócios do Atlético. Roso, antes de ter seu ato ilegal descoberto, hospedava-se no alojamento do Estádio Antônio Carlos, também do Atlético. Na ocasião de sua prisão, foi retirado da delegacia por Nello Nicolai, diretor esportivo do Palestra.

Estes são apenas alguns exemplos demonstrativos de um profissionalismo que se firmou pelo discurso, mas que em sua concretude cotidiana ainda se mantinha refém de relações estabelecidas anteriormente, ainda arraigadas na cultura futebolística belo-horizontina e mineira. Situações como estas seriam ainda mais perceptíveis na década de 1940. A organização prometida pelo profissionalismo se esbarrava em problemas de variadas ordens. Aliás, a mudança de regimes não implicou um rompimento imediato com os costumes de jogadores, torcedores, árbitros e dirigentes, como pronunciavam alguns dos defensores do profissionalismo. Ao contrário, os problemas tornaram-se mais visíveis no decorrer dos anos, seja por um real aumento nas ocorrências de casos como os mencionados anteriormente, seja por uma escolha dos periódicos em dar maior visibilidade a estes episódios. Sobre a última possibilidade, não se pode negligenciar o fato de que o profissionalismo alavancou sobremaneira o mercado futebolístico, fato intrinsecamente relacionado à produção midiática acerca do jogo. Não à toa, a maior profusão de periódicos esportivos em Belo Horizonte se deu nos anos posteriores à adoção do regime, especialmente na década de 1940. Vale sinalizar que a maior parte deles tinha o futebol como temática principal.

Mediante os conflitos mencionados, discursos controversos eram publicados. De um lado, a certeza de que o meio futebolístico mineiro ainda era “puro”, “sem infecções”<sup>411</sup>

<sup>410</sup> A DERRADEIRA e fracassada aventura de Cid Roso. Estado de Minas, 12 de out. 1933, p.6.

<sup>411</sup> *Idem.*

como as do tipo Cid Roso. Por outro lado, a propagação de denúncias sobre “improperios e atitudes menos cavalheirescas”, que não se coadunavam com o “bom senso e a educação esportiva”<sup>412</sup>. A expansão do futebol e o reconhecimento da rentabilidade dos estádios cheios ainda convivia com o temor de se chocar as “famílias de pessoas de bom gosto, finas, educadas”<sup>413</sup>. As queixas do Atlético sobre a conduta do Esporte pareciam ter mais legitimidade pelo fato da equipe belo-horizontina ser composta de “estudantes, advogados, médicos e tudo o que ha de mais fino”<sup>414</sup>.

Em síntese, retomando a questão principal do capítulo, pode-se inferir a existência de pelo menos quatro vias explicativas para a adoção do profissionalismo no Brasil (considerando o pioneirismo do Rio de Janeiro), o que abarca também o caso da cidade de Belo Horizonte: 1) a popularização do futebol, que resultou em mudanças importantes, como o aumento do público assistente, a racionalização do jogo e a investida midiática e nacionalista na sua promoção como espetáculo e símbolo pátrio; 2) o desgaste do “amadorismo marrom” e a necessidade de se distinguir os dois regimes como uma forma de moralização; 3) o êxodo de jogadores brasileiros para o exterior seduzidos pela oferta de benefícios e salários, assim como, o reconhecimento da rentabilidade que o regime profissional proporcionava em outros países; 4) as disputas de poder entre dirigentes de clubes e entidades gestoras propulsionadas pelo incremento do campo esportivo. Estas quatro vias se interligaram e confluíram para formar um dos maiores mercados esportivos gestados no Brasil.

Em Belo Horizonte, todas essas possibilidades foram perceptíveis, umas com mais intensidade do que outras. As decisões promulgadas em 1933 e seus respectivos imbróglios estariam presentes em toda a década seguinte, o que conformou uma tentativa constante de se organizar o futebol na capital mineira. Controvérsias discursivas e proposições normativas seriam pontos centrais nas narrativas da imprensa belo-horizontina acerca do futebol. Questionamentos seriam postos em evidência: formação e particularização (amadorismo) ou mercado e expansão (profissionalismo)? Embora aparentemente estas questões pareçam paradoxais, ambas estavam intrinsecamente relacionadas a uma moral da rentabilidade, do controle e da eficácia.

---

<sup>412</sup> JUSTOS. EDUCAÇÃO esportiva. Estado de Minas. 21 de out. 1933, n.49.772, p.6.

<sup>413</sup> *Idem.*

<sup>414</sup> *Ibidem.*

### 3 A DUBIEDADE AMADORISMO-PROFISSIONALISMO EM BELO HORIZONTE NA DÉCADA DE 1940: LUGARES, MESCLAS, INTERCÂMBIOS E POSSIBILIDADES

O futebol, como visto no capítulo 1, já lograra um espaço importante na cultura belo-horizontina. Importante e, pode-se dizer, irreversível. Era o esporte que mais ocupava as páginas dos jornais e que mais movimentava as paixões do grande número de torcedores que se formou ao redor dos esquadrões clubísticos. No caminho de sua profissionalização, bastante impactado pelas experiências de outros lugares, como Rio de Janeiro e Buenos Aires, distanciou-se sobremaneira de outros esportes. Esse distanciamento, em realidade, já estava em andamento muito antes da implantação do regime profissional, estando imbricada à própria expansão e popularização do jogo e à ressignificação de práticas e costumes que os defensores do “amadorismo aristocrático” entendiam como pouco condizentes com os princípios educativos do esporte. Dizer que esta expansão foi propiciada apenas pelo profissionalismo é reduzir demasiado o fenômeno futebolístico.

De um modo geral, pode-se dizer que não houve uma transição de um estado amador para um estado profissional, pois ambos os formatos continuaram existindo e convivendo entre si. O advento do profissionalismo não encerrou, assim, a versão amadora do futebol. Pode-se inferir que houve um forte processo de superposição e de ressignificação de valores. Nesta perspectiva, a utilização do termo transição pode comportar o sentido de passagem de uma coisa à outra, o que, de fato, pode ser pensado, em última instância, somente em relação a determinados clubes que encerraram suas atividades amadoras e mantiveram, progressivamente, apenas os quadros profissionais. Ou, de outra forma, em relação às agremiações que, mesmo optando por manter suas atividades amadoras, centraram suas atenções (quase que exclusivamente) às demandas das equipes profissionais.

O paulatino desenvolvimento de um amadorismo popular foi uma das forças propulsoras do profissionalismo. Os sentidos do amadorismo aristocrático das primeiras experiências institucionalizadas do futebol em solo belo-horizontino transformaram-se para atender a outros interesses. O amadorismo manteve-se, mas suas bases fundantes se ressignificaram em conformidade com o novo contexto de expansão do esporte. Em termos de visibilidade e poder, pode-se dizer que o profissionalismo se sobrepujou ao amadorismo, que passou a ser compreendido como algo de menor importância.

A noção de distinção também se modificou. O poderio econômico e simbólico se transferiu, em parte, para o jogador mais bem remunerado e destacado midiaticamente

(caracteres normalmente proporcionais ao rendimento mensurado no campo), mesmo que sua origem social se encontrasse distante dos círculos mais abastados da sociedade. Na lógica do espetáculo, a distinção cedeu parte de seu caráter exclusivista (relacionado à participação restrita) e abriu-se a significações mais ampliadas, permitindo que a notabilidade do esportista e sua diferenciação em relação aos outros pudesse se manifestar a partir de outros predicados que não se resumissem à condição de *sportman*. Entretanto, isso não significa dizer que o valor atribuído à figura idealizada do esportista amador tenha desaparecido; ao contrário, no jogo permanente entre tradição e modernidade, entre referência história e inovação e entre seletismo e vulgarização, a manutenção de atitudes amadoras em tempos de profissionalismo foi um predicado enaltecido e valorizado. Ou seja, a distinção foi constantemente recriada.

Nesse ínterim, são muitos os aspectos a serem analisados no que tange ao período pós-implementação do profissionalismo. Neste capítulo, serão elencados alguns deles, divididos em categorias estabelecidas de acordo com as fontes encontradas, no intento de se buscar uma aproximação com situações que compuseram aquele contexto. Lamentavelmente, tantas outras histórias não poderão ser abordadas, devido aos limites do próprio trabalho de investigação. Para estas, outros momentos serão oportunos.

### 3.1 O controle do público: comportamentos e rentabilidades

Várias seriam as possibilidades de se pensar as transformações que se operaram nas características do público assistente. Algumas delas se mostraram bastante significativas nas páginas dos periódicos, tais como: a valoração do espetáculo condicionada ao número de pessoas pagantes; a mensuração da capacidade dos torcedores em demonstrarem identificação com o clube, por meio de manifestações de fidelidade e afeto; e a conformação, ancorada fortemente nos pressupostos anteriores, de um novo modelo de comportamento desejável para a torcida.

Tais caracteres também delinearam relações paradoxais. A paixão, marca que se tornou distintiva do legítimo torcedor a partir da expansão do jogo, conformou-se como uma mostra de identidade e lealdade, predicados essenciais no fomento e na veiculação de um esporte-espetáculo, na medida em que possibilitou a ampliação do público consumidor e a transmissão midiática de um empreendimento de sucesso. Por outro lado, a mesma paixão impulsionadora do espetáculo tornava-se objeto de investidas de controle, quando se ultrapassava o limite frágil que delimitava a viabilidade do excesso. Lyra Filho, primeiro

presidente do Conselho Nacional de Desportos, produziu alguns textos sobre o comportamento do torcedor de futebol que foram publicados no *Álbum de Vistas do Minas Tenis Club*, como mencionado no capítulo 1. Suas ideias se fundavam na necessidade de se orientar a torcida, no intuito de “ponderar as ondulações do entusiasmo, sem perde-lo na frouxidão comprometedora do instinto”<sup>415</sup>. O parágrafo único do art. 35º do C.N.D autorizava a intervenção da polícia nas praças esportivas, “quando solicitada pelo juiz ou outra entidade dirigente da competição”<sup>416</sup>.

Sob a égide das finalidades educativas e formativas do esporte, a paixão era tida como a antítese da racionalidade que se buscava na conformação de corpos habituados a uma ideia de nação forte e equilibrada, polida e discreta. Particularmente em Belo Horizonte, uma cidade que ainda se construía e que ansiava pela modernidade, este discurso seria significativamente importante. O futebol, também partícipe desse ideário, deslocou-se por outra via, aparentemente contraditória: a paixão, inimiga da razão moderna e das propostas de estadistas, intelectuais e jornalistas acerca da formação de um novo cidadão brasileiro, mais afeito aos princípios civilizatórios europeus, também serviu aos propósitos nacionalistas de unificação e de representação de um povo que se suporia identificar com um sentimento pátrio comum por meio das conquistas brasileiras no esporte. Uma identificação que seria fundamentalmente motivada por estratégias passionais, como abordado no capítulo 2 acerca das ações do governo de Getúlio Vargas, o que demonstra certa “contradição intencional”. Nesse ínterim, diferentes sentidos produzidos sobre a prática do futebol e que intentavam legitimar um comportamento ideal se intercruzavam.

O modelo inglês, amplamente veiculado na imprensa periódica mineira durante as décadas de 1930 e 1940 como o arquétipo do esportista por excelência, tornou-se fruto de uma das críticas produzidas no Jornal *Folha Esportiva* acerca do comportamento do torcedor em uma das partidas do campeonato mineiro: “Sob as vistas de um público displicente, pouco numeroso e sem nenhuma vibração. Pareciam, os próprios americanos, uma assistência britânica: assistiram ao ‘match’ assentados, fumando”<sup>417</sup>. Este exemplo, embora menos frequente do que as manifestações de elogio e admiração ao esporte britânico, contrastava as recomendações de Lyra Filho, o que demonstra as distâncias entre normativas e vivências cotidianas.

<sup>415</sup> FILHO, João Lyra. A arregimentação da torcida. Minas Tenis Clube: álbum de vistas, 1941, n.1, p.77.

<sup>416</sup> BRASIL. Presidência da República. Decreto-lei n.3.199, de 14 de abril de 1941.

<sup>417</sup> MELANCOLICA despedida. Folha Esportiva. 08 de out. 1946, s/n, p.1.

A busca excessiva pela vitória, razão que se tornou primordial nos embates esportivos, constituiu um dos fatores principais na transformação do comportamento dos torcedores. O acirramento das disputas clubísticas, já presentes em Belo Horizonte pelo menos desde a década de 1920 (SOUZA NETO, 2010), conferiu ao torcedor certo protagonismo na produção do espetáculo. As manifestações de violência como alternativa de demonstração do descontentamento pelo rendimento da equipe – que, paulatinamente, passava a representar no plano subjetivo a própria percepção identitária do torcedor que com a equipe aliava suas próprias expectativas de sucesso –; e a constatação, também subjetiva por parte do torcedor, de que ele se tornou componente do clube (no que tange ao direito de reagir frente a possíveis desagradados), incrementou a passionalidade das relações entre torcedor e agremiação.

Diante de uma derrota do quadro atletícano frente ao América, “não foram poucas as carteiras sociais rasgadas, os ataques á diretoria, os apuros aos profissionais da equipe”<sup>418</sup>. As simbologias que se prestavam a produzir identificações cada vez mais específicas e distintivas entre torcedor e clube eram destruídas na instantaneidade dos insucessos, para depois, em um novo e fugaz ímpeto de aceno vitorioso, serem novamente retomadas: o “Atletico seguiu para Uberaba. [...] o resultado: 3 x 0. O torcedor, aquele mesmo que rasgou a sua carteira, que gritou que o time não valia nada, proclama hoje [...] que o campeonato ainda será do Atlético. Que efeito maravilhoso possui o triunfo”<sup>419</sup>!

“As facetas do torcedor” conviviam com os novos ordenamentos organizacionais em voga, como a construção de cercas para separar o campo da arquibancada (o distanciamento entre torcedor e jogador) e as insistentes solicitações de adequação às normas de disciplina e segurança. Em uma das reportagens do *Estado de Minas*, publicada ainda no ano de 1933, “o nem sempre possível refreamento da torcida, coisa hoje universalmente comum”<sup>420</sup> foi utilizado como argumento para a construção de cercas em volta do campo.

Trata-se de ser feito com que os clubes cerquem o campo de futebol com forte tela, que impeça a invasão, causa principal das irregularidades verificadas em inúmeras partidas do campeonato brasileiro, carioca e paulista, não só, como no nosso. Não se trata de inovação sinão em nosso paiz e a medida nos parece de grande alcance, talvez com capacidade de evitar inteiramente a reprodução dos factos tão desagradáveis a que temos presenciado aqui e em outras paragens. No Rio, a imprensa occupa-se do assumpto, em Belo Horizonte, o reflexo de modo favorável como a medida foi recebida é bastante animador<sup>421</sup>.

<sup>418</sup> AS DUAS facetas do torcedor. *Diário Esportivo*. 09 de agost. 1945, n.3, p.3.

<sup>419</sup> *Idem*.

<sup>420</sup> ASSOCIAÇÃO Mineira de Esportes. *Estado de Minas*, 02 de nov. 1933, p.6.

<sup>421</sup> *Idem*.

No ano seguinte, 1934, o jornal *Folha de Minas* noticiou que o Atlético havia construído uma “cerca de tela grossa” ao redor de seu campo: “uma medida de grande alcance para evitar as invasões da torcida que davam em espetáculos tão tristes e, mesmo às vezes, tão graves”<sup>422</sup>. A reportagem mencionava o feito do Atlético como uma medida que deveria ser imitada pelos outros clubes da capital.

Contudo, esses mesmos torcedores manifestavam costumes próprios construídos em suas experiências anteriores com o futebol e com o torcer, em grande parte alheios às modificações de conduta e à moralização que os defensores do regime profissional advogavam. A construção de cercas, por exemplo, não seria capaz de conter as invasões de torcedores até, pelo menos, meados da década de 1940. Tradição e modernidade; costumes e mercado comporiam um cenário dúbio com diferentes manifestações. O “moderno”, ao mesmo tempo em que representava evolução, também poderia fomentar a “barbárie”. Já a tradição, imbuída de pureza, originalidade e referência histórica, pecava pelo atraso. Nesse “jogo”, o profissionalismo, entendido no momento de sua adoção como uma ação evolutiva, desencadearia episódios poucos condizentes com a modernização dos esportes e com a civilização das condutas apregoados naquele momento.

Um fato representativo aconteceu em um jogo entre América e Atlético no ano de 1945. O estádio Antônio Carlos estava “apinhado”, como descrito no *Diário Esportivo*, e no momento de espera de entrada das equipes, as torcidas protagonizaram uma peculiar guerra.

E como não começava o jogo principal, nem apareciam os times, eis que o corpo social atleticanos e a torcida do líder iniciaram uma terrível guerra de laranjas. Não se sabe bem como começou. O certo é que em poucos minutos, laranjas, cascós e bagaços eram atirados de um para outro lado, carimbando paletós, camisas, gravatas, chapeos, rostos e cabelos. Naquele aperto, cada um procurava se entrincheirar atrás de um cavalheiro mais robusto. Muitos tiraram o paletó, para livrá-lo de uma possível mancha. A polícia de dentro do gramado e as gerais deliciavam o espetáculo (aliás, pouco agradável para os seus participantes) [...]<sup>423</sup>.

Nesta reportagem percebe-se a divisão espacial estabelecida no estádio, o lugar do “corpo social” dos clubes e as “gerais”, lugar dos demais torcedores que pagavam um preço mais acessível. Essa divisão já estava presente na construção dos primeiros estádios belo-horizontinos da década de 1920, como demonstrou Souza Neto (2010). Curiosamente, a guerra de laranjas se iniciou no “corpo social”, protagonizada por cavalheiros que vestiam paletós e

<sup>422</sup> UM EXEMPLO digno de imitação. *Folha de Minas*. 16 de out. 1934, n.2, p.11.

<sup>423</sup> A GUERRA das laranjas. *Diário Esportivo*. 16 de agost. 1945, p.2. Vale destacar que “guerras” como estas já haviam sido descritas no ano de 1933 pelo jornal *A Tribuna* (05 de agost.1933, n.98, p.5).

usavam chapéus. Este fato pode ser um demonstrativo de que as novas significações presentes no futebol faziam parte de comportamento geral, o do torcedor de futebol, embora as distinções de classe (manifestadas, por exemplo, pelo lugar ocupado no estádio e pela vestimenta) ainda estivessem fortemente presentes naquele contexto.

Outras guerras não tão inofensivas eram, ao mesmo tempo, descritas nos jornais. A rivalidade clubística passou a ser assunto corrente nas abordagens sobre as manifestações de violência. Contrariando os prognósticos de Tomaz Naves, presidente do Atlético em 1933, e do jornal *Estado de Minas*, os episódios agressivos não diminuíram com o advento do profissionalismo. O recrudescimento das rivalidades foi em grande medida potencializado pelo incremento da espetacularização e da midiatização do jogo (via imprensa periódica e radiofônica). Esta circunstância pode ser identificada como um fator que ampliou a evidência aos clubes e acirrou identificações e partidarismos de seus adeptos. Elementos como fidelidade e honra, presentes nas formulações amadoristas de princípios do século XX, ressignificaram-se no novo contexto profissionalista, onde a vitória, a despeito da competição cordial, passou a ser legitimadora de tais predicados.

Em uma das reportagens anuncia-se que o futebol estava se enveredando por “caminhos perigosos”<sup>424</sup>. Com o alerta “qualquer dia vai sair tiro”, o texto denunciava que “torcedores inconscientes” estavam “provocando uma situação difícil para o nosso futebol”<sup>425</sup> e propunha a ação imediata das diretorias e, em último caso, da polícia. Ressaltava-se a passionaldade que envolvia o “futebol sensação, o futebol neurastenia”, pontos importantes para a vitalidade do jogo, porém, quando mantidos dentro dos limites que não resultassem em excessos e prejuízos.

O futebol é um poço de sensações, agita [...] os nervos do torcedor, provoca as manifestações mais variadas e múltiplas, entre alegres e retraídas, nostálgicas e ruidosas, indiferentes e expansivas. Livres para escolher as cores de sua simpatia, o torcedor grita à vontade, expande-se ruidosamente nas arquibancadas, quando o seu time preferido avança para o triunfo. Recolhe-se ao seu sentimento de desespero quando, contrariamente, vê o arco do seu clube vasado mais vezes pelo adversário superior<sup>426</sup>.

A reportagem mencionava como exemplo dos excessos as provocações realizadas entre torcedores, que extrapolavam os limites da boa convivência de outros tempos. Evocando um período anterior, remoto e abstrato, o texto relatava que as “manifestações de alegria e de

<sup>424</sup> CANELADAS. Diário Esportivo. 30 de agost.1945, n.6, p.5.

<sup>425</sup> *Idem*.

<sup>426</sup> *Ibidem*.

‘gozo’ não ultrapassavam os muros da cancha em que se realizava a partida”, estendendo-se por “rodinhas partidárias, nos clássicos pontos de reunião desse ou daquele clube, sem maiores agravos”<sup>427</sup>. Um dos lugares de encontro de torcedores mais divulgados pelos periódicos eram os cafés do centro da cidade, a exemplo do Bar do Ponto, já descrito em outra oportunidade. Outros estabelecimentos também se destacavam por esse propósito aglutinador, como o Café Palhares e o Trianon. Igualmente, a Praça Sete, localizada no intercruzamento de duas das principais avenidas de Belo Horizonte em seu ponto mais central, era um local privilegiado para esses encontros. Entretanto, “jamais um torcedor ia a própria cancha do ‘fan’ adversário para tripudiar sobre sua derrota”<sup>428</sup>. Para a publicação em questão, a ocorrência de tal acontecimento promovia uma desestabilização das relações entre os torcedores.

Um dos exemplos citados foi prática dos “enterros”, que consistia em simular o sepultamento da equipe adversária após a sua derrota: “Os americanos, após a última vitória sobre o Atletico, deixaram o Trianon, seu quartel general, fazendo uma passeata até a Praça 7, carregando um ‘caixão’”. O narrador manifestava temor pelo possível encontro do bando americano com algum grupo de atleticanos pelas ruas: “talvez houvesse até um conflito”. E nesta investida argumentativa, advertia sobre a ocorrência de uma “mutação inesperada, inconcebível”: “As torcidas esquecem o decoro devido ao adversário vencido, olvida as leis da educação esportiva e os sentimentos de cordialidade que devem prevalecer entre clubes amigos e co-irmãos”<sup>429</sup>.

No jornal *O Amadorista*, o cronista Dilson Andrade de Aquino produziu um longo texto relatando o seu espanto ao acompanhar a realização de um dos “enterros” protagonizado por integrantes de um clube amador. Os escritos do autor relatam com maiores detalhes a ocorrência da prática e, por este motivo, serão transcritos na íntegra.

Despreocupado, eu me encontrava na “fila” para adquirir ingresso afim de assistir a um filme excepcional que se exibia em um dos cinemas da Rua da Bahia. Era domingo, muito movimento, mormente na área que circunda o cinema, isto talvez motivado pelo cartaz do filme que se exibia; automóveis estacionados congestionavam o trânsito, não obstante, os elétricos desciam a Rua com regular velocidade. De um dos bondes saltou um atleta, numa verdadeira demonstração de “acrobacia”, procurava alguém, seguia “fila”, como que necessitasse de favores, para não sujeitar-se a essa modalidade da época, que se tornou necessidade. O “Artista” me reconheceu, ofegante ainda, iniciou a conversa: Você não foi convidado a acompanhar o “Enterro do Príncipe”, perguntou. Confuso e intrigado, respondi: “A família real não me honrou com a participação da morte do Príncipe e muito menos me convidou para assistir o seu sepultamento. Intrigado ainda sobre a “morte do Príncipe”, apesar de nossa conversa chamar a atenção dos componentes

<sup>427</sup> *Ibidem*.

<sup>428</sup> *Ibidem*.

<sup>429</sup> *Ibidem*.

vizinhos da “fila” eu o escutava com paciência. O enterro é no Bairro do Mendonça, continuou o rapaz. No Bairro do Mendonça? Onde fica isto Santo Deus?... O informante explicou-me. Levado pela curiosidade, abandonei meu lugar, desisti de ver o filme e rumei para o “Mendonça”. Estacionado na Rua São João Evangelista esperava pela passagem do féretro. Não duvidei que o encarregado da “Cidade dos pés juntos” recusasse o sepultamento de um “sangue azul”, apesar de ser noite. Vozes estranhas e confusas anunciam a aproximação do enterro. Indaguei de uma senhora idosa: “há reinado no Mendonça”? Ela não me compreendeu. Expliquei-lhe detalhadamente o que desejava saber. Príncipe é um clube de futebol... respondeu a velha. O time aqui do Mendonça o arrazou e agora faz o seu enterro. Continuava confuso... queria mais detalhes, mas surgia, enfim na curva, o esperado desfile fúnebre. Que espetáculo presenciei! Centenas de homens conduziam um caixão, haviam caveiras e velas, e o mais esquisito é que não faltava a “Caninha”. Fiquei extático, perplexo e mudo, acompanhava com os olhos aquele impressionante desfile. Ao meu lado, a velha percebera o meu espanto, a minha reprovação, a minha indignação e com um sorriso sarcástico e amarelo falou: Espere o baile, seu moço. Baile? Depois de enterro! Eu não danço, minha senhora. Voltei, o espetáculo me impressionara, aquilo era caso de polícia... Longe, ainda ouvia o eco de vozes dos fanáticos; quando se arrebanham são perigosos, o seu conjunto é nocivo quando reina o clima da mediocridade. Pobre amadorismo<sup>430</sup>!

Outro caso semelhante envolvendo provocações entre adversários mereceu destaque, desta vez protagonizado por alguns cruzeirenses que saíram às ruas para provocar um popular torcedor americano: “[...] após o jogo, dirigiram-se em grupo ao restaurante do conhecido paredro Chico Rufolo, conduzindo cartazes e, em frente áquele estabelecimento, puseram-se a ‘gozar’ o triunfo. Por sorte, Chico Rufolo não estava presente e a coisa ficou apenas em gritaria”<sup>431</sup>.

A reportagem defendia atitudes diferentes para os torcedores: “moderadas, sempre dirigidas no objetivo da cordialidade e bem-estar entre os clubes”<sup>432</sup>. Entretanto, naquele momento o sistema organizacional do futebol estava centrado em outros princípios, sobretudo no da competição como via de se alcançar a vitória, e esta como caminho para o sucesso financeiro e para a representatividade social. O poderio do capital econômico (fruto da rentabilidade do negócio esportivo) e do capital cultural (não mais circunscrito à uma distinção restritiva e aristocrática, mas cada vez mais voltado para uma representatividade expansionista, massiva e fanática) pouco condiziam com a manutenção do espírito esportivo dos primeiros anos do amadorismo na cidade.

Como alternativa aos fatos mencionados, a publicação defendia a intervenção da entidade gestora do futebol (F.M.F) e dos dirigentes dos clubes: “A esses cabe a tarefa de zelar

<sup>430</sup> AQUINO, Dilson de Andrade. O enterro do Príncipe. *O Amadorista*, 09 de set. 1946, n.3, p.1.

<sup>431</sup> CANELADAS. *Diário Esportivo*. 30 de agost.1945, n.6, p.5.

<sup>432</sup> *Idem*.

pelo prestígio e moral do nosso ‘soccer’. Sua ação deve atingir mesmo a propria torcida, por meios indiretos, é claro, em seu direto beneficio e do esporte”<sup>433</sup>.

Caso, porém, os nossos dirigentes não queiram ou não possam evitar ou mesmo restringir tais excessos, vamos então apelar para as autoridades policiais. A situação, não resta duvida, já chegou a ser de ordem publica. O fato é que, se não houver uma atitude providencial imediata, qualquer dia estaremos registrando ocorrências lamentaveis e, talvez, tragicas, no cenário do futebol mineiro. Vamos evitar que saia ‘tiro’ ...<sup>434</sup>.

Contudo, como mais um exemplo das ambiguidades que se processavam naquele incipiente contexto do profissionalismo, o acirramento das rivalidades era instigado pelo próprio periódico em outras ocasiões. Foram várias as provocações localizadas nas páginas do *Diário Esportivo*, em forma de estórias, anedotas, composições musicais, poemas e charges. Uma delas foi produzida na ocasião de uma derrota do América em uma partida contra o Cruzeiro.

Segunda-feira, na Praça Sete, havia um verdadeiro ‘meeting’ futebolístico. Jogadores, torcedores, juizes e paredros, todos discutindo o clássico. E assim, pudemos ouvir boas bolas dentre as quais salientamos as seguintes: [...] o simpático cruzeirense, chegou com essa:

‘Vocês sabem que ficaram desfeitos todos os rumores sobre uma possível rivalidade entre Aldo e Niginho? Sim, pois vocês não viram que Niginho ‘deu uma bicicleta para o Aldo não ir mais a pé para Santa Maria’?...’

E os venenos contra o América eram terríveis. Uns diziam que Chico Rufolo vendera a chacrinha sábado, já prevendo a derrota de domingo, outros que a firma que distribuiu no campo amostras de comprimidos contra dor de cabeça era americana, e assim por diante<sup>435</sup>.

Ao mesmo tempo em que os textos se mostravam preocupados com possíveis desfechos impetuosos oriundos das ações provocativas dos torcedores, também assumiam situações capazes de desencadear a mesma violência que condenavam. Segundo a publicação anterior, os culpados pelos agravos no cenário esportivo eram os torcedores e os seus costumes “pouco adequados”<sup>436</sup>. Com a centralidade na figura do público, as ações da imprensa pareciam se fundar em uma suposta neutralidade, conformada por certa autoridade na condução das narrativas e das argumentações sobre o esporte. Pode-se inferir sobre a existência de uma legitimidade da imprensa, que autorizava sua “provocação erudita”

<sup>433</sup> *Ibidem*.

<sup>434</sup> *Ibidem*.

<sup>435</sup> CANELADAS: Veneninhos do Cruzeiro X América. *Diário Esportivo*, 30 de agost. 1945, n. 6, p.5.

<sup>436</sup> *Idem*.

(pautada nos códigos da escrita e no poder da transmissão de informações) e desautorizava as formas de “provocação popular” (fundadas, sobremaneira, nos costumes e na oralidade).

A suposta neutralidade apregoada pelos periódicos esbarrava-se em características que denotavam a existência de outras relações que contrariavam as preocupações veiculadas. Os próprios jornalistas eram declaradamente torcedores, embora fizessem questão de salientar a imparcialidade de seus escritos<sup>437</sup>. A publicação de vinculações clubísticas em um momento marcado por acirradas rivalidades, por denúncias diversas de favorecimento a determinados clubes e por inúmeras cenas de violência, denota um comportamento muito distante do ideal de profissionalismo que os mesmos impressos propagavam.

Ainda como parte das produções discursivas acerca do comportamento do torcedor, outro artigo anuncia: “Vamos moralizar a torcida”<sup>438</sup>! O centro da argumentação residia na constatação de que o público assistente não tinha a exata noção das dificuldades enfrentadas pelos jogadores em campo: “O que acontece é que a maioria dos torcedores nunca pisou num gramado, isto é, jamais integrou qualquer time num jogo de importância, perante ‘incalculável multidão’”. E, nesse caso, propunha-se uma inversão.

Se fosse possível ‘bolar as trocas’, quer dizer, botar os torcedores em campo, correndo atrás da pelota e reclamando do juiz, enquanto os legítimos jogadores ficavam gritando das arquibancadas, então, sim, eu penso que tudo ficaria moralizado. É muito fácil chamar um juiz de ‘bacará’, embora ele nunca tenha pisado num cassino, ou dizer que tal ‘player’ é ‘perna de pau’, enquanto ele possua os ‘pisantes’ perfeitos. O difícil, entretanto, é apenas o próprio futebol, cujas regras não permitem que hajam dois vencedores numa mesma partida<sup>439</sup>.

O texto se encerrava com outra proposição, considerada como solução para o problema “da insatisfeita torcida”: a aplicação de punição aos torcedores pelo Tribunal de Penas da F.M.F: “apliquemos punições também aos torcedores, suspendendo-os por

<sup>437</sup> Em uma das edições do Diário Esportivo constava a filiação clubística dos editores do impresso. O título da reportagem “Na surdina” vinha acompanhado do texto: “Todo cronista ou comentarista esportivo tem, via de regra, as suas preferências partidárias. É verdade que fora das suas funções, pois, no exercício do ‘metier’, a inclinação por este ou aquele clube deve desaparecer para que não haja parcialidade de julgamento”. Após esta citação, uma lista com catorze integrantes do jornal, com seus respectivos clubes, foi publicada (DIÁRIO ESPORTIVO, 04 de out. 1945, n.11, p.5). Em outra reportagem, ao se referir aos “partidos da direção”, o Diário Esportivo preferiu não manifestar a predileção de seu corpo diretivo “para permanecer na ‘classe dos não-belligerantes’. Entretanto, apontou os clubes de diretores de outros jornais: “Quase toda a gente sabe que o dr. Gregoriano Canedo, diretor dos ‘Associados’, é atletícano; que o doutor Gualter Maciel, da ‘Folha de Minas’, é cruzeirense; que os srs. João de Lima Pádua e Helvécio Ferreira de Carvalho, de ‘Minas Esportiva’, são americanos; que os drs. Oscar Mendes, de O Diário, e Emílio Moura, do ‘Minas Gerais’, não têm, oficialmente, preferências esportivas (DIÁRIO ESPORTIVO, 01 de nov. 1945, n.15, p.9).

<sup>438</sup> VAMOS moralizar a torcida. Diário Esportivo. 08 de nov. 1945, n.16, p.7.

<sup>439</sup> *Idem.*

determinados números de jogos, conforme se faz com os jogadores”. Em tom irônico, concluiu-se que “no fim de um mês, não haverá uma só pessoa assistindo a jogos oficiais e a torcida estará, assim, moralizada”. E, com esta perspectiva, “o caso da falencia dos clubes” ficaria para se estudar depois<sup>440</sup>.

A reportagem em questão suscita alguns pontos importantes. O primeiro é a reiterada culpabilidade direcionada aos torcedores. Segundo o texto, somente com a extinção da torcida a almejada moralização seria possível. O segundo ponto é a proposição de mais uma medida normativa de controle do público assistente, além da já mencionada separação das arquibancadas do campo: a suspensão dos torcedores em determinados jogos. Possivelmente, o autor do artigo não imaginou que esta medida (abordada por ele de forma irônica) seria, anos depois, adotada no futebol brasileiro. O terceiro ponto, o mais relevante, refere-se à criação do Tribunal de Penas da F.M.F, em 1943, a partir de uma resolução aprovada pelo C.N.D em novembro de 1942, que, dentre outras determinações, exigia que todas as federações brasileiras constituíssem obrigatoriamente tal entidade para a execução dos campeonatos do ano de 1943 (SOBIERAJSKI, 1999). Era atribuição do Tribunal de Penas “o julgamento e a punição de qualquer transgressão do estatuto, regulamento, código ou resoluções de algum órgão ou poder desportivo da federação ou aquela que estiver sujeita, na forma do Decreto-Lei nº 3.199/41” (*idem*, p. 170).

Por disposição do número 32, cada federação deveria elaborar um código disciplinar e de penalidades para vigorar no campeonato de 1943 [...]. Estavam jurisdicionados ao Tribunal de Penas as associações (clubes), atletas, árbitros, bandeirinhas (juízes de linha), dirigentes, sócios de clubes desportivos, técnicos, treinadores, massagistas, auxiliares ou empregados de associações. A competência abarcava, também, quem estivesse a serviço da federação ou de entidade desportiva e desconsiderasse as autoridades ou membros de poderes ou órgãos desportivos (item 30) (SOBIERAJSKI, 1999, p.170)<sup>441</sup>.

Embora a maior culpabilidade pelos males do futebol tenha se centrado na figura dos torcedores (na visão dos impressos), as novas proposições disciplinares do Tribunal de Penas estariam mais voltadas para o comportamento tido como desviante dos jogadores. Nesta

<sup>440</sup> *Ibidem*.

<sup>441</sup> SOBIERAJSKI (1999, p.173) relata que em 16 de agosto de 1945, o C.N.D criou o Código Brasileiro de Futebol, como uma forma de unificar o controle disciplinar antes delegado às federações: “o Órgão Máximo do Desporto Brasileiro aprovou a Deliberação nº 48-45, na qual determinou que as entidades desportivas que tivessem admitido o profissionalismo dos atletas adotassem o Código aprovado em 16 de agosto”. No entanto, segundo o autor, a deliberação recomendava que o Código fosse utilizado como “lei supletiva, ante a omissão de legislação própria da federação. No caso mineiro, as fontes consultadas sugerem que o Tribunal de Penas continuou funcionando como órgão disciplinador do futebol no estado.

perspectiva, pode-se perceber a violência como parte de um contexto maior, co-participativo e relacional, aliada à própria lógica do espetáculo e do preço atribuído à vitória. Esperava-se que os jogadores, tornados profissionais, tivessem outro comportamento, mais afeito ao de trabalhadores que prestavam serviços aos seus clubes e recebiam vencimentos por isso. No entanto, a lógica comportamental, assim como se sucedeu com a torcida, não acompanhou de imediato a rigidez das novas configurações.

Incontáveis seriam os exemplos sobre condutas de jogadores que estamparam as páginas da imprensa. Na impossibilidade de descrever todos, alguns acontecimentos serão elencados, sobretudo aqueles que envolveram a atuação do Tribunal de Penas da F.M.F. Um dos textos assinalava que várias penalidades haviam sido aplicadas aos jogadores por “ofensas à moral”<sup>442</sup>. Os argumentos mobilizados demonstram as ambiguidades do futebol àquele momento e as mesclas presentes entre um entendimento que valorizava, de um lado, a sua expansão e popularização, e de outro, clamava por suas finalidades educativas.

O esporte é o divertimento das multidões. É barato, é emocionante, está ao alcance de todos. Ao lado de sua função de divertir, pode e deve ter a função de elevar. Daí a estranheza que causam gestos, palavras ou atitudes que possam ofender aos sentimentos elevados das famílias mineiras que acorrem aos campos. Não nos esqueçamos nunca: o esporte não é um fim em si. Para alcançar uma vitória não se justificam todos os meios<sup>443</sup>.

No entanto, o esporte das multidões já era gerido por um mercado para as multidões e, nesse caso, muitos meios poderiam ser mobilizados e justificados para se alcançar uma vitória com um fim em si mesma. Outro episódio, envolvendo um jogo entre Villa e Cruzeiro foi descrito como selvagem, bárbaro e canibalesco.

É impossível precisar bem como começaram, quem deu início. O certo é que jogadores gesticularam, alguns tentaram tirar outros do rôlo. Mas, a esta altura, o campo do Cruzeiro, absolutamente aberto à invasão do público, estava cheio de gente. E a pancadaria começou. Petronio e Bituca se atracam, Petronio sai correndo, com Bituca atrás e o povo atiçando, insuflando. Petronio corre, escapa. Jogadores do Villa acertam Bituca. Petronio pula a cerca e cai entre torcedores cruzeirenses que aí o massacraram. O centro vilanovense cai desacordado. Dentro do campo, a coisa continua. Quase todos os jogadores se degladiando. E foram precisos uns 15 minutos para que a polícia, a cavalaria e todos os esforços conjugados impedissem a continuação da selvageria, que condenamos com violência e com asco<sup>444</sup>.

<sup>442</sup> COTA, José de Araújo; FILHO, Etiene J. Duas palavras. *Diário Esportivo*. 06 de set. 1945, n.7, p.2.

<sup>443</sup> *Idem*.

<sup>444</sup> O CRUZEIRO transpôs a barreira número 1 rumo ao título. *Diário Esportivo*, 27 de set. 1945, n.10, p.5.

Segundo outra reportagem, o acontecimento terminou com a prisão de todos os ‘plaiers’ dos dois ‘teams’: “Foi uma medida acertada da polícia. Esperemos, agora, pelas punições do Tribunal de Penas. Ou será que esse órgão vai fazer vistas grossas, contentando-se em advertir (mais uma vez) ‘por julgar isso o suficiente’ [...]”<sup>445</sup>? Outro artigo citava o exemplo de outras partidas, mencionando “espetáculos extra de vale-tudo”, “trocas de murros e pontapés”, “socos, “chutes”, “gravatas”, “rasteiras”. Interessante, no entanto, era a constatação da emoção e da vibração da assistência ao presenciar tais cenas: “Não entrou um torcedor ou um soldado, até que, afinal, cessasse a luta corporal [...]. Tudo vimos naquele dia, sob as aclamações da multidão”. Mais curiosa ainda foi a reação final do próprio autor do texto, que antes havia criticado os fatos e cobrado medidas eficazes do Tribunal de Penas: “Uma causa reconhecemos: que são divertidos esses espetáculos, são. E muito. Vale a pena assisti-los. Mas, também é verdade que reduzem a moral e a disciplina dos nossos profissionais a zero”<sup>446</sup>.

Outra publicação se dirigia diretamente ao Tribunal de Penas da F.M.F, exigindo o combate da indisciplina, “para salvaguarda dos sadios princípios do esporte”, principalmente no setor profissional, “onde o jogador precisa ter absoluta noção dos seus deveres para com os clubes e o público pagante, a par do respeito devido ao adversário, seu colega de profissão”<sup>447</sup>. Este texto trazia de forma mais explícita a relação entre profissão e mercado, ressaltando os princípios do esporte como forma de equilibrar essa relação. Entretanto, como dito anteriormente, os mesmos princípios de outrora já não faziam tanto sentido naquele contexto.

Outros exemplos de embates dentro e fora dos campos seriam protagonizados pela atuação dos árbitros. Supostas parcialidades; conjecturas sobre suborno; erros constantes; situações de violência; atrasos das partidas; o não-comparecimento de juízes escalados aos jogos marcados e a escolha de última hora de substitutos; dentre tantos outros imbróglios, constituíam temáticas que geravam polêmicas em Belo Horizonte desde, pelo menos, a década de 1920. No começo da década posterior, as situações suscitadas pela arbitragem foram um dos fatores que impulsionaram os discursos favoráveis à implantação do profissionalismo. Propagava-se que a nova organização esportiva, resguardada pela seriedade e imparcialidade propugnadas pelo reconhecimento da profissão, traria um novo significado para a ação dos

<sup>445</sup> SOLON. Aconteceu na semana. *Diário Esportivo*, 27 de set.1945, n.10, p.8.

<sup>446</sup> *Idem*.

<sup>447</sup> CARTAS imagináveis. *Diário Esportivo*. 18 de out. 1945, n.13, p.3.

juízes e, consequentemente, reformularia positivamente todo o sistema gestor que envolvia os quadros de arbitragem.

Entretanto, notícias sobre os jogos do campeonato mineiro publicadas na década de 1940 demonstravam uma realidade ainda bastante arraigada aos caracteres do período inicial do amadorismo<sup>448</sup>. Alguns árbitros ainda eram vinculados aos clubes como ex-atletas, ex-dirigentes e, até mesmo, como torcedores declarados, situações que ocasionavam conflitos periodicamente. Um exemplo significativo é o do árbitro Ari Martini, culpado por uma péssima arbitragem em um jogo entre Cruzeiro e Villa Nova, em 1945, já que o mesmo era ex-diretor do Cruzeiro “até pouco tempo, tendo sido mesmo técnico do ‘team’”<sup>449</sup>. Também havia o caso do árbitro Raimundo Sampaio, conhecido como Mundico. Ex-jogador do Sete de Setembro, sendo posteriormente presidente da equipe, protagonizou alguns episódios polêmicos em suas atuações. Da mesma forma, situações semelhantes transcorriam com outros ex-jogadores, ex-técnicos e ex-dirigentes que resolviam adotar o apito.

Em várias ocasiões, os juízes escalados não compareciam aos jogos, o que demandava a escolha de substitutos momentos antes do início das partidas. No campeonato mineiro de 1945 houve um caso singular: um árbitro carioca, de nome Fioravanti, foi convidado a dirigir uma das partidas, mas retornou à sua cidade com a súmula do jogo, o que gerou duras críticas por parte dos clubes e da imprensa acerca da fragilidade do sistema de arbitragem:

Parece-nos que o acontecido é inedito em nossa crônica esportiva. Mas, além disso, afigura-nos grave e, por isso, dissemos que se tratava de um fato de grande importância. Com efeito, a vista da ausência, da sumula do juiz, não pôde o Tribunal de Penas julgar o ‘clássico’. Ora, punir é a função mais grave e mais importante. Nada revolta mais que uma injustiça<sup>450</sup>.

A imparcialidade, a idoneidade, a seriedade e a organização propostas pelo profissionalismo eram constantemente questionadas pelos acontecimentos concretos do cotidiano. Em uma das reportagens do jornal *Folha Esportiva*, do ano de 1946, noticiava-se que a arbitragem do jogo entre América e Siderúrgica estaria a cargo de Geraldo Toledo, “escolhido por sorteio na sede da Federação”. O juiz compareceu ao campo, “mas à última hora, ocasionando em parte o atraso do início da peleja”<sup>451</sup>.

<sup>448</sup> Sobre esta passagem, uma consideração torna-se importante: o termo “período inicial do amadorismo” se refere ao período anterior à implantação do profissionalismo e não ao amadorismo vigente na década de 1940.

<sup>449</sup> O CRUZEIRO transpõe a barreira número 1 rumo ao título. Diário Esportivo. 27 de set. 1945, n.10, p.5.

<sup>450</sup> FIORAVANTI carregou a súmula. Diário Esportivo, 28 de agost. 1945, n.5, p.6.

<sup>451</sup> PELO score mínimo... Folha Esportiva, 08 de out. de 1946, s/n, p.1.

Dias depois, o mesmo árbitro ficou encarregado de dirigir a partida entre Minas Gerais e Mato Grosso, válida pelo Campeonato Brasileiro de Futebol. Sua atuação, no entanto, só aconteceu em razão da ausência do juiz que havia sido previamente escalado: “O encontro [...] deveria ser dirigido pelo árbitro paulista Artur Cidrin, que não chegou à capital. O árbitro teve de ser escolhido à hora do jogo, de comum acordo, tendo esta escolha recaído em Geraldo Toledo”<sup>452</sup>.

Outra reportagem, dessa vez do *Diário Esportivo*, dedicou-se a narrar um dos motivos dos frequentes “rompimentos de relações diplomáticas” entre Atlético e América. O exemplo citado demonstra como a arbitragem ainda era controlada pelos clubes no regime profissional. Em um dos jogos disputados entre as duas equipes houve uma troca de juízes motivada pelo “excesso de penalties”.

Romulo abriu a contagem, batendo um penalty. E Nicola empatou pelo Atlético batendo outro penalty. Acabou-se o primeiro tempo e os ‘teams’ acharam que Mundico estava marcando ‘penalties’ demais. Mudaram o juiz, passando o jogo a ser dirigido por Satiro Taboada. Paim então desempatou e o América venceu por 2 x 1<sup>453</sup>.

A figura do juiz alcançara maior centralidade com o profissionalismo, entretanto, o controle das partidas ainda estava fortemente alicerçado na ação dos dirigentes dos clubes. Estes ainda detinham o poder de escalar ou de substituir árbitros no meio dos jogos. Naquele momento, algumas partidas aconteciam em campos neutros, decisão instaurada em 1936 e noticiada pelo jornal *O Esporte* como medida “inédita na história esportiva”<sup>454</sup> de Minas Gerais. Esta foi uma das inúmeras tentativas empreendidas no intuito de se minimizar os frequentes impasses. Entretanto, pode-se constatar que ação dos próprios árbitros estava longe de ser considerada neutra.

Em outra edição do *Diário Esportivo*, um texto intitulado “Arbitragens rumorosas do nosso futebol” conferia à ação dos juízes a maior responsabilidade nos resultados dos jogos, ainda que “muita gente” apontasse “o problema do técnico como o nº 1”<sup>455</sup>. Se as problemáticas envolvendo a arbitragem já eram correntes no período anterior ao profissionalismo, pode-se inferir que a adesão ao novo regime ampliou os conflitos, na medida

<sup>452</sup> VITÓRIA espetacular dos Mineiros... Folha Esportiva, 14 de out. 1946, n.3, p.1.

<sup>453</sup> O CLÁSSICO há 10 anos... Diário Esportivo, 09 de agost. 1945, n.3, p.6.

<sup>454</sup> ANUNCIA-SE o 3º turno do campeonato profissional de futebol. O Esporte. 19 de out. 1936, n.1, p.3.

<sup>455</sup> ARBITRAGENS rumorosas do nosso futebol. Diário Esportivo, 16 de agost. 1945, n.4, p.9.

em que as vitórias ou derrotas dos clubes passavam a representar, de maneira mais incisiva, possibilidades de sucesso ou derrocada financeira.

Se, para um clube, um bom preparador é fundamental para que o ‘team’ ande bem, vença e firme o padrão de jogo, também é certo que um mau juiz pode anular o trabalho de decisiva repercussão na tabela. Daí a relevância do problema dos árbitros, agravado, numerosas vezes, pela paixão dos torcedores, pela indisciplina dos jogadores e atitudes hostis de diretores de clubes<sup>456</sup>.

Para além das questões de organização interna, o acirramento das disputas nos campos resultava em episódios que, frequentemente, conferiam outros tipos de destaque à atuação da arbitragem. As formas de violência as quais eram submetidos se tornava uma questão de difícil resolução, pois estava atrelada a um contexto maior de influências, como demonstrado anteriormente. O cenário se formava por torcedores, jogadores, árbitros, imprensa e, até mesmo, pela vibração da “multidão” que entendia os atos violentos como partes do espetáculo.

O que aconteceu domingo, em Sabará, com o juiz Luis Gonzaga Filho, foi apenas um derivativo do que estava para suceder há muito tempo. Essa história de perder no futebol é uma dureza. Principalmente quando o time acha que não merecia... A questão é que os animos estavam esquentados, isto é, vinham progredindo, em irritação, desde o início do campeonato. O Geraldo Fernandes foi o primeiro. Willer Costa não apanhou a mesma Sabará nem sabemos porque. Ari Martini leva uma vantagem: é forte pra burro. Coube ao pobre do Luis Gonzaga experimentar as iras dos torcedores. Sobre ele, reunidos, desencadearam-se todos os motivos, transformados em murros e pontapés, acumulados há muito. Motivos do Willer Costa, do Geraldo Fernandes, do Ari Martini...<sup>457</sup>

O texto se encerrava com a proposição de uma irônica solução, porém não menos demonstrativa de uma realidade que recheava, há tempos, as páginas dos jornais.

É... Não há outra alternativa. Teremos mesmo de modificar a estrutura do atual quadro de juizes da Federação Mineira de Futebol. Vamos colocar no dito desembargadores, juizes de direito e promotores de justiça, devidamente resguardados pelos delegados de polícia e forças do exército. E, como ultima sugestão, fazer realizar todos os jogos do campeonato do páteo da Secretaria do Interior. Dali, rapidamente, os jogadores e torcedores serão transportados para o xadrez<sup>458</sup>.

---

<sup>456</sup> *Idem*.

<sup>457</sup> MODOS de viver. Diário Esportivo. 03 de mai.1946, n.40, p.3.

<sup>458</sup> *Idem*.

As situações mencionadas nos periódicos demonstram os paradoxos de uma estrutura esportiva que buscou caracteres fundados em uma ideia de profissionalização antes mesmo de sua regulação, mas que se manteve, ao menos até a década de 1940, com princípios e pressupostos dos tempos iniciais do amadorismo. Tal fato demonstra que o entendimento de amadorismo e de profissionalismo não pode se resumir em uma única via explicativa – a da simplista e já mencionada “transição” de um regime para o outro (até mesmo porque, como já dito, o amadorismo continuou existindo). Pode-se observar que o ideal amador mantido no regime profissional possui, pelo menos, duas possibilidades interpretativas, quais sejam: a do discurso e a da organização prática (mesmo considerando a relação que ambas mantém de continuidade/complementariedade). Por vezes, a intenção fundada na organização prática do profissionalismo distanciava-se do discurso amador (considerado retrógrado e obsoleto) para aproximar-se dos intentos considerados modernizadores e mais afeitos ao mercado em gestação. Entretanto, a própria estrutura organizacional se mantinha com caracteres próprios do período amador inicial, o que denota, além dos distanciamentos entre discurso e prática, possíveis tentativas de se manter relações de poder construídas e solidificadas no amadorismo.

De maneira inversa, quando os novos ordenamentos escapavam do controle dos clubes e das entidades dirigentes, especialmente no que tange ao comportamento do público assistente, as prerrogativas originais do amadorismo – calcadas na disciplina, no respeito, no cavalheirismo e na honra – eram mobilizadas como estratégias normativas. Se o mercado que se expandia não delimitava limites ao capital, os relegava ao público consumidor, como fator necessário à manutenção da rentabilidade do espetáculo.

A consolidação do profissionalismo em consonância com o próprio recrudescimento de um mercado futebolístico alavancou as normativas de regulação do jogo e do comportamento de seus personagens. Não se pode dizer que o profissionalismo, em si, foi o gerador de todas as transformações que se procederam. Muitas delas já estavam em andamento anos antes de sua implantação. O que se pode constatar são as novas relações que o regime possibilitou ou incrementou: como o desenvolvimento de um mercado específico; o aumento da visibilidade midiática; a centralização efetiva nas transações financeiras e nas arrecadações das partidas; o acirramento das competições; o aumento da importância do clube como elemento de representação identitária de variados e heterogêneos grupos; a ampliação do público torcedor e dos estádios; e o aumento da cobrança em relação aos árbitros (“donos” do destino das partidas e de seus “lucros” para os clubes).

Inseridos nessa conjuntura, para além do controle dos comportamentos, outros controles, desta vez direcionados à quantificação do público frequentador dos estádios,

também se desdobravam em outras contendas. Nessas dualidades – moralidade/ mercado; retenção/expansão –, a temática das condutas dividia espaço com o controle da rentabilidade dos jogos. Mecanismos que pudessem evitar as suspeitas sobre a evasão de rendas e apaziguar os ânimos de dirigentes e integrantes da imprensa constituíam pauta importante em meados da década de 1940. Em uma reportagem publicada no ano de 1946, noticiava-se uma medida implementada por um clube inglês no intento de controlar a quantidade de público presente nos estádios. Neste caso em específico, a ação era resultante da ocorrência de um trágico evento.

O West Ham United Football Club acredita ter encontrado uma solução efetiva para o problema de controlar as massas a fim de evitar a repetição do desastre ocorrido em Bolton no ano passado, quando foram vitimados 23 espectadores. Trata-se de uma máquina de registro elétrica que funciona como se fosse um totalizador. Ligada aos torniquetes, registrará automaticamente cada espectador que entrar e transmitirá o número a um quadro de controle central nos escritórios do clube. A primeira experiência desse invento será feita em 10 dos 52 torniquetes do campo, no fim desta semana, quando o West Ham enfrentará o Nottingham Forest<sup>459</sup>.

A anunciada experiência inglesa serviria com um exemplo para a criação de novas estruturas de controle do público presente e pagante em Belo Horizonte. As constantes incertezas geradas em torno da real arrecadação dos jogos motivariam inúmeras discussões que desencadeariam, posteriormente, a adoção de um instrumento de mensuração dos espectadores. Um dos artigos questionava: “Há evasão de rendas em nossos campos”<sup>460</sup>? Indagava-se a discrepância observada entre o número de pessoas aparentemente presentes nos estádios e a renda total veiculada. A questão, citada como “motivo de acalorados debates”, evidenciava várias opiniões a respeito.

Temos visto estádios superlotados para rendas anunciadas de 20 a 30 mil cruzeiros. Surgem, então [...], sérias acusações ao órgão encarregado da venda e recebimento de ingressos: a tesouraria da Federação. Por vezes a celeuma é tão forte que dela se ocupam os jornais e rádios da capital, pedindo uma investigação severa a respeito, pela entidade e clubes e até inquérito policial<sup>461</sup>.

Diante das dúvidas que se apresentavam, o redator do texto solicitava aos leitores que acusassem “os pontos falhos do sistema de vendas de ingresso e serviço de portaria da

<sup>459</sup> PERFEITO controle de renda por máquina. *Diário Esportivo*. 16 de fev. 1946, n.12, p.1.

<sup>460</sup> PERGUNTA cruciante. *Diário Esportivo*, 30 de agost. 1945, n.6, p.10.

<sup>461</sup> *Idem*.

entidade, prestando, assim, [...] inestimável serviço ao esporte mineiro”<sup>462</sup>. A reportagem explicitava a relação entre profissionalismo e rentabilidade das partidas, expressa por meio da preocupação evidente de se controlar o público pagante como premissa básica para a manutenção do negócio esportivo.

Porque, no regime profissionalista, a preocupação máxima das administrações é obter rendas cada vez maiores, para com elas fazer face das enormes despesas que tem de enfrentar. Os torcedores e particularmente, o quadro social de cada clube, quer um ‘team’ bom, jogadores de classe, vitórias e o campeonato. Mas, para ter um ‘team’ bom e jogadores de classe é preciso ter dinheiro para contrata-los (porque cada qual quer luvas e ordenado mais elevados de ano para ano). E, para obter vitórias e o campeonato, é necessário contar com um quadro de valor. Daí a relevância da questão das rendas dos jogos. Em torno do dinheiro gira o mundo capitalista<sup>463</sup>.

A renda de uma partida em específico, protagonizada por América e Atlético, foi questionada pelo *Diário Esportivo*. O clássico havia “arrastado grande multidão” e estimava-se uma renda entre 40 a 50 mil cruzeiros, “mas a F.M.F anunciou para a supresa geral, 33.000 cruzeiros”<sup>464</sup>. De acordo com o impresso, fatos como este tinham uma enumeração longa e provocavam no “seio do povo, acentuada reserva quanto aos serviços de arrecadação da entidade”. Eram anunciados como alguns dos fatores desencadeadores deste processo a ocorrência frequente de pessoas que vendiam “ingressos até a preço inferior ao tabelado, nas proximidades dos campos” e o recolhimento “das mãos dos porteiros dos ingressos entregues pelo público, para serem novamente vendidos pelas bilheterias, a pretexto de terem se esgotado”. Além destas ações, a publicação relatava a descoberta de “um ex-cobrador de um certo clube que mandava imprimir ingressos iguais aos da Federação e os vendia”<sup>465</sup>. O jornal cruzeirense *A Raposa* denunciou a utilização de entradas velhas em alguns jogos<sup>466</sup>. Além das falsificações de ingressos, que o periódico julgou como fato já bastante conhecido no cenário belo-horizontino, mencionava-se a venda de bilhetes antigos, “por algum espertalhão que sabe onde elas ficam guardadas”<sup>467</sup>.

Outro acontecimento foi observado em um jogo entre Cruzeiro e Botafogo, disputado no campo do Atlético. Mediante a combinação de “renda dividida, em partes iguais”, a delegação carioca, ao executar as providências que julgava necessárias, “entre as

<sup>462</sup> *Ibidem*.

<sup>463</sup> *Ibidem*.

<sup>464</sup> *Ibidem*.

<sup>465</sup> *Ibidem*.

<sup>466</sup> ENTRADAS velhas. *A Raposa*. 01 de jul.1946, n.3, p.7.

<sup>467</sup> *Idem*.

quais a de contar os talões da F.M.F”, encontrou “um talão dado como tendo 500 entradas, mas que na realidade, tinha 600 arquibancadas”<sup>468</sup>.

Em outra partida, dessa vez pelo campeonato mineiro, proclamava-se novamente a surpresa causada pela discrepância entre o público observado no estádio e a renda anunciada: “Esperava-se, como era muito natural pelo público que estava presente, que fosse anunciada uma renda assim de uns 40 mil cruzeiros, no mínimo. Entretanto, para pasmo geral, a renda anunciada foi de 15 mil cruzeiros, apenas”<sup>469</sup>. O fato foi descrito como “verdadeiro absurdo, cujas proporções de gravidade entram pelos olhos de qualquer um”<sup>470</sup>.

O texto publicado no *Diário Esportivo* sublinhava a existência de muitas outras situações semelhantes às mencionadas e assinalava que já teriam sido sugeridas “diversas providencias para o maior controle das bilheterias e dos portões”<sup>471</sup>. Segundo o artigo, nenhuma delas havia sido adotada, pois, “após uma verificação superficial”, os clubes chegavam à conclusão de que não havia desvio de renda (mesmo com os casos concretos que se apresentavam) e “fechavam os olhos” para as ocorrências que se repetiam. Diante do cenário que se apresentava, sugeria-se a seguinte medida.

Porque não adotam os nossos clubes relogios que marcam o numero de pessoas que entram, como em casas de diversões daqui e outros centros? Ou, então porque não colocam borboletas nos portões dos estadios? Ainda que disso não resultassem maiores rendas, pelo menos ficaria, de uma vez para sempre, eliminada a controvérsia sobre a exatidão das cifras oficiais sobre a arrecadação nos nossos grandes jogos<sup>472</sup>.

Outra edição do mesmo periódico trazia o anúncio de uma medida promovida pelo Atlético como alternativa para resolver o problema da evasão de renda, a exemplo do que havia sugerido o *Diário Esportivo*. A ação do alvinegro foi relatada como exemplo a ser seguido pelos demais clubes. O título da reportagem já demonstrava o sucesso da proposta: “Salve as ‘borboletas’”<sup>473</sup>! O mecanismo se assemelhava a uma catraca e teria a finalidade de marcar, com exatidão, a entrada das pessoas no estádio.

Essa história das rendas no futebol profissional mineiro já deu bastante pano para mangas. Volta e meia, a imprensa, o rádio, os clubes e o público em geral comentavam sobre as pequenas arrecadações dos prélios oficiais; não encontrando

<sup>468</sup> PERGUNTA cruciante. *Diário Esportivo*, 30 de agost. 1945, n.6, p.10.

<sup>469</sup> GRANDE triunfo do Atlético. *Diário Esportivo*, 01 de nov,1945, n.15, p.6,7.

<sup>470</sup> *Idem*.

<sup>471</sup> PERGUNTA cruciante. *Diário Esportivo*, 30 de agost. 1945, n.6, p.10.

<sup>472</sup> *Idem*.

<sup>473</sup> SALVE as borboletas. *Diário esportivo*, 16 de mai.1946, n.42, p.8.

justificativa para tão pouco dinheiro para tanta assistencia... Falou-se muito em entradas falsas, cambistas inescrupulosos, má fiscalização, ‘penetras’, permanentes, etc. Várias vezes o estádio ‘Antônio Carlos’, superlotado, o Atlético com seu corpo social reduzido, não passavam pelas bilheterias, pelo menos no computo final, mais de 30 ou 40 mil cruzeiros. E o povo ia falando, falando, falando<sup>474</sup>...

“A ideia luminosa” da diretoria atleticana, traduzida na colocação de “borboletas nos diversos portões” em um de seus jogos, resultou no que o jornal definiu como uma “coincidência notável”, pois “na primeira experiência, a renda subiu, vertiginosamente, a mais de 70 mil cruzeiros”<sup>475</sup>. O sucesso da empreitada se traduzia na extinção das entradas falsas, dos cambistas e dos penetras: as borboletas “foram impiedosas para os trapaceiros. Nada de tapeações. Era, ali, no ‘duro’: Cr\$ 71.144,00”! O texto se encerrava com um conselho aos outros clubes: “Coloquem ‘borboletas’ nos seus estádios e talvez não haja mais evasão de rendas. Pelo menos até que seja encontrada uma fórmula de ‘tapear’ as ‘bichinhas’ mecânicas”<sup>476</sup>.

A mensuração exata da rentabilidade das partidas passava a se constituir em elemento central da reordenação do futebol, seja em se tratando de sua estrutura, seja em relação aos seus princípios. O controle do público se manifestava, especialmente, por duas vertentes, ambas necessárias ao negócio esportivo que se incrementava com o advento do profissionalismo: o governo dos comportamentos e o domínio primoroso da receita gerada pelo torcedor-consumidor.

Estas são algumas das novas necessidades que emergiram com as reconfigurações surgidas no cenário esportivo. Percebe-se pelas reportagens certo ineditismo na tomada de decisões relativa aos exemplos citados, o que direciona o olhar para o profissionalismo daquele momento como um processo em permanente construção. No caso mineiro, somente treze anos após a implementação do regime é que o controle da renda dos estádios passou a ser racionalizado por mecanismos próprios.

---

<sup>474</sup> *Idem*.

<sup>475</sup> *Ibidem*.

<sup>476</sup> *Ibidem*.

### 3.2 O lugar do amadorismo em tempos de profissionalismo: os discursos e as práticas cotidianas

Ao retomar o contexto esportivo da cidade de Belo Horizonte em seus anos iniciais (mais especificamente entre o final do século XIX e a década de 1910), presume-se, por meio da análise da imprensa e de relatos de memorialistas, que a “condição de amador” era uma característica valorada e altamente distintiva. Configurava-se como um emblema do esportista legítimo, dotado de predicados materiais e simbólicos (em relação à sua significância na hierarquia social daquele momento, que determinava claramente a existência de uma aristocracia) e que se dedicava à atividade esportiva como elemento de formação do caráter, da moral e do espírito. Além disso, o esporte estava vinculado à diversão, à gratuidade, à disponibilidade de tempo e dinheiro para usufruí-lo como passatempo.

Tais discursos se assemelhavam aos postulados do Olimpismo e das várias referências sobre o esporte no contexto inglês. Pode-se inferir que a ideia de “esporte moderno” (assim nominado nas fontes consultadas) estava intrinsecamente relacionada aos princípios do amadorismo que foram difundidos no Brasil e no contexto particular de Belo Horizonte, no princípio do século XX. As referências sobre o esporte na capital mineira vinham acompanhadas de termos como: “eugenio”; “higiene”; “disciplina”; “polidez”; “cavalheirismo”; “preparação da raça”; “adestramento da juventude”; “equilíbrio”; “perfeição corporal e espiritual”; “utilitarismo”; “patriotismo”; “civilização”; “razão”<sup>477</sup>.

Com relação ao futebol, quando se processou a implantação do profissionalismo, os sentidos atribuídos ao amadorismo foram se modificando e se distanciando dos antigos preceitos. Na realidade, esse processo de ressignificação já estava em andamento antes do advento do regime profissional, pois caminhou lado a lado com a expansão do jogo, com a sua popularização e mercadorização. O amadorismo marrom pode ser pensado como uma primeira antítese dos preceitos do amadorismo puro, “branco”; aquele veiculado como modo de vida de uma dada aristocracia (embora tenham sido os próprios elementos desta classe que capitanearam o “marronismo”).

Também não se pode dizer que havia um único amadorismo antes do advento do profissionalismo. Mesmo desconsiderando o amadorismo marrom (que em tese já possuía características de uma ação profissional), as formas de significar a experiência amadora poderiam ser diferentes de acordo com os lugares e com o próprio entendimento das pessoas

---

<sup>477</sup> Estes termos foram retirados das revistas e jornais pesquisados. Estão descritos, em especial, no capítulo 1.

que praticavam os esportes. Havia o amadorismo do centro, da várzea, do subúrbio, dentre outras denominações presentes nos impressos. Facetas de um amadorismo que se pretendia “aristocrático” e facetas de um amadorismo que se manifestava como “popular” e suas muitas mesclas. Embora a maior parte dos discursos tenha se centrado na vinculação entre amadorismo e prática de *sportmen* da “fina sociedade”, não se pode negligenciar uma apropriação popular que tenha extrapolado as prerrogativas discursivas hegemônicas. Inclusive, pode-se pensar que esta apropriação pode ter construído suas bases apoiando-se nesses mesmos discursos hegemônicos, propiciando um misto de aceitação (pelo entendimento de um discurso geral que poderia se referir a todos) e de resistência (o que poderia gerar novas formas de apropriação e significação da experiência amadora em contextos específicos e com reivindicações particulares).

No caso do futebol, para além dos três clubes considerados como os principais da cidade (que detinham maior capital econômico e maior representatividade midiática), outros menores se formavam nas periferias, nos subúrbios e, até mesmo, na região central (lugar “colonizado” pelos grandes clubes). Alguns deles disputavam o torneio principal da cidade antes da profissionalização (como o Sete de Setembro, o Guarany, o Fluminense e o Calafate). Embora constituídos (em sua maioria) por outros públicos e por um arcabouço estrutural diferente, alguns deles mantinham princípios semelhantes à ideia do amadorismo como configuração legítima de um esporte formador do caráter e da moral. Pode-se pensar que nem a mudança de regimes, em si, foi suficientemente capaz de alterar os discursos que ainda se faziam fortemente presentes sobre o esporte mineiro e brasileiro, bem como suas formas de recepção. A adesão de uma nova conformação esportiva não encerrou as bases discursivas que a fundaram, pelo menos não tão rapidamente.

O ano de 1933 demarca uma situação importante no que se refere ao lugar do amadorismo no futebol. Mesmo com a manutenção de velhos princípios, os alicerces que o mantinham se enfraqueceram com a aceitação explícita do profissionalismo e isso impactou definitivamente os clubes de menor expressão e poder aquisitivo. Em um primeiro momento, logo após a adesão dos principais clubes do estado ao novo regime (América, Atlético, Palestra, Villa Nova, Retiro, Tupy e Siderúrgica), outros clubes da cidade tentaram se profissionalizar, mas sem sucesso. Estes eram denominados “clubes menores”, uma designação presente nos próprios periódicos. De maneira semelhante, o esporte amador passou a ser nomeado “esporte menor”.

O jornal *A Tribuna* noticiou no mês de agosto (pouco mais de dois meses após a adoção do profissionalismo em Minas Gerais) o ingresso de duas equipes “varzeanas” ao

regime profissional: o Estrella do Norte F.C e o Maravilha Club. O texto exaltava a medida: “Como se vê o profissionalismo está invadindo as fileiras dos clubes varzeanos que estão entusiasmados com o novo regimen implantado no futebol nacional”<sup>478</sup>. O prognóstico era o de que, brevemente, haveria “novos adeptos do futebol remunerado e assim o falso amadorismo” desapareceria “de vez entre nós”<sup>479</sup>.

Em se tratando do clube Estrella do Norte, o jornal sinalizava que acabara de ser implantado em suas fileiras uma cota de pagamento por jogos ganhos, empatados ou perdidos: “O sr. J. Gabriel Andrade, illustre presidente deste sympathico clube nos enviou hontem [...] uma communicâo, na qual está estabelecida que, por jogo ganho o clube pagará a cada jogador 20\$000, 10\$000 por jogo empatado, 5\$000 por jogo perdido”<sup>480</sup>.

Entretanto, dias após a publicação dessa reportagem, outro texto relatava a proposta de fundação, pelo clube Sete de Setembro, de uma Liga de Amadores de Futebol<sup>481</sup>. A referida agremiação era partícipe frequente dos torneios da cidade, mas resolveu não aderir ao primeiro torneio profissional de 1933. O nome da entidade, L.A.F, era o mesmo da antiga instituição criada em Belo Horizonte antes do advento do profissionalismo pelos clubes que disputavam o campeonato mineiro à época. A iniciativa do Sete demonstrava indícios de uma situação que seria reveladora dos limites do regime: a participação de um grupo restrito de clubes, os três principais da capital e alguns representantes de cidades do interior que detinham recursos para arcar com a onerosidade do profissionalismo.

As determinações da A.M.E para participar do torneio de profissionais promoviam uma distinção clara entre os clubes, sobretudo em relação ao capital econômico. Mais uma divisão no campo esportivo belo-horizontino se processava. No item “Como outros clubes da capital poderão se filiar à Liga Profissional” constavam as seguintes exigências: apresentar “praças de esportes confortáveis, com capacidade para 1000 espectadores, no mínimo, campo gramado que obedeça ás dimensões regulamentares, e que apresentem as suas esquadras em magnífica ‘performance’, de maneira a poder competir com os grandes clubes”; estar em “condições financeiras que os habilitem aos encargos da situação a ser adquirida”<sup>482</sup>. Outra determinação afetava particularmente os times pequenos do interior:

Ficou estabelecido que, em virtude dos jogos realizados fora da capital não darem renda suficiente, os clubes das cidades vizinhas para participarem do campeonato

<sup>478</sup> MAIS um clube de profissionaes. *A Tribuna*. 20 de agost. 1933, n.110, p.5.

<sup>479</sup> *Idem*.

<sup>480</sup> *Ibidem*.

<sup>481</sup> O SETE de Setembro está promovendo ... *A Tribuna*. 25 de agost, n.114, p.5.

<sup>482</sup> IMPORTANTES resoluções... Estado de Minas. 31 de mai. 1933, p.9.

fornecerão aos clubes visitantes a quantia de 200\$00 para o transporte de sua esquadra profissional, notando-se que esta despesa não constará no balancete do jogo<sup>483</sup>.

Em outra edição, o jornal *A Tribuna* noticiava a fundação da Liga de Amadores de Futebol, em reunião realizada na sede do clube Sete de Setembro.

Temos o prazer de comunicar-lhe que em 21 do corrente, se realizou na séde do Sete de Setembro F.C uma reunião para a fundação de uma Liga de amadores de futebol, tendo á mesma comparecido grande número de clubes interessados no assumpto. A presidencia foi assumida pelo Cel. Osorio Camargos, que discorreu sobre a necessidade de uma Liga de amadores para desenvolvimento de nosso esporte e bem assim, amparar os nossos clubes, animando-os e prevenindo-os de uma possível decadência<sup>484</sup>.

O referido periódico foi “acclamado órgão official da nova entidade”<sup>485</sup>. O “conceituado matutino” foi referenciado como “grande e incansável batalhador dos interesses dos chamados ‘pequenos clubes’”<sup>486</sup>. De fato, em várias publicações podem ser localizadas palavras de incentivo e iniciativas de promoção dos clubes amadores e, em contrapartida, severas críticas ao regime profissional. Esta pode ser considerada uma postura bem diversa da que manifestava o jornal *Estado de Minas*, por exemplo.

Alguns dos clubes mencionados como fundadores da Liga de Amadores de Futebol, além do Sete de Setembro, foram: Fluminense, Mangueira, Santa Cruz e Bairro da Graça. A reportagem anteriormente citada demonstrava a preocupação dos clubes em criar uma entidade que lhes pudesse servir de amparo, já que não encontravam esse suporte na A.M.E. Esta instituição, com a implementação do profissionalismo, manteve um campeonato exclusivo para os amadores, mas suas disposições pareciam não atender às necessidades dos clubes que faziam parte dessa divisão. Um dos dirigentes do Mangueira assim se manifestou:

[...] Tínhamos necessidade de uma entidade para acolher em seu seio os chamados pequenos clubes que não podem fazer parte da divisão de profissionais. [...] A A.M.E mantém o campeonato de amadores [...]. Mas as exigências na Associação Mineira são muitas e os direitos são poucos. A A.M.E tem uma boa organização, está dirigida por esportistas sinceros, mas não serve para nós [...]<sup>487</sup>.

<sup>483</sup> *Idem*.

<sup>484</sup> FOI fundada nesta capital a Liga de Amadores de Futebol. *A Tribuna*. 29 de agost. 1933, n.117, p.5.

<sup>485</sup> *Idem*.

<sup>486</sup> *Ibidem*.

<sup>487</sup> A LIGA de Amadores de Futebol e a opinião dos directores dos clubes amadoristas. *A Tribuna*. 01 de set.1933, n.120.

Pode-se inferir que as prioridades da A.M.E estavam centradas na organização do profissionalismo, divisão que concentrava as equipes principais do estado e que gerava maior visibilidade e rentabilidade. No momento da fundação da Liga de Amadores foi frisado que na “nova agremiação” deveria ser praticado “o esporte pelo esporte”<sup>488</sup>. Para fazer parte dos clubes associados, todo amador deveria “abrir mão de qualquer remuneração ou outra qualquer retribuição”. A conclusão do texto era enfática: “Não queremos na L.A.F nenhum clube que mantenha jogadores que pratiquem o esporte por interesse”<sup>489</sup>. Com estas resoluções, a L.A.F se constituiria em uma instituição totalmente separada da A.M.E: “Os clubes que foram, pela AME, relegados para a divisão de amadores, acharam que a proteção que lhes foi dispensada, representava um mero desamparo [...]. Desfraldaram a bandeira da independência e entregaram-se à própria sorte [...]”<sup>490</sup>.

Segundo *A Tribuna*, a existência de uma nova entidade gestora representava para os clubes pequenos a oportunidade de se restabelecerem no cenário esportivo, depois de decaídas as ilusões sobre o profissionalismo.

Ha alvoroço dos nossos subúrbios. Afinal, parece que os nossos chamados pequenos clubes, resolveram fugir à inércia que os vinha aniquilando. Tomados de susto pelo advento do novo regime futebolístico [...] cruzaram os braços a qualquer actividade esportiva. Para muitos a reforma equivalia a uma verdadeira redempção. [...] Vários clubes de Caixa Prego e adjacências vieram trazer a sua adesão entusiastica e incondicional. Depois, veiu a comprehensão. Em festa de ‘jacu’, ‘nambu’ não pia. Não pia mesmo. E por isso, os pequenos clubes silenciaram. Mas acabam de despertar de um longo sonmo. Foi elle, sem duvida, reparador, porque o terreiro está em alvoroço. Rufa a caixa e o samba vae começar, enchendo de estrepito a varzea e os subúrbios<sup>491</sup>.

O torneio da L.A.F parece ter coexistido com o torneio da A.M.E, mas foi muito pouco noticiado nos jornais, com exceção do periódico *A Tribuna*. No *Estado de Minas*, por exemplo, quase não é possível encontrar menções à Liga de Amadores do Futebol. Este periódico noticiava o torneio principal da A.M.E, que em 1933 teve a participação de apenas sete clubes (Forluminas, Alves Nogueira, Commercial, Esperança, Palmeiras, Guarany e Santa Cruz), e o torneio realizado à parte pelos quadros amadores dos clubes profissionais. Os demais clubes amadores, que chegavam à soma aproximada de cem equipes<sup>492</sup>, eram

<sup>488</sup> *Idem*.

<sup>489</sup> *Ibidem*.

<sup>490</sup> EM poucas linhas. Inactividade. *A Tribuna*. 03 de set. 1933, n.122, p.5.

<sup>491</sup> *Idem*.

<sup>492</sup> Foi possível estabelecer este quantitativo aproximado por meio da leitura dos jornais do ano de 1933. Nesse caso, é preciso considerar que outros clubes podem ter existido sem terem sido noticiados nas páginas dos impressos.

mencionados pelo *Estado de Minas* como clubes “suburbanos” ou “avulsos”. As ações destes clubes eram retratadas sucintamente em pequenas colunas e, ao que sugerem as fontes, eles mantinham seus próprios torneios. Em síntese, pode-se concluir que havia pelo menos quatro divisões no campo esportivo amadorista no ano de 1933: o campeonato da A.M.E (considerado como oficial); o campeonato dos amadores dos clubes profissionais, que normalmente acontecia na preliminar dos jogos principais; o campeonato da L.A.F; e o campeonato dos “suburbanos” e “avulsos” (destes não se sabe ao certo quais fizeram parte da L.A.F, ou até mesmo, se todos os jogos realizados por eles faziam parte da Liga de Amadores). As informações nos periódicos, quando não se destinavam a abordar os torneios oficiais, eram difusas, de modo que se tornou difícil a compreensão exata da estrutura organizacional daquele momento.

Entretanto, pode-se inferir que a L.A.F não se manteve por muito tempo<sup>493</sup>, assim como a própria A.M.E. Já em 1934, outra organização esportiva foi anunciada, a A.M.F (Associação Mineira de Futebol). Em 1936, os periódicos mencionavam outra entidade, a L.F.B.H (Liga de Futebol de Belo Horizonte), e nela constava a realização de torneios para amadores. No ano de 1939 foi fundada a F.M.F (Federação Mineira de Futebol) que, no ano de 1942, criou o Departamento de Futebol Amador (D.F.A). A criação deste departamento obedecia às exigências do Decreto-Lei 3.199/41 do Conselho Nacional de Desportos.

O jornal *Estado de Minas* anunciou a criação do D.F.A como uma “grande obra para o esporte mineiro”<sup>494</sup>. A ação foi relatada como uma forma de “amparar e incentivar o amadorismo”, num “espírito louvável”, capaz de reunir “sob a mesma bandeira as entidades dirigentes do futebol, em cada Estado”. Afirmava-se, também, que a entidade amadora teria independência administrativa e financeira e que estaria “confortavelmente instalada à rua São Paulo, 686”, região central da cidade<sup>495</sup>.

O artigo em questão sinalizava o futebol amador como “sendo uma das forças mais expressivas do esporte”<sup>496</sup>. Contudo, ao mesmo tempo em que a reportagem enaltecia o amadorismo como propiciador de um panorama sadio e louvava o princípio da prática do “esporte pelo esporte”, mencionava-o como um instrumento a serviço do profissionalismo: “Se a força máxima do futebol mineiro se encontra no profissionalismo, observado através da

<sup>493</sup> Esta inferência se deve à falta de referências a esta entidade e à própria atitude do clube fundador da L.A.F, o Sete de Setembro, em aderir ao profissionalismo em 1934.

<sup>494</sup> O DEPARTAMENTO de Futebol Amador da F.M.F... Estado de Minas, 01 de jan.1943, p.13.

<sup>495</sup> *Idem*.

<sup>496</sup> *Ibidem*.

sua eficiência, a verdade incontestável, entretanto, é que o futebol amador é o seu manancial, a fonte inesgotável de recursos em material humano”<sup>497</sup>.

Observa-se um paradoxo que permaneceria por toda a década de 1940. O discurso do amadorismo seria continuamente mantido, ora por meio de intentos que rogavam um retorno aos antigos princípios (tradição); ora como forma de fundamentar a utilização de jogadores amadores nos clubes profissionais (mercado), já que o amadorismo continuava a ser veiculado como possibilidade privilegiada de formação do jogador. Nesse caso, os predicados do esporte amador (mesmo que já modificados sobremaneira em sua essência pelas novas finalidades do futebol naquele período e pela própria estrutura do amadorismo, geralmente precária) seriam evocados como fundamentais para a formação do atleta que concorreria, posteriormente, ao profissionalismo. Embora o futebol tenha seguido um curso diferenciado dos esportes especializados em Belo Horizonte, as evocações discursivas em relação aos princípios e finalidades do amadorismo eram muito semelhantes. Havia um contexto esportivo geral que valorava tais prerrogativas, mesmo que estas fossem muito mais presentes nas narrativas do que na experiência prática: “[...] um panorama grandioso se apresenta nos olhos de todos aqueles que vêm na prática do futebol amador, uma verdadeira escola de educação física, a segurança do aperfeiçoamento da raça”<sup>498</sup>.

No momento de criação do D.F.A, a reportagem do *Estado de Minas* contabilizava setenta e seis clubes, sendo trinta deles juvenis. Esta seção também havia sido recentemente criada, “antecedendo as deliberações do Conselho Nacional de Desportos”<sup>499</sup>. O formato do campeonato amador se caracterizaria, no ano de 1943, por uma divisão por zonas, para ao final se proclamar o campeão geral, por meio da disputa entre os vencedores de cada uma delas. Segundo determinações do próprio C.N.D cada entidade regional teria autonomia para organizar os torneios da forma que melhor lhes convencionasse, criando classificações de acordo com critérios próprios, mas respeitando a exigência da divisão de categorias entre amadores, aspirantes e juvenis. A organização inicial por zonas foi alterada com o passar dos anos, acarretando na criação de outras formas de organização.

O D.F.A organizou inúmeros torneios, como o “Relâmpago, o “Início” e o campeonato denominado de “oficial”, que parecia reunir os clubes de maior prestígio. Várias divisões também foram realizadas, como a separação dos clubes por distritos e a criação da divisão “extra” em alguns torneios. O nome “Extra” também serviu para designar um torneio

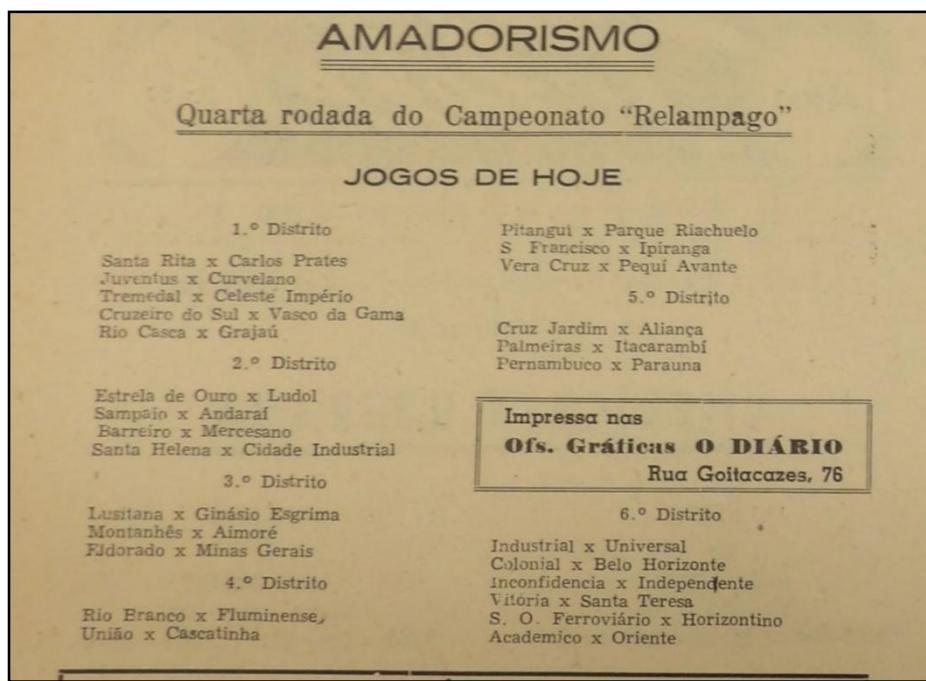
<sup>497</sup> O DEPARTAMENTO de Futebol Amador da F.M.F... Estado de Minas, 01 de jan.1943, p.13.

<sup>498</sup> *Idem*.

<sup>499</sup> *Ibidem*.

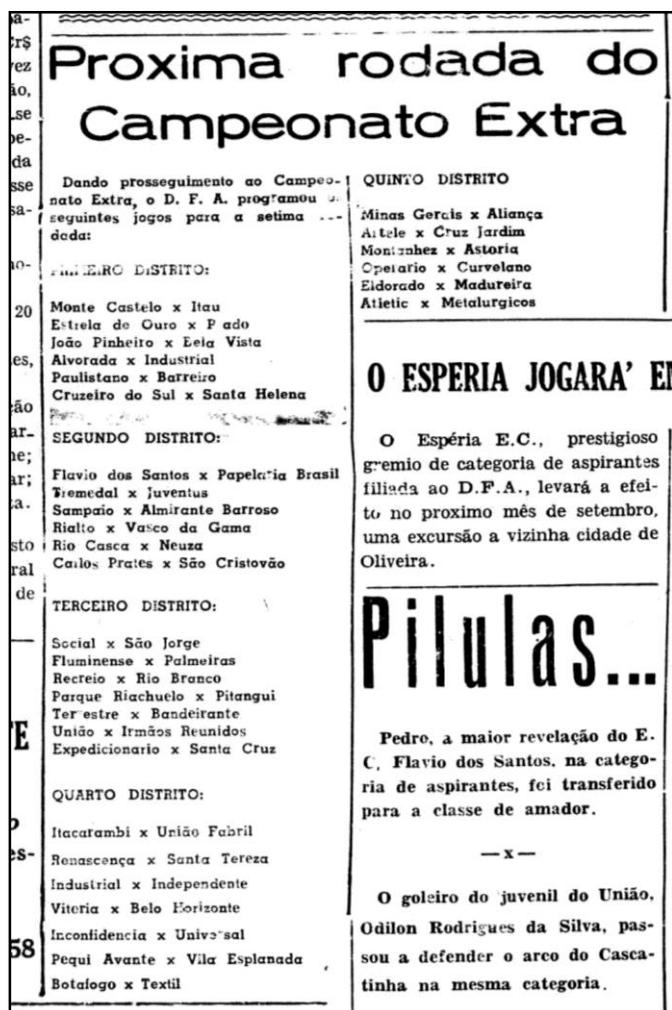
próprio, realizado em alguns anos. Captar a organização do futebol amador em Belo Horizonte na década de 1940 mostrou-se uma tarefa bastante penosa, haja vista a confusão das divisões (que se modificavam constantemente) e a falta de fontes que pudessem demonstrar um processo mais contínuo. Sendo assim, as informações foram coletadas observando reportagens de vários jornais e revistas, que mostravam, de forma fragmentada, a existência de um contexto próximo do anunciado anteriormente. Como exemplo da complexidade dos torneios, tem-se algumas publicações, uma do jornal *A Tabela*, do ano de 1945 (FIG.16), uma do jornal *O Amadorista*, do ano de 1946 (FIG.17), uma do *Boletim Informativo da Diretoria de Esportes de Minas Gerais*, do ano de 1949 (mas referente à 1948) (FIG.18) e uma do jornal *O esporte em marcha*, de 1949 (FIG.19).

Figura 16: Divisão de categorias do futebol amador em 1945.



Fonte: jornal *A Tabela*, 18 de fev. 1945, n.26, p.2.

Figura 17: Divisão de categorias do futebol amador em 1946



Fonte: jornal O Amadorista, 26 de agost. 1946, n.1, p.3.

Figura 18: Divisão de categorias do futebol amador em 1948

Categorias	1ºs. quadros	2ºs. quadros	Aspirantes	Juvenis
Divisão "Extra".....	81	81	90	90
1ª Categoria-Divisão "A".....	49	28	28	28
1ª Categoria-Divisão "B".....	49	35	28	42
2ª Categoria .....	81	31	-	-
Divisão Experimental .....	56	42	-	-
Divisão "Moura Costa".....	-	-	56	28
Divisão "Gerson Sales".....	-	-	90	54
<b>Soma .....</b>	<b>316</b>	<b>267</b>	<b>292</b>	<b>242</b>

Fonte: Boletim Informativo do Departamento de Esportes de Minas Gerais, 28 de fev.1949, n.2, p.19.

Figura 19: Divisão de categorias do futebol amador em 1949



Fonte: jornal *O Esporte em Marcha*, 22 de agost. 1949, n.1, p.3.

Especialmente nos anos de 1945 e 1946, os anúncios sobre a nova organização do futebol amador se confrontaram com reclamações frequentes que pouco condiziam com as promessas divulgadas. As páginas dos jornais *Folha Esportiva*, *Diário Esportivo* e *O Amadorista* continham reiteradas reivindicações e insistentes protestos sobre a condições do futebol amador: falta de campos para os jogos; pouca organização do D.F.A; problemas financeiros e estruturais; descaso da F.M.F; confusões envolvendo o quadro de árbitros; e cenas frequentes de violência.

A criação do jornal *O Amadorista* foi noticiada, inclusive, como um veículo para divulgar o futebol amador, já que na opinião do periódico, o denominado “esporte menor” não estava sendo devidamente respeitado pelas instituições gestoras e difundido pela grande imprensa. A própria denominação mencionada (esporte menor), amplamente utilizada nos

jornais, pode ser pensada como um demonstrativo do lugar ocupado pelo futebol amador naquele momento.

Em sua edição inaugural, apresentava a seguinte descrição: Entregamos hoje ao público esportivo amador da cidade, *O AMADORISTA*, órgão exclusivamente dedicado ao esporte menor<sup>500</sup>. Em sequência às explicações sobre o surgimento do periódico, vislumbrava-se o “alvorecer de uma nova fase para o amadorismo”. A criação do jornal, considerada como primeira iniciativa do gênero, viria para “satisfazer os anseios de todos e especialmente de um grupo de esportistas de ideias avançadas que há muito aguardava essa aurora de animação para o esporte menor”. Estes seriam os “verdadeiros pioneiros do nosso esporte”, “jovens batalhadores e incansáveis”<sup>501</sup>.

Propugnemos pelo engrandecimento esportivo de nossa terra, cooperando com este órgão imprescindível em prol do desenvolvimento do nosso esporte e não deixemos que esta chama crepitante venha se extinguir; emprestando para isso o nosso apoio moral e material, afim de que a gloria altaneira do amadorismo vislumbre no horizonte da vitória! Desejamos enaltecer essa grandiosa Organização, fazendo votos para que sejam colhidos os mais brilhantes frutos, o que deverá ser um prêmio para os que trabalham e lutam pelo engrandecimento sempre crescente de nosso amadorismo, celula vital para o fortalecimento de nossa Patria<sup>502</sup>.

Em outro texto evidenciava-se o esporte como “meio de recrear o espírito e fortalecer o corpo, com a finalidade de se aprender a ser “forte, herói e patriota”<sup>503</sup>. O segundo número do referido jornal apresentava o depoimento de um redator esportivo chamado Mario Batista, apresentado como “o popular Matista”. Suas palavras enalteciam a criação do periódico e a possibilidade de valorização do amadorismo. Matista apoiava sua argumentação em suas próprias experiências com o esporte na capital mineira.

Acostumado com a desorganização do nosso futebol amadorista, como decano dos Cronistas esportivos amadoristas da Capital, foi para mim uma grata supresa, quando hontem, no “Café Palhares”, o quartel general dos esportes, vi e li o jornal *O Amadorista*. Lagrimas de contentamento vieram às minhas velhas faces, pois ha longos anos venho me batendo para a ampla divulgação dos feitos dos nossos pequenos clubes [...]<sup>504</sup>.

No entanto, nesta mesma edição, reclamações sobre os rumos do futebol amador eram produzidas, demonstrando um panorama bem diferente do que se apresentara no texto

<sup>500</sup> NOSSO aparecimento. *O Amadorista*, 26 de agost. 1946, n.1, p1.

<sup>501</sup> *Idem*.

<sup>502</sup> *Ibidem*.

<sup>503</sup> JUVENTUS F.C: orgulho e tradição... *O Amadorista*, 09 de set. 1946, n.3, p.3.

<sup>504</sup> COMO foi recebido *O Amadorista*. *O Amadorista*, 02 de set. 1946, n.2, p.3.

inaugural do periódico. O artigo “Misérias do amadorismo” lamentava as transformações de sentido do esporte amador, denunciando práticas pouco condizentes com o que se denominava “são amadorismo”<sup>505</sup>.

Lançando um olhar retrospectivo pelo passado, lamentamos sinceramente o nível de progresso alcançado pelo amadorismo. Saudosos tempos de glória do amadorismo, quem te viu e quem te vê... Porque não se pratica no amadorismo o verdadeiro futebol por esporte? – Antigamente, o atleta amador lavava com o suor de seu corpo a camisa do clube. Hoje... Sem noção de moral, técnica, fibra e entusiasmo, o atleta pratica o futebol por ‘interesse’. Ninguém pode duvidar que haja ‘profissionalismo’ mascarado de amador em nosso meio. É possível aos indivíduos viver sem os escrúpulos morais e praticar atos eticamente reprováveis, mesmo ultrapassando as raias do ‘mínimo’ que moralmente se exige aos homens, mas o amadorismo é que não pode ser vítima destes criminosos! O amadorismo é uma escola de preparação da moral, do caráter e dos princípios rudimentares de técnica dos jogadores, não é, pois, admissível nesta escola, dirigentes incapazes. Enquanto houver ‘luvas’, enquanto correr a ‘gaita’ no seio amadorista haverá desprestígio e decadência do esporte menor, que terão desagradáveis influências no profissionalismo. Sejamos um soldado do Exército de Salvação do esporte menor, juntemo-nos com os revolucionários e marcharemos ombro a ombro, passo a passo, em defesa da moralização do nosso amadorismo<sup>506</sup>!

O texto afirma a continuidade da existência do amadorismo marrom, mesmo depois de implantado o profissionalismo, condenando veementemente aqueles amadores que recebiam dinheiro para jogar. Pode-se inferir que os clubes menores que não aderiram ao regime profissional continuaram se utilizando da prática para arregimentar melhores jogadores para os seus times e obter melhores colocações nos torneios de amadores. A lógica posta parecia ser a mesma do futebol profissional, embora ainda se apregoasse outras características para o regime amador. Outro dado interessante, e que será explorado posteriormente, é a constatação de que “decadência do esporte menor” traria “desagradáveis influências no profissionalismo”.

Também o periódico *Diário Esportivo* tinha como prática comum o anúncio das atividades dos clubes amadores. Colunas específicas foram criadas com a finalidade de contar as histórias de fundação de várias agremiações espalhadas pela cidade, além da publicação periódica das tabelas dos torneios. No entanto, vale salientar que o foco principal deste jornal se dirigia às ações dos clubes profissionais.

Em vários momentos, as ações de incentivo ao amadorismo vinham acompanhadas de críticas relativas aos entraves enfrentados pelos clubes desta divisão: “O esporte menor deve ser olhado com o maximo carinho. É por isso que o DIARIO

<sup>505</sup> AQUINO, Dilson de Andrade. Misérias do amadorismo. *O Amadorista*, 02 de set. 1946, n.2, p.1.

<sup>506</sup> *Idem.*

ESPORTIVO dedica estas colunas aos pequenos clubes, porque reconhece as dificuldades com que os mesmos lutam para se manterem”<sup>507</sup>. O texto em questão ainda frisava: “Há, aqui, ou melhor, em todos os Estados, clubes que têm o nome de amadoristas, mas que têm o conforto de um clube profissional... Não é para estes esta seção, mas para os puros, autênticos, herois e abnegados amadoristas”<sup>508</sup>. Nesta reportagem torna-se bastante visível a mudança de características do esporte amador – dos anos iniciais do século XX à década de 1940, em se tratando do futebol. A menção ao amadorismo deixava de ser vinculada a clubes das classes mais abastadas, aos aristocratas que mantinham a prática esportiva como um estilo de vida, para se referir a clubes oriundos das camadas mais populares. Os heróis, que mediante as adversidades mantinham-se resistentes e abnegados na missão de manutenção do esporte amador, eram agora os “puros” e autênticos” esportistas. Nesta nova lógica, também os sentidos de autenticidade e pureza tinham seus significados alterados.

Em outra reportagem, estabelecia-se uma comparação entre o tratamento dedicado aos esportistas amadores e profissionais do América Futebol Clube. Enquanto para os profissionais todo suporte estrutural e financeiro era garantido, para os amadores “faltava até material”<sup>509</sup>. O texto relatava uma dicotomia incômoda, que não era exclusividade do clube americano, mas que envolvia os próprios desdobramentos do regime profissional.

Quem convive no meio americano, não desconhece o tratamento super-ótimo que merecem os jogadores profissionais do clube [...]. Interessante no América é o contraste que se observa entre os profissionais e amadores. Enquanto que estes, radicados ao clube e realmente a ele dedicados, dão-lhe o melhor de seus esforços, indiferentes a toda as deficiências materiais, os primeiros tem de tudo do bom e do melhor, inclusive padrinhos e vitaminas, e, no entanto, pagam-lhe, em geral, com ingratidão<sup>510</sup>.

Textos que se dedicavam a retratar a situação de descaso e indiferença vivenciada pelos clubes amadores eram publicados em quase todas as edições do *Diário Esportivo*. O periódico não se eximia em relatar o esquecimento do esporte menor por “muita gente importante do esporte da capital”<sup>511</sup>. O aprimoramento da juventude e o fortalecimento da raça (dentre outras prerrogativas) eram frequentemente citados como justificativa para a existência dos clubes amadores. A relação que o impresso buscava estabelecer com o amadorismo pode

<sup>507</sup> UNIÃO da Vila de Santo André. *Diário Esportivo*, 06 de set. 1945, n.7, p.3.

<sup>508</sup> *Idem*.

<sup>509</sup> ESTARÁ perdido o campeonato para o América? *Diário Esportivo*. 27 de set. 1945, n.10, p.3.

<sup>510</sup> *Idem*.

<sup>511</sup> COM cinco meses apenas, já tem tradições e glórias. *Diário Esportivo*. 04 de out. 1945, n.11, p.11.

ser expressa por este trecho: “O DIARIO ESPORTIVO, com o intuito de colaborar com os clubes do esporte menor, criou uma página dedicada exclusivamente ao amadorismo. Os clubes que tiverem fotografias, poderão envia-las para a nossa redação [...], que publicaremos com prazer”<sup>512</sup>.

Em outra edição, o periódico descrevia Belo Horizonte como “uma das capitais que possuem o maior número de clubes do esporte menor”<sup>513</sup>. Na sequência, o texto enfatizava: “Não se encontra um bairro que não tenha uma dezena de quadros de futebol divertindo-se aos domingos e enchendo de entusiasmo milhares de corações”<sup>514</sup>. O contraste entre popularidade e apoio institucional que o jornal parecia enaltecer se traduzia, novamente, na constatação de que o amadorismo mineiro era desamparado pelas próprias autoridades.

O D.F.A era um alvo constante de críticas. Uma delas se fundamentava nas cobranças de taxas que, ao que sugeria o *Diário Esportivo*, estavam fora das possibilidades financeiras dos “verdadeiros” clubes amadoristas.

Um clube verdadeiramente amadorista, que não tem sede para festas sociais e que vive apenas com as mensalidades de seus amadores não pode, de forma alguma, se filiar ao D.F.A, porque esta entidade somente quer saber da ‘gaita’, cobrando taxas exorbitantes. É um absurdo: um clube para se filiar á entidade da rua São Paulo, tem que pagar a taxa de cinquenta cruzeiros e uma mensalidade de vinte cruzeiros. Diante destas taxas, pode-se tirar uma conclusão: a de que o D.F.A. é uma entidade apenas para clubes granfinos e que tenham fonte de rendimento, porque um clube amador na expressão da palavra, não pode dispor de tanto dinheiro<sup>515</sup>.

Ao que sugere a reportagem, na vastidão de clubes amadores que existia na cidade, havia diferenças importantes em relação ao poderio econômico e à representação social de cada um deles, o que possivelmente dialogava com a própria região da cidade onde as entidades se alocavam. O bairro dos Funcionários, por exemplo, encontrava-se (e ainda se encontra) em uma região importante da cidade, bem próxima ao centro (dentro dos limites da zona urbana). É um dos bairros mais antigos da capital e sempre se constituiu como uma localidade valorizada. O bairro foi mencionado pelo *Diário Esportivo* como um dos pioneiros de Belo Horizonte em relação ao futebol amador: “Existem ali diversas agremiações esportivas de várias categorias que têm como principal objetivo educar a mocidade e traze-la dentro de um regime disciplinar”<sup>516</sup>.

<sup>512</sup> *Idem*.

<sup>513</sup> O SÃO Cristóvão é uma legítima expressão do esporte menor. *Diário Esportivo*. 08 de nov. 1945, n.16, p.4.

<sup>514</sup> *Idem*.

<sup>515</sup> DOS SANTOS, Roberto, P. D.F.A, entidade para milionários. *Diário Esportivo*, 15 de nov. 1945, n.17, p.10.

<sup>516</sup> MONTREAL F.C. *Diário Esportivo*. 06 de dez.1945, n.20, p.10.

Pelo menos três clubes do bairro tiveram suas histórias narradas pelo *Diário Esportivo* – o E.C Minas Gerais, o Montreal F.C e o Paraíba F.C. O primeiro foi destacado por “seguir os velhos ideais do são amadorismo” e por não ceder “lugar para jogadores mascarados de ‘cracks’ e que jogam por interesses monetários”. Seu lema era: “jogar só por amor ao clube”<sup>517</sup>. O segundo foi enaltecido por ser uma equipe formada “na sua totalidade por jovens ginasiãos, que praticam o futebol por divertimento e não por outros interesses”. O amor à camisa também foi mencionado, junto às características da instituição e de seus integrantes: “a luxuosa sede” abriga os “elementos da mais fina sociedade do bairro”<sup>518</sup>. O terceiro clube mencionado, o Paraíba, também se orgulhava das características de seus associados: “Os nossos jogadores são dedicados e jogam com amor. Eles não dependem de nada do clube. Pelo contrário, auxiliam o mesmo material e monetariamente. Temos por lema ‘saber vencer e perder’. Todos os jogadores são estudantes, filhos das melhores famílias do bairro”<sup>519</sup>.

Clubes de outras regiões nobres da cidade, como o Arsenal F.C, do bairro Santo Agostinho<sup>520</sup>, figuravam nas reportagens com uma divulgação de princípios bem semelhantes às equipes supracitadas: “intuito de reunir a mocidade estudiosa e esportiva do bairro de Santo Agostinho” e “cuidar da educação física de nossos atletas”<sup>521</sup>. A ênfase que esses clubes sinalizavam no fato de só aceitarem jogadores que atuavam por amor à camisa e que desfrutavam da prática do esporte a partir de suas finalidades educativas e por divertimento pode ser indicativo da busca de uma forma de distinção em relação a outros clubes amadores que pagavam aos seus atletas ou os compensavam de outras formas. Em um cenário em que se proliferavam os clubes amadores pela região urbana e suburbana da cidade, manter os antigos princípios amadoristas poderia proporcionar uma nova forma de distanciamento distintivo (BOURDIEU, 2007).

Outra característica que destacava alguns desses clubes era o apadrinhamento por pessoas importantes da cidade ou do país. No caso do Arsenal F.C, o presidente de honra era o Cel. José Benjamin de Castro, “conhecido marchante da Capital”<sup>522</sup>. Outra agremiação, denominada E.C Getúlio Vargas, também oriunda do já citado bairro dos Funcionários, tinha

<sup>517</sup> E.C MINAS GERAIS. *Diário Esportivo*. 29 de nov. 1945, n.19, p.10.

<sup>518</sup> MONTREAL F.C. *Diário Esportivo*. 06 de dez.1945, n.20, p.10.

<sup>519</sup> O PARAÍBA é um grande pequeno clube. *Diário Esportivo*. 20 de dez. 1945, n.22, p.10.

<sup>520</sup> Vale ressaltar que o bairro Santo Agostinho, no início de seu surgimento era considerado um bairro pobre. Somente depois da década de 1920 com a retirada de famílias que ocupavam o local e com a construção de novos edifícios é que o bairro se tornou valorizado no mercado imobiliário belo-horizontino.

<sup>521</sup> BELO HORIZONTE, cidade dos clubes juvenis. *Diário Esportivo*. 18 de abr. 1946, n.38, p.11.

<sup>522</sup> *Idem*.

como presidente de honra o próprio Getúlio Vargas (no momento em que este ainda estava de posse do governo nacional)<sup>523</sup>.

Possivelmente, mais clubes amadores existentes na década de 1940 possuíam características semelhantes, mas ao que sugerem as fontes encontradas, a conformação da maioria das agremiações era bem diferente. Oriundas de bairros mais simples ou periféricos e nem sempre contando com boas sedes, campos e “bons apadrinhamentos”, talvez fossem estes os que motivavam a maior parte das reportagens acerca dos problemas estruturais do amadorismo e dos descasos das instituições gestoras. No trecho destacado anteriormente (que enfatizava as taxas cobradas pelo D.F.A), percebe-se que a noção de “verdadeiro” amadorismo estava atrelada à simplicidade, aos clubes que não detinham grandes fontes de renda para arcar com as despesas do Departamento.

De fato, após o advento do profissionalismo, pode-se constatar um aumento exponencial de clubes amadores oriundos das mais diversas localidades da cidade (QUADROS 1 e 2; FIG. 20) e, com isso, uma mescla de variantes interpretações e de diversos sentidos conferidos à própria ideia de amadorismo. Dentre os torneios já mencionados, havia campeonatos específicos como o “certame comércio e indústria”, por exemplo. Os nomes de muitas agremiações remetiam a empresas, estabelecimentos comerciais, instituições estudantis e aos próprios bairros onde estavam localizadas. Por meio dessa variedade é possível inferir a existência de uma composição bastante heterogênea do público que formava o cenário amadorista naquele momento. Os clubes amadores localizados durante a década de 1940 chegavam a quase duzentos<sup>524</sup>. Este quantitativo se difere significativamente dos clubes profissionais que atuavam na mesma década. De forma geral, compreendendo que um ou outro clube profissional não participou de todas as edições do campeonato mineiro nos anos 1940, podem ser elencadas as seguintes agremiações: América, Palestro Itália (Cruzeiro), Atlético, Villa Nova, Sete de Setembro, Siderúrgica<sup>525</sup>, Metaluzina<sup>526</sup> e Uberaba<sup>527</sup>.

<sup>523</sup> Uma das reportagens do Diário Esportivo noticiou que o quadro infantil do E.C Getúlio Vargas havia realizado uma excursão ao Rio de Janeiro, onde jogou com o C.R Flamengo e o América F.C. Segundo o jornal: “uma comissão de diretores do E.C Getúlio Vargas esteve no Palácio do Catete, onde ofereceu um belíssimo cartão de prata, com a dedicatória dos ‘mirins getulenses’” (Diário Esportivo, 11 de out. 1945, n.12. p.11).

<sup>524</sup> A existência desses clubes foi localizada por meio da análise de todos os periódicos consultados que abordavam a década de 1940. Possivelmente, alguns clubes ficaram de fora da listagem por não serem mencionados nos jornais ou por terem passados despercebidos na leitura das fontes, haja vista que as informações sobre os clubes amadores eram de menor importância para a maior parte dos periódicos, de forma que localizar dados sobre os mesmos não se constituiu tarefa fácil.

<sup>525</sup> Clube da cidade de Sabará, localizada a cerca de 15 km da capital.

<sup>526</sup> Clube da cidade de Barão de Cocais, localizada a cerca de 90 km da capital.

<sup>527</sup> Clube da cidade de mesmo nome, localizada a cerca de 480 km da capital.

Quadro 1 - Clubes amadores na década de 1940<sup>528</sup>

1	1º de Maio	67	Estudantes	133	Paraúna
2	Acadêmico	68	Expedicionário	134	Parque Riachuelo
3	AEC E.C.	69	Experia	135	Paulistano
4	Agronômico	70	Faculdade de Comércio	136	Paysandu
5	Aimoré	71	Flamengo	137	Pequi Avante
6	Aliança	72	Ferroviário	138	Pernambuco
7	Almirante Barroso	73	Flamenguinho	139	Pitangui S. C.
8	Alvorada	74	Flávio dos Santos	140	Pompeia Atlético Clube
9	Amapá	75	Flor de Lis	141	Portuguesa
10	Andaraí	76	Flôr de Minas	142	Prado Mineiro
11	Andes F.C.	77	Fluminense	143	Primavera
12	Anibal Benévolo	78	Fortaleza	144	Príncipe
13	Araguari	79	G. Ideal	145	Publicidade Editora Brasil
14	Artele	80	Galícia	146	Rádio Inconfidência
15	Astoria	81	Ginásio e Esgrima	147	Recreio
16	Atletic	82	Grajaú	148	Regionais
17	Atlético F.C.	83	Graminas	149	Regional
18	Atlético Mineiro de Esportes	84	Gran-Bell	150	Renascença
19	Banco do Brasil	85	G. E. Secretaria da Agricultura	151	Renascença Industrial
20	Bangu	86	Grêmio Florestino	152	Republicano
21	Bar Vitória	87	Grêmio M.	153	Reunidas
22	Barreiro F. C.	88	Gruta Ideal F.C.	154	Rex Futebol Clube
23	Bela Vista	89	Guarani	155	Rio Branco
24	Belo Horizonte	90	Gutierrez	156	Rio Casca F. C.
25	Bonsucesso F.C.	91	Horizonte Têxtil	157	S.C. Carlos Prates
26	Botafogo	92	Horizontino	158	S.C. Horizonte
27	Brasil	93	Inconfidência	159	Samp
28	Brasilina	94	Independente	160	Sampaio
29	Britânia	95	Industrial E.C.	161	Santa Cruz
30	C.A. Bandeirante	96	Industrial Itacarambi	162	Santa Helena
31	Calçados Nilo F.C.	97	Ipiranga	163	Santa Rita
32	Canto de Minas E.C.	98	Irmãos Reunidos	164	Santa Tereza
33	Cascatinha	99	Itajubá	165	Santanense
34	Celeste Império	100	Itaú	166	Santos Dumont
35	Central	101	Itaunense	167	Santos F.C.
36	Central do Brasil	102	João Pinheiro	168	São Cristóvão A.C.
37	Cerâmica	103	Juventus	169	São Francisco
38	Chapei	104	Lafaiete	170	São Jorge
39	Clube Atlético Suburbano	105	Lagoinha	171	São Luís
40	Colonial	106	Lalka	172	São Paulo

<sup>528</sup> Os três principais clubes da cidade, América, Atlético e Palestra também mantiveram quadros juvenis de amadores, mas não foram elencados juntos aos demais devido à ação primordial desses clubes na atividade profissional.

41	Columbia	107	Ludol	173	Social
42	Comiteco F.C.	108	Lusitana	174	Terrestre E. C.
43	Concordiano	109	Madureira	175	Texas
44	Continental	110	Maravilha	176	Têxtil E.C.
45	Coríntians	111	Marcondes dos Anjos	177	Tiradentes
46	Coríntians Mineiro	112	Mariana	178	Tremedal
47	Cruz Jardim	113	Massas Aymoré	179	Tropical
48	Cruzeiro do Sul	114	Matadouro	180	Tupi Guarani
49	Cruzmaltino A.C.	115	Mercezano	181	Tupinambás
50	Curvelano E. C.	116	Metalgrafia	182	U.E.C.
51	Diamante	117	Minas Moderna	183	União
52	Dínamo Esportivo	118	Mineiro	184	União Fabril
53	Drogaflora	119	Modelo F.C.	185	União Serrano S.C.
54	Drogaria Brasil	120	Montanhês	186	Unidos da Lagoinha
55	Duque de Caxias	121	Monte Castelo F.C.	187	Universal
56	E C Belo Horizonte	122	Montreal F.C.	188	Vasco
57	E. Minas	123	Mundo Colegial	189	Vasco da Gama
58	E.C. Anglo Brasileiro	124	Nacional	190	Vera Cruz F. C.
59	E.C. Marquês de Olinda	125	Necaxa	191	Vila Concórdia
60	E.C. Minas Gerais	126	Neuza E. C.	192	Vila Esplanada
61	E.C. Paraguai	127	Oeste	193	Vila Independência
62	Eldorado F. C.	128	Operário	194	Vitória do Ipiranga
63	Escola de Medicina	129	Oriente	195	Vitória E.C.
64	Esporte Clube Jabaquara	130	Palmeiras	196	Xavier Lamounier
65	Estrela de Minas	131	Paniflor	197	XI de Bela Vista F.C
66	Estrela de Ouro	132	Papelaria Brasil		

Fonte: própria autora

Quadro 2 - Informações sobre alguns clubes amadores que atuavam na década de 1940.

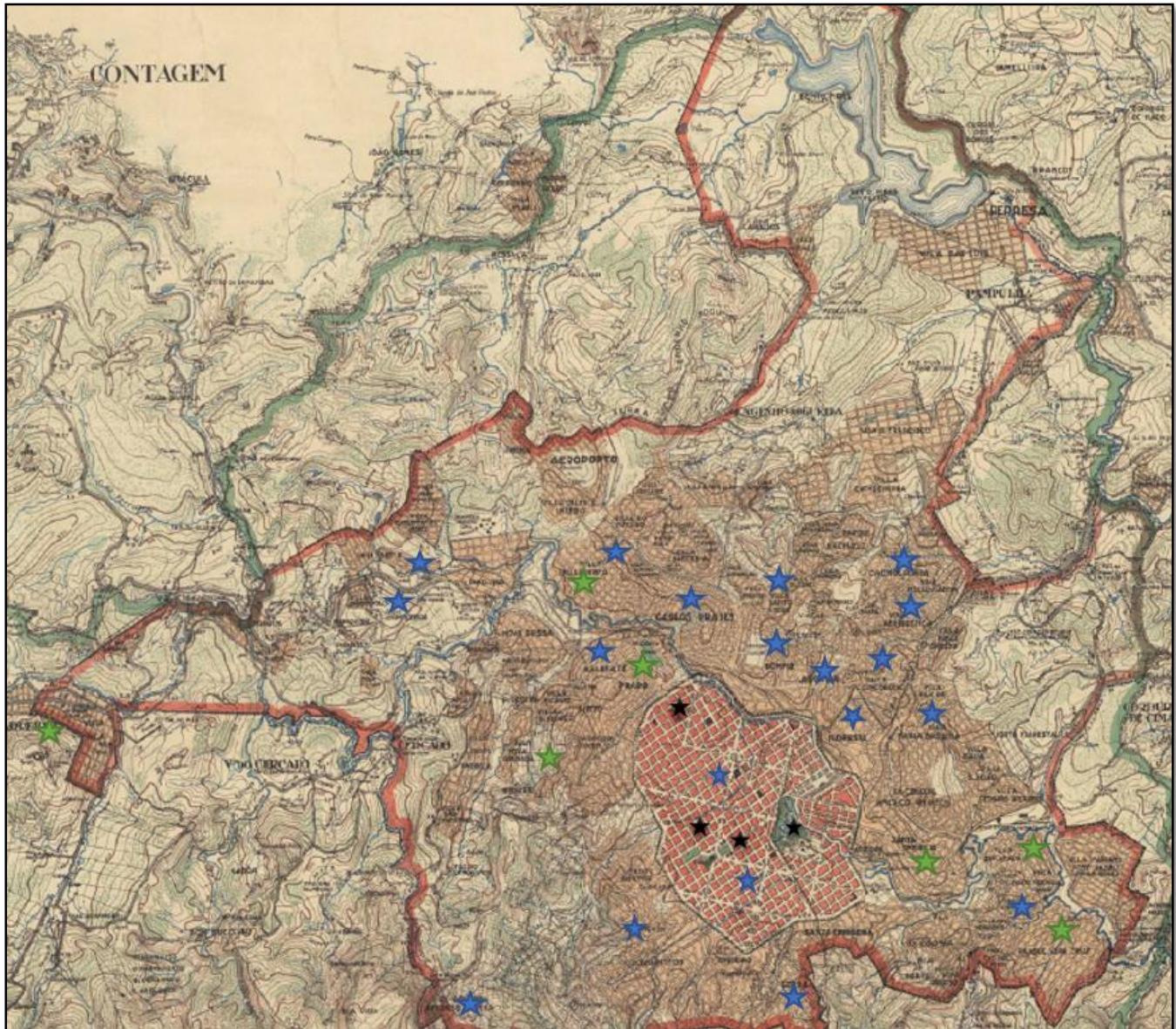
Clubes	Bairro e/ou instituição	Ano de fundação	Região da cidade
Fluminense	Lagoinha	Década de 1920	Noroeste
Carlos Prates	Carlos Prates	1927	Noroeste
Tremedal	Padre Eustáquio	1930	Noroeste
Flor de Minas F.C	Bonfim	1931	Noroeste
Juventus	Carlos Prates	1931	Noroeste
Paraúna	Serra	1933	Centro-sul
E.C Paraízo	Carlos Prates	1933	Noroeste
Associação Athletica Portuguesa	-----	1933	-----
Parque Riachuelo F.C	Cachoeirinha	1933	Nordeste
Terrestrino	Lagoinha	1934	Noroeste
Necaxa	Floresta	1936	Leste
Alvorada	Vila Oeste	1937	Oeste

E.C Getúlio Vargas	Funcionários	1939	Centro-sul
Curvelano	Floresta	1940	Leste
Horizonte Têxtil	Cachoeirinha	1941	Nordeste
União E.C	Vila de Santo André	1941	Noroeste
Vitória E.C	Vila Renascença	1942	Nordeste
E.C Minas Gerais	Funcionários	1942	Centro-sul
Paraíba	Funcionários	1943	Centro-sul
Mineiro	Vila Maria Brasilina	1944	Leste
Recreio E.C	Lagoinha	1944	Noroeste
Inconfidência E.C	Vila Concórdia	1944	Nordeste
São Cristóvão A.C	Bonfim	1944	Noroeste
Lagoinha F.C	Lagoinha	1945	Noroeste
Montreal F.C	Funcionários	1945	Centro-sul
Araguari F.C	-----	1945	-----
Astoria E.C	Mercado Municipal	1945	-----
Dínamo Esportivo	-----	1946	-----
Inconfidência F.C	Rádio Inconfidência	1946	Oeste
Pompeia Atlético Clube	Vila Parque Jardim	1946	Leste
Arsenal F.C	Santo Agostinho	1946	Centro-sul
Atlético Suburbano	-----	1947	-----
Estrela de Ouro	Calafate	-----	Oeste
Mangueira	Lagoinha	-----	Noroeste
REX F.C	Papelaria e Livraria Rex e Casa Bristol	-----	-----
Atlético F.C	Vila Afonso Pena	-----	-----

Fonte: própria autora.

Em relação a este quadro é importante salientar que não foi possível encontrar informações completas sobre todos os clubes. No caso de alguns, apenas o ano de fundação foi localizado, no caso de outros, apenas o bairro. No entanto, é possível perceber uma distribuição significativa dos clubes pela cidade, com destaque para as regiões oeste, noroeste, leste, nordeste e centro-sul. No mapa apresentado a seguir observa-se com mais clareza a expansão dos clubes, sobretudo, para além dos limites da região urbana (marcada pela cor laranja), onde surgiram os primeiros clubes da capital.

Figura 20: Parte do mapa de Belo Horizonte do ano de 1940 e a distribuição de clubes amadores por bairros durante a década.



Legenda: Estrelas azuis: clubes onde a localização exata foi encontrada nos periódicos; estrelas verdes: clubes alocados por inferência de acordo com nomes que equivaliam à bairros (por exemplo: Santa Tereza, Vera Cruz, etc.); estrelas pretas: localização aproximada dos primeiros clubes criados na cidade.

Fonte: adaptação da autora do mapa da cidade de Belo Horizonte (1940), disponível no acervo do Arquivo Público Mineiro<sup>529</sup>.

Entretanto, o crescimento dos clubes e a criação de uma entidade gestora específica não significou, pelo que demonstram as reportagens, maior valorização do “esporte menor”, pelo menos não da mesma forma em relação a todas as agremiações. O aumento

<sup>529</sup> ARQUIVO Público Mineiro. Mapa do município de Belo Horizonte (1940). Fundo Secretaria de Viação e Obras Públicas (SVOP-287).

quantitativo não representou, necessariamente, maior visibilidade e representatividade aos clubes amadores. Em mais uma das divisões do campo esportivo belo-horizontino, o futebol amador, detentor de menor capital econômico e social, especialmente por não ter se constituído em um produto midiático interessante, ficava relegado a um segundo plano nas disputas de poder inerentes ao campo, em uma conjuntura que favorecia explicitamente o futebol profissional e os seus lucros. Os dirigentes dos clubes profissionais continuavam pertencendo às classes mais abastadas da cidade, o que contrastava com a conformação da maior parte das equipes amadoristas.

O ex-governador Benedito Valadares foi mencionado como um dos culpados pela situação do futebol amador na cidade. Valadares foi amplamente citado nos periódicos da década de 1930 e 1940 como um grande incentivador dos esportes. A política de construção de praças esportivas foi a medida mais difundida e enaltecida por revistas e jornais belo-horizontinos, como fator de grande desenvolvimento e modernização do estado. Contudo, suas ações foram descritas como circunscritas a apenas algumas modalidades, como relata a seguinte reportagem intitulada “E o amadorismo foi sempre esquecido...”

O ex governador Benedito Valadares Ribeiro nunca deu um passo em favor do futebol amadorista. S. Excia auxiliou todos os demais esportes como a natação, os clubes, futebol profissional, mas o futebol humilde dos pequenos clubes, que deveria ser amparado com o máximo carinho, foi sempre esquecido. O ex-governador fez construir pelo interior de Minas afora as praças de esportes Minas Gerais e não se lembrou de construir um estádio para os clubes amadoristas, apesar dos insistentes pedidos<sup>530</sup>.

Na década de 1940, todos os três principais clubes profissionais da capital mineira possuíam seus próprios estádios, todos construídos com o auxílio de verbas públicas (FIG.21). Ao que consta a reportagem supracitada, nenhum estádio havia sido construído para os clubes amadores, que mantinham seus torneios em pequenos campos espalhados pela cidade (FIG.22).

---

<sup>530</sup> DOS SANTOS, Roberto P. E o amadorismo foi sempre esquecido... Diário Esportivo, 29 de nov. 1945, n.19, p. 10.

Figura 21: estádio Otacílio Negrão de Lima (América), 1948



Fonte: <http://www.americamineiro.com.br/club/histories/>

Figura 22: primeiro campo do clube amador Alvorada (1937)



Fonte: Acervo pessoal Sr. Nilton Graciano da Silva, foto tirada em 1952.

A questão ainda se agravaria com a destruição de campos que serviam aos clubes amadores. Como não havia se concretizado a construção de um estádio para o amadorismo, assinalava-se que Valadares “deveria ter cedido terrenos para os clubes construírem, provisoriamente, seus campos”<sup>531</sup>. Mas, ao que constava na reportagem, sucedeu-se o contrário: “a Prefeitura, com a ganancia do dinheiro, mandou destruir vários campos já existentes para vender em hasta publica e os clubes ficaram chupando o dedo. Desta maneira não é possível o progresso do nosso amadorismo”<sup>532</sup>. O texto ainda ressaltava a existência de cerca de 250<sup>533</sup> clubes amadoristas em Belo Horizonte no ano de 1945, numeração bem superior aos 76 clubes citados em 1942. Para esta realidade, os campos seriam “diminutos” e, assim, os clubes continuariam à espera da “boa vontade dos futuros governantes”<sup>534</sup>.

No ano seguinte, reivindicações semelhantes seriam publicadas pelo jornal *Folha Esportiva*. O texto relatava o pouco interesse das autoridades em cuidar dos “chamados pequenos clubes da cidade”. Para a consecução da “obra grandiosa” do amadorismo em “prol da educação da mocidade mineira”, argumentava-se que os grêmios necessitavam de campos para “preparar os atletas para o dia de amanhã”<sup>535</sup>.

O desejo que impera nas hostes desses ‘pequenos’ clubes, como são injustamente alcunhados, é um desejo sô, puro e altamente altruístico. Não se pode em absoluto, nem esboçar sequer a hipótese de que suas reais pretensões tenham algo de absurdo [...]. Há, entretanto, meia duzia de gananciosos que preferem trabalhar contra os pequenos clubes, pois terrenos há muitos, abandonados e entregues á sorte do fator tempo. Existem outros elementos ‘personas não grata’, os maldosos que, sem qualquer justificativa preferem veladamente, sob supostas necessidades, prejudicar as agremiações esportivas, desalojando-as depois de grandes e incansáveis sacrifícios, no afã de preparam um terreno, afim de poderem seus associados praticar o esporte de sua predileção e divertimento. Os diretores dos pequenos clubes da cidade, sabendo destas tramoias e atitudes desonestas, estão trabalhando com mais afinco, no sentido de que as nossas autoridades cooperem também com o futebol amador, como cooperam com os esportes especializados<sup>536</sup>.

Outra reclamação se processaria em relação à instalação do Departamento de Futebol Amador. O prédio, localizado na região central da cidade, estaria deteriorado, em

---

<sup>531</sup> *Idem*.

<sup>532</sup> *Ibidem*.

<sup>533</sup> Na pesquisa realizada sobre a quantidade de clubes amadores que apareceram nos periódicos na década de 1940 (quadro 1) o número de agremiações é menor, o que pode indicar que muitos dos clubes não participavam dos torneios mencionados nos jornais ou que vários deles não tenham sido notados durante a pesquisa, como explicado anteriormente.

<sup>534</sup> DOS SANTOS, Roberto P. E o amadorismo foi sempre esquecido... *Diário Esportivo*, 29 de nov. 1945, n.19, p. 10.

<sup>535</sup> CLAUDIO, Eli Murilo. Amparo aos pequenos clubes. *Folha esportiva*, 11 de nov. 1946, n.7, p.2.

<sup>536</sup> *Idem*.

condições bem diferentes das descritas quando da criação do D.F.A (“confortavelmente instalada à rua São Paulo”). As críticas sobre os problemas do prédio ganhavam maior embasamento por meio da comparação com a situação da sede da F.M.F.

Enquanto a Federação Mineira de Futebol está luxuosamente instalada no Edifício Mariana, o DFA está pessimamente instalado em um velho casaréu da rua São Paulo. Nos dias de chuvas, a sala principal que é a de seu diretor, fica transformada numa verdadeira lagoa. A sede está caindo aos pedaços. Há dias em que o sr. Caran se vê obrigado a comparecer na sede da entidade, munido de capa e guarda-chuva, porque cai agua em todos os quatro cantos da sala<sup>537</sup>.

A reportagem em questão cobrava o auxílio da F.M.F na resolução dos problemas estruturais do D.F.A, já que esta entidade estava sob a gerência da primeira. Por esta razão, não se justificaria “este abandono completo”. Além dos problemas agravados com as chuvas, a sede do D.F.A já se encontrava pequena para “conter 400 representantes de clubes”<sup>538</sup>, o que demandaria investimentos da F.M.F para se alugar outro espaço para a sede de amadores. De acordo com o texto, o D.F.A não teria condições para realizar tal empreitada sem o auxílio financeiro da F.M.F.

Outras situações envolvendo a gestão da Federação Mineira de Futebol eram também mencionadas. Frequentemente reclamava-se do atraso nas deliberações da entidade, o que prejudicava o andamento dos torneios amadores: “A Federação Mineira de Futebol está atrasando todo o serviço do Departamento de Futebol Amador, pois até o momento não aprovou nenhum encontro”<sup>539</sup>. A autonomia propagandeada para o futebol amador quando da criação do D.F.A no ano de 1942, esbarrava-se em sua subordinação à F.M.F.

No mês seguinte à publicação anterior, as mesmas reclamações permaneciam: “Continua a Federação Mineira de Futebol em seu descaso para com o Departamento de Futebol Amador. Até o momento não se deu conhecimento, à sua subordinada, da aprovação dos jogos amadoristas que lhe foram encaminhados”<sup>540</sup>. Na mesma edição, retomava-se a discussão sobre a necessidade de aquisição de uma nova sede para o D.F.A: “O Departamento de Futebol Amador está necessitando com urgência, de uma sede social mais ampla e confortável. Não poderia a FMF, ceder-lhe uma de suas salas no Edifício Mariana até solucionar-se o impasse”<sup>541</sup>?

<sup>537</sup> DOS SANTOS, Roberto P. O D.F.A precisa de sede com urgencia. *Diário Esportivo*, 21 de mar. 1946, n.34, p.10.

<sup>538</sup> *Idem*.

<sup>539</sup> NOTICIÁRIO da varzea... *Folha Esportiva*, 08 de out. 1946, s/n, p.3.

<sup>540</sup> NOTICIÁRIO da varzea. *Folha Esportiva*, 04 de nov. 1946, n.6, p.6.

<sup>541</sup> *Idem*.

Outros problemas surgiam com certa constância, relativos à arbitragem e à ocorrência de situações de violência nos campos. Questões envolvendo os juízes possuíam semelhanças com o que acontecia no profissionalismo, como o não comparecimento de árbitros e a escolha forçada de substitutos na hora da partida.

Mais uma vez deixaram de comparecer as autoridades designadas pelo D.F.A, que aliás é natural. É preciso que o diretor da entidade máxima do amadorismo tome enérgicas providências para evitar que as autoridades escaladas faltem aos seus compromissos. No jogo de ontem, por exemplo, foi necessário escolher um árbitro de comum acordo, o sr. Antonio Moreira para dirigir o mesmo. [...] pelo que vemos não entende patavina do que chama regra de futebol, pois apitando inconscientemente, prejudicou ambos os quadros, com uma atuação que pode ser taxada de péssima. Se o árbitro fosse conhecedor das regras futebolísticas, a peleja poderia ter oferecido outro resultado<sup>542</sup>.

A cena se repetiria inúmeras vezes, o que motivava o jornal *O Amadorista* a cobrar explicações do D.F.A e medidas urgentes para sanar os improvisos, no intuito de se agir contra os “irresponsáveis e não cumpridores de seus deveres”<sup>543</sup>.

Está sendo necessária uma providência enérgica do D.F.A contra o não comparecimento das autoridades escaladas. Na peleja de ontem, por exemplo, entre o Monte Castelo e o Itaú não compareceram as autoridades escaladas, sendo escolhido então um árbitro de comum acordo, sr. Anibal Ferreira, que teve brilhantismo de atuação<sup>544</sup>.

O jornal *Diário Esportivo* havia proposto no ano de 1945, o pagamento de uma taxa aos juízes, conforme já acontecia na divisão de profissionais da F.M.F. O argumento central residia no entendimento de que, agraciando os árbitros, estes ficariam satisfeitos e o “eterno problema dos juízes” poderia ser solucionado.

Os atuais dirigentes do D.F.A. devem olhar com mais carinho para os juízes. Eles deixam de lado os seus passeios dominicais e muitos passeios, para irem aos mais distantes campos de nossa várzea apitar jogos, sujeitos a ofensas, agressões, etc. E nada recebem da entidade! Não digo duzentos ou trezentos cruzeiros por jogo, mas, ao menos, uns trinta cruzeiros. Eles ficariam satisfeitos e assim ficaria solucionado o eterno problema dos juízes<sup>545</sup>.

<sup>542</sup> UM empate de três tentos. *O Amadorista*, 26 de agost.1946, p.1, n.1.

<sup>543</sup> ESPETACULAR vitória do Monte Castelo. *O Amadorista*. 02 de set. 1946, n.2, p.1.

<sup>544</sup> *Idem*.

<sup>545</sup> COLUNA varzeana. *Diário Esportivo*. 08 de nov. 1945, n.16, p.3.

Em uma das publicações do jornal *O Amadorista*, intitulada “Tragedia e comedia dos juízes amadoristas”<sup>546</sup>, os árbitros eram considerados “o mais sério problema do futebol”. O texto destacava os improvisos e a falta de conhecimento de muitos deles sobre as regras do futebol. Ressaltava-se, também, que os juízes viviam sob “constantes apuros, pois torcedores de campos abertos não levam desafetos para a casa”<sup>547</sup>.

Se ódio, insultos pezados matassem, não restaria sique vestígios de componentes do quadro de amadores da Entidade Amadorista. Sem remuneração de espécie alguma, os juízes amadoristas, semanalmente, arriscam sua integridade física, enfrentando às vezes ‘viagens penosas’ de campos distanciados, uma ‘lua’ causticante, enfim, merecem ser considerados verdadeiros abnegados, ou mesmo heróis! Nem todos compreendem a sua abnegação, o seu sacrifício e o reconhecimento de alguns consiste em um tijolo ou uma garrafada no crânio do herói!<sup>548</sup>

O trecho supracitado demonstra que os problemas estruturais envolvendo a arbitragem seriam menores se comparados às ocorrências de situações de violência nos campos. Tal constatação contrariava todo o aporte teórico que regia os princípios do amadorismo ainda difundidos pelos periódicos. Outras reportagens detalhariam diversos episódios, envolvendo juízes, atletas e torcedores, o que denotava condutas comportamentais bastante semelhantes às do futebol profissional.

Em uma das reportagens publicadas no *Diário Esportivo*, produzia-se uma comparação entre os esquemas de segurança existentes nas partidas da divisão de profissionais e da divisão de amadores. A primeira seria a maior beneficiária de aportes de segurança: “realizavam-se em campos fechados, dirigidos por autoridades remuneradas, juízes, delegados e bandeirinhas e do Conselho Regional de Desportos, e ainda sob severa e abundante vigilância policial e militar”<sup>549</sup>. Ainda assim, o artigo mencionava as não raras cenas de “tumultos e pugilato”, “tanto mais surpreendentes quando inesperadas, pelo ambiente de aparatos seguraçā em que se realizam os jogos”<sup>550</sup>.

A partir destas informações, o texto buscava embasamentos para propor melhores estruturas de segurança aos torneios amadores, indicando que já havia em curso “um intenso trabalho de reeducação desportiva”, desenvolvido “junto aos clubes e aos próprios amadores,

<sup>546</sup> AQUINO, Dilson de Andrade. Tragédia e comédia dos juízes amadoristas. 23 de set. 1946, n. 5, p.1.

<sup>547</sup> *Idem*.

<sup>548</sup> *Ibidem*.

<sup>549</sup> CARAM, A. Abrahão. Disciplina amadorista. *Diário Esportivo*. 23 de agost. 1945, n.5, p.5.

<sup>550</sup> *Idem*.

pela entidade amadorista magnificamente coadjuvada pela ação patriótica e esclarecida da crítica esportiva da Capital, tanto na imprensa como na rádio”<sup>551</sup>.

[...] Em nossas canchas varzeanas, democráticas por excelencia, abertas tanto ao publico como ao proprio sol das tardes domingueiras e como aos próprios ventos, nada menos de cem partidas se realizam expostas as invasões, por não terem os campos, nem uma simples linha separando os assistentes dos atletas [...]. Em verdade ha incidentes sem poder deixar de assim acontecer, porque em todos os meios, ha elementos absolutamente incontrolaveis, cuja unica função em qualquer sociedade é a de provocar, acirrar e desencadear os animos<sup>552</sup>.

O texto se encerrava enaltecendo o esforço despendido “para reconduzir o desporto ás suas verdadeiras e altas finalidades”, ainda que “alguns senões e algumas falhas” pudessem “aparecer no seu conjunto”<sup>553</sup>. No entanto, os problemas mencionados persistiriam.

Em sua terceira edição, o jornal *O Amadorista* narrou um incidente ocorrido em um dos jogos do torneio amador, disputado entre o Fluminense e o São Jorge:

Quando a bola estava sendo colocada no centro surge em campo um senhor munido de um guarda-chuva, e sem que ninguém se apercebesse de suas intenções, dirigiu-se ao juiz da partida, sr. Castelo, e vibrou-lhe o guarda-chuva na testa, ferindo-o. Imediatamente estabeleceu-se o pânico dentro do campo, quando um jogador do 2º quadro do Fluminense, agrediu também o referido senhor, resultando um verdadeiro pandemônio quando numerosas pessoas entraram em campo, trocando ponta-pés, pescocões, etc<sup>554</sup>.

Outras situações seriam descritas, como as brigas que ocorreram em uma disputa entre os quadros do Xavier Lamounier e do Metalgrafia. Nesta ocasião, foram narradas “jogadas violentas”, cenas de insulto e discussões entre os jogadores<sup>555</sup>. Uma das reportagens propunha um policiamento efetivo para os campos de várzea, com a alegação de que “sempre acontecem coisas de fazer arrepiar os cabelos. Quando não sai pancadaria entre os amadores, surgem questões com os juízes, e muitas vezes mesmo com os torcedores”<sup>556</sup>. O texto mencionava um fato de maior gravidade: o falecimento de um bandeirinha (árbitro auxiliar) após uma agressão proferida por um jogador. O acontecimento fez com que as cobranças relativas a um maior rigor na atuação policial aumentassem, embasadas pela seguinte

<sup>551</sup> *Ibidem*.

<sup>552</sup> *Ibidem*.

<sup>553</sup> CARAM, A. Abrahão. Disciplina amadorista. *Diário Esportivo*. 23 de agost. 1945, n.5, p.5.

<sup>554</sup> LIDER invicto do 3º distrito... *O Amadorista*. 09 de set. 1946, n. 3, p. 4.

<sup>555</sup> CAMPEONATO comércio e indústria. *Folha Esportiva*. 09 de dez. 1946 n.11, p.3

<sup>556</sup> DOS SANTOS, Roberto P. É necessário policiamento para os campos de varzea. *Diário Esportivo*. 28 de mar. 1946, n.35, p.11.

observação: “porque das vezes que foram destacados praças da Força Policial, tivemos oportunidade de assistir a vários jogos e notar que os referidos praças só apenas assistiam o princípio das partidas e depois davam o fora...”<sup>557</sup>.

Mais um caso, dessa vez com a agressão protagonizada por um árbitro, recebeu destaque. A partida era entre os quadros do Terrestre e do Parque Riachuelo. A atitude do juiz, Rubens Pascoal, foi descrita como decepcionante para os espectadores.

Não que este árbitro tenha prejudicado o desenrolar do jogo, com falhas na marcação das penalidades [...], mas sim, pela sua atitude extremista, quando Sinval, médio do Terrestre, recebendo um violento ‘foul’ de um adversário foi lhe mostrar o estado em que ficou o seu calção. Imediatamente o sr. Rubens apitou, expulsando de campo o citado jogador, ao mesmo tempo que sacava de sua cintura uma enorme faca, tomando assim uma atitude agressiva<sup>558</sup>.

A reportagem ressaltava que não era a primeira vez que o árbitro demonstrava tal postura: “Também dirigindo o encontro entre os quadros do Fluminense e do Parque, em determinado momento resolveu exibir a sua já famosa faca para alguns elementos do gremio tricolor”. O texto se encerrava lamentando a ocorrência de tal episódio numa época em que o “cavalheirismo” imperava no esporte e relacionava o incidente a um “tempo lendário” já superado, “em que os juízes levavam consigo armas para se defenderem durante os jogos”. Para o autor do artigo, naquele momento atual, o amadorismo estava “alcançando um alto grau de civilização”<sup>559</sup>.

No entanto, os discursos cavalheirescos e civilizatórios se confrontavam correntemente com as situações concretas que aconteciam no cotidiano. Além da morte do bandeirinha, outro caso grave foi noticiado pelo jornal *O Amadorista*: a morte de um jogador durante uma disputa de bola. Segundo o impresso, o fato ocorreu durante uma partida entre as equipes do São Jorge e do Rio Branco, “quando numa investida da linha atacante do São Jorge é centrada uma bola de esquerda...”<sup>560</sup>

Subindo para cabeceá-la, o meia direita do São Jorge, José Isbaldi, foi deslealmente atacado pelo zagueiro José André, que acertou-lhe um pontapé na altura do abdômen. Retirando-se do campo, pois sentia dores horríveis, José Isbaldi foi, horas depois, encaminhado ao hospital de Pronto Socorro, onde veio a falecer no dia seguinte<sup>561</sup>.

<sup>557</sup> *Idem*.

<sup>558</sup> FERREIRA, Ruy. Faca em foco. *O Amadorista*. 16 de set. 1946, n.4, p.2.

<sup>559</sup> *Idem*.

<sup>560</sup> ENLUTADO o São Jorge. *O Amadorista*. 23 de set. 1946, n.5, p.1.

<sup>561</sup> *Idem*.

A reportagem em questão se esforçou em destacar a pouca idade do jogador vitimado (vinte e dois anos) e algumas de suas qualidades: “muito estimado entre os seus companheiros de clube, tendo sido um dos fundadores do mesmo”, José era “honesto, trabalhador e de bom coração”, “leal e disciplinado”. O texto ainda ressaltava o fato de que sua morte prematura ocasionaria dificuldades para os seus pais “pobres e já velhinhos, pois era o sustentáculo da casa”. Como conclusão, informava-se que o D.F.A já estaria tomando as devidas providências com a instauração de um inquérito, no intuito de se apurar os acontecimentos e “expurgar do seio do amadorismo esses elementos indisciplinados e desleais que arruínam o nosso esporte”<sup>562</sup>. O periódico ainda publicou uma foto em que destacava o jovem atleta morto (FIG. 23).

Figura 23: José Isbaldi, o segundo jogador, em pé, da direita para a esquerda.



Fonte: O Amadorista. 23 de set. 1946, n.5, p.1.

<sup>562</sup> Ibidem.

Outro texto publicado na mesma edição realçava o descontentamento com as situações verificadas: “Quem acompanha de perto os jogos varzeanos, deve estar ficando cada vez mais desiludido com o amadorismo, pela falta de disciplina e deslealdade que se tem verificado ultimamente”<sup>563</sup>. O autor denunciava os “amadores inescrupulosos” e as atitudes desonestas como as que haviam vitimado o jogador do São Jorge. Em suas palavras, era preciso lutar para que os valores do amadorismo fossem restabelecidos.

Um campo varzeano não é uma arena, onde são oferecidos espetáculos degradantes a moral e a civilização, a feitio do que se verificava no tempo do Império Romano, e sim, um lugar onde se reúnem 22 elementos para disputar um prélio, que deverá transcorrer debaixo de um só princípio, e que, para isso deve concorrer todos os disputantes [...]. Infelizmente são poucas as partidas amadoristas que transcorrem nos moldes da disciplina e da desportividade. [...] o amadorismo é uma escola que tem o compromisso de educar fisicamente os nossos jovens para o engrandecimento de nossa raça, e não um lugar degradante que chega a por em risco a própria existência<sup>564</sup>.

*O Amadorista* era um jornal pequeno, com apenas quatro páginas. Na década de 1940 já era comum que os jornais e revistas tivessem uma paginação maior. As poucas folhas do impresso em questão, destinado apenas ao esporte amador, foram testemunhos de vários episódios de violência, o que demonstra a recorrência de fatos como os narrados anteriormente. Nele, podia-se perceber, com clareza, o confronto entre as tentativas de manutenção e veiculação de um ideal amador purista – representante dos discursos generalistas que historicamente conferiram ao amadorismo a legitimidade da boa prática esportiva – e o que se construía no cotidiano pelos atores sociais, partícipes do contexto esportivo, mas envoltos por outros interesses, outros princípios, outros costumes e outras finalidades.

Em termos gerais, pode-se constatar que *O Amadorista* teve uma existência muito curta. Foram publicadas apenas seis edições. Este periódico pode ser considerado um retrato dos vários exemplos citados por Linhares (1995) ao descrever a imprensa belo-horizontina desse período. A vida curta de grande parte dos impressos foi uma característica enfatizada pelo colecionador. Ainda assim, a existência de *O Amadorista* demarca um posicionamento de seus editores e colaboradores acerca do amadorismo. O impresso não apenas publicava resultados de jogos e normativas do D.F.A, mas se envolvia com a vida dos clubes e se arriscava a produzir textos críticos sobre a situação do “esporte menor”.

<sup>563</sup> FERREIRA, Ruy. Se assim continuar!... *O Amadorista*, 23 de set. 1946, n.5, p.2.

<sup>564</sup> *Idem*.

Outros periódicos destinados exclusivamente ao esporte amador (ou que assim se apresentavam ao público) foram publicados na década de 1940. Um deles era o *Esporte em Marcha*, que se manteve em circulação no ano de 1949, sendo assim apresentado: “[...] intérprete leal dos movimentos, iniciativas, feitos e campanhas dos clubes e entidades amadoras [...]”<sup>565</sup>. Com uma proposta diferente de *O Amadorista*, o referido impresso se dedicou com mais afinco a noticiar a realização de torneios e resultados de jogos. Outros esportes também recebiam destaque, mas com um nível de importância bem inferior ao futebol. Ao que parece, sua existência também foi muito curta, mas tal fato não pôde ser efetivamente comprovado, já que não foram localizadas informações que assinalassem a quantidade exata de números publicados.

Merce destaque a existência do jornal *O Terrestrino*, único periódico encontrado produzido por um clube amador de futebol: O Terrestre Esporte Clube. Em seu número inaugural, editado em maio de 1946, ressaltava-se a sua finalidade: “Levar ao seu imenso quadro social, todas as notícias que gravitam em torno da vida do clube”<sup>566</sup>. A produção de um veículo próprio pode ser um forte indicativo de uma posição privilegiada ocupada pelo clube no cenário do futebol amador daquele período, o que contrastava com o bairro pobre no qual foi fundado, a Lagoinha. Neste caso, é preciso reconhecer outras formas de legitimação que não se resumem à critérios determinados e que se erigem por diversos fatores, sejam eles geográficos, políticos, econômicos, simbólicos, dentre outros. A fundação oficial da agremiação data de 1934 e durante sua trajetória o Terrestre se destacou como um dos clubes de maior sucesso nos torneios amadoristas.

Também convém destacar a revista *Paysandú*, pertencente ao clube esportivo homônimo, fundada em 1942. O periódico dedicava-se, assim como os demais mencionados, a noticiar o esporte amador. Entretanto, dentre o rol de modalidades existentes no clube (atletismo, ciclismo, escotismo, basquetebol, voleibol, tiro, esgrima, pingue-pongue, natação e xadrez), o futebol era apenas mais um esporte. Em realidade, o futebol era pouquíssimo mencionado. A revista se distanciava das outras publicações ao enfatizar o papel da educação física em geral no desenvolvimento humano. Na capa de seu primeiro número constava: “Tudo pela difusão dos esportes para melhor aperfeiçoamento da raça”<sup>567</sup>. Seus propósitos se assemelhavam aos da revista do Minas Tênis Clube, mencionada no capítulo 1. Nesta

<sup>565</sup> APRESENTANDO. O esporte em marcha. 22 de agost. 1949, n.1, p.1.

<sup>566</sup> NOSSO aparecimento. O Terrestrino, mai.1946, n.1, p.1.

<sup>567</sup> PAYSANDÚ. Abr. 1942, n.1.

perspectiva, os esportes especializados eram percebidos como os representantes mais legítimos dos princípios educativos e elevados do amadorismo.

Partindo para outra análise, pode-se constatar que, embora os outros jornais mencionados abordassem o futebol amador e publicassem reportagens reivindicando soluções para episódios violentos, melhorias estruturais e maior atenção da F.M.F, o foco era centralizado no futebol profissional. Os relatos sobre o futebol amador, por muitas vezes, serviam mais a um aporte discursivo do que a uma valorização do esporte em si em equivalência ao modelo profissional. Além das discrepâncias estruturais entre um regime e outro, havia também uma discrepância valorativa que se manifestava nas formas de difusão das informações. Tal fato estava presente mesmo nos jornais que se dispuseram, declaradamente, a valorizar o amadorismo, como o *Folha Esportiva* e *O Diário Esportivo*.

Um exemplo emblemático se encontra em uma das reportagens publicadas no *Diário Esportivo*, no ano de 1945, acerca do retorno dos pracinhas brasileiros após o término da Segunda Guerra Mundial. O texto enaltecia a presença de “figuras do mundo esportivo da vitoriosa F.E.B”<sup>568</sup> (Força Expedicionária Brasileira). Na impossibilidade de “arrolar todos os componentes”, o jornal optou em falar dos “principais”, ou seja, os jogadores que compunham as fileiras do futebol profissional. Uma lista com integrantes de equipes que já haviam atuado em Minas Gerais foi publicada, com informações e menções elogiosas a cada jogador, como Perácio (jogador do Flamengo-RJ), Eugênio de Freitas (jogador do Botafogo-RJ) e Braulio (antigo goleiro do Atlético mineiro). Após este destaque, os “anônimos cracks do interior”, “os amados plaieres da varzea” foram mencionados como um único bloco de pessoas inominadas, que contribuíram com a “façanha inesquecível dos pracinhas”<sup>569</sup>.

São os ases desconhecidos. Não é preciso que se cite o nome de um por um. [...] Esportistas legítimos, autênticos filhos do povo. Não trazem medalhas no peito porque o coração está cheio de trofeus invisíveis [...]. Breve eles estarão aqui de novo. Vestirão seus uniformes, calçarão suas chuteiras e irão para as festas dominicais do esporte. [...]. Entre as cruzes brancas do cemitério de Platoia deve jazer o corpo sem vida se algum crack desconhecido. Muitos dos 470 que ficaram dormindo o sono eterno deviam ser meia-direita, goleiro ou extrema esquerda de um clube modesto do interior brasileiro. [...] o herói sem medalhas e brasão, homem da varzea, simples e humano<sup>570</sup>.

<sup>568</sup> TAVARES, Cláudio. Pracinhas cobertos de glórias honram o esporte brasileiro. *Diário Esportivo*, 30 de agosto de 1945, n.6, p.4.

<sup>569</sup> *Idem*.

<sup>570</sup> *Ibidem*.

Reportagens com estas características seriam integrantes de um contexto maior de produção de interesses, embasado no entendimento de que o profissionalismo havia se constituído na principal vertente do futebol nacional. Embora se tentasse validar o amadorismo por seus predicados exclusivos (que fugiam às deturpações do regime profissional em relação aos significados mais elevados do esporte), sua função primordial, na prática, estava atrelada à formação de atletas para os clubes profissionais. O amadorismo era veiculado explicitamente como um “celeiro de cracks”.

Vários seriam os exemplos representativos desse contexto. O título de uma reportagem publicada no jornal *Folha Esportiva* é bastante significativo: “Onde o ouro se esconde”<sup>571</sup>. No caso específico deste texto, foi sugerido aos clubes profissionais da capital a busca na “hinterlandia”<sup>572</sup> das fontes de produção”.

Onde vamos matar a fome e tirar a barriga da miséria. Porque é a estrada do alevantamento e da redenção de nosso esporte. Os craques do interior, que constituem o nosso celeiro e a nossa reserva, precisam tomar ares puros na capital. Apurar com esmero a sua preparação. Abrir caminho para dias melhores. Disputar posições, palmo a palmo, com os jogadores da cidade. Isso terá dupla vantagem: valorizará o elemento humano de que dispomos, em abundância, e estabelecerá uma seria concorrência aos craques do asfalto. Procurem o interior. Descubram os valores onde eles se escondem. Cavem os futuros craques em sua própria concentração. Canalize-os para Belo Horizonte. Abrigue-os e os proteja, dando-lhes orientação segura. Nós acreditamos que o caminho a seguir seja o das vias ferreas. Não importa que essas sejam a poeirenta Vitória-Minas, o ramal de Formiga, Campo Belo ou Pirapora. O que importa é estimar o valor dos homens que fazem modestamente o futebol no interior de Minas. Vamos busca-los diretamente em seu manancial. Sem as deturpações e inconvenientes dos intermediários. Sem os cartazes encomendados aos jornais e emissoras<sup>573</sup>.

Na coluna varzeana do *Diário Esportivo*, o destaque aos clubes amadores da cidade vinha comumente acompanhado de elogios em relação à capacidade de formação de atletas para os quadros profissionais. Esta menção parecia constituir um atestado de sucesso para o clube amador. Ao narrar a história do Terrestre, o periódico se manifestou da seguinte forma:

A classe amadorista, ao nosso ver, deveria ser olhada com mais carinho pelas autoridades porque um jogador, para se tornar um crack, precisa de passar antes por um clube amador. É que nunca o crack nasce feito. E é por esse motivo, e outros, que o esporte menor deve ser apoiado pelos homens de Estado. O Terrestre é, sem a menor dúvida, um verdadeiro núcleo de formação de cracks. Talvez os nossos leitores não saibam, mas Gerson, zagueiro do Botafogo, Oldack, zagueiro do

<sup>571</sup> PEREIRA, Cipião Martins. Onde o ouro se esconde. *Folha esportiva*, 14 de out. 1946, n.3, p.3.

<sup>572</sup> Termo bastante utilizado à época para se referir às cidades do interior do estado.

<sup>573</sup> PEREIRA, Cipião Martins. Onde o ouro se esconde. *Folha esportiva*, 14 de out. 1946, n.3, p.3.

Siderúrgica, Zezé, half direito do Atletico, Gregorio, a muralha do ‘Deca’, Paiva e Paulinho [...]. Hoje estão brilhando nos principais centros esportivos do Brasil<sup>574</sup>.

Mais clubes amadores receberiam destaque pelo mesmo motivo: a formação do atleta no “esporte menor” para atuar no “esporte maior”. Outro artigo destacava: “A nossa várzea tem fornecido inúmeros cracks para o futebol brasileiro. Podemos citar aqui Zezé Procópio, Bigode, Selado, Armond, Zezé e muitos outros”<sup>575</sup>. Ao mencionar exclusivamente a história do grêmio amadorista Carlos Prates, o texto também evidenciava o clube como um “centro de preparação de cracks”, exemplificando: “Nem todos sabem que Perácio, o excelente meia esquerda do Flamengo do Rio de Janeiro [...] jogou muito tempo no E.C Carlos Prates, com o apelido de ‘Boca de fogo’. Tilim, centro medio do Sete de Setembro, foi outro que passou por lá”<sup>576</sup>.

O exemplo seguinte é do clube Eldorado, mencionado como “modelar organização amadorista” e, ao mesmo tempo, como “um verdadeiro centro de cracks”<sup>577</sup>. Uma de suas maiores virtudes residia em sua capacidade de fornecer “cracks para o futebol profissional”, como Paiva, Ulisses, Hugo Reis e Dicinho, “uns brilhando e outros já tendo brilhado no setor dos grandes clubes”<sup>578</sup>.

“Uma vida de 18 anos dedicada ao são amadorismo” era o título de uma reportagem que abordava a história do Rio Branco F.C. Novamente, o destaque se direcionava à capacidade do clube em formar atletas para o profissionalismo: “Nem todos sabem que o Rio Branco foi um de nossos clubes amadoristas que deram elementos brilhantes de suas fileiras para integrar equipes profissionais [...]”<sup>579</sup>. De forma semelhante, o Cascatinha, outro grêmio amador, era também enaltecido: “O Cascatinha E.C é outro clube de nossa várzea que forneceu craques para os grandes clubes”<sup>580</sup>.

“Prosseguindo na série de reportagens com os mais destacados gremios de nosso esporte menor”, outra edição do *Diário Esportivo* relatava a história do Pitangui F.C., “agremiação tradicional que vem fazendo tudo para elevar bem alto o nome esportivo amadorista da Capital do Estado”<sup>581</sup>. Dentre inúmeras informações sobre o clube, “a nota

<sup>574</sup> TERRESTRE, glória do amadorismo belorizontino ... *Diário Esportivo*, 26 de julho, 1945, n.1, p.10.

<sup>575</sup> INDUNBANCO F.C *Diário Esportivo*, 09 de agost. 1945, n.3, p.11.

<sup>576</sup> *Idem*.

<sup>577</sup> ELDORADO, modelar organização... *Diário Esportivo*, 16 de agost. 1945, n.4, p.8.

<sup>578</sup> *Idem*.

<sup>579</sup> UMA vida de 18 anos... *Diário Esportivo*. 13 de set. 1945, n.8, p.4.

<sup>580</sup> A HISTÓRIA do Cascatinha é cheia de glórias. *Diário Esportivo*, 20 de set. 1945, n.9, p.9.

<sup>581</sup> DO PITANGUI saíram Tião e Gerson. *Diário Esportivo*, 01 de nov. 1945, n.15 p.11.

sensacional” era de que Gerson, zagueiro do Botafogo, e Tião, meia do Flamengo, defenderam as côres do Pitangui [...]”<sup>582</sup>.

O Juventus F.C também entraria no rol dos clubes fornecedores: “Não existe um clube tradicional de nossa várzea que não tenha feito um jogador para os grandes clubes”<sup>583</sup>. Como atletas daquela esquadra foram citados: “Dedão, Duda, Gegê e Pantuzo, estes últimos ex-defensores do Palestra Italia, hoje Cruzeiro”<sup>584</sup>.

Uma prática comum do *Diário Esportivo* consistia em entrevistar jogadores dos clubes amadores, em uma série de reportagens “relâmpago” com os “cracks” da varzea. Em uma ocasião foi entrevistado o goleiro do E.C Belo Horizonte, Deusdeth Gomes de Carvalho, “considerado um dos mais completos existentes no nosso amadorismo”. Dentre outras questões, o jogador manifestou a seguinte opinião: “A mania de certos grandes clubes da capital ainda não foi abandonada: enquanto a varzea tem grandes valores sujeitos a pequenos reparos, eles preferem buscar ‘abacaxis’ em São Paulo e Rio de Janeiro, do que utilizarem o que é nosso”<sup>585</sup>.

Outra entrevista apresentava uma argumentação semelhante. Desta vez, o jogador ouvido era Darci Rocha, zagueiro do XI de Bela Vista F.C.

Os grandes clubes, Atletico, América, Siderúrgica, Vila e Cruzeiro, deveriam enviar um representante nos jogos dos domingos na várzea, para ver de perto os valores que ali militam. Se assim procedessem, seriam os seus clubes menos sacrificados, adquirindo bons elementos de nosso amadorismo, sujeitos a pequenos reparos<sup>586</sup>.

O *Diário Esportivo*, em outra edição, chegou a explicitar os objetivos da atenção que manifestava aos clubes amadores:

Do amadorismo é que surgem os valores que militam nos grandes clubes e por esse motivo é que o DIARIO ESPORTIVO vem ampliando consideravelmente a sua seção do esporte menor, com a finalidade de expandir este centro de preparação de craques da pelota<sup>587</sup>.

<sup>582</sup> *Idem*.

<sup>583</sup> O JUVENTUS já faz 14 anos. *Diário Esportivo*. 13 de dez. 1945, n.21, p.11.

<sup>584</sup> *Idem*.

<sup>585</sup> A PALAVRA de um crack. *Diário Esportivo*. 20 de dez. 1945, n.22, p.11.

<sup>586</sup> UM CRACK paulista no futebol mineiro. *Diário Esportivo*. 04 de abr. 1946, n.37, p.11.

<sup>587</sup> DOS SANTOS, Roberto P. dos. Atividades dos clubes e cracks da várzea. *Diário Esportivo*. 16 de mai. 1946, n.41, p.10.

Outro jornal, desta vez *O Esporte em Marcha*, manifestou o que entendia como fator representativo para o clube Necaxa ser considerado “uma das parcelas mais preciosas e vivas do nosso amadorismo”<sup>588</sup>.

‘Cracks’ e mais ‘cracks’ tem saído das fileiras necaxianas para serem engajados pelos clubes profissionais. Selado, Aldo Jaime (ora no Flamengo carioca), Armond, Edgard Gontijo, Carlinhos, Bigode (do Fluminense carioca), Wilson, Dirceu, Zú, entre outros, sendo que muitos deles, ainda em atividade, aprimoraram no ‘Necaxa’ as suas qualidades técnicas<sup>589</sup>.

A utilização de jogadores amadores também passou a ser veiculada como solução menos onerosa para os principais clubes do estado e como forma alternativa à contratação de jogadores “mascarados” do profissionalismo, que na opinião de dirigentes e da imprensa, não se dedicavam o suficiente aos clubes apesar dos benefícios que recebiam. Os casos de América e Atlético foram os mais citados pelos periódicos.

Sobre o América, um dos artigos publicados defendia a contratação de jogadores da várzea, sob o pretexto de que o profissionalismo havia viciado os seus jogadores profissionais: “encheu-os de pretensões e uma balofa orientação de vida”<sup>590</sup>.

É preciso que os despretensiosos sertanejos lhes tomem lugares e lhes imponha seriação concorrência. Para que eles aprendam, nessa contínua disputa, a prezar melhor a sua tarefa. A enfrentar com mais ombridade e dedicação a profissão que abraçaram. Como funcionários dos clubes, tem pesadas responsabilidades e obrigações, que lhes cumpre observar à risca<sup>591</sup>.

Em outra ocasião, uma suposta carta<sup>592</sup> dirigida ao novo presidente do América, aconselhava-o a não reintegrar na equipe “elementos dispensados, a bem da disciplina e da tranquilidade do nosso futebol profissional”<sup>593</sup>. O texto citava como exemplo principal o jogador Gabardão, “sempre machucado, jogando quando quer e quando o ‘bicho’ é polpudo”. O suposto autor da carta concluía sua intervenção, aconselhando: “‘Néca’ de Gabardões, Mauros e Noronhas. Dê um pulo até a Varzea. Lá é que estão os verdadeiros elementos de que o América precisa. Jogadores novos, baratos, sem máscara e desejosos de brilhar”<sup>594</sup>.

<sup>588</sup> NECAZA, orgulho do amadorismo mineiro. *O Esporte em marcha*, p.8, n.1.

<sup>589</sup> *Idem*.

<sup>590</sup> PEREIRA, Cipião Martins. Onde o ouro se esconde. *Folha Esportiva*. 14 de out. 1946, n.3, p.3.

<sup>591</sup> *Idem*.

<sup>592</sup> O Diário Esportivo tinha uma seção chamada “Cartas imagináveis”. Pelo teor das mesmas supõe-se que eram textos escritos pelos próprios jornalistas, com a finalidade de abordar assuntos corriqueiros no futebol da cidade, mas sinalizando como autores técnicos, jogadores, torcedores, dirigentes, etc.

<sup>593</sup> CARTAS Imagináveis. *Diário Esportivo*. 17 de jan.1946, n.25, p.3.

<sup>594</sup> *Idem*.

O exemplo do Atlético se manifestaria de forma semelhante: “vitimado pelos fracassos dos medalhões improdutivos que enchiam o seu quadro, sem substitutos jovens e capazes, o Atlético lançou-se em busca de valores novos”<sup>595</sup>.

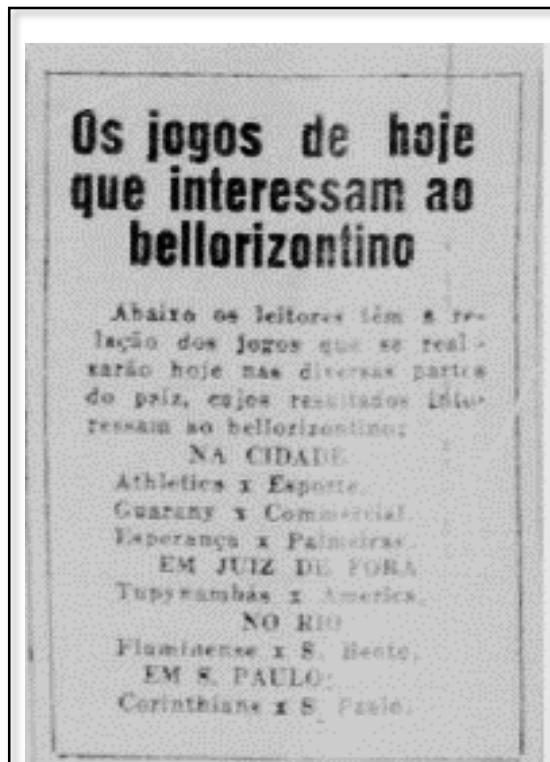
Hoje aí está a nova geração atleticana. É um punhado de jovens entusiasmados, ávidos de conseguirem progresso, ambicionando um ‘lugar ao sol’ no cartaz ou um lugar entre as estrelas no firmamento esportivo de Minas Gerais. Uns vêm da varzea. Disputavam prélrios amadoristas nos campos da terra da cidade. Campos inclinados, encascalhados, esburacados [...]. Alguns já pertenciam ao Atlético. Vêm do quadro de aspirantes, vêm dos juvenis. São atleticanos de todo o coração. Nascidos e criados á sombra do glorioso pavilhão alvi-negro, respirando o ar de Lourdes vivendo o ambiente da Barroca. Outros chegaram de longe. De todas as partes do interior gigantesco deste Estado de 8 milhões de almas. Jogavam no Sul, na Mata, no Oeste [...]”<sup>596</sup>.

Por meio das produções textuais apresentadas pode-se perceber um importante distanciamento entre discurso e prática no futebol amador belo-horizontino da década de 1940. Como já enfatizado no decorrer das reportagens, os princípios formativos do amadorismo já não encontravam ressonância e significação em um contexto muito diverso de seus primeiros anos na cidade, embora a evocação corrente do termo conferisse uma ideia consensual de um significado único e atemporal. O seu “lugar” principal, sua fonte maior de legitimidade não residia mais na prática benfeitora do esporte pelo esporte (embora esta prerrogativa fosse frequentemente mobilizada), mas na possibilidade de fornecer atletas para o profissionalismo, para o “esporte maior”, para o “legítimo futebol”. E nesse contexto, o amadorismo atravessou inúmeros problemas de ordem estrutural e financeira. Simbolicamente, houve uma perda significativa de seu *status* distintivo de outrora, o que contribuiu para a diminuição de sua importância nos periódicos citadinos. Como exemplo, ainda no ano de 1933, pouco tempo após a adoção do profissionalismo, o jornal *Estado de Minas* publicava uma pequena coluna intitulada “jogos de hoje que interessam ao belo-horizontino”. As partidas “interessantes” eram a dos quadros profissionais da capital e de Juiz de Fora, a dos quadros amadores que disputavam o campeonato da A.M.E (um total de sete em mais quase cem clubes catalogados no período) e os jogos profissionais da rodada paulista e carioca (FIG.24).

<sup>595</sup> A NOVA geração atleticana. Diário Esportivo. 01 de nov. 1945, n.15., p.8.

<sup>596</sup> *Idem.*

Figura 24: Os jogos de hoje que interessam ao bello-horizontino



Fonte: Estado de Minas, 10 de setembro de 1933, p.8.

Como já abordado, o campo esportivo belo-horizontino foi constituído por uma série de subdivisões, cada qual com um grau de poder e de legitimidade na hierarquia social dos esportes e da própria cidade. Em se tratando do futebol, segregações já eram estabelecidas desde o período amador, quando as equipes que detinham maior capital econômico e social eram as que participavam da divisão principal. Com a criação da primeira L.A.F isso ficou mais evidente. Após o advento do profissionalismo, a segregação se ampliou consideravelmente, demarcando com mais clareza os lugares de cada regime, de acordo com as diferenças de capitais presentes em cada estrutura e com as possibilidades de apropriação do meio esportivo, no que tange aos espaços, à visibilidade e à lucratividade. Esta segregação também demarcou classes e a relação entre estas classes, na medida em que o futebol profissional era claramente capitaneado pelos segmentos mais abastados da sociedade mineira, o que lhe conferia maior poder entre as entidades gestoras do esporte e da esfera pública. No caso do futebol amador, o “esporte menor”, dificuldades financeiras foram constantemente mencionadas, o que acarretava em diferenças significativas de representatividade e de aporte estrutural em relação ao regime profissional. Mesmo considerando a fluidez das relações de classe (THOMPSON, 1987) pode-se avaliar que os

partícipes do futebol amador eram, em sua maioria, pessoas simples, cidadãos comuns sem relevante poder aquisitivo e que habitavam as regiões periféricas da cidade, distantes do centro urbano onde aconteciam os torneios de profissionais. Pelos jornais vislumbrava-se o conflito entre essas classes, especialmente promovido pelos adeptos do futebol amador que denunciavam os descasos a que eram submetidos e as diferenças de tratamento em relação ao regime profissional, e buscavam, por meio de protestos, alcançar melhorias para o amadorismo.

Entretanto, paradoxalmente, a significação da figura do esportista amador ainda permanecia como um mecanismo de distinção, como uma qualidade do esportista profissional que procurava manter comportamentos, gestos e vestimentas atribuídas aos verdadeiros *sportmen*.

### 3.3 Jogadores profissionais com “alma de amadores”

Outra vertente possível para se analisar as mesclas e intercâmbios entre amadorismo e profissionalismo na década de 1940 se manifesta na frequente veiculação de jogadores profissionais que teriam, como predicado valoroso, “alma de amadores”. Embora seja comum o estabelecimento de uma relação entre o processo de expansão e popularização do futebol (em termos de acessibilidade social e econômica) e o advento do profissionalismo, reportagens publicadas no período posterior à 1933 revelam indícios da permanência de jogadores oriundos de classes sociais mais abastadas no novo regime. Ao mesmo tempo, revelam uma valorização de características de comportamento atribuídas a um amadorismo purista e aristocrático, em contraposição ao que esse regime representava na prática, na década de 1940.

De fato, pode-se dizer que o profissionalismo propiciou uma paulatina reconfiguração nas características do futebol, sob vários aspectos. No entanto, não se pode afirmar que as mudanças gestadas resultaram em um processo unidimensional. Não necessariamente o novo regime alterou as hierarquias sociais presentes no período do amadorismo e, tampouco, substituiu o público participante – atletas e espectadores. Os “ricos” não saíram de cena para a entrada dos “pobres”. O amadorismo excludente não cedeu lugar ao profissionalismo democrático, como se uma situação pudesse simplesmente substituir a outra. Como quaisquer mudanças que envolvem relações entre pessoas e não apenas entre instituições, o período pós-implantação do regime profissional em Belo Horizonte foi marcado

por variadas mesclas e hibridismos, envoltos e argumentados por princípios, valores, pertencimentos, legitimidades, ideais e noções valorativas que, não raras vezes, imbricaram-se em relações ambíguas e paradoxais.

Entender o profissionalismo como propiciador de um estado de democracia no futebol – a partir da ideia romântica de que os negros e pobres puderam ascender à condição de igualdade perante os brancos e aristocratas remanescentes do velho amadorismo – constitui uma leitura, no mínimo, despolitizada. Ao se deparar com as variadas fontes, tal interpretação se desfaz com a mesma facilidade com que é instituída. O olhar para os detalhes nas veiculações discursivas dos periódicos descortina um cenário ainda excludente, segregacionista e recheado de predicados valorativos. As figuras do *gentleman* e do *sportman*, do jogador cavalheiro e estudante, admirador das artes e da leitura, ainda figuravam como exemplos do legítimo esportista. Designação que raramente se dirigia aos “colored”, aos “negros de alma branca” ou aos nascidos pobres que não tiveram a mesma “sorte” de Domingos da Guia e Leônidas da Silva.

O aumento da participação de jogadores pobres e/ou negros no futebol brasileiro se processou antes do advento do profissionalismo. É bastante provável que a regulamentação do regime tenha incrementado esse número e, de fato, possibilitado a alguns desses jogadores uma chance concreta de mudança de vida (sobretudo em termos econômicos). No entanto, isso não equivale a dizer que uma nova relação foi estabelecida ou que houve um rompimento de um esquema de valores e caracteres que alteraram, de imediato, a proveniência e a significação social dos praticantes do jogo. A elite que comandava o amadorismo se manteve na gestão do profissionalismo e muitos jogadores “doutos” continuaram integrando as fileiras de vários clubes que se profissionalizaram. A esses jogadores, as páginas dos impressos dedicaram longas menções elogiosas.

Um dos casos verificados é do jogador botafoguense Tovar. O jornal *Folha Esportiva* dedicou-se a noticiar que o jogador receberia um automóvel de seu clube, como prêmio por se formar em medicina. O texto o enaltecia por ter se mantido como amador mesmo integrando o quadro profissional, “jamais aceitando qualquer gratificação, nem mesmo quando esteve no Chile, como reserva da seleção brasileira”<sup>597</sup>.

Na mesma edição, o periódico destacava os esportistas “diplomandos de 46”, “numa homenagem a estes trabalhadores da causa montanhosa”<sup>598</sup>. Em uma longa lista, vários atletas de diferentes modalidades foram citados como formandos dos cursos de medicina,

<sup>597</sup> UM AUTÓMOVEL... *Folha Esportiva*. 11 de nov.1946, n.7, p.2.

<sup>598</sup> HOMENAGEM de *Folha Esportiva* aos diplomandos do setor... *Folha Esportiva*, 11 de nov. 1946, n.7, p.2.

odontologia, engenharia, direito e comércio. Dentre os jogadores de futebol, foram destacados Alberto Caram, integrante do América e formando em medicina; Edgar Gontijo, que já havia sido jogador e técnico do Sete de Setembro e que estava se formando em odontologia; e, no curso de comércio, “Dr. Pedro Palhares Diniz, Helio Palhares Diniz, Francisco Palhares Diniz e Luiz Vieira, defensores do futebol amador e grandes incrementadores deste setor, sendo componentes do Arapuan Futebol Clube”<sup>599</sup>.

Em tempos de expansão do profissionalismo e de supervalorização deste regime em relação ao amadorismo, sobretudo em se tratando da imprensa esportiva, jogadores eram elogiados por jogarem “por mero prazer”. Esse foi o caso de Aziz Malab, integrante do Siderúrgica e que já havia composto os quadros do Vasco e do América do Rio. O jogador, que trabalhava na empresa que era vinculada ao seu atual clube (Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira) foi citado como “exemplo de dedicação e competência”<sup>600</sup>.

Aziz Malab é um rapaz ás direitas. Não quer saber nada com os acontecimentos que não estão ligados aos motivos de sua vida. Para ele, só o lar, o trabalho e alguma diversão. No lar, formado há quatro anos, está a sua esposa carinhosa e dedicada. Para o trabalho dá todo o entusiasmo de uma juventude de 28 anos, muita assiduidade e rara competência. [...] O lar e o trabalho já foram focalizados. Faltanços [...] penetrar na diversão preferida de Aziz. É o futebol, o esporte das multidões. O pivô do Siderurgica não faz do futebol um meio de vida. Lança-se a ele apenas [...] pelo prazer de jogá-lo<sup>601</sup>.

Outra reportagem já indicava no próprio título os caracteres valorativos que expressaria: “Os cracks elegantes de Minas”<sup>602</sup>. Segundo o texto, a elegância do “player” era um predicado manifesto dentro e fora de campo. Em se tratando da segunda possibilidade, elegância seria “aquela que a pessoa do jogador revela, e não a do seu uniforme, pois o calção, as meias e a camisa são iguais”. Outras características seriam: “[...] o ‘player’ que não mete o pé, que não ‘chora’, que não reclama contra o juiz, o adversário ou contra os seus próprios companheiros, é o que reconhece o mérito de uma boa jogada de seu contendor, cumprimenta os vitoriosos”. Na opinião do impresso, infelizmente, não seriam “numerosos esses ases do nosso futebol”<sup>603</sup>.

Em contrapartida, a elegância manifesta fora do campo estaria relacionada às formas de vestimentas e às condutas: “Muita gente é capaz de não conhecer Fogosa com

<sup>599</sup> *Idem*.

<sup>600</sup> AZIZ, o ‘crack’ que vem jogando por mero prazer. *Diário Esportivo*. 02 de agost. 1945, n.2, p.3.

<sup>601</sup> *Idem*.

<sup>602</sup> OS CRACKS elegantes de Minas. *Diário Esportivo*. 23 de agost. 1945, n.5, p.4.

<sup>603</sup> *Idem*.

paletó, calças e chapéu na Praça Sete. O rapaz fica mesmo diferente. E assim sucede a vários players quando – digamos assim – estão à paisana”. Para o autor da reportagem, o posto de craque mais elegante “dos nossos grandes clubes” seria o de Lucas, “o esplendido ponta direita carijó”: “O paranaense é, com efeito, um homem esmerado no vestir-se e em apresentar-se nos diversos pontos da cidade. Convivendo com rapazes do Iate, América, Minas e grande número de universitários, Lucas frequenta os principais salões da cidade [...]”<sup>604</sup>. O texto mencionava três dos mais aristocráticos clubes belo-horizontinos à época para exemplificar o meio social frequentado pelo craque elegante.

“Cuidar da indumentária com carinho”, aparar o bigode e a barba eram também atitudes citadas pelo periódico para designar a elegância dos jogadores. Ao retratar o América, o jornal destacava Jorge, Noronha, Wilson, Aldo, Alfredinho e “outros, que se mostram sempre bem trajados”. E enfatizava: “é o clube que apresenta maior contingente, mesmo porque é o gremio profissional preferido pela elite mineira e os players sentem o reflexo disso”<sup>605</sup>.

Jogadores de outras equipes também foram mencionados: do Atlético, Cafunga, Murilo e Ramos; do Sete de Setembro, Dirceu; do Uberaba, Nino; do Cruzeiro, Niginho: “são os melhores representantes de seus clubes nesse particular”. Concluindo a série encontrava-se Braguinha, que contrariando as “normas de elegância”, gostava de “andar com a gola virada, numa atitude de ‘crack’ jovem”; e Juvenal, “‘habitué’ da sessão das 4 horas da tarde do Cine Gloria, o que não deixa de ser muito social”<sup>606</sup>.

Dentre os “cracks” mencionados anteriormente, Lucas seria veiculado como o maior exemplo do “bom jogador”. Em dois clichés do *Diário Esportivo* Lucas aparecia em uma livraria, trajando terno. A legenda detalharia a cena: “Em cima, o crack compra um livro, pois um futeboler também pode ser culto. Em baixo, na fila do cinema, o divertimento predileto”<sup>607</sup>. (FIG.25). Em outra reportagem, Lucas foi mencionado como o “craque-cavalheiro”: “de trato finíssimo dentro e fora das canchas, de uma educação primorosa, de uma linha soberba, [...] é um verdadeiro orgulho e um autentico exemplo no futebol das montanhas”<sup>608</sup>.

Outro texto, dessa vez dedicado a retratar um jogador americano, Carlos Alberto, enaltecia o fato de que o player, “apesar de formado, com diploma e anel de doutor, assinando

<sup>604</sup> *Ibidem*.

<sup>605</sup> OS CRACKS elegantes de Minas. *Diário Esportivo*. 23 de agost. 1945, n.5, p.4.

<sup>606</sup> *Idem*.

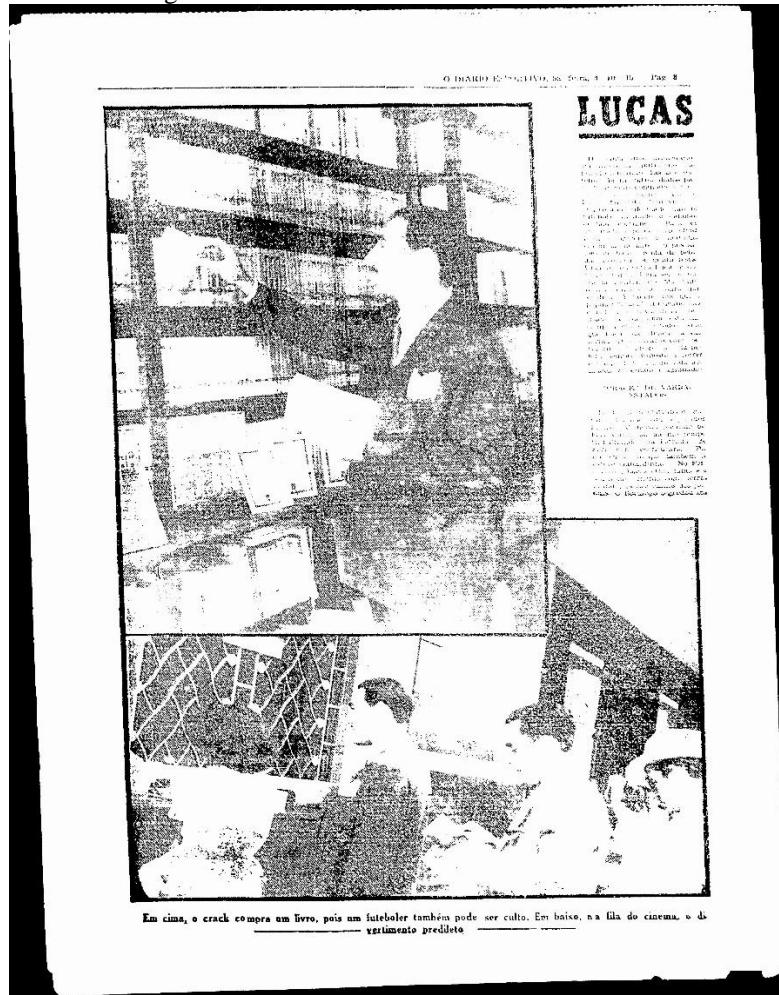
<sup>607</sup> LUCAS. *Diário Esportivo*. 04 de out. 1945, n.11, p.8.

<sup>608</sup> LUCAS, o craque-cavalheiro. *Diário Esportivo*, 14 de mar. 1946, n.33, p.2.

um DR antes do nome [...] continua fazendo das suas no quadro de amadores do América". Também sua participação era evidenciada no time de profissionais: "[...] Sempre solícito, sempre á disposição do técnico nos momentos difíceis, Carlos Alberto joga, às vezes, no quadro principal"<sup>609</sup>.

Com o título "Assim vive a ala direita do América"<sup>610</sup>, um artigo descrevia os gostos de Alfredo e Baiano, dois jogadores do quadro alviverde: "Vão juntos ao cinema, a diversão predileta. Frequentam a biblioteca, onde devoram, diariamente, todos os bons livros que conseguem, têm 'garotas' muitas, certamente, porque muitas são as 'fans'...".

Figura 25: Lucas na livraria e na fila do cinema.



Fonte: Diário Esportivo. 04 de out. 1945, n.11, p.8.

<sup>609</sup> CARNEIRO, Januário. Estrelas no futebol. Diário Esportivo. 04 de out. 1945, n.11, p.10.

<sup>610</sup> ASSIM vive a ala direita do América. Diário Esportivo. 15 de nov. 1945, n.17, p.4.

Outro título de reportagem também se mostrava emblemático nesse caso: “A história do jovem ponteiro do Cruzeiro: Nogueirinha, livros, trabalho, futebol”<sup>611</sup>. O jogador foi citado como um “exemplo entre os inúmeros craques que militam no futebol mineiro”. Nogueirinha foi mencionado como “um símbolo daqueles que não se deixaram embriagar pelas glórias efêmeras em que o futebol é prodígio, [...] exemplo edificante, exemplo soberbo”, “nesse futebol tremendamente malandro e viciado que é o profissional”. Ao ser indagado sobre o que fazia fora do futebol, Nogueirinha respondeu:

[...] Não deixo os livros e atualmente estou fazendo um curso técnico de Contabilidade, onde curso o segundo ano. Pretendo terminar, ou melhor, obter o certificado de Cambridge, fornecido pela Cultura Inglesa do Brasil, e desejo falar fluentemente o idioma britânico, para justificar o desejo de meus pais. Além disso, tenho o meu trabalho no Escritório da Cia. A que pertenço, pois ali acima de tudo tenho o dever sagrado de justificar a confiança que em mim depositam os meus chefes e diretores.

Neste contexto, veiculava-se uma repetida valorização de características distintivas da personalidade e das atitudes dos jogadores em uma conjuntura pautada por novos ordenamentos propiciados pelo profissionalismo e por novos princípios, direcionados, fortemente, à expansão de um mercado esportivo, à competitividade e ao lucro. A igualdade que se manifestava em campo, a exemplo da menção aos uniformes dos jogadores (todos iguais) era, de alguma forma, compensada com a exclusividade manifestada na vida particular. Jorge, jogador do América foi assim descrito: “Fora da cancha leva uma vida exemplar. Não gosta de noitadas alegres, cuida do seu preparo físico como poucos [...]”<sup>612</sup>. Já Bituca, jogador do Cruzeiro, foi relatado como “senhor de um lar próspero e feliz, [...] dedicado funcionário da secretaria do próprio Cruzeiro”<sup>613</sup>. Paulinho, do Siderúrgica, foi mencionado como “orgulho do futebol mineiro”<sup>614</sup>: era dedicado, útil e completo, era o profissional com “a alma de amador”<sup>615</sup>.

O recrudescimento do futebol possibilitou uma nova relação de visibilidade – da particularidade dos clubes e associações ao expansionismo dos estádios e das multidões. Nesta lógica, novas formas de distinção foram criadas, novas exclusividades foram produzidas, outras configurações de poder e de legitimidade foram postas em cena. Ou seja, na vastidão de jogadores pertencentes aos inúmeros quadros profissionais, de origens, costumes e classes

<sup>611</sup> A HISTÓRIA do jovem ponteiro do Cruzeiro. *Diário Esportivo*. 21 de mar. 1946, n.34, p.6.

<sup>612</sup> ES UN dínamo en cancha. *Diário Esportivo*. 02 de agost. 1945, n.2, p.9.

<sup>613</sup> SENHOR de um lar próspero e feliz... *Diário Esportivo*, 02 de agost. 1945, p.10.

<sup>614</sup> PAULINHO, orgulho do futebol mineiro. *Diário Esportivo*. 20 de dez. 1945, n.22, p.8.

<sup>615</sup> *Idem*.

sociais heterogêneas, outras formas de segregação e de pertencimento social são produzidas para além da atuação em campo. Embora a fórmula do amadorismo tenha se tornado retrógrada e pouco valorizada no futebol, as suas características – no que se refere às condutas, às vestimentas e aos costumes – foram mantidas e valorizadas como predicados dos poucos jogadores que detinham a exclusiva “alma de amadores”.

Nesse caso há um contraste entre o novo e o moderno (o profissionalismo) e o antigo e o tradicional (o amadorismo). Mas, diferentemente do que aconteceu no momento de adoção do regime profissional, quando a tradição foi taxada de retrógrada e obsoleta, nesse momento ela adquire valor em meio às padronizações do presente. Diante da vulgarização da prática futebolística, sua preservação torna-se uma forma de distinção. O imaginário sociodiscursivo que a compõem (CHARAUDEAU, 2006), pautado por uma valorização intangível de um “prestígio da antiguidade e das origens” (LE GOFF, 2003, p.177), é legitimado pela reatualização de um novo estilo (moderno e *retrô*), por gostos e comportamentos que se associam a novos *habitus* e criam novas classificações distintivas, que envolvem “novos espaços de preferência”, novos “sistemas de diferenças”, e novos “ganhos de legitimidade” (BOURDIEU, 2007, p.212). Nesse intento, simbolismos que já deixaram de existir (BAUDRILLARD, 2007) fornecem um referencial histórico e uma substância fundadora (CANCLINI, 2008) que se tornam valorizados como elemento de identificação e de separação, que define os verdadeiros e os falsos esportistas. O velho, representado pela tradição reatualizada, também pode servir para legitimar “*status* ou relações de autoridade”; “sistemas de valores e padrões de comportamento” (HOBSBAWM, 1997, p.17).

### 3.4 Jogadores profissionais “com alma de profissionais”

Em variadas ocasiões, os jogadores que atuavam no regime profissional foram criticados nas páginas dos periódicos por não se portarem de uma maneira condizente com a profissão, o que se traduzia na não-obediência das regras dos clubes; em comportamentos indisciplinados; na falta de respeito com a agremiação, com os torcedores e com os dirigentes; e no pouco entusiasmo que dedicavam à defesa de seus quadros. A preocupação excessiva com a aquisição de altas luvas e salários cada vez mais elevados também constava na lista dos hábitos dos “maus jogadores”. Outras características faziam referência a práticas que se direcionavam a preceitos do amadorismo: como o amor à camisa e a vinculação única a um clube durante toda a carreira; predicados elogiados e cobrados pelos periódicos, mas que não

condiziam com as finalidades do esporte tornado profissão. O trânsito crescente de jogadores para equipes que lhes possibilassem maiores vantagens e a falta de apego a clubes que eram “provisórios” eram partes constituintes do próprio regime, construído sob as leis do mercado. Neste contexto, imperavam os “jogadores profissionais com alma de profissionais”.

A aceitação dessas mudanças – do amadorismo, que criava laços entre o atleta e o clube, ao profissionalismo, que desconstruía esses laços e valorizava as relações mercantis – não foi simples e nem consensual. Em Belo Horizonte, essa querela iniciada ainda no tempo do amadorismo marrom, persistiria na década de 1940. Os ideais do velho amadorismo ainda estavam presentes no incipiente profissionalismo, como sinalizou o jornal *A Tribuna* ao comentar sobre as dificuldades de Minas Gerais em se adaptar ao novo regime, ainda em 1933<sup>616</sup>.

Nesse contexto, os “maus profissionais” eram mencionados, pelos menos, de duas formas: aqueles que não cumpriam com suas obrigações contratuais e desrespeitavam as exigências da própria profissão; e aqueles que não honravam devidamente as cores da camisa do clube que jogavam ou não o valorizavam suficientemente, como desejavam os dirigentes e os impressos. O velho paradoxo se manifestava novamente: ao mesmo tempo em que se exigia que o jogador fosse profissional (na acepção mais rígida da palavra), também se exigia que ele manifestasse predicados amadoristas, que eram pouco ou nada condizentes com o profissionalismo. As reportagens apresentadas a seguir intentam demonstrar parte desse cenário de ambiguidades.

Ao noticiar as más atuações do selecionado mineiro no campeonato brasileiro de 1946, o *Diário Esportivo* lamentava o ocorrido destacando que “estava em jogo o prestígio de toda Minas Gerais Esportiva”. A culpa recaída sobre os técnicos e, sobretudo, sobre os jogadores profissionais: “Não lhes pertence o sentido de responsabilidade, falta combatividade, não sabem cumprir com as suas obrigações de empregados como praticamente o são. Enfim, tudo está errado”<sup>617</sup>.

No caso específico dos clubes, o que mais receberia destaque era o América. Os seus jogadores profissionais foram constantemente criticados por suas atitudes pouco correspondentes ao tratamento e às vantagens que recebiam do clube. Uma reportagem citava como exemplo o caso do jogador Gabardinho, que havia exigido 25 mil cruzeiros para renovar o seu contrato: “em menos de uma semana, diretores americanos levantaram a importância pretendida, entregando-a ao ‘player’”. Com isso, os demais jogadores, “que até então

<sup>616</sup> EM POCAS linhas. *A Tribuna*. 22 de agost. 1933, n.111, p.5.

<sup>617</sup> MAS, estava em jogo... *Diário Esportivo*. 10 de jan.1946, n.24. p.3.

percebiam vencimentos razoáveis e recebiam luvas também razoáveis” passaram a exigir “mundos e fundos”, forçando a diretoria americana a submeter-se às suas exigências<sup>618</sup>.

O maior problema, no entanto, residia na constatação de que ações do clube não reverberavam de forma positiva na conduta dos jogadores, ao menos, em uma conduta que se esperava. Com a indagação “Amor ao clube?”, o texto polemizava: “Com o tratamento generoso que recebem, seria de esperar-se que os profissionais alvi-verdes nutrissem pelo seu clube, pelo menos como princípio de gratidão, uma grande afeição”<sup>619</sup>.

O que se vê, porém, é justamente o contrário. É bastante findar um mês para que eles corram à tesouraria, reclamando os ordenados e, se por acaso, há um jogo de campeonato próximo, revelam quase todos má vontade enquanto a ‘gaita’ não aparece. A diretoria tem que dar pulos, fazer, às vezes, até ‘milagres’, para satisfazer aos compromissos. Entretanto, nas mesas dos cafés, rodeados de adeptos e ‘cornetas’, os ‘cracks’ apregoam seu amor ao América e costumam até chorar depois de uma derrota. Mas, a verdade é que nunca se esquecem de reclamar os vencimentos, no dia imediato ao mês vencido<sup>620</sup>.

Esta situação foi mencionada como principal motivo da derrocada do clube no campeonato mineiro de 1945: “Líder absoluto e invicto da tabela do certame de 1945, o América perdeu, em três jogos consecutivos, nada menos de 6 pontos”. A reportagem citava como um “triste exemplo” a suspensão do jogador Jorge pelo Tribunal de Penas da F.M.F por “ofensa moral à assistência”, o que contribuiu para uma das derrotas do clube contra o Cruzeiro: “Culpa de quem? Terá o jogador direito de insultar a torcida, mesmo em revide? Não é ele um profissional? Resultado: foi o clube o maior prejudicado, privado que ficou dum jogador necessário ás vésperas dum cotejo decisivo”<sup>621</sup>.

Ao final, o texto destacava que este não era um mal exclusivo do América, embora o atingisse mais diretamente: “Todos os demais em dose maior ou menor, sofrem dos mesmos males. E assim, de um modo geral, tudo se reflete em prejuízo do próprio futebol mineiro, ou melhor, do profissionalismo das montanhas”. Diante da constatação, o periódico propunha uma ação conjunta de todas as agremiações, “numa política de união” em que fosse possível lutar por objetivos comuns a elas: “a padronização de luvas e ‘bichos’”<sup>622</sup>. A expectativa era a de que esta medida evitasse que as exigências dos jogadores encontrassem um meio propício para se manifestarem.

<sup>618</sup> ESTARÁ perdido o campeonato para o América? Diário Esportivo. 27 de set. 1945, n.10, p.3.

<sup>619</sup> *Idem*.

<sup>620</sup> *Idem*.

<sup>621</sup> *Idem*.

<sup>622</sup> *Idem*.

Se o jogador X exige luvas elevadas de determinado clube, é porque sabe que um outro lhe pagará aquela importância. Daí advém as situações críticas, pois os responsáveis vêem-se obrigados a despender quantias vultuosas para garantir a permanência do ‘crack’ quando, se não houvesse a concorrência de um co-irmão, o mesmo lhe ficaria muito mais barato<sup>623</sup>.

Em outra reportagem, mencionava-se a insatisfação da torcida americana com as exibições da equipe: “Nota-se quase absoluto desinteresse dos jogadores pelos prérios, falta de fibra, sangue, entusiasmo, energia, amor á camisa”<sup>624</sup>. Destacava-se que alguns dos jogadores não sabiam “cumprir com as suas obrigações contratuais e morais”. Eram “profissionais sem moral, sem noção da palavra empenhada”, incapazes de “atitudes superiores, de gestos viris”. Propunha-se, assim, a eliminação dos “maus profissionais” e a criação de uma equipe com “gente de casa, playeres novos e sem máscara, profissionais sem exigências e que se não se ‘contundem’ por qualquer encontrozinho”<sup>625</sup>.

Intitulada “Luta contra a indisciplina e a falta de fibra”<sup>626</sup>, outra publicação anuncia os problemas enfrentados por América e Atlético em razão dos “jogadores mercenários, sem fibra, displicentes, aos quais só interessava o dinheiro”. A vitória dos clubes pouco importaria a esses jogadores, “salvo quanto ao bicho ou a recompensa [...]. Que se dane o clube!”. Essa era a opinião manifestada pelo texto que ainda criticava o pouco interesse dos jogadores pelos sacrifícios da diretoria e dos associados: “Os diretores e os fans que percam a cabeça, o dinheiro em apostas, escutem provocações do adversário. Esquecem-se de que, quando vencem, são regiamente pagos pelo triunfo – pelo clube e pela torcida”<sup>627</sup>.

A reportagem frisava a existência de exceções nos dois clubes, de “playeres que lutam do primeiro ao último minuto com ardor e combatividade”, que “não param em campo, nem ficam a reclamar dos próprios companheiros” e que manifestam “um nobre exemplo de dignidade profissional”. Entretanto, a centralidade da escrita voltava-se novamente para os “cracks de má vontade”, “legítimos cofres a procura de níqueis”, que não reagiam na disputa dos jogos, que não tinham “sangue, nem dignidade para isso”<sup>628</sup>.

Então, serão obrigados a tal, por um processo – eficiente contra eles [...] os clubes tirar-lhes-ão parte de seus salários e aplicarão outras punições, de ordem financeira. [...] O caso de Noronha é típico: está sempre alegando contusões, não acompanha o clube sistematicamente em suas excursões. Ainda na sexta-feira última deixou de

<sup>623</sup> *Ibidem*.

<sup>624</sup> CARTAS imagináveis. Diário Esportivo. 04 de out. 1945, n.11, p.2.

<sup>625</sup> *Idem*.

<sup>626</sup> SOLON. Aconteceu na semana. Diário Esportivo. 18 de out. 1945, n.13, p.3.

<sup>627</sup> *Idem*.

<sup>628</sup> *Ibidem*.

embarcar para Campo Belo. Resultado: teve o seu contrato suspenso por 30 dias, por ser reincidente e o técnico Magno anuncia que nunca mais o escalará, pois o considera o jogador mais indisciplinado que já encontrou em seus 22 anos de futebol<sup>629</sup>.

Em uma publicação veiculada dias depois, anunciava-se que Noronha, “o crack mignon, campeão da indisciplina”<sup>630</sup>, teria seu contrato rescindido com o América. Na opinião manifestada pelo texto, a rescisão do contrato seria resultante de uma medida de “ingenuidade primitiva” do clube americano, “pois o que deseja o ponteiro esquerdo, de há muito, é exatamente o passe livre, para ingressar num dos clubes cariocas, falando-se que tem em vista o Vasco”<sup>631</sup>.

Outro jogador dispensado pelo América, fruto da “campanha de limpeza” efetuada pelo clube, seria o atacante Gabardo. A reportagem enaltecia as qualidades do jogador nos gramados: “Inegavelmente, o impetuoso centro-avante é um jogador de qualidades. Decidido, bom artilheiro, distribui com certa visão, tendo sido um dos bons dianteiros do alvi-verde na temporada”<sup>632</sup>. Em contrapartida, descrevia os motivos que o fizeram ser desligado do clube.

Mas, é, sobretudo, indisciplinado. Está sempre alegando contusões que o impedem de jogar, por menores que sejam. É um ‘crack’ caro e de má vontade. Nos jogos, porém, em que o ‘bicho’ é ‘gordo’, ele nunca deixa de atuar. Assim, participou de todos os jogos do América contra o Atlético, pois as vitórias eram regiamente pagas pela diretoria e pelos associados do ‘deca’<sup>633</sup>.

O América chegou a ser mencionado como um “clube que não sabe vencer campeonatos” e uma das razões para tal situação seria o vício do “endeusamento” de jogadores: “Ah! ‘A máscara’. Como são fáceis de convencimento os elementos do América”<sup>634</sup>.

Do convencimento partem eles para um punhado de defeitos. Tornam-se exigentes, pensam agir como malandros, fingindo-se machucados, recusando-se a jogar e excursionar. O tratamento que recebem por parte da diretoria e associados é o culpado disto [...]. Quantas e quantas vezes o jogador A ou B é apanhado discutindo assuntos administrativos do clube, organizando movimento para exigir a saída ou entrada de tal diretor. Por que? Porque não são tratados como o deviam ser.

<sup>629</sup> *Idem*.

<sup>630</sup> ACONTEceu na semana. *Diário Esportivo*. 25 de out. 1945, n.14, p.3.

<sup>631</sup> *Idem*.

<sup>632</sup> *DIÁRIO ESPORTIVO*, 29 de nov. 1945, n.19, p.2.

<sup>633</sup> *Idem*.

<sup>634</sup> COTTA, José de Araújo. A história de um clube que não sabe vencer campeonatos. *Diário Esportivo*. 17 de jan.1946, n.27, p.5.

Humanamente, mas como profissionais. Nem respeito aos diretores da agremiação eles têm. Tratam de igual para igual, num ambiente que fica mais para eles do que para os dirigentes<sup>635</sup>.

Novamente, o problema dos “maus profissionais” da equipe americana ganharia centralidade. Desta vez, na ocasião de um jogo disputado entre o alviverde e o clube Libertad, do Paraguai. Nos dizeres do *Diário Esportivo*, a atuação da equipe paraguaia foi uma mostra contundente de que “o futebol precisa de ‘sangue’ e de jogadores fortes, viris, que ‘topem qualquer parada’”<sup>636</sup>. Suas características, segundo o texto, poderiam “servir de espelho para muitos dos nossos clubes locais”<sup>637</sup>.

Ao mencionar o confronto do Libertad com o América, o periódico enfatizou que a exibição do alviverde frente ao campeão paraguaio “constituiu verdadeira desolação para os seus adeptos”. O motivo já seria conhecido: “Irreconhecíveis, com um ataque absolutamente inofensivo, jogando sem alma e sem fibra [...]. Ao final, o texto propunha: “O América [...] precisa tomar providencias serias para renovar o seu esquadrão para a temporada de 1946. A várzea está aí, cheia de elementos novos e promissores. Os medalhões, decididamente, não resolvem”<sup>638</sup>.

Ao abordar esses problemas, que não envolviam apenas o quadro americano, o *Diário Esportivo* mencionou que torcedores, em um dia qualquer pelas ruas da cidade, discutiam qual era a diferença entre o Cruzeiro e os demais clubes: “[...] um adepto do Cruzeiro deu a seguinte explicação: - a diferença é muito simples – é que os jogadores do tricampeão jogam pra ganhar e os dos outros quadros ganham para jogar”<sup>639</sup>.

O Cruzeiro era constantemente mencionado como um exemplo a ser seguido pelos outros clubes. O sucesso da equipe nas disputas do campeonato mineiro era atribuído à política administrativa do clube e ao tratamento que dispensava aos jogadores, bem diferente do que faziam América e Atlético.

[...] todo o mundo sabe que o team do Cruzeiro é um team relativamente barato. Cracks famosíssimos, como Geraldo II, Juvenal, Selado, Niginho e Ismael custam relativamente pouco ao clube das cinco estrelas. Principalmente se os compararmos com outros medalhões que figuram em outros teams, mascarados, machucadores, fricoteiros, e que andam pondo o Atletico e o America (principalmente estes dois), em palpos de aranha... [...]. Vejamos: o team está ganhando, está brilhando, os profissionais jogam não só por dinheiro, mas também por amor a camisa. Enfim, o team está dando gosto. Se o crack começa a fazer exigências demais que va passear...

<sup>635</sup> *Idem*.

<sup>636</sup> ACONTECEU na semana. *Diário Esportivo*. 10 de jan. 1946, n.24. p.3.

<sup>637</sup> *Idem*.

<sup>638</sup> *Ibidem*.

<sup>639</sup> COLCHA de retalhos. *Diário Esportivo*. 29 de nov. 1945, n.19, p.6.

E se encontra propostas vantajosas demais, que as aproveite. [...] E o Cruzeiro sabe que terá elementos sempre com que contar, principalmente na varzea<sup>640</sup>.

Em outro texto, revelava-se a história de um jogador do América para se criticar a situação de troca de clubes. Nesse caso, o exemplo do “player” americano foi motivo de elogio por parte do jornalista, contrariando a maioria das reportagens que se referiam a este clube. Por meio deste exemplo, o texto manifestava um descontentamento em relação à uma das características mais fortes do profissionalismo: os trânsitos de jogadores. O atleta americano em questão era Alfredinho e assim foi destacado:

Sua vida esportiva, toda ela vivida para servir de maneira tão própria e eficiente a um só pavilhão encerra exemplos soberbos, todos eles dignos de serem imitados por muitos supostos craques, que andam por aí, vagando de clube em clube, mantendo seu prestígio, graças, apenas, ao delírio das manchetes e dos microfones de amigos<sup>641</sup>...

Finalizando o cerne de ambiguidades discursivas observadas no futebol belo-horizontino, em que profissionalismo e amadorismo se mesclavam nas avaliações acerca da conduta dos jogadores, tanto regidas pelas exigências contratuais (afeitas às prerrogativas do profissionalismo), como pelas reivindicações morais (mais próximas aos princípios do amadorismo), tem-se o exemplo bastante significativo de uma reportagem que abordava uma situação ocorrida na capital do país. O tema discutido se referia ao “caso Ademir”, um imbróglio que envolvia os clubes Vasco da Gama e Fluminense: “Toda a gente sabe do ‘caso’ Ademir. O grande atacante ‘tretou’ com o Vasco e assinou contrato com o Fluminense. A colonia lusa ficou ‘fula’ com o rapaz e promete vinditas tremendas”<sup>642</sup>. O jornal *Diário esportivo*, que por repetidas vezes, criticou a imoralidade dos jogadores, assim se manifestou sobre esse caso: “Mas, porque esse barulho. Ademir não é um profissional? Não joga futebol por dinheiro? Então? Porque há de causar ‘ademir...ação’ o gesto do crack? Enquanto isso, isto é, enquanto Ademir trata de ‘já...ir’ embora, o Vasco agarra-se ao ‘Santo Cristo’...”<sup>643</sup>.

<sup>640</sup> CRUZEIRO x scratch da cidade. *Diário Esportivo*. 13 de dez. 1945., n.21, p.10.

<sup>641</sup> A HISTÓRIA de Alfredinho. *Diário Esportivo*. 28 de fev. 1946, n.32, p.3.

<sup>642</sup> O CASO Ademir. *Diário Esportivo*. 04 de abr. 1946, n.36, p.3.

<sup>643</sup> *Idem*.

### 3.5 As mazelas do profissionalismo: uma profissão que nasceu para não durar

Uma das expectativas do profissionalismo, quando se pensou e se efetivou o regime em princípios da década de 1930, era a de que os jogadores poderiam usufruir de seus talentos nos gramados como força de trabalho e que esta possível benesse poderia se expandir para vários atletas que eram alijados de reais benefícios no período amador. A ideia do profissionalismo como uma possibilidade de popularização do futebol e como uma expansão para outras camadas sociais diferentes daquelas que o praticaram nos anos iniciais do século XX em Belo Horizonte é comumente difundida sem muitas objeções. Normalmente, as pesquisas abordam o momento de implantação do regime na cidade, o ano de 1933, e seguem suas análises no restante da década de 1930.

Entretanto, o que se procedeu na década de 1940, quando se pressupõe apressadamente uma consolidação do profissionalismo, é algo muito pouco explorado. E nesse caso, os relatos dos periódicos demonstram uma série de dificuldades e frustrações sofridas por jogadores que apostaram os rumos de suas vidas no novo regime. Isto não implica desconsiderar que muitos foram os atletas que conseguiram lucrar com a condição de profissionais e ascenderam socialmente (em se tratando daqueles que saíram de situações de pobreza). Contudo, de fato, esta última possibilidade parece ter se configurado com menos frequência que a anterior, em se tratando do contexto belo-horizontino.

Em sua maioria, o jogador, logo que assina o primeiro contrato, esquece-se da vida. Se é estudante, abandona os livros. Se trabalha abandona a sua ocupação diária. E vira-se para as rodas da Avenida, para as mesas de café. E fica embriagado, cheio dessa glória efemera, characteristicamente passageira. Esquece que o futuro é uma incognita, e que de sonhos, apenas, não se vive. O conforto para os anos de velhice, jamais é assegurado, porque tudo o que é obtido durante os anos de atividade, é desperdiçado da maneira mais lamentável. As noitadas se seguem, unindo-se numa sequencia interminável, numa profusão macabra. O organismo não resiste, falham as intervenções, a produção entra num declínio que ninguém é capaz de compreender e admitir. Quando acorda do grande sonho, quando se desfaz a nuvem de embriaguês, o craque busca pelos bolsos vazios, algo que já não existe, algo que poderia ainda, existir, para lhe minorar a miséria. Já não existem os fans, o clube que o consagrou já o desconhece e tudo é melancolia na sua existência. A saúde minada, a alma entorpecida pelas paixões vergonhosas, o estomago vazio, os bolsos duros, o ostracismo completo, absoluto, total. Emprego? Como? Onde o preparo indispensável, onde a saúde para o labor diário? Onde? E a pergunta angustiosa fica, terrível e insolente perdurando na noite escura da vida daquele que foi um craque consagrado, e do que é, então, um mendigo miserável como os demais...<sup>644</sup>

<sup>644</sup> A HISTÓRIA do jovem ponteiro do Cruzeiro. Diário Esportivo. 21 de mar. 1946, n.34, p.6.

O *Diário Esportivo* publicou uma série de reportagens sobre jogadores mineiros que experimentaram a fama e a derrocada no regime profissional. Abordava-se a superficialidade e a efemeridade da profissão e a fragilidade das relações entre jogador, clube e torcida. Da visibilidade dos holofotes à invisibilidade da solidão era um passo tênue: “[...] os ídolos das multidões são passageiros. O artista já não oferecia as jogadas que o povo deseja”<sup>645</sup>.

Com as transformações no sentido das relações, os vínculos afetivos entre clube e jogador se diluíam (ou nem sequer eram construídos), resultando em uma situação muito diferente da que acontecia no velho amadorismo, em que os clubes eram inicialmente formados pela afinidade de seus integrantes, por redes de sociabilidades configuradas, por exemplo, pelo bairro, pela escola, pela universidade e outras possibilidades. Pode-se pensar no seguinte esquema hipotético: o regime profissional diminuiu a coletividade (identitária) e os vínculos pessoais, já que os jogadores não eram mais os responsáveis por montar as suas equipes de acordo com as afinidades que possuíam. No profissionalismo, o clube não lhes pertencia, criando-se, assim, uma nova coletividade (sem identificações prévias) que teria como única finalidade favorecer a equipe (todos são peças de uma máquina em prol do time). Nesta perspectiva, os laços de solidariedade que mantinham a coesão no amadorismo inicial não mais existiam, o que fazia com que cada jogador fosse o responsável por sua própria sorte.

Uma das histórias mais representativas desse contexto é a do jogador Guará, considerado, com apenas vinte anos, “um dos mais perfeitos centro-avantes do Brasil”. Segundo um dos artigos, “O Fluminense o quis” e se ele houvesse aceito a proposta “talvez outro fim teria o seu destino”<sup>646</sup>.

Mas ele, por amor ao Atletico em pleno regime profissional, não aceitou as propostas tentadoras. E na hora do abandono não teve o apoio necessário do seu antigo clube. Foi o Siderúrgica quem lhe deu um apoio material. Os clubes, no regime profissional, não agem sentimentalmente. Tudo é feito em função do fator econômico. Não viram o caso de Castanheira, o crack do São Cristovão, que morreu sem assistência num hospital de Belo Horizonte? Não se lembram do triste fim de Fausto, a ‘maravilha negra’, hoje sepultado no anonimato de uma sepultura rasa do cemitério de Santos Dumont? O destino dos cracks [...] é triste, quando não possuem eles um patrimônio para a sua velhice ou para as horas amargas<sup>647</sup>.

Em outra reportagem, abordava-se novamente o “drama” de Guará, “uma das grandes promessas de nosso futebol”: “a estrela de Guará surgiu no céu esportivo do Brasil

<sup>645</sup> TAVARES, Cláudio. Romance de Guará. *Diário Esportivo*. 02 de agost. 1945, n.2, p.5.

<sup>646</sup> *Idem*.

<sup>647</sup> *Ibidem*.

com todos os aparatos de uma grandiosidade ímpar. Surgiu numa aureola de esplendor incomparável. Era leve, frágil, jovem. Era rápido, diabólico, irresistível. Era inteligente, artilheiro, ídolo”<sup>648</sup>.

Um dia, um dia negro com sol no céu, o Destino pôs um ponto final na sua carreira. Disputou uma bola com Caieira, alta e houve um choque. Foi o último da sua carreira incomparável. Guará caiu, desacordado, e desacordado ficou horas e horas. Dias. Teve derrame cerebral. Derramara, no futebol, o cérebro que tanto trabalhara para o próprio futebol. Foi um grande drama, um drama que cada um dos milhares de fans de Guará viveu com ele. Drama intenso, terrível. Guará quis insistir, mas foi inútil. Apagara-se a sua estrela fabulosa!<sup>649</sup>

O texto, ao enfatizar o “apagamento” de Guará e o seu posterior esquecimento, mencionava as expectativas do público e destacava uma das características próprias do profissionalismo: a ênfase no resultado: “O público que hoje aplaude delirantemente, freneticamente, as jogadas espetaculares dos nossos craques, esse mesmo público, amanhã, quando essas jogadas espetaculares faltarem negará esses aplausos, aplausos que serão, muitas vezes, substituídos por vaias infundáveis”<sup>650</sup>.

A mesma reportagem destacava os variados destinos das estrelas que tinham aparecido e desaparecido no “firmamento brasileiro”: “Da obscuridade à glória as estrelas têm elevado nomes quasi que por encanto, num abrir e fechar de olhos. Mal surge a promessa e está feito o craque. Quando ela se apaga? Não se sabe nunca!”. Algumas estrelas se apagam no começo da vida do jogador: “Assim, ele brilha um instante, quando surge. Depois para. Nada o consegue impulsionar. Nem o vigor da juventude, nem a força de sua vontade moça. É o seu fim”. Outras estrelas são apagadas no percurso da glória: “Alguns conseguem se refazer da queda e sobem de novo; às vezes para mais alto, às vezes não conseguem o que haviam sido. Para outros, entretanto, a queda é fatal. Não se refazem”<sup>651</sup>. Na contramão do fracasso, o texto citava os “privilegiados”, aqueles que vivenciam o instante de glória do primeiro ao último momento de suas carreiras.

Não ha tropeços, não ha quedas espetaculares. São as grandes estrelas, são as luzes que o Destino acendeu. Dos primeiros contatos com o couro, em plena juventude, até o descalçamento das chuteiras dos pés reumáticos, ha sempre um nível mais ou menos igual. Muitos não atingem [...] a consagração. Mas duram. Dez, doze, quinze anos. Garantem o presente e o futuro, seu e dos seus. Desconhecem o amargor dos dias negros quando a sombra terrível da fome ronda um lar. É quando muitos querem

<sup>648</sup> ESTRELAS no futebol. *Diário Esportivo*. 06 de set. 1945, n.7, p.4.

<sup>649</sup> *Idem*.

<sup>650</sup> *Ibidem*.

<sup>651</sup> *Ibidem*.

recomeçar. Tardiamente. E quando alguém lembrar aquele proverbio: ‘se souberes manter no lugar a tua cabeça, enquanto os outros ao redor perdem as deles, es um homem!’ Eles poderão respirar fundo e responder altivos: ‘sou um homem’<sup>652</sup>.

Há, ainda, os que “tombam voluntariamente”. Tornavam-se invisíveis na busca incessante pela visibilidade: “Caem no próprio buraco que cavaram para si. É o delírio da gloria. É a embriaguez do grande momento. São as “estrelas de curto brilho, que surgem “esplendorosamente no firmamento e caem logo depois no abismo eterno do infinito”; “[...] elas despencam com a mesma facilidade e a rapidez com o que subiram”<sup>653</sup>.

As noitadas alegres, os treinos displicentes, serão fatais um dia. Porque quando fracassar êle, das alturas da glória, como que numa vertigem, se despencará no abismo do esquecimento num relance. Esquece-lo-ão. Porque já não brilhará. Porque já não encherá os olhos do publico com os espetaculos deliciosos das suas virtudes tecnicas e fisicas. Jornais apagados e fotografias amarelecidas serão as lembranças. Lembranças de um momento que foi unico na vida... e que foi desperdiçado! A estrela que se apagou<sup>654</sup>!

O mineiro Aziz foi mencionado como “uma estrela incerta”. O jogador havia saído de Minas Gerais “em seu melhor momento” e era considerado “um centro médio notável”<sup>655</sup>. De acordo com o *Diário Esportivo*, quando chegou ao Rio foi classificado como um “dos bons valores que o nosso mercado já exportou”. No entanto, sua estrela “apagou-se de repente” após uma situação de jogo.

Retornou ás montanhas, veio tomar nossos ares de novo. Rejuvenesceu um pouco. Um dia, um dia em que a estrela piscou, Bigode acertou-lhe a canela. Partiu-a. Aziz foi para o hospital, esteve menos inativo. Acabou-se. Nunca mais, embora perseverasse conseguiu voltar ao que fora. Está jogando bem, mas longe do Aziz do passado... Aquele encontro com o grande medio do Atletico foi o fim de sua carreira. Fim trágico, com a marca da fratura [...]<sup>656</sup>.

Outra publicação do mesmo periódico fundava-se em uma argumentação semelhante às demais: “Da popularidade ao olvido há uma distância pequena, bem menor do que muitos pensam. Muitas vezes basta um erro, um erro apenas, para que seja lançado por terra todo o fardo de uma admiração preparada anos e anos com um carinho e uma dedicação

<sup>652</sup> *Idem*.

<sup>653</sup> ESTRELAS e marcação cerrada. *Diário Esportivo*. 11 de out. 1945, n.12, p.5.

<sup>654</sup> *Idem*.

<sup>655</sup> ESTRELAS no futebol. *Diário Esportivo*. 06 de set. 1945, n.7, p.4.

<sup>656</sup> *Idem*.

ímpares”<sup>657</sup>. Novamente se mencionava a fluidez das relações construídas entre clube e jogador no profissionalismo.

O público é assim. Ingrato. Volúvel. O que o público quer é o sabor da qualidade e beleza nas atuações dos seus craques. Mas, um dia, esse sabor de qualidade e beleza faltarão. Então, com todos os requintes de tragédia, um nome cairá no olvido. Um acidente, uma doença, a idade, e eis uma estrela que se apaga!

O autor citava os trânsitos de jogadores entre clubes como um dos motivos da volúpia das relações: “[...] Há os que criticam os craques que fogem á sombra de um pavilhão amigo e tradicionalmente seu”<sup>658</sup>. Em sua opinião, pouca coisa haveria de “mais belo no futebol do que um craque se colocar sob uma bandeira e sob ela ir de ponta a ponta de sua carreira”. Como exemplo, citou os jogadores Cafunga, do Atlético; Juca, do Cruzeiro; e Batatais, do Fluminense: “Dez anos, uma carreira inteira. Uma estrela que surge, faz a sua trajetória no firmamento e se perde, lá do outro lado, no horizonte, sempre pintada das mesmas cores, envolvida no mesmo pavilhão”<sup>659</sup>.

Contudo, sua fala também manifestava a nova realidade do regime em funcionamento, pouco condizente com a beleza que destinava à permanência fiel dos craques a uma só bandeira.

O profissionalismo, entretanto, ao lado dos seus benefícios incontáveis, veio trazer também algumas modificações profundas. É quasi inadmissível, dentro deste regime, uma fidelidade tão grande. Porque, muitas vezes, para ficar, é preciso sacrificar alguma coisa, abrir mão de certas exigências. Quando se sabe que o futebol deve ser explorado ao máximo por aqueles que o fazem, que são os artistas destes espetáculos que nós não dispensamos, destes espetáculos que nós, dominicalmente nos acostumamos a ver, é paradoxo que se vá diminuir uma exigência porque o clube do coração não pode pagar tanto como o que ambiciona o craque, o que ‘sonha de olhos abertos’ com o seu concurso! É preciso aproveitar o futebol, porque o futebol aproveita o jogador. Depois chega o fim do craque. Aqueles que tanto o quiseram esquecem-no agora. O craque passa e o futebol fica<sup>660</sup>.

O jogador Bigode, mencionado como “ídolo dos mineiros”, e que saíra do Atlético para o Fluminense, manifestara em uma entrevista concedida ao *Diário Esportivo* sua insatisfação e os problemas que havia enfrentado com a troca de equipes.

<sup>657</sup> CARNEIRO, Januário. Estrelas no futebol. *Diário Esportivo*. 20 de set. 1945, n.9, p.9.

<sup>658</sup> *Idem*.

<sup>659</sup> *Idem*.

<sup>660</sup> *Idem*.

Você não calcula o quanto eu sofri no Rio nos meus primeiros meses. Sai daqui em pleno fastígio técnico e popular. [...] A má vontade de alguns elementos titulares e a marcação diferente, influíram decisivamente para que não alcançasse logo o quadro principal. [...] Pela necessidade de preferir algumas dezenas de milhares de cruzeiros, eu verifiquei que trocara a idolatria de uma torcida imensa pelo esquecimento de outra<sup>661</sup>.

Outro artigo focalizava o “desaparecimento” do jogador Carango: “[...] uma contusão no joelho e cerca [...]”<sup>662</sup>. O texto informava que Carango havia aparecido no futebol mineiro em 1943: “Ele envergou a camiseta alvi-celeste do Siderúrgica, num match contra o cruzeiro. Desde a sua estréia, os homens da imprensa esportiva disseram que ele era ‘uma esperança radiosa do esporte mineiro’”<sup>663</sup>. Junto a Juvenal, Carango havia composto, “com bravura”, a linha média do selecionado mineiro de 1944. Mas ao que sugeria a reportagem, um problema no joelho o retirou dos holofotes precocemente. Além da situação de Carango, o *Diário Esportivo* mencionou outros casos semelhantes.

[...] O futebol é o esporte mais ingrato que pode existir. Quando menos se espera tem-se pela frente mais uma cilada do destino. É por isso que se diz que a vida do jogador de futebol é um eterno romance, hoje aplaudido, amanhã esquecido por completo. Quem hoje se lembra de Guará como um ‘crack’ que empolgou multidões incontáveis? Paulista hoje nada mais é que uma lembrança que passou cantando a música da saudade<sup>664</sup>.

Outra vertente possível para a análise do sucesso ou da derrocada das “estrelas” relaciona-se à incorporação de novos esquemas táticos. Brandão, identificado como centromédio das seleções de São Paulo e do Brasil por quase dez anos, foi mencionado como exemplo de inadaptação às novas formas de jogo: “Não há esportista nesse mundo de Deus, conhedor do futebol internacional, que ignore a existência de Brandão”<sup>665</sup>. Entretanto, as dificuldades de sua carreira surgiram com a implantação do sistema de marcação cerrada no Brasil: “Brandão não gostou da brincadeira”.

Era desinteressante jogar assim. Acompanhar um sujeito durante todo o transcurso de uma peleja, não estava direito! Depois fez força para se adaptar. Mas, infelizmente, aquilo não era, positivamente, para ele. Sua estréla viveu os seus últimos momentos de histórico explendor. Ganhamos uma nova tática e perdemos o nosso melhor centro médio, o n. 1 da América do Sul e um dos maiores do universo. Brandão errou, errou e errou mais e mais. Foi afastado do esquadrão principal do

<sup>661</sup> EIS UM crack que nunca será esquecido. *Diário Esportivo*. 03 de mai. 1946, n.40, p.9.

<sup>662</sup> O CRACK desaparecido Carango. *Diário Esportivo*. 27 de set. 1945, n.10, p.9.

<sup>663</sup> *Idem*.

<sup>664</sup> *Ibidem*.

<sup>665</sup> ESTRELAS e marcação cerrada. *Diário Esportivo*. 11 de out.1945, n.12, p.5.

Corinthians Paulista. Apagou-se inteiramente, completamente a sua estréla raríssima<sup>666</sup>.

Outro exemplo era o de Zezé Procópio, mencionado como “o melhor asa médio direito que o futebol mineiro já produziu”<sup>667</sup>. Saiu de Minas Gerais para o Botafogo, onde jogou, “a partir de então, em todos os ‘scratches’ cariocas e nacionais. Disputou a Copa do Mundo, campeonatos sul-americanos, copas e taças”. Segundo o texto do *Diário Esportivo*, “a marcação cerrada foi encontrá-lo no São Paulo. Mas o São Paulo não adotou a cerrada e Procópio ficou fora de perigo”. Entretanto, transferiu-se para o Palmeiras em 1945 e lá, não se adaptou à marcação “homem a homem”.

O grande e incomparável Procópio ficou a temporada inteira na ‘cérca’. É que o Palmeiras precisava de um médio direito que marcassem o ponta, jogando recuado. Procópio estava habituado a marcar o meia, jogando adiantado. Assim, ele não servia e, por isso, ia ficando na reserva. Se o Palmeiras o fizer jogando adiantado, sua estréla brilhará de novo, com todo o antigo explendor, na constelação sul-americana<sup>668</sup>!

As situações apresentadas compunham discursos sobre as condutas dos jogadores. Era preciso se precaver, cuidar do futuro e não se deixar iludir pelas efemeridades da fama. Os episódios, além de serem demonstrativos de intenções prescritivas e normativas acerca da vida dos jogadores dentro de campo e, sobretudo, fora dele, manifestavam também as contradições do regime profissional – o lucro e a pobreza; a fama e a invisibilidade; os holofotes e o esquecimento; o sucesso e a derrocada. Situações ao mesmo tempo tão distantes e tão próximas, que desconstruiriam, pouco a pouco, as promessas gloriosas do profissionalismo, quando de sua implantação.

O ídolo de hoje, embriagado de glórias e de fama, delirante de popularidade e de aplausos, será esquecido amanhã. É preciso que cada um deles seja o precavido de hoje para se tornar o amparado de amanhã. A glória passa, ficam as saudades. E, enquanto o ponto final não chega, é preciso se cuidar, prevenir, e ter uma boa estrela iluminando a sua carreira ardua, e seu destino incógnito<sup>669</sup>.

Tal era a importância deste fato que uma das reportagens do *Diário Esportivo* chegou a propor a criação de uma caixa de assistência para os profissionais, por meio de uma

---

<sup>666</sup> *Idem*.

<sup>667</sup> *Ibidem*.

<sup>668</sup> *Ibidem*.

<sup>669</sup> ESTRELAS no futebol. *Diário Esportivo*. 06 de set. 1945, n.7, p.4.

contribuição mensal dos clubes: “em pouco tempo estaria possibilitada a dar pequenos pecúlios aos jogadores inabilitados, no exercício de sua atividade, ou então à família do crack”<sup>670</sup>.

Seriam evitadas assim as dificuldades tão comuns aos lares dos ‘players’ imprevidentes. [...] De nada vale o lirismo das admirações efêmeras. Os aplausos pouco servem. Os cracks são de carne e osso e vivem também do pão que agora está mais caro, com o racionamento da farinha de trigo [...]<sup>671</sup>.

Alguns periódicos esportivos, inclusive, veicularam propagandas de vendas de terrenos como possibilidade para os “cracks” adquirirem posses e garantirem um futuro melhor após o término da carreira. O negócio imobiliário se valeu das incertezas da profissão de jogador de futebol (da fluidez do mercado futebolístico), para promover uma de suas investidas. A concretude do terreno adquirido se mostrava como solução para a liquidez da profissão (FIGs.26 e 27).

Figura 26: propaganda de venda de terrenos.



Fonte: Revista América. Jan.1950, n.12.

<sup>670</sup> TAVARES, Cláudio. Romance de Guará. 02 de agost. 1945, n.2, p.5.

<sup>671</sup> Idem.

Figura 27: propaganda de venda de terrenos



Fonte: Olímpica – O Cruzeiro em foco, jul/agost. 1949, n.4.

De outro lado, também figuravam nas páginas dos impressos os craques que se tornaram bem-sucedidos financeiramente, “os capitalistas do futebol”. Um artigo do *Diário Esportivo* ressaltava que em Belo Horizonte não eram muitos os jogadores que haviam experimentado esta trilha de sucesso: “Uma infinidade deles deixou os estudos, não quis saber do emprego modesto. Deixa-se tudo pelas atrações do futebol, a miragem é linda e enganadora ao extremo. Mas há quem possa dizer que tem propriedades e dinheiro ganho no futebol profissional”<sup>672</sup>. O mesmo jornal manifestou uma argumentação favorável aos ganhos obtidos pelos jogadores profissionais.

Muitos vivem espantados com o que ganham os profissionais do futebol. Dizem até que mais que os reis. E aqueles que não gostam – são poucos – do ‘esporte das multidões’ estes é que mais atacam os ‘cracks’. Falam do absurdo de se pagar ‘luva’ de duzentos mil cruzeiros por hum negro como Leonidas, como Domingos, só porque eles sabem dar ‘shoots’ na esfera de couro. Renitentes nas suas assertivas, falam do absurdo dos honorários, não querendo compreender de jeito algum o merecimento que existe em um ‘as’, um grande ‘as’, receber boa paga pela sua arte. Sim, o futebol é uma arte. A arte que entusiasma milhões, dá vida ao domingo de

<sup>672</sup> CAPITALISTAS do futebol. *Diário Esportivo*. 13 de dez. 1945, n.21 p.4.

todo brasileiro. A arte de levar para um estadio a ira do mortal que passa a semana toda no batente pesado e que se sobrecarrega de preocupações. Nos campos de futebol, esquecem-se as contas do leiteiro, padeiros, os ‘papagaios’ do banco e até outras coisas mais sérias e profundas. E para a execução desta arte que é o ‘association’, quanta virtude, quantas coisas são necessárias. Às vezes o ‘crack’ leva anos para conseguir uma posição de estabilidade no cenário esportivo. É justo que nesta ocasião seja, então, recompensado e bem recompensado<sup>673</sup>.

As altas recompensas financeiras aos jogadores de futebol estavam atreladas ao próprio alcance do esporte, “a arte que entusiasma milhões”. Entretanto, o reconhecimento das exigências do profissionalismo e de sua relação com uma série de atitudes que passaram a ser necessárias aos jogadores e que comportavam uma nova relação de trabalho entre empregado (jogador) e empregador (clube que se tornava uma empresa), por vezes resultava em um destino cruel para os que compunham a base da pirâmide.

A sinalização da trajetória de jogadores profissionais que enfrentaram problemas em suas carreiras e rumaram ao esquecimento demonstra, de fato, as adversidades de um contexto futebolístico que se construiu sobre as bases fluidas de um mercado em gestação. A própria profissão se alicerçou em especificidades que favoreciam o risco da efemeridade. Aportando-se nas elucubrações de Sennet (1999), pode-se dizer que a profissão de jogador de futebol já nasceu como uma profissão “sem longo prazo”. De fato, a carreira se construiu sem estabilidade, dada a sua própria natureza, pautada na dinamicidade do mercado que o gestou. “A decisão de partir” (SENNET, 1999, p.103) se traduz no contexto futebolístico pelos trânsitos constantes de jogadores, o que evidencia, dentre outras situações, as ligações tênuas entre empregado e empregador nos novos ordenamentos capitalistas.

Apesar de a adoção do profissionalismo ter sido efetivada durante o governo de Getúlio Vargas, momento em que o “trabalhismo” estava em voga, Baía (2015, p.44) ressalta que a “Consolidação das Leis do Trabalho, em 1943, não fazia qualquer referência à regulamentação da profissão de atleta profissional”. De acordo com o autor, o marco legislativo que tratou somente do futebolista foi o Decreto n.51.008/61, “contudo não lhe estendia, regra geral, a necessária tutela trabalhista e previdenciária” (BAÍA, 2015, p.44). Percebe-se, assim, que os jogadores na década de 1940 conviviam com um desamparo legal. Vale rememorar que um dos argumentos veiculados na imprensa mineira a favor do profissionalismo residia justamente em garantir aos jogadores direitos trabalhistas, especialmente em casos de acidente. As diversas reportagens publicadas nos anos 1940

---

<sup>673</sup> *Idem.*

demonstram o contrário: o descaso com os atletas que já não serviam aos clubes e a inexistência de regulamentações trabalhistas que os amparassem.

Além dessas problematizações, é preciso considerar os intentos discursivos que buscaram moralizar e normatizar as condutas dos jogadores, nos planos profissional e pessoal. Tais discursos – tanto os que noticiavam os fracassos, como os que enalteciam os sucessos –, embora tenham sido produzidos tendo como objeto os jogadores profissionais, possivelmente circulavam em outros contextos, como os da várzea, outra possibilidade de vivência do futebol que também comportava suas ambiguidades. A maior parte dos clubes amadores que apareceram nas páginas dos periódicos sinalizava como objetivo de suas empreitadas a prática do “esporte pelo esporte” como elemento de formação da juventude do bairro. No entanto, os mesmos clubes também se orgulhavam em servir de “celeiro de cracks” para o profissionalismo, para o regime que potencializava sonhos e também frustações.

### 3.6 Mecanismos de racionalização no futebol

O fracasso ou o sucesso dos jogadores possivelmente comporta relações com o aumento das exigências do futebol profissional e com a capacidade de adaptação às mudanças que se processaram, a exemplo das alterações de esquemas táticos que trouxeram dificuldades a alguns jogadores. Obviamente, essa é apenas uma possibilidade.

Ainda assim, faz parte dos novos sentidos e das novas finalidades construídas para o jogo, calcadas em evidentes mecanismos de racionalização. Anteriormente foram abordadas algumas mudanças estruturais e comportamentais que se referiram ao público e às formas de torcer: a colocação de cercas separando gramado e arquibancada; a construção de aparatos para controlar a rentabilidade dos jogos; os dispositivos disciplinares aplicados a juízes e jogadores com a criação do Tribunal de Penas da F.M.F (e a proposta de que fossem também aplicados a torcedores); a realização de jogos em campos neutros; e as constantes reformulações dos quadros de arbitragem.

Sobre este último quesito vale ressaltar a vinda a Belo Horizonte de juízes cariocas, argentinos e ingleses<sup>674</sup>, no intento, nem sempre exitoso, de se promover maior imparcialidade nos resultados das partidas. Também os estádios passaram por grandes processos de reformulação na década de 1940, a exemplo dos estádios do Cruzeiro e do

---

<sup>674</sup> Pode-se citar como exemplo a atuação de Mr. Barrick, no jogo da final do campeonato mineiro de 1948 (AMÉRICA, dez. 1948, n.6, p.7).

América. No caso do primeiro, vislumbrava-se a construção de alambrados inspirados nos modelos argentinos<sup>675</sup>. A influência de clubes do país vizinho também se manifestaria no desejo de se instalar a iluminação do estádio americano nos moldes da cancha do Racing, de Buenos Aires<sup>676</sup>.

A referência à Argentina não se revelava apenas nas estruturas dos estádios e dos clubes, mas na ideia de excelência esportiva que se tinha daquele país: os jogos dos Argentinos eram considerados “magníficos”<sup>677</sup>. Tal constatação se referia aos predicados técnicos e táticos dos jogadores, além da plasticidade e da criatividade dos improvisos vinculados ao jeito *criollo* de se praticar o esporte. Não por acaso, alguns técnicos argentinos prestaram seus serviços a clubes belo-horizontinos, como Papetti e Valsechi, no América. Os mecanismos de otimização e racionalização do jogo também estavam atrelados a exemplos de outros centros esportivos. O estádio do Pacaembu, em São Paulo, e o estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, eram mencionados como exemplos de sucesso.

Por outro lado, a racionalização da estrutura do jogo parecia caminhar no mesmo passo em que se processava uma racionalização dos costumes. O jornal *Folha Esportiva* anunciava, em 1946, uma resolução do Conselho Técnico da C.B.D, que dispunha sobre a adoção de numeração para as camisas dos jogadores: “O Conselho Técnico da Confederação Brasileira de Desportos resolveu adotar, a partir do atual campeonato, nos jogos do certame nacional, o sistema de numeração para os ‘cracks’ que do mesmo participem”<sup>678</sup>. Diante da exigência, o periódico assinalava que a F.M.F já estaria tomando as devidas providências “a fim de dar cumprimento à disposição da C.B.D, mandando confeccionar escudos numerados, de 1 a 11, a fim de coloca-los nas camisas a serem utilizadas pelos jogadores da seleção mineira”. O texto concluía: “Trata-se de uma inovação original, não resta dúvida. Os jogadores, dessa forma, serão identificados como se procede em relação ao basquete”<sup>679</sup>.

Já o *Diário Esportivo* havia publicado em outra ocasião uma resolução do Conselho Nacional de Desportos, acerca dos apelidos dos ‘cracks’. A “curiosa portaria” recomendava que todos os clubes e entidades combatesssem as “alcunhas pejorativas e pouco decentes”<sup>680</sup>: “No seu ato, o Conselho Nacional argumenta dizendo que as finalidades elevadas da prática do esporte não comportam esses apelidos pouco lisonjeiros e tão

<sup>675</sup> CRESCE o estádio celeste. Olímpica, o Cruzeiro em foco, jul/agost. 1949, n.4, p. 14-15.

<sup>676</sup> A ILUMINAÇÃO. América, jul/agost. 1948, n.3, p.1.

<sup>677</sup> EM janeiro virá o Rosário Central. Diário Esportivo. 28 de dez. 1945, n.25, p.3.

<sup>678</sup> O CONSELHO técnico da C.B.D vai adotar... Folha Esportiva. 08 de out. 1946, s/n, p.3.

<sup>679</sup> *Idem*.

<sup>680</sup> O C.N.D baixou há dias... Diário Esportivo. 13 de set. 1945, n.8, p.2.

frequentes, particularmente no futebol”<sup>681</sup>. A reportagem, no entanto, sinalizou a impossibilidade da aplicação de tal medida em solo mineiro, pois se confrontaria com os próprios costumes já construídos e enraizados.

A medida atinge diretamente Minas Gerais, onde só o Vila Nova tem dado uma série incrível de nomes nada agradáveis para os jogadores. Assim, temos, entre outros: Madeira, Fuinha, Parafuso, Borracha e Foguete. Nos demais gremios de Minas aparecem Pescoço, Mão de Onça, Dedão, Mingueirinha, Cafifa, Bororó, Fogosa, Selado, etc. No Rio e S. Paulo há plaieres conhecidos, como o nosso Bigode, Careca (C. do rio), Bilulu e Sonô (Bangu), Piolini e Pardal (S.Paulo), Pinga (Portuguesa), Turcão (Palmeiras), Sapolio, Sapolinho e Duzentos (Ipiranga), Gambá, Baia e Tom Mix (Jabaquara), etc. É louvável a providencia do C.N.D, mas dificilmente será adotada e cumprida rigorosamente. Mesmo porque quasi todo jogador é José, João, Joaquim ou outro nome que se usa aos milhares... E o fan que grita em campo, bem como os locutores e a imprensa não estão para dizer José I, José II, José III. É neste momento que o apelido tem sua razão de ser. E, depois, conforme o surrado proverbio ‘Vox Populi, vox Dei’<sup>682</sup>.

A interferência nos costumes, demonstrada de forma bem-humorada pelo periódico, pode ser compreendida como parte de um entendimento que passou a ser comum em relação ao jogador profissional de futebol: a ideia de que seu corpo se tornou componente de um aparato instrumental e, nesse caso, a supressão das individualidades em prol da maquinaria encarnada na figura do time, encontrava ressonância. Dentro desse contexto, pensando em uma perspectiva mais ampliada, o jogador de futebol profissional foi comumente compreendido como uma peça substituível, em caso de repetidas falhas, avarias (lesões) ou desgastes naturais provocados pelo tempo.

As falhas passaram a ser cada vez mais imperdoáveis na nova lógica em que o sucesso da equipe refletia em sucesso financeiro. Uma das reportagens citava o exemplo de Cafunga, famoso goleiro atletícano, considerado pelo impresso, “o melhor arqueiro do Estado”<sup>683</sup>. No entanto, “por causa do ‘galináceo’ que deixou passar no último Atletico x América, o rapaz foi multado em 60 por cento dos seus vencimentos e ameaçado de ir para a ‘cerca’. Tudo em razão de um franguinho magro que digeriu [...]”<sup>684</sup>.

Em outro artigo, lamentava-se a situação do mesmo jogador: “Cafunga foi esteio durante 11 anos. Bastou falhar uma vez...”<sup>685</sup>. O texto ressaltava as boas atuações do jogador que, desde 1933, ostentava “posição privilegiada de insubstituível na meta atleticana”. Segundo o jornal, “o veterano guardião fluminense jamais desmereceu a confiança dos

<sup>681</sup> *Idem*.

<sup>682</sup> *Ibidem*.

<sup>683</sup> A ALTA dos frangos. Diário Esportivo. 02 de agost. 1945, n.2, p.5.

<sup>684</sup> *Idem*.

<sup>685</sup> CAFUNGA foi esteio... Diário Esportivo. 09 de agost.1945, n.3, p.3.

dirigentes e adeptos do clube dos ‘riscados’” e quando o time enfrentava problemas, “lá surgia Cafunga garantindo a invulnerabilidade do seu arco e proporcionando ao Atlético trampolins para triunfos inesperados e sensacionais”. O maior realce, no entanto, estaria no fato de o arqueiro ter recebido, ao longo de sua carreira, propostas diversas, “todas vantajosas”, as quais desprezou, em uma demonstração “inequívoca de amor à camisa [...]”<sup>686</sup>.

Vem, todavia, o jogo final no turno neutro do certame de 45, justamente contra o mais acérrimo rival dos alvi-negros: o América. Vencem os alvi-verdes e, por dolorosa coincidência, mercê de um tento que provocou verdadeira ‘onda’ entre os torcedores atleticanos. Fora um ‘frango’ do goleiro... E não faltou quem chegasse ao cúmulo de afirmar que Cafunga se vendera. O espírito do torcedor de futebol é caprichoso e teimosamente voluntarioso. Não concebe que o seu ‘crack’ preferido possa falhar siqueira vez. Mesmo que tenha garantido vitórias inúmeras ao seu clube. Cafunga andou pela ‘rua da amargura’, e o Atlético, pela voz de seus ‘cornetas’, parece que chegou mesmo a pensar em afastar o goleiro de 11 anos, o esteio absoluto da sua defesa<sup>687</sup>.

O entendimento de uma “velhice” precoce do corpo, referente a um estado em que as peças humanas não mais seriam capazes de corresponder às exigências físicas do esporte, também se fazia fortemente presente. A história do “menino ‘crack’”<sup>688</sup>, Nívio, é bastante representativa desse contexto. Ao justificar contratações como as do jovem jogador, o periódico *Diário Esportivo* se manifestou da seguinte forma:

A renovação de valores é um fato. Temos provas cabais em nosso esporte. Hoje, a prática neste setor nos faz preferir os mais novos, menos gastos, para militar em nosso ‘association’. Os velhos e esgotados devem necessariamente, ceder seus lugares [...]. Agora, tempos passados, em todos os exercícios físicos, os moços são chamados às fileiras, a fim de defender os esportes. [...] Somente o futebol mineiro não ia para frente. O nosso esporte bretão estava repleto de ‘velharias’. Homens que jamais podiam produzir à altura do renome esportivo de Minas. Os nossos selecionados eram formados tendo como base o desprezo aos ‘cracks’ sem cartaz, jogando de lado a mocidade. Por isso, não progredíamos. Estivemos sempre por baixo, sofrendo às vezes derrotas amargas, as quais tinham como causa impar a falta de preparo físico. Os tempos estão mudando... Parece que nossos clubes de futebol profissional compreenderam o problema e resolveram lançar os novos, preferindo os velhos<sup>689</sup>.

O contraste entre os jogadores “velhos e esgotados” e os “mais novos e menos gastos” promovia a precocidade da atuação de jovens jogadores no mercado de atletas que se gestava. Nívio firmara o seu primeiro contrato com dezessete anos: “Em primeiro de

<sup>686</sup> *Idem*.

<sup>687</sup> *Ibidem*.

<sup>688</sup> O MENINO ‘crack’ Nívio. *Diário Esportivo*. 09 de agost.1945, n.3, p.7.

<sup>689</sup> *Idem*.

novembro de 1944, ele assinava o primeiro sério documento de sua vida, um contrato com o Atlético, contrato esse que teve de ser autorizado pelo seu pai, pois o signatário é ainda uma criança”<sup>690</sup>. Situação parecida aconteceu com o jogador Noronha, que assinou seu primeiro contrato profissional com a mesma idade, pois “não podia o ‘crack’ ficar toda vida no anonimato, sem cartaz e sem tirar proveito do esporte das multidões”<sup>691</sup>.

Uma das reportagens relatava a história de um menino que havia se profissionalizado aos quinze anos, depois de deixar o futebol amador. Em entrevista ao *Diário Esportivo*, o jovem jogador detalhou seu caminho no futebol profissional.

Nessa ocasião o Américo Tunes, que era treinador do Sete, convidou-me para ingressar no quadro rubro. Havia, entretanto, sérios embaraços, pois meu pai não consentia que eu jogasse entre profissionais e eu não tinha também idade suficiente, pois, aos 15 anos, a lei não permitia que um jogador forme em quadros superiores. As dificuldades, entretanto, foram afastadas. A idade foi falsificada e meu pai deu permissão, atendendo a inúmeros pedidos de amigos. Ingressei, assim, no Sete de Setembro<sup>692</sup>.

O referido jogador, posteriormente, manifestou uma de suas dificuldades advindas da precocidade de sua profissionalização, já no começo da década de 1940: “[...] Já nessa ocasião eu voltara aos estudos fazendo o curso ginásial noturno no Colégio Anchieta, onde fiquei até terminar o ginásio e o 1º ano científico, onde novamente interrompi os estudos, pois, sentia-me exausto com o trabalho, futebol e livros”<sup>693</sup>.

No outro extremo, outro texto intitulado “O ferro velho” comparava um quadro de futebol a um automóvel, “não só com relação ao seu funcionamento, como também aos seus reparos”<sup>694</sup>. O conserto do motor de um carro e sua demanda por uma peça que falta ou necessita ser substituída por outra foi equiparada à uma equipe de futebol. Nesse caso, a solução para ambos seria o “ferro velho”, onde se amontoam várias peças, “evidentemente já usadas e cujo ‘desgaste’ é difícil de verificar com exatidão, quando não são encontradas novas ou não se pode mandar fazer...”.

O ‘ferro velho’ no futebol é útil excepcionalmente. E aqui entre nós, quando a ‘peça’ de que precisa o motor não for encontrada nova, deve ela ser feita aqui mesmo, no meio de muitas ‘fundações’, que existem por aí: - os clubes amadoristas. A confecção da peça ficará bem mais barata e não terá os defeitos da outra muito boa pelo material nela empregado, mas que, pelos anos de uso, tornou-se defeituosa.

<sup>690</sup> *Idem*.

<sup>691</sup> COM 17 anos Noronha assinou seu primeiro contrato. *Diário Esportivo*. 06 de set. 1945, n.7, p.8.

<sup>692</sup> COM 15 anos, profissional de futebol. *Diário Esportivo*. 16 de mai. 1946, n.41, p.4.

<sup>693</sup> *Idem*.

<sup>694</sup> COM o Atlético tudo. *Diário Esportivo*. 06 de dez. 1945, n.20, p.4.

Sim, porque, de um modo geral, se ela fosse perfeita, não teria ido para o ‘ferro velho’<sup>695</sup>.

Nesta reportagem é também possível perceber, assim como em outras já mencionadas anteriormente, o lugar ocupado pelos clubes amadores no cenário futebolístico belo-horizontino. Onde os holofotes se direcionavam ao profissionalismo, o futebol amador era o lugar das “fundições” e das “peças baratas”.

Outras publicações se referiam à necessidade de se compreender o futebol com base em conhecimentos especializados. E nesse caso, o técnico chegou a ser representado como “o lubrificante número um das ‘máquinas’ de jogar futebol”<sup>696</sup>. Um dos artigos mencionava o uruguai Ricardo Diez, técnico do América em 1946 e 1949, como “pedagogo do futebol”<sup>697</sup>. A sua vantagem residia no fato de não ser ele “um improvisado, forjado pelo espírito aventureiro tão peculiar ao futebol indígena”. Ao contrário dos “paraquedistas” que se intitulavam técnicos, Diez era mencionado como “um estudioso consciente e arguto das complexas questões futebolísticas”.

Cada jogador é um caso para seu estudo. Por isso adotava fichas individuais, onde incluía dados antropométricos, psíquicos, morais e etc. Baseia seu método na educação física especializada. Não iremos ao exagero de afirmar que o futebol seja ciência e, portanto, sujeito ao conjunto das leis imutáveis. Se não tem a rigidez sistemática da ciência e nem as linhas harmônicas da arte, o futebol obedece, contudo, a diretrizes fundamentais. O técnico é o grande responsável pelo sucesso de um conjunto futebolístico<sup>698</sup>.

Em seguida, a reportagem publicaria a transcrição de uma entrevista concedida por Diez “em um semanário esportivo carioca”. Para o técnico, o futebol profissional tinha vários aspectos que só poderiam ser compreendidos e resolvidos por “homens especializados”. Contrariando a prática comum de troca de treinadores, ressaltava que o “lapso de um ano ou de uma temporada não é o suficiente para se terminar uma obra tão complicada como a que exige o futebol comercializado”. No final da reportagem, enaltecia, novamente, as prerrogativas “racionalizadas” que deveriam compor a formação de uma boa equipe de futebol.

---

<sup>695</sup> *Idem*.

<sup>696</sup> DEFEITOS e atrações de nossos cracks. *Diário Esportivo*. 23 de mai.1946, n.42, p.4.

<sup>697</sup> DIEZ, pedagogo do futebol. *Diário Esportivo*. 21 de fev.1946, n.28, p. 9.

<sup>698</sup> *Idem*.

O técnico planeja um tipo de equipe, mas para isso é necessário possuir tudo o que esse tipo de time requer. Detalhes como o elevado espirito de combatividade, velocidade, resistencia, imaginação fácil, execução rápida e perfeita na procura do goal, tipos antropométricos [...], enfim, exame de carater e definição psicológica são os pontos que, com a conduta moral e disciplinar, devem ser encontrados para se seguir uma linha que nos dê e dê ao clube um horizonte de exitos ininterruptos [...].<sup>699</sup>

Em outra publicação, intitulada “O problema nacional do técnico”<sup>700</sup>, ressaltava-se a diferença de importância conferida ao técnico no momento atual e em outras épocas: “O futebol de hoje deu nova feição e nova importância – feição e importância decisivas – ao trabalho dos técnicos. Se em épocas remotas do esporte bretão o capitão do quadro fazia o trabalho que hoje cabe ao técnico, agora não acontece o mesmo”.

[...] O futebol progrediu. Evoluiu de maneira formidável. Já é um jogo de características bem diversas das que tinha há cerca de 10 anos. Veio a marcação cerrada, essa discutidíssima marcação de homem para homem. O futebol já é diferente. Tornou-se mais corrido, mais vivo, mais disputado. Os jogadores, agora, têm que possuir qualidades físicas e recursos técnicos de maior envergadura<sup>701</sup>.

Sobre a tão referenciada marcação cerrada, um dos textos relatou a possível decepção que teria o técnico húngaro, Dori Krueschner, considerado o introdutor da tática no Brasil, ao perceber as transformações de seus ensinamentos defensivos: “Os jogadores acham que marcar ‘cerrado’ é grudar-se ao respectivo adversário, impedindo-o de agir, de qualquer forma. Quando são driblados, agarram-se a ele pelas costas, puxam-no pela camisa [...]”<sup>702</sup>. O artigo concluiu fazendo uma alusão ao profissionalismo: Eles são profissionais coitados! Precisam agarrar-se ao lugar no time de qualquer maneira, mesmo que para isso... tenham de agarrar-se ao adversário”<sup>703</sup>.

Outro mecanismo relevante que sugere um novo olhar racionalizador para o esporte foi a importância conferida à medicina especializada no campo esportivo. A entrevista com o técnico uruguai Diez já demonstrava indícios desse controle. No contexto argentino as intervenções médicas também já mostravam comuns para o bom desempenho do atleta, como sinalizaram algumas publicações da revista *El Grafico*. No final da década de 1930, o periódico carioca *Sport Ilustrado* publicou uma ampla reportagem abordando o controle

<sup>699</sup> *Ibidem*.

<sup>700</sup> O PROBLEMA nacional do técnico. *Diário Esportivo*. 04 de abr. 1946, n.37, p.8.

<sup>701</sup> *Idem*.

<sup>702</sup> MARCAÇÃO cerrada. *Diário Esportivo*. 25 de abr.1946, n.39, p.3.

<sup>703</sup> *Idem*.

médico nas atividades esportivas como uma vitória da implantação do profissionalismo no futebol<sup>704</sup>.

Segundo o texto, o mérito de tal ação devia-se à extinta Liga Carioca de Football. Dentre as medidas estava a seleção de “elementos que tivessem, sob o ponto de vista clínico, aptidões para a prática do violento sport bretão. [...] Além da inaptidão, em caráter definitivo, eram feitas igualmente observações periódicas para tratamento de determinadas enfermidades”. A apuração “phiysiologica de nossos footballers” era relacionada à eficiência na prática do esporte e, inserido nesta preocupação, estava também o controle médico da alimentação, “estabelecendo regras que visem conferir ao *sportman* a assimilação de substâncias uteis à compensação dos gastos decorrentes dos exercícios das vésperas de uma competição e della própria”. Destacava-se, ainda, o cuidado com os dentes e a necessidade de uma realização periódica de exames clínicos: no início das atividades, na metade da etapa prevista e no encerramento das atividades<sup>705</sup>.

Em Minas Gerais, pode-se destacar a ação da Diretoria de Esportes, criada em 1946. Em um de seus boletins, constavam chamadas aos atletas para se submeteram “ao controle médico anual”<sup>706</sup>, para a sua própria “saúde e bem-estar”. As recomendações do texto em questão se referiam a uma palestra proferida pelo Dr. Jair Roiz Pereira, Chefe do Serviço de Controle Médico-Desportivo da Secretaria de Saúde e Assistência.

Nunca devemos estar esquecidos de que o organismo humano é em tudo semelhante à máquina. [...]. Está bem claro que a máquina deve ser periodicamente revista pelo técnico, que lhe examina o funcionamento corrigindo defeitos ou avarias que possam danificar total ou parcialmente o conjunto<sup>707</sup>.

Dentro desta perspectiva de controle dos atletas, o Departamento Médico da F.M.F protagonizou uma situação peculiar, que acirrou os ânimos dos dirigentes do Atlético. O goleiro Cafunga, em uma das avaliações médicas realizadas no ano de 1943, foi constatado com um desvio de septo nasal. Em razão desse problema, o Departamento Médico deliberou por afastá-lo dos gramados até que o jogador realizasse uma cirurgia corretiva. A medida foi taxada pelos atleticanos de absurda, injusta e radical. A revolta era tão grande no clube alvinegro que o mesmo ameaçou abandonar o campeonato caso a medida fosse mantida. A

<sup>704</sup> O CONTROLE medico nas actividades esportivas... Sport Ilustrado, n.6, 1938, p.12.

<sup>705</sup> *Idem*.

<sup>706</sup> MEDICINA esportiva. Boletim da Diretoria de Esportes de Minas Gerais. 30 de jun. 1949, n.6, p.10.

<sup>707</sup> *Idem*.

reportagem do *Estado de Minas* enaltecia as contradições da ação médica em relação ao referido jogador.

Cafunga, há longos anos pratica o futebol e o desvio de septo nasal que sofre, jamais lhe criou qualquer dificuldade física, mesmo porque, a posição que ocupa, pouco excesso lhe exige. No quadro do Atlético, Cafunga sempre atuou com grande eficiência, demonstrando grande forma e, nos selecionados do nosso Estado, sempre foi astro de primeira grandeza. Por que, então, exigir-lhe uma operação dispendiosa e completamente desnecessária<sup>708</sup>?

Pode-se pensar que o desenvolvimento dos esportes na década de 1940, aliado às prerrogativas da saúde física e mental de uma concepção médico-higienista ainda presente que visava governar corpos, propiciou uma circulação de informações e de conhecimentos acerca dos usos e interferências da medicina para a melhoria do desempenho da atividade física e, sobretudo, para o controle dos corpos dos atletas. Aliadas às preocupações com a saúde e o bem-estar estavam as ações que visavam otimizar o rendimento dos jogadores, pautadas em avaliações quantitativas e prescrições normativas sobre um corpo-máquina que, ao mesmo tempo, deveria servir às prerrogativas modernas de formação de uma nova raça e à um mercado que se gestou em torno do campo esportivo.

### 3.7 O êxodo de jogadores no profissionalismo: “Minas será celeiro eternamente”?<sup>709</sup>

Uma das justificativas utilizadas por dirigentes de clubes e por setores da imprensa para incentivar a adesão ao profissionalismo em Minas Gerais era a possibilidade de evitar o êxodo de jogadores mineiros para outras cidades e outros países que já haviam aderido ao regime. O medo de ser perder os “cracks montanhenses” foi um dos argumentos utilizados nas páginas dos impressos. O raciocínio parecia simples: se o profissionalismo fosse implantando em Minas Gerais, os atletas deste estado não precisariam deixar sua terra para buscar benefícios financeiros em outros lugares.

No entanto, a “Minas Gerais profissional” não conseguiu fazer frente aos centros esportivos do Rio de Janeiro, de São Paulo e de outros países. Ou seja, os salários e benefícios oferecidos pelo estado mineiro estavam muito aquém destas outras localidades, fato que tornou insuficiente a tentativa de reter os craques.

<sup>708</sup> AGITADOS os meios esportivos com o ‘caso Cafunga’. *Estado de Minas*, 15 de mai. 1943, n.5.094, p.1.

<sup>709</sup> QUANDO alcançaremos Rio e S. Paulo? *Diário Esportivo*. 11 de out.1945, n.12, p.4.

No regime profissionalista, salvo casos raros, vence o mais rico, o mais poderoso, o que pode oferecer e realmente oferece maiores vantagens. Ora, dispondo os gremios sociais da Guanabara e da Paulicéa de corpos sociais mais numerosos e rendas bem mais altas nos seus jogos eram eles, por consequencia, os indicados para vencer a competição com os clubes mineiros. E assim tem sido. Eles – os grandes gremios do Rio e S. Paulo – que já eram mais fortes financeiramente, mesmo na cisão do esporte brasileiro, tornaram-se mais pujantes ainda depois da pacificação, quando as rendas atingiram cifras nunca registradas antes<sup>710</sup>.

Um dos principais movimentos de trânsito de jogadores percebido em Minas Gerais residia na seguinte situação: os grandes clubes da capital buscavam os jogadores varzeanos da cidade; enquanto os craques que se destacavam nesses mesmos grandes clubes iam para Rio de Janeiro ou São Paulo. Às vezes, jogadores paulistas e cariocas também chegavam à Minas, mas, em sua maioria, eram aqueles que já não tinham muito “cartaz” nas duas cidades. Esta situação criava incômodos crescentes, manifestados inúmeras vezes nas páginas dos impressos.

Algumas reportagens até revelavam certo orgulho pelo fato de os jogadores mineiros serem preferidos pelos clubes das duas cidades supracitadas, como se essa eleição fosse um atestado da qualidade do futebol em Minas Gerais: “Evidentemente, o futebol mineiro caminha a passos largos para sua equiparação ao dos paulistas e cariocas. [...] O velho futebol que cada vez progride mais no Brasil e especialmente em Minas, verdadeiro celeiro de craques”<sup>711</sup>. Em outra reportagem, lia-se: “E o futebol profissional ostenta um cartaz invejável, que se traduz principalmente em dois fatores: no êxito de uma temporada interestadual memorável (Vasco, Corinthians, América do Rio e Botafogo) e na atenção dos clubes de fora para os nossos elementos”<sup>712</sup>.

Rio de Janeiro e São Paulo sempre se constituíram em referências para Belo Horizonte, desde a sua fundação em 1897. Não é algo difícil de se compreender, pois quando a capital mineira foi criada, estas duas cidades já eram consideradas os principais polos econômicos, políticos e culturais do país. Os parâmetros de referência se refletiam nas mais variadas situações, desde a estrutura física da cidade aos costumes de seus moradores. Desejava-se, explicitamente, que Belo Horizonte se acercasse da “modernidade” vislumbrada naquelas localidades e em outros países, e a tentativa de formação de uma “cidade esportiva”, como demonstrou o capítulo 1, fez parte desta aspiração.

---

<sup>710</sup> O SCRATCH dos cracks mineiros que atuam no Rio e em São Paulo. *Diário Esportivo*. 13 de set. 1945, n.8, p.10.

<sup>711</sup> DEFEITOS e atrações de nossos cracks. *Diário Esportivo*. 23 de mai.1946, n.39, p.4

<sup>712</sup> DUAS palavras. *Diário Esportivo*, 09 de agost. 1945, n.3, p.2.

Entretanto, a admiração dos progressos futebolísticos de Rio de Janeiro e São Paulo e o orgulho por Minas se constituir em um importante centro de formação de craques começava a formar atritos. Nesse caso, o intento de se alcançar o desenvolvimento das duas capitais não se expressava tanto mais no orgulho de exportação de jogadores, mas na capacidade de retê-los em Minas Gerais, para que o estado pudesse ter seus próprios craques.

A reportagem intitulada “Quando alcançaremos Rio e S. Paulo”<sup>713</sup>? é bastante representativa para ilustrar esta situação. O texto se impunha de forma categórica: “precisamos reter os nossos craques”. Criticava-se a falta de condições do estado mineiro em manter seus jogadores, devido aos altos custos do profissionalismo.

Nosso grande drama, entretanto, tem sido a exportação dos craques que aqui forjamos. Não devemos e nem podemos indefinidamente bancarmos o celeiro que Rio e São Paulo tanto utilizam. Mas não poderemos também reter os craques prejudicando-os financeiramente. O que precisamos é oferecer tanto ou mais que Rio e S. Paulo oferecem. Então sim, sem constrangimento, os nossos craques preferirão as nossas camisas<sup>714</sup>.

Um dos maiores fatores mencionados era a pouca arrecadação dos jogos, e isto se devia, dentre outras circunstâncias, à falta de amplos estádios onde pudessem concorrer grandes públicos. O texto sinalizava que a maior renda até então obtida em Belo Horizonte (tendo como base o ano de 1945) havia sido de 91 mil cruzeiros, em um jogo entre Botafogo e Cruzeiro na inauguração do Estádio Juscelino Kubitschek. O recorde estadual seria do Uberlândia: “A grande cidade do Triângulo já arrecadou 145 mil pacotes. É colossal, sem dúvida alguma”. Mencionava-se, ainda, o caso da cidade de Belém do Pará: “[...] no extremo norte do Brasil, consegue nos seus jogos principais rendas de 150 mil cruzeiros. E Minas, essa força magnífica do futebol nacional, exulta de satisfação quando consegue numa partida especialíssima 91 mil cruzeiros”<sup>715</sup>.

A criação de um estádio municipal ou estadual era compreendida como a maior solução para se resolver os problemas: “Sim! Não há a menor dúvida! Minas Gerais precisa de um Estádio. Se tivermos Estádio teremos renda e com rendas estarão remediadas todas as nossas dores de cabeça!”<sup>716</sup>. Os três principais clubes de Belo Horizonte possuíam seus próprios estádios, mas estes não eram considerados suficientes para abrigar grandes públicos e proporcionar vantajosas rendas até meados da década de 1940.

<sup>713</sup> QUANDO alcançaremos Rio e S. Paulo? Diário Esportivo. 11 de out.1945, n.12, p.4.

<sup>714</sup> *Idem*.

<sup>715</sup> *Ibidem*.

<sup>716</sup> *Ibidem*.

Passou a época dos sonhos e das promessas vãs. Precisamos ver é realizações e fatos! Nós sabemos que com nossos recursos nada poderemos fazer. É-nos impossível repetir o exemplo do Vasco da Gama que, com seus próprios recursos, levantou esse monumento que é o colosso de S. Januário. Precisamos dos poderes públicos! Precisamos dos terrenos da Prefeitura, precisamos das obras do Estado! Quando isso se der alcançaremos Rio e S. Paulo. A nossa inferioridade é apenas financeira. O Estadio trar-nos-a o dinheiro com que nos igualaremos. Temos publico e temos futebol! Veremos então Minas ombreando-se com Rio e São Paulo e ocupando o lugar na vanguarda que por reais merecimentos deve pertencer-lhe<sup>717</sup>.

Nos anos de 1948 e 1949, dois estádios foram reformulados em Belo Horizonte: o do América (Estádio Otacílio Negrão de Lima) e o do Cruzeiro (Estádio Juscelino Kubitschek), respectivamente. Ambos possuíam uma capacidade aproximada para quinze a vinte mil torcedores e foram noticiados à época como grandes empreendimentos em favor do progresso do futebol mineiro. No torneio inaugural<sup>718</sup> do estádio do América, em 1948, foi anunciado um recorde de arrecadação em Minas Gerais: CR\$ 304.265,00<sup>719</sup>.

Após a construção desses estádios, erigiu-se o Estádio Independência no ano de 1950, de propriedade do clube Sete de Setembro. O estádio foi uma das sedes da Copa do Mundo de Futebol do mesmo ano, com capacidade de público prevista para vinte e cinco mil pessoas. No entanto, não se sabe ao certo qual foi a capacidade exata do empreendimento em seus momentos iniciais. A construção de um estádio público só se efetivaria em 1965, com a conclusão das obras do Mineirão (Estádio Governador Magalhães Pinto), na região da Pampulha. Erguido com verba estadual, o conhecido “gigante da Pampulha” foi, de fato, o primeiro empreendimento capaz de abrigar grandes multidões. A previsão inicial era de cem mil espectadores.

Outras reportagens também sinalizavam os ordenados pagos em Belo Horizonte, em geral baixos se comparados a outros centros esportivos, como uma real dificuldade para reter os jogadores na cidade, haja vista que outras localidades poderiam oferecer melhores condições:

Nossas despesas com jogadores não têm sido grandes. Os ordenados em Minas ficam, geralmente os melhores na casa dos 600 cruzeiros. Poucos são os craques que recebem 800 mil reis ou um pacote por mês. As luvas têm sido pequenas. Pagamos pouco e a prestação. Quando um craque recebe 15 mil cruzeiros por 2 anos de contrato, nós pensamos que estamos pagando muito bem!<sup>720</sup>

<sup>717</sup> QUANDO alcançaremos Rio e S. Paulo? Diário Esportivo. 11 de out.1945, n.12, p.4

<sup>718</sup> O Torneio Quadrangular foi disputado por América, Atlético, Vasco e São Paulo.

<sup>719</sup> AMÉRICA E Atlético, os vencedores. América. Jun.1948, n.2, p.18.

<sup>720</sup> QUANDO alcançaremos Rio e S. Paulo? Diário Esportivo. 11 de out.1945, n.12, p.4.

Dois craques mineiros que partiram para o Rio de Janeiro foram citados como exemplo. O primeiro foi Gerson, “cedido ao Botafogo porque o Cruzeiro precisava de dinheiro para terminar o Estádio”, em 1945. O texto destacava que “75 mil cruzeiros foram obtidos na cessão do grande zagueiro”; entretanto, lamentava: “Ganhamos um estádio e perdemos o nosso melhor beque”. O segundo jogador foi Bigode, vendido ao Fluminense por “motivos estranhos”: “Fizera-se uma subscrição para cobrir a oferta do tricolor carioca. Dizem que fundos foram conseguidos, mas o médio esquerdo foi-se para a Guanabara [...]”<sup>721</sup>.

Outro artigo abordava o mesmo tema, afirmando que “através dos tempos, Minas tem sido o grande celeiro do futebol nacional”, seja com “material exportado diretamente daqui”, seja “com os cracks que do interior tem ido para Rio e São Paulo”. E assim, “vamos ficando com as ‘sobras’, com os ‘cracks’ que, por algum motivo ou por outro, ficaram conosco”<sup>722</sup>.

Por fim, vale mencionar um texto que buscou evidenciar, com mais detalhes, a partida de jogadores mineiros para outros centros do futebol nacional. Com o subtítulo, “Minas perdeu ‘cracks’ excepcionais”<sup>723</sup>, a reportagem elencava os seguintes jogadores: Zezé Procópio (do Villa Nova para o Botafogo); Alfredo (do Atlético para o Vasco); e Perácio (do Villa para o Botafogo). O êxodo crescente de “cracks” foi descrito como alarmante, “provocando mesmo desanimo em nossos círculos futebolísticos”. O abalo afetaria clubes, diretorias, corpo social e torcedores, que viam ruir “[...] os esforços de longos meses e os sacrifícios feitos para conseguir a formação de uma boa equipe [...]. É que os clubes do Rio e S. Paulo chegavam com propostas tentadoras, elevadas, irresistíveis”<sup>724</sup>.

Diante do fato que se avolumava, o *Diário Esportivo* citava a criação de um artifício “salvacionista”, em 1945, por Atlético, América e Cruzeiro:

Á vista da alarmante evasão de jogadores de primeira grandeza, os nossos grandes clubes [...] adotaram a chamada ‘política de retenção’ que consiste em resistir às propostas dos gremios cariocas ou pedir cifras astronomicas por seus plaiers. Foi o que fez o America com o Fluminense, pedindo cem contos por Garbadinho; o Atlético pediu outro tanto ao Corinthians por Cafunga e 150 contos ao Flamengo por Murilo. Recentemente, o cruzeiro recusou-se a negociar passes dos seus magníficos plaiers Juvenal, Ismael e, quanto a Braguinha, só por permuta por Gerson<sup>725</sup>.

<sup>721</sup> *Idem*.

<sup>722</sup> CARNEIRO, Januário. Estrelas no futebol. *Diário Esportivo*. 11 de out. 1945, n.12, p.5.

<sup>723</sup> O SCRATCH dos cracks mineiros que atuam no Rio e em São Paulo. *Diário Esportivo*. 13 de set. 1945, n.8, p.10.

<sup>724</sup> *Idem*.

<sup>725</sup> *Ibidem*.

Entretanto, ao que indicam as reportagens dos anos posteriores, a política não foi suficiente ou não perdurou por muito tempo, pois os atletas mineiros continuaram seus caminhos de êxodo para outras localidades. Em um texto publicado pela revista *Vida Esportiva*, no final de 1949, o problema se manifestava novamente. Minas Gerais foi citada como a “eterna vítima das negociatas escabrosas”<sup>726</sup>. A “fuga intermitente de valores de alta expressão” era compreendida como agravante do quadro de problemas enfrentados pelos clubes do estado (baixo nível técnico dos conjuntos, rendas fracas e insuficientes e alto padrão de luvas).

Com o advento do profissionalismo, quando mais profundamente se fez sentir o valor pessoal do atleta, continuou o nosso Estado a ser o mesmo ‘torrão’ inegociável de craques, sofrendo continuamente a ação direta dos maiores centros, desejosos de selecionar, pelo dinheiro e outras vantagens materiais, o plantel de valores que lhes possibilitassem a hegemonia do futebol pátrio [...]. Nem mesmo a implantação em seu meio do regime do profissionalismo, conseguiu impedir a fuga dos principais atletas, interessados nas melhores vantagens oferecidas pelos cariocas e paulistas<sup>727</sup>.

Na sequência, a reportagem mencionava a política de retenção de jogadores como um dos principais veículos para a solução “dos amargos problemas do nosso futebol profissional”. No entanto, lamentava o fato de que eram poucos os dirigentes que batalhavam por tal medida. O mesmo periódico possuía uma coluna publicada continuamente chamada “cracks que se foram”, dedicada a relatar os jogadores mineiros que haviam partido para outras cidades. Ao final do texto, a lamentação do periódico frente a tal situação se traduzia nas seguintes palavras: “Paupérrimo futebol mineiro! Triste e desamparado, vazio de atrativos e transbordante em problemas cruciantes e... insolúveis. Pobre e pacato futebol mineiro”<sup>728</sup>.

Pode-se presumir que Minas Gerais, sobretudo na figura dos principais clubes da capital, adotou o profissionalismo em 1933 sem ainda possuir condições para tal empreitada, o que refletiu nos problemas observados na década posterior. Para além do medo do êxodo dos jogadores, os dirigentes do estado, possivelmente, quiseram seguir os passos de Rio de Janeiro e São Paulo apostando na divulgação das vantagens financeiras do regime naquelas cidades. Por um momento, dirigentes e imprensa pareceram ter esquecido ou desconsiderado as próprias especificidades do estado e de sua capital, bastante diferentes dos centros que haviam adotado o profissionalismo, sobretudo, em relação a questões cruciais, como renda,

<sup>726</sup> RETENÇÃO de valores. *Vida Esportiva*, dez.1949, n.14, p.5.

<sup>727</sup> *Idem*.

<sup>728</sup> *Ibidem*.

público e estádios. Repentinamente, a crença na “fórmula mágica” do regime profissional permeou os noticiários e a sua adoção tornou-se motivo de orgulho para o povo mineiro. Porém, a realidade não seria tão promissora. O mesmo comentário utilizado por um colunista do jornal *A Tribuna*, quando discorreu sobre a decepção dos clubes amadores ao não conseguirem adentrar ao profissionalismo, pode ser utilizado para o caso do futebol mineiro em sua tentativa de se igualar à Rio de Janeiro e São Paulo: “Em festa de ‘jacu’, ‘nambu’ não pia”<sup>729</sup>.

Em síntese, as discussões empreendidas nesse capítulo demonstraram um contexto com variadas características, influências e significações. Centraram-se em algumas das transformações e das permanências que se processaram no futebol mineiro no período pós-implementação do profissionalismo. Dentre o rol de possibilidades que a pesquisa com as fontes apresentou, foram eleitos alguns pontos problematizadores, tais como: as estratégias de controle do público; o novo lugar ocupado pelo amadorismo no futebol da capital e as ressignificações de suas finalidades – ora também atribuídas aos jogadores profissionais com “alma de amadores”; as críticas às condutas de atletas que não condiziam com o regime profissional, traduzidas pela falta de amor à camisa (o que também remetia a uma das características do amadorismo) e pela procura exacerbada de vantagens financeiras; os problemas enfrentados por alguns jogadores diante da efemeridade da profissão; as racionalizações empregadas, pautadas pelos conhecimentos técnicos, científicos e pela compreensão dos jogadores como máquinas; e a continuidade do êxodo de jogadores mineiros para outras cidades, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo.

Estas situações formam um conjunto díspar de intentos normatizadores, organizadores e moralizadores do futebol na capital mineira, que comportou seus próprios conflitos, suas próprias acomodações e resistências. Não cabe avaliar o que de fato pode ser considerado como retrocesso ou avanço em relação às promessas de 1933. Em um campo esportivo ainda em consolidação, faltariam parâmetros e tal procedimento seria extremamente apressado, ou até mesmo incoerente. Há ainda que se considerar que cada lugar e cada tempo histórico comporta suas próprias possibilidades. No entanto, vale retomar outro questionamento feito por um dos colunistas do jornal *A Tribuna*<sup>730</sup>, ainda em 1933: “Onde está a melhoria do padrão, tão apregoado no nosso futebol? Em finais da década de 1940, tal indagação ainda poderia ser motivo de muitas discussões e de infinitos imbróglions.

<sup>729</sup> EM poucas linhas. Inatividade. *A Tribuna*. 03 de set. 1933, n.122, p.5.

<sup>730</sup> EM POUCAS linhas. *A Tribuna*. 22 de agost. 1933, n.111, p.5.

## 4 O AMÉRICA FUTEBOL CLUBE E O PROFISSIONALISMO: RESISTÊNCIA VERMELHA?

O América Futebol Clube possui uma história peculiar em parte de sua trajetória no futebol de Belo Horizonte. Meses após a adoção do profissionalismo, o clube resolveu alterar as cores de seu uniforme. O clube nasceu alviverde e em agosto de 1933 alterou suas cores para vermelho e branco, assim se mantendo por dez anos. No momento atual, as principais versões veiculadas acerca dessa mudança referem-se a um possível protesto do clube por ter sido “obrigado” a abandonar o amadorismo, regime que defendeu até o último momento. A narrativa deste fato guarda relações intrínsecas com as representações construídas no decorrer da história da referida agremiação, sobretudo no que tange às características de sua formação inicial, que se mesclam a aspectos políticos, econômicos e sociais da própria cidade. O desvelamento dessa trajetória contribui para pensar e repensar algumas das nuances do processo de adoção do profissionalismo no futebol belo-horizontino.

### 4.1 Do deca à decadência

O América Football Club foi fundado no ano de 1912, por iniciativa de um grupo de meninos que se entusiasmou com a prática crescente do futebol na cidade e resolveu criar sua própria agremiação. Naquele momento, outros clubes já existiam, como o Club Athletico Mineiro, fundado em 1908. Segundo consta em publicações oficiais do clube e em trabalhos acadêmicos, um dos motivos que incentivou os meninos a criarem outra agremiação residia no fato de serem eles ainda crianças e as outras entidades existentes serem compostas por jovens mais velhos (muitos deles, estudantes universitários). Os “atletas” do América, de acordo com Couto (2003), não passavam de 13 anos. Na revista *América – o Deca-campeão* (1972), a mesma informação é relatada<sup>731</sup>, assim como na revista *América*, publicada entre os anos de 1947 e 1950 (FIG.28).

Das mais simples e admiráveis é a história da fundação do América Futebol Clube. O grêmio que mais tarde veio a ser uma das expressões maiúsculas do esporte de Minas e do Brasil, foi fundado no dia 30 de abril de 1911 por um grupo de 17 meninos, residentes nas proximidades da praça da Liberdade. Reunidos os pequenos idealistas numa esquina qualquer, trataram de escolher o nome, tendo um deles,

<sup>731</sup> HISTÓRIA do América. *América – o Deca-campeão*, 1972, n.1, p.4.

Guilherme Helfeld, proposto a denominação de América Futebol Clube, sugestão que foi aceita unanimemente. O primeiro presidente foi logo depois escolhido, ficando com o posto Afonso Silviano Brandão, que tinha apenas 12 anos de idade. Veio uma lista para a compra da primeira bola e do primeiro jogo de camisas, construindo-se um pequeno campo no cruzamento das ruas Espírito Santo e Timbiras com av. Alvares Cabral<sup>732</sup>.

Figura 28: Primeira equipe do América Foot-Ball Club.



Fonte: site oficial do clube: <http://www.americamineiro.com.br/club/histories/>

A data de fundação mencionada no trecho supracitado e corroborada pela revista *América – o Deca Campeão* é explicada da seguinte forma pela revista em questão. Os meninos fundaram o clube em 1911, mas, em pouco tempo, tiveram que cessar as suas atividades devido aos estudos. Retomaram a equipe depois de um ano, em abril de 1912, quando realmente começaram a se integrar ao futebol da cidade. A data de fundação oficial do clube é, então, considerada 30 de abril de 1912.

A criação do América Futebol Clube guarda importantes relações com os ideais presentes na construção da cidade de Belo Horizonte, no final do século XIX; em um contexto em que se entremearam política, economia, vida acadêmica e futebol. Alguns dos fundadores do clube eram filhos de políticos importantes e de pessoas que detinham significativo poderio econômico, compondo o que os periódicos não se cansavam de mencionar como a “elite” da

<sup>732</sup> A HISTÓRIA de um grande grêmio. América, jun.1948, n.2, pp.9,10.

cidade de Belo Horizonte. Essa referência valorativa conferida ao América esteve presente em praticamente todos os impressos pesquisados, compondo um discurso comum e reiteradamente veiculado. O jornalista Plínio Barreto (1976, p.2) assim retratou o clube:

Não sabíamos exatamente, nos nossos doces e irreversíveis sete anos, o que significava o termo ‘elite’, mas por dedução definimos como ‘chic’. Era o América o clube de gente rica, da alta sociedade da então Belo-Horizonte de pouco mais de 100 mil habitantes.

A recém-criada capital do estado mineiro mantinha, naquele momento, fortes resquícios da rígida estrutura hierárquica do período imperial. A nascente república não havia modificado significativamente os sistemas de poder, que permaneciam concentrados em pequenos grupos. Diversos eram os poderes que conformavam acentuadas distinções: econômico, político, geográfico, acadêmico e cultural, por exemplo. O memorialista Pedro Nava oferece um exemplo das hierarquias presentes em Belo Horizonte na década de 1910, por meio da estrutura das casas. Estas eram classificadas em “A”, “B”, “C”, “D” e “E”: “[...] as castas da Cidade de Minas tinham sido demarcadas duramente pelo número de janelas das fachadas das casas [...]. Dos intocáveis dos pardieiros A, aos desembargadores dos palacetes F de inumeráveis janelas”. Dizia o autor: “Sem mistura, cada um no seu lugar, lé com lé e cré com cré. E tendo a cota de ar e sol que lhe cabia por uma janela, duas janelas, três, quatro, cinco janelas. Janelas, janelas, janelas...” (NAVA, 2012, p.152).

A formação das primeiras equipes de futebol de Belo Horizonte era parte indissolúvel deste contexto e, dentro dele, os clubes também se configuravam como forma de distinção. Era a época máxima do “amadorismo aristocrático”, da vivência esportiva como *status* e como forma de se preparar, física e moralmente, os filhos da alta sociedade, os futuros dirigentes da capital e do estado. O poderio formativo do futebol não foi consensual, mas se estabeleceu de forma suficientemente abrangente entre “as elites” de Belo Horizonte.

A fundação do Gymnasio Anglo-Mineiro é um exemplo fértil. Em suas memórias, Pedro Nava (2012, p.153) narra as expectativas das “figuras importantíssimas de Belo Horizonte” em dotar a cidade de “uma instituição moderna para nela matricularem seus meninos”. Uma das maiores propagandas da escola, como já abordado anteriormente, era a prática de esportes e, principalmente do futebol. A escola foi fundada e dirigida por ingleses<sup>733</sup> e sua estrutura curricular seguia o modelo daquele país.

---

<sup>733</sup> Professores de outras nacionalidades também compuseram o quadro docente. Pedro Nava menciona as nacionalidades francesa e alemã, além da brasileira.

A constituição do América se distingua por alguns caracteres específicos (que provavelmente lhe conferiram o título de equipe elitizada). Dois de seus fundadores, Affonso Silviano Brandão e Francisco Bueno Brandão Filho eram pertencentes a uma notável família de políticos mineiros. O primeiro era filho de Francisco Silviano Brandão, que havia sido presidente de Minas Gerais entre os anos de 1898 e 1902. Estadista que, segundo Carvalho (2005, p.63) “conseguiu implantar a hegemonia da nova política, usando como instrumento de ação o recém-criado Partido Republicano Mineiro”. Já o segundo, também parente de Silviano Brandão, era filho de Júlio Bueno Brandão, governador de Minas Gerais entre os anos de 1910 e 1914, momento que coincide com a criação do América. Ainda, vale ressaltar que entre 1909 e 1910 outro Brandão foi prefeito da cidade de Belo Horizonte. Filho de Francisco Silviano Brandão, Benjamin Franklin Brandão era também irmão de Affonso Silviano Brandão<sup>734</sup>.

É consenso nos trabalhos bibliográficos consultados essa característica “diferenciada” do clube. Souza Neto (2010, p.48) caracteriza o América como um “clube de garotos aristocráticos”. Couto (2003, p.98) ressalta que seus fundadores eram filhos da “mais distinta elite da cidade”: além de políticos, compunham o grupo, altos funcionários públicos, renomados profissionais liberais e comerciantes. Antes de possuírem campo próprio, era comum os garotos treinarem no campo do Atlético e em outros terrenos da cidade, afinal “quem iria barrar o filho do governador” (COUTO, 2003)? Abílio Barreto menciona a compra da primeira bola de couro com a ajuda do então presidente do Estado, Bueno Brandão<sup>735</sup>. Esta não era, no entanto, uma característica apenas do América. A revista *Vida Esportiva*, por exemplo, ao relembrar os “saudosos” anos iniciais do amadorismo ressaltava que a equipe do Atlético era um “prolongamento da faculdade”, sobretudo da de medicina: “[...] os nossos clubes eram quase todos formados pelo que havia de melhor em nossa sociedade. Os grêmios eram compostos quase totalmente de acadêmicos<sup>736</sup>.

Esta rede de relações também se estenderia a outros filhos da “nobreza” da rústica capital, como Otacílio Negrão de Lima. A ele é dedicada, na história oficial do América, a honraria de ter feito parte da constituição das primeiras equipes. Em um documento estatutário do clube, de 1937, consta a sua importância: “Por ser o sócio n.1 do AMERICA e em atenção

<sup>734</sup> Todos os fundadores do clube são mencionados nos Estatutos de 1937. São eles: Afonso Silviano Brandão, Alcides Meira, Aldemar de Meira, Alvaro Moreira da Cruz, Antonio Nunes, Augusto Pena, Aureliano Lopes de Magalhães, Cezar Gonçalves, Fioravante Labruna, Francisco Bueno Brandão, Gerson de Sales Coelho, Guilherme Halfeld, José Megale, Leonardo Guttierrez, Leon Roussoullières Filho, Lincoln Brandão, Oscar Gonçalves, Waldemar Jacob.

<sup>735</sup> BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, fev. 1946, n.70, pp.110, 111, 127.

<sup>736</sup> LINO, João. Recordar é viver. Vida Esportiva. Jul. 1946, n.1, p.3.

aos serviços excepcionais prestados ao mesmo, é conferido ao Dr. Octacílio Negrão de Lima o título de patrono”<sup>737</sup>. Pedro Nava (2012) menciona a família Negrão de Lima como uma das mais ricas da cidade na década de 1910. Otacílio seria, posteriormente, prefeito de Belo Horizonte por dois mandatos (de 1935 a 1938 e de 1947 a 1951). O político também foi um dos idealizadores do Minas Tênis Clube e do Estádio Independência, construído no ano de 1950. Especialmente em seu segundo período de governo, o prefeito forneceria relevantes auxílios ao América, contribuindo com a reformulação de seu antigo estádio, que passou a ter o seu nome, o que evidencia, ainda mais, as estreitas relações entre o político e o clube.

No vídeo que registrou a reinauguração do estádio em 1948 tem-se a imagem do político americano no centro do campo, participando da cerimônia<sup>738</sup>. No segundo número da revista *América*, Otacílio Negrão de Lima estampa a capa com a imagem do estádio (FIG.29). No corpo dessa edição, há o destaque para a sua presença no momento de sua inauguração (FIG.30).

Figura 29: Otacílio Negrão de Lima na capa do segundo número da revista *América*.



Fonte: Revista América, jun.1948, n.2.

<sup>737</sup> Estatutos do América Futebol Clube, 1937, p. 35. Acervo pessoal Mário Monteiro.

<sup>738</sup> Vídeo da reinauguração oficial do Estádio Otacilio Negrão de Lima, 1948. Acervo Pessoal A.R.

Figura 30: Otacílio Negrão de Lima na cerimônia de reinauguração do estádio da Alameda, ao centro.



Fonte: Revista América, set./out.1948, n.4, p.6.

Em 1921, o América propõe a construção do seu primeiro estádio no campo anteriormente cedido pelo clube Minas Geraes<sup>739</sup>, noticiado com entusiasmo pelo jornal *A Capital*, que enalteceu as características “elegantes” do clube:

o glorioso America F.B.C., que pela quarta vez, conquista o honroso titulo de campeão mineiro, no correr deste anno, vae construir as suas archibancadas á avenida Paraopeba. O elegante pavilhão americano [...] vae ocupar todo o lado esquerdo do quarteirão da avenida e será dotado de todas as acomodações, de modo a tornar o “sport” mais procurado pelas commodidades que os jogadores e “afficionados” possam encontrar. Não seria lícito negar-se que o “foot-ball” já se arraigou entre nós. [...] Si assim é, o America merece aplausos por querer dotar a Capital de um confortavel “stadium” e ao disciplinado campeão não negaremos o nosso apoio, assim como aos demais clubs, que honram os “sports” entre nós<sup>740</sup>.

Para Souza Neto (2010), destacava-se a ordenação espacial do projeto arquitetônico, que contava, por exemplo, com salão nobre para reuniões da diretoria, salão para ginástica e bares. Outra pista oferecida pelo referido autor (2010, p.75) sobre a

<sup>739</sup> No ano de 1913, o América se funde com o clube Minas Geraes, que seria extinto. O acordo estabelecia o ingresso dos jogadores deste clube ao alviverde com a condição de que lhes cedessem seu campo e materiais de jogo.

<sup>740</sup> O ESTADIUM do América F.B.C. A Capital. 18 de fev., 1921, p.2.

composição diferenciada do clube é a constatação de que o América foi o primeiro time da cidade “a estabelecer o seu próprio policiamento, uma espécie de segurança privada formada pelos próprios sócios do clube e que, juntamente com a força policial pública e oficial, garantiria a boa ordem em seu estádio” (*idem*).

Outro dado referente à formação da equipe encontra-se no jornal *Folha Esportiva*: “[...] o America é uma sociedade modelar, que faz o esport pelo esport. Composto de amadores e possuindo em seu quadro social o que a cidade tem de mais selecto [...]”<sup>741</sup>. Em outra publicação, dessa vez do *Diário Esportivo*, a torcida americana foi descrita como possuidora de “lenço de linho puro”<sup>742</sup>.

A recorrente menção à composição do time como pertencente à elite da cidade requer uma contextualização, a partir de elementos fornecidos pelos próprios autores e pelos jornais, que também utilizavam esse termo. O clube se destacava pela forte inserção no meio político e pela condição econômica de seus componentes. Pertencer à elite representava àquele momento e naquela circunstância específica, fazer parte de um pequeno grupo que detinha um poderio representativo na gestão, na ocupação e na vivência da cidade. Nesse caso, é importante que a menção à elite tenha relação com um contexto histórico específico, pois cada período comporta características singulares e estabelece seus próprios critérios de pertencimento a lugares de distinção que não existem a priori; ao contrário, são construídos nas relações sociais concretas de um dado momento e coexistem num cenário conflituoso em que reivindicações de outros lugares e de outros grupos se fazem presentes. Dessa forma, elite não pode ser compreendida como categoria única e atemporal.

Um exemplo significativo sobre as várias conformações culturais e sociais que a “estaticidade” das palavras pode limitar em consensos pré-aceitos encontra-se no próprio América. No clube considerado o “mais elitizado da cidade”, formado por filhos de políticos renomados e por cidadãos da “fina sociedade”, havia a presença de um negro, logo no primeiro quadro do clube, em 1911. Geraldino de Carvalho<sup>743</sup> se encontra na foto (FIG.28) como último integrante sentado à direita. É corrente se falar de uma elite branca como partícipe das primeiras experiências culturais da cidade, sobretudo em princípios do século, momento muito próximo à abolição da escravidão no país. Por um algum modo, por alguma via, por alguma

<sup>741</sup> SALVE AMÉRICA! *Folha Esportiva*. 28 de abr. 1930, p.3.

<sup>742</sup> FALE o leitor. *Diário Esportivo*. 20 de dez. 1945, n.22, p.8.

<sup>743</sup> Durante a pesquisa não foram encontrados dados referentes à história de Geraldino e à sua inserção no clube. Seria muito relevante, para um próximo intento investigativo, uma busca centralizada na história deste jogador para se compreender melhor as relações problematizadas.

razão que desestabiliza a rigidez das demarcações pré-concebidas, o negro Geraldino era membro da “elite americana”<sup>744</sup>.

Pedro Nava, vivente em Belo Horizonte no começo da década de 1910 e partícipe do aumento da adesão ao futebol na cidade, menciona outro fato que também pode ser tomado como exemplo para se compreender as facetas e ambiguidades presentes nas delimitações de classes sociais. Segundo o autor, ele não pertencia à parcela social para qual o Gymnasio Anglo-Mineiro foi criado e relata que sua mãe (na intenção de lhe dar a melhor educação) o matriculou no colégio. Com muito custo, pagava as mensalidades e conseguia comprar os uniformes e materiais escolares para o filho (que se envergonhara várias vezes perante aos colegas pela simplicidade de sua indumentária). Nava, um menino que morava em uma casa de tipo “B” na hierarquia social de Belo Horizonte, frequentou o colégio feito para os ricos, fez amigos e participou de várias experiências, mas não sem mencionar, várias vezes, qual era o seu “lugar” naquela instituição de *gentlemen*. Sobre esta denominação, Nava cita um caso curioso, também representativo da fragilidade das classificações. Ao narrar uma partida de futebol no colégio na qual o diretor participava, o inglês Sadler, o autor detalhou: “E quando o próprio Sadler, calçado por um aluno, aluiu também, quebrou o braço esquerdo – ocasião em que o *gentleman* desapareceu para dar lugar ao homem de Neandertal, apanhando duma pedra e acertando-a em cheio no responsável pelo seu tombo” (2012, p.176).

Narrativas de situações como estas ajudam a perceber as instabilidades das estruturações e nomeações da vida social e, sobretudo, de pessoas. A designação de classes certamente auxilia no entendimento de um espaço e de um tempo social, onde se manifestam hierarquias, privilégios e injustiças; visibilidades e invisibilidades; oportunidades de sucesso e de fracasso. Sem dúvida, a sua existência impera historicamente e afeta a ordem social: a política, a economia e o acesso aos bens culturais. Mas nenhuma classificação social pode ser estática, até mesmo porque as pessoas que as compõem não o são. Há instabilidades, mesclas, intercâmbios. Há polidez e rusticidade, há tiranias e resistências.

Neste contexto, a referência ao América como equipe da elite devia-se, sobremaneira, ao prestígio político e à situação econômica de seus sócios, aos empreendimentos que realizou (a construção de dois estádios e a reforma de um deles), às relações estabelecidas com governantes e à frequente presença da equipe e de seus integrantes na imprensa, mesmo nos momentos em que o América já não desfrutava de tanto prestígio dentro dos gramados. Durante a maior parte da existência do clube, esta foi uma classificação

---

<sup>744</sup> Certamente isso não equivale a dizer que apenas pelo fato de ter sido membro do clube da “elite”, Geraldino não tenha sofrido preconceitos na sociedade belo-horizontina e no próprio campo esportivo.

muito mais simbólica do que, de fato, representativa da conformação da agremiação, que se alterou, sobremaneira, durante sua trajetória.

Depois de sua fundação em 1912, o América experimentaria seus maiores (e mais memoráveis) feitos de sucesso entre os anos de 1916 a 1925, quando se consagrou deca campeão mineiro, vencendo todos os títulos estaduais de maneira consecutiva. Por esta razão, o clube era constantemente mencionado nos periódicos mineiros e cariocas como o “Deca”. Entretanto, esse período de sucesso não perduraria. O clube só viria a conquistar novamente o título mineiro no ano de 1948. Nesse interstício, significativas mudanças na estrutura do futebol nacional e mineiro aconteceram e, no plano interno do clube, muitos imbróglios se sucederam e reverberaram com frequência nas páginas dos jornais e das revistas. Dentre inúmeras crises anunciadas, envolvendo cisões entre os clubes mineiros motivadas por conflitos de interesses, e problemas no próprio sistema organizacional do América, o anúncio do profissionalismo foi um dos fatores mais impactantes.

Como abordado no capítulo 2, o América, inicialmente, não concordou com a adoção do regime profissional em Minas Gerais após a sua implantação nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, no ano de 1933. Vários foram os argumentos utilizados por dirigentes do clube, como demonstrou o jornal *Estado de Minas*. A resistência americana persistiu até o último momento, quando definitivamente se anunciou o profissionalismo mineiro, em maio de 1933. Após o fato, a equipe enfrentou graves problemas internos, como uma nova destituição de parte de sua diretoria meses depois da implantação do regime<sup>745</sup>.

O jornal *A Tribuna* publicou em uma reportagem de agosto de 1933, a transcrição da carta de renúncia de parte do corpo diretivo do América, em que se explicitava os motivos de decisão:

[...] O regime, há pouco instaurado do profissionalismo no futebol sempre encontrou, da parte dos signatários, a maior oposição provinda da suposição de que esse regime era improprio ao nosso meio e que sua implantação seria a queda do futebol [...]. [...] os abaixo asignados, [...] sem forças para levar o club ao lugar destacado que merece, vêm, por meio deste, depor em vossas mãos os mandatos que de vós mesmo receberam há tempos. [...] Isso é devido tão somente a nova ordem de coisas, á qual não nos queremos antepor<sup>746</sup>.

O fato é que a equipe iniciava a década de 1930 com muitos problemas e poucas conquistas no cenário futebolístico, o que acirrava os ânimos de dirigentes e torcedores. O

<sup>745</sup> Vale recordar que dias após a implantação do profissionalismo em Minas Gerais, houve uma primeira renúncia da diretoria americana. Esta informação consta no capítulo 2.

<sup>746</sup> PARA não se antepor á nova ordem de cousas. *A Tribuna*. 31 de agost. 1933, n.118, p.5.

jornal *A Tribuna* publicou várias reportagens sobre a derrocada americana em 1933, atribuindo a culpa, sobretudo, às dificuldades de gestão encontradas no clube.

Em uma delas, descreveu uma suposta entrevista realizada com um torcedor americano no Bar do Ponto: “Dentro, as mesas cheias de bebedores de café e ao fundo, sentado numa mesinha, só, com o dedo enfiado no queixo, absorto, completamente vago, está nosso amigo”<sup>747</sup>. Diante da cena, o repórter o indagara: “Será possível que por causa de um clube de futebol fiques assim tão abatido e absorto?”. Em seguida, a resposta do torcedor:

É que não sabes o que é ser americano de coração. Elle faz parte da família dos da velha guarda e a dor que a gente sente quando está pressentindo que elle vai caminhando desabaladamente para o precipício, sente-se cá dentro, uma coisa que não se pôde explicar. Não ha mais gosto em se assistir a um jogo promovido pelo América, que, durante 10 annos ininterruptos, foi o orgulho dos mineiros, mas de um lustro a esta parte, só contrariedade traz aos seus admiradores e as sovadas são repetidas, havendo se invertido a classica pergunta do Prado Mineiro, do velho campo americano: ‘por quanto vamos bater hoje?’ Agora ouve-se por quantos pontos o America vai apanhar?<sup>748</sup>

O torcedor entrevistado relatava a má atuação da atual direção técnica que, em seus dizeres, estava desarravorando “o mastro na nave que custou muito sacrifício”: “[...] Isto meu caro, chama-se crime de lesa sociedade e não vejo remédio capaz de minorar o mal que assoberba o meu América”. O sacrifício a que o entrevistado se referia era a construção do “estádio majestoso e com todos os requisitos exigidos para a assistencia, para os jogadores, para os diversos ramos de athletismo [...]”<sup>749</sup>. A menção era ao estádio conhecido como “da avenida Araguaya” ou “da Alameda”, construído em 1928, denominado posteriormente como estádio “Otacílio Negrão de Lima”.

As últimas palavras do torcedor demonstravam sua opinião acerca das melhorias que julgava necessárias: “Nós temos bons jogadores, capazes de levantar novamente o clube, porém, sem um guia seguro e que entenda da materia, com proficiencia, o ‘onze’, por muito perfeito que seja, irá ficando viciado e descambará para a nullidade [...]”<sup>750</sup>.

Estas questões permeariam, com maior ou menor intensidade, toda a década de 1930 e a quase totalidade da década de 1940, refreando-se um pouco, com a conquista do título de mineiro de 1948. Ainda assim, publicações dos anos seguintes da revista *América*

<sup>747</sup> ACREDITEM ou não. *A Tribuna*. 29 de agost. 1933, n.117, p.5.

<sup>748</sup> *Idem*.

<sup>749</sup> *Ibidem*.

<sup>750</sup> ACREDITEM ou não. *A Tribuna*. 29 de agost. 1933, n.117, p.5.

questionariam a não manutenção do desempenho anterior. Após este título, o clube apenas voltaria a ser campeão em 1957.

Os principais motivos elencados durante este período para justificar o baixo rendimento do América estariam concentrados na atuação deficitária da diretoria, na influência perniciosa dos sócios do clube e, sobretudo, na displicência dos jogadores e na falta de “amor à camisa”. Uma exigência que, como abordado anteriormente, pautava-se ainda nos princípios do amadorismo. A cobrança de altos salários, a indisciplina e o descaso com o clube também seriam frequentemente citados, a exemplo de outra reportagem publicada pelo jornal *A Tribuna*: “[...] Os jogadores americanos não gostam de treinos. Nem o chopp atrae a turma alvi-verde e por isso os componentes do quadro do clube de Clovis Pinto só jogam nos primeiros 20 minutos da pugna”<sup>751</sup>.

Os jornais sugeriam que, enquanto o clube decaía, os jogadores continuavam a exigir mais benefícios: “tão logo ganham um pouco de cartaz, exigem luvas dobradas, maior ordenado, etc”<sup>752</sup>. E as dificuldades se tornavam maiores porque “em nosso meio”, o orçamento dos clubes profissionais, é, via de regra, deficitário”<sup>753</sup>. O jornal *Folha Esportiva* anunciaría, ainda, mais uma “demissão coletiva da diretoria americana, dessa vez, no ano de 1946”<sup>754</sup>.

O *Diário Esportivo* publicou uma reportagem relatando alguns acontecimentos do clube. O primeiro deles foi a conquista do Torneio Relâmpago em 1939, considerado um dos “grandes anos de esplendor”<sup>755</sup> do América. O Torneio foi mencionado como uma “interessante iniciativa dos nossos clubes naquele ano, antes do campeonato”. O clube também havia sido vice-campeão do campeonato oficial daquele ano. Estas conquistas se somaram ao campeonato de basquetebol, a “bonitos feitos no atletismo, voley, natação, etc.”: o clube foi chamado de “clube padrão de M. Gerais, pois a todos os esportes dispensava especial carinho”<sup>756</sup>.

Porém, o jornal relatou que nos anos seguintes – 1940, 1941 e 1942 – “o gremio da Alameda esteve apagado”<sup>757</sup>. Tamanha era o desespero que uma das reportagens da revista *América* chegou a atribuir o insucesso do clube à uma macumba. Este tema – o das “macumbas no futebol”- era frequente nos periódicos da época. “Trabalhos” eram realizados contra um ou

<sup>751</sup> CAMPEONATO de profissionaes. *A Tribuna*. 09 de agost. 1933, n.100, p.5.

<sup>752</sup> ADMINISTRAÇÃO, grave problema. *Diário Esportivo*. 16 de agost. 1945, n.4, p.4.

<sup>753</sup> *Idem*.

<sup>754</sup> MELANCÓLICA despedida. *Folha Esportiva*. 08 de out.1946, n.2, p.1.

<sup>755</sup> ADMINISTRAÇÃO, *Diário Esportivo*. 16 de agost. 1945, n.4, p.4.

<sup>756</sup> *Idem*.

<sup>757</sup> *Ibidem*.

outro jogador e, segundo algumas reportagens, eram decisivos na vitória ou derrota de alguns clubes.

No caso do América, o “feitiço” havia sido descoberto em 1940, no campo da Alameda: “O esquadrão alvi-verde estava em ponto de bala. Grandes jogadores, bem preparados, mas... na hora, frente ao Atlético, sofria derrotas incompreensíveis. Algo de anormal deveria haver: macumba, por exemplo”<sup>758</sup>.

Certo dia o tesoureiro Manoel Duarte falou ao saudoso presidente Gerson de Sales Coelho: ‘Gerson, isso aí tem dente de coelho’. Macacos me lambam, mas feitiço é feitiço e na minha terra já vi uma cobra virar urubu e, por falar em urubu, eu e o Manoel Neves vamos a uma ‘buena dicha’ saber por que os meninos não acertam e a razão dessa dor de cabeça que não me dá folga. Nas vizinhanças da capital estava acampada uma tribo de ciganos. Chegando ao acampamento dos nômades, o Duarte foi direto à tenda da cartomante. A ‘buena dicha’ pôz as cartas na mesa, concentrou-se e com o semblante carregado falou: ‘escucha niño, hai feitiço con usted. Nel campo de juego, hai cavera de burro e usted non alcancará nadie. Tá interrado com su amigo Neves. O Manuel Duarte ficou branco de cólera. Dirigiu-se ao estádio da Alameda, chamou o diretor de futebol Manoel Neves, representantes da imprensa e contratou uma turma de escavadores. Os operários puseram mãos à obra: removeram a cancha de fora a fora até que - Eureka! – foram encontrar uma caveira de burro e um frasquinho de vidro, cheio de penas de galinha preta, pólvora, alho, pimenta, raminhos de alecrim e outros ingredientes próprios para malefícios. No rótulo do frasquinho lia-se: Manoel Duarte e Manoel Neves<sup>759</sup>.

Após a descoberta, “foi feita a exumação da macumba” e o resultado do jogo seguinte “comprovou” a sua eficácia. Era um “Atlético e América” e “o Deca venceu de 3 x 1”: “O Duarte delirou e no auge da alegria o dedicado diretor sacou do bolso um galho de arruda e com ele abanava para os adversários: ‘Passa de largo, macacada, o meu santo é forte’<sup>760</sup>.

A revista atestava que a versão era real e para comprovar publicou uma foto do momento em que se examinava o frasquinho e a caveira de burro enterrados no campo, tendo “ao lado o Cel. Manoel Neves, diretor do clube e os operários que trabalharam na escavação do terreno”<sup>761</sup> (FIG.31).

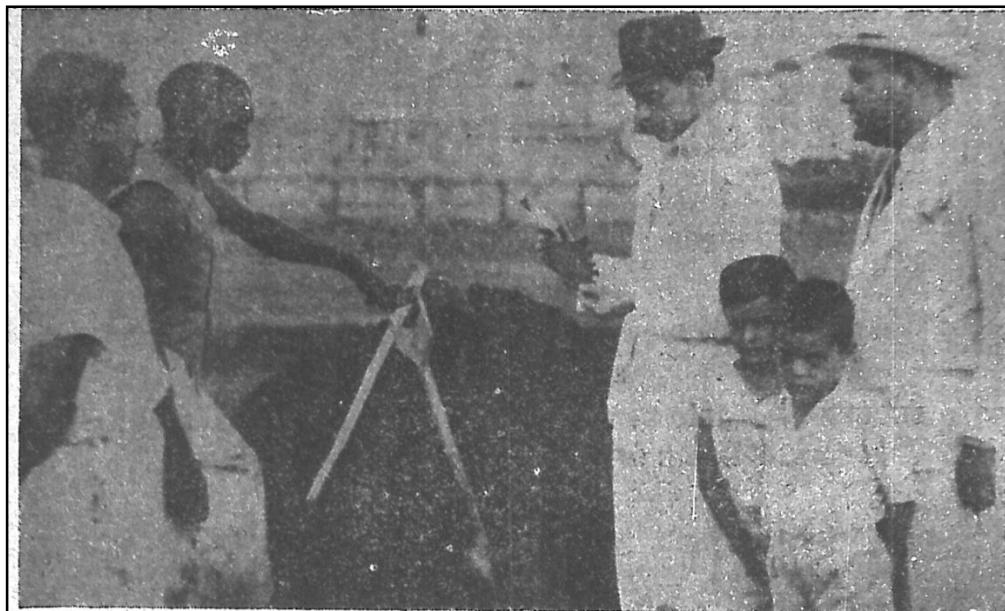
<sup>758</sup> MACUMBA no futebol. Revista América, jul/agost.1948, n.3, p.23.

<sup>759</sup> *Idem*.

<sup>760</sup> *Ibidem*.

<sup>761</sup> MACUMBA no futebol. América, jul/agost.1948, n.3, p.23.

Figura 31: A descoberta da “macumba”



Fonte: Revista América, jul/agost.1948, n.3, p.23.

Entretanto, novamente, os frutos da escavação não duraram como desejado e mediante vários problemas, no mesmo ano, chegou-se a noticiar que o América iria excluir o seu quadro de profissionais. O periódico carioca *Jornal dos Sports* estampou em uma de suas capas: “O América Mineiro extingue o quadro de profissionaes<sup>762</sup>!” (FIG.32). A reportagem mencionava os déficits do clube, resultantes da alta soma dispensada para contratação de jogadores e a insuficiente renda das partidas. O texto também indagava qual seria o destino dos jogadores do clube e em que momento o América, de fato, anunciaria oficialmente a sua decisão.

Figura 32: Notícia sobre a extinção do quadro de profissionais do América na primeira página do Jornal dos Sports.



Fonte: Jornal dos Sports. 25 de jun. 1940, n. 3334, p.1.

<sup>762</sup> O AMERICA Mineiro extingue o quadro de profissionaes. Jornal dos Sports, 25 de jun. 1940, n. 3334, p.1.

Poucos meses depois, o mesmo jornal anunciou a desistência do clube americano em abandonar o profissionalismo, em uma longa reportagem com esclarecimentos sobre o caso, noticiando um fato corrente na história do América, uma nova renúncia de sua atual diretoria:

[...] Causou surpresa e viva sensação a resolução do América em não abandonar mais o profissionalismo [...]. A junta governativa resolveu manter o football profissional, dentro do actual orçamento do clube; isto é, será criado um padrão de salários, declarando a junta que ella pretende restabelecer o América em sua verdadeira posição no ambiente sportivo nacional, honrando a confiança dos associados, do público e, sobretudo, fazendo jus ao inestimável auxílio que vem recebendo do governo do Estado<sup>763</sup>.

Anos mais tarde, o *Diário Esportivo*, relembrando o fato, descreveu-o como “uma resolução [...] isolada, tomada em desespero e mal conduzida”<sup>764</sup>.

Tanto assim que a onda no clube pró-amadorismo foi tal que acabou vencendo em 1940. Esfacelou-se o ‘team’, como se fizera na cisão de 36. E o resultado? Não foi nada animador. Improvisaram-se jogadores, adotou-se, depois, um ‘team’ barato, com elementos locais, porém, também sem maior êxito<sup>765</sup>.

Mesmo sem a conquista de nenhum campeonato de expressão, o impresso relatava que em 1943, 1944 e 1945 o clube começou a se restabelecer. Foi campeão do Torneio Início e chegou a ser líder invicto do campeonato mineiro. No entanto, esta situação, como demonstraram os jornais, não tardaria a se modificar.

Em meio ao campeonato de 1945, o *Diário Esportivo* indagava: “Estará perdido o campeonato para o América”<sup>766</sup>? A reportagem criticava o tratamento que os profissionais americanos recebiam pelo clube, situação bastante retratada no capítulo anterior: “luvas principescas que o nosso profissionalismo não comporta”. O ano parecia promissor, com a arregimentação de títulos “uns atrás dos outros, em todos os esportes”, o que sinalizava que time marcharia “numa atuação de superioridade como há muito não ocupava no cenário do desporto mineiro”<sup>767</sup>.

<sup>763</sup> RENUNCIOU a diretoria do America Mineiro. Jornal dos Sports. 03 de agost. 1940, n. 3368, p.1.

<sup>764</sup> O ABANDONO do profissionalismo pelo Atlético e pelo América. *Diário Esportivo*. 18 de out. 1945, n.13, p.4.

<sup>765</sup> *Idem*.

<sup>766</sup> ESTARÁ perdido o campeonato para o América? *Diário Esportivo*. 27 de set. 1945, n.10, p.2.

<sup>767</sup> *Idem*.

No basket, volley, natação, ciclismo, enfim, em quase todos os esportes amadoristas, o América surgia sempre em primeiro plano, aumentando o seu já enorme acervo de glórias. Nisto, porém, não havia surpresa, O ‘Deca’ sempre brilhou nos ‘especializados’, mercê do carinho que lhes dedicavam as administrações e do esforço desinteressado e nobre dos seus atletas. A admiração vinha da figura brilhante da equipe profissional, reorganizada e potencialmente dirigida, fazendo crer que, após tantos anos, faria erguer na Alameda o pavilhão da vitória, com a conquista do título de 1945. Tudo ia muito bem, até que...<sup>768</sup>

O “até que...” que o jornal mencionava se relacionava à “vida dos jogadores alvi-verdes”: “luvas elevadíssimas para as possibilidades do nosso ‘soccer’, ordenados régios e ‘bichos polpudos que lhes são ofertados, em ‘pendant’ com o ‘alisamento’ que recebem dos associados e ‘fans’”<sup>769</sup>. Além dos jogadores, a contratação do técnico uruguaiu Felix Magno também foi mencionada como um ônus que o futebol mineiro não poderia arcar sem que lhe causasse prejuízos futuros. Magno foi retratado como o “técnico mais caro de Minas”<sup>770</sup>.

Pouca gente sabe das condições em que Felix Magno veio para Belo Horizonte e para o América. O antigo treinador do Força e Luz de Porto Alegre recebeu nada menos de 15 mil cruzeiros de luvas e percebe o ordenado mensal de 1.500 cruzeiros. Além disso, como condição extra, reside, com sua família, no Grande Hotel, onde paga uma mensalidade de pai pra filho... Fora os ‘bichos’ polpudos que recebe a cada vitória, não só o regulamentar, mas ainda os extras, saídos dos bolsos de diretores e adeptos. Não vamos afirmar que Felix Magno não valha tal preço. Aliás o técnico uruguaiu deu força nova ao quadro alvi-verde, mas o fato é que o nosso profissionalismo não pode, absolutamente, comportar um ‘coach’ tão valioso, monetariamente falando<sup>771</sup>.

Entretanto, um dos pontos principais “de todas as ‘catástrofes’ que ocorriam na Alameda era “democracia” com que os jogadores profissionais eram tratados: “Há, talvez, excesso de boa vontade para com os jogadores, muito mimalho e pouco rigor. Tem-se a impressão de que o América é que é dos jogadores e não estes do América”<sup>772</sup>. Naquele ano de 1945 o time, que era líder invicto da tabela, perdeu três jogos consecutivos, distanciando-se demais das primeiras posições: “[...] hoje poucas são possibilidades de recuperar o espaço perdido”. À indisciplina dos jogadores e à sua má conduta profissional aliava-se, também, a atuação dos “cornetas”. Este grupo, bastante conhecido no futebol, era formado

<sup>768</sup> *Ibidem*.

<sup>769</sup> *Ibidem*.

<sup>770</sup> *Ibidem*.

<sup>771</sup> *Ibidem*.

<sup>772</sup> *Ibidem*.

por torcedores e sócios de uma agremiação que se prestavam, continuamente, a palpitar sobre as ações do clube.

O America, talvez, seja o clube que maior numero de ‘cornetas’ possui entre nós. E de ‘cornetas’ estridentes, desafinados e renitentes. Todos julgam-se entendidos e com direito a intrometer-se nas questões internas do grêmio. Quando se vêem repudiados em seus palpites pelos dirigentes, unem-se aos jogadores e, inconscientes do erro em que incidem, começam a envenenar o ambiente, atacando A e B, menosprezando o esforço comum e sacrificando o objetivo [...]<sup>773</sup>.

Em outra reportagem, destacava-se o desinteresse dos jogadores, aliado à “falta de fibra, sangue, entusiasmo e amor à camisa”. E propunha-se a realização de uma “limpeza” no clube, a retirada de jogadores displicentes e mascarados, sem “complacências, nem falsos sentimentalismos”<sup>774</sup>: “Há muita gente lá [...] que precisa ir para a rua. Não servem para o clube: mascarados, displicentes e sem noção de responsabilidade. A lista é grande e terá um duplo efeito benéfico para o América – eliminará os maus profissionais e diminuirá a folha de pagamento”<sup>775</sup>.

A equipe americana era considerada a mais cara da cidade. A intenção era alcançar novamente o título máximo, feito que já tardava vinte anos: “Dinheiro e esforços não foram poupadados. Jogadores de cartaz e contratos caros para levantar o campeonato”<sup>776</sup>. Mas o campeonato mineiro de 1945 já era dado como perdido, com o Cruzeiro sendo o maior candidato a alçar o tricampeonato.

[...] O América tinha Gabardinho e Alfredinho como profissionais e Valinho e Carlos Alberto como amadores, o ano passado. Promoveu Valinho a profissional, contratou Gabardo, Mauro e Norinha por um bom dinheiro ainda em 44. Para 1945 o clube da Alameda tirou Osvaldo da varzea e reformou, em condições elevadas, os contratos de Gabardinho, de Gabardo, de Noronha e de Mauro. Contratou ainda o famoso Baiano pelo bom dinheiro que ele vale. Trouxe do América, do Rio, o extrema direita Nelinho, e manteve nas suas fileiras Valinho e Alfredinho. Colocou todo esse material humano nas mãos de um preparador do quilate de Magno e aguardou confiante o certame. O ataque fracassou<sup>777</sup>.

Novamente, mencionava-se a desorganização profissional e um ambiente pouco propício ao sucesso da equipe: “intrigas entre jogadores e falsa compreensão dos deveres que

---

<sup>773</sup> *Ibidem*.

<sup>774</sup> CARTAS imagináveis. Diário Esportivo. 04 de out. 1945, n.11, p.2.

<sup>775</sup> *Idem*.

<sup>776</sup> QUAL o melhor ataque da cidade? Diário Esportivo. 04 de out. 1945, n.11, p.4.

<sup>777</sup> *Idem*.

cabem a cada ‘player’”<sup>778</sup>. As soluções para acabar com “o regime deficitário” que o time atravessa eram recorrentemente atreladas à dispensa de jogadores que não interessavam ao clube por “motivos técnicos e morais”. Além disso, era necessário diminuir a folha de pagamento: “[...] atualmente orçando em cerca de 15 mil cruzeiros, e com as rendas insignificantes produzidas pelos jogos de campeonato, torna-se óbvia a conveniência da medida [...]. Há jogadores contratados em excesso, jogadores caros e que não têm correspondido ao que dêles esperava a direção técnica”<sup>779</sup>.

Outra reportagem indicava que o América já havia gasto cerca de 200 mil cruzeiros com a sua equipe profissional, em 1945. Reiterava-se que a importância era estimada como “deveras elevada para o padrão do nosso profissionalismo, considerando-se, principalmente, que os grandes ‘clássicos’ citadinos raramente ultrapassam a casa dos 40 mil cruzeiros de renda e os demais jogos ficam sempre muito aquém dos 10 mil”<sup>780</sup>.

Como a arrecadação social dos nossos clubes é geralmente pequena, mormente na estação hibernal, quando as piscinas perdem muito da sua concorrência, deve-se depreender que a situação financeira dos grêmios locais tem que ressentir-se profundamente do desequilíbrio estabelecido pelas despesas com os quadros profissionais, daí advindo, forçosamente, um regime deficitário provocador de crises e problemas internos, os quais, de um modo geral, arrastam os clubes á bancarrota ou a situações melindrosíssimas. Por isso mesmo, os 200 mil cruzeiros gastos pelo América com a sua equipe profissional, muito mal correspondidos pela posição inferior que a mesma ostenta na tábua de colocações, demonstra o êrro da política de cifras, acarretando, por outro lado, a conveniência de adaptarmos o alcance do montante a ser despendido com os jogadores ao real padrão monetário do profissionalismo das montanhas<sup>781</sup>.

O texto sinalizava que a política efetuada pelo clube em 1946 seria outra, com a padronização da folha de pagamento e das ‘luvas’, “tudo seguindo um critério fixo e de acordo com as possibilidades financeiras do grêmio”<sup>782</sup>.

Os ‘medalhões’ mascarados e improdutivos serão afastados, dando lugar aos novos, ‘prata da casa’ e varzeanos viris e que gostem realmente do clube. Nada de ‘cartazes’ pomposos, de ‘cracks’ nominativos, de adjetivos insuperáveis... Jogadores modestos, porém eficientes e que ‘suem a camisa’ de verdade. [...] Com um time sem pretensões, a torcida não terá decepções e gostará de ver os 11 jogadores correndo atrás da bola, com sangue, entusiasmo, amor á camisa alvi-verde<sup>783</sup>!

<sup>778</sup> JOSÉ Vaz não tem plataforma. *Diário Esportivo*, 18 de out. 1945, n.13, p.9.

<sup>779</sup> *Idem*.

<sup>780</sup> SERÁ assim o América de 1946. *Diário Esportivo*, 25 de out. 1945, n.14, p.8.

<sup>781</sup> *Idem*.

<sup>782</sup> *Ibidem*.

<sup>783</sup> SERÁ assim o América de 1946. *Diário Esportivo*, 25 de out. 1945, n.14, p.8.

Almejava-se que, na próxima temporada, emergisse um “América radicalmente transformado”: “Uma equipe forte, coesa e integrada por elementos ainda sem o cartaz das ‘manchettes’, mas realmente dedicados ao clube. Nada de ‘cracks’ mascarados, com ‘meniscos’ e distensões musculares”<sup>784</sup>.

Em princípios de 1946, o jornal *Diário Esportivo* publicou uma reportagem intitulada: “História de um clube que não sabe vencer campeonatos”. Falava-se da formação de “correntes prejudiciais”<sup>785</sup> dentro da equipe americana, que influenciavam, sobremaneira, a derrocada do alviverde.

Não há dúvida. O América talvez ainda conserve a tradição do seu ponto de reunião o ‘Trianon’ – porque tem sido amparado regiamente pelos seus associados na maioria capitalistas. O ‘Trianon’ tornou-se o paraíso dos ‘palpiteiros’. As rodas do ‘Trianon’ querem dirigir o clube, querem escalar o ‘team’ [...]. Se o América triunfa, os foguetes espoucam noite adentro, os barris de chope se esvaziam, enquanto sorrateira ou abertamente, centenas de cruzeiros são passados para os bolsos dos ‘cracks’<sup>786</sup>.

Esta situação, somadas às mencionadas anteriormente, foram considerados os principais fatores que levaram o América ao “debacle de 45”. No entanto, o texto frisava que a culpa se originava no “passado remoto”. “Suas raízes” haviam se “aprofundado muito”<sup>787</sup>.

Por meio da leitura das reportagens, percebe-se que o ano de 1945, de fato, concentrou o maior número de reportagens sobre os problemas do América. A razão desse fato reside na formação de uma equipe muito cara para os padrões mineiros e na falta de um retorno esperado. Desde o último título mineiro conquistado pela equipe, em 1925, apenas títulos de pouca expressão foram alcançados, como o Torneio Relâmpago de 1939 e o Torneio Início de 1945. Nesse intervalo de tempo muitos foram os investimentos e muitas foram as decepções.

O *Diário Esportivo* chegou a mencionar que o clube poderia abandonar novamente o profissionalismo, mas dessa vez junto com o Atlético. Ambas as equipes estavam insatisfeitas com os “últimos acontecimentos nos gramados da cidade, com a larga crise de

---

<sup>784</sup> *Idem*.

<sup>785</sup> COTTA, José de Araújo. A história de um clube que não sabe vencer campeonatos. *Diário Esportivo*. 17 de jan. 1946, n.27, p.5.

<sup>786</sup> *Idem*.

<sup>787</sup> *Ibidem*.

indisciplina, pouco respeito e falta de amor ás cores dos clubes, displicênciа e outros males por parte dos nossos jogadores profissionais”<sup>788</sup>.

Foi amplamente divulgado, em fins da semana passada, que é pensamento da maioria dos membros do Conselho Deliberativo do Atlético levantar, na próxima reunião dêsse órgão, a questão da extinção do profissionalismo no alvi-negro. Segundo as mesmas notícias, estaria sendo articulado um movimento no sentido de obter a adesão do América a tal ideia. Assim, os dois poderosos clubes de Minas dariam um golpe de morte no regime que foi implantado em 33 entre nós<sup>789</sup>.

A ideia era a de que a extinção do regime não fosse definitiva, “mas sim por um período de 2 a 3 anos”. Os adeptos desse movimento acreditavam, segundo o periódico, que durante esses anos de amadorismo “os clubes poderiam remodelar e reajustar as suas equipes, substituindo os players mercenários pelos que jogam por amor á camisa”<sup>790</sup>. No entanto, o próprio jornal questionava: “Haveria um regime puro? [...] Está, portanto, lançada a ideia: conseguirão, porém, [...] vê-la vitoriosa? Duvidamos”<sup>791</sup>.

[...] mesmo desprezadas as suas inúmeras consequências imediatas, haveria a questão do leal cumprimento do regime amadorista. Os que hoje levantam a ideia o fazem com a melhor das intenções e almejam um regime puro. Entregue, porém, a execução da tarefa a futuras diretorias, guardarão esses dirigentes uma linha de conduta inatacável? Ou teremos o amadorismo marrom, o profissionalismo mascarado? Não faltariam os que, para conseguir bons ‘cracks’ – amadoristas – para as suas fileiras lhe oferecessem ordenados, prêmios, luvas, etc., sem deixar vestígios materiais dessa remuneração, tornando quase impossível a prova nesse sentido. Assim, como dissemos acima, mesmo desprezadas as suas diversas consequências, a medida padece dessa incerteza: seria honestamente observada? Também duvidamos<sup>792</sup>.

Outro ponto destacado como negativo era a impossibilidade de se formar grandes times. A adoção do amadorismo traria como efeito imediato a perda dos “nossos bons valores futebolísticos”: “seguiriam para outras plagas (os melhores para o Rio e São Paulo) ”. Assim, o jornal indicava que no regime amadorista seriam perdidos todos os jogadores de virtudes técnicas: “Sobre isto não pode pairar a menor dúvida, pois mesmo sob a prisão dos contratos atuais, com o regime profissionalista e tudo mais, assistimos ao exodo periódico dos grandes

<sup>788</sup> O ABANDONO do profissionalismo pelo Atlético e pelo América. *Diário Esportivo*. 18 de out. 1945, n.13, p.4.

<sup>789</sup> *Idem*.

<sup>790</sup> *Idem*.

<sup>791</sup> *Idem*.

<sup>792</sup> *Idem*.

‘cracks’ mineiros para os campos cariocas e paulistas”. E, nesse caso, outro fator grave seria a diminuição significativa das rendas dos jogos, “outra consequência grave e imediata”<sup>793</sup>.

Pelo que indicam as fontes consultadas posteriormente, esta ideia não passou do papel. Os clubes continuaram com seus quadros de profissionais e, mais do que isso, profundamente envolvidos com a lógica profissional. Um exemplo é a reportagem publicada na revista *América*, no ano de 1948, intitulada “Precisamos de um campeonato”<sup>794</sup>. O texto se baseava em uma entrevista com o técnico argentino Papetti, comandante da equipe naquele momento.

O técnico se dirigia aos americanos afirmando que o clube iria atrás de “jogadores já feitos, pois a necessidade de vencer um campeonato não nos permite pensar em valores novos que só daqui a três anos poderiam ser efetivamente uteis”. Ao mesmo tempo, frisava a continuação da formação de novos valores: “[...] Quer dizer, todos os reais valores continuarão e mais alguns bons plaiers serão vinculados ao clube. É preciso ganhar imediatamente um campeonato”<sup>795</sup>.

Outro artigo enfatizava, ainda, a situação vivenciada no ambiente esportivo do clube, criticando o estado “estacionário” dos americanos: “[...] que não é bem a terminal, mas que cheira bastante a estaca zero. A começo de fim. Isso porque a própria campanha do quadro americano, nesse último quarto de século, não tem favorecido a renovação das fileiras externas do clube”<sup>796</sup>.

A reportagem trazia um amplo retrospecto da história do clube, evidenciando o contraste entre passado e presente: “Quando se pergunta a um simpatizante do alvi-verde em que ano o seu time foi campeão, se presenciou tal façanha, ele se ruboriza [...]. Na realidade, ninguém gostará de ser considerado veterano da primeira Grande Guerra...”<sup>797</sup>. Em seguida, enaltecia-se o feito do deca campeonato, considerado “ponto máximo que um clube poderia almejar”, para depois criticar novamente o estado estacionário do time.

Depois de conseguir a façanha o clube se deitou sobre os louros. Engrandeceu-se bastante com o feito e nem se lembrou de que tinha um passado a zelar. De que, em nome mesmo desse título, precisaria trabalhar mais para o futuro. Ser mais positivo e consciente em seus planos. Ser mais forte e empreendedor em seus trabalhos. Tudo isso o América relegou a um plano secundário. Só enxergava aquele pedaço de tempo, em que dominara soberano e extraordinário, o futebol de Minas<sup>798</sup>.

<sup>793</sup> *Ibidem*.

<sup>794</sup> PRECISAMOS de um campeonato. *América*, nov. 1947, n.1, p.3.

<sup>795</sup> *Idem*.

<sup>796</sup> PEREIRA, Cipião Martins. Experiência revolucionária. *América*, nov. 1947, n.1, p.4,5.

<sup>797</sup> *Idem*.

<sup>798</sup> *Ibidem*.

Outro fator mencionado pela revista *América*, que impactou sobremaneira o clube, foi a “brusca passagem do simples amadorismo para o puro profissionalismo”; “um verdadeiro choque na vida de muitos clubes”<sup>799</sup>.

A passagem rápida, a mudança súbita de fórmulas e de normas de ação, a transformação radical nos processos e na existência mesma das organizações esportivas, causaram um colapso também ao América, que se acostumara a viver no ambiente saneado do esporte de ‘puro amor’. Habitado a viver e a triunfar com jovens sem pretensões futebolísticas, com estudantes que queriam apenas se divertir, jogando, o clube sentiu uma fase de transição dolorosa. Essa etapa está sendo vencida. Está terminando<sup>800</sup>.

Para a reportagem, da mesma forma que os jogadores haviam sofrido com a transformação do “esporte gratuito para o esporte profissão”, também a administração do clube enfrentou problemas. A sua formação foi descrita como “eminente amadorista” e “seus princípios, pela mesma forma”. Os planos de ação não seriam diferentes: “Desse modo, o clube, que teria de viver num sistema profissional nascente, passou a se orientar por uma fórmula apagada do amadorismo, que desaparecia. Por muitos anos, esse foi o grande mal da Alameda”. Esse problema seria o responsável pelas “porcentagens maiores da jornada negativa dos derradeiros tempos”<sup>801</sup>.

Aos velhos dirigentes foi atribuída a culpa pela “adaptação do profissionalismo infantil ao amadorismo caduco”. Tal intento foi mencionado como uma infeliz iniciativa, já que o amadorismo “já terminava o seu círculo de evolução e as próprias condições de vida relegavam o seu emprego”<sup>802</sup>.

O mesmo texto relatava que no ano de 1947 uma experiência diferente foi colocada em prática no América, com características de uma “revolução”. Contrataram-se bons jogadores no mercado carioca, superando os seus próprios recursos financeiros. O título do campeonato mineiro não foi alcançado, entretanto, ressaltou a reportagem que o que se havia feito naquele ano poderia ser visto como um “grande passo para inteira recuperação do América”.

Pois, em verdade, esse ato significa que os dirigentes americanos criaram nova mentalidade. Antes de procurar o amoldamento das condições de hoje à realidade de ontem, eles buscam encontrar a solução dos problemas do profissionalismo no próprio profissionalismo. Deixou de lado todos os velhos conceitos [...]. Dispostos

<sup>799</sup> PEREIRA, Cipião Martins. Experiência revolucionária. *América*, nov. 1947, n.1, p.4,5

<sup>800</sup> *Idem*.

<sup>801</sup> *Idem*.

<sup>802</sup> *Ibidem*.

como estão a fazer o verdadeiro profissionalismo, que não é apenas de corações grandes, mas também, e principalmente, de tesourarias cheias, os norteadores do ‘clube dos milionários’ voltarão a encontrar a senda da grandeza. Estão perfeitamente enquadrados nos moldes do futebol profissional. Estão com a mentalidade do esporte remunerado. Poderão fazer muito. Já sabem perfeitamente que o futebol atual é um jogo complexo. Só ganha muito quem muito dispende. Quem forma grandes quadros. Quem possui grandes jogadores [...]. Pensando dessa maneira, não nos assustará se o América levantar o título máximo de 48. [...] Os dirigentes perderam o medo de abrir a bolsa, certos que estão de que nesse entra-e-sai da ‘gaita’ é que se ganha título, é que se consegue campeonato<sup>803</sup>.

A reformulação do estádio Otacílio Negrão de Lima, no ano de 1948, pode ser considerado um marco para os americanos (FIG.33). Com a intenção de incrementar as ações do clube e de dotar a capital mineira de um estádio maior e mais moderno, a sua construção foi amplamente noticiada em diversos periódicos. Foi uma ideia aclamada pela imprensa e pelos círculos esportivos da cidade<sup>804</sup>. A revista *Belo Horizonte* descreveu o estádio como “novo e grande alento aos esportes belo-horizontinos”<sup>805</sup>, junto a outras medidas realizadas pelo então prefeito e patrono do clube, Otacílio Negrão de Lima. Na realidade, a construção ou reformulação de estádios era uma meta bastante perseguida pelos clubes de Belo Horizonte e foi amplamente discutida nos periódicos especializados nas décadas de 1930 e 1940. Com as novas exigências do profissionalismo, construir estádios cada vez maiores passou a ser uma necessidade.

[...] a idéia pegou em cheio. Ruíram as velhas gerais do estadio e em seu lugar estão surgindo outras. Fizeram-se mais três arquibancadas, para cadeiras de pista. Executou-se com exito o plano das ‘cadeiras cativas’. As obras prosseguem de maneira admirável, de modo a já não deixar duvidas quanto a sua integral execução. Em breve, teremos na Alameda o melhor e maior e melhor estádio de Minas, com capacidade para bem corresponder ao magnifico surto de progresso, que domina os esportes das montanhas<sup>806</sup>.

A reconstrução do estádio se justificava por meio de dois motivos que se relacionavam: o público e a renda. A reportagem, intitulada “Um estádio para o futebol mineiro” se dedicou a destrinchar esta questão, chamando-a de “ciclo vicioso”. Nesta perspectiva, o estádio seria um meio e não um fim: “Existem os que crêem que, sem grandes quadros, não pode haver grandes campos, porque não há grandes rendas. Há os que pensam que sem grandes estádios não há grandes quadros, porque não pode haver grandes rendas”.

<sup>803</sup> PEREIRA, Cipião Martins. Experiência revolucionária. América, nov. 1947, n.1, p.4,5.

<sup>804</sup> UM ESTADIO para o futebol mineiro. América, nov. 1947, n.1, p.7.

<sup>805</sup> NOVO e grande alento aos esportes belorizontinos. Belo Horizonte, jun.1948, n.189, pp.54-55.

<sup>806</sup> UM ESTADIO para o futebol mineiro. América, nov. 1947, n.1, p.7.

O que, todavia, entra com mais intensidade nesses dois raciocínios é a questão da renda. Ponto crucial na vida de todos os clubes. Como na vida de todos os indivíduos. Isso porque é verdade inconteste que o progresso econômico, do qual quase tudo decorre e em quase tudo tem origem, depende da estabilidade entre a receita e a despesa. A primária da primeira, sobre a ultima significa sempre evolução, melhora financeira, que é ponto nevrálgico na existência de todas as sociedades. Como as grandes arrecadações só se tornam possíveis com a existência de boas praças de esportes, estamos porque os clubes devam ter grandes estádios. O estádio, todavia, não é um fim. Deve ser um meio. Por ele, o clube melhorará as suas finanças, estabilizará a sua tesouraria e terá, em última análise, margem para se reformar, para se melhorar<sup>807</sup>.

Figura 33: A reestruturação do Estádio Otacílio Negrão de Lima



Fonte: Revista América, nov. 1947, n. 1, pp.8-9.

O novo Estádio Otacílio Negrão de Lima foi reinaugurado em 1948, com a realização de um Torneio Quadrangular entre as equipes do América, Atlético, Vasco e São Paulo. Os periódicos mencionaram o fato como uma grande festa de confraternização que arregimentou um grande público assistente. No vídeo que retrata o momento da reinauguração e trechos das partidas realizadas, é possível visualizar as arquibancadas lotadas<sup>808</sup>. Segundo a

<sup>807</sup> *Idem.*

<sup>808</sup> Vídeo sobre a reinauguração oficial do Estádio Otacílio Negrão de Lima, 1948. Acervo A.R.

revista *América*, “foram quebrados todos os recordes de renda no futebol de Minas. Pelas bilheterias passou a soma de CR\$ 304.265,00<sup>809</sup>” (FIG.34).

Figura 34: Inauguração do Estádio Otacílio Negrão de Lima, 1948.



Fonte: Revista América, jun.1948, n.2, p.16-17.

O América sagrou-se campeão do Torneio e também do campeonato mineiro daquele ano, depois de um jejum de vinte e três anos. O feito foi amplamente mencionado e comemorado como um novo tempo para a equipe. No entanto, a conquista padeceria da mesma efemeridade das outras. E os problemas continuariam a persistir. O clube só voltaria a vencer o torneio estadual no ano de 1957. Depois deste feito, os outros títulos mineiros também seriam poucos e espaçados (1970, 1993, 2001, 2016).

Contudo, mesmo com tantos reveses dentro de campo no período pesquisado, o América sempre foi considerado um grande clube, estampando frequentemente as páginas dos jornais e revistas de Belo Horizonte. As representações construídas sobre a agremiação – uma delas é a já citada designação de “time de elite” – e as relações construídas com a política e a

<sup>809</sup> AMÉRICA E Atletico, os vencedores. América. Jun.1948, n.2, p.18.

própria imprensa podem ser fatores de destaque. Mesmo nos momentos em que o clube passava por dificuldades e já não se mostrava tão competitivo nos gramados, recebia destaque midiático de variadas maneiras. Os vínculos que o clube estabeleceu e as relações que criou podem ser pensados como fatores que o fizeram permanecer no cenário futebolístico, mesmo com os problemas enfrentados. Alguns exemplos podem ser elencados.

Uma reportagem da *Revista Bello Horizonte*, publicada em 1937, noticiou a abertura do “Departamento Nautico” do América, “modernamente aparelhado”<sup>810</sup>. Na solenidade de inauguração estavam presentes diretores e associados, nadadoras do clube e a imprensa da capital, que também foi homenageada na ocasião. O momento festivo ocupou uma página inteira de fotos da revista. Em outro texto do mesmo veículo, publicado em razão do aniversário do clube, há a menção aos serviços prestados para “o desenvolvimento phisico da mocidade montanhesa”<sup>811</sup>. O América foi descrito como “uma das associações mais prestigiosas do paiz”. Nessa reportagem é possível perceber as vinculações políticas do clube, presentes desde o momento inicial de sua formação. No festejo comemorativo, foi inaugurado os retratos do presidente Vargas e do governador Benedito Valadares na sala da diretoria, “em reconhecimento pelo muito que esses estadistas têm feito em prol do esporte”<sup>812</sup>. O próprio governador e os secretários de estado compareceram à solenidade, assim como outras autoridades civis e militares. A reportagem se encerrava comunicando a visita de Valadares a todas as dependências do clube (FIG.35).

Em outra nota, vislumbrava-se novamente a ligação do clube americano com a política, por meio de outra homenagem festiva realizada pela equipe, dessa vez ao Sr. Mario Mattos, titular, à época, da pasta de Interior e Segurança de Minas Gerais. De acordo com o texto, a festa constituiu “acontecimento de grande expressão social e a ella compareceram as mais destacadas figuras do mundo administrativo e da sociedade”<sup>813</sup>.

<sup>810</sup> NA PISCINA do América. Bello Horizonte, jun.1937, n.82, p.68.

<sup>811</sup> O ANNIVERSÁRIO do América F.C. Bello Horizonte, abr. 1939, n.103, p.86.

<sup>812</sup> *Idem*.

<sup>813</sup> HOMENAGEM do América F.C ao Senhor Mario Mattos. Bello Horizonte, set. 1939, n.107, p.54.

Figura 35: Políticos presentes no festejo comemorativo do aniversário do América. Ao centro, de terno preto, está o governador Benedito Valadares.



Fonte: Revista Bello Horizonte, abr. 1939, n.103, p.86.

Ao final da década de 1940 ainda havia a manutenção de algumas dessas características, mesmo que elas estivessem presentes muito mais no imaginário das pessoas do que na realidade em si. No jornal *Folha de Minas Esportiva*, do ano de 1949, em uma reportagem que se dispôs a retratar as principais torcidas mineiras, lia-se a seguinte descrição sobre a torcida americana: “É o clube de mais sócios quites de Minas [...]. Em Belo Horizonte, com raras exceções que se notam no Estádio do América F.C, a alta sociedade não frequenta o futebol, sendo o esporte bretão do homem das ruas”<sup>814</sup>.

Outra situação que possivelmente contribuía para o entendimento que se tinha do clube era o fato de ele ter sido considerado o introdutor do tênis e do basquete em Belo Horizonte<sup>815</sup>, esportes que naquele momento possuíam características distintivas, sobretudo, em se tratando do primeiro. A criação da revista *América* também oferece mostras de sua força extracampo. Foram doze números publicados, com fotos e imagens coloridas. A reinauguração do estádio da Alameda (Otacílio Negrão de Lima), considerado à época o maior de Minas, é também um exemplo concreto da força do clube. Estas características, relacionadas à composição da direção e dos sócios do clube – mencionados constantemente

<sup>814</sup> TODOS torcem no futebol. *Folha de Minas Esportiva*. 19 de set. 1949, n.1, p.2.

<sup>815</sup> O TRANSCURSO do 22º anniversario do América. Estado de Minas. 29 de abril de 1934, p.10.

como pertencentes à alta sociedade belo-horizontina – possivelmente mantém relações intrínsecas com um dos acontecimentos considerados mais marcantes na história do América: a troca das cores de sua camisa pelo período de dez anos.

#### 4.2 A camisa vermelha

Como abordado na introdução desse capítulo, no ano de 1933, o América Futebol Clube modificou as cores de seu uniforme: de alviverde (identificação presente desde a fundação do clube em 1912) para vermelho. A drástica mudança de cores foi atribuída a uma possível resistência do clube americano à implantação do profissionalismo. Seria, de acordo com as versões difundidas na enciclopédia do clube e em seu *site* oficial (bem como, proferidas recorrentemente pelos torcedores e pela mídia atual) uma forma de protesto. As origens “elitistas” do clube e as tentativas operadas por seus dirigentes no intuito de se manter o regime amador no futebol mineiro seriam fortes indícios para explicar a mudança que se processou.

No *site* do América, a justificativa para a mudança das cores assim se manifesta: “Inconformado com a implantação do profissionalismo, pois os americanos acreditavam que o futebol, assim como os demais esportes, deveria ser amador, o Clube passou a disputar suas partidas com a camisa vermelha, em sinal de protesto”<sup>816</sup>. A menção a esta versão vem acompanhada de uma foto da equipe com o novo uniforme (FIG.36). Pelo fato de a foto ser em formato preto e branco, não é possível vislumbrar a coloração, mas pode-se perceber a mudança na conformação da roupa. Antes, o uniforme americano era branco, com apenas as golas e mangas verdes e com o escudo do lado esquerdo. Por meio da pesquisa nos diversos periódicos é possível verificar que a nova indumentária do clube assim se manteve por dez anos, de 1933 a 1943.

---

<sup>816</sup> Site oficial do América Futebol Clube. Disponível em: <http://www.americamineiro.com.br/club/histories/>. Acesso em: 18-04-2017.

Figura 36: Uniforme do América nos anos 1930: camisa vermelha e calção branco.



Fonte: Site oficial do América: <http://www.americamineiro.com.br/club/histories/>.

Na enciclopédia do América, também considerada um produto oficial do clube, a mesma versão se apresenta: “O América se recusou a adotar o profissionalismo [...] Como protesto o América mudou suas cores para vermelho e branco, e permaneceu assim de 1933 a 1942” (PAIVA, 2012). No entanto, nenhuma dessas versões cita as fontes de onde foram retiradas tais informações. Outro fato interessante é que a própria revista *América*, que iniciou sua publicação no final da década de 1940, também não menciona os motivos da troca de uniforme.

Nos estatutos do clube, datados de 1937, também é possível visualizar a presença do novo uniforme (FIGs.37, 38 e 39), com uma descrição detalhada de como deveria constituir a indumentária. Embora a troca de cores tenha se processado em 1933, não foi possível localizar Estatutos anteriores ou outros documentos oficiais predecessores. No documento de 1937, lê-se:

As cores oficiais do América serão: - VERMELHA E BRANCA e o seu distintivo idêntico ao que vai impresso na capa destes Estatutos. O Pavilhão do América será constituído por um retângulo vermelho com três faixas horizontais e três verticais brancas, sendo as do centro mais largas do que as laterais, e tendo ao centro dele o seu distintivo oficial [...]. O uniforme do América será para o tipo de esporte a que se destinar: camisa vermelha com três faixas brancas, envolvendo todo o corpo,

tendo ao centro do peito o seu distintivo oficial; calção branco e meias de gola vermelha e branca [...]<sup>817</sup>.

Figura 37: Capa dos Estatutos do América, do ano de 1937.



Fonte: Acervo pessoal Mário Monteiro

<sup>817</sup> Estatutos do América, 1937, p.4. Acervo pessoal Mário Monteiro.

Figura 38: descrição do pavilhão do América



Fonte: Acervo pessoal Mário Monteiro

Figura 39: descrição do uniforme do América



Fonte: Acervo pessoal Mário Monteiro

De fato, em um primeiro momento, o América se manifestou contrário ao profissionalismo, como demonstrado anteriormente. Entretanto, a adesão rápida do clube americano ao futebol profissional pode, efetivamente, ser comprovada em diversas reportagens publicadas em jornais e revistas das décadas de 1930 e 1940, incluindo a própria revista *América*. Mesmo que este periódico tenha publicado uma série de reportagens relacionando o insuficiente desempenho da equipe à má adaptação ao profissionalismo (já que a equipe era “amadorista por excelência”), demonstrou, em várias passagens, a adesão do clube ao regime profissional logo no início de sua implementação. Inclusive, a revista chegou a mencionar (por meio de uma afirmativa um tanto imprecisa) que o América foi o primeiro clube “a adotar no país o profissionalismo, quando formou um dos mais famosos quadros dos campos nacionais em 1924. Dentre os valores que prontificaram no ‘team’ figuravam Sangueira, Badú, Pequitote, Tango, Vila e outros”<sup>818</sup>. De modo semelhante, a revista *América* – o ‘Deca Campeão’ afirmou que o clube foi o “introdutor do profissionalismo marrom (pagamento do jogador às ocultas) ”<sup>819</sup>.

O crédito destas afirmativas requer, de fato, cuidados. Contudo, sua publicação ajuda a desconstruir o purismo amador atribuído ao clube da “elite” e a revelar outras facetas, como as que Lage (2013) sinalizou em sua dissertação. Para o autor, o América foi um dos partícipes do “amadorismo marrom” em Belo Horizonte, fato que pode ser inferido pelas transações de jogadores e pela oferta de benefícios propostas pelo clube em momento anterior ao profissionalismo, sobretudo a atletas do interior. Lage (2013) demonstra dados de jornais, relatos de memorialistas e de pessoas ligadas ao clube que atestavam a existência de um mercado de jogadores em Belo Horizonte desde meados da década de 1920, do qual o América era integrante.

Por meio das fontes consultadas pode-se inferir que o América participou do regime profissional logo no momento de sua implantação, apesar de ter oferecido resistências iniciais, por parte de sua diretoria, demonstrando uma reação diferente, por exemplo, do C.A Paulistano, de São Paulo, que abandonou seu departamento de futebol com a iminência do profissionalismo. Após os imbróglios, participou efetivamente do “jogo”, contratando jogadores caros, técnicos estrangeiros, reformando o estádio, dentre outras situações. A questão crucial demonstrada pelos periódicos é que a equipe parece não ter se adaptado às novas exigências e conformações do regime, o que resultou em problemas administrativos e relacionais, envolvendo jogadores e sócios do clube. Nesse caso, pode-se inferir que o

<sup>818</sup> O QUE nem todos sabem. *América*. Jul/agost.1948, n.3, p.8.

<sup>819</sup> A REAÇÃO contra o profissionalismo. *América* – o Deca-campeão, n.1, p.25.

América não decaiu porque recusou o profissionalismo; ao contrário, o vivenciou até o limite máximo, mais do que as condições estruturais do clube poderiam comportar. Outro fator de relevância é que o descenso do clube se inicia em momento anterior à implantação do profissionalismo. De 1926 a 1933 o América também não havia conquistado nenhum título.

Retomando uma das entrevistas concedidas ao *Estado de Minas* por um dos dirigentes do América, no ano de 1933, uma fala se destaca: “A mistura é que me enoja”<sup>820</sup>. O dirigente em questão não era a favor do profissionalismo. Em um primeiro momento pode-se interpretar que a referida mistura se relacionava à popularização do futebol e a abertura a pessoas de diferentes camadas sociais, já que o clube sempre foi considerado aristocrático. Mas a leitura mais detalhada da entrevista pode possibilitar a inserção dessa frase em outro contexto. O da mistura entre amadores e profissionais, em um mesmo regime, caso não houvesse uma separação rígida das categorias com a implantação do profissionalismo. Em uma de suas falas o seu incômodo se traduzia na possibilidade de “hombrear o amadorismo com o profissionalismo”<sup>821</sup>. A questão da mistura estava em voga naquele momento, quando se discutia veementemente a necessidade de se separar amadores de profissionais.

Se aceita a hipótese de que o América participava do amadorismo marrom, a recusa ao profissionalismo pode estar atrelada a finalidades muito diferentes das até então difundidas. Uma das possibilidades interpretativas pode ser ancorada em um receio do clube em perder seu poderio com a legalização do regime, já que ele poderia ser um grande beneficiário das negociatas às escuras. Como o clube era bem quisto socialmente na cidade e no estado, isso poderia ser um fator de grande influência para a vinda de jogadores de outros clubes e de outras localidades. Fator esse que pode, inclusive, ter sido relevantemente decisivo na conquista do deca campeonato. No entanto, por carecerem ainda de maiores investigações, tais assertivas se encontram momentaneamente no plano das inferências.

O que se pode destacar de mais concreto são os motivos que levaram o clube a trocar as cores de seu uniforme. Durante exaustivas investigações em reportagens do ano de 1933 (momento em que o câmbio se processa), inicialmente nenhuma menção aos motivos de tal ação foi encontrada. O jornal *Estado de Minas*, considerado o principal jornal em circulação no período, dedicou apenas uma pequena nota para noticiar a mudança das cores do uniforme americano, em agosto de 1933 (FIG.40)

---

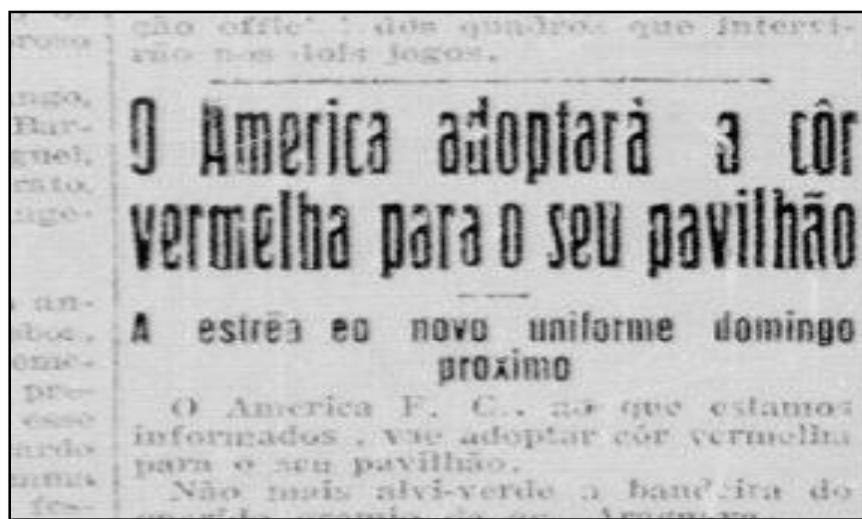
<sup>820</sup> UM NOVO América que surge dentro do América. *Estado de Minas*, 15 de jan.1933. p.8. Uma parte mais ampliada da entrevista se encontra no capítulo 2.

<sup>821</sup> *Idem*.

O América Futebol Clube, ao que estamos informados, vai adoptar a cor vermelha para o seu pavilhão. Não mais alvi-verde a bandeira do querido gremio da av. Araguaya. Assim é que domingo próximo, por occasião do jogo com o Palestra, os rapazes americanos se apresentarão de camisas rubras e calções brancos. A vista disso, os ‘muchachos’ do América passarão a chamar ‘rubros da avenida Araguaya<sup>822</sup>.

Depois desse anúncio, o clube simplesmente passou a ser mencionado como: o “rubro”, o “team da jaqueta vermelha”, dentre outras denominações que atestavam a mudança. Em outros periódicos, o mesmo aconteceria.

Figura 40: Pequena nota sobre a mudança do uniforme do América, 1933.



Fonte: Estado de Minas, 09 de agost. 1933, n. 1568, p.8.

Em apenas um dos veículos pesquisados, o jornal *A Tribuna*, foram encontradas explicações para troca. O anúncio e as elucidações foram localizados a partir do final de julho de 1933. Esse periódico trouxe uma versão completamente diferente das consideradas “oficiais”. Por meio de suas reportagens, percebe-se que a mudança não teve relação com um protesto contra o profissionalismo. Na versão do impresso, a adoção da cor vermelha teve dois motivos principais, os quais serão destrinchados a seguir.

A mudança da cor do uniforme foi uma das tentativas do clube para se reerguer, diante dos insucessos que vinha enfrentando, sobretudo no certame mineiro de 1933, onde chegou a ocupar o último lugar na tabela. Essa troca estaria relacionada a uma restruturação,

<sup>822</sup> O AMÉRICA adoptará a côn vermelha para o seu pavilhão. Estado de Minas, 09 de agost. 1933, n. 1568, p.8.

a um renascimento do clube, a uma forma de afastar o “azar” que o rondava dentro de campo. A nova camisa seria um novo estímulo para o começo de uma nova fase.

Com a estreia da nova camisa rubra, domingo próximo, o America vae retomar o rumo da sua grandeza. Ao America, nestes últimos tempos, tem faltado chance e resistência. Na arrancada inicial das partidas, impõe-se aos adversários e chega a dar provas de uma superioridade irrefreável, fazendo antevers um triunfo fácil. Depois, diminue o ímpeto. Afrouxa-se-lhe o folego e acaba perdendo. [...] Aquella equipe que era alvi-verde e agora vae ser rubra, ao que se diz e A Tribuna há tempos noticiou, dotada de folego, de um ajustamento firme de esforços, difficilmente sera vencida. [...] A nova camisa que vae ser estreiada domingo, a rubra camisa de todos os americanos do paiz, vae assignalar o surto glorioso do velho clube. Com ella e com outras medidas que estão sendo tomadas pela veterana agremiação, o America vae afinal retormar o caminho de sua grandeza<sup>823</sup>.

A partir dessa publicação, o jornal passou a se referir ao clube, assim como o *Estado de Minas* e outros periódicos, como o “alvi-rubro”<sup>824</sup>. Em outra reportagem, publicada poucos dias antes, explicava-se o porquê da adoção da cor vermelha, já que a tentativa de restruturação do clube poderia abarcar outras possibilidades de uniforme. A reportagem intitulada “Uma nova bandeira que os americanos pensam em desfraldar” se iniciava contando a história do América do Rio de Janeiro e a escolha de seu uniforme vermelho: “Depois disso, foram fundados milhares de Americas por esse Brasil afora e o uniforme é... uniforme. Camisa rubra e calção branco”<sup>825</sup>.

Só o de Bello Horizonte, o nosso, escapa á normalidade. Se não nos trae a memoria, no anno do centenario<sup>826</sup>, diversos Americas sagraram-se campeões do seculo. O do Rio, o de Bello Horizonte, o do Pará e o do Paraná. No recenceamento de gloria, foi verificado que o clube mineiro fugia á uniformidade da cor. Os cariocas mandaram, então, um representante a Minas, com o fim exclusivo de convencer os nossos campeões do Centenario a adoptar a rubra cor americana, que, por si só, era um distintivo universal. Essa medida não foi levada a effeito, porque um outro clube da nossa Capital, o Sete de Setembro, tinha esse uniforme registrado na exticta Liga Mineira e a cessão do seu direito ao mesmo, era impossível. O gremio carioca desejava, ainda, obsequiar o seu homonymo das Montanhas, com onze uniformes completos, para o seu quadro. Agora, porém, os setesetembrinos extinguiram a sua secção de futebol. A bandeira rubra está, portanto, em disponibilidade. Não seria o momento dos americanos mineiros desfraldal-a, com garbo e gloria? Todo mundo sabe o que representa numa competição o destaque dos uniformes. São elles, por si sós, um motivo de entusiasmo para os jogadores e a torcida. A velha camisa americana, em que o verde nunca se vê, inexpressiva e incolor, escapa á natureza das coisas. Está a pedir compulsória. Estas sugestões nos foram feitas por um americano da velha guarda, o dr. Theophilo Santos que está disposto na batalha pela

<sup>823</sup> A REACÇÃO dos americanos no campeonato. A Tribuna. 11 de agost. 1933, n.102, p.5.

<sup>824</sup> O AMÉRICA vae domingo próximo a Sabará. A Tribuna. 17 de agost. 1933, n.107, p.5.

<sup>825</sup> UMA nova bandeira que os americanos pensam em desfraldar. A Tribuna. 30 de julho de 1933, n.93, p.5.

<sup>826</sup> O centenário em questão refere-se ao da independência do Brasil.

mudança das cores de seu clube. A TRIBUNA põe as suas columnas á disposição dos americanos, para debaterem a questão<sup>827</sup>.

Como dito, em princípios de agosto, o clube, de fato, modificou o seu uniforme. Segundo a *Tribuna*, como consequência de uma tentativa de renovação de ânimos e de esperança com relação a uma possível retomada do sucesso de outrora. Esta versão é também mencionada por Plínio Barreto, jornalista belo-horizontino, nascido na década de 1920. Em sua opinião, foi por “influência de superstição” que o clube mudou as cores de sua camisa. Barreto (1976, p.118) relata que no momento de fundação do clube, em 1912, “seu uniforme era verde e branco, tanto que foi deca-campeão de 16 a 25 como alviverde”. No entanto, “bastou que fosse cumprido um longo tempo, de 7 anos em que não ganhou títulos máximos, para que alguém botasse a boca no trombone”.

- É a camisa gente! Botaram mau olhado nas camisas. Praga de atletícano ou de palestrino. O jeito é mudar a cor das camisas... Muitos não quiseram aceitar a sugestão, recordando a circunstância de que a conquista do deca-campeonato se fizera com aquele mesmo uniforme. Havia, também, o respeito à tradição. Mas a vontade da maioria prevaleceu, composta por supersticiosos. Decidiu-se pela mudança da cor das camisas. Optou-se pela vermelha, lembrando-se, como detalhe, que o América do Rio usava camisas rubras. O América de Minas passou a ser, então, o clube rubro da Alameda (BARRETO, 1976, p.119).

No entanto, os problemas continuaram acontecendo, o que levou o jornal *A Tribuna*, inicialmente incentivador da mudança, a criticar a postura do time com o novo uniforme: “O America perdeu seu jogo de ante-hontem. Mais um, para cumprir uma missão fatal [...]. A mudança de cor pareceu apenas ter transferido para a camisa, o sangue da turma. E como não é a camisa que dá no coro, a medida foi inutil”<sup>828</sup>. Dada a situação do clube, o jornal ainda se manifestou: “[...] Promette por um níquel de tostão nos pés de Santo Expedito. Promptifica-se a fazer pacto com o capeta, se ele aparecer”<sup>829</sup>.

Outra reportagem criticava a decaída do futebol belo-horizontino frente ao profissionalismo e, mais uma vez, mencionava a inutilidade da mudança de cores do América.

Realmente, o futebol belo-horizontino só tem hoje expressão na majestade dos nossos estádios. Na prática, não vale nada. É incolor, apesar dos clubes appellarem para a mudança das camisas, como a querer afastar uma ‘guigne’, que em bom vernáculo se traduz por insufficiencia. Força futebolística hoje se adquire com dinheiro e faro. [...] É que o advento do novo regimen não foi bem comprehendido.

<sup>827</sup> *Idem*.

<sup>828</sup> EM poucas linhas. *A Tribuna*. 05 de set. 1933, n.124, p.5.

<sup>829</sup> *Idem*.

Ou não pôde ser praticado o profissionalismo dentro do programma dos clubes, que, resultante da mera dedicação amadora, collide com os propósitos de um ganho mal merecido e peior pago. [...] O America debate-se numa crise de animo e de direcção technica, que a simples mudança de cor não resolveu<sup>830</sup>.

Em outro artigo, debochava-se da ideia de ser a antiga cor da camisa americana, alviverde, o motivo de azar. Neste caso atribuía-se à construção da piscina do clube o início de sua derrocada, citando-se também o caso do Atlético que, segundo o jornal, após a construção do seu “tanque” começou a vacilar no futebol. A reportagem buscava outros culpados para a derrocada dos clubes da capital naquele ano, que assistiam, passo a passo, a conquista do título mineiro pelo Villa Nova, da cidade de Nova Lima. No caso do América, afirmava: “Ficou provado que não era a cor da camisa que dava azar ao clube. Talvez seja a piscina. Porque não a enchem de terra”?<sup>831</sup>

O jornal *A Tribuna* oferece, assim, outra versão para a mudança de cores do uniforme do América, com reportagens explicativas e que se repetiram por várias edições. Isso não significa necessariamente que suas narrativas tenham sido verdadeiras, mas, ao menos, um contexto foi produzido e destrinchado, ao contrário das versões consideradas oficiais (atualmente) que nem sequer mencionam suas fontes. Outros fatos podem ajudar a pensar na pertinência da versão de *A Tribuna*. Um deles se refere às próprias tensões que se gestaram com a implantação do profissionalismo em Minas Gerais. O América era um dos protagonistas dos imbróglios que se estabeleceram. Se, por uma ação de resistência, resolvesse trocar todo o seu uniforme naquele momento de embates (que estamparam números e números dos principais jornais mineiros e estiveram até presentes em jornais cariocas, como o *Jornal dos Sports*) seria bastante provável que tal mudança e o referido protesto fossem abordados pelos jornais. Como mencionado, o *Estado de Minas* apenas prestou-se a publicar uma pequena nota informativa sobre a troca de uniformes. Outro fato a ser considerado é que a implantação do profissionalismo em Minas se deu no final de maio 1933 e a alteração do uniforme do América ocorreu em princípios de agosto do mesmo ano, ou seja, dois meses depois. Nesse intervalo, de junho (quando se inicia o primeiro campeonato profissional) a agosto, o América se encontrava na disputa do torneio de profissionais normalmente, trajando seu velho uniforme alviverde.

Sobre o retorno às cores verde e branca, ocorrida em 1943, as notícias são mais escassas ainda. O *Estado de Minas*, novamente, apenas informa que “reapareceu a camisa

<sup>830</sup> EM POCAS linhas. *A Tribuna*. 22 de agost. 1933, n.111. p.5.

<sup>831</sup> EM POCAS linhas. *A Tribuna*. 24 de agost.1933, n.113, p.5.

alvi-verde”, assim como o jornal *Folha de Minas*. As primeiras notícias localizadas em ambos os jornais datam do princípio de maio. Nesse caso, a pouca importância conferida pelos periódicos à nova mudança de cores também pode ser um elemento enfraquecedor da versão do protesto. Sobre o retorno ao uniforme verde e branco pode-se pensar numa tentativa semelhante à de 1933: a de restabelecer o clube, mas dessa vez com o retorno à tradição de suas cores. Uma das hipóteses é a ascensão de Sandoval de Castro à presidência, considerado um “americano da velha guarda”<sup>832</sup>.

Na busca de compreensões sobre a ação protagonizada pelo América algumas interpretações emergiram. A resistência pode ter se configurado, na verdade, como uma acomodação, uma forma de adaptação ao mercado profissional que se instaurava, mesmo que de forma simbólica, caso a troca de camisa tenha sido mesmo uma maneira de propor uma reestruturação que fosse capaz de alavancar o rendimento da equipe. Depois, têm-se um possível retorno à tradição, à camisa alviverde, ao uniforme representativo da conquista do deca. E assim, emergia uma nova esperança de soerguimento do clube.

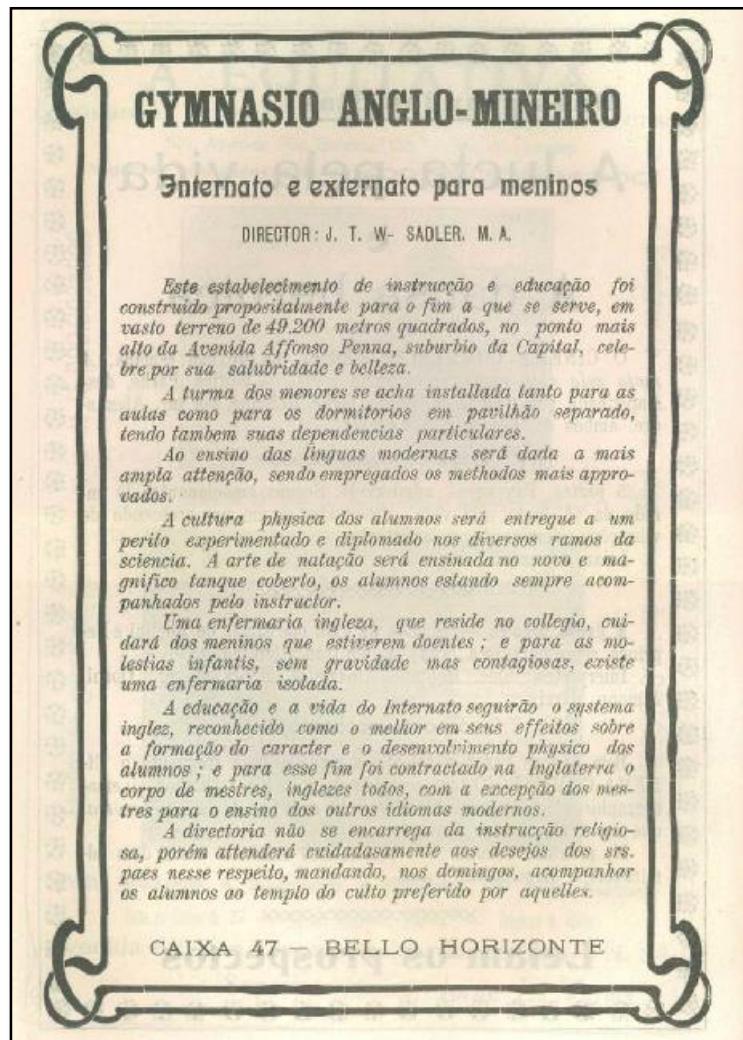
Para além dessas inferências, vale ressaltar a propagação de “mitos oficiais” e, por vezes, os alicerces frágeis com que são construídos. A versão da camisa vermelha do América, certamente, carece de mais investigações. No entanto, torna-se bastante problemática a veiculação de histórias sem um estudo empírico e sem a apresentação pública das fontes de consulta. A criação de possíveis mitos interfere na identidade do clube e na de seus adeptos e, mais do que isso, fomentam um mercado apaixonado que se alimenta dessas criações. Como exemplo, em 2012, ano comemorativo do centenário do América, foi lançada uma releitura da camisa vermelha, veiculada e comercializada com a versão do protesto ao profissionalismo. Se isto interferiu ou não nas vendas não se pode afirmar. Mas, de fato, não se pode negar a possibilidade de que esta ação tenha se constituído em uma estratégia de *marketing*.

E, para além da camisa, outras versões difundidas precisam ser melhor problematizadas e, até mesmo, desconstruídas. Outro exemplo se refere à fundação do clube. Na Enciclopédia do América, há a afirmação de que o time foi criado por estudantes do Gymnasio Anglo-Mineiro. Entretanto, esta é uma versão insustentável, pois o América foi fundado em 1912 e o referido colégio só abriu suas portas em Belo Horizonte no ano de 1914. A data é descrita pelo memorialista Pedro Nava (2012), um dos primeiros alunos a serem matriculados no colégio, e também pela revista *Vita*, que anunciou a sua abertura (FIG.41).

---

<sup>832</sup> A GRANDEZA do América é o único pensamento. Estado de Minas. 30 de mai. 1942, p.6.

Figura 41: Propaganda do Gymnasio Anglo-Mineiro.



Fonte: Revista Vita, fev. 1914, n.9, p.5.

Versões oficiais são comumente ornamentadas de grandes feitos e grandes origens, que se prestam mais a criar pertencimentos identitários passionais e a fomentar um mercado editorial do que a difundir e esclarecer fatos verdadeiramente pesquisados. Certamente, também as pesquisas realizadas em ambiente acadêmico e com o rigor metodológico que se presta a cada área de atuação são passíveis de erros e estão em permanente processo construção e desconstrução. No entanto, no momento em que se realizam necessitam ser pautadas por critérios rigorosos, éticos e respeitosos, que ultrapassem uma simples construção de “histórias”.

Diante dos dados apresentados pelos periódicos, é possível concluir que, muito possivelmente, a mudança nas cores do uniforme do América Futebol Clube teve relação com a adoção do profissionalismo em Minas Gerais, tendo em vista as dificuldades de adaptação

do clube ao novo regime e as suas buscas incessantes de revitalização, o que permeou toda a década de 1930 e de 1940. No entanto, a troca de cores, ao que sugerem as fontes consultadas nessa pesquisa, foi apenas mais uma das inúmeras medidas pensadas para se reconstruir o clube; decisão que ainda contava com um suposto desejo de se igualar aos demais “Américas” do país. Não foram encontrados indícios que sugerem qualquer forma de protesto empregado pelo clube materializado na mudança do uniforme.

A veiculação dessa primeira e mais costumeira versão guarda importantes relações com a própria história do América e com a representatividade que ele detinha na cidade de Belo Horizonte – “clube de elite” – e com suas atitudes de discordância em relação à profissionalização no momento de sua implantação, considerando o protagonismo que exerceu nos embates que se gestaram. Pode-se pensar, ainda, que as ações do clube, inseridas em sua trajetória de sucessos e derrocadas, contribuem para ampliar a compreensão do próprio processo de implantação do profissionalismo na capital mineira.

Muitas são as especificidades do futebol belo-horizontino que necessitam ser descortinadas. A história do uniforme americano é apenas uma delas, pertencente a um vasto caminho ainda carente de maiores investigações. Para o caso particular desta pesquisa, pode-se dizer que o contexto de coexistência entre os regimes amador e profissional carece de maiores investimentos para que outros olhares, que ultrapassem o momento de adoção do profissionalismo, possam trazer outros dados e, com eles, novas (re) interpretações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou investigar o período posterior à implantação do profissionalismo na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, enfatizando a década de 1930 e 1940, mais precisamente após o ano de 1933, momento em que se efetivou a adoção do novo regime em solo mineiro. O conhecimento do cenário futebolístico belo-horizontino existente no marco proposto suscitou inúmeras possibilidades de problematização, especialmente sobre os anos 1940, período ainda não estudado na capital mineira em se tratando da temática em questão.

A compreensão do futebol em Belo Horizonte e de suas relações com o amadorismo e com o profissionalismo perpassa aspectos anteriores ao marco temporal analisado e está imbricada com a própria história da cidade. Assim como outros municípios brasileiros, as primeiras experiências do futebol belo-horizontino foram fortemente pautadas por influências inglesas, seja na construção dos primeiros clubes em 1904, seja na prática vivenciada pouco tempo depois em um colégio inglês instalado na cidade, o Gymnasio Anglo-Mineiro. Uma importante segregação classista estava posta nos primeiros momentos do jogo, que se delineou como uma atividade reconhecida e pertencente a uma dada elite. Para esta classe social, o esporte se tornava uma das mais importantes portas de entrada para a desejada modernidade. Tal situação foi vivenciada em várias cidades brasileiras, como demonstram alguns dos estudos tematizados nessa pesquisa.

Entretanto, pode-se dizer que Belo Horizonte comporta certas particularidades em relação a cidades mais antigas. A fundação recente e planejada da capital (em 1897), já desenhada nos moldes do que se esperava de uma urbe republicana, fez com que a ideia de modernidade – e inserida nela, a prática de esportes – fosse parte de sua própria construção. A cidade não vivenciou um momento predecessor em que as influências europeias (francesas e inglesas, especialmente) foram se instalando como promessa de uma nova civilização. Ao contrário, a nova capital já foi pensada e desenhada por meio dessas influências.

Inserido nesse contexto, o futebol também comporta outra particularidade. O seu surgimento, em 1904, manifesta-se em momento muito próximo ao da fundação da cidade. Ou seja, pode-se dizer que a prática futebolística, esporte que reconhecidamente foi o que mais se afirmou em Belo Horizonte, também foi construída com a própria cidade, dada a pouca diferença temporal entre esses dois momentos inaugurais. Em 1904, Belo Horizonte ainda dava seus primeiros passos rumo à consolidação de uma cidade-capital.

Em seu momento inicial, o futebol foi partícipe de um campo esportivo aristocrático, entretanto, sua prática rapidamente se expandiu e se deslocou dos primeiros círculos iniciais que o construíram e o legitimaram. Nos anos 1920, ele já estava presente em várias localidades da cidade, muitas delas distantes do centro urbano planejado (onde suas primeiras experiências se originaram). A presença crescente de espectadores nos estádios, oriundos das mais diversas classes sociais; a vivência do jogo nas ruas, praças e adros de igreja; a sua reverberação em bares, cafés e outros pontos de encontro da cidade são situações que demonstram o alcance social do jogo e sua popularização. Contudo, essa expansão não se construiu sem a presença de discursos contrários que propugnavam outra forma de existência para o esporte. Novas formas de segregação, de legitimação e, consequentemente, de distinção, criaram novos campos esportivos, em uma polarização que foi descrita nesse trabalho como formadora de um “amadorismo aristocrático” e de um “amadorismo popular”.

A primeira definição pode ser entendida como um esquema de valores que subsidiou a prática esportiva vivenciada, especialmente, pelos estratos mais abastados da sociedade, que insistiam em conferir aos esportes os objetivos elevados da formação pura amadorista, fortemente relacionados à educação moral e à vivência de valores cunhados no seio da aristocracia. A carga formativa relativa à essa vertente recaiu sobre o futebol em seus anos iniciais e, posteriormente, aos esportes denominados de especializados (como o tênis, a natação, o basquetebol e o voleibol) e ao lugar privilegiado de vivência dessas práticas; na perspectiva sinalizada, os clubes privados e as escolas.

Já a segunda definição pode ser compreendida também como um esquema de valores, mas que se prestou a significar a prática esportiva que se expandiu para além de seu centro original, tanto em termos geográficos, como em termos simbólicos. Ainda que amadorista na teoria, sua vivência ousou ressignificar ou reinterpretar seus preceitos puristas fundadores, que certamente não condiziam com as expectativas, com os valores e com os objetivos dos novos personagens que se apoderaram da atividade esportiva. O futebol, a partir de sua expansão, pode ser considerado o maior exemplo dessa vertente, em função das novas características que passou a comportar com o decorrer dos anos. Pode-se dizer que o futebol vivenciou as duas vias amadoristas e que a inserção ou valorização de uma não necessariamente excluiu a outra. Em realidade, a existência de uma via é que, em grande medida, conferia sentido à outra, numa relação dialógica e paradoxal.

Um dos fatores para o futebol trilhar o caminho de um “esporte desviante”, em se tratando dos princípios propugnados para a prática esportiva quando da própria construção da cidade, foi a ocorrência do amadorismo marrom, ainda em meados da década de 1920. O

desgaste dessa situação se constituiu em uma das vias explicativas para a adoção do profissionalismo, no ano de 1933, aliado a outros fatores, como a própria expansão do jogo; as disputas de poder envolvendo dirigentes de clubes (especialmente entre América e Atlético); e as influências de localidades como Itália, Argentina e a capital federal, Rio de Janeiro (que se desdobravam na necessidade de evitar o êxodo de jogadores, na consideração da lucratividade do profissionalismo praticado nesses lugares e no imperativo sempre caro à Minas Gerais de seguir os passos dos centros citadinos brasileiros julgados mais consolidados, como Rio de Janeiro e São Paulo).

Assim, o regime profissional se estabeleceu em Minas Gerais quatro meses depois da capital federal e pode-se considerar que sua rápida adesão foi produto de uma grande investida midiática, sobretudo capitaneada pelo jornal *Estado de Minas* e pelo *Jornal dos Sports*. Muitos foram os argumentos discursivos utilizados nos impressos para legitimar o novo regime em Belo Horizonte (especialmente os que se aproveitavam de estratégias comparativas com outras cidades e de dados quantitativos acerca das vantagens do profissionalismo). A institucionalização do esporte e sua nova ordem organizacional o distanciava de preceitos como o lazer e o divertimento. Embora seja possível considerar que o exercício da profissão pudesse comportar, em algum momento, características de diversão, os princípios e os objetivos que passaram a reger o novo esporte, pautados no compromisso profissional firmado pelo assalariamento, transformaram significativamente a lógica do jogo. As redes de sociabilidade também se alteraram, já que as equipes passaram a ser compostas por jogadores-trabalhadores oriundos de várias regiões do país e não mais por pessoas de um mesmo círculo social, o que ocorria, comumente, no período do amadorismo.

O crescimento do campo esportivo delineado em torno do futebol alterou sobremaneira suas formas de vivência e os seus significados na coletividade urbana belo-horizontina. Muitos são os indicativos de tal processo: a criação de estádios com capacidade para abrigar públicos cada vez maiores (neste caso, observa-se a intenção de ampliar a participação das pessoas, o que contrapunha um caráter particularizado e exclusivista dos primeiros anos do futebol na cidade); o recrudescimento das rivalidades clubísticas; o surgimento de um mercado consumidor e de iniciativas publicitárias em torno dos jogos e torneios; a participação do futebol, de forma cada vez mais intensa, nos periódicos citadinos; e a necessidade, cada vez maior, de se criar órgãos normativos para controlar o esporte.

Vale ressaltar que a implantação do profissionalismo ocorreu no cerne de importantes mudanças políticas e econômicas que se processaram no Brasil, nos anos 1930. Nesse contexto, conviviam os ordenamentos e as normativas morais e físicas calcadas nos

modelos nazifascistas de desenvolvimento da nação e as demandas mercadológicas de um país que intentava se modernizar. Prerrogativas que nem sempre conviviam em harmonia, especialmente em relação ao futebol (que se tornou símbolo máximo e “autorizado” da paixão que os esquemas moralizadores condenavam).

No começo do século XX ser amador era uma característica distintiva dos esportistas que os alçava a uma condição de superioridade. O profissionalismo, ao contrário, era malvisto socialmente por conter uma essência interessada e fugir dos pressupostos educativos do esporte. No entanto, com a oficialização do futebol profissional, muitas equipes amadoras se extinguiram ou se enfraqueceram, seja por falta de condições para subsistir na nova estrutura, seja por repulsa aos princípios que passavam a reger a modalidade. Porém, ainda assim, não se pode dizer que houve um processo de substituição de um regime pelo outro. O futebol amador continuou coexistindo com o futebol profissional, acontecendo em variados espaços da cidade, com seus clubes, jogadores, dirigentes, torcedores e demais incentivadores daquele modelo de prática esportiva.

No decorrer da década de 1930, o profissionalismo foi se transformando em sinônimo de qualidade, organização, competitividade e modernidade, enquanto o amadorismo perdia a sua grandeza e passava a ser visto como algo de menor importância. Em meados da década de 1940, periódicos de Belo Horizonte o denominavam de “esporte menor” e clamavam à Federação Mineira de Futebol maior apoio aos clubes e às competições. Pode-se constatar que o período pós-profissionalismo em Belo Horizonte foi marcado por um crescimento exponencial de clubes amadores em várias regiões da cidade, o que contrastava com as constantes denúncias de descaso das instituições gestoras. Enquanto o regime profissional contava com a participação de aproximadamente sete equipes durante a década de 1940, a divisão amadora possuía cerca de 200 clubes no mesmo período. Entretanto, embora a supremacia numérica fosse evidente, a importância do amadorismo não acompanhava tamanha expressão. Nessa perspectiva, o “esporte menor” era visto como um “celeiro de cracks” para o “esporte maior”, situação que desmoronava as bases discursivas do amadorismo ainda veiculadas nas páginas dos impressos.

Por outro lado, embora o profissionalismo tenha modificado sobremaneira os valores do esporte, seu desenvolvimento contou com alguns dos ideais amadoristas em vários aspectos. Pode-se destacar a moralização e a educação do corpo como resquícios do que se pode chamar de um “amadorismo funcional”, devidamente ajustado ao novo momento do futebol. Os ideais de honra e de cavalheirismo e as prerrogativas de corpo e mentes sãos se

mesclavam às ações lucrativas do crescente mercado de compra e venda de jogadores, situações que, muitas das vezes, confrontavam os próprios princípios promulgados.

Mesmo após a adoção do regime profissional, produções discursivas que se voltavam aos preceitos de um amadorismo purista estavam sempre presentes. Modernidade e tradição; mercado e princípios morais fizeram parte de um “jogo” discursivo que, de acordo com finalidades cambiáveis, ora legitimava um regime, ora legitimava outro. A ideia de modernidade, que no começo do século XX emprestou a sua significação ao amadorismo, serviu para designar, posteriormente, o suposto progresso e a suposta evolução do futebol com o advento do profissionalismo. Ao mesmo tempo, a ideia de tradição (ancorada em certa valorização de um passado e de uma origem intangível purista e redentora) foi mobilizada para legitimar ações, comportamentos e disputas de poder nos dois regimes. Nesse sentido, também pode-se dizer que ambos os amadorismos identificados (aristocrático e popular) conviveram durante o regime profissional; o primeiro fortemente ancorado em ideias e princípios morais, sendo partícipe de uma distinção que se prestava a caracterizar dirigentes e atletas que se mantinham cavalheiros, legítimos *sportmen*; e o segundo como representativo da própria prática cotidiana dos clubes amadores, especialmente os designados como “varzeanos”, “suburbanos” ou “avulsos”. No primeiro caso, o amadorismo servia como um predicado, um elemento de civilidade, uma qualidade que não se podia perder em meio às padronizações do mercado. Já no segundo, era a própria realidade vivenciada no dia-a-dia.

Assim, novas formas de distinção e de legitimação foram constantemente criadas em um cenário em que, definitivamente, não se pode dizer que houve uma redistribuição de poder e a ascensão de uma “democracia” participativa apenas com o advento do profissionalismo. Em Belo Horizonte, a hierarquia de poderes que controlava o futebol no período amadorista se manteve no regime profissional. O controle do futebol mineiro ainda se centrava em poucos personagens, muitos deles remanescentes da velha estrutura dos primeiros anos de desenvolvimento do esporte na capital. A análise das fontes demonstrou que o controle das partidas, dos árbitros e dos jogadores ainda estava sob domínio dos “paredros” dos clubes, mesmo com a existência de federações específicas. Dentro desse contexto, ainda que se reconheça que alguns jogadores conseguiram certa ascensão social ao se profissionalizarem no futebol, considerar tal situação como unânime ou natural do próprio regime, que teria propiciado uma “abertura”, constituiria uma análise simplista, ingênuas e despolitizada. Da mesma forma, uma análise que também excluísse da profissionalização os jogadores oriundos de classes sociais mais abastadas e pertencentes a outros meios de inserção cultural (a exemplo dos estudantes), padeceria dos mesmos problemas.

Pode-se concluir que a década de 1940 foi marcada por inúmeras mesclas envolvendo princípios, promessas, interesses, finalidades, disputas de poder, reivindicações de legitimidade e de ganhos de distinção (BOURDIEU, 2007); situação que denota as tentativas de consolidação do novo regime, anos após a sua adoção. Pode-se constatar que o campo futebolístico belo-horizontino foi claramente demarcado com a adoção do regime profissional, com diferenciações explícitas de poder entre o profissionalismo – considerado o legítimo esporte – e o amadorismo, modelo secundário, precário em sua estrutura e que apenas servia a um aporte simbólico intencionado. Ao mesmo tempo em que emergiam novos discursos, novas significações e novas lógicas de distinção; velhos discursos, velhas significações e velhas lógicas de distinção ainda sobreviviam.

O reconhecimento de um regime normatizado de assalariamento para os jogadores é um marco comumente utilizado para descrever o advento do profissionalismo. Porém, mesmo que sua relevância concreta esteja posta, esse fato é apenas um dos elementos de uma complexa rede de acontecimentos que engendrou a nova configuração esportiva e que permaneceu no cerne de uma disputa que não se encerrou no momento de adoção do futebol profissional. O caso belo-horizontino demonstra que a década de 1940 ainda seria bastante impactada pela dubiedade das relações entre amadorismo e profissionalismo e por uma série de imbróglios, em um cenário por vezes confuso e bastante desorganizado.

As promessas do profissionalismo, quando de sua implementação, esbarraram-se em uma realidade concreta que criou novos desafios e novas demandas: problemas estruturais e financeiros dos clubes e a própria estrutura esportiva da cidade são alguns fatores. A efemeridade da profissão e a valorização de um corpo rentável (máquina) foram situações que impactaram mais precisamente os jogadores. Muitas situações de violência, envolvendo atletas, árbitros e torcedores ainda eram observadas (possivelmente com mais intensidade que no período inicial do amadorismo), o que contrariava os prognósticos anteriores, propagados por dirigentes e pela imprensa, de que o profissionalismo sanaria estes problemas.

O problema da continuidade do êxodo dos atletas mineiros (um dos argumentos mais utilizados para a implantação do regime) impactou diretamente os clubes e as tentativas de se igualar o estado às cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Pode-se constatar que o profissionalismo se estabeleceu com muitas dificuldades e com muitos ranços do período inicial do amadorismo. Se em meados da década de 1920, Belo Horizonte vivenciava um “amadorismo profissional”, pode-se pensar que, após 1933, entra em cena um “profissionalismo amador”. Ao que sugere a pesquisa, tanto a capital quanto o estado como um todo não estavam preparados para incrementar o regime de forma tão rápida. Os problemas

estruturais relacionados à renda, ao público e aos estádios já eram conhecidos desde antes a implementação do profissionalismo. No entanto, ao seguir o curso de outras cidades, parte da imprensa e dos dirigentes mineiros pareceram ter acreditado que haveria uma mudança nesse cenário, a partir das possibilidades lucrativas, dos marcadores quantitativos de sucesso que se divulgava em relação a outros centros esportivos. Não demorou muito para que essas aspirações fossem confrontadas com uma realidade muito diferente.

Por fim, a descoberta de novas informações sobre a decisão do América F.C em mudar as cores de seu uniforme (atitude que guarda relações com o advento do profissionalismo na cidade e com os embates gestados) contribui para repensar o próprio processo de profissionalização do futebol em Belo Horizonte, além da produção de “histórias oficiais” e de mitos fundacionais, não somente em relação a este clube, mas em um contexto mais amplo de existência de outras agremiações brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- A ALTA dos frangos. **Diário Esportivo**. 02 de agost. 1945, n.2, p.5.
- A DERRADEIRA e fracassada aventura de Cid Roso. **Estado de Minas**, 12 de out. 1933, p.6.
- A EPOCHA**, 12 de fev. 1905, p.1.
- A EPOCHA**, 21 de agost. 1904, p.1.
- A EPOCHA**, 16 de out. 1904, p.2.
- A EXCURSÃO do Vasco pela Europa. **Jornal dos Sports**. 07 de jul. 1931, n. 98, p.1.
- A GRANDEZA do América é o único pensamento. **Estado de Minas**. 30 de mai. 1942, p.6.
- A GUERRA das laranjas. **Diário Esportivo**. 16 de agost. 1945, p.2.
- A HISTÓRIA do Cascatinha é cheia de glórias. **Diário Esportivo**, 20 de set. 1945, n.9, p.9.
- A HISTÓRIA de Alfredinho. **Diário Esportivo**. 28 de fev.1946, n.32, p.3.
- A HISTÓRIA de um grande grêmio. **América**, jun.1948, n.2, pp.9,10.
- A HISTÓRIA do jovem ponteiro do Cruzeiro. **Diário Esportivo**. 21 de mar. 1946, n.34, p.6.
- A IDA de Carazzo para S.Paulo. **Estado de Minas**, 04 de jan. de 1933, p.6.
- A ILUMINAÇÃO**. América, jul/agost. 1948, n.3, p.1.
- A IMPLANTAÇÃO do profissionalismo em Bello Horizonte. **Estado de Minas**. 07 de mai. 1933, p.6.
- A INGLATERRA e o football continental. **Jornal dos Sports**. 31 de jul, 1931, n.119, p.2.
- A IRRADIAÇÃO do profissionalismo na Argentina. **Jornal dos Sports**, 02 de jul. 1931, n.94, p.4.
- A IRRADIAÇÃO do profissionalismo na Argentina. **Jornal dos Sports**, 02 de jul. 1931, n.94, p.4.
- A LIGA carioca felicita o football mineiro. **Jornal dos Sports**, 09 de jun.1933, n.680, p.4.
- A LIGA de Amadores de Futebol e a opinião dos directores dos clubes amadoristas. **A Tribuna**. 01 de set.1933, n.120, p.5.
- A METROPOLE** da gente mineira. Belo Horizonte, agost.1946, n.184, p.20.
- A MULHER mineira nos esportes. **Alterosa**, jan. 1942, n.22, p.34.

A NOVA geração atleticana. **Diário Esportivo** 01 de nov. 1945, n.15., p.8.

A NORMALIDADE do início da temporada profissional... **Estado de Minas**. 14 de jun.1933, p.8.

A PALAVRA de um crack. **Diário Esportivo**. 20 de dez. 1945, n.22, p.11.

**A PRAÇA de esportes ‘Governador Benedito Valadares’**. Belo Horizonte, abr. 1943, n.151, p.50.

A REAÇÃO contra o profissionalismo. **América – o Deca-campeão**, n.1, p.25.

A REACÇÃO dos americanos no campeonato. **A Tribuna**. 11 de agost. 1933, n.102, p.5.

A RENDA dos matches de football na Argentina. **Jornal dos Sports**, 08 de jul. 1931, n.99, p.2.

A RENÚNCIA da directoria do América. **Estado de Minas**, 02 de jun. 1933, n.1510, p.6.

**A TABELA**, 18 de fev. 1945, n.26, p.2.

**A TRIBUNA**. 05 de agost.1933, n.98, p.5.

AS DUAS facetas do torcedor. **Diário Esportivo**. 09 de agost. 1945, n.3, p.3.

AS FORÇAS que triumpham. **A Tribuna**. 07 de set. 1933, n.126, p.5.

AS OCCURRENCIAS lamentaveis do match Villa Nova x Retiro. **Jornal dos Sports**. 24 de out. 1933, n.805, p.1.

ACERVO Pessoal A.R. **Vídeo da inauguração oficial do Estádio Otacílio Negrão de Lima**, 1948.

ACERVO Pessoal Mário Monteiro. **Estatutos do América Futebol Clube**, 1937.

ACERVO Pessoal Nilton Graciano da Silva. **Primeiro campo do clube amador Alvorada**.

ACONTECEU na semana. **Diário Esportivo**. 10 de jan.1946, n.24, p.3.

ACONTECEU na semana. **Diário Esportivo**. 25 de out. 1945, n.14, p.3.

ACREDITEM ou não. **A Tribuna**. 29 de agost. 1933, n.117, p.5.

ADMINISTRAÇÃO, grave problema. **Diário Esportivo**. 16 de agost. 1945, n.4, p.4.

ADMIRADOR incondicional do esporte. **Boletim Informativo da Diretoria de Minas Gerais**, 31 de mar. 1949, n.3, p.1.

AGITADOS os meios esportivos com o ‘caso Kafunga’. **Estado de Minas**, 15 de mai. 1943, n.5.094, p.1.

- ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- \_\_\_\_\_. El deporte en América Latina. **Razón y Palabra**, n.69, julio-septiembre, 2009, pp. 1-19.
- \_\_\_\_\_. **Héroes, machos y patriotas**. El fútbol entre la violencia y los medios. Buenos Aires: Aguilar, 2014.
- ALVORADA dos novos. **Jornal dos Sports**, 12 de jul.1931, n.103, p.2.
- AMADORISMO e profissionalismo. **Jornal dos Sports**. 26 de nov. 1931, n.219, p.2.
- AMÉRICA, nov. 1947, n. 1, pp.8-9.
- AMÉRICA, jun.1948, n.2, capa.
- AMÉRICA, jun.1948, n.2, p.16-17.
- AMÉRICA. Jun.1948, n.2, p.18.
- AMÉRICA, set./out.1948, n.4, p.6.
- AMÉRICA, dez. 1948, n.6, p.7
- AMÉRICA. Jan.1950, n.12.
- AMÉRICA E Atletico, os vencedores. **América**. Jun.1948, n.2, p.18.
- ANDERSSON, Mette. De todos blancos a la mayoría blanca. Migraciones deportivas e integración en el fútbol noruego. In: GOIG, Ramón Llopis (Org.) **Fútbol postnacional. Transformaciones sociales y culturales de 'deporte global' en Europa y América Latina**. Barcelona, Anthropos Editorial, 2009, pp. 93-106.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ANUNCIA-SE o 3º turno do campeonato profissional de futebol. **O Esporte**. 19 de out. 1936, n.1, p.3.
- APRESENTANDO. **O esporte em marcha**. 22 de agost. 1949, n.1, p.1.
- AQUINO, Dilson de Andrade. Misérias do amadorismo. **O Amadorista**, 02 de set.1946, n.2, p.1.
- AQUINO, Dilson de Andrade. O enterro do Príncipe. **O Amadorista**, 09 de set. 1946, n.3, p.1.
- AQUINO, Dilson de Andrade. **Tragédia e comédia dos juízes amadoristas**. 23 de set. 1946, n. 5, p.1.

ARBITRAGENS rumorosas do nosso futebol. **Diário Esportivo**, 16 de agost. 1945, n.4, p.9.

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades. Fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARGUMENTO EM FAVOR do profissionalismo no football. Uma estatística eloquente. **Jornal dos Sports**. 08 de nov. 1931, n.204, p.2.

ARQUIVO Público da Cidade de Belo Horizonte. Disponível em: [www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br](http://www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br). Acesso em: 10/01/2017.

ARQUIVO Público Mineiro. **Mapa do município de Belo Horizonte (1940)**. Fundo Secretaria de Viação e Obras Públicas (SVOP-287).

ARRUDA, Rogério Pereira de. Belo Horizonte e La Plata: cidades-capitais da modernidade latino-americana no final do século XIX. **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, v.6-1, 2012, pp.85-123.

ASSIGNALADA, enfim, a victoria integral da campanha... **Estado de Minas**. 31 de mai. 1933, p.8.

ASSIM QUE tiver conhecimento das leis do profissionalismo... **Estado de Minas**. 14 de fev. 1933, p.8.

ASSIM vive a ala direita do América. **Diário Esportivo**. 15 de nov. 1945, n.17, p.4.

ASSOCIAÇÃO Mineira de Esportes. **Estado de Minas**, 02 de nov. 1933, p.6.

ATENDENDO a uma consulta... **Boletim do Departamento de Esportes de Minas Gerais**, 28 de fev. 1949, n.2., p.24.

AZIZ, o ‘crack’ que vem jogando por mero prazer. **Diário Esportivo**. 02 de agost. 1945, n.2, p.3.

BAÍA, Júlio César de Paula Guimarães. **Direitos econômicos do atleta de futebol**: uma análise de sua negociação para investidores. Belo Horizonte: Editora D’Plácido, 2015.

BANDEIRA, Manuel. **Seleta de prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BARRETO, Plínio. **Futebol**. No embalo da nostalgia. Belo Horizonte: Santa Edwiges, 1976.

BARRETO, Abílio. Belo Horizonte e sua história. **Leitura**. 1940-1941, n.8, pp. 19-22.

BARRETO, Abílio. **Uma noite de Natal**. 21 de dez., n.21, 1941, p.78.

BARRETO, Abílio. O vertiginoso evoluir de Belo Horizonte. Belo Horizonte, agost. 1944, n.166, p.42.

BARRETO, Abílio. O ciclismo e o Velo Club. **Alterosa**, nov.1945, n.67, p.92-93.

- BARRETO, Abilio. Recordar é viver. **Alterosa**, Out. 1945, n.66, pp.50,51.
- BARRETO, Abílio. Nasce o foot-ball na cidade. **Alterosa**, dez. 1945, n.69. P.134-135.
- BARRETO, Abílio. Recordar é viver. **Alterosa**, jan. 1946, n.69, pp. 106, 107, 115.
- BARRETO, Abílio. Recordar é viver. **Alterosa**, fev. 1946, n.70, pp.110, 111, 127.
- BARRETO, Abílio. Recordar é viver. **Alterosa**. jul.1946, n.74, p.82.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BELO HORIZONTE, jun. 1948, n.189, pp. 54-55.
- BELO HORIZONTE. **Alterosa**, agost. 1946, n.76, p.134.
- BELO HORIZONTE: cidade das artes. **Revista Minas Tenis Club**. Jan.1944, n.2, p.10.
- BELO HORIZONTE, cidade dos clubes juvenis. **Diário Esportivo**. 18 de abr. 1946, n.38, p.11.
- BELO HORIZONTE espelha a intensidade ...** Belo Horizonte. 22 de jan.1942, n.22, pp.74-75.
- BELO HORIZONTE, um convite ao turismo**. Belo Horizonte, agost. 1944, n.166, pp.58-59.
- BELLO HORIZONTE, jun. 1937, n.82, p.68.
- BELLO HORIZONTE. 28 de out. 1933, n.10, p.6.
- BELLO HORIZONTE, abr. 1939, n.103, p.86.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancia no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BIMBO. **Chronica cinematográfica**: Bilhete para Walt Disney. Bello Horizonte, 16 de nov. 1933, n.12, p.3.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOLETIM Informativo** do Departamento de Esportes de Minas Gerais, 28 de fev.1949, n.2, p.19.
- BOMENY, Helena. **Guardiães da razão**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1994.
- BONDES para... **O Estado de Minas**, 19 de abr. 1906, p.2.
- BORGERTH, Alberto. Os juízes e o público. **Minas Sport**. 15 de nov.1925, n.6, p.1.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século-Edições, Sociedade Universal, LDA, 2003.

\_\_\_\_\_. **A distinção**. Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. A “modernidade fraca” das “esquinas” de Belo Horizonte e Cyro dos Anjos. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, pp.100-115.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto-lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Getúlio Vargas: o estadista, a nação e a democracia. In: BASTOS, Pedro Paulo Zaluth; FONSECA, Pedro Cesar Dutra (Org.). **A era Vargas**: desenvolvimentismo, economia e sociedade. São Paulo: Editora Unesp, 2012, pp. 93-120.

BRILHANTES solenidades... **Estado de Minas**, 15 de mai.1943, p.3.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

CAFUNGA foi esteio... **Diário Esportivo**. 09 de agost.1945, n.3, p.3.

CALDAS, Waldenyr. **Pontapé inicial**: uma memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAMPEONATO comércio e indústria. **Folha Esportiva**. 09 de dez. 1946, n.11, p.3.

CAMPEONATO de profissionaes. **A Tribuna**. 09 de agost. 1933, n.100, p.5.

CAMPEONATO mineiro de natação. **Alterosa**, mai. 1946, n.73, p.118.

CAMPOMAR, Andreas. **Golazo**. De los aztecas a la Copa del Mundo: la historia completa del fútbol en América Latina. Buenos Aires: Deldragón, 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANDIOTA, João de Deus. O profissionalismo em Minas ganha terreno. **Jornal dos Sports**, 24 de mai. 1933, n.676, p.4.

CANELADAS. **Diário Esportivo**. 30 de agost.1945, n.6, p.5.

CANELADAS: Veneninhos do Cruzeiro X América. **Diário Esportivo**, 30 de agost. 1945, n. 6, p.5.

CAPITALISTAS do futebol. **Diário Esportivo**. 13 de dez. 1945, n.21 p.4.

- CARAM, A. Abrahão. Disciplina amadorista. **Diário Esportivo**. 23 de agost. 1945, n.5, p.5.
- CARNEIRO, Januário. Estrelas no futebol. **Diário Esportivo**. 04 de out. 1945, n.11, p.10.
- CARNEIRO, Januário. Estrelas no futebol. **Diário Esportivo**. 11 de out. 1945, n.12, p.5.
- CARNEIRO, Januário. Estrelas no futebol. **Diário Esportivo**. 06 de set. 1945, n.7, p.4.
- CARNEIRO, Januário; MATTOS, João Lino. **Traçando o rumo. O Campeão: o Atlético** em revista, dez.1949, n.1, p.1.
- CARTAS imagináveis. **Diário Esportivo**. 17 de jan.1946, n.25, p.3.
- CARTAS imagináveis. **Diário Esportivo**. 04 de out. 1945, n.11, p.2.
- CARTAS imagináveis. **Diário Esportivo**. 18 de out. 1945, n.13, p.3.
- CARVALHO, José Murilo de. Ouro, terra e ferro: vozes de Minas. In: GOMES, Ângela de Castro. **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, pp. 55-78.
- CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias. In: **Moderno, modernidade, modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX**. GIL, Natália; da CRUZ e ZICA, Matheus; FARIA FILHO, Luciano (Orgs.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, pp. 13-34.
- CHANTECLER. La delicada situación. **El Gráfico**. 09 de mai. 1931, n.67, p.16
- CHANTECLER. La revolución de los jugadores de fútbol. **El Grafico**, 18 de abr. 1931, n.614, pp.16-17.
- CHANTECLER. La revolución de los jugadores porteños. **El Grafico**, 25 de abr. 1931, n.615, pp.16,17.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In M.A.L. Paulukonis e S. Gavazzi (Org.). **Da língua ao discurso. Reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CIDADE das montanhas**. Bello Horizonte, dez.1936, n.75, p.39.
- CIDADE do tédio**. Bello Horizonte. 09 de nov.1933 n.11, p.29.
- CINQUENTENÁRIO. Alterosa**, dez, 1947, n.188, p.1.
- CLAUDIO, Eli Murilo. Amparo aos pequenos clubes. **Folha esportiva**, 11 de nov.1946, n.7, p.2.

CLAUSSEN, Detlev. Béla Guttman. **Uma lenda do futebol do século XX**. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

COLCHA de retalhos. **Diário Esportivo**. 29 de nov. 1945, n.19, p.6.

COLUNA varzeana. **Diário Esportivo**. 08 de nov. 1945, n.16, p.3.

COM cinco meses apenas, já tem tradições e glórias. **Diário Esportivo**. 04 de out. 1945, n.11, p.11.

COM o Atletico tudo. **Diário Esportivo**. 06 de dez. 1945, n.20, p.4.

COM 15 anos, profissional de futebol. **Diário Esportivo**. 16 de mai. 1946, n.41, p.4.

COM 17 anos Noronha assinou seu primeiro contrato. **Diário Esportivo**. 06 de set. 1945, n.7, p.8.

**COMEMOROU Belo Horizonte seu 48º aniversário**. Belo Horizonte, jan. 1945, n.179, p.87.

COMITÊ INTERNACIONAL PIERRE DE COUBERTIN. **Pierre de Coubertin, 1863-1937. Olimpismo: seleção de textos**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2015.

COMO foi recebido O Amadorista. **O Amadorista**. 02 de set. 1946, n.2, p.3.

COMO o presidente americano responde a Marcelo... **Estado de Minas**. 23 de fev. 1933, s.p.

COMO se deve praticar o esporte. **Minas Tenis Club: álbum de vistas**, 1941, n.1, p1.

**CORREIO Sportivo**. 27 de mar. 1910, n.1, p.1.

COTTA, José de Araújo. A história de um clube que não sabe vencer campeonatos. **Diário Esportivo**. 17 de jan. 1946, n.27, p.5.

COTTA, José de Araújo; FILHO, Etiene J. Duas palavras. **Diário Esportivo**. 06 de set. 1945, n.7, p.2.

COUTINHO, José de Araújo; FILHO, J. Etienne. Duas Palavras. **Diário Esportivo**. 30 de agost. 1945, n.6, p.2.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)**. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CRESCE o estádio celeste. **Olímpica**, o Cruzeiro em foco, jul/agost. 1949, n.4, p. 14-15.

CRIEMOS o profissionalismo. **Jornal dos Sports**, 04 de agost. 1931, n.122, p.2.

CRUZEIRO x scratch da cidade. **Diário Esportivo**. 13 de dez. 1945., n.21, p.10.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

\_\_\_\_\_. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n.22, 1994, pp.10-17.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DEIXEI o Villa Nova e vou ingressar como profissional do Fluminense do Rio... **Estado de Minas**. 15 de mar.1933, p.8.

DEFEITOS e atrações de nossos cracks. **Diário Esportivo**. 23 de mai.1946, n.39, p.4.

DEPOIS da exportação para a Lazio. **Jornal dos Sports**. 11 de nov. 1931, n.206, p.1.

DE SÁBADO a sábado. La Confederación Argentina. **El Gráfico**, 18 de out. 1930, n.588, p.18

**DIÁRIO ESPORTIVO**, 04 de out.1945, n.11, p.5.

**DIÁRIO ESPORTIVO**, 01 de nov. 1945, n.15, p.9.

**DIÁRIO ESPORTIVO**, 11 de out. 1945, n.12. p.11.

**DIÁRIO ESPORTIVO**, 29 de nov. 1945, n.19, p.2.

DIAS, Juventino. Os homens que fizeram o cinema Brasil... **Bello Horizonte**, 16 de nov. 1933, n.12, p.6.

DIEZ, pedagogo do futebol. **Diário Esportivo**. 21 de fev.1946, n.28, p.9.

DOIS de menos na série secundária. **Estado de Minas**, 17 de mar. 1933, p.9.

DOM RUY. Avenida. **Bello Horizonte**, 14 de out. 1933, n.8, p.5.

DOM Ruy. Avenida. **Bello Horizonte**, dez. 1936, n.75, p.13.

DOMINGOS no Nacional ou no S. Lorenzo de Almagro? **Estado de Minas**, 13 de jan. 1933, p.6.

DO PITANGUI saíram Tião e Gerson. **Diário Esportivo**, 01 de nov. 1945, n.15 p.11.

DOS SANTOS, Roberto, P. D.F.A, entidade para milionários. **Diário Esportivo**, 15 de nov. 1945, n.17, p.10.

DOS SANTOS, Roberto P. E o amadorismo foi sempre esquecido... **Diário Esportivo**, 29 de nov. 1945, n.19, p. 10.

DOS SANTOS, Roberto P. É necessário policiamento para os campos de varzea. **Diário Esportivo**. 28 de mar. 1946, n.35, p.11.

DOS SANTOS, Roberto P. O D.F.A precisa de sede com urgencia. **Diário Esportivo**, 21 de mar.1946, n.34, p.10.

DRUMOND, Maurício. A política no jornalismo esportivo: o Jornal do Brasil e o Jornal dos Sports no Dissídio Esportivo dos anos 30. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32. **Anais...** Curitiba, set. 2009, pp. 1-14.

\_\_\_\_\_. **Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

\_\_\_\_\_. O “dissídio esportivo” e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937). In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, pp. 73-91.

DUAS cartas da história de Belo Horizonte. **Leitura**, dez-fev. 1940, n.8, p.11.

DUAS palavras. **Diário Esportivo**, 09 de agost. 1946, n.3, p.2.

É CERTO o embarque de jogadores de São Paulo para a terra de Mussolini. **Jornal dos Sports**. 09 de jul.1931, n.100, p.1.

E.C MINAS GERAIS. **Diário Esportivo**. 29 de nov. 1945, n.19, p.10.

EDUCAÇÃO Física. **Minas Tenis**, out. 1944, n.4, p.12.

EIS UM crack que nunca será esquecido. **Diário Esportivo**. 03 de mai. 1946, n.40, p.9.

**El Gráfico**, 25 de abr. 1931, n.615, pp.16,17.

**El Gráfico**, 30 de mai.1931, n.620.

EL ORIGEN del profesionalismo. **El Grafico**. 10 de jun.1922, n.154, p.15.

ELDORADO, modelar organização... **Diário Esportivo**, 16 de agost. 1945, n.4, p.8.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

EM JANEIRO virá o Rosário Central. **Diário Esportivo**. 28 de dez. 1945, n.25, p.3.

EM POUCAS linhas. **A Tribuna**. 18 de agost. 1933, n. 108, p.5.

EM POUCAS linhas. **A Tribuna**. 22 de agost. 1933, n.111, p.5.

EM POUCAS linhas. **A Tribuna**. 23 de agost. 1933, n.112, p.5.

EM POUCAS linhas. **A Tribuna**. 24 de agost.1933, n.113, p.5.

EM POUCAS linhas. Inactividade. **A Tribuna**. 03 de set. 1933, n.122, p.5.

EM POUCAS linhas. **A Tribuna**. 05 de set. 1933, n.124, p.5.

EM POUCAS linhas. **A Tribuna**. 08 de set. 1933, n.127, p.5.

ENLUTADO o São Jorge. **O Amadorista**. 23 de set. 1946, n.5, p.1.

ENTRADAS velhas. **A Raposa**. 01 de jul.1946, n.3, p.7.

ENTREGAMOS hoje.... **América**, nov.1947, n.1, p.2.

ENTREGUES á população as novas e modernas instalações do Cine Brasil. **Alterosa**, agost.1943, n.40, p.90.

ES UN dínamo en cancha. **Diário Esportivo**. 02 de agost. 1945, n.2, p.9.

ESPETACULAR vitória do Monte Castelo. **O Amadorista**. 02 de set. 1946, n.2, p.1.

ESPIRITO investigador... **Bello Horizonte**. 16 de nov.1933, n.12, p.1.

**ESTADO de Minas**, 10 de fev. 1933, p.6.

**ESTADO de Minas**, 15 de mar. 1933, p.8.

**ESTADO de Minas**, 29 de mar. 1933, p.8

**ESTADO de Minas**, 31 de mai. 1933, p.8.

**ESTADO de Minas**, 09 de agost. 1933, n. 1568, p.8.

**ESTADO de Minas**, 10 de set. 1933, p.8.

ESTARÁ perdido o campeonato para o América? **Diário Esportivo**. 27 de set. 1945, n.10, p.3.

ESTRELAS e marcação cerrada. **Diário Esportivo**. 11 de out.1945, n.12, p.5.

ESTRELAS no futebol. **Diário Esportivo**. 06 de set. 1945, n.7, p.4.

FALE o leitor. **Diário Esportivo**. 20 de dez. 1945, n.22, p.8.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **O jogo da distinção**: C.A Paulistano e Fluminense F.C – Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901-1933). Tese [Doutorado em História, Política e bens culturais]. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

FERREIRA, João F.P. **A popularização do futebol paulista na década de 30 e a construção do Estádio Municipal do Pacaembú.** 2004. Dissertação [Mestrado em História]. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

FERREIRA, Ruy. Faca em foco. **O Amadorista.** 16 de set. 1946, n.4, p.2.

FERREIRA, Ruy. Se assim continuar!... **O Amadorista**, 23 de set. 1946, n.5, p.2.

FILHO, João Lyra. A arregimentação da torcida. **Minas Tenis Clube: álbum de vistas**, 1941, n.1, p.77.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FIORAVANTI carregou a súmula. **Diário Esportivo**, 28 de agost. 1945, n.5, p.6.

FOI FUNDADA em Buenos Aires a Liga Argentina de Football Profissional. **Jornal dos Sports**, n.57, 20 mai. 1931, p.2.

FOI FUNDADA nesta capital a Liga de Amadores de Futebol. **A Tribuna**. 29 de agost. 1933, n.117, p.5.

**FOLHA de Minas.** 14 de out. de 1934, p.9.

FOTO sensação. **Vida Esportiva**. Agost. 1946, n.2, p.29.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**. São Paulo: Companhia das Letras: 2007.

FRANZINI, Fábio – A futura paixão nacional: chega o futebol – In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol**: del amateurismo a la profesionalización. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

FULGENCIO, Agnaldo. **O Omnibus...** Bello Horizonte, 09 de nov. 1933, n.11, p.27.

FUROS, boatos e novidades. **Estado de Minas**, 01 de jan. de 1933, n. 1236, p.10.

FUROS, boatos e novidades. **Estado de Minas**, 18 de jan. de 1933, p.6.

FUROS, boatos e novidades. **Estado de Minas**, 21 de jan. 1933, p.6.

GAEL, Rolando de. Uma tarde no Minas Tenis Clube. **Minas Tenis Clube: álbum de vistas**, 1941, n.1, p.1.

**GAZETA MINEIRA**. 01 de fev. 1939, n.112, p.5.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. **Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** Rio de Janeiro: Nova Alexandria, 2010.

GOIG, Ramón Llopis. Clubes y selecciones nacionales de fútbol. La dimensión etnoterritorial del fútbol español. **Revista Internacional de Sociología**, v. 64, n.45, p.37-66, 2006.

GOMES, Eduardo de Souza. Respeitável público: espetacularização e popularização do futebol profissional no Rio de Janeiro (1933-1941). In: **Fulia**, UFMG, v.1, n.1, set-dez, p. 90-110, 2016.

GOVERNADOR Benedito Valadares. **Minas Tenis Club**: álbum de vistas, 1941, n.1, p.27.

GRANDE triunfo do Atlético. **Diário Esportivo**, 01 de nov, 1945, n.15, p.6,7.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HISTÓRIA do América. **América – o Deca-campeão**, n.1, 1972, p.4.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **A era dos impérios** (1875-1914). São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **A era do capital** (1848-1875). São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo**: da revolução à Grande Guerra, 2008, pp. 393-478.

HOMENAGEM de Folha Esportiva aos diplomandos do setor... **Folha Esportiva**, 11 de nov. 1946, n.7, p.2.

HOMENAGEM do América F.C ao Senhor Mario Mattos. **Bello Horizonte**, set. 1939, n.107, p.54.

IMPORTANTES resoluções... **Estado de Minas**. 31 de mai. 1933, p.9.

IMPRESIONES de Gilberto. **El Gráfico**, 18 de out. 1930, n. 588, p.39.

IMPRESIONES de Gilberto. **El Gráfico**. 15 de nov. 1930, n. 592, p.49.

INDUNBANCO F.C. **Diário Esportivo**, 09 de agost. 1945, n.3, p.11.

INFLUÊNCIA do esporte. **Boletim do Departamento de Esportes de Minas Gerais**, 1949, n.5, p.13.

INFORMAÇÕES photographicas. **Vita**, 01 de jul. 1913, n.1, p.24.

IWANCZUK, Jorge. **Historia del fútbol amateur en la Argentina**. Buenos Aires: Autores Editores, 1992.

**JORNAL dos Sports**. 18 de dez. 1931, n.238, p.6.

**JORNAL dos Sports**, 2 de jun. 1933, n.684, p.6.

**JORNAL dos Sports**, 24 de jan. 1933, n.577, p.1

**JORNAL dos Sports**. 25 de jun. 1940, n. 3334, p.1.

JOSÉ Vaz não tem plataforma. **Diário Esportivo**, 18 de out. 1945, n.13, p.9.

JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.) **BH: Horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996, pp. 49-119.

JUSCELINO Kubitschek, o animador da cidade. **Revista Minas Tenis Club**, jan.1944, n.2, p.12.

JUSTOS. Educação esportiva. **Estado de Minas**. 21 de out. 1933, n.49.772, p.6.

JUVENTUS F.C: orgulho e tradição... **O Amadorista**, 09 de set. 1946, n.3, p.3.

KUKO, do Boca Júniors, prevê o fracasso do profissionalismo na Argentina – sensacionaes declarações sobre o ‘amadorismo’ . **Jornal dos Sports**, 11 de Jun. 1931, n.76, p.1.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. **Deixem em paz os nossos cracks**: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais], Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC, Belo Horizonte, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003

LEONIDAS quer ser profissional. **Estado de Minas**, 11 de jan. de 1933, p.8.

LEVANTA o Cruzeiro gigantesco estádio. **Olímpica**: Cruzeiro em foco, mai-jun. de 1949, n.3, p.10.

LIDER invicto do 3º distrito... **O Amadorista**. 09 de set. 1946, n. 3, p. 4.

LIMA, Rodrigo Carrapatoso de. Aves de arriabaõ – o processo de ‘importação’ de jogadores na cidade do Recife: conquistando glórias a preço de ouro (1915-1920). In: In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol**: análises plurais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, pp.217-231.

LINHARES, Joaquim Nabuco. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Editora UFMG, 1995.

LINO, João. Recordar é viver. **Vida Esportiva.** Jul. 1946, n.1, p.3.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.). **Culturas de classe:** identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

LOTERIA do Estado de Minas Gerais, agost. 1939, n.1, p.22.

LUCAS. **Diário Esportivo.** 04 de out. 1945, n.11, p.8.

LUCAS, o craque-cavalheiro. **Diário Esportivo,** 14 de mar. 1946, n.33, p.2.

MACUMBA no futebol. América, jul/agost. 1948, n.3, p.23.

MAINIGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MARRERO, Adriana; PIÑEYRÚA. 'Ora pro nobis'. Fútbol, mística e identidad nacional en el Uruguay moderno. In: GOIG, Ramón Llopis (Org.) **Fútbol postnacional. Transformaciones sociales y culturales de 'deporte global' en Europa y América Latina.** Barcelona: Anthropos Editorial, 2009, pp. 129-139.

MAS, estava em jogo... **Diário Esportivo.** 10 de jan. 1946, n.24, p.3.

MAIS CRACKS para o estrangeiro. **A Tribuna.** 30 de jul. 1933, n.93, p.5.

MAIS jogadores paulistas e platinos para a Italia. **Jornal dos Sports.** 26 de jul. 1931, n.115, p.4.

MAIS um clube de profissionaes. **A Tribuna.** 20 de agost. 1933, n.110, p.5.

MAIS um para a Italia. **Estado de Minas,** 18 de jan. 1933, p.6.

MARCAÇÃO cerrada. **Diário Esportivo.** 25 de abr. 1946, n.39, p.3.

MARCELO Linhares contrario ao profissionalismo. **Estado de Minas.** 21 de fev. 1933, p.8.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras.** A conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCHERONI conta-nos novidades do football uruguayo. **Jornal dos Sports.** 02 de set. 1931, n.147, p.1.

MEDICINA esportiva. **Boletim da Diretoria de Esportes de Minas Gerais.** 30 de jun. 1949, n.6, p.10.

MELANCOLICA despedida. **Folha Esportiva**. 08 de out. 1946, s/n, p.1.

MELO, Victor Andrade de. **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

\_\_\_\_\_. Apresentação. Esporte, cidade e modernidade: a proposta desse livro. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, pp. 05-18.

MELO, Victor Andrade de. Amador ou profissional. Um debate primordial no campo esportivo. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol**: análises plurais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, pp. 19-44.

MELLO, Ciro Flávio Bandeira de Mello. A noiva do trabalho: uma capital para a república. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.) **BH: Horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996, pp. 11-47.

MENEGALE, Heli. Uma enseada na montanha. **Minas Tenis**, dez. 1944, n.5, p.5.

MENESES, Guillermo Alonso; GONZÁLEZ, Juan Manuel Avalos. La investigación del fútbol y sus nexos con los estudios de comunicación. Aproximaciones y ejemplos. *Comunicación y sociedad. Nueva época*, n.20, julio-deciembre, 2013 pp.33-64.

MINAS Geraes. 13 de jul.1904, p.6.

MINAS na iminencia de perder os seus ‘cracks’. **Estado de Minas**. 10 de fev. 1933, p.6.

**MINAS TENIS**. dez. 1944, n.5, p.16.

MINAS Tenis Clube. **Metrópole**, 1937, n.6, p.67.

MINAS Tenis Club ... **Bello Horizonte**, nov. 1937, n.87, p.45.

MINAS Tenis Club. **El Gráfico**, 28 de jun. 1940, n. 1094, p.48.

MINAS Tenis, raça de amanhã. **Alterosa**, mar. 1943, n.34, p.54.

MIRANDA e CASTRO. A capital exige um teatro popular. **Alterosa**, jul.1943, n.39, p.37.

MODOS de viver. **Diário Esportivo**. 03 de mai.1946, n.40, p.3.

MONTREAL F.C. **Diário Esportivo**. 06 de dez.1945, n.20, p.10.

MORAES, Hugo da Silva. **Jogadas insólitas**: amadorismo, profissionalismo e os jogadores de futebol do Rio de Janeiro (1922-1924). Dissertação [Mestrado em História Social]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas**: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. Dissertação [Mestrado em

Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

NA HARMONIA arquitetônica da cidade... **Minas Tenis**, jan. 1944, n.2, p.18.

NÃO me envergonharei de ser profissional. **Jornal dos Sports**. 03 de out. 1931, n.173, p.1.

NARIZ em Uberaba. **Estado de Minas**. 10 de fev. 1933, p.6.

NASCIMENTO, Álvaro. Amadores profissionaes. *Jornal dos Sports*. 06 de out. 1931, n.175, p.2.

NAVA, Pedro. **Balão Cativo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Beira-Mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NECAXA, orgulho do amadorismo mineiro. **O Esporte em marcha**, p.8, n.1.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **A nação entra em campo**: o futebol nos anos 30 e 40. Tese [Doutorado em História]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

NEM TANTO ao mar nem tanto á terra... O profissionalismo mascarado e o governo uruguayo. **Jornal dos Sports**. 17 de jun. 1933, n.81, p.2.

NETO, José Moraes dos Santos. **Visão do jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

NO QUE diz respeito á remuneração. **Estado de Minas**. 2 de jun. 1933, p.6.

NOS MACIOS tapetes de relva... **Minas Tenis**, jan.1944, n.2, p.19.

NOSSO aparecimento. **O Amadorista**, 26 de agost. 1946, n.1, p1.

NOSSO aparecimento. **O Terrestrino**, mai.1946, n.1, p.1.

NOTICIÁRIO da varzea... **Folha Esportiva**, 08 de out. 1946, s/n, p.3.

NOTICIÁRIO da varzea. **Folha Esportiva**, 04 de nov. 1946, n.6, p.6.

**NOVO e grande alento aos esportes belorizontinos**. Belo Horizonte, jun.1948, n.189, pp.54-55.

O ABANDONO do profissionalismo pelo Atlético e pelo América. **Diário Esportivo**. 18 de out. 1945, n.13, p.4.

**O AMADORISTA**, 26 de agost. 1946, n.1, p.3.

O AMÉRICA adoptará a côr vermelha para o seu pavilhão. **Estado de Minas**, 09 de agost. 1933, n. 1568, p.8.

O AMÉRICA vae domingo próximo a Sabará. **A Tribuna**. 17 de agost. 1933, n.107, p.5.

**O ANIVERSÁRIO de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, agost. 1944, n.166, pp. 52-55.

O ANNIVERSARIO da capital. **Diário da Tarde**, 12 de dez. n.192, p.3.

O ANNIVERSÁRIO do América F.C. **Bello Horizonte**, abr. 1939, n.103, p.86.

O ATHLETICO Mineiro enfrentará amanhã... **Estado de Minas**, 04 de jan. 1930, n.566, p.5.

O BACK brasileiro Domingos concordou em ser profissional... **Estado de Minas**, 11 de jan. 1933, p.8.

O BAILE do Iate Golfe... **Alterosa**. abri. de 1943, n.36, pp.38-39.

O BRASIL está em guerra. **Estado de Minas**, 04 de out.1942, p.7.

O CASO Ademir. **Diário Esportivo**. 04 de abr. 1946, n.36, p.3.

O CALOR convida às piscinas. **Alterosa**, dez. 1939, pp.68-69.

O CLÁSSICO há 10 anos... **Diário Esportivo**, 09 de agost. 1945, n.3, p.6.

O CIREMA. A Educação Física e o Belorizontino. **Olímpica**, 1944, s/n, p.15.

O C.N.D baixou há dias... **Diário Esportivo**. 13 de set. 1945, n.8, p.2.

O CONSELHO técnico da C.B.D vai adotar... Folha Esportiva. 08 de out. 1946, s/n, p.3.

O CONTROLE medico nas actividades esportivas... **Sport Ilustrado**, n.6, 1938, p.12.

O CRACK desaparecido Carango. **Diário Esportivo**. 27 de set. 1945, n.10, p.9.

O CRUZEIRO Esporte Clube dará a Minas um monumental estádio. **Olímpica**: O Cruzeiro em foco, 1949, n.2, p.10.

O CRUZEIRO transpôs a barreira número 1 rumo ao título. **Diário Esportivo**, 27 de set. 1945, n.10, p.5.

O DEPARTAMENTO de Futebol Amador da F.M.F... **Estado de Minas**, 01 de jan.1943, p.13.

**O DIÁRIO**. 07 de fev. 1935, n.2, p.5.

O DR. TOMAZ NAVEZ considera a implantação do profissionalismo... **Estado de Minas**. 10 de mai. 1933, p.6.

**O ESPORTE**. 19 de out. 1936, n.1, p.3.

- O ESPORTE** em Marcha, 22 de agost. 1949, n.1, p.3.
- O ESTADO NOVO.** 18 de nov. 1938, n.21, p.1.
- O FOOTBALL na Argentina. **Jornal dos Sports**, 24 de mai. 1931, n. 87, p.6.
- O JUVENTUS já faz 14 anos. **Diário Esportivo**. 13 de dez. 1945, n.21, p.11.
- O MENINO ‘crack’ Nivio. **Diário Esportivo**. 09 de agost.1945, n.3, p.7.
- O NOSSO público... **Bello Horizonte**, 16 de set. 1933, n.4, p.18.
- O ORGANISMO esportivo de Minas em vesperas de nova organização. **Estado de Minas**, 23 de setembro de 1933, p.8.
- O PARAÍBA é um grande pequeno clube. **Diário Esportivo**. 20 de dez. 1945, n.22, p.10.
- O PRESTIGIO do football na Argentina. **Jornal dos Sports**, 13 de out.1931, n.181, n.2.
- O PROBLEMA nacional do técnico. **Diário Esportivo**. 04 de abr. 1946, n.37, p.8.
- O O PROFISSIONALISMO ainda e sempre uma questão palpitante. **Jornal dos Sports**. 20 de out. 1931, n. 194, p.1.
- O PROFISSIONALISMO para juízes e jogadores. O movimento de sympathia em favor dessa idéa ainda verde nos domínios da Metropole. **Jornal dos Sports**, 22 de mai. 1931, n.59, p.1.
- O PROFISSIONALISMO pegou na Argentina. As rendas dos jogos entre amadores são ridículas. **Jornal dos Sports**. 23 de jun. 1931, n.86, p.4.
- O PROFISSIONALISMO na capital do paiz. **Estado de Minas**, 01 de jan, 1933, p.10.
- O PROFISSIONALISMO no futebol argentino. Definidas as cathegorias para os profissionaes. Os honorários para os juízes. **Jornal dos Sports**, 30 mai. 1931, n.66, p.2.
- O PROFISSIONALISMO no football argentino: uma porção de coisas que os verdadeiros amadores gostarão de saber. **Jornal dos Sports**. 06 de jun. 1931, n.71, p.2.
- O PROFISSIONALISMO no football uruguayo. **Jornal dos Sports**. 08 de nov. 1931, n.177, p.4.
- O QUE nem todos sabem. **América**. Jul/agost.1948, n.3, p.8.
- O SÃO Cristóvão é uma legítima expressão do esporte menor. **Diário Esportivo**. 08 de nov. 1945, n.16, p.4.
- O SCRATCH dos cracks mineiros que atuam no Rio e em São Paulo. **Diário Esportivo**. 13 de set. 1945, n.8, p.10.
- O SPORT.** 20 de abr. 1895, n.1, p.1.

**O SPORT.** 27 de jan. 1989, n.1, p.1.

**O SPORT.** 23 de out. 1915, n.1, p.1.

O SR. CLOVIS Pinto promoverá uma reunião... **Estado de Minas.** 27 de abr. 1933, p.8.

O TRANSCURSO do 22º anniversario do América. **Estado de Minas.** 29 de abril de 1934, p.10.

OS CRACKS elegantes de Minas. **Diário Esportivo.** 23 de agost. 1945, n.5, p.4.

OS IMPLANTADORES do profissionalismo na Argentina satisfeitos. E a municipalidade também. **Jornal dos Sports.** 03 de jun. 1931, n. 69, p.4.

OS JOGADORES que maior ordenado perceberam do Racing Club... **Estado de Minas,** 01 de jan.1933, p.10.

O PRIMEIRO aniversário do Iate Golfe Clube. **Novidades,** fev.1944, n.72, p.30.

O SETE de Setembro está promovendo ... **A Tribuna.** 25 de agost, n.114, p.5.

O SEXTO aniversário do Minas Tenis Club. **Alterosa,** 21 de dez. 1941, n.21, pp.92-93.

O SCRATCH dos cracks mineiros que atuam no Rio e em São Paulo. **Diário Esportivo.** 13 de set. 1945, n.8, p.10.

O ESTADIUM do América F.B.C. **A Capital.** 18 de fev., 1921, p.2.

OS MINEIROS também adherirão? **Jornal dos Sports,** 16 de fev.1933, n.597, p.4.

OS PLASMADORES da belleza architetonica da cidade-vergel. **Bello Horizonte,** jan. 1937, n.77, p.32.

**OLÍMPICA** – O Cruzeiro em foco, jul/agost. 1949, n.4.

PARA não se antepor á nova ordem de cousas. **A Tribuna.** 31 de agost. 1933, n.118, p.5.

PAIVA, Carlos. **Enciclopédia do América MG.** Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão. A história do América Futebol Clube, de Belo Horizonte 1912-2012. Ed. especial do centenário. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012.

PANFICHI, Aldo. Alianza Lima 1901-1935: Los primeros años de una pasión centenaria. **Razón y Palabra,** n.69, julio-septiembre, 2009, pp.1-11.

PAULINHO, orgulho do futebol mineiro. **Diário Esportivo.** 20 de dez. 1945, n.22, p.8.

**PAYSANDÚ,** abr. 1942, n.1, capa.

**PAYSANDÚ,** jun.1944, n.5, capa.

**PAYSANDÚ**, agost.1944, n.7, p.3.

PELO score mínimo... **Folha Esportiva**, 08 de out. de 1946, s/n, p.1.

**PENEDO Esportivo**. 15 de out. 1922, n.1, p.2.

**PEREIRA**, Cipião Martins. Experiência revolucionária. **América**, nov. 1947, n.1, p.4,5.

**PEREIRA**, Cipião Martins. Onde o ouro se esconde. **Folha esportiva**, 14 de out. 1946, n.3, p.3.

**PEREIRA**, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERFEITO controle de renda por máquina. **Diário Esportivo**. 16 de fev. 1946, n.12, p.1.

PERGUNTA cruciante. **Diário Esportivo**, 30 de agost. 1945, n.6, p.10.

**PICA** pica: Hacia el profesionalismo. **El Grafico**, 27 de dez.1930, n.598, p.46.

**PINHEIRO**, Caio Lucas Morais. Notas sobre o profissionalismo no futebol cearense: histórias e memórias. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, pp. 157-192.

**PINHEIRO**, Francisco. O jogo do povo: uma reflexão sobre a origem da popularidade do futebol em Portugal. In CORNELSEN, Elcio; AUGUSTIN, Gunther; SILVA, Sílvio Ricardo da (Orgs.). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015, pp.63-76.

**PRAÇA Sete**. Belo Horizonte, jun. 1947, n.185, p.1.

PRATICAR educação física é um dever.... **Mackenzie**, abr.1949, n.1, p.1.

PRATICAVEL a implantação do profissionalismo no nosso futebol? **Estado de Minas**. 22 de fev. 1933, p.8.

PRECISAMOS de um campeonato. **América**, nov. 1947, n.1, p.3.

PRIMEIRO a reorganização, depois o estabelecimento da ordem. **Estado de Minas**. 21 de out. 1933, n., p.10.

PROBLEMAS psicológicos no esporte e na educação física. Boletim do Departamento de Esportes de Minas Gerais, 30 de jun. 1949, n.6.

PROFISSIONALISMO. O fim de uma triste ideia. Correio da Manhã. 15 de nov. 1932, n.11639, p.8.

PUIG, Andrés Fábregas. Lo sagrado del rebaño: el nacimiento de un símbolo. **Razón y Palabra**, n.69, julio-septiembre, 2009, pp.1-9.

QUAL o melhor ataque da cidade? **Diário Esportivo**. 04 de out. 1945, n.11, p.4.

QUANDO alcançaremos Rio e S. Paulo? **Diário Esportivo**. 11 de out. 1945, n.12, p.4.

QUERIA 200\$000 para garantir a derrota do Athletico Mineiro. **Jornal dos Sports**, 18 de out. 1933, n.800, p.4.

REBÉLO, Marques. Instantâneos do sócio numero... **Minas Tenis Club**: álbum de vistas. 1941, n.1, p.77.

**REGISTRO**. Belo Horizonte, jan, 1943, n.148, p.3.

REIS, Miguel A. Football profissional na Argentina. **Jornal dos Sports**. 14 de abr. 1931, n.27, p.2.

REIS, Miguel A. O ‘passe livre’ de footballers argentinos precipita a questão do profissionalismo. **Jornal dos Sports**. 07 de mai. 1931, n.46, p.2.

RENOVOU o seu contrato pelo River Plate... **Estado de Minas**, 01 de jan. 1933, p.10.

RENUNCIOU a directoria do America Mineiro. **Jornal dos Sports**. 03 de agost. 1940, n. 3368, p.1.

RESUMO das atividades... **Boletim da Diretoria de Esportes de Minas Gerais**. 30 de abr. 1949, n.4, p.1.

RETENÇÃO de valores. **Vida Esportiva**, dez. 1949, n.14, p.5.

RETIRO S.C disposto a collaborar... **Estado de Minas**. 27 de abr. 1933, p.8.

REYNA, Francisco D. **La difusión y apropiación del fútbol en el proceso de modernización en Córdoba (1900-1943)**. Actores, prácticas, representaciones e identidades sociales. Tesis [Doctorado en Historia], Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, 2014.

RIBEIRO, Paulo. Domingo dançante no Minas Tênis Clube. **Olímpica**, s/n, 1944, p.17.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal**: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Dissertação [Mestrado em História]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Tese [Doutorado em Educação]. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2001.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**, Tese [Doutorado em História], Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes; COSTA, Luciana Cirino Lages Rodrigues. In: In: RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Orgs.) **Um olhar sobre a trajetória das políticas públicas de esporte em Minas Gerais: 1927 a 2006.** Contagem: MJR, 2014, pp.47-117.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes, *et al.* Mapeando as primeiras ações de políticas públicas de esporte em Minas Gerais (1927-1946). In: RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Orgs.) **Um olhar sobre a trajetória das políticas públicas de esporte em Minas Gerais: 1927 a 2006.** Contagem: MJR, 2014, pp. 29-46.

ROLDÁN, David Leonardo Quitián. Del invento inglés al criollismo patrio: el desarollo del fútbol en Colombia. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, pp. 295-316.

SALLES, Frita Teixeira de. Esportistas que permanecem. **Minas Tenis Club:** álbum de vistas, n.1, p.19.

SALLES, José Geraldo do Carmo. **Entre a paixão e o interesse – O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro.** Tese [Doutorado em Educação Física]. Programa de pós-graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SALVE AMÉRICA! **Folha Esportiva.** 28 de abr. 1930, p.3.

SALVE as borboletas. **Diário esportivo,** 16 de mai.1946, n.42, p.8.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína.** A profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese [Doutorado em História]. Pós-graduação em História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina.** Dissertação [Mestrado em Educação Física], Unicamp, Campinas, 1999.

SCHULZE, Bernd. El fútbol en Alemania. Desde los inicios hasta la Copa del Mundo de 2006. In: GOIG, Ramón Llopis (Org.) **Fútbol postnacional.** Transformaciones sociales y culturales de 'deporte global' en Europa y America Latina. Barcelona, Anthropos Editorial, 2009, pp.79-81.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

SENHOR de um lar próspero e feliz... **Diário Esportivo,** 02 de agost. 1945, p.10.

SENNA, Arnaldo de. Doze anos. **Paysandú.** abr.1944, n.3, p.1.

SERÁ assim o América de 1946. **Diário Esportivo,** 25 de out. 1945, n.14, p.8.

SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, pp. 78-88.

\_\_\_\_\_. Futebol, metrópole e desatinos. **Revista USP**. São Paulo, n.22, 1994, pp.30-37.

SILVA, Elazar João da. **Bola na Rede - O Futebol Em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização**. Dissertação [Mestrado em História]. UNESP – Assis, São Paulo, 2000.

SOBIERAJSKI, José Luiz. **Política do direito desportivo brasileiro**. Dissertação [Mestrado em Ciências Humanas]. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1999.

SIMONE. O verdadeiro fim da educação physica. **Metrópole**, 1937, n.6, p.57.

SOLON. Aconteceu na semana. **Diário Esportivo**, 27 de set. 1945, n.10, p.8.

SOLON. Aconteceu na semana. **Diário Esportivo**. 18 de out. 1945, n.13, p.3.

SOLON. Aconteceu na semana. **Diário Esportivo**. 18 de out. 1945, n.13, p.3.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. História do futebol. In: SILVA, Sílvio Ricardo; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira (Orgs.). **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

SOUZA, Jhonatan Uewerton; CAPRARO, André Mendes. “Mercadorias postas em leilão”: tensões sociais no prematuro processo de reconhecimento do profissionalismo no futebol paranaense. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, pp. 235-263.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Dissertação [Mestrado em Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de.; SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. Entusiasmo, estranhamento e resistência: discursos da imprensa belo-horizontina sobre o jogo de shoots (1904). **Revista Acervo**. Rio de Janeiro. v. 27, n.2. 2014, pp.161-171.

SPORTMAN. **Minas Tenis**. Jan. 1944, n.2, p.29.

TAMBÉM Minas implanta o profissionalismo. **Jornal dos Sports**, 2 de jun. 1933, n.684, p.6.

TAVARES, Cláudio. Pracinhas cobertos de glórias honram o esporte brasileiro. **Diário Esportivo**, 30 de agost. 1945, n.6, p.4.

TAVARES, Cláudio. Romance de Guará. **Diário Esportivo**. 02 de agost. 1945, n.2, p.5.

TAVARES, Cláudio. Tende a desaparecer a tradição dos cafés esportivos. **Diário Esportivo**, 13 de set. 1945, n.8, p.11.

TAVEIRA, Manoel. Falando um pouco do football em Minas Geraes. **Correio da Manhã**, 08 de mar. 1933, n 11.735, p.9.

TERRESTRE, glória do amadorismo belorizontino ... **Diário Esportivo**, 26 de julho, 1945, n.1, p.10.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TODOS torcem no futebol. **Folha de Minas Esportiva**, 19 de set. 1949, n.1, p.2.

TURISMO: Belo Horizonte. **Revista Minas Tenis Club**, jan. 1944, n.2, pp.30-31.

UM AUTÓMOVEL... **Folha Esportiva**. 11 de nov.1946, n.7, p.2.

UM CASO inédito nos nossos esportes. **Estado de Minas**, 11 de out. 1933, p.8.

UM CRACK paulista no futebol mineiro. **Diário Esportivo**. 04 de abr. 1946, n.37, p.11.

UM EMPATE de três tentos. **O Amadorista**, 26 de agost.1946, p.1, n.1.

UM ESTADIO para o futebol mineiro. **América**, nov. 1947, n.1, p.7.

UM NOVO América que surge dentro do América. **Estado de Minas**, 15 de jan.1933. p.8

UM NOVO núcleo de irradiação. **Boletim da Diretoria de Esportes de Minas Gerais**, n.5, p.2.

UM EXEMPLO digno de imitação. **Folha de Minas**. 16 de out. 1934, n.2, p.11.

UMA das mais vastas realizações da energia mineira. **Alterosa**, agost.1939, pp.52-53.

UMA grande organização. **Minas Tenis Club**: álbum de vistas, 1941, n.1, p.5.

UMA nova bandeira que os americanos pensam em desfraldar. **A Tribuna**. 30 de julho de 1933, n.93, p.5.

UMA vida de 18 anos... **Diário Esportivo**. 13 de set. 1945, n.8, p.4.

UNIÃO da Vila de Santo André. **Diário Esportivo**, 06 de set. 1945, n.7, p.3.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VAMOS moralizar a torcida. **Diário Esportivo**. 08 de nov. 1945, n.16, p.7.

VEIU contractar ‘cracks’ do Rio. **Estado de Minas**, 15 de jan. 1933, p. 8.

A VICTORIA do futebol remunerado. **Estado de Minas**. 05 de abr. 1933, p.8

**VIDA ESPORTIVA**. Agost. 1946, n.2, p.29.

VIGARELLO, Georges. Estadios – O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). **História do corpo: As mutações do olhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, pp.445-480 .

**VITA**, fev. 1914, n.9, p.5.

VITÓRIA espetacular dos Mineiros... **Folha Esportiva**, 14 de out.1946, n.3, p.1.

**VITÓRIA maiúscula**. Belo Horizonte, jun. 1948, n.189, p.54.

WAHL, Alfred. **Historia del Fútbol, del juego al deporte**. Barcelona: Ediciones B.S.A, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cultura e materialismo**. São Paulo: UNESP, 2011.

WILSON, Jonathan. **A pirâmide invertida**. A história da tática no futebol. Campinas: Editora Grande Área, 2016.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**. O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WITTER, José Sebastião. **Breve história do futebol brasileiro**. São Paulo: FTD, 1996.

\_\_\_\_\_. Futebol: um fenômeno universal do século XX. **Revista USP**, São Paulo, n.58, jun.agost., 2003, pp. 161-168.

WOOD, David. Golazo del Perú: de elites y fútbol. **Razón y Palabra**, n.69, julio-septiembre, 2009, pp.1-14.

YAMANDU, Walter; GOIS JÚNIOR, Edivaldo. Profissionalismo “marrom” do futebol e a imprensa paulista (1920-1930). **Record: Revista de História do Esporte**, v. 5, n.2. junho-dezembro, 2012.

**12 de DEZEMBRO**, a data anniversaria da cidade. Belo Horizonte, jan.1940, n.111, p.21. <http://www.americamineiro.com.br/club/histories/> . Acesso em: 10 jan.2016.